

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
IFCH-UNICAMP

ROCKWELL KENT E O BRASIL

Dissertação de Mestrado de Karin
Philippov apresentada ao
Departamento de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas, sob a
Orientação do Prof. Dr. Jorge Sidney Coli
Júnior.

Campinas, dezembro de 2008.

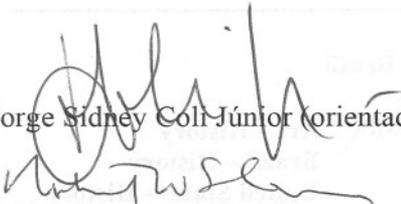
KARIN PHILIPPOV

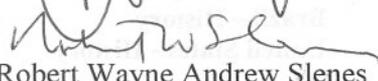
ROCKWELL KENT E O BRASIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas, sob a
Orientação do Prof. Dr. Jorge Sidney Coli
Júnior.

Este exemplar corresponde à redação
Final da Dissertação defendida e aprovada
Pela Comissão Julgadora em 12/12/2008.

BANCA


Prof. Dr. Jorge Sidney Coli Júnior (orientador)


Prof. Dr. Robert Wayne Andrew Slenes


Profa. Dra. Ana Gonçalves Magalhães

Prof. Dr. Marcos Tognon (suplente)

Prof. Dr. Roberto Pastana Lima (suplente)

DEZEMBRO/2008

Dedico esta dissertação ao meu orientador
Prof. Dr. Jorge Sidney Coli Júnior
à memória intelectual de Rockwell Kent e de
Candido Portinari
aos meus pais, à minha irmã e à memória de
meus avós maternos e paternos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço muito ao meu orientador Prof. Dr. Jorge Sidney Coli Júnior por ter me sugerido o assunto e por ter me auxiliado em todos os momentos de dúvidas infundas acerca da longa pesquisa.

Agradeço ao CNPq por ter me concedido a bolsa de mestrado e por ter acreditado em mim. Espero que minha dissertação de mestrado possa contribuir para os avanços da pesquisa sobre Rockwell Kent no Brasil e nos Estados Unidos.

Agradeço muito à intermediação da Profa. Dra. Silvana Rubino em meus problemas pessoais junto ao CNPq, permitindo que minha bolsa fosse levada até o fim.

Agradeço aos Professores Dr. Robert Wayne Andrew Slenes e Dra. Ana Gonçalves Magalhães por terem me guiado durante a banca de qualificação, realizada em 30 de maio de 2008.

Agradeço ao Smithsonian Institution em Washington D.C., e à Ms. Tessa Veasey por ter gentilmente emprestado à Unicamp os microfilmes dos Archives of American Art, concernentes ao legado de Rockwell Kent.

Agradeço muitíssimo à amiga e Bibliotecária do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Maria Helena Segnorelli pela enorme ajuda e torcida na complexa intermediação junto ao Smithsonian Institution, uma vez que sem sua ajuda, os microfilmes não seriam trazidos.

Agradeço à Cecília da Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, por me auxiliar na difícil construção da ficha catalográfica.

Agradeço igualmente a Senhora Ema Maria Franzoni, Supervisora de Atendimento do Arquivo Edgar Leuenroth por ter permitido meu acesso a mais moderna máquina leitora de microfilmes existente no AEL. E agradeço também aos funcionários que me ajudaram a lidar com a máquina e com a gravação dos documentos.

Agradeço muito as Senhoras Ângela Chagas e Noélia Coutinho do Projeto Portinari, por terem me atendido e gentilmente fornecido todo o material necessário à complementação da pesquisa em relação à Rockwell Kent e Candido Portinari.

Agradeço também à Docent Coordinator, Ms. Marguerite Eisinger do Plattsburgh State Art Museum, de Nova York, por ter me auxiliado como pôde em minha pesquisa, apesar de o museu não possuir dados específicos em relação à Rockwell Kent e o Brasil.

Agradeço também ao Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado – MAB-FAAP por terem permitido conhecer pessoalmente o *Retrato de Rockwell Kent*, pintado por Candido Portinari, em 1937. Além de ter o enorme privilégio de estar em frente à obra, agradeço pelo fornecimento da ficha catalográfica da mesma.

Agradeço a todos os professores do Programa de Mestrado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp pelas aulas valiosíssimas e a todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica ao longo dos anos.

Enfim, agradeço a todos meus amigos que, de alguma forma, ajudaram-me apoiando nesta árdua e extensa fase de minha vida. Meu muito obrigada a todos vocês, pelo carinho e pela paciência.

RESUMO

A viagem de Rockwell Kent ao Brasil, em novembro de 1937, suscita uma série de questões inéditas tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Assim, a presente dissertação busca pontuar e analisar todas as implicações que antecedem sua viagem de nove dias ao Brasil, como observador político, bem como abrange todos os fatos decorrentes de sua estada, os quais englobam a redação de seu relatório “Brazil and Vargas”, além do início de sua amizade com Candido Portinari; a dissertação igualmente privilegia as conseqüências da viagem de Rockwell Kent ao Brasil, sempre partindo da análise dos documentos obtidos junto ao Smithsonian Institution, em Washington e ao Projeto Portinari, no Rio de Janeiro. Desse modo, tem-se um amplo campo de trabalho no qual é possível perceber as implicações de sua viagem dentro de um espectro mais amplo, envolvendo Brasil e Estados Unidos dentro do panorama intelectual, econômico, político e cultural de 1937 a 1955.

Palavras-chave: Rockwell Kent; Brasil e Getúlio Vargas; Estados Unidos e Franklin Delano Roosevelt; Candido Portinari.

ABSTRACT

Rockwell Kent’s trip to Brazil in November, 1937, raises a series of new issues both in Brazil and the United States. Thus, this thesis aims at pointing out and analyzing all the implications preceding his nine-day trip to Brazil, as a political observer; besides, it also includes all the facts stemming from his stay, such as the making of his “Brazil and Vargas” report and the beginning of his friendship with Candido Portinari. Furthermore, this thesis studies the consequences of Rockwell Kent’s trip to Brazil, based on the analysis of the documents obtained from the Smithsonian Institution, in Washington D.C, and the Portinari Project, in Rio de Janeiro. Therefore, this thesis presents a huge field of study in which it is possible to perceive the implications of such a trip within a larger scope, involving Brazil and the United States in the intellectual, economic, political and cultural panorama from 1937 to 1955.

Key-words: Rockwell Kent; Brazil and Getulio Vargas; the United States and Franklin Delano Roosevelt; Candido Portinari.

ÍNDICE

Introdução	8
Capítulo 1- Biografia	11
Capítulo 2 - Antecedentes da Viagem ao Rio de Janeiro	89
2.1 - O Caso Victor Allan Barron: <i>It Happened In Brazil</i>	101
Capítulo 3 - Rockwell Kent no Brasil	115
3.1 - A Produção Iconográfica de Rockwell Kent no Brasil	124
3.2 – As Relações entre Rockwell Kent e Candido Portinari	136
Capítulo 4 - Conseqüências da Viagem de Rockwell Kent ao Brasil	171
Considerações Finais	197
Anexos	199
Tradução dos anexos	264
Referências Bibliográficas	333

INTRODUÇÃO

A dissertação de mestrado *Rockwell Kent e o Brasil* parte de uma longa e árdua pesquisa, na qual foi preciso buscar fontes nos Estados Unidos, dada a escassez absoluta de dados e de bibliografia necessárias à composição dessa pesquisa inédita tanto no Brasil, quanto nos Estados Unidos, acerca das relações que unem Rockwell Kent ao Brasil. A pesquisa financiada pelo CNPq foi iniciada através da leitura das duas autobiografias publicadas pelo autor em 1940 e em 1955, respectivamente, sendo ambas importadas diretamente de sebos norte-americanos. Em seguida, buscou-se aprofundar ainda mais o assunto, através dos documentos microfilmados pertencentes aos *Archives of American Art* (Arquivos de Arte Americana), cedidos muito gentilmente pelo Smithsonian Institution, localizado em Washington, D.C., uma vez que a Universidade Estadual de Campinas não possui convênio com a referida instituição. No Brasil, mais precisamente no estado do Rio de Janeiro, foi possível completar o grande quebra-cabeça da pesquisa, através dos documentos xerocopiados junto ao Projeto Portinari, além do contato em São Paulo, com o Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado – MAB-FAAP, com a finalidade de ter acesso ao muito bem guardado *Retrato de Rockwell Kent*, pintado por Candido Portinari em 1937. Dessa maneira, partindo do material obtido nos Estados Unidos e no Brasil, o sonho da dissertação começou a tomar corpo.

O primeiro passo fundamental ao encaminhamento da pesquisa foi construir uma longa cronologia contendo os fatos mais relevantes ao entendimento da personalidade múltipla, polêmica e controvertida de Rockwell Kent, para que fosse possível estabelecer parâmetros adequados de comparação e de evolução de seu pensamento dentro de um longo do arco temporal compreendido entre os anos de 1937 a 1955, data da viagem de Rockwell Kent ao Brasil e publicação de sua segunda autobiografia, intitulada *It's Me O Lord*, respectivamente. Assim, dispondo de uma cronologia pontual, foi possível dar início à primeira biografia do autor, escrita em língua portuguesa, no Brasil e fora dos Estados Unidos, sua terra natal. Entretanto, em relação à biografia, um dos pontos mais difíceis da pesquisa, foi encontrar material e textos que falassem efetivamente sobre o autor e sua obra, sem que houvesse o perigo de entrar em falsas armadilhas. Assim, dentro da longa biografia compreendendo de seu nascimento em 1882 até sua morte, em 1971, privilegiaram-se fatos diretamente conectados à sua ativa produção artística, intelectual e política, com o intuito de criar um ponto de partida para os demais capítulos. Ou seja, a partir da construção de sua

extensa biografia estabeleceram-se os parâmetros essenciais à compreensão do que ocorreu antes, durante e depois da viagem de Rockwell ao Rio de Janeiro.

Pronta a biografia, partiu-se em direção ao capítulo dois, através da análise dos documentos específicos obtidos tanto junto ao Smithsonian Institution quanto ao Projeto Portinari, com a clara intenção de definir a trajetória percorrida pelo autor antes de sua viagem ao Rio de Janeiro, em novembro de 1937. Dessa maneira, pensou-se nas condições iniciais da referida viagem de nove dias, durante os quais Rockwell obtém respaldo e financiamento do National Committee for People's Rights (Comitê Nacional pelos Direitos do Povo), comitê presidido pelo autor, e do Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro), comitê ligado ao comunismo, conforme os documentos e publicações atestam. Assim, amparado por ambos os comitês e com carta de apresentação obtida junto ao embaixador brasileiro, em Washington, Oswaldo Aranha, foi possível a Rockwell conseguir permissão para não apenas vir ao Brasil, como também ter acesso a algumas personalidades, muito embora, não tenha conseguido entrevistar Getúlio Vargas e nem seus ministros, conforme as cartas incluídas no capítulo dois revelam. Além da análise das condições pertinentes à viagem, também se buscou analisar o período política, econômica e culturalmente através da comparação entre Brasil e Estados Unidos, com a finalidade de destacar pontos comuns às políticas dos presidentes Vargas e de Franklin Delano Roosevelt, no que tange as relações de ambos com o nazi-fascismo, pontos estes precisamente inseridos na pesquisa aqui apresentada.

Após a análise inicial das condições definidoras da referida viagem, passou-se ao capítulo três, no qual várias questões ligadas tanto à viagem em si, sejam através de documentos, correspondências e artigos, sejam através dos contatos estabelecidos por Rockwell durante os nove dias de sua estada no Rio de Janeiro são analisadas. Assim, partindo do que efetivamente pareceu ocorrer, foi possível começar a estabelecer relações entre Rockwell e seu companheiro de viagem, Jerome Davis para a elaboração dos relatórios escritos pelo primeiro, em duas versões distintas, a saber, "Brazilian Report" e "Brazil and Vargas", sendo o último publicado na Inglaterra, em 1938. Além dos relatórios compostos por Rockwell, existem dois artigos fundamentais à compreensão do período, sendo o primeiro redigido por Harrison George, pai do jovem comunista norte-americano Victor Allan Barron, assassinado pela polícia secreta de Vargas, no ano anterior à vinda de

Rockwell ao Rio de Janeiro e, o segundo, por Jerome Davis, publicado praticamente junto ao de Rockwell.

Passada a primeira fase de introdução ao capítulo três, passou-se à análise da produção iconográfica de Rockwell, a qual consiste basicamente em três trabalhos gráficos especificamente relacionados à sua viagem ao Brasil, sendo o primeiro um breve rascunho de um coqueiro, provavelmente realizado na praia de Copacabana, local em se hospedou; o segundo, uma litografia, a qual foi discutida em termos de atribuição de autoria, uma vez, que existe a assinatura de Rockwell acompanhada pela data de 1934, litografia esta presente à capa do panfleto publicado por Harrison George, em 1936. E, por fim, analisou-se um desenho feito à tinta, imitando a técnica da xilogravura, presente na abertura do capítulo “A Friendly Neighbor” (Um Vizinho Amigável) de sua primeira autobiografia, *This is My Own*, publicada em 1940.

Após analisar a obra iconográfica concernente ao Brasil, procedeu-se ao estudo do relacionamento entre Rockwell e Candido Portinari, com a finalidade de discutir o modo pelo qual ambos se conheceram, bem como as implicações da amizade entre ambos, resultantes em um retrato a óleo, a partir da encomenda do norte-americano, além da promoção feita pelo mesmo ao artista brasileiro, em solo norte-americano. Além disso, buscou-se analisar o contexto no qual o primeiro livro sobre a vida e obra de Portinari foi redigido, explicitando o porquê da escolha do nome de Rockwell, por parte da Editora da Universidade de Chicago. Ainda, no mesmo capítulo, procurou-se discutir as turbulências surgidas entre Rockwell e Portinari e as razões para tal desgaste.

Assim, passados os momentos inerentes à viagem em si, buscou-se no capítulo quatro percorrer novamente através dos documentos do Smithsonian Institution e do Projeto Portinari, com a finalidade de compreender de que modos o pensamento de Rockwell acompanha os momentos nos quais redige suas duas autobiografias, uma vez que no capítulo um, privilegiou-se mais um percurso cronobiográfico do que propriamente crítico. Assim, percorrendo criticamente os documentos obtidos junto ao Smithsonian Institution e ao Projeto Portinari, foi possível estabelecer uma análise pautada pelas nuances próprias aos momentos em que Rockwell escreve tanto suas duas autobiografias, quanto seus documentos. Aqui, portanto, pontuam-se as conseqüências de sua viagem ao Rio de Janeiro, sempre partindo da análise crítica dos documentos uma vez pertencentes ao autor, e agora aos arquivos de arte americana do Smithsonian Institution, em Washington.

1-BIOGRAFIA

Rockwell Kent nasce em vinte e um de junho de 1882 em uma cidade próxima a Tarrytown, no estado de Nova York. Sendo o primogênito de Sara Ann Holgate e de Rockwell Kent vive seus dez primeiros anos de vida em Tarrytown. Apesar de seu pai morrer de tifo, deixando seu filho órfão aos cinco anos de idade, vive uma infância feliz ao lado de seus dois irmãos e amigos que moravam por perto. Assim, Rockwell pode expor o que ele mesmo define como *My Better Self*¹ (o meu melhor), através de atitudes que vão de simples travessuras até engajamentos políticos em causas sindicais, passando por apresentações teatrais para seus vizinhos e familiares, na juventude e na vida adulta – conforme se verá ao longo do presente capítulo.

Ainda nesse primeiro período de vida, em 1893, Rockwell é matriculado na tradicional Episcopal Academy of Connecticut (Academia Episcopal de Connecticut), localizada em Cheshire, próximo a New Haven. Nessa escola tradicional que pertencia ao Reverendo James Stoddard, cunhado de James Banker, tio avô de Rockwell, o artista entra em contato com o estudo da língua inglesa, matéria de sua predileção.

Dois anos mais tarde, Rockwell viaja para a Europa com sua tia Josie, irmã de sua mãe, permanecendo por lá durante quatro meses, nos quais vão a Dinamarca, Holanda, Inglaterra e Alemanha a fim de aprender a técnica da pintura em porcelana, haja visto que a tia de Rockwell é artista. Assim, com a referida viagem à Europa, ocasião em que mantém contato com a pintura de porcelana e com seu ingresso, ainda em 1895, na Horace Mann School (Escola Horace Mann), em Nova York, Rockwell começa a desenvolver suas aptidões para a arte durante as aulas de desenho mecânico, além de exercitar seu talento na caligrafia. Porém, o que parece ser mais relevante para a formação de Rockwell nesses anos iniciais de sua vida, ocorre quando vai para Shinnecock Hills, em Long Island para estudar na escola de arte de verão de William Merritt Chase (1849 – 1916), na qual aprende a pintar paisagens ao ar livre, dando o pontapé inicial para sua carreira de pintor. Mas, como sua família se mostra contrária à idéia por considerarem a carreira indigna, Rockwell ingressa no curso de arquitetura na Columbia University, com bolsa de quatro anos.

Todavia, durante o curso que deveria durar quatro anos, Rockwell enfrenta problemas com um de seus professores, Hamlin, que o acusa de insubordinação, tais como,

¹ KENT, Rockwell. *It's Me O Lord: the autobiography of Rockwell Kent*, 1955, p.62.

organizar uma exposição de caricaturas dentro da universidade, além de não executar as tarefas exigidas pelo curso, atitudes que quase causam sua expulsão. Porém, apesar dos entreveros, Rockwell conhece Frederick Squires, um aluno de pós-graduação que será bastante importante para Rockwell em 1914, conforme se verá mais adiante. Na metade do terceiro ano, Rockwell quase é expulso novamente da universidade pelo mesmo professor pelo não cumprimento das tarefas de verão e decide seguir carreira de pintor, após conversar com Ware, professor titular do curso de arquitetura, que lhe aconselha a terminar o ano, pelo menos freqüentando as disciplinas que lhe sejam agradáveis.

Desse modo, Rockwell termina seus estudos na Columbia University (Universidade Columbia) cursando literatura e história ao mesmo tempo em passa a freqüentar a New York School of Art (Escola de Arte de Nova York) de propriedade de Chase. A escola que antes era conhecida como Chase School, agora se chama Henri School, também conhecida por Ash Can School. Voltando um pouco no tempo, em 1900 Chase havia revelado o talento de Rockwell como pintor e oferecido uma bolsa de estudos, a qual foi recusada em prol da formação como arquiteto na Columbia University (Universidade Columbia). Como a oferta da bolsa não é cancelada Rockwell decide, agora, aceitá-la para freqüentar as aulas noturnas de Robert Henri (1865-1929).

Do contato com Henri, Rockwell percebe que a arte, para seu professor, deve ser um meio de comunicação que enfatize os valores humanos. Aqui, deve-se abrir um parêntese para revelar que a Ash Can School² é formada, sobretudo, por artistas que também são jornalistas, os quais desempenham funções de ilustradores dos fatos cotidianos e políticos de Nova York. Aliás, tal característica está na base do que Rockwell parece buscar em sua obra como ilustrador, embora não trabalhe para jornais, mas, sim para revistas e livros escritos e/ou ilustrados por ele. Ao longo das aulas que têm com Henri, percebe que seu professor não calcula racionalmente o mundo visível, e sim, intuitivamente. Ou seja, Rockwell demonstra claramente o viés romântico da percepção de Henri, interpretação essa que pretende evitar em suas ilustrações políticas, especialmente as que retratam o Brasil, de algum modo e que serão devidamente analisadas no capítulo três da presente dissertação. Dessa maneira, Rockwell quer que sua arte seja consequência da vida e do trabalho servindo como suporte calculado para a promoção da liberdade, da democracia e da paz,

² BROWN, Milton W. *American Painting from the Armory Show to the Depression*, 1970, p. 9.

muito embora haja em suas ilustrações políticas certo sentido utópico, conforme se verá mais adiante no capítulo três.

Além disso, desse contato com Henri surge nesse momento a grande oportunidade de conhecer Monhegan, ilha localizada na costa do estado do Maine. Essa descoberta traz enormes mudanças para a vida de Rockwell, pois este jamais pensará em abandonar o local, voltando para lá diversas vezes. Monhegan é uma ilha bastante isolada que recebe artistas somente no verão, em busca de inspiração para suas obras, permanecendo nas demais estações praticamente abandonada, com exceção dos poucos habitantes locais que desempenham atividades ligadas à pesca, basicamente. Henri e Rockwell permanecem em Monhegan pintando por alguns poucos dias e voltam para Nova York.

Após sair da Columbia University (Universidade Columbia), Rockwell consegue um emprego de desenhista projetista na recém fundada firma de arquitetura de Charles Ewing, amigo de Rockwell, que se associa a George Chappell para a criação da Ewing & Chappell. Apesar de não render muito capital a Rockwell, seu trabalho nessa empresa representa uma grande ajuda nos tempos difíceis que enfrenta durante longos anos. Aliás, seu primeiro trabalho para a firma consiste no desenho do projeto arquitetônico de sua própria casa.

Em 1904, na sua Tarrytown, Rockwell participa pela primeira vez de uma reunião socialista, marcando o início de uma longa afiliação e envolvimento em movimentos reformistas político-sociais e trabalhistas que duram por toda sua vida. Seu primeiro contato ocorre com Rufus Weeks, líder de uma série de encontros que são realizados na Community House and Library (Casa Centro Comunitário e Biblioteca). Os encontros diários que são abertos ao público sem distinção de raça, sexo ou religião e que teriam por finalidade a discussão de temas sócio-políticos, acabam se tornando meras oportunidades de lazer gratuito, nas quais o público só se interessa em comer, beber e dançar sem que a verdadeira causa social seja tratada. Dessa forma, Weeks decide por fim a esses encontros, restringindo drasticamente seu tamanho. Segundo Rockwell³,

Foi em uma noitinha do início do outono de 1904 que Rufus Weeks em seu cupê dirigido por seu cocheiro negro, pararam para

³ It was on an evening of early fall, in 1904, that Rufus weeks in his coupe, his Negro coachman driving, stopped to pick me up and take me to my first Socialist meeting. The meeting was a small affair – no more than six or eight persons, including Mr. Week’s coachman, attending – and was held in the apartment over the store of a local druggist named Sokol. I can recall no details of the meeting save that at the close of an hour or more of political discussion I was admitted as a member of the party, given a card to which a month’s due stamp was affixed, and that I paid my twenty-five cent dues. KENT. Op.cit, 1955, p. 97, (Trad. da autora).

me pegar e levar para a minha primeira reunião socialista. A reunião era um negócio pequeno – não mais do que seis ou oito indivíduos assistindo, incluindo o cocheiro do Sr. Weeks – e foi realizada no apartamento em cima da loja de um farmacêutico chamado Sokol. Não consigo me lembrar de nenhum detalhe da reunião com exceção de que, no final de uma hora ou mais de discussão política fui admitido como membro do partido, dado um cartão ao qual um selo de pagamento mensal foi afixado, e que eu paguei minha dívida de vinte e cinco centavos.

Ainda no mesmo ano Rockwell se matricula nas aulas diurnas na New York School of Art (Escola de Arte de Nova York) freqüentando as aulas matinais de pintura de Henri e as vespertinas de Kenneth Hayes Miller (1876-1952), na qual segundo Rockwell⁴, “começa a pintar a partir do modelo vivo ou, como dizemos, da ‘Vida’”. Para Rockwell⁵, Chase era o artista dos olhos, da observação, ao passo que Henri era do coração, dos sentimentos e, Miller, da cabeça, do raciocínio. Desse modo, pode-se perceber que a formação de Rockwell se dá de maneira completa ao unir a observação, o sentimento e o pensamento, e que essa tríade o acompanhará em sua trajetória artística ao longo de sua extensa carreira de artista figurativo.

Em abril de 1905 Rockwell volta a Monhegan permanecendo ali por seis anos, nos quais constrói sua casa com as próprias mãos e vive uma vida financeira bastante modesta. Aliás, a partir desse momento, sua vida se transforma radicalmente ao perceber que com o final do verão, época em que os turistas pintores vão embora, somente ele fica por lá pintando, enquanto os habitantes lidam com as mais duras tarefas em nome de sua sobrevivência e de suas famílias. Dessa forma, imbuído por sentimentos sociais, resolve trabalhar do mesmo modo que os habitantes locais, cavando buracos na rocha, pescando, trabalhando como estivador, carpinteiro, limpador de fossa, enfim, toda sorte de trabalho árduo que no final do dia lhe rendem alguns trocados e muitas dores pelo corpo. Mas, mesmo assim, não abandona seus afazeres porque não se considera um dândi como Oscar Wilde⁶, que disse ser mais fácil cavar uma vala do que escrever sobre a mesma. Rockwell o despreza por isso, pois Wilde jamais trabalhou. Assim, Rockwell vê surgir em si

⁴ I now began to *paint* from the living model or, as we say, from “Life”. KENT. Op.cit, 1955, p. 83, (Trad. da autora).

⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 83.

⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 122.

convicções sócio-políticas concretas, e que o acompanham pela vida afora, trazendo reflexos para sua arte, seus pensamentos e atuações na esfera artística, social e política, na medida em que passa a trabalhar efetivamente junto a sindicatos e comitês em prol da melhoria das condições de trabalho. Aliás, para Rockwell “a arte é um subproduto da existência”⁷ e a ela deve servir incondicionalmente tanto pelo lado social quanto pelo político, promovendo a paz, a justiça, a liberdade e a democracia.

Em abril de 1906, durante uma visita que faz à sua mãe em Tarrytown, Rockwell ilustra seu primeiro periódico em versão datilografada e com baixíssima tiragem. *The Blue Mouse* (O Camundongo Azul) é resultado de uma ação conjunta liderada por sua mãe e por pequeno grupo de amigos que se reúnem e decidem fazer a pequena publicação.

De volta a Monhegan, Rockwell trabalha exaustivamente em suas pinturas feitas através do contato direto com a natureza, pois para ele⁸

Somente quando a tinta azul de um céu deixa de ser apenas cor – transformando como se estivesse nas profundezas do espaço – aquele azul é correto e verdadeiramente belo. Somente quando o verde se torna grama crescente, ou as cores terrosas e rochas, quando o índigo se torna oceano e as cores de uma figura se tornam carne e sangue; somente quando palavras se tornam idéias; quando os sons da música se tornam imagens; somente quando cada veículo das artes se transmuta em uma porção de nosso universo vivo, somente então a arte é consistente com a dignidade do homem.

Nesse período Rockwell se dedica à produção pictórica⁹ para que seja exposta a partir de 1º de abril do ano seguinte na bem conhecida galeria de Nova York, de William Clausen, localizada na 381 Fifth Avenue, em Manhattan. Trata-se um conjunto de quatorze grandes telas produzidas em Monhegan que são expostas por duas semanas. Rockwell se surpreende com as críticas positivas que recebe e com o grande número de visitantes que querem

⁷ Art is a by-product of living. KENT. Op.cit, 1955, p. 137, (Trad. da autora).

⁸ Only when the blue paint of a sky ceases to be just color – becoming as it were the depths of space – is that blue right, and truly beautiful. Only when green becomes the growing grass, or the earth-colors and rocks, when indigo becomes the ocean, and the colors of a figure become flesh and blood; only when words become ideas; when the sounds of music become images; only when every medium of the arts becomes transmuted into a portion of our living universe, only then is art consistent with the dignity of man. KENT. Op.cit, 1955, pp. 137-138, (Trad. da autora).

⁹ KENT. Op.cit, 1955, pp. 147-148.

conhecer seu trabalho, apesar de não vender nenhuma pintura. Assim sendo, após o sucesso de sua primeira exposição, volta a Monhegan, permanecendo até o mês de dezembro.

O início do ano de 1908 traz mudanças significativas para a vida de Rockwell, a partir do momento em que conhece sua primeira esposa Kathleen Whiting, com quem se casa em trinta e um de dezembro do mesmo ano. Após o casamento, Rockwell e Kathleen se mudam para Caritas Island (Ilha Caritas), em Connecticut onde vivem na propriedade de Rose e Graham Stokes, amigos socialistas de Rockwell. Enquanto vivem nesse local, Rockwell continua pintando e tendo grandes dificuldades financeiras que o impelem a voltar a trabalhar para a Ewing & Chappell. Dessa forma, pode se dedicar ao trabalho durante o dia e freqüentar as aulas noturnas de desenho da figura humana, de Henri, em Nova York. Ainda nesse mesmo ano, Rockwell rompe com o Partido Socialista¹⁰ ao perceber que os Stokes acolhem apenas intelectuais contrários ao Socialismo. Pois, para esses intelectuais que os freqüentam, a pintura, a composição musical e as artes em geral não apenas são secundárias à causa, como não se relacionam. Entretanto, Rockwell conhece o escritor Horace Traubel em meio aos intelectuais que criticam a arte, vendo nele um defensor da justiça humana e da democracia na arte. Traubel escreve uma carta elogiando o *Art Journal The International Studio*¹¹ (Jornal de Arte Estúdio Internacional), na qual defende o *low brow* - camada baixa da população, como sendo produtora de um tipo de arte não reconhecida pelas elites -, lutando contra o *high brow*, produtores de arte reconhecida pelas elites, ou seja, aqui pode-se definir o *high brow* como a arte européia, sobretudo, por ser essa uma arte favorecida pelo mercado e pela elite norte-americana do período. Tal luta se caracteriza pelo ataque à produção da arte pela arte e pela defesa de uma produção vinculada às massas pregando a democracia; ou seja, Rockwell e Traubel possuem pontos de vista semelhantes no que diz respeito à arte estar a serviço de uma nação democrática livre e justa. Aqui, nota-se o quanto Rockwell demonstra querer fazer de sua arte mecanismo de transformação social.

Após romper com o Partido Socialista e antes de partir para Monhegan, Rockwell participa da organização de uma grande exposição na galeria da 35 West Street, em Nova York. A exposição, que abre em 1º. de abril, é um grande sucesso por ser a primeira exposição democrática da América. A *Exhibition of Independent Artists* (Exposição de

¹⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 195.

¹¹ KENT. Op.cit, 1955, pp. 195-196.

Artistas Independentes) foi concebida, organizada e promovida, segundo Rockwell¹², por Robert Henri e por vários estudantes e associados como forma de protesto contra a dominação estéril imposta pela *National Academy* (Academia Nacional) no campo das exposições. Assim, a exposição é composta por duzentas e sessenta pinturas, algumas esculturas e centenas de desenhos. Dentre os artistas participantes figuram além do próprio Rockwell, Arthur B. Davies, John Sloan, Walt Kuhn, George Bellows, William Glackens, Glen O. Coleman, Guy du Bois, Maurice Prendergast, Robert Aiken e Gertrude Vanderbilt Whitney, ou seja, artistas e repórteres ilustradores discípulos da Ash Can School, de Henri.

Rockwell expõe quatro de suas pinturas, uma feita em Dublin, uma em Berkshire e duas em Monhegan. Com o que apresenta consegue um bom sucesso de crítica, mas nenhuma venda. Um bom exemplo da crítica que recebe está nas palavras escritas por Henri¹³ em um artigo de jornal

Ele está interessado em tudo, em economia política, em agricultura, em cada fase da prosperidade industrial. Ele não consegue ficar sem este interesse em sua arte. As próprias coisas que retrata em sua tela são as coisas que vê escritas na grande organização da vida; e sua pintura é a proclamação dos direitos do homem, da dignidade do homem, da dignidade da criação. É sua crença em Deus. É o que a arte deveria significar.

Nas palavras de Henri pode-se destacar o quanto a produção gráfica, sobretudo, de seu discípulo Rockwell se adequa ao que a Ash Can School propõe nesse momento, ou seja, Rockwell é aquele que faz de sua arte, mecanismo de propagação da democracia, da paz e da liberdade, conforme se verá ao longo da presente dissertação.

Após o sucesso da exposição, Rockwell finalmente parte para Monhegan com um colega de turma da Henri School, chamado Julius Golz com o intuito de fundarem juntos uma escola de arte de verão na ilha, chamada *Summer School of Art*¹⁴ (Escola de Arte de Verão). Além de necessitar sustentar sua família, a idéia da fundação da escola se deve ao fato de Rockwell e Golz perceberem que as escolas de arte não fornecem condições de

¹² KENT. Op.cit, 1955, pp. 196-198.

¹³ He is interested in everything, in political economy, in farming, in every phase of industrial prosperity. He cannot do without this interest in his art. The very things that he portrays on his canvas are the things that he sees written in the great organization of life; and his painting is a proclamation of the rights of man, of the dignity of man, of the dignity of creation. It is his belief in God. It is what art should mean. KENT. Op.cit, 1955, p. 198, (Trad. da autora).

¹⁴ KENT. Op.cit, 1955, p. 201.

sobrevivência para o artista e apenas ensinam a pintar e a desenhar. Com isso, o que Rockwell e Golz planejam fazer em sua escola se torna um projeto de maior amplitude, partindo do ensino de desenho e pintura e chegando a um modo de pensar o desenvolvimento do artista. Rockwell e Golz conseguem mais alunos do que o previsto atraindo, também, um jovem instrutor de literatura do departamento de inglês da Columbia University (Universidade Columbia), Bayard Boyesen¹⁵.



A SUMMER SCHOOL OF ART
ON MONHEGAN ISLAND
COAST OF MAINE

School prospectus, summer of 1909.

Prospecto da Escola de Arte de Verão em Monhegan, verão de 1909.

A presença de Boyesen na escola de Rockwell e Golz em Monhegan traz um novo sentido às propostas de ensino, pois Boyesen é o introdutor da literatura russa na Columbia University (Universidade Columbia) e, em Monhegan propõe à Rockwell a interrelação das artes e sua relação aos problemas da humanidade, buscando solução e expressão na política. Dessa forma, em Monhegan, Boyesen passa a ministrar palestras com o tema “Anarquismo e Literatura”, obtendo grande sucesso. Enquanto isso, a mãe de Rockwell chega a Monhegan com Dorothy, irmã de Rockwell e violinista, a qual traz a amiga pianista Clara Rabinowitz. O irmão de Golz, Walter, também vem trazendo seu talento de pianista e compositor. Assim, a bem sucedida escola termina com o verão depois de unir as artes à política através de discussões e palestras sobre o assunto.

Mas, o que significa para Rockwell fundar uma escola de arte? O que está por trás do desejo de criar uma colônia artística? Sabe-se que Rockwell sempre foi um grande admirador de William Blake, artista – pintor, aquarelista e ilustrador e poeta romântico inglês que viveu entre 1757 e 1827. E que mais do que simplesmente admirá-lo, dialogava

¹⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 202.

diretamente com sua arte, sobretudo nas ilustrações que o norte-americano faz para livros e revistas. Aliás, em Rockwell percebe-se o quanto sua arte guarda semelhanças com a de Blake ao empregar esquemas formais similares, conforme a observação da imagem seguinte pode revelar:



William Blake. *Job's Evil Dreams*, no.11. Illustration of the Book of Job, 1825, 21.3x16.9cm, Burton Emmett Collection.

Após a bem sucedida experiência da escola de arte de verão, Rockwell decide ir para Newfoundland, ilha localizada no Atlântico Norte, pertencente ao Canadá. Sua intenção é conhecer o local, pintar e repetir a experiência de Monhegan. Porém, dessa vez a idéia não é bem sucedida devido ao frio intenso do local que afugenta os alunos, muito embora tenha obtido permissão do premiê do local, Sir Edward, para a construção da escola e para o andamento do projeto. Rockwell volta para Monhegan rapidamente e segue para Nova York com sua família, em seguida, para reassumir seu posto na Ewing & Chappell. Enquanto trabalha em sua sala, lembra do sucesso obtido na *Exhibition of Independent Artists* (Exposição de Artistas Independentes) no ano anterior e almeja realizar uma nova exposição¹⁶, com o apoio de George Chappell, que além de ser seu amigo e patrão é executivo da *Society of Beaux Arts Architects* (Sociedade de Belas Artes dos Arquitetos) e

¹⁶ KENT. Op.cit, 1955, pp. 226-227.

lhe sede um andar da Sociedade a fim de abrigar a exposição. Se a primeira foi realizada como forma de crítica à Academia, agora Rockwell visa aprofundar a questão, fazendo com que os jovens artistas boicotem as exposições organizadas por ela. Dessa maneira, Rockwell procura Henri, que a princípio o apóia, mas depois rejeita suas opiniões por achar que não se deve proibir a exposição dos artistas nos salões da Academia. Além disso, Henri, a quem Rockwell chama de romântico, é contra suas idéias pró-trabalhistas.

Rockwell, então, decide procurar Arthur B. Davies¹⁷, poeta de um classicismo modernizado. Este ouve tudo o que Rockwell tem a dizer sobre a galeria que conseguiu com Chappell, sobre a idéia da exposição e, finalmente sobre o modo como Henri o recebeu. Davies concorda com Rockwell prometendo conseguir o apoio de Luks e Prendergast. Além disso, Davies oferece à Rockwell duzentos dólares para custear a exposição. Entusiasmado após visitar Davies, Rockwell decide procurar John Sloan, que também ouve tudo o que o primeiro tem a lhe falar e concorda em apoiá-lo. Sloan lhe promete conseguir que William Glackens, Everett Shinn e outros exponham seus trabalhos.

Entretanto, segundo Rockwell¹⁸, dias mais tarde uma reunião é feita no atelier de Sloan, durante a qual, muitos artistas decidem não mais expor seus trabalhos. Porém, Henri comparece, além de oito ou dez artistas mais jovens. O que ocorre se traduz em violenta discussão na qual Sloan o apóia, para alguns dias depois recuar, deixando Rockwell preocupado, uma vez que o espaço expositivo é enorme em comparação à sua produção pictural. Mas, mesmo assim a exposição acontece entre vinte e seis de março e vinte e um de abril com o título *Independent Exhibition of the Paintings of Eleven Men* (Exposição Independente das Pinturas de Onze Homens) na *Society of Beaux Arts Architects* (Sociedade de Belas Artes dos Arquitetos).

¹⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 228.

¹⁸ KENT. Op.cit, 1955, pp. 228-229.

AN INDEPENDENT EXHIBITION
OF THE PAINTINGS AND DRAW-
INGS OF ELEVEN MEN AT THE
GALLERY OF THE SOCIETY OF
BEAUX ARTS ARCHITECTS,
NUMBER SIXTEEN EAST THIRTY-
THIRD STREET, NEW YORK CITY



OPEN DAILY FROM MARCH TWENTY-
SIXTH TO APRIL TWENTY-FIRST
INCLUSIVE, FROM NINE A.M. UNTIL
TEN P.M., EXCEPT APRIL FIRST, NINTH
AND TENTH :: :: :: :: :

Cartaz da Exposição Independente das Pinturas de Onze Homens, 1911.

Segundo Rockwell¹⁹,

... Expostas foram sete pinturas de Homer Boss; quatro pinturas e doze desenhos de Glen O. Coleman; dezesseis pinturas e sete desenhos de Guy Pène du Bois; sete pinturas de Julius Golz; nove pinturas e seis desenhos de Marsden Hartley; quinze pinturas e vinte e quatro desenhos de Rockwell Kent; quinze pinturas de George B. Luks; vinte e uma aquarelas de John Marin; seis pinturas de Alfred Maurer; doze pinturas de John McPherson; quatro pinturas e doze aquarelas de Maurice Prendergast.

Ainda segundo Rockwell todas as pinturas que expõe são inéditas e foram produzidas em Monhegan e em Berkshire Hills. E com o sucesso da abertura e da mostra, veio o comentário da crítica, apesar dos problemas financeiros. Dentre os artigos que foram publicados, Rockwell destaca o da Revista Vogue²⁰, que o classifica como “*socialista e*

¹⁹ ... Exhibited were seven paintings by Homer Boss; four paintings and twelve drawings by Glen O. Coleman; sixteen paintings and seven drawings by Guy Pène du Bois; seven paintings by Julius Golz; nine paintings and six drawings by Marsden Hartley; fifteen paintings and twenty-four drawings by Rockwell Kent; fifteen paintings by George B. Luks; twenty-one water colors by John Marin; six paintings by Alfred Maurer; twelve paintings by John McPherson; four paintings and twelve water colors by Maurice Prendergast. KENT. Op.cit, 1955, p. 229 (Trad. da autora).

²⁰ ... socialist and architect deviated from the rule of socialism enough for the benefit of that show to constitute himself a capitalist – a capitalist with a gallery; for it was through his architectural affiliation that he was enabled to secure the gallery.

..., he acted the part of capitalist with a radicalism that would have done supreme justice to the most rampant socialists. He invited everyone he considered worthy – but invited them on the condition that they would adhere to a constitution that he had framed with... the cause of independence in art. The result of that, necessarily, was rebellion. KENT. Op.cit, 1955, p. 234, (Trad. da autora).

arquiteto desviado da regra do socialismo o suficiente para o benefício daquela mostra, para se constituir em um capitalista – um capitalista com uma galeria; pois foi através de suas afiliações arquitetônicas que conseguiu assegurar uma galeria”. Em outro trecho mais adiante, o artigo continua dizendo que Rockwell “agiu como um capitalista com um radicalismo que teria feito justiça suprema aos socialistas mais ferozes. Ele convidou todos que julgou de valor – mas com a condição de que teriam que aderir à constituição que emoldurou... com a causa da independência na arte. O resultado disso foi necessariamente, a rebelião”.

Além das críticas da imprensa, Rockwell e seu grupo de onze artistas encontram Harry Watrous²¹, arqui-acadêmico conselheiro do comitê de arte ultra-reacionário chamado *Union League Club* (Clube da Liga do Sindicato), que decide organizar uma exposição em apoio ao grupo de Rockwell. Aliás, Rockwell decide participar desta enviando uma pintura e, em meio às críticas favoráveis à exposição dos artistas independentes, surgem também críticas não favoráveis à Watrous e à obra enviada por Rockwell, chamada *The Burial of a Young Man* (O Enterro de um Jovem); isso ocorre a partir do momento em que a obra de Rockwell é elevada a categoria de gênio por uns e criticada duramente por outros, que alegam que sua versão não possui o mesmo nível que a pintura de Manet intitulada *The Funeral* (O Funeral), do acervo do Metropolitan Museum of Art, de Nova York.



²¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 235.



Rockwell Kent. *The Burial of a Young Man*, c.1911, Phillips Collection

Porém, após as duas exposições, Rockwell começa a perceber que os norte-americanos passam a se interessar progressivamente pelas vanguardas européias voltadas à abstração²². Com isso, a produção dos artistas dedicados ao realismo perde interesse e mercado, afetando a arte de Rockwell. Mas, sem se deixar abater e vendo a arte abstrata como gozação, mantém-se fiel aos seus princípios e seu gosto pelo realismo. Assim, passa a primavera de 1911 entre seu trabalho de desenhista para a Ewing & Chappell e suas duas exposições, das quais a primeira, *Independent Exhibition of the Paintings of Eleven Men* (Exposição Independente das Pinturas de Onze Homens) só lhe rende trabalho e despesas que são rateadas cabendo, a cada um dos participantes, a quantia de vinte e três dólares e quarenta e quatro centavos.

Com as crescentes preocupações financeiras e com o nascimento de sua primeira filha, Kathleen em dezenove de abril, Rockwell decide chamar, seguindo os conselhos de Davies, o marchand William Macbeth²³, de Nova York. Como Macbeth já conhecia o trabalho de Rockwell, decide lhe oferecer quinhentos dólares em troca de uma das telas a ser escolhida no armazém onde Rockwell as mantêm. Macbeth, no entanto, escolhe treze obras. Com o dinheiro que recebe, o artista se muda com a família em junho para Richmond²⁴, em New Hampshire, com o intuito de viver uma vida mais tranqüila ao lado de sua família, enquanto trabalha.

²² KENT. Op.cit, 1955, p. 236.

²³ KENT. Op.cit, 1955, p. 238.

²⁴ KENT. Op.cit, 1955, pp. 238-241.

Ainda com a idéia de fazer uma nova escola de arte em Richmond, local onde poderia repetir o sucesso da *Summer School of Art* (Escola de Arte de Verão), de Monhegan, Rockwell vê seu sonho naufragar, uma vez que Golz não aceita compartilhar do ideal de Rockwell e apenas três alunos decidem permanecer na escola. Nesse mesmo período, a arte de Rockwell passa por uma transformação, deixando de pintar do natural para se dedicar à pintura alegórica inspirada em suas leituras de Goethe e de Wagner, ou seja, ele passa do que vê para o que traz em seu conhecimento²⁵. Assim, o verão termina e, no mês de setembro, volta sozinho para Nova York para trabalhar na Ewing & Chappell, enquanto sua família permanece em Richmond. Aqui, cumpre abrir um parêntese para entender o que significa esse dedicar-se à pintura alegórica inspirada em Goethe e Wagner, pois, a arte de Rockwell sempre se pauta pelo realismo e, na medida em que faz esse mergulho na introspecção, não o abandona. Ao contrário, Rockwell se aproxima cada vez mais da realidade em seu entorno. Talvez, isso signifique que o artista esteja expressando seus pensamentos e idéias de liberdade, paz, justiça e democracia com maior grau de realismo.

Rockwell volta para a Ewing & Chappell²⁶ em excelente hora, pois a firma havia assinado contrato com uma grande empresa e, conseqüentemente necessitavam de mão-de-obra disposta a trabalhar longas e exaustivas horas sobre a prancheta. Assim, voltando para Nova York, a vida social de Rockwell se agita com as constantes visitas dos poucos e importantes amigos²⁷ que gravitam em seu entorno. Neste momento, Rockwell tem quatro amigos apenas, seu antigo professor de pintura Kenneth Hayes Miller, seu colega de exposição Marsden Hartley e seu vizinho rico fazendeiro de Richmond, Robert Pearmain que, engajado no socialismo, volta-se ao anarquismo, levando Rockwell consigo, embora Rockwell jamais se converta ao anarquismo. Por fim, e talvez, o mais importante entre todos os citados, está Carl Zigrosser, que futuramente será curador chefe do departamento de gravuras no Philadelphia Museum of Art. Dessa maneira, Rockwell passa seus dias dividindo seu escasso tempo entre família, amigos e seu trabalho de desenhista como ele mesmo propõe afirmando que, “*com um pouco de trabalho bonito em aquarela faz qualquer desenho arquitetônico parecer custar um milhão de dólares*”²⁸.

²⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 240.

²⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 242.

²⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 245-249.

²⁸ ... by a bit of pretty water color work makes any kind of an architectural design look like a million dollars. KENT. Op.cit, 1955, p. 250, (Trad. da autora).

Conseqüentemente, Rockwell ganha reputação com isso. Entretanto, reputação não significa dinheiro, uma vez que muitas vezes tem dificuldades em receber aquilo que lhe é devido. Mas, há momentos em que recebe boas quantias por seus desenhos quando, por exemplo, um de seus clientes, Aymar Embury²⁹, oferece-lhe o dobro pelo trabalho e volta para cumprir o acordo após ganhar o concurso no qual, os desenhos haviam sido apresentados. Assim, sobra-lhe pouco tempo para a pintura e quando a faz, sente-se ofendido ao ler a crítica elogiando sua pintura *A Mother and Her Sons* (Uma Mulher e Seus Filhos) publicada em um artigo de um jornal nova-iorquino, destacando o caráter simbólico da obra. Para alguém como Rockwell, isso soa quase como uma ofensa aos seus ideais realistas ligados ao social, à democracia, à paz e à justiça, conforme mencionado na nota 12 do presente capítulo. Mas, apesar de se sentir ofendido, na verdade, Rockwell deveria se orgulhar, pois, conforme expresso há pouco, ao representar sentimentos profundos, o artista está representando seu entorno sem escapar da realidade e dos ideais pelos quais luta.

Em março de 1912 Rockwell recebe uma oferta da firma de Lord, Hewlett e Tallent³⁰ para ir trabalhar em Winona, no estado do Minnesota. Como a oferta é de um ano de trabalho como superintendente na construção de duas casas georgianas de grande porte, Rockwell aceita a oferta e se muda com a família para a pequena cidade. O trabalho de superintendente não ocupa seu dia completamente, deixando-lhe tempo livre para se dedicar à pintura, às atividades ligadas à natureza e à sua família, além do convívio com os funcionários da obra e os demais habitantes da cidade. Rockwell, porém, acaba se entediando com a falta do que fazer e decide se empregar na própria obra como carpinteiro³¹, já que tinha experiência no ramo da carpintaria desde seus dias de Monhegan. Sua iniciativa é vista com bons olhos pelo dono de uma das casas, o banqueiro Mr. Prentiss. Mas, não pelo outro, Mr. Bell. Além disso, os carpinteiros da cidade vizinha ganhavam mais do que os de Winona, fato que levou ao descontentamento e à reivindicação por um aumento e greve. Rockwell concorda com os demais e se afilia ao sindicato, *International Brotherhood of Carpenters and Joiners of America* (Irmandade Internacional de Carpinteiros e Montadores da América) a fim de lutar junto aos carpinteiros, por melhores condições de trabalho.

²⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 250.

³⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 254.

³¹ KENT. Op.cit, 1955, pp. 255-256.

No inverno de 1913, Rockwell descobre que Kathleen vai ter outro bebê e decide enviá-la de volta à Nova York para que o bebê nasça naquela cidade e não em Winona, enquanto Rockwell permanece finalizando o trabalho pelo qual foi contratado. Aliás, Clara nasce em trinta de junho do mesmo ano. Durante o período em que fica morando sozinho em Winona, Rockwell finaliza seu trabalho ao mesmo tempo em que pinta, despertando a atenção de seu patrão Mr. Prentiss, que decide organizar uma exposição, com um considerável número de obras na grande rotunda da Biblioteca Pública de Winona³², conquistando boa crítica e reconhecimento da intelectualidade local. Após passar um ano em Winona, Rockwell volta para Nova York, onde se decepciona ao descobrir que havia perdido o Armory Show, exposição organizada pelos artistas vanguardistas da Ash Can School e que havia reunido os melhores artistas norte-americanos e vanguardistas europeus da época. Mas, quais são as razões para que Rockwell perca o Armory Show? Segundo o DVD *Rockwell Kent: A Documentary*, de Frederick Lewis³³, Rockwell não é convidado a participar do Armory Show por ter se desviado da carreira de pintor com o intuito de se tornar carpinteiro em Winona. Além disso, há outra razão que parece ser mais forte e determinante para o fato: seu constante engajamento político em movimentos sociais e sindicais, inclusive em Winona.

Em Nova York, novamente retoma suas ocupações na Ewing & Chappell, agora envolvida no projeto da construção dos prédios da recém-fundada *Connecticut College for Women*³⁴ (Faculdade de Connecticut para Mulheres), cabendo a Rockwell, os desenhos das fachadas externas dos mesmos. Segundo Rockwell, como desenhista sua competência é elogiada, mas, em contrapartida, jamais tem autonomia e liberdade suficiente para se expressar. Além disso, tanto Ewing quanto Chappell possuem gostos díspares em relação à arquitetura. Esta situação perdura até o dia em que Dr. Seitz, diretor da faculdade para a qual a firma estava projetando suas futuras instalações, aparece inesperadamente, sem que Ewing nem Chappell estivessem presentes. Apenas Rockwell estando presente para atender Dr. Seitz, escuta algo que não agrada ao diretor em alguns dos desenhos. Assim, Rockwell passa a debater com o mesmo, deixando Ewing e Chappell apreensivos, posteriormente. Como consequência desse entrevero, Seitz surpreende Rockwell convidando-o a New London para organizar e comandar o departamento de arte na referida faculdade.

³² KENT. Op.cit, 1955, pp. 268-269.

³³ LEWIS, Frederick. *Rockwell Kent: A Documentary*, Dundee Road Productions, 2006.

³⁴ KENT. Op.cit, 1955, pp. 273-274.

Logo após voltar de New London, Rockwell retoma seu trabalho na Ewing & Chappell e sentindo-se confiante o suficiente para abrir mão de seu emprego na firma, no final do verão, decide montar seu próprio escritório trabalhando ininterruptamente, na execução de desenhos arquitetônicos e pinturas. Nesse momento, conhece o marchand Charles Daniel³⁵, que ao ver suas pinturas decide vendê-las, por considerá-las tão vanguardistas quanto as obras expostas durante o Armory Show, ou seja, Daniel crê que as pinturas de Rockwell são tão modernas quanto as expostas durante a exposição de 1913. Aqui cabe um pequeno parêntese para a reflexão do sentido da palavra moderno, pois, a pintura de Rockwell lida diretamente com a representação do mundo visível caracterizado pela representação da natureza, tema este distante das cenas cotidianas urbanas do povo nova-iorquino, pintadas pelos outros pintores da Ash Can School. Apesar da venda, Rockwell segue trabalhando arduamente, ganhando reputação e dinheiro até que, ao reencontrar Frederick Squires³⁶, ex-colega seu do curso de arquitetura na Columbia University (Universidade Columbia), recebe a oferta de um trabalho de ilustração em março de 1914 para seu livro *Architectonics: The Tales of Tom Thumtack* (Arquitetônica: Os Contos de Tom Thumtack) por trezentos dólares a serem pagos em prestações.

Durante a realização das ilustrações do livro de Squires, Rockwell revela a Daniel seu sonho de pintar em Newfoundland³⁷, sonho este que lhe renderia a princípio duzentos dólares por mês. Porém, sem que Daniel mantenha sua oferta inicial, Rockwell parte para Newfoundland com a ajuda financeira de sua mãe, que lhe garante os cem dólares necessários à viagem. Chegando finalmente a Newfoundland³⁸, após uma viagem bastante difícil de quatro dias, devido às condições climáticas do local, segue para Brigus, assim que desembarca. Nessa pequena localidade localizada na Conception Bay (Baía Conceção), aluga uma pequena casa em estilo georgiano para trabalhar, bem como trazer sua família inteira. Enquanto aguarda a chegada de sua família, integra-se bem à comunidade de Brigus, a qual embora seja bastante diminuta, possui uma Igreja que reúne a todos em seus eventos sociais. Como Rockwell sempre desenvolveu seus talentos musicais através da flauta herdada de seu pai e do canto e, como desde pequeno fala alemão por tê-lo aprendido com sua babá alemã, participa das reuniões cantando canções americanas, inglesas, escocesas e alemãs. Aliás, por falar alemão em um período extremamente delicado como o

³⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 275.

³⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 275.

³⁷ KENT. Op.cit, 1955, pp. 277-278.

³⁸ KENT. Op.cit, 1955, pp. 280-281.

do início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, ele e sua família passam a enfrentar problemas bastante sérios em Newfoundland, ilha de administração canadense pertencente à Inglaterra, ou seja, nação contrária à Alemanha, na Guerra. Ao perceberem que Rockwell fala alemão, passam a perseguí-lo sob a acusação de espionagem, culminando em um processo na justiça de Brigus e em sua expulsão da ilha, em outubro de 1916. Ao ser expulso Rockwell e sua família não podem sair imediatamente do local, pois seus filhos estão com coqueluche.

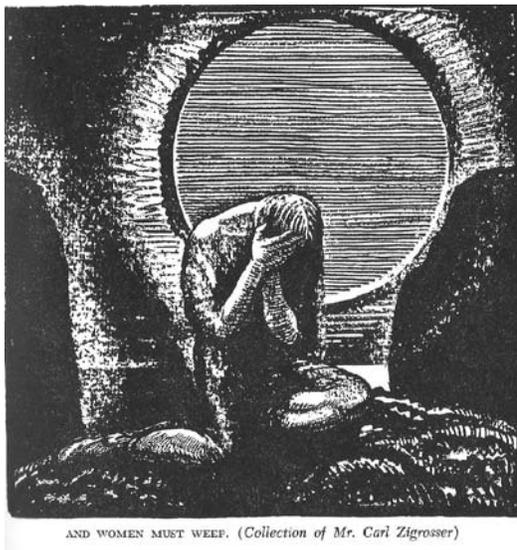
Entretanto, apesar dos problemas enfrentados no local, continua pintando e lendo, pois, tanto a produção pictórica quanto as leituras que Rockwell faz durante esse período são carregadas de um profundo sentimento trágico perante a guerra, por exemplo, *Ruin and Eternity*³⁹ (Ruína e Eternidade), *And Women Must Weep* (E as Mulheres devem Chorar), *The Voyager Beyond Life* (O Viajante Além da Vida). Tais títulos⁴⁰ colocados a posteriori em seus trabalhos a serem expostos, refletem o que Rockwell sente em relação à Primeira Guerra, uma vez que sempre foi defensor da paz, da democracia e da liberdade. Aliás, aqui se deve destacar também o quanto a produção gráfica de Rockwell dialoga com a de William Blake, tanto pelos aspectos formais adotados quanto pela temática desenvolvida. Mas por que isso ocorre? Para responder a essa pergunta, é necessário que se compreenda o pensamento plástico de Rockwell, pois, em sua execução gráfica se encontram não somente as premissas da reprodutibilidade da imagem, como também os mecanismos de propagação dos ideais de democracia, justiça, paz e liberdade, vitais à construção de um mundo livre das amarras da ditadura imposta pelos regimes totalitários. E que esses ideais são facilmente propagados através de gravuras e ilustrações, tanto pelo baixo custo de produção quanto pela facilidade da circulação das mesmas.

Por que Rockwell se inspira em William Blake? A resposta a essa pergunta está além da admiração, pois, Blake é um artista romântico inglês e tal movimento se adequa a lidar com as paixões da alma, na Inglaterra e a exaltação da nação, através da defesa da liberdade, da igualdade e da fraternidade, no caso da França, por exemplo. Igualmente cabe ressaltar o quanto a monarquia inglesa estremece ao ver o que acontece na França a partir da eclosão da Revolução Francesa, em 1789. E estes ideais se fazem muito presentes na obra e no pensamento de Rockwell; entretanto, não cumpre afirmar que Rockwell seja um

³⁹ KENT. Op.cit, 1955, pp. 288-289.

⁴⁰ KENT. Op.cit, 1955, pp. 288-289.

romântico, muito embora em sua formação intelectual existam autores românticos como Blake, por exemplo.



Rockwell Kent. *And Women Must Weep*, c.1915.

Aliás, além de Blake, Goethe e Wagner, Rockwell lê nesse período outras obras literárias carregadas do mesmo sentimento trágico, por exemplo, *Wilhelm Meister*, cujas “passagens de tristeza pungente o levam novamente às lágrimas”⁴¹, ou em tragédias gregas como *The Trojan Women*⁴² (As Troianas), que segundo Rockwell, possuem “uma dor tão próxima da daquelas mulheres de Newfoundland por seus filhos e maridos perdidos no mar e na guerra”. Rockwell se identifica e sempre se identificou em todos os períodos de sua vida aos desvalidos, aos perseguidos e oprimidos tanto política quanto socialmente e, reagindo através da pregação da paz, justiça, liberdade e democracia, busca um mundo melhor, usando a “arte como subproduto da existência” para alcançar seus objetivos.

Embora Rockwell em *It's me O Lord*⁴³ não faça qualquer referência ao seguinte fato, Fridolf Johnson⁴⁴ revela na antologia que escreve sobre Rockwell, a ameaça feita pelo último ao governo canadense pelo prejuízo sofrido na ilha no valor de cinco mil dólares, bem como a notícia de seu exílio nos jornais. Porém, mesmo assim, Rockwell e sua família partem de Newfoundland logo que as crianças se curam da coqueluche, voltando à Nova York sem dinheiro algum e com uma vasta produção pictórica. Assim que chega, Rockwell

⁴¹ ...its passages of poignant sadness moving me again to tears. KENT. Op.cit, 1955, p.290, (Trad. da autora).

⁴² ...the sorrowing of *The Trojan Women* so close to that of the women of Newfoundland for sons and husbands lost at sea and in the war. KENT. Op.cit, 1955, p.290, (Trad. da autora).

⁴³ KENT. Op.cit, 1955.

⁴⁴ JOHNSON, Fridolf. *Rockwell Kent: an anthology of his works*, 1982, p. 30.

procura George Chappell⁴⁵ que lhe assegura um lugar para morar no subúrbio de New London, Connecticut, mas não seu emprego na Ewing & Chappell, abalando-o financeiramente. Aliás, sua situação era a seguinte⁴⁶:

Além das três ou quatro pinturas que mencionei como tendo sido vendidas, as treze tão desastrosamente vendidas à Macbeth e meu Portrait of a Child, pelo qual Daniel havia adquirido, por desesperadamente necessitados duzentos dólares enquanto estava em Newfoundland, não havia vendido nada em meus treze anos diante do público.

Por conseqüência, Rockwell se vê obrigado a aceitar todas as ofertas de emprego que lhe caem às mãos, mesmo sabendo que sua vida de artista não seria fácil. Mais adiante, no mesmo parágrafo citado logo acima, revela sua dificuldade de sobrevivência naqueles anos, muito embora considere a si mesmo um afortunado por ter formação em arquitetura, não obstante as opiniões contrárias de sua mãe e de sua tia acerca da carreira artística⁴⁷.

Como uma profissão pelo ganho de uma sobrevivência, a arte – acredito que para a maioria dos homens – é ruim assim. Mais afortunado do que a maioria – e mais afortunado para alguém que através do casamento e dos filhos queria levar a vida de um ser humano normal – eu tinha meu treinamento e experiência na arquitetura. Dizem que dinheiro fala: já confirmando os avisos de minha mãe e de minha tia dizia, para parafrasear um jingle familiar, “Seja desenhista, vendedor, vigarista, ladrão, médico, advogado, mercador, xerife – seja qualquer das inumeráveis profissões que a sociedade reconhece e recompensa, mas não seja um artista”.

⁴⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 303.

⁴⁶ Beyond the three or four paintings which I have mentioned as having sold, the thirteen so disastrously disposed of to Macbeth, and my *Portrait of a Child* for which Daniel had procured me, while in Newfoundland, two hundred desperately needed dollars, I had sold nothing in my thirteen years before the public. KENT. Op.cit, 1955, p. 305, (Trad. da autora).

⁴⁷ As a profession for the earning of a livelihood, art – I believe for most men – is that bad. More fortunate than most – and most fortunate for one who through marriage and children wanted to lead the life of a normal human being – I had my training and experience in architecture. It is said that money talks: confirming the early warnings of my mother and my aunt it said, to paraphrase a familiar jingle, “Be draughtsman, salesman, con-man, thief, doctor, lawyer, merchant, chief – be any of the countless professions that Society recognizes and rewards, but *don’t be an artist!*”. KENT. Op.cit, 1955, pp. 305-306, (Trad. da autora).

Ao voltar para Nova York em 1916, percebe que os Estados Unidos haviam se recuperado das dificuldades geradas pela Primeira Guerra; entretanto, a firma Ewing & Chappell⁴⁸ não conseguindo se recuperar fecha as portas e com isso, Rockwell é recomendado para o arquiteto Henry Hornbostel, grande arquiteto responsável por diversos grandes projetos de edifícios públicos. Hornbostel estava precisando de alguém que lhe fizesse os desenhos em perspectiva pelos quais daria boas condições de trabalho à Rockwell. Porém, a remuneração recebida deixa Rockwell furioso e o faz desistir do emprego. Nesse ínterim, George Chappell escreve versos e decidindo publicá-los na revista *Vanity Fair*, procura Rockwell propondo que os ilustre. Como Rockwell estava desempregado, aceita a proposta. Entretanto, ao entregar as ilustrações a Frank Crowninshield, editor da *Vanity Fair*, este percebe que Rockwell não as havia assinado e, ao indagar o porquê, obtém a seguinte resposta⁴⁹: “*Prefiro não assiná-las, Mr. Crowninshield, eu disse. Veja, eu sou realmente um pintor.*” Crowninshield fica perplexo e insistindo na necessidade de uma assinatura para as ilustrações, escuta a sugestão jocosa de Rockwell: William Hogarth Jr. Ao ouvir este nome, Crowninshield imediatamente aprova a sugestão, dando início a uma série de ilustrações com o pseudônimo após sua contratação como ilustrador da *Vanity Fair*.

Com o sucesso obtido através das ilustrações de Hogarth Jr., Rockwell passa a ser imitado por outros artistas gráficos⁵⁰, dada a excelência de seu trabalho como ilustrador. Desse modo, Crowninshield lhe sugere que procure outras editoras a fim de mostrar seu trabalho. Assim, movido pelo encorajamento de Crowninshield e pela necessidade de ganhar dinheiro, Rockwell toma seu portfolio e sai às ruas para tentar a sorte em outras revistas. Apesar do fracasso em várias de suas tentativas, Rockwell consegue convencer pelo cansaço o editor da revista *Puck* (Duende), Mr. Casey. Rockwell afirma que “*Vanity Fair e Puck foram, durante muito tempo, meus meios de vida*”⁵¹.

Apesar dos esforços, a situação de Rockwell ainda continuaria delicada por algum tempo. Embora não trabalhe mais para a Ewing & Chappell, devido à extinção da firma, Rockwell se lança como ilustrador de revistas, atividade que lhe garante menos do que necessita para sustentar sua família. Porém, sua reputação como o ilustrador Hogarth Jr.

⁴⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 306.

⁴⁹ “I’d rather not sign them, Mr. Crowninshield,” I said. “You see, I’m really a painter.” KENT. Op.cit, 1955, p. 307, (Trad.da autora).

⁵⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 308.

⁵¹ *Vanity Fair and Puck*: They, for a long time, were my livelihood. KENT. Op.cit, 1955, p. 309, (Trad. da autora).

crece e lhe rende encomendas, dentre as quais, a firma de arquitetura Hoggson Brothers⁵², que o contrata a fim de realizar várias aquarelas, além da criação de um cardápio completo a ser utilizado em um elegante jantar no Yale Club.

Entretanto, mesmo com todas essas atividades, Rockwell decide praticar a pintura sobre vidro⁵³, técnica que consiste na pintura pelo lado de trás do vidro, e que vista de frente, assemelha-se ao laqueado. Dessa forma, Rockwell tenta vender sua produção, sem obter qualquer êxito. Rockwell narra em sua autobiografia que apenas conseguiu expor sua produção em vidro na Galeria Wannamaker, no final da primavera de 1918, vendendo apenas um vidro e recebendo o pagamento, só um ano mais tarde.

Nessa mesma época, Charles Daniel⁵⁴ propõe que Rockwell exponha suas pinturas de Newfoundland, produção lúgubre que chama a atenção dos críticos rendendo uma ou duas vendas. A partir de então, a sorte de Rockwell começa a mudar ao ser apresentado ao Whitney Studio Club⁵⁵ (Clube Estúdio Whitney), núcleo da Whitney Gallery (Galeria Whitney) e à Mrs. Juliana Force, representante de Gertrude Whitney. Mrs. Force lhe abre um novo mundo, colocando-o em contato com os mais jovens artistas de Nova York e fazendo com que sua arte seja reconhecida. Aliás, é necessário ressaltar o perfil da coleção Whitney, na medida em que se caracteriza pelo colecionismo de arte norte-americana, considerada inferior à européia, pela crítica da época.

Mas, como o reconhecimento não é diretamente proporcional ao êxito financeiro, Rockwell se desespera mais uma vez e decide ir embora de Nova York. Sem recursos financeiros para tal, escreve cartas, em abril de 1917, endereçadas à Northern Pacific Railroad⁵⁶ (Ferrovia do Pacífico Norte) e à Canadian Pacific Railroad (Ferrovia do Pacífico Canadense) propondo que ambas as companhias lhe encomendem pinturas de painéis para a linha de trem American West (Oeste Americano). Junto das cartas, anexa cartas de recomendação do Metropolitan Museum e de um ou dois críticos de Nova York⁵⁷. Não obstante seu empenho, suas cartas ficam sem resposta alguma, até que encontra, por acaso, John O'Hara Cosgrave, editor da edição dominical do *The World* (O Mundo), que lhe apresenta E. I. McCormick, vice-presidente da Southern Pacific Railroad (Ferrovia do Pacífico Sul). Este último decide lhe apoiar oferecendo as pinturas da Apache Trail (Trilha

⁵² KENT. Op.cit, 1955, pp. 311-312.

⁵³ KENT. Op.cit, 1955, p. 313.

⁵⁴ KENT. Op.cit, 1955, p. 313.

⁵⁵ KENT. Op.cit, 1955, pp. 313-314.

⁵⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 324.

⁵⁷ Os nomes desses críticos não são mencionados em nenhuma das fontes consultadas.

Apache) até que, na primavera de 1917, cancela a encomenda devido às restrições orçamentárias impostas pela Primeira Guerra Mundial.

Dentre as pessoas com as quais entra em contato nesse período, está o nome de Mrs. Albert Sterner, encarregada do setor de arte contemporânea da Knoedler and Company⁵⁸, uma das mais importantes galerias de arte de Nova York. Como a intenção de Mrs. Sterner⁵⁹ é organizar uma exposição na galeria incluindo uma das pinturas de Rockwell, pede ao marchand de Rockwell, Charles Daniel, que lhe faça o empréstimo de uma das obras, mas, este recusa. Entretanto, Mrs. Sterner não desiste e procura Robert Henri, ex-professor de Rockwell, que possui uma pintura em seu poder – e Daniel fica furioso por isso. Felizmente, Henri cede e aconselha Rockwell a colocar um preço na obra, conselho este adotado e que culmina em sua aquisição pelo Metropolitan Museum (Museu Metropolitano). Daniel, conseqüentemente, rompe seu contrato com Rockwell, que passa a ter Mrs. Sterner e a galeria Knoedler como marchand.

No inverno de 1917, acontece mais uma grande edição da Independent Exhibition⁶⁰ (Exposição Independente), desta vez organizada no Grand Central Palace e que se constitui na maior exposição já realizada por artistas americanos desde o Armory Show, de 1913. Rockwell é convocado para trabalhar na organização e administração da exposição e, para tal, pede uma licença da Ewing & Chappell, que havia retomado suas operações no mercado da arquitetura. Enfim, segundo Rockwell⁶¹, a exposição foi um grande amálgama de trabalhos de todos os tipos, com obras de todas as escolas de arte do real à imitação, do primitivo ao último grito do pseudo abstracionismo francês. Não havia pré-seleção, júri, nem premiação e as obras foram penduradas em ordem alfabética, pois a intenção era justamente revelar a independência cultural de Nova York. Ao todo, foram expostas mais de duas mil obras compreendendo pintura, escultura e artes gráficas. Nada foi rejeitado, exceto um urinol que entrou como escultura arquitetônica e patrocinado pelos membros revolucionários do comitê da organização, John Covert, Walter Pach e Marcel Duchamp. Mas, finalmente o urinol de Duchamp foi aprovado e exposto, após causar polêmica. Se a exposição em si foi um sucesso artístico, financeiramente foi um fracasso causado pela

⁵⁸ O Museu de Arte de São Paulo adquire obras desta mesma galeria na década de 1950, por exemplo, uma das quatro versões da *Arlesiana*, pintada em 1889 por Vincent Willem van Gogh (1853-1890).

⁵⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 314.

⁶⁰ KENT. Op.cit, 1955, pp. 314-315.

⁶¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 315.

crise econômica surgida na Primeira Guerra Mundial e que culminou na demissão de Rockwell.

Através da ajuda de Mrs. Sterner, Rockwell entra em contato com um rico casal do Brooklyn, chamado Dr. e Mrs. Theodore Wagner⁶² que lhe encomenda um livro a ser feito a mão e ilustrado em memória à filha do casal, falecida há pouco tempo. Ao concluir a encomenda, o casal decide também comprar uma das pinturas de Rockwell, como sinal de agradecimento. Além disso, Carl Ruggles⁶³, compositor que Rockwell conheceu em Winona, compra *The Seiners* (Os Pescadores de Arrastão), pintura realizada em Monhegan, pela qual receberia duzentos dólares em prestações. Como Ruggles interrompe o pagamento, Rockwell pede que a obra seja devolvida em troca dos setenta e cinco dólares já pagos.

Também na primavera de 1917, um amigo de George Chappell, Mr. Tom A. Howell⁶⁴ encomenda a Rockwell a execução de um mural para sua casa de campo, por mil e quinhentos dólares. O tema da grande pintura, gaivotas voando sobre uma paisagem com campo, céu e mar, foi escolhido pelo encomendante e destinada para sua sala de estar. Assim que recebe o pagamento de mais esta encomenda, sente-se pronto para ir ao Alaska com seu filho Rockwell III, uma vez que passada a agitação da exposição, McCormick e Cosgrave⁶⁵ haviam-lhe prometido passagens de navio a vapor. Assim, no final de julho de 1918, Rockwell e seu filho partem para a longa viagem de sete meses à Seward, cidade localizada a quatrocentas milhas ao sul do Círculo Polar Ártico.

Após se instalarem finalmente em Fox Island⁶⁶, Rockwell e seu filho organizam suas rotinas diárias, nas quais o pai pinta, desenha e escreve seu diário de viagem com cartas enviadas diariamente à sua esposa Kathleen, enquanto o filho desenha pinta e ilustra algumas das cartas que são enviadas à sua mãe. Quando o clima permite, saem em descobertas de novas aventuras na vastidão erma e gelada. Assim, passam-se os dias e meses, até que Kathleen⁶⁷ dá um ultimato ao marido para que voltem para casa, sob pena de o casamento chegar ao fim. Rockwell volta sete meses depois com uma rica produção pictórica e com um rico diário de viagem editado posteriormente por George Putnam⁶⁸, em dezoito de março de 1920, com o título *Wilderness: A Journal of Quiet Adventure in*

⁶² KENT. Op.cit, 1955, pp. 325-326.

⁶³ KENT. Op.cit, 1955, p. 326.

⁶⁴ KENT. Op.cit, 1955, p. 326.

⁶⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 324.

⁶⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 332.

⁶⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 337.

⁶⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 345.

Alaska (Vastidão: Um Diário de uma Aventura Solitária no Alaska). Ou seja, essa é a primeira de várias publicações resultantes das expedições que Rockwell viria a fazer no decorrer de sua vida. *Wilderness* traz em seu conteúdo a narração e a descrição das aventuras do artista durante sua estada no Alaska, além de uma série de desenhos ilustrando os locais por ele percorridos.

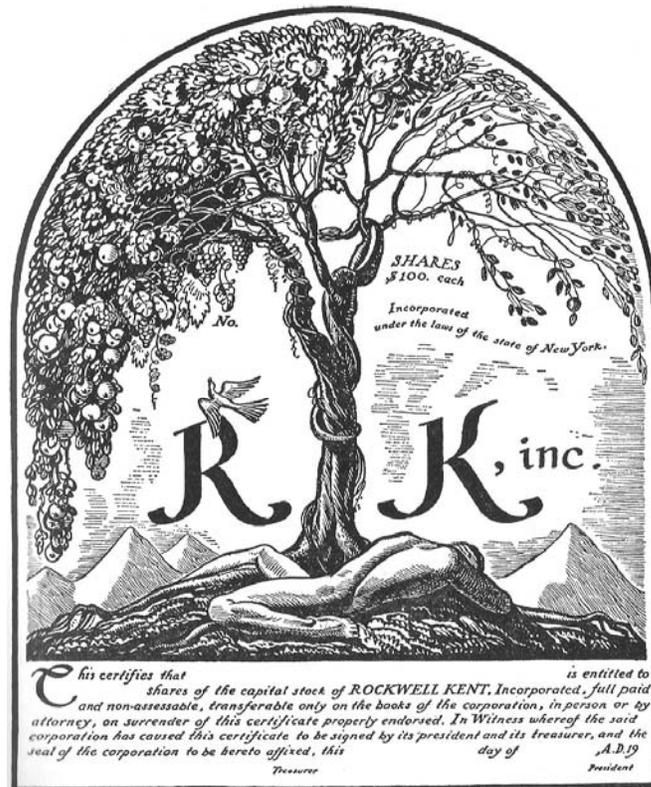
Após a volta para casa, mais uma vez as reservas financeiras se esgotam dando lugar à dívida no valor de mil dólares. Mas, para a sorte de Rockwell, Mrs. Sterner⁶⁹ vem acompanhada pelo intelectual e crítico Christian Brinton para ver seus desenhos produzidos no Alaska, que decide organizar uma exposição de desenhos e pinturas na Galeria Knoedler, chamada *American Way of Life* (Modo de Vida Americano), após pedir à Rockwell que forneça alguns dados sobre sua vida e trabalho no Alaska, para serem colocados na introdução do catálogo. Assim, graças ao sucesso obtido na venda de uma de suas obras de Berkshire para Mr. Howald, apresentado por Daniel e à bem sucedida exposição na Galeria Knoedler, Rockwell acumula mais de dois mil dólares no banco, recurso suficiente para saírem de Nova York, em direção à Vermont⁷⁰, onde compram uma propriedade batizada, posteriormente por Rockwell, com o nome *Egypt* (Egito).

Além dos êxitos obtidos junto à venda e à exposição, Rockwell tem a idéia de montar uma empresa, a *Rockwell Kent Incorporated*⁷¹, na qual haveria sócios dispostos a financiar seus projetos em troca de participação nos lucros obtidos nas vendas de obras e produtos com a marca Rockwell Kent, ou seja, ilustrações, desenhos e pinturas. A idéia foi bem recebida por seu amigo George Putnam, editor da G. P. Putnam & Sons, responsável pela publicação do primeiro livro escrito por Rockwell, *Wilderness: A Journal of Quiet Adventure in Alaska* (Vastidão: Um Diário de uma Aventura Solitária no Alaska), em março de 1920. O negócio atrai outras duas importantes investidoras, Mrs. Whitney e Mrs. Caroline O'Day, compondo a empresa da seguinte maneira: Rockwell investe três mil dólares e os demais outros três mil, perfazendo o total de seis mil dólares e a cada ação adquirida, o investidor recebe um certificado como este:

⁶⁹ KENT. Op.cit, 1955, pp. 339-340.

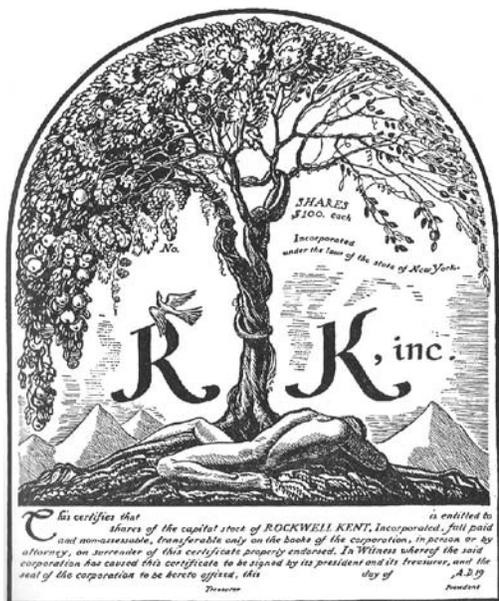
⁷⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 341.

⁷¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 344.

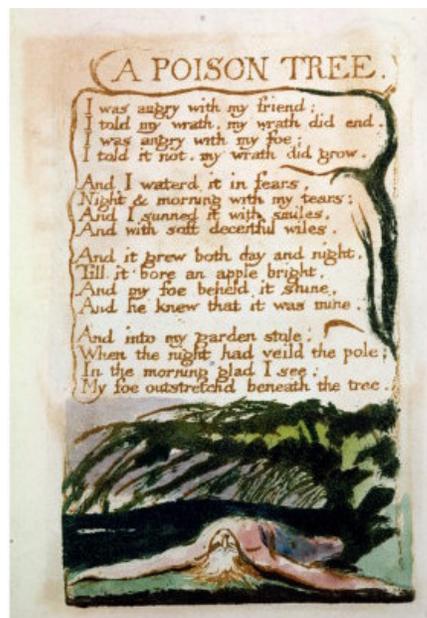


Certificado da *Rockwell Kent Inc.*

Aqui, deve-se abrir novamente um parêntese para demonstrar as semelhanças formais entre o certificado de Rockwell e *A Poison Tree* de Blake, por exemplo, ambos trazem a representação de árvores, contendo figuras humanas deitadas e paisagens ao fundo, além de unirem imagem e texto. Entretanto, se em Blake a árvore se afigura como venenosa, em Rockwell a mesma ocupa o centro da imagem tendo um aspecto frondoso. Se em Blake o texto é uma poesia, em Rockwell, a informação trazida é constituída pelos termos de um certificado de cotas compradas pelo valor de cem dólares cada, segundo a imagem revela. No que concerne a figura humana, aqui se deve salientar as semelhanças, visto que ambas se esparramam pelo solo, muito embora a figura de Rockwell se volte para o fundo sem mostrar o rosto e esteja enrolada junto às raízes da árvore, em cujo caule se percebe uma serpente que a escala. Tanto em Rockwell quanto em Blake, nota-se que ambas as figuras humanas estão mortas, sendo em Rockwell pelo veneno da serpente peçonhenta, e em Blake, pela própria árvore, sem que haja qualquer menção à presença desse tipo de animal. Outra diferença a ser salientada se refere ao fato de que, enquanto Rockwell enrola sua figura em torno da raiz da árvore, Blake a dispõe de braços abertos, tendo a cabeça em primeiro plano com os cabelos esparramados no solo, como se os mesmos fossem penetrá-lo formando uma nova raiz.



Certificado da Rockwell Kent Inc.



William Blake. *A Poison Tree*.

Com a criação da *Rockwell Kent Incorporated*, Rockwell garante para si um bom período de calma financeira, no qual publica de seu diário de viagem, conforme detalhado logo acima, recebendo boa crítica. Isto posto, Rockwell mergulha em seu trabalho concluindo suas pinturas do Alaska para a exposição na Galeria Knoedler, descrita acima, cuja abertura se dá em primeiro de março. Apesar dos ventos soprarem em direção à abstração, Rockwell permanece firme em seu realismo, apresentando ao público “*algo da glória do norte e da felicidade que encontramos por lá*”⁷². Aliás, na capa do catálogo da exposição, Rockwell incorpora algumas palavras de Dostoievski⁷³, gesto este repetido vários anos mais tarde, quando escreve a introdução para o livro *Portinari: His Life and Art*⁷⁴, em 1940, primeira monografia estrangeira de Candido Portinari, na qual introduz as mesmas palavras do autor russo⁷⁵, embora não repita em 1940, a última frase da citação que diz, “*Não fique triste, rapaz; é ainda mais belo porque é um mistério*”.

⁷² ...something of the glory of the North and of the happiness that we found there. KENT. Op. cit, 1955, p. 350, (Trad. da autora).

⁷³ KENT. Op.cit, 1955, p. 350.

⁷⁴ KENT, Rockwell & LEÃO, Josias. *Portinari: His Life and Art*, 1940, p. 5.

⁷⁵ We spent the night, brother, in the open country, and I waked up early in the morning when all was still sleeping and the dear sun had not yet peeped out from behind the forest. I lifted up my head, dear, I gazed about me and sighed. Everywhere beauty passing all utterance! All was still, the air was light; the grass grows – grow, grass of God, the bird sings – Sing, bird of God, the babe cries in the woman’s arms – God be with you little man; grow and be happy, little babe! And it seemed that only then for the first time in my life I took it all in... I lay down again, I slept so sweetly. Life is sweet, dear! And that it’s a mystery makes it only the better; it fills the heart with awe and wonder; and that awe maketh glad the heart. Do not repine, young man; it is even more beautiful because it is a mystery. KENT. Op.cit, p.350, (Trad.da autora).

Passamos a noite, irmão, no campo aberto e eu acordei cedo de manhã quando tudo ainda estava dormindo e o querido sol ainda não havia surgido de trás da floresta. Levantei minha cabeça, querido, olhei por volta de mim e suspirei. Em todos os lugares a beleza passava toda elocução! Tudo estava parado, o ar era leve; a grama cresce – cresça grama de deus, o pássaro canta – cante pássaro de Deus, o bebê chora nos braços da mãe – Deus esteja com você pequeno homem; cresça e seja feliz, pequeno bebê! E pareceu que, então pela primeira vez na minha vida eu compreendi tudo... Eu me deito novamente, dormi tão suavemente. A vida é doce, querido! E que sendo um mistério torna-se melhor; enche o coração de admiração e maravilhamento; e aquela admiração fez feliz o coração. Não fique triste, rapaz; é ainda mais belo porque é um mistério.

Em primeiro de outubro do mesmo ano nasce seu filho caçula, Gordon, completando a família de Rockwell, que consegue viver por alguns anos sem se preocupar com questões financeiras. Na primavera do ano seguinte, Mrs. Sterner organiza mais uma exposição para Rockwell, desta vez na galeria particular dela, a qual é chamada *The Junior Art Patrons of America*⁷⁶ (Os Patronos Jovens da Arte Americana). A galeria abre com uma retrospectiva de pintura americana nas galerias do edifício de Belas Artes em Nova York. Por ter desenhado o logotipo dos *Art Patrons*, uma criança com feixe de trigo nos braços, Rockwell é convidado a ajudar na fatura dos *banners* a serem pendurados na fachada da exposição na qual, apresenta sete pinturas, sendo três de Monhegan e quatro de Vermont, das quais três são vendidas.

Como conseqüência do sucesso que faz, seu círculo de amizades expande ao conhecer Egmont Arens⁷⁷, editor do periódico *The Playboy*, que ao ver os desenhos produzidos por Rockwell no Alaska, decide publicá-los em sua revista. Além disso, é nesta mesma época que seu amigo, Carl Zigrosser⁷⁸ lhe ensina a técnica da xilogravura, embora tenha aplicado a mesma timidamente em sua viagem ao Alaska e, agora, em Vermont, decide se dedicar com maior afinco. Zigrosser apresenta o marchand E.Weyhe, com quem

⁷⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 354.

⁷⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 354.

⁷⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 353.

havia se associado além de incentivá-lo a empregar a xilogravura, utilizando ferramenta de aço sobre madeira para obter traços finos, delicados e precisos, traços estes perfeitamente adequados à técnica precisa de Rockwell.

Além de todos os amigos descritos até agora, Rockwell conhece Ralph Pulitzer⁷⁹ e⁸⁰ - rico e influente editor filho de Joseph Pulitzer, criador do Pulitzer Prize (prêmio conferido aos melhores jornalistas, compositores e literatos norte-americanos) - e sua esposa Frederika Vanderbilt Webb Pulitzer e em uma das visitas que faz a eles, é apresentado ao jornalista Herbert Swope⁸¹ (primeiro ganhador do Pulitzer Prize por sua série de artigos intitulados “Inside the German Empire” (Dentro do Império Alemão) em 1917), a Walter Lippmann⁸² – jornalista, crítico e filósofo que tentou conciliar liberdade e democracia, além de estar em contato com as esferas do poder norte-americano e ser contra o comunismo – a Arthur Krock⁸³ (jornalista ganhador de quatro Pulitzer Prize ao longo de sua vida) e ao crítico Frank Adams, com os quais durante suas conversas com o aventureiro Rockwell, lhe sugerem que vá a Terra do Fogo, na distante América do Sul.

Partindo na primavera de 1922, Rockwell dá início a mais uma longa jornada, desta vez, com a missão de recolher imagens e experiências para serem publicadas por Putnam em um novo livro chamado *Voyaging Southward from the Strait of Magellan*⁸⁴ (Viajando em Direção ao Sul do Estreito de Magalhães), no início da primavera de 1924, um ano após sua volta para casa. Dessa forma, Rockwell passa seus dias enfrentando o clima adverso da região, correndo grandes perigos ao navegar em mares revoltos que desembocam em um naufrágio, a fim de registrar em seus desenhos, pinturas e anotações todo o material necessário para compor o livro e montar mais uma exposição. Após enfrentar grandes adversidades na Terra do Fogo, Rockwell volta para casa em vinte e três de janeiro de 1923⁸⁵ trazendo em sua bagagem algo em torno de vinte pinturas, as quais precisam ser esticadas novamente e retocadas ou finalizadas, além de muitos pequenos estudos para serem concluídos.

Havia muito trabalho por fazer, além das pinturas. Rockwell havia recebido a encomenda de quatro artigos sobre sua viagem para serem publicados na revista mensal

⁷⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 355.

⁸⁰ Ralph Pulitzer. http://en.wikipedia.org/wiki/Ralph_Pulitzer. Último acesso em 10 de outubro de 2008.

⁸¹ Herbert Swope. http://en.wikipedia.org/wiki/Herbert_Swope. Último acesso em 10 de outubro de 2008.

⁸² Walter Lippmann. http://en.wikipedia.org/wiki/Walter_Lippmann. Último acesso em 10 de outubro de 2008.

⁸³ Arthur Krock. http://en.wikipedia.org/wiki/Arthur_Krock. Último acesso em 10 de outubro de 2008.

⁸⁴ KENT, Rockwell. *Voyaging Southward from the Strait of Magellan*, 1999.

⁸⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 376.

Century (Século), esboços a lápis a serem transformados em desenhos a tinta e caneta para ilustrarem os artigos da revista e seu livro, além dos cuidados da sua *Egypt* e, logicamente, sua família que o aguarda. Para Rockwell⁸⁶, a escrita é algo que lhe vem naturalmente e o modo como escreve ocorre com a mesma naturalidade que respirar ou se mover.

Porém, sua relação com Kathleen que nunca havia sido perfeita devido às constantes aventuras amorosas de Rockwell além do excesso de trabalho e viagens, começa a dar sinais de que está próxima do fim e o divórcio acaba sendo oficializado na passagem de 1924 para 1925. Enquanto isso, Rockwell permanece em Nova York, onde reencontra e se envolve com Maureen⁸⁷, uma artista de *boate* conhecida dele desde os tempos de Monhegan, que passa a ajudá-lo com o serviço de datilografia do original de *Voyaging Southward from the Strait of Magellan*⁸⁸ (Viajando em Direção ao Sul do Estreito de Magalhães), além de se tornar amante de Rockwell.

Nesse mesmo momento⁸⁹, entrega quinze grandes pinturas e cinco pequenos painéis produzidos na Terra do Fogo, para serem expostos na Galeria Wildenstein⁹⁰, na Fifth Avenue. A exposição tem grande repercussão, apesar de Rockwell perceber que muitos possíveis compradores estão sendo alienados pelas ditas escolas “modernas”⁹¹, compradores estes que estão se afastando da arte realista. Chega a esta conclusão ao notar a queda nas vendas em comparação às exposições anteriores. Como consequência deste afastamento do mercado, o estoque de suas pinturas aumenta obrigando-o a parar de pintar por um tempo, durante o qual se dedica à ilustração utilizando o velho pseudônimo Hogarth Jr. a fim de garantir o sustento de sua família. Assim, recebe a encomenda da ilustração do livro de poesias *A Basket of Poses*⁹², de autoria de George Chappell.

No dia em que Rockwell entrega suas pinturas para serem expostas na Galeria Wildenstein, um homem estranho chamado Hizzoner⁹³ se aproxima de Rockwell e lhe propõe sociedade. Embora Putnam tente alertar Rockwell sobre o perigo desta associação, Rockwell parte a barco com Hizzoner com destino à Dinamarca e ao chegar ao destino,

⁸⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 378.

⁸⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 380.

⁸⁸ KENT. Op.cit, 1999.

⁸⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 382.

⁹⁰ O Museu de Arte de São Paulo compra muitas de suas obras da Galeria Wildenstein, a partir da década de 1950.

⁹¹ ... “modern”... KENT. Op.cit, 1955, p. 382, (Trad.da autora).

⁹² JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 38.

⁹³ KENT. Op.cit, 1955, p. 380.

descobre em Hizzoner⁹⁴ uma personalidade agressiva, obsessiva e controladora. Rockwell até consegue fugir de Hizzoner por um tempo, mas é obrigado a voltar por questões contratuais. Em uma das fugas, Rockwell vai até Bremen, na Alemanha, a fim de se encontrar com Ludwig Roselius⁹⁵, intelectual abastado com amplos interesses em café, finanças, publicações, propriedades, arte, filosofia, lingüística e história. Aliás, sendo Roselius proprietário de uma editora em Bremen, propõe à Rockwell a publicação em língua alemã de seu livro *Wilderness: A Journal of Quiet Adventure in Alaska* (Vastidão: Um Diário de uma Aventura Solitária no Alaska), fato que o deixa muito feliz. Rockwell ainda encontra outro ponto em comum com Roselius, no que diz respeito à profunda admiração que sentem por Goethe, uma vez que para Rockwell, “*Goethe era, para mim, um realista que através de seus escritos apressou e aprofundou minha resposta à vida*”⁹⁶.

Logo após o encontro com Roselius, Hizzoner exige a volta de Rockwell para perto de si, porém, este o abandona de forma rápida e definitiva em junho de 1925, para ir ao encontro de sua família na França⁹⁷, onde reencontra Kathleen e revê seus cinco filhos, antes de voltar a Vermont. Ainda no verão europeu, Rockwell recebe uma carta vinda dos Estados Unidos com a oferta de mais uma encomenda para a ilustração da edição traduzida por Arthur Machen para as célebres *The Memoirs of Casanova* (As Memórias de Casanova) levando vários meses entre a leitura dos doze volumes e pesquisas sobre os costumes do século XVIII. Nesse ínterim, Rockwell mergulha ao mesmo tempo no trabalho e na solidão, refugiando-se em seu atelier, em meio aos livros, telas, tintas e desenhos. Sem conseguir vencer a solidão, decide mudar-se para Nova York, a fim de morar com sua filha primogênita Kathleen, no Greenwich Village⁹⁸, no início de 1926, onde termina suas telas trazidas da França, prossegue em suas ilustrações de Hogarth Jr. e executa desenhos e xilogravuras.

Mesmo na companhia de sua filha e trabalhando dia e noite em suas pinturas, desenhos e ilustrações, não está satisfeito com a vida que leva e deseja encontrar uma nova mulher, com quem possa recomeçar sua vida de casado. Seus sonhos se realizam a partir do momento em que encontra Frances Lee⁹⁹ e se apaixona por tudo o que ela é e representa.

⁹⁴ KENT. Op.cit, 1955, p. 383.

⁹⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 386.

⁹⁶ Goethe was to me a realist who through his writings quickened and deepened my response to life. KENT. Op.cit, 1955, p. 386, (Trad. da autora).

⁹⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 398.

⁹⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 410.

⁹⁹ KENT. Op.cit, 1955, pp. 413 - 414.

Rockwell a conhece durante um almoço festivo e decide convidá-la para um jantar na noite seguinte, e por mais dezesseis noites até que ela aceita seu pedido de casamento, o qual é celebrado em cinco de abril de 1926. O casamento traz preocupações em relação ao sustento familiar, pois com Frances e seu filho do primeiro casamento, o número de dependentes aumenta proporcionalmente à necessidade de trabalho¹⁰⁰, o qual, felizmente não falta para Rockwell, na medida em que faz ilustrações todos os meses para a joalheria Marcus & Co.¹⁰¹, de Nova York através da agência de propagandas N.W. Ayer & Son. Somando a este salário, Rockwell produz xilogravuras e litogravuras, técnica recém aprendida, além de eventualmente vender pinturas. Rockwell, por exemplo, sente-se à vontade para recusar uma oferta realizada pelo Museu de Detroit por três pinturas, a serem cotadas pelo museu que, por sua vez, deprecia o valor das mesmas, causando a irritação do artista.

Logo em seguida, Rockwell conta com a ajuda de dois amigos, Duncan Phillips, de Washington e Rex Stout, para embarcar com Frances para a Irlanda em uma viagem de quatro meses. Chegando à Irlanda, desembarcam em Dublin¹⁰², onde são muito bem recebidos por serem americanos, uma vez que os Estados Unidos haviam apoiado a Irlanda em sua luta por liberdade há alguns anos. Por todos os lugares que passam, a população os recebe com amizade e consideração e é assim, que após andarem de cidade em cidade, acabam encontrando o paraíso que tanto almejam, em Glenlough¹⁰³. Hospedando-se na casa de Rose e Dan Ward, Rockwell e Frances dão início a uma viagem inesquecível, pelo menos para Rockwell, de quatro meses durante os quais, Rockwell ajuda Dan Ward nos afazeres da pequena propriedade, além de pintar e desenhar, enquanto Frances cuida da casa junto com Rose. No final do quarto mês, Rockwell e Frances¹⁰⁴ decidem que ela deve partir antes para Nova York, com o intuito de encontrar um apartamento para o casal, enquanto ele permanece mais um tempo em Glenlough, terminando suas pinturas.

Ao voltar para Nova York, muda-se para um confortável apartamento em Washington Square¹⁰⁵ (Praça Washington), com espaço suficiente para receber seus filhos e sua ex-mulher, nas ocasiões em que quiserem visitá-lo. Após instalar-se no novo endereço, Rockwell retoma sua rotina produzindo, ainda, as ilustrações mensais para a mesma

¹⁰⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 414.

¹⁰¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 436.

¹⁰² KENT. Op.cit, 1955, pp. 414 - 415.

¹⁰³ KENT. Op.cit, 1955, p. 416.

¹⁰⁴ KENT. Op.cit, 1955, p. 421.

¹⁰⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 422.

joalheria Marcus & Co., de Nova York, através da empresa de propaganda N.W. Ayer & Son até que descobre, por acaso, que a Southern Pacific Railway¹⁰⁶ (Ferrovia do Pacífico Sul) está reproduzindo, sem sua permissão, os desenhos que Rockwell havia feito para o livro *Voyaging Southward from the Strait of Magellan* (Viajando em Direção ao Sul do Estreito de Magalhães), de 1924. Rockwell quase move uma ação judicial contra a Southern Pacific Railway e só não o faz, porque alegam não saber que a N.W. Ayer & Son detém o monopólio sobre a produção dos desenhos e ilustrações de Rockwell e que, tampouco sabem que Rockwell Kent e Hogarth Jr. são a mesma pessoa, na verdade. Apesar de surgirem imitadores que deliberadamente o copiam, o lado bom deste entroveiro está em saber que sua produção em preto e branco está influenciando outros artistas.

Além disso, através de seus amigos Carl Zigrosser¹⁰⁷ e Mr. Weyhe, Rockwell consegue que suas gravuras, isto é, suas xilos e litos comecem a ganhar reconhecimento no mercado de arte totalmente voltado ao *high brow*. Também, a partir desse momento, Egmont Arens¹⁰⁸ passa a atuar no campo do mecenato, através de um contrato junto à firma em que trabalhava Calkins and Holden, para que Rockwell faça uma série de gravuras ilustrando as viaturas de rádio patrulha da empresa American Car and Foundry (Carro Americano e Fundição). Ainda no mesmo ano de 1926, Rockwell recebe outras importantes encomendas¹⁰⁹, sendo a primeira sob a forma de duas telas para a Steinway Company (Companhia Steinway) e, a segunda, em ilustrações da edição do *Candide*, de Voltaire para a Random House, para quem também criou o logotipo utilizado até hoje, além de uma série de ex- líbris para Elmer Adler Pynson Printers.



Logotipo criado por Rockwell Kent para a Random House.

Rockwell relata também que William Kittredge, da editora Lakeside de Chicago o procura propondo a ilustração de uma série de quatro livros, por mil dólares. Após examinar os livros da série, acaba se decidindo por *Moby Dick*, de Herman Melville, ilustração esta que já havia sido apresentada à Rockwell por Zigrosser anos antes. Entretanto, o editor seria

¹⁰⁶ KENT. Op.cit, 1955, pp. 422 - 423.

¹⁰⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 423.

¹⁰⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 423.

¹⁰⁹ KENT. Op.cit, 1955, pp. 430 - 431.

Alfred Knopf, que havia lhe oferecido apenas duzentos dólares, quantia esta rejeitada por Rockwell apesar das dificuldades financeiras em que se encontrava, levando-o a pedir quinhentos dólares pelo serviço. Por consequência, Knopf retira a oferta.

Nesse ínterim, Rockwell compra uma fazenda¹¹⁰ próxima da cidade de Au Sable Forks, em Adirondacks, propriedade posteriormente batizada de *Asgaard*¹¹¹, “casa dos deuses” para a mitologia nórdica, no mês de setembro do ano seguinte e na qual vive o resto de seus dias, apesar da estrada de acesso à propriedade ser péssima. Segundo Rockwell,

O afamado historiador e poeta da Islândia medieval, Snorri Sturluson, ao descrever o mundo como conhecia ou imaginava ser, fala de um centro do mundo e nos conta que “assim como a terra lá é mais adorável e melhor em todos os sentidos do que em outros lugares, também eram os filhos dos homens lá, os mais favorecidos por todos os presentes divinos: sabedoria e força física, beleza e toda forma de conhecimento.” Ele então conta como os deuses, que eram chamados de Aesir, vieram morar lá, eles e suas famílias e “criaram para si no meio do mundo uma cidade a qual é chamada Asgaard”.

Rockwell precisa trabalhar muito para sustentar sua família e para pagar as prestações de sua fazenda, os impostos territoriais e o imposto de renda. Ou seja, Rockwell prossegue em sua árdua rotina pintando, desenhando e cumprindo seus contratos com a N.W. Ayer & Son, com a Lakeside Press de Chicago, conforme descrito acima, além de fazer seus ex-líbris e, ainda assumir mais uma encomenda junto à revista *Adventure* (Aventura), para a qual deve apresentar ilustrações para sua publicação mensal.

No ano seguinte, Rockwell encontra tempo para concluir suas pinturas da Irlanda, as quais são acrescentadas a outras inéditas resultantes de suas viagens ao Alaska, Vermont, Terra do Fogo e França, perfazendo o total de trinta e seis pinturas a serem expostas na

¹¹⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 431.

¹¹¹ The famed historian and poet of medieval Iceland, Snorri Sturluson, in describing the world as he knew or imagined it to be, speaks of the center of the world, and tells us that “even as the land there is lovelier and better in every way than in other places, so also were the sons of men there most favored with all godly gifts: wisdom, and strength of the body, beauty, and all manner of knowledge.” He then tells of how the gods, who were called the Aesir, came to live there, they and their kindred, and “made for themselves in the middle of the world a city which is called *Asgaard*.” KENT. Op.cit, 1955, p. 447, (Trad. da autora).

primavera pela Galeria Wildenstein¹¹², de Nova York. Ainda na mesma estação, Rockwell expõe suas aquarelas e desenhos da Irlanda na Weyhe Gallery¹¹³, obtendo sucesso em ambas. Também ilustra com sessenta e três desenhos, para a Elmer Adler Pynson Printers, o livro de poemas *Dreams and Derisions*¹¹⁴ (Sonhos e Derrisões), de Ralph Pulitzer, sob o pseudônimo de John Burke. Os ventos continuam soprando a favor de Rockwell, pois além de todas as ofertas de trabalho, recebe em 1927 uma herança de cinquenta mil dólares vindos por ocasião da morte da viúva de James Banker, conhecido como The Great Mogul. A herança é perdida anos depois, conforme se verá mais adiante.

Rockwell e Frances passam o verão na pacata cidade Woodstock¹¹⁵, a fim de fugir um pouco da agitação de Nova York, irritante para Rockwell. Entretanto, permanece o tempo todo consciente das injustiças e preconceitos que ocorrem em seu país, através dos jornais. Dentre estas, a mais séria de todas para Rockwell se dá quando escuta J.Cheever Cowdin afirmar que, para ele não importa se Sacco e Vanzetti são inocentes ou culpados, e que devem ser enforcados de qualquer forma. As execuções de Sacco e Vanzetti causam uma comoção geral do povo americano em prol de suas libertações, comoção esta que atrai Rockwell nos últimos dias de vida dos condenados. Como consequência da derrota obtida no movimento em defesa de Sacco e Vanzetti, Rockwell decide protestar escrevendo uma carta para o diretor do Worcester Museum, em Massachussets, na qual anuncia o cancelamento de sua exposição agendada para o outono.

Na passagem de 1927 para 1928, Rockwell é nomeado editor da revista *Creative Art*¹¹⁶ (Arte Criativa), de circulação mensal. Trata-se da versão americana da britânica *Studio*, destinada a promover o trabalho de pintores, escultores e artistas gráficos americanos. Aliás, Rockwell começa o ano com mudanças referentes ao trabalho, sobretudo pelo fato de Rockwell decidir romper seu contrato com a N.W.Ayer & Son¹¹⁷ junto à joalheria Marcus & Co. no outono, após três anos de serviços prestados por ter encontrado uma outra empresa que lhe parece mais rentável, além de achar que três anos de serviços prestados são mais do que suficientes. Na verdade, Rockwell se desilude com a joalheria e sua agência promotora durante um evento anual da Harvard School of Business Administration (Escola Harvard de Administração de Negócios), no qual receberia um

¹¹² KENT. Op.cit, 1955, p. 425.

¹¹³ JOHNSON. Op.cit, 1955, p. 41.

¹¹⁴ KENT. Op.cit, 1955, p. 448.

¹¹⁵ KENT. Op.cit, 1955, pp. 427 – 428.

¹¹⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 448.

¹¹⁷ KENT. Op.cit, 1955, pp. 435 – 436.

prêmio de melhor ilustração de propaganda; entretanto, a joalheria Marcus & Co. decide ficar com cinquenta por cento do valor, dando a outra metade a Rockwell, que ao receber o cheque, devolve imediatamente à joalheria. Rockwell, ainda, intenciona mover um processo contra a joalheria, mas ao descobrir que a mesma havia se aliado à N.W.Ayer & Son e à Harvard, desiste da ação por não ter recursos financeiros suficientes para levar o processo adiante.

A empresa eleita por Rockwell para substituir a antiga é a perfumaria Lenthéric¹¹⁸, subsidiária da Squibb's. Ao ser contratado por intermédio de seu amigo Nathan Horwitt, Rockwell se entusiasma e presta serviços por alguns meses até que resolve pedir demissão. Dos trabalhos realizados para a perfumaria, o único desenho que é publicado, consiste em uma “*figura alada pairando verticalmente acima da terra coberta de neve e derramando bênçãos de suas mãos esticadas para baixo.*”¹¹⁹ A figura se torna símbolo de Natal da empresa a ser pendurado nas vitrines das lojas Lenthéric e reproduzida nos cartões de Natal da empresa.

Em agosto do mesmo ano, Rockwell promove a festa de inauguração de sua fazenda *Asgaard*, reunindo seus familiares e amigos. A partir da inauguração da propriedade, Rockwell começa a se dedicar à produção de laticínios obtidos de seu gado leiteiro. Além disso, a fazenda se torna refúgio para sua produção artística. Em relação à decoração¹²⁰, Rockwell conta que sua casa é repleta de livros e de quadros de todos os tipos, de fotografias de antepassados a gravuras e pinturas, além de mapas de todos os lugares em que esteve viajando ou vivendo. Aliás, em se tratando de viagens realizadas, Rockwell se prepara para mais uma aventura, dessa vez, na Groenlândia¹²¹. A idéia surge justamente na festa de inauguração de *Asgaard*, na qual um amigo seu chamado Arthur Allen, comenta que seu filho está de viagem marcada para a Groenlândia. Ao ouvir isso, Rockwell se lembra de sua leitura da saga de *Njal*, feita vinte anos antes, sobre o heroísmo da descoberta e conquista da Groenlândia. Assim, em dezessete de junho de 1929, Rockwell parte para mais uma aventura em terras geladas.

Após o longo e difícil trajeto durante o qual enfrenta um naufrágio¹²², Rockwell chega à Groenlândia feliz por ter salvo suas tintas, pincéis e algumas telas. Assim, logo

¹¹⁸ KENT. Op.cit, 1955, pp. 436 – 437.

¹¹⁹ ...of a winged figure hovering vertically above the snow-clad earth and dropping blessings from her down-stretched hands. KENT. Op.cit, 1955, p. 437, (Trad.da autora).

¹²⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 434.

¹²¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 439.

¹²² KENT. Op.cit, 1955, p. 441.

retoma seu trabalho recompondo seu material através de certos improvisos, nos quais emprega madeira local para servir de chassis para suas telas, por exemplo. Pintando constantemente, passa seus dias, além de conhecer o antropólogo e explorador, Knud Johan Victor Rasmussen¹²³, o jornalista, escritor e explorador dinamarquês Peter Freuchen¹²⁴, o diretor geral da Groenlândia, Mr. Daugaard-Jensen e o Capitão Hansen.

Além de pintar na Groenlândia, Rockwell tem outra missão: completar as ilustrações de *Moby Dick*, uma vez que necessita estar em contato com a natureza local e seus costumes para cumprir seu contrato de cento e cinquenta e sete desenhos a serem enviados a Bill Kittredge em cinco de novembro. Assim que *Moby Dick* é entregue para publicação, a editora Covici, Friede lhe encomenda ilustrações para uma nova edição de *The Canterbury Tales*¹²⁵ (Os Contos de Canterbury), escritos por Geoffrey Chaucer. As encomendas de Rockwell também incluem um romance de Thornton Wilder, intitulado *The Bridge of San Luis Rey*¹²⁶ (A Ponte de San Luis Rey) e *The Bookplates and Marks of Rockwell Kent*¹²⁷ (Os Ex-líbris e Símbolos de Rockwell Kent).

Ao receber a encomenda, Rockwell sai da Groenlândia em direção à Dinamarca¹²⁸ em setembro do mesmo ano, com o intuito de pesquisar sobre o século XIV inglês para poder proceder às ilustrações encomendadas. Na Dinamarca, Rockwell se hospeda na casa de seu amigo Knud Johan Victor Rasmussen que lhe abre as portas junto à Biblioteca de Copenhagen. Logo após o início de suas pesquisas, entretanto, Rockwell descobre que de todos os períodos ingleses, o século XIV é que menos possui registros visuais. Conseqüentemente, Rockwell é obrigado a seguir as descrições de Chaucer na condução de suas ilustrações.

De volta a *Asgard*, em 1930, após sua grande viagem à Groenlândia e Dinamarca, Rockwell vê três trabalhos seus serem publicados. *Moby Dick*¹²⁹, que sai em edição de luxo e comercial, *The Canterbury Tales* (Os Contos de Canterbury) e *N by E*¹³⁰, diário de viagem de sua autoria amplamente ilustrado sobre sua viagem à Groenlândia, lançado pela

¹²³ Knud Johan Victor Rasmussen. http://www.mnsu.edu/emuseum/information/biography/pqrst/rasmussen_knud.html. Último acesso em 14 de outubro de 2008.

¹²⁴ Peter Freuchen. <http://kirjasto.sci.fi/peterfre.htm>. Último acesso em 14 de outubro de 2008.

¹²⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 442.

¹²⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 448.

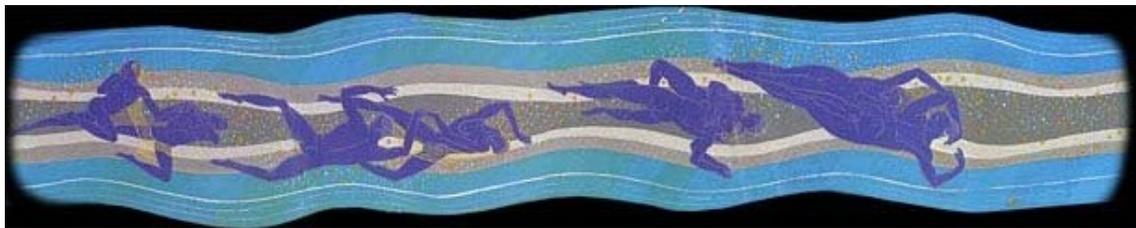
¹²⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 448.

¹²⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 443.

¹²⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 471.

¹³⁰ KENT, Rockwell. *N By E*, 1996.

editora Brewer & Warren. Ainda em 1930, Rockwell é procurado pela Mrs. Edna B. Tweedy, de Nova York a fim de discutir sobre a possível encomenda de um grande mural para um cinema de Denis, em Cape Cod, Massachussets, chamado de *Cape Cinema*¹³¹. A proposta consiste em fazer uma pintura de seis mil e quatrocentos pés quadrados para ser instalada no teto elíptico do teatro. Rockwell se anima com a encomenda, assim ficando combinado que os desenhos seriam feitos por ele com a assistência de Ellen Goldsborough, sua assistente na época, para, posteriormente, serem executados e instalados por um pintor amigo seu chamado, Jo Mielziner. Em relação ao pagamento, Rockwell recebe quinhentos dólares e Jo Mielziner, cinco mil. Entretanto, como Rockwell havia se esquecido da promessa de jamais realizar qualquer tipo de trabalho para a Comunidade de Massachussets desde os assassinatos de Sacco e Vanzetti, ocorridos três anos antes, ao se lembrar de sua promessa, endossa o cheque recebido para Ellen Goldsborough, uma vez que não pode mais voltar atrás desistindo da encomenda.



Via Láctea, mural de Cape Cinema, Cape Cod, Massachussets, 1930.

No final da primavera do ano seguinte, Rockwell e Frances vão para a Dinamarca novamente, a fim de encontrar Knud, pois a intenção de Rockwell é voltar à Groenlândia, para mais uma viagem de aventura e trabalho durante o inverno. Dessa forma, parte deixando Frances na Dinamarca. Ao chegar, escolhe ficar na ilha Igdlorssuit¹³², localizada na costa oeste do país, a duzentas e vinte e cinco milhas do Círculo Ártico, sendo recebido por seu amigo Daugaard-Jensen e pelo administrador da Groenlândia. Estes lhe dão o material necessário para que Rockwell construa uma casa para morar, além de um barco motorizado para sua locomoção pela ilha. Também, através de seus amigos recebe a indicação de uma empregada chamada Salamina¹³³, a qual se torna sua amante, em seguida. No período em que mora em Igdlorssuit, trabalha muito dentro e fora de casa, quando o clima assim lhe permite. De sua nova viagem à Groenlândia, Rockwell escreve e ilustra mais um livro chamado *Salamina*, no qual descreve suas aventuras na ilha, as quais incluem

¹³¹ KENT. Op.cit, 1955, pp. 449 - 450.

¹³² KENT. Op.cit, 1955, pp. 452 - 453.

¹³³ KENT. Op.cit, 1955, pp. 454 - 455.

seu caso com a protagonista que dá nome a mais esta publicação, lançada somente em outubro de 1935 pela Harcourt, Brace & Co¹³⁴.

Em relação ao trabalho desempenhado por Rockwell em Igdlorssuit, quando é forçado a permanecer dentro de casa por razões climáticas, dá continuidade às suas ilustrações para a publicação pela Random House, do *Fausto*¹³⁵, de Goethe, composta por nove desenhos em página dupla e dezoito desenhos em página simples. Ainda, há outras encomendas de ilustrações a serem cumpridas por Rockwell. São elas: *A Birthday Book*¹³⁶ (Um Livro de Aniversário) livro de sua autoria contendo vinte desenhos, *Venus and Adonis* (Vênus e Adonis), de William Shakespeare, composto por vinte e um desenhos e, finalmente *City Child* (Criança da Cidade), de Selma Robinson, com quarenta e duas ilustrações e, em 1932 ilustra *Beowulf*¹³⁷ para a Random House¹³⁸. Rockwell prepara oito ilustrações de página inteira, além de criar letras capitulares. Além de todos esses trabalhos descritos, elabora capas¹³⁹, frontispícios e mais de dezoito pequenas ilustrações para outros livros e propagandas.

Quando consegue trabalhar fora de casa, Rockwell dedica-se à pintura¹⁴⁰ adaptando seu cavalete ao trenó forrado com pele de rena sobre o qual se senta. Assim, Rockwell passa seus dias em quase total isolamento do mundo, uma vez que sua esposa Frances¹⁴¹ tem por hábito não responder às cartas de seu marido, deixando-o amargurado e sem contato por meses. A escassez de notícias e de contato com o mundo exterior dura até a metade de junho de 1933, ou seja, Rockwell está a quase um ano na Groenlândia¹⁴² sem estar a par da real situação na Europa e nos Estados Unidos. Por exemplo, Rockwell ignora a tomada de poder de Hitler, bem como a Grande Depressão que assola os Estados Unidos, após a Queda da Bolsa de Nova York, em 1929. Frances, finalmente rompe o silêncio indo ao seu encontro levando más notícias para Rockwell. Entretanto, ela demora a lhe revelar por não querer aborrecê-lo em seu paraíso. A única coisa que ela lhe diz se refere àquela herança de cinquenta mil dólares recebida por Rockwell em 1927, que havia sido perdida.

¹³⁴ JOHNSON. Op.cit, 1976, p. 130.

¹³⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 455.

¹³⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 448.

¹³⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 448.

¹³⁸ A Random House reedita o antigo poema épico escrito em inglês antigo entre 700 e 1000 d.C.. In: www.lone-star.net/literature/beowulf. Último acesso em 14 de outubro de 2008.

¹³⁹ Rockwell não informa para quem seriam os outros trabalhos que executa nesse período.

¹⁴⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 459.

¹⁴¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 457.

¹⁴² KENT. Op.cit, 1955, pp. 461 – 462.

O capital que havia sido entregue por Rockwell, ainda em 1927, a um amigo vizinho e investidor, é perdido por completo durante a Depressão sem que o artista jamais descubra o verdadeiro destino da quantia.

Mesmo sabendo-se arruinado financeiramente, Rockwell e Frances não voltam imediatamente para casa, decidindo ficar um pouco mais na Groenlândia antes de seguir para a Dinamarca¹⁴³ no outono de 1933, quando voam de volta aos Estados Unidos. A perda de seu capital representa mais uma perda psicológica do que material, já que Rockwell está acostumado a trabalhar arduamente. Dessa forma, Rockwell retoma sua rotina de trabalho em *Asgaard* lutando contra os efeitos da Depressão.

O ano de 1933 ainda é marcado pelo início de seu envolvimento na política local¹⁴⁴ primeiramente, pois desde que comprou sua propriedade em Adirondacks, no Estado de Nova York, descobre uma grande injustiça na cobrança dos impostos estaduais. Ao questionar sobre o valor exorbitante a ser pago, Rockwell começa a perceber que, por trás dos impostos, existe todo um esquema fraudulento de desvio de verbas e má administração, no qual os políticos pagam muito menos nos impostos de suas fazendas. Descontente com o valor a ser pago, decide procurar pelo governante do condado. Sem obter explicações adequadas e justas, Rockwell se une a outros fazendeiros que estão com o mesmo problema. Assim, Rockwell vai à Albany, capital do Estado de Nova York com o intuito de falar com o Governador Lehman, do Partido Republicano. Entretanto, para a surpresa de Rockwell, a corrupção é maior do que ele pensa. Rockwell decide então procurar no Partido Democrático a solução de seus problemas e não encontra, uma vez que ambos os partidos estão envolvidos no esquema, formando o que denomina por “bando”

¹⁴⁵.

Rockwell, entretanto, decide combatê-los através de uma série de reuniões realizadas para discutir o assunto. Mas, o inesperado acontece quando a Igreja se volta contra Rockwell e seu grupo, pois o único espaço que Rockwell havia conseguido para reunir seu grupo pertencia à Igreja. Em resumo, Rockwell perde a batalha contra os políticos, chegando à conclusão de que o que difere Republicanos de Democratas é a visão política de cada um. E que, na realidade, ambos são desonestos.

¹⁴³ KENT. Op.cit, 1955, p. 464.

¹⁴⁴ KENT. Op.cit, 1955, p. 468.

¹⁴⁵ ... “gang”. KENT. Op.cit, 1955, p. 468.

De volta à *Asgaard*, Rockwell ainda enfrenta outro problema. Assim que pode, resolve ligar para Bennett Alfred Cerf (editor e co-fundador da Random House) ¹⁴⁶e¹⁴⁷ para perguntar sobre o andamento da publicação do *Fausto*, de Goethe, uma vez que havia enviado as ilustrações para o impressor alemão, impressão esta que seria publicada pela Random House. Simplesmente, Cerf lhe informa sobre o abandono do projeto, sem que Rockwell tivesse sido avisado e suas ilustrações, devolvidas. Conseqüentemente, Rockwell se vê obrigado a contratar um advogado para reaver seu trabalho, o qual só é recuperado na Alemanha seis meses depois.

Apesar dos problemas, Rockwell é contratado pela gráfica Harcourt, Brace & Co. para publicar mais um livro de sua autoria, intitulado *Rockwellkentiana*¹⁴⁸e¹⁴⁹. Trata-se de um conjunto de reproduções de seus trabalhos, acrescidos por uma antologia dos artigos sobre arte e estética que escreve, além de uma bibliografia e uma lista de impressões elaboradas por Carl Zigrosser. Pronta, a obra é publicada pela Lakeside Press.

Rockwell não é tão afetado pela Depressão dos anos 30¹⁵⁰ quanto os demais artistas norte-americanos, uma vez que a pintura havia deixado de ser sua única fonte de renda e o artista se dedica desse modo, à ilustração de livros e propagandas como meio de subsistência nos tempos difíceis. Ou seja, enquanto milhares de artistas nos Estados Unidos estão desempregados e bancos são fechados, Rockwell não sente tanto os efeitos da forte crise que assola a nação. Assim sendo, a venda de livros e as propagandas seguem ilesas ao impacto da crise e Rockwell continua a receber encomendas além das descritas acima, outras como, *Erewhon*, de Samuel Butler para Limited Editions Club, *Candy* (Doce), de L.M. Alexander para Lakeside Press, além de capas de livros e desenhos para uma edição comemorativa da Lakeside Press. Além de seguir trabalhando para editoras, Rockwell também continua desenvolvendo xilogravuras para a American Car and Foundry¹⁵¹ (Carro Americano e Fundição). Recebe a encomenda de três pinturas para a Steinway, uma série de desenhos em preto e branco para a American Export Line (Linha de Exportação Americana) e um livro comemorativo para a Rahr Malting Company (Companhia Rahr de Maltagem). Ainda nos anos difíceis da Depressão, Rockwell consegue

¹⁴⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 471.

¹⁴⁷ Bennett Alfred Cerf. http://en.wikipedia.org/wiki/Bennett_Cerf. Último acesso em 11 de outubro de 2008.

¹⁴⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 472.

¹⁴⁹ KENT, Rockwell. *Rockwellkentiana*, 1930.

¹⁵⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 472.

¹⁵¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 473.

ter tempo de completar suas mais de quarenta pinturas trazidas da Groenlândia, destinadas à sua Kent Collection.

Assim, passam-se nove meses nos quais Rockwell trabalha arduamente, até que no final de outubro sai de *Asgard* para percorrer o país como palestrante profissional contratado por Colston Leigh¹⁵². Começando pela cidade de Cincinnati, Ohio, Rockwell faz ao todo quarenta e quatro aparições públicas abordando a arte e sua viagem à Groenlândia, através dos temas *In Defence of True Art*¹⁵³ (Em Defesa da Arte Verdadeira) e *Cold Feet and Warm Hearts* (Pés Frios e Corações Quentes). Durante suas palestras Rockwell “citava o desgastado clichê: *Eu não sei nada sobre arte, mas eu sei do que gosto.*”¹⁵⁴ Em suas palestras sobre a Groenlândia¹⁵⁵, Rockwell descreve a beleza do lugar retratado por ele nas pinturas, sobre o povo que vive feliz com o pouco que tem, bem como sobre as qualidades desse mesmo povo. Após completar as quarenta e quatro palestras nas quais é sempre muito bem recebido, no mês de junho do ano seguinte, decide voltar para Igdlorssuit, desta vez com seu filho caçula, Gordon, com a promessa de rever sua esposa na primavera.

A razão principal da volta de Rockwell para a Groenlândia está na necessidade que sente de fugir da desarmonia e da discórdia que percebe em seu país, tristemente representados pela miséria, pelo desemprego e pelo abandono de seus conterrâneos por parte do governo. Na verdade, o que Rockwell almeja nada mais é do que paz para trabalhar em um lugar que denomina por *céu*¹⁵⁶. Ao chegar à Igdlorssuit com seu filho, percebendo que nada havia mudado no local, instala-se com Gordon na mesma casa em que esteve na primeira viagem, tendo Salamina novamente como empregada. Assim que tudo está estabelecido, Rockwell retoma sua rotina de pintura¹⁵⁷, saindo de trenó quando o clima favorece. Porém, quando o clima força a permanência de Rockwell dentro de casa, dedica-se à ilustração. Assim, no início de março de 1935, Rockwell envia para a Dinamarca¹⁵⁸ dois pacotes, contendo cartas para Frances em um e na outra caixa, o manuscrito de *Salamina*, com vinte e duas páginas de ilustrações e sessenta e duas ilustrações de cabeçalhos de capítulos. Na mesma caixa envia igualmente onze grandes ilustrações para o

¹⁵² KENT. Op.cit, 1955, p. 473.

¹⁵³ KENT. Op.cit, 1955, p. 474.

¹⁵⁴ I quoted the time-worn cliché: “I don’t know anything about art, but I know what I like.” KENT. Op.cit, 1955, p. 475, (Trad.da autora).

¹⁵⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 476.

¹⁵⁶ ... Heaven. KENT. Op.cit, 1955, p. 478.

¹⁵⁷ KENT. Op.cit, 1955, pp. 480 – 481.

¹⁵⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 481.

livro *The Saga of Gisli Son of Sour* (A saga de Gisli Filho de Sour), de Ralph B. Allen para Harcourt, Brace & Co..

Entretanto, os planos de rever Frances¹⁵⁹ não se confirmam, já que ela se recusa a se encontrar com o marido em Igdlorssuit, conforme haviam combinado. Tampouco, Rockwell recebe notícias suas, entristecendo e magoando-o profundamente. Em vez de ir à Groenlândia, Frances vai para a Florida, em Miami. Aliás, passam-se meses sem que nenhuma carta dela chegue. Só no mês de março¹⁶⁰ Rockwell recebe uma mensagem vinda dela informando que havia se mudado para Tucson, no estado do Arizona.

Rockwell ainda permanece em Igdlorssuit por mais quatro meses, mesmo assim, antes de voltar para a Dinamarca com Gordon. Desiludido com Frances, Rockwell ocupa seu tempo pintando ao ar livre quando as condições climáticas são favoráveis, ou dentro de casa fazendo ilustrações¹⁶¹ para sua mais nova encomenda para a Doubleday, Doran, da *The Complete Works of William Shakespeare* (Obras Completas de William Shakespeare). Sem concluir o trabalho em Igdlorssuit, Rockwell embarca com Gordon para a Dinamarca e, ao se aproximarem daquele país, é avisado, por telegrama, do grave acidente de carro¹⁶² sofrido por sua esposa na Arizona. Desesperado, muda seus planos de permanência na Europa, voltando imediatamente para os Estados Unidos.

Mas, além da péssima notícia do desastre, Rockwell descobre outra ainda pior, ao saber que Frances havia alugado¹⁶³ *Asgaard* para vizinhos. O aluguel da fazenda jamais esteve nos planos de Rockwell, por considerá-la seu refúgio sagrado, território estritamente pessoal e proibido a estranhos. O motivo pelo qual Frances toma esta atitude se deve ao desespero financeiro em que se encontra durante a viagem longa de seu marido à Groenlândia. Assim que chega ao Arizona, Rockwell escreve um telegrama aos inquilinos de sua propriedade pedindo a eles que a desocupem imediatamente mediante o estorno dos cinco mil dólares pagos, mais todas as pinturas e gravuras de Rockwell que estão na fazenda. Entretanto, a inquilina Mrs. B. se recusa a deixar a “*casa de Mrs. Kent*”¹⁶⁴ imediatamente, conforme a oferta mencionada, partindo apenas no final do contrato.

Em relação aos aluguéis recebidos, Rockwell se recusa a permanecer com os oitocentos dólares resultantes de quatro meses de aluguel, doando-os integralmente ao

¹⁵⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 480.

¹⁶⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 481.

¹⁶¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 481.

¹⁶² KENT. Op.cit, 1955, p. 482.

¹⁶³ KENT. Op.cit, 1955, p. 483.

¹⁶⁴ ... “Mrs. Kent’s house”... KENT. Op.cit, 1955, p. 484, (Trad.da autora).

Partido Comunista da América,¹⁶⁵ em vinte e nove de outubro do mesmo ano, após redigir uma carta endereçada a eles, que respondem agradecendo e informando que boa parte seria utilizada para a defesa de Tom Mooney¹⁶⁶.

Nesse ínterim, Frances consegue se recuperar do grave acidente automobilístico e Rockwell recebe uma encomenda no valor de três mil dólares do Procurement Division of the United States Treasury Department P.W.A. - Public Works Administration¹⁶⁷ (Divisão de Compras do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos P.W.A. – Administração de Obras Públicas), em 1935, para a execução de dois murais para o edifício do correio federal, em Washington. Os murais deveriam ilustrar a imensa extensão dos serviços postais, do Alaska a Porto Rico. Assim, com o intuito de conduzir a encomenda, Rockwell volta ao Alaska revisitando as cidades que conhecia, pesquisando e colhendo dados para a execução de seus murais. Aliás, ao chegar ao Alaska¹⁶⁸, é muito bem recebido por seus antigos amigos, que lhe informam que o território pertence a seus habitantes, ou seja, aos mineiros, mercadores, donos de estabelecimentos comerciais, artesãos, entre outros.

Voltando à *Asgard*, no outono de 1935, uma enorme carga de trabalho¹⁶⁹ o espera nas quarenta e duas ilustrações restantes do *The Complete Works of William Shakespeare* (Obras Completas de William Shakespeare), nos dois murais e em sua mais nova encomenda oferecida por George Macy para a coletânea de poemas de Walt Whitman, *Leaves of Grass*. Além disso, Rockwell precisa ir à Porto Rico a fim de conhecer o local e pesquisar para concluir a produção dos murais. Além disso, em outubro do mesmo ano, *Salamina*¹⁷⁰, diário de suas aventuras na Groenlândia é publicado pela Wesleyan University Press.

E aqui é necessário que se abram parênteses para que seja revelada a dura situação na Europa e nos Estados Unidos, segundo a visão de Rockwell¹⁷¹.

¹⁶⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 484.

¹⁶⁶ Tom Mooney foi um sindicalista envolvido em questões trabalhistas, e que ao envolver-se com o Partido Comunista da América, acaba preso e condenado.

In: <http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/USAmooney.htm>. Último acesso em 15 de outubro de 2008.

¹⁶⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 484.

¹⁶⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 486.

¹⁶⁹ KENT. Op.cit, 1955, pp. 486 – 487.

¹⁷⁰ KENT. Op cit, 1955, p. 454.

¹⁷¹ If any doubt remained that our world had become One, the disastrous effect of the American depression upon all countries but the Soviet Union, and the signs of impending involvement of that country in depression's consequences, must have dispelled it. Against the threatened revolt of the long-suffering European masses, Fascism had raised its head and hand and won to its support all those of every land who held that profits justified the means. In 1922 Mussolini had staged his "March on Rome", and, by the invasion of Ethiopia in 1935, proclaimed the path of Fascism to be war and conquest. In Germany, Hitler had come to

Se restou qualquer dúvida de que nosso mundo havia se tornado Um, o efeito desastroso da depressão americana sobre todos os países, exceto a União Soviética, e os sinais do iminente envolvimento daquele país nas conseqüências da depressão, deve tê-lo disseminado. Contra a ameaçada revolta das há muito sofridas massas européias, o Fascismo havia levantado sua cabeça e mão e conquistado todos aqueles que afirmavam que os lucros gratificavam. Em 1922, Mussolini havia encenado sua “Marcha sobre Roma” e pela invasão da Etiópia em 1935, decretou que o caminho do Fascismo era a guerra e a conquista. Na Alemanha, Hitler havia tomado o poder e, denunciando as cláusulas do desarmamento do Tratado de Versailles, havia começado – e com a ajuda americana – a construção do poder e a efetivação dos atos que levariam à guerra. No Extremo Oriente, a Manchúria havia sido invadida; o Japão estava se qualificando para ser membro do Eixo.

E Rockwell continua logo em seguida:

Não há melhor evidência da liberdade de expressão e opinião que prevaleceu durante as administrações Roosevelt do que a consciência popular e muito difundida de eventos na política nacional e estrangeira e de suas implicações. Nosso povo reconhecia os sinais da possível iminente guerra; e com suas memórias da Primeira Guerra Mundial ainda frescas, foram devidamente alertados a evitar o envolvimento nela.

Dessa forma, diante do panorama mundial exposto acima, Rockwell inicia uma fase na qual seu engajamento nas questões político-sociais se fortalece. Um exemplo disso ocorre no mês de novembro de 1935, quando se envolve em uma greve de seiscentos

power and, denouncing the disarmament clauses of the Treaty of Versailles, had begun – and with American help – the building of the power and the commission of the acts that were to lead to war. In the Far East, Manchuria had been invaded; Japan was qualifying for her Axis partnership.

There is no better evidence of the freedom of expression and opinion that prevailed during the Roosevelt Administrations than the widespread, popular awareness of events in national and foreign politics, and of their implications. Our people recognized the signs of possibly impending war; and, with their memories of World War I still fresh, were properly alerted to avoid involvement in it. KENT. Op.cit, 1955, p. 487, (Trad. da autora).

trabalhadores de uma jazida de mármore¹⁷² em Vermont. Ao chegar à jazida, Rockwell é imediatamente levado ao líder organizador da greve, Norman Tallentire e, após uma conversa com este, decide defender os marmoreiros em sua causa, por perceber a miserável condição em que viviam. Passados quase quatro meses de greve, os grevistas desistem da luta, em fevereiro de 1936.

Assim, do contato com o “criador de caso”¹⁷³ Norman Tallentire, Rockwell acaba se afiliando à International Workers Order¹⁷⁴ – I.W.O. (Ordem Internacional dos Trabalhadores), organização que acolhe todos os cidadãos norte-americanos independentemente de cor, raça, sexo, credo ou afiliação política, em prol dos direitos dos trabalhadores, lutando por empregos e melhores condições de trabalho. Rockwell participa igualmente de um movimento artístico realizado na prefeitura de Nova York em quatorze de fevereiro de 1936, chamado Artists Congress¹⁷⁵ (Congresso dos Artistas). A intenção dos artistas que lançam o Artists Congress é denunciar o perigo do Fascismo evidenciando a difícil e delicada situação dos Estados Unidos durante a Depressão. Dentre os palestrantes do congresso, estão Rockwell, que discursa acerca de sua viagem à Groenlândia, seu amigo Paul Manship, Stuart Davis, entre outros. Aliás, Rockwell decide se afiliar a todo e qualquer movimento que lute em prol de justiça, paz, liberdade, democracia e trabalho¹⁷⁶, pois Rockwell percebe que o Fascismo¹⁷⁷, sacralizado pelo governo americano, havia contaminado os Estados Unidos através de violentos atos contra a paz, a democracia e a justiça, ao mesmo tempo em que o Comunismo havia sido declarado como demoníaco. Aqui, deve-se abrir um parêntese para refletir sobre o modo de pensar de Rockwell, pois, o autor se refere em 1954, ano em que escreve sua segunda autobiografia a ser lançada no ano seguinte, para discorrer sobre fatos acontecidos ainda durante a década de 30. No capítulo quatro essas questões são retomadas com maior detalhamento.

Ainda no início de 1936, Rockwell é procurado por Browder¹⁷⁸ e Ford para que se afilie ao Partido Comunista ocupando o cargo de conselheiro titular dos profissionais pró-Browder e Ford, assim, dando o pontapé inicial na carreira política de Rockwell. Dessa maneira, Rockwell endossa as premissas da plataforma política, as quais pregam a luta

¹⁷² KENT. Op.cit, 1955, pp. 489 – 490.

¹⁷³ ... “rabble rouser”. KENT. Op.cit, 1955, p. 490.

¹⁷⁴ KENT. Op.cit, 1955, pp. 491 - 492.

¹⁷⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 487.

¹⁷⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 493.

¹⁷⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 493.

¹⁷⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 572.

contra o avanço do fascismo e a iminente guerra, além de propor a defesa dos interesses americanos combatendo a crise que assola o país inteiro.



Distintivo do Partido Comunista liderado por Browder e Ford, 1936.

Assim, consciente do seu compromisso artístico assumido perante o Procurement Division of the United States Treasury Department P.W.A. - Public Works Administration¹⁷⁹ (Divisão de Compras do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos P.W.A. – Administração de Obras Públicas), Rockwell vai a Porto Rico¹⁸⁰ em julho de 1936, sem saber quase nada sobre o local, a fim de passar uma semana pesquisando sobre o povo e seus costumes, para a conclusão de seus murais para o edifício dos correios, em Washington. Chegando a Porto Rico depara-se com um povo empobrecido e sofrido, vivendo em um local absolutamente paradisíaco e precário, e lutando para se libertar dos Estados Unidos. Sendo a encomenda recebida por Rockwell uma apologia aos serviços prestados ao povo pelo correio do país colonizador, sente que é preciso fazer algo por aquele povo sofrido.

Dessa forma, completa seus murais na metade do verão de 1937¹⁸¹, com o seguinte tema: em uma das pinturas representa um grupo de esquimós com times de cães e renas esperando a saída de um avião postal e, na segunda pintura um grupo de mulheres porto-riquenhas de etnia negróide recebendo uma carta escrita em língua esquimó, vinda de correio aéreo. Ao instalar os murais no edifício dos correios em quatro de setembro, Miss Ruby Black¹⁸², interessada nas questões do povo porto-riquenho, decide conhecer os painéis de Rockwell e, ao se deparar com uma carta localizada na mão de uma das figuras, começa a tentar entender o que está escrito. Sem obter êxito, percorre diversos locais, entre

¹⁷⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 484.

¹⁸⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 501.

¹⁸¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 501.

¹⁸² KENT. Op.cit, 1955, p. 502.

os quais o Smithsonian Institution, a fim de encontrar alguém que seja capaz de decifrar aquela língua diferente. Após muitas tentativas fracassadas, finalmente encontra no explorador ártico Vilhjalmur Steffanson¹⁸³, a resposta para o enigma. O que a carta traz é o seguinte: “*Para os povos de Porto Rico, nossos amigos: Vão em frente, vamos mudar de chefes. Somente isso pode nos tornar iguais e livres*”¹⁸⁴. Assim que decifra o enigma da mensagem, Miss Black¹⁸⁵ publica o resultado de seu achado nos jornais de Washington e de Nova York, sem que haja muita repercussão sobre o caso, nem tampouco que a pintura sofra alteração. Logo após o escândalo provocado pela revelação do conteúdo da carta, Rockwell é convidado de Mrs. Roosevelt¹⁸⁶ para um jantar na Casa Branca, ocasião em que a primeira dama resolve interpelá-lo sobre sua afiliação ao Partido Comunista, ao que Rockwell responde afirmativamente.

Outro fator a ser mencionado consiste na revolta¹⁸⁷ ocorrida em Porto Rico, antes da visita de Rockwell, na qual os nacionalistas matam um oficial americano, chefe de polícia em San Juan, fato que culmina na prisão do chefe dos nacionalistas, Albizu Campos. Ao tomar ciência da violência em Porto Rico, Rockwell decide voltar para lá no final de 1937, um pouco antes de sua vinda ao Brasil, a qual se dá no final do mês de novembro.

Durante o mês de outubro, entretanto, Rockwell é acusado de ser comunista pelo Comitê Martin Dies - comitê responsável pela investigação de subversões e pela caça a comunistas -, acusação esta negada por Rockwell através de uma carta, apesar de ter assumido ser comunista para a primeira dama¹⁸⁸ anteriormente durante o jantar na Casa Branca, conforme mencionado anteriormente nesse mesmo capítulo.

No mês de janeiro de 1937, Rockwell parte para mais uma turnê de três meses de palestras, contratado por Colston Leigh, “*apesar de temer ser palestrante e considerar a atividade uma vergonhosa profissionalização da personalidade de alguém.*”¹⁸⁹ Assim, realizando sua primeira palestra intitulada *Art is for Everybody* (Arte é para Todo o Mundo) em seis de janeiro, no Massachussets, a segunda em New Jersey, a terceira no Maine, chega

¹⁸³ Vilhjalmur Steffanson. <http://www.harvardsquarelibrary.org/unitarians/stefansson.html>. Último acesso em 16 de outubro de 2008.

¹⁸⁴ “To the peoples of Puerto Rico, our friends: Go ahead, let us change chiefs. That alone can make us equal and free”. KENT. Op.cit, 1955, p. 502, (Trad.da autora).

¹⁸⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 503.

¹⁸⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 504.

¹⁸⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 504.

¹⁸⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 504.

¹⁸⁹ Though I feared lecturing and felt it to be a rather shameful professionalizing of one’s personality... KENT. Op.cit, 1955, p. 496, (Trad. da autora).

até a última em dezoito de março, no Oregon, cumprindo o total de quarenta e nove palestras em vinte e dois estados.

Assim que retorna de sua turnê de palestras, Rockwell recebe a encomenda de um folder¹⁹⁰ a ser utilizado na arrecadação de fundos para a National Society for the Prevention of Blindness (Sociedade Nacional para a Prevenção da Cegueira). Igualmente, recebe a encomenda anual de um grande calendário para a General Electric Company¹⁹¹, a ser elaborado livremente por Rockwell, guardadas as adequações aos meses representados.

Posteriormente, no mês de junho, após o National Committee for People's Rights (Comitê Nacional pelos Direitos do Povo) ter nomeado Rockwell para o cargo de presidente do comitê e o encarregado com Jerome Davis de virem ao Brasil, como observadores políticos, tanto a serviço do comitê supracitado, quanto do Joint Committee for The Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro), o embaixador brasileiro em Washington, Oswaldo Aranha¹⁹², concede carta de apresentação à Rockwell para uma viagem de nove dias ao Rio de Janeiro. A viagem possui objetivos bastante claros: localizar o paradeiro do prisioneiro político de Vargas, Luís Carlos Prestes¹⁹³, ocorrido um pouco antes do golpe de estado, observar o avanço do Fascismo, promovido por ditadores no Hemisfério Sul, *“através das crescentes supressões governamentais das liberdades civis e das prisões arbitrarias de seus líderes oposicionistas... impostos ao povo do Brasil”*¹⁹⁴ e estabelecer contato com todos aqueles que se opõem ao ditador.



¹⁹⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 515.

¹⁹¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 515.

¹⁹² KENT. Rockwell. “Brazil and Vargas”. *Life and Letters Today* 18, n.12, 1938, pp.15 – 27, p. 15.

¹⁹³ KENT. Op.cit, 1938, p. 17.

¹⁹⁴ ... through increasing governmental suppressions of civil liberties and the imprisonment of opposition leaders... imposed upon the people of Brazil. KENT. Op.cit, 1955, p. 507, (Trad. da autora).

Com o planejamento da viagem concluído em junho, Rockwell e Jerome Davis chegam ao Brasil no dia 25 de novembro. Porém, antes do desembarque no Rio de Janeiro, ambos decidem passar em Porto Rico¹⁹⁵, onde Rockwell decide sair em defesa dos acusados pelo massacre de Poncé, carnificina ocorrida durante um desfile de domingo de ramos, no qual dezoito pessoas são mortas e por volta de duzentas são feridas. Devido ao massacre, doze membros do Partido dos Nacionalistas foram presos e julgados e, durante este julgamento, Rockwell decide participar defendendo-os, uma vez que apóia a libertação de Porto Rico. Mesmo com a recomendação do marechal da Corte Federal de Porto Rico para que desista da idéia de ir à Porto Rico e, apesar do telegrama enviado assinado por um político, no qual se descobre *persona non grata*¹⁹⁶, Rockwell insiste em desembarcar em Porto Rico para participar do julgamento. Ao desembarcar, Rockwell é muito bem recebido pelo povo porto-riquenho, não obstante os ataques dos jornais e se encaminha ao fórum, assistindo ao julgamento de condenação dos doze acusados pelo massacre.

Embora não haja relatos sobre o desembarque de Jerome Davis em Porto Rico, da viagem de nove dias ao Rio de Janeiro, o relatório “Brazil and Vargas”¹⁹⁷ (O Brasil e Vargas) é escrito em 1937 e publicado na Revista *Life and Letters Today* (Vida e Cartas Hoje) no ano seguinte, na Inglaterra. Publicado em uma revista especializada em literatura e escritos de artistas, o relatório de Rockwell narra suas aventuras ao ser recolhido pela polícia secreta de Vargas a fim de prestar esclarecimentos acerca de uma lista com nome de prisioneiros políticos, lista esta que inclui o nome de Luís Carlos Prestes. Assim, após descrever a situação política brasileira, na qual compara Vargas a Luís XIV, conclui seu relatório seguindo os conselhos do embaixador brasileiro Oswaldo Aranha, para que cuide bem das palavras a fim de não causar qualquer constrangimento diplomático entre os Estados Unidos e o Brasil. Além disso, Rockwell declara em sua autobiografia *It's Me O Lord*¹⁹⁸ ter entrado em contato com um grupo de liberais corajosos e bem informados, sem, contudo revelar os nomes. Aqui é necessário que se considere o termo liberais com a consciência de que, para a época seu sentido se vinculava às pessoas contrárias a política ditatorial de Vargas, ou seja, pessoas que lutavam pela igualdade de direitos, pela liberdade

¹⁹⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 506.

¹⁹⁶ KENT. Op.cit, 1955, pp. 506 – 507.

¹⁹⁷ KENT, Rockwell. “Brazil and Vargas”. *Life and Letters Today* 18, n.12, 1938, pp. 15 – 27.

¹⁹⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 508.

aos prisioneiros políticos e pela democracia. Ao longo dos próximos capítulos as implicações sobre a viagem e seu relatório, em duas versões – “Brazilian Report”¹⁹⁹ (Relatório Brasileiro) e “Brazil and Vargas”²⁰⁰ (Brasil e Vargas), serão devidamente esmiuçadas.

Aliás, a viagem de Rockwell ao Brasil não consiste apenas em uma investigação minuciosa sobre a situação política brasileira, pois não se deve esquecer de que Rockwell é um artista e, como tal, jamais dissocia a arte da democracia. Assim sendo, em uma primeira autobiografia concluída em 1940, chamada *This is My Own*²⁰¹ (Esta é Minha Própria), Rockwell, ao se posicionar com clareza em relação às suas idéias sobre arte e democracia, declara que a arte, o lazer e o contentamento são subprodutos da vida. Aliás, nos Estados Unidos, faz tudo o que pode como artista²⁰² e como cidadão para promover a paz, a justiça, o direito ao trabalho e a democracia através de abaixo-assinados, petições e palestras. Porém, segundo o autor, tudo o que faz é em vão, ou seja, o governo se recusa a ouvir a voz dos milhões de desempregados norte americanos.

Após voltar do Brasil e redigir seu longo relatório publicado somente no ano seguinte, o qual possui diversos rascunhos com trechos excluídos, acrescentados e alterados e que serão analisados no capítulo três, Rockwell acusa o regime de Vargas por seu caráter fascista e ditatorial em seu relatório de 1938 “Brazil and Vargas”, mas muda de opinião em *It's Me O Lord*²⁰³, livro publicado em 1955, no qual afirma que o Brasil não vive sob os ditames do Fascismo, contrariando a opinião norte- americana, de que o Fascismo controla o Brasil. Além disso, Rockwell propõe em 1955 que o governo norte-americano auto declarado antifascista até então, na realidade é fascista - questões a serem analisadas no capítulo três da presente dissertação.

Embora não haja qualquer informação precisa sobre o início da amizade entre Rockwell Kent e Candido Portinari nem nos Archives of American Art (Arquivos de Arte Americana) nem nos arquivos do Projeto Portinari, uma hipótese para tal relacionamento pode estar nas pistas que Rockwell deixa em sua autobiografia de 1955, quando afirma ter travado contatos diversos com liberais corajosos e Portinari poderia ser um deles, embora Rockwell não cite nomes e nem forneça maiores detalhes sobre a questão. Assim, inicia-se

¹⁹⁹ KENT, Rockwell. “Brazilian Report”. Reel 5164, frames, 185 – 208, Smithsonian Institution.

²⁰⁰ KENT. Op.cit, 1938.

²⁰¹ KENT. Rockwell. *This is My Own*, 1940, p. 290.

²⁰² KENT. Op.cit, 1955, p. 511.

²⁰³ KENT. Op.cit, 1955, p. 508.

um período de intensa correspondência entre ambos, que vai de 1938 a 1940, através de cartas que tratam exclusivamente de questões artísticas, as quais englobam a ida de Portinari à Nova York para expor suas obras no Pavilhão Brasileiro da Feira Mundial, além do envio de obras a serem fotografadas para a monografia escrita por Rockwell, intitulada *Portinari: His Life and Art*²⁰⁴ (Portinari: Sua Vida e Arte) e lançada a três de novembro de 1940 pela University of Chicago Press (Editora da Universidade de Chicago). Entretanto, uma das cartas escritas por Rockwell a Portinari em vinte e dois de janeiro de 1938²⁰⁵ contém um trecho bastante revelador em relação à hipótese aventada logo acima, sobre os liberais corajosos na qual, Portinari pode estar incluído por ser um artista e cidadão de voz ativa na sociedade da época. Portinari, aliás, parece ter conhecimento sobre a existência desse relatório sobre a viagem de Rockwell ao Brasil, em 1937. Na referida carta Rockwell diz a Portinari, entre outras coisas:

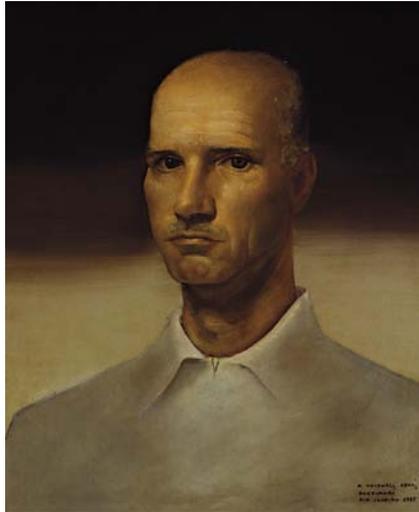
Eu ainda estou trabalhando arduamente, não tendo ainda completado meu relatório sobre minha viagem ao Brasil. Quando aquele relatório estiver completo e impresso, enviarei para você algumas cópias dele, confiando que terão permissão de chegar até você.

Além disso, Portinari, por encomenda, pinta um retrato a óleo de Rockwell Kent, em 1937. À direita, no canto inferior da tela, lê-se uma dedicatória contendo as seguintes palavras: *À Rockwell Kent Portinari Rio de Janeiro, 1937*. Provavelmente a obra foi realizada a partir de uma fotografia²⁰⁶ segundo o Projeto Portinari. Após ser pintada, a obra foi enviada à Rockwell, que a guardou até sua morte, em 1971. No terceiro capítulo da presente dissertação ver-se-ão mais detalhes sobre a relação que se torna conflituosa entre ambos os artistas, através das correspondências trocadas, além da discussão sobre a referida pintura.

²⁰⁴ LEÃO, Josias & Kent, Rockwell. *Portinari: His Life and Art*, 1940.

²⁰⁵ I am still working very hard, not having yet completed my report on my trip to Brazil. When that report is completed and printed, I'll send you some copies of it, trusting that they may be allowed to go through to you. Carta enviada em 22 de janeiro de 1938. Documento obtido junto ao Projeto Portinari, RJ.

²⁰⁶ Informação obtida junto ao Projeto Portinari, RJ.



Candido Portinari. *Portrait of Rockwell Kent*, oil, 55 x 46 cm, 1937, MAB-FAAP.

Ao mesmo tempo em que Rockwell e Portinari trocam correspondências, Rockwell retoma sua rotina de trabalho artístico, em 1938, em *Asgard*²⁰⁷. A partir desse momento, prefere se afastar das exposições por considerar o mercado de arte desvantajoso e por estar cansado de transportar suas obras para Nova York. Assim, decide permanecer em sua propriedade dedicando-se à pintura, ao desenho e à gravura para compor sua tão sonhada *Kent Collection*, em franco crescimento, e às encomendas incessantes.

Ainda em 1938, Rockwell recebe outra encomenda da General Electric Company²⁰⁸, empresa que havia lhe encarregado de elaborar os calendários anuais e, que agora o contrata para a execução de um grande mural a ser exibido no Pavilhão G&E na Feira Mundial de Nova York. Durante o período de execução do mural, Rockwell é obrigado a passar o inverno, em Nova York, trabalhando arduamente e freqüentando reuniões. A execução do mural requer a contratação de dois pintores²⁰⁹ auxiliares, escolhidos por serem membros da Artists Union (Sindicato dos Artistas) e assim que o trabalho é concluído, Rockwell acrescenta às assinaturas, as iniciais dos sindicatos aos quais pertencem. A atitude de Rockwell gera grande confusão, pois, associado há pouco ao United Scenic Artists, Brotherhood of Painters, Decorators and Paperhangers AFL (Artistas Cênicos Unidos, Irmandade de Pintores, Decoradores e Cartazistas), coloca as iniciais deste sindicato ao lado de sua assinatura e das iniciais CIO correspondentes ao Artists Union (Sindicato dos Artistas). Como consequência, Rockwell é processado e expulso da AFL,

²⁰⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 512.

²⁰⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 515.

²⁰⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 516.

por unir duas entidades rivais em um mesmo trabalho e, por priorizar a CIO em detrimento da outra.

Porém, antes de ir à Nova York com o intuito de executar o mural para a Feira Mundial, Rockwell é nomeado vice-presidente²¹⁰ da International Workers Order – I.W.O. (Ordem Internacional dos Trabalhadores) no mês de maio de 1938, ocasião na qual discursa para a American League for Peace and Democracy (Liga Americana pela Paz e Democracia) sobre o tema *The Enemies of Democracy* (Os Inimigos da Democracia). Durante o período em que permanece em Nova York, Rockwell realiza uma palestra durante um jantar dos ex-alunos da escola Horace Mann²¹¹, durante o qual discursa sobre a paz a democracia e o trabalho, após lembrar a todos sobre seus dias de estudante na Horace Mann School (Escola Horace Mann). Com a piora da situação política e econômica nos Estados Unidos, situação esta que afeta diretamente aos trabalhadores, Rockwell vê a miséria aumentar, o desemprego disparar e, conseqüentemente a censura apertar. É nesse clima que a Feira Mundial é inaugurada em trinta de abril de 1939. Rockwell participa com o mural pintado sob encomenda da G&E e Portinari²¹², que havia vendido a tela *O Morro*, para o Modern Art Museum (Museu de Arte Moderna) de Nova York no ano anterior, envia três painéis representando respectivamente o *Nordeste*, *Sul* e *Centro Oeste* para o pavilhão brasileiro da Feira Mundial. Em tempos tão difíceis como estes em que obras são censuradas²¹³ e destruídas e projetos, como o Theatre Project, cancelados pelo governo, Rockwell²¹⁴, propõe uma arte que represente o cenário americano realisticamente.

De volta à *Asgard* no outono de 1939, Rockwell recebe uma encomenda que lhe traz problemas, pois os editores Wise and Company de um livro chamado *World Famous Paintings*²¹⁵ (Pinturas Famosas do Mundo) lhe oferecem cem dólares para ler o texto do livro e comentá-lo. Sem gostar muito do livro, Rockwell cumpre o trato. Porém, passadas algumas semanas, Rockwell resolve ligar para os editores a fim de comentar sobre algum pequeno detalhe esquecido e, ao ir pessoalmente ao escritório, vê um cartaz propagandeando o livro *World Famous Paintings*, escrito por Rockwell Kent. Após uma imensa confusão e briga, a editora reconhece o erro, volta atrás e lhe encomenda a redação

²¹⁰ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 64.

²¹¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 521.

²¹² FABRIS, Annateresa. *Portinari, Pintor Social*, 1990, p. 11.

²¹³ KENT. Op.cit, 1955, p. 518.

²¹⁴ KENT. Op.cit, 1955, p. 520.

²¹⁵ KENT. Op.cit, 1955, pp. 523 – 525.

da obra, com todos os créditos. Finalmente, após muita insistência, Rockwell aceita executar o trabalho por dez mil dólares.

Outro fato desesperador ocorre em sua vida, ao descobrir em setembro do mesmo ano, através de seu amigo pintor, Alec James, que George Chappell²¹⁶, velho amigo e expatrão de Rockwell na Ewing & Chappell, que há décadas vinha armazenando as pinturas de Rockwell produzidas em Monhegan, na verdade estava vendendo as obras à revelia de Rockwell. Profundamente indignado e revoltado com a traição de seu amigo, Rockwell decide procurá-lo, após várias tentativas de contato fracassadas desde o ano de 1934. Assumindo o erro cometido, Chappell finalmente dá sinais de vida à Rockwell, dizendo que cometeu o erro por estar endividado. Porém, o inevitável já havia acontecido: muito do que Rockwell produziu havia sido vendido e Chappell apenas lhe devolve doze pequenas telas de Monhegan. Entretanto, não termina com a morte de Chappell em 1949²¹⁷, Rockwell entra em contato com a viúva pedindo que lhe devolva a correspondência trocada entre ambos, uma vez que Rockwell intenciona redigir uma autobiografia a qual seria publicada em 1955, com o título *It's Me O Lord*; porém, não apenas descobre que a correspondência havia sido destruída por ela logo após a morte de Chappell como ao entrarem sua casa, Rockwell se depara com uma das pinturas de Monhegan e descobre que esta já havia sido prometida ao filho do casal. Dez anos antes, Rockwell acreditou ter recuperado tudo o que não foi vendido e, agora se depara com mais esse dissabor.

Nos dias onze e doze de outubro Rockwell frequenta a Conference on Inter-American Relations in the Field of Art²¹⁸ (Conferência sobre as Relações Interamericanas no Campo da Arte), evento patrocinado pelo Department of State (Departamento de Estado), em Washington. A conferência, destinada à discussão sobre a integração dos povos durante a crise, foi assistida por artistas, críticos, educadores, funcionários públicos e diretores de arte e de museus de arte.

Além de ser um ano de grandes novidades no trabalho, como a Feira Mundial, a escrita de mais um livro de sua autoria, chamado *This is My Own*²¹⁹, redigido em tempos de desemprego, crise e censura o ano de 1939 ainda traz uma mudança em sua vida pessoal. Frances e Rockwell se divorciam²²⁰. Os motivos do divórcio são claros: excesso de trabalho

²¹⁶ KENT. Op.cit, 1955, pp. 535 – 536.

²¹⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 538.

²¹⁸ LEÃO & KENT. Op.cit, 1940, p. 5.

²¹⁹ KENT. *This is My Own*, 1940.

²²⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 529.

e solidão de ambas as partes. Entretanto, Rockwell não fica muito tempo sozinho, pois necessita urgentemente de alguém que substitua Frances no cargo de secretária, alguém que entenda sua difícil e miúda caligrafia, datilografe seus manuscritos para serem encaminhados às editoras, organize suas correspondências e cuide dos afazeres burocráticos e, principalmente lhe faça companhia, enquanto trabalha em seu atelier. Dessa maneira, Rockwell obtém a indicação de uma moça através de um amigo e, após algumas semanas, recebe uma carta em dezembro de Miss Shirley Johnstone²²¹, de Nova York, oferecendo-se para ocupar o cargo. Ao encontrá-la, imediatamente a chama para fazer uma experiência de trabalho em seu atelier de *Asgaard*, no dia dois de janeiro de 1940 e ao aprovar o serviço da jovem contratada Sally Johnstone²²² - Rockwell troca o nome dela fazendo uma homenagem ao nome de sua mãe – apaixonou-se pela mesma, provocando sua fuga imediata.. Finalmente, ela volta dias mais tarde, após Rockwell procurá-la e eles se casam em Vermont, no dia dez de maio do mesmo ano. A união dura até a morte de Rockwell, em 1971. Ao todo, Rockwell tem três casamentos no decorrer de sua longa vida, a saber, com Kathleen, Frances e Sally²²³.

Ainda no ano de 1939, Rockwell recebe a encomenda da National Tuberculosis Association²²⁴ (Associação Nacional de Tuberculose) para a execução de um selo de Natal, a ser vendido no ano seguinte com a finalidade de arrecadar fundos para o combate da tuberculose. Rockwell se dá conta durante a execução da encomenda de que, a tuberculose também é causada pela miséria, um grave problema social a ser atacado e que merece seu engajamento. Assim que o selo é finalizado, Rockwell se dirige à Washington, onde encontrando o Presidente²²⁵, conversam sobre a situação da China comunista, enquanto Rockwell lhe entrega o selo, falando sobre a necessidade do combate à tuberculose, uma doença social. Em relação ao engajamento na luta contra a tuberculose, Rockwell inicia uma série de palestras sobre o assunto indo até Wilmington, Delaware, após cruzar o país.

Também nesse período Rockwell retoma uma antiga especialidade sua, exercida logo no início de sua carreira aos quinze anos de idade: a pintura em porcelana; porém, com a diferença de que agora executa apenas os desenhos e não mais as peças em si, como fazia aos quinze anos de idade, desenhos estes posteriormente impressos sobre a porcelana pela

²²¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 530.

²²² KENT. Op.cit, 1955, pp. 530 – 531.

²²³ KENT. Op.cit, 1955, p. 531.

²²⁴ KENT. Op.cit, 1955, p. 534.

²²⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 534.

empresa Vernon Kilns²²⁶ (Fornos Vernon), da Califórnia. Ao todo são três coleções distintas de aparelhos de café da manhã, almoço e jantar, empregando três séries de desenhos: *Moby Dick*, *Salamina* e *Our America* (Nossa América), realizadas entre 1938 e 1940. A primeira série, *Moby Dick*, consiste em desenhos monocromáticos de barcos, baleias e cenas de caça às baleias. Já a segunda, *Salamina*, apresenta desenhos policromáticos de cenas da Groenlândia e de seu povo. Finalmente, a terceira e última, *Our America* (Nossa América) faz um tour cênico pelas belas paisagens dos Estados Unidos, empregando tons sépia. A experiência que ocorre em meio à Segunda Guerra Mundial, entretanto, não traz bons resultados à Rockwell, porque além da terrível situação sócio-política dos Estados Unidos e da Europa, a empresa decide posicionar as alças de suas xícaras, bules e chaleiras, de cabeça para baixo. Este simples detalhe, infelizmente, acarreta na baixa vendagem dos produtos, devido à baixa aprovação do público. Conseqüentemente, as matrizes de cobre e zinco acabam sendo derretidas e reaproveitadas em funções distintas.



Série *Moby Dick*.



Série *Salamina*.



Série *Our América*.

Sete dias após a cerimônia de seu casamento com Sally em dez de maio de 1940, Rockwell recebe uma importante homenagem por suas constantes lutas em prol da paz

²²⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 533.

mundial, embora seja um projeto não bem sucedido, de fato. Dessa maneira, no dia dezessete de maio de 1940, Rockwell se dirige ao New York's Pythian Hall²²⁷ (Salão Apolíneo de Nova York) e diante de um enorme público, discursa em agradecimento pela indicação. Rockwell não é o único homenageado da noite, ou seja, além de seu nome estão Max Weber, Bill Gropper, Tamiris, Louis Merrill, Joseph Curran, Paul Manship, Vilhjalmur Stefansson, Muriel Draper, Lionel Stander, seu vizinho de *Asgaard* Louis Untermeyer, Will Geer, Ray Lev, Josh White, Burl Ives, Earl Robinson, Eli Seigmeister, Hazel Scott, Almanac Singers e Paul Robeson, ou seja, intelectuais, artistas, escritores, enfim, personalidades em prol da paz. Ao subir ao palco, Rockwell agradece pela indicação e promete dar continuidade à luta pelas causas trabalhistas.

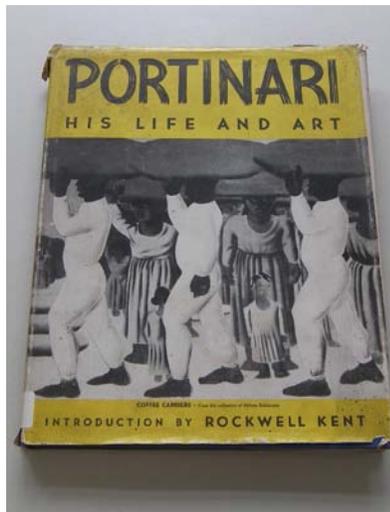
Finalmente, no outono de 1940, Portinari, sua esposa Maria e o bebê João Candido chegam à Nova York, exatamente um ano após a Conference on Inter-American Relations in the Field of Art²²⁸ (Conferência sobre as Relações Interamericanas no Campo da Arte). Portinari traz consigo, também, cem de suas pinturas, as quais são primeiramente expostas durante a mostra coletiva *Arte Moderna Latino-Americana*²²⁹, organizada pelo Riverside Museum, de Nova York, para posteriormente comporem individuais organizadas em Detroit, Nova York, Pittsburgh, Chicago e San Francisco. Nessa mesma época, no dia três de novembro, conforme revelado acima, a primeira monografia internacional sobre Candido Portinari é lançada pela University of Chicago Press (Editora da Universidade de Chicago) com o título *Portinari: His Life and Art*²³⁰. A obra se divide em duas partes: a primeira, com quatro páginas sobre a vida de Portinari, por Josias Leão e, a segunda, contendo cinco páginas sobre sua obra, por Rockwell Kent. Após a introdução, cem reproduções das obras de Candido Portinari completam a publicação, dentre as quais, o *Retrato de Rockwell Kent*, pintado em 1937 e enviado ao retratado, conforme a dedicatória no canto inferior direito da tela atesta.

²²⁷ KENT. Op.cit, 1955, pp. 520 – 521.

²²⁸ KENT. Op.cit, 1940, p. 5.

²²⁹ FABRIS. Op.cit, pp. 14 – 15.

²³⁰ LEÃO & KENT. Op.cit, 1940.



Capa do livro *Portinari: His Life and Art*, 1940.

Ainda no mesmo mês, Rockwell lança a autobiografia *This is My Own*²³¹, pela editora Duell, Sloan & Pearce. Segundo Rockwell, o nome do livro foi extraído de uma estrofe de um poema de Sir Walter Scott²³² chamado *Lay of the Last Minstrel* (Canção do Último Menestrel). Escrita e amplamente ilustrada, a obra é dedicada à sua segunda esposa Frances, apesar de já estarem divorciados – e mesmo assim, ela datilografa o manuscrito para Rockwell. O livro trata da batalha de Rockwell contra a injustiça na cobrança dos impostos praticada pelos políticos, bem como sobre seu trabalho e suas viagens, por exemplo, ao Rio de Janeiro, em 1937. Acerca desta, existe um capítulo chamado “A Friendly Neighbor”²³³ (Um Vizinho Amigável), no qual Rockwell relata sua viagem de nove dias de duração ao Rio de Janeiro, como observador político. No referido capítulo, Rockwell reproduz o relatório “Brazil and Vargas” (Brasil e Vargas), publicado em 1938, empreendendo mudanças em seu conteúdo através da adição de parágrafos inteiros, além de estabelecer comparação entre a situação política dos Estados Unidos e do Brasil. Conforme o autor, *This is My Own*²³⁴ é uma *tentativa de fuga*²³⁵ da situação insustentável causada pela Segunda Guerra Mundial para um paraíso nos Estados Unidos, terra de paz, democracia e justiça, muito embora isto seja uma utopia. No decorrer do capítulo quatro essas questões serão devidamente retomadas e aprofundadas.

Igualmente até o final do mês de novembro, Rockwell realiza mais dezoito palestras de Dayton, no estado de Ohio ao Texas, passando por New Hampshire sobre o tema *Art Is*

²³¹ KENT. Op. cit, 1940.

²³² KENT. Op.cit, 1955, p. 433.

²³³ KENT. Op.cit, 1940, pp. 329 – 350.

²³⁴ KENT. Op.cit, 1940.

²³⁵ It is a story of attempted escape... KENT. Op.cit, 1940, p. 433.

*for Everyone*²³⁶ (Arte é para Todos). Além disso, Rockwell continua trabalhando arduamente em suas pinturas da Groenlândia ainda inacabadas, em seus discursos, cartas e artigos a fim de pagar suas contas e sobreviver em tempos tão difíceis de guerra, desemprego e falta de democracia, paz e justiça.

No ano seguinte, Rockwell recebe a encomenda da ilustração do livro sobre a lendária figura do homem das florestas,²³⁷ *Paul Bunyan*²³⁸, escrito por Esther Shephard e publicado pela editora Harcourt, Brace & Co.. Além disso, finalmente a publicação ilustrada do *Fausto*²³⁹, de Goethe é lançada após oito anos de atraso graças à editora New Directions e à tradução da obra de Goethe, por C. F. MacIntyre.

Ante a grave crise causada pela Depressão e pela Segunda Guerra Mundial, na qual milhões de desempregados vagam pelas ruas em busca de comida e emprego, Rockwell decide escrever uma carta²⁴⁰ ao Presidente dos Estados Unidos, em outubro de 1941, propondo-lhe um grande plano, no qual cada artista afiliado ao Work's Progress Administration – W.P.A. seja empregado na fatura de pôsteres a serem pendurados pelo país afora, nos mais diferentes lugares. Com isso, o desemprego diminui consideravelmente e a população, conseqüentemente, é alertada para os perigos corridos pelo país, ante o Fascismo e Nazismo, os quais não são atacados pelos artistas, não por estes serem letárgicos, mas pela falta de investimento do governo na organização do projeto. Apesar da idéia de Rockwell ser bem acolhida pelo governo e pelo Office for Emergency Management – O.E.M. (Escritório para o Gerenciamento Emergencial), o projeto jamais seria realizado. Aliás, Rockwell insiste na execução do projeto por mais um ano sem qualquer obtenção de sucesso, o que o deixa inconformado, pois, ao comparar a situação dos Estados Unidos à da União Soviética²⁴¹, conclui que mesmo com toda a burocracia e censura do último, os artistas conseguem produzir suas obras a serviço do Estado.

Ainda no ano de 1941, Rockwell dá início a mais uma turnê de palestras com o tema *Art and Democracy*²⁴² (Arte e Democracia), de outubro a março do ano seguinte, cumprindo uma pausa entre dezembro e janeiro, indo de Boston, Massachussets a Walla Walla, em Washington. A referida turnê é realizada através da International Workers Order

²³⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 538.

²³⁷ <http://www.americanfolklore.net/paulbunyan.html>. Último acesso em 05 de fevereiro de 2008.

²³⁸ JOHNSON, Fridolf. *The Illustrations of Rockwell Kent: 231 examples from books, magazines and advertising art*, NY: Dover Publications, 1976, p. 130.

²³⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 471.

²⁴⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 543.

²⁴¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 544.

²⁴² KENT. Op.cit, 1955, p. 547.

– I.W.O.²⁴³ (Ordem Internacional dos Trabalhadores), organização na qual Rockwell é vice-presidente, desde 1938²⁴⁴. Das palestras realizadas, nada recebe em troca. Aliás, em relação a esta nomeação de vice-presidente²⁴⁵, ela só ocorre por considerarem Rockwell um artista e não um intelectual, como Helen Keller, que endossa seu apoio à American Rescue Ship Mission (Missão do Navio Americano de Resgate), missão esta destinada a salvar homens, mulheres e crianças dos campos de concentração na França. Dos muitos intelectuais patrocinadores da missão, tais como Mrs. Eleanor Roosevelt entre outros, vários desistem após serem acusados de comunistas pelos fascistas.

No mês de fevereiro do ano seguinte, Rockwell organiza uma nova exposição chamada *Know and Defend America*²⁴⁶ (Conheça e Defenda a América) na Galeria Wildenstein de Nova York, com quarenta e dois trabalhos seus realizados no decorrer de quarenta e dois anos de vida referentes ao Maine, Alaska, Terra do Fogo, Groenlândia e Adirondacks. A exposição segue posteriormente para o Carnegie Institute, de Pittsburgh e para a Califórnia, respectivamente. Rockwell decide não acrescentar à mostra sua produção de *Asgaard*, por considerá-la única. No catálogo justifica a escolha do tema com as seguintes palavras²⁴⁷:

É um tempo de tão grande emergência nacional que as vidas e os pensamentos de todo o povo estão direcionados a um propósito comum – Vitória. E quando nada – nada na arte, nada na vida – é aceitável, exceto o que servirá de algum modo, àquele propósito, acontece que dentre os lugares que gostei e amei, e vivi e trabalhei, são locais, regiões as quais nossa emergência nacional tem elevado à proeminência.

Após a exposição, Rockwell e Sally decidem fazer uma visita ao embaixador soviético Maxim Litvinov²⁴⁸, em Washington. Sem saber exatamente o endereço do embaixador, Rockwell pára no caminho e descobre que Litvinov mora na velha Mansão Pullman. Sem ser o primeiro contato entre ambos, uma vez que já se correspondiam por

²⁴³ KENT. Op.cit, 1955, p. 553.

²⁴⁴ KENT. Op.cit, 1955, p. 540.

²⁴⁵ KENT. Op.cit, 1955, pp. 539 – 540.

²⁴⁶ KENT. Op.cit, 1955, pp. 549 – 550.

²⁴⁷ It is a time of such great national emergency that the lives and thoughts of all people are directed to one common purpose – Victory. And when nothing – nothing in art, nothing in life – is acceptable but what will somehow serve that end, it so happens that among the places I have liked and loved, and lived and worked in, are places, regions, that our national emergency has elevated into prominence. KENT. Op. cit, 1955, p. 549.

²⁴⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 552.

carta, ao se verem tornam-se amigos. Durante a visita conversam sobre a situação mundial e o embaixador pede sua opinião sobre o Partido Comunista americano. Rockwell diz acreditar que o partido seja responsável por movimentos trabalhistas no campo político. Porém, Litvinov não se impressiona com a opinião do amigo.

Segundo Mary Beth Norton,²⁴⁹ apesar de, para os americanos, “*os comunistas serem ímpios, radicais rebeldes dispostos a destruir o modo de vida americano através da revolução*”, no início da década de 30, os Estados Unidos começam a estabelecer um mecanismo de trocas comerciais com a União Soviética oferecendo-lhes tecnologia e maquinário. Daí, a presença de Litvinov nos Estados Unidos a partir de 1933. Ainda segundo a autora, Franklin Delano Roosevelt²⁵⁰ propõe uma série de acordos com a União Soviética, dentre os quais, o reconhecimento americano dos soviéticos, a questão futura do pagamento das dívidas, além da promessa soviética de não desempenhar atitudes subversivas e nem de fazer propaganda política nos Estados Unidos. Em troca, os soviéticos garantiriam liberdade de culto e direitos civis aos americanos em território soviético. Dessa forma, a embaixada americana abre suas portas a partir de 1934, em Moscou.

Logo após a visita ao embaixador soviético, Rockwell recebe um convite para palestrar gratuitamente em Montreal, no Canadá, sob os auspícios do *Information Bureau of the Soviet Union at War and in Peace*²⁵¹ (Escritório de Informação da União Soviética na Guerra e na Paz), em nome do “*liberalismo que havia começado a prevalecer naquele período, da amizade em direção ao nosso aliado, a União Soviética*”²⁵². Durante três dias Rockwell palestra na sala de baile do Ritz, no Museu de Arte, em um clube masculino para um grande grupo de alunos da Universidade McGill e duas vezes no rádio. No último dia da turnê, o anfitrião responsável pelo convite promovido pelo *Information Bureau*, Louis Kon²⁵³, decide convidá-lo a conhecer o quartel general, localizado em um pequenino cômodo apertado e quase sem ventilação, porém repleto de livros, panfletos, artefatos e souvenirs soviéticos. Ao conhecer o quartel general de Kon, Rockwell descobre que o mesmo é filho de um importante industrial russo da época czarista e que, emigrado para o

²⁴⁹ “To Americans the Communists were... godless, radical malcontents bent on destroying the American way of Life through revolution”. NORTON, Mary Beth et alii. *A People and a Nation*, 1986, p. 777. (Trad. da autora).

²⁵⁰ NORTON. Op.cit, 1986, p. 777.

²⁵¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 553.

²⁵² ... the liberalism that had come to prevail at that period, of the friendliness toward our ally, the Soviet Union,... KENT. Op.cit, 1955, p. 553.

²⁵³ KENT. Op.cit, 1955, p. 554.

Canadá em 1905, decide abrir seu escritório por acreditar na amizade que possa surgir entre a América e a União Soviética, sem que haja vínculos com o comunismo e a revolução.

No mês de novembro, Rockwell e Sally decidem continuar a investir na amizade pelo povo russo convidando um grupo de doze alunos russos da Columbia University (Universidade de Columbia) a passar o Natal com o casal em *Asgaard*. Sendo assim, Rockwell escreve uma carta para o cônsul geral russo, em Nova York; entretanto, sem obter resposta alguma, escreve ao embaixador e alcançando seus objetivos de mostrar como os americanos podem ser generosos com os russos²⁵⁴, hospeda os doze alunos em sua fazenda no Natal de 1942. Ao chegarem à *Asgaard*, os alunos são apoiados e recebidos por sindicatos²⁵⁵ que apóiam a causa soviética, entre eles a International Workers Order (Ordem Internacional dos Trabalhadores), pelo co-fundador da Random House, Bennett Alfred Cerf, pela National Maritime Union (Sindicato Nacional Marítimo), pelos Mine, Mill and Smelter Workers (Trabalhadores de Minas, Moinhos e de Siderurgias), pela American Communications Association (Associação Americana de Comunicações), pelo Artist's Union (Sindicato dos Artistas), além de personalidades como Allen Wardwell, que apóia o alívio da guerra contra a União Soviética, o senador Claude Pepper e Carey Longmire, do rádio e de Harry Bridges, da International Longshoremen's and Warehousemen's Union (Sindicato Internacional dos Estivadores e Atacadistas).

Devido ao grande apoio de Rockwell aos estudantes russos, o qual atrai um considerável grupo de sindicatos e personalidades políticas e intelectuais, conforme descrito acima surge a idéia de formar um grupo²⁵⁶ de estudo composto por um dúzia de moradores de Adirondacks e região, com o intuito de debater a situação dos americanos em relação aos russos, em tempos de guerra, além de estudarem cuidadosamente a constituição russa e compará-la à americana. Como consequência do sucesso das reuniões, o padre local decide impedir seus fiéis de freqüentarem o grupo, ao mesmo tempo em que funcionários a paisana do New York State Bureau of Criminal Investigation (Escritório do Estado de Nova York de Investigações Criminais) comparecem ao local e proíbem a continuidade do mesmo, sob a acusação de comunismo.

Após a repressão às atividades do grupo, Rockwell intensifica sua luta em prol da paz, da justiça, da liberdade e da democracia através de artigos, palestras, cartas e viagens

²⁵⁴ KENT. Op.cit, 1955, p. 556.

²⁵⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 557.

²⁵⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 558.

de longa distância, freqüentando reuniões de sindicatos e comitês. Dessa maneira, em 1943, dedica-se aos desenhos que devem ilustrar o periódico de bolso U.S.A. impresso pelo Office of War Information²⁵⁷ (Escritório de Informação da Guerra), encomenda esta que dura, segundo Rockwell, de dois a três anos. Além das ilustrações, Rockwell palestra no sul do país com o tema *Art and Democracy* (Arte e Democracia). Nessa mesma época, a cervejaria P.O.N. lhe encomenda uma série de desenhos de cenas americanas a serem publicadas em seus anúncios nos jornais, além da encomenda de um livro de autoria sua e mais cinquenta ilustrações em comemoração aos cem anos da Rahr Malting Company of Manitowoc (Companhia Rahr de Maltagem), em Wisconsin. A publicação apenas é lançada em 1946, porém, o proprietário da empresa inicia uma coleção chamada *Rockwell Kent Gallery* (Galeria Rockwell Kent), apenas sendo menor do que a *Rockwell Kent Collection* (Coleção Rockwell Kent). Não obstante todos os esforços, Rockwell ainda enfrenta grandes dificuldades em sua fazenda, pois, após investir tudo o que tem na produção de leite e queijos, perde tudo assim que George, fazendeiro responsável pela produção e manutenção, vai embora de *Asgaard*.

Sem desistir da luta constante, avança em suas atividades. Em relação às longas viagens que faz no ano de 1943, Rockwell integra-se a tantos sindicatos e comitês quanto sua identificação pessoal permite. São eles: vice-presidente do *American Artist's Congress*²⁵⁸ (Congresso dos Artistas Americanos), *League of American Writers* (Liga dos Escritores Americanos), *American Youth Congress* (Congresso da Juventude Americana), *United Office and Professional Workers of America* (Escritório Unido e Trabalhadores profissionais da América), os já mencionados durante a vinda de Rockwell ao Brasil, em 1937 – presidente do *National Committee for People's Rights* (Comitê Nacional pelos Direitos dos Povos) e membro do *Joint Committee for the Defence of the Brazilian People* (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro) -, sócio vitalício do *International Longshoremen's and Warehousemen's Union* (Sindicato Internacional dos Estivadores e Atacadistas), vice-presidente e presidente do *International Workers Order* (Ordem Internacional dos Trabalhadores), *Committee for Fair Play* (Comitê pelo Jogo Limpo), em Porto Rico, *United Scenic Artists* (Artistas Cênicos Unidos), *Brotherhood of Painters, Decorators and Paperhangers* (Irmandade dos Pintores, Decoradores e Cartazistas), membro do comitê nacional da *American League for Peace and Democracy* (Liga

²⁵⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 561.

²⁵⁸ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 65.

Americana pela Paz e Democracia), *International Labor Defense* (Defesa Internacional do Trabalho), *American Committee for Democracy and Intellectual Freedom* (Comitê Americano pela Democracia e Liberdade Intelectual), presidente da *Artist's League of America* (Liga dos Artistas da América) e presidente do *National Council of American-Soviet Friendship* (Conselho Nacional da Amizade Americana-Soviética).

Se por um lado, tantas afiliações lhe rendem homenagens, como a que a *International Longshoremen's and Warehousemen's Union*²⁵⁹ (Sindicato Internacional dos Estivadores e Atacadistas) lhe prestam na Califórnia em onze de outubro, ocasião em que é declarado membro honorário por sua fiel e leal devoção à causa trabalhista, sua constante luta pela democracia e pelos avanços de todos os povos econômica e culturalmente; por outro, enfrenta graves acusações de subversão²⁶⁰ vindas do governo que lê trechos de seu livro *This is My Own* (1940), nos relatórios do congresso a fim de comprovar a conduta contrária de Rockwell à política dos Estados Unidos. Aqui, cabe lembrar a difícil situação do país nessa época, uma vez que existe uma forte censura aos projetos financiados pelo próprio governo americano. Como exemplo desta situação, Rockwell se sente indignado em sua autobiografia de 1955, quando o governo encerra as atividades do Theatre Project²⁶¹ (Projeto do Teatro) sob a acusação de que seus integrantes estarem usando o projeto com a finalidade de incitar o povo a pensar criticamente o governo e, conseqüentemente, assumirem um posicionamento.

No ano seguinte, Rockwell recebe uma importante encomenda da Air Transport Association²⁶² – A.T.A. (Associação de Transporte Aéreo) para a execução de uma pintura a ser apresentada ao House Committee on Interstate and Foreign Commerce (Sede do Comitê de Comércio Interestadual e Estrangeiro) e pendurada na sala do referido comitê, em Washington. Dessa forma, Rockwell segue para Washington a fim de se encontrar com o presidente do comitê, Mr. Lea para, assim, juntos decidirem o local da instalação da obra em questão. Assim, Rockwell escolhe um grande nicho circular localizado atrás da plataforma de discursos. Entretanto, apesar de a empresa encomendante não dispor de recursos para arcar com um mural tão grandioso quanto o proposto pelo artista, decide dar

²⁵⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 517.

²⁶⁰ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 65.

²⁶¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 517.

²⁶² KENT. Op.cit, 1955, pp. 562 – 564.

continuidade ao projeto cobrando apenas o valor de uma pintura de cavalete, em troca de um mural, cujo tema é *On Earth Peace* (Na Terra, Paz). Rockwell descreve o mural²⁶³:

*...No céu azul profundo acima de uma paisagem pacífica
paira um grupo de figuras aladas simbolizando as Quatro
Liberdades; e em letras douradas está a inscrição: Na Terra, Paz.
“Na terra paz, boa vontade aos homens”: que o espírito das
palavras e o Dele, por quem os anjos os cantaram, entre nos
corações daqueles que lá ponderam.*

No ano seguinte, 1945, Rockwell é contratado pela agência N.W.Ayer & Son²⁶⁴ para a execução de treze desenhos representando o mar para a empresa American Export Line (Linha de Exportação Americana), aos quais se dedica especialmente por ter total liberdade de escolha nas representações. Além disso, ainda no mesmo ano recebe a encomenda de pinturas a serem utilizadas como propaganda pela empresa alemã Schering Corporation²⁶⁵. Apesar de a Alemanha ser inimiga dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, Rockwell aceita a encomenda e a executa com certo nervosismo e irritação progressiva em relação ao tipo de imagem que lhe é imposta. Mesmo assim, Rockwell presta serviços à referida empresa de carvão bituminoso ao longo de três anos até que os Estados Unidos assumem o controle da empresa. Nessa mesma época, recebe pequenas encomendas de desenhos, executados como forma de *contribuição patriótica*²⁶⁶, para a Sears e para os catálogos da Roebuck; além disso, entra em contato com Arthur Price, gerente de vendas por correspondência da Roebuck, que três anos antes havia questionado durante uma palestra realizada nos Chicago Federated Advertising Clubs (Clubes Federados de Propaganda de Chicago), “*porque a propaganda não pode ajudar a vender a necessidade de vitória a esse nosso apático país*”²⁶⁷. A partir desse momento, Rockwell não só se identifica a Price como se une a ele, propondo uma série de capas de revistas para a Sears e para a Roebuck, representando a América pintada por artistas americanos. Entretanto, antes que o projeto seja executado, Price pede demissão do cargo.

²⁶³ ...In the deep blue sky above a peaceful landscape hovers a cluster of winged figures symbolizing the Four Freedoms; and in gold letters is the legend: *On Earth Peace*. “On earth peace, good will toward men”: may the spirit of the words and of Him for whom the angels sang them enter the hearts of those who there deliberate. KENT. Op.cit, 1955, pp. 563 – 564, (Trad. da autora).

²⁶⁴ KENT. Op.cit, 1955, p. 564.

²⁶⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 564.

²⁶⁶ ... as patriotic contributions... KENT. Op.cit, 1955, p. 564, (Trad. da autora).

²⁶⁷ Why can't advertising help sell the need for victory to this apathetic country of ours? KENT. Op.cit, 1955, p. 564, (Trad. da autora).

Porém, a demissão de Price não constitui empecilho para que ambos continuem sua parceria, pois no ano de 1945, oferecem-se à Lakeside Press²⁶⁸ na ilustração e publicação de uma nova edição da Bíblia. O projeto teria sucesso garantido não fosse o engajamento sindical de Rockwell junto aos funcionários da editora, atitude resultante na recusa de qualquer oferta de emprego para Rockwell, principalmente após o mesmo ter escrito uma declaração de apoio à formação do sindicato no boletim da editora.

Além disso, com o fim da Segunda Guerra em 1945, a opinião sobre a paz, a democracia, a liberdade e a justiça permanecem inalteradas em Rockwell, apesar de estar sem esperanças de que as coisas mudem especialmente sob o regime de Franklin Delano Roosevelt²⁶⁹, pois segundo Rockwell, a paz, a democracia e a liberdade inexistem para os que são contrários ao governo. Nesse momento, Rockwell é arrolado em um processo promovido pelo Martin Dies Committee (Comitê Martin Dies), sob a acusação de ser comunista, passando a integrar uma lista de “*centenas de acusados que haviam se alinhado às decências humanas*”²⁷⁰. Ao ser ouvido durante o processo, nega qualquer participação em atividades partidárias comunistas e é absolvido. Entretanto, só por ter sido acusado junto pelo Comitê Martin Dies e por se afiliar a sindicatos, Rockwell sofre represálias tanto em seu trabalho, quanto em seus discursos, ao ver encomendas, exposições e palestras canceladas.

Por exemplo, no ano seguinte, ao se solidarizar aos funcionários da empresa General Electric²⁷¹ durante a greve organizada no mês de janeiro, na unidade fabril de Shenectady, no estado de Nova York, é demitido pela empresa. Aliás, esse não é o único motivo para sua demissão, pois, a última tela que pinta para o calendário anual da referida empresa traz uma grande árvore de Natal em uma praça de uma cidade de New England, com a representação de uma paliçada em primeiro plano, paliçada esta que segundo os patrões da G&E, alude ao piquete dos grevistas. Devido à greve, os donos da G&E pedem que Rockwell remova a paliçada da tela completamente ou, pelo menos, disfarce sua presença com a neve, pedido este recusado pelo artista.

Apesar da má fase em que se encontra, Rockwell escreve e ilustra o volume *To Thee, America! A Toast in Celebration of a Century of Opportunity and Accomplishment in*

²⁶⁸ KENT. Op.cit, 1955, pp. 565 – 566.

²⁶⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 568.

²⁷⁰ ...hundreds more who had aligned themselves with human decencies. KENT. Op.cit, 1955, p. 568, (Trad. da autora).

²⁷¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 569.

*America 1847-1947*²⁷² (A Ti, América! Um Brinde em Celebração de um Século de Oportunidade e Conquista na América 1847-1947) que é publicado pela Rahr Malting Company (Companhia Rahr de Maltagem). Nesse ínterim, Rockwell está de volta a sua fazenda *Asgaard*, podendo se dedicar exclusivamente à sua coleção de pinturas e à produção de laticínios em meio aos sucessivos boicotes que sofre, devido ao seu posicionamento político. Ainda no mesmo ano é eleito pelo American Labor Party²⁷³ - ALP (Partido Americano do Trabalho) para integrar o comitê executivo, muito embora Rockwell não considere tal afiliação, atividade política.

Devido aos sucessivos boicotes que sofre tanto em seu trabalho como em sua produção de laticínios, decide deixar sua fazenda e se mudar de volta para Monhegan²⁷⁴, no estado do Maine. Nesse ínterim, Rockwell recebe a notícia do falecimento de sua mãe, Sara Ann. Após a cerimônia de sepultamento em Nova York, Rockwell volta à Monhegan e se dedicando à pintura²⁷⁵, vive na utopia da paz sem rádio, telefone e energia elétrica por dois meses. Entretanto, a vida simples e utopicamente feliz não dura muito, pois em 1948, Rockwell já está de volta à Nova York para concorrer a uma vaga no Congresso através do American Labor Party²⁷⁶ - ALP (Partido Americano do Trabalho). Mas, antes de se candidatar oficialmente à vaga, Rockwell sofre mais um boicote mais sério em sua produção de laticínios como represália, por Rockwell enviar para cada família de Au Sable Forks, no mês de fevereiro, um desenho reimpresso contendo os seguintes dizeres: “*We Hold these Truths*”²⁷⁷ (Nós Sustentamos estas Verdades). Tal reimpressão é proveniente da publicação mensal do jornal produzido pela International Workers Order (Ordem Internacional dos Trabalhadores), intitulada *Fraternal Outlook* (Ponto de Vista Fraternal). O fator gerador da confusão não é a reimpressão em si, mas a opinião expressa por Rockwell, através de uma coluna na qual declara ser a favor de Henry Wallace²⁷⁸, político do Partido Democrata. Segundo Rockwell, Wallace é considerado defensor da Rússia e do comunismo. Conseqüentemente, logo se inicia um ferrenho boicote contra a produção de laticínios de Rockwell, o qual resulta na destruição definitiva de sua fábrica, sob a alegação

²⁷² JOHNSON. Op.cit, 1976, p. 130.

²⁷³ KENT. Op.cit, 1955, p. 572.

²⁷⁴ KENT. Op.cit, 1955, pp. 591 – 592.

²⁷⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 594.

²⁷⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 574.

²⁷⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 573.

²⁷⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 573.

de que “*nós não queremos leite russo*”²⁷⁹. Entretanto, as sanções contra Rockwell não se limitam ao boicote em si, uma vez que passa a sofrer ameaças de morte, além de ser acusado de apoiar Stalin²⁸⁰. Dessa forma, em meio à turbulência, é que Rockwell recebe o convite vindo do condado de Troy, localizado a cento e cinquenta milhas ao sul do limite dos cinco condados que compõem seu distrito congressional, para se lançar à candidatura ao Congresso. Apesar de todos os esforços, Rockwell perde as eleições e cancela suas atividades junto ao American Labor Party - ALP (Partido Americano do Trabalho).

Ainda no mesmo ano, em meio a tantos reveses, Rockwell recebe a encomenda de dez ilustrações para o livro compilado por Gordon Christian Aymar, intitulado *A Treasury of Sea Stories*²⁸¹ (Um Tesouro de Estórias do Mar), publicado em Nova York pela A. C. Barnes & Co. Igualmente no ano seguinte, recebe a encomenda de ilustrações para uma nova edição do *Decameron*²⁸², de Giovanni Boccaccio, traduzida por Richard Aldington e publicada pela Garden City Publishing Company, de Nova York.

Na última semana do mês de maio de 1949, Rockwell vai ao World Congress for Peace²⁸³ (Congresso Mundial pela Paz) em Paris, acompanhado por seu amigo Albert E. Kahn e por mais um grupo de quarenta cidadãos norte-americanos, sem a aprovação do governo. Ao voltarem para Nova York, Rockwell e seu grupo sofrem ameaças após serem denunciados pela imprensa, enquanto indivíduos. Rockwell, entretanto, responde indignado questionando: “*Por que é que todos nós que trabalhamos pelo que todo o povo quer, somos então denunciados e listados pelo nosso governo como subversivos? Pode ser verdade que eles têm a guerra em mente?*”²⁸⁴ Rockwell se defende afirmando que o grupo consistia de homens e mulheres de todas as raças, de diferentes credos religiosos, de afiliações políticas díspares ou inexistentes e que busca nada além da paz.

Conseqüentemente, Rockwell é declarado comunista no mês de fevereiro de 1950 e incluído em uma lista elaborada pelo Senador Joseph Raymond Mc Carthy²⁸⁵, de Wisconsin, acusação esta que rende um processo contra Rockwell, em 1953. Segundo

²⁷⁹ ... We don't want Russian milk.... KENT. Op.cit, 1955, p. 573, (Trad. da autora).

²⁸⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 574.

²⁸¹ JOHNSON. Op.cit, 1976, p. 130.

²⁸² JOHNSON. Op.cit, 1976, p. 130.

²⁸³ KENT. Op.cit, 1955, p. 579.

²⁸⁴ “Why is it”... “that all of us who work for what all people want are thus denounced and listed by our government as subversive? Can it be true that they have war in mind?” KENT. Op.cit, 1955, p. 580, (Trad. da autora).

²⁸⁵ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 68.

Fridolf Johnson²⁸⁶, a lista dos supostos comunistas chegou a duzentos e cinco nomes, como forma de garantir a re-eleição do senador.

Na primavera do mesmo ano, Rockwell é convidado a integrar uma comitiva de apelação junto ao governo francês para que a bomba atômica²⁸⁷ se torne ilegal. Sendo assim, parte novamente com destino à Paris, com a finalidade de participar de mais uma edição do World Congress for Peace (Congresso Mundial pela Paz). Durante sua estada na Cidade Luz, Rockwell é convidado a ir à União Soviética, através da Checoslováquia²⁸⁸, encontrando sua esposa Sally e seu amigo Albert Kahn, presidente do Jewish People's Fraternal Order (Ordem Fraternal do Povo Judaico), antes de prosseguirem para Moscou²⁸⁹. No que tange a viagem de Rockwell à Moscou e também segundo seus relatos, durante sua estada no referido local, é sempre muito bem recebido em todas suas tarefas agendadas e frequenta museus, como o Pushkin, visita pontos turísticos da cidade como o metrô, além de conhecer a Universidade de Moscou, as igrejas ortodoxas e o túmulo de Lênin.

Sua visita à União Soviética não é nem um pouco bem aceita pelos Estados Unidos, que, por sua vez, decidem cassar seu passaporte²⁹⁰ assim que retorna em primeiro de setembro. Porém, antes de seu retorno aos Estados Unidos, Rockwell passa por Estocolmo a fim de participar de mais uma conferência chamada Stockholm Conference²⁹¹, realizando grandes discursos para grandes platéias que o apóiam, tanto na cidade sueca chamada Göteborg como em Copenhagen, na Dinamarca. Apesar de continuar sendo boicotado²⁹² repetidamente nos Estados Unidos após seu retorno, milhares de pessoas em seu país lotam auditórios para ouvi-lo discursar sobre a paz, a arte e a democracia, além de sua viagem à Groenlândia.

Embora o Apelo de Estocolmo²⁹³ seja duramente criticado pelo Departamento de Estado americano, Rockwell encontra apoio à causa sueca em diferentes setores da sociedade, entre os quais, bispos e cardeais franceses, metodistas, presbiterianos, *quakers*, além de outros membros de outras religiões existentes nos Estados Unidos, que por sua vez receberam o endosso de oito bispos italianos, do Premiê finlandês e seu gabinete, do conselho de estado egípcio, de Vittorio Orlando da Itália, de Edouard Herriot da França,

²⁸⁶ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 68.

²⁸⁷ KENT. Op.cit, 1955, pp. 581 – 582.

²⁸⁸ Hoje, República Tcheca e Eslovênia, respectivamente.

²⁸⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 583.

²⁹⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 590.

²⁹¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 587.

²⁹² KENT. Op.cit, 1955, p. 588.

²⁹³ KENT. Op.cit, 1955, p. 589.

além de intelectuais e cientistas. Porém, dentro desse imenso grupo destaca-se a figura do agora, Ministro de Relações Exteriores Oswaldo Aranha, que em 1937 havia fornecido carta de apresentação para que Rockwell viesse ao Brasil, conforme relatado anteriormente.

Durante o Congresso Mundial pela Paz, realizado em Estocolmo, Rockwell é eleito para integrar o International Committee of the World Peace Congress²⁹⁴ (Comitê Internacional do Congresso da Paz Mundial), bem como seu júri para a premiação anual de artistas que apóiem a paz. Entretanto, a indicação é retirada pela delegação americana no Congresso de Sheffield-Varsóvia. Além disso, ao tentar embarcar para a Checoslováquia com o intuito de participar em uma das reuniões do comitê, descobre através de uma carta expedida pela Divisão de Passaportes do Departamento de Estado²⁹⁵, não ser do gosto dos Estados Unidos a garantia de passaporte de viagem para qualquer país, ou seja, seu passaporte está cassado. Assim, através da União de Emergência das Liberdades Cívicas e de seu conselheiro geral, Leonard Boudin, Rockwell processa o Departamento de Estado contestando a constitucionalidade da decisão. Não conseguindo o passaporte necessário, decide ir à Monhegan²⁹⁶, como forma de rebeldia pela falta de liberdade que sente.

Nesse ínterim, Rockwell expõe suas pinturas no Great Northern Hotel (Grande Hotel do Norte), de Nova York, além de receber a encomenda de uma pintura para o empresário James J. Ryan McNair²⁹⁷, encomenda esta que se constitui no retrato do Mount Assiniboine, localizado nas Montanhas Rochosas. Para a execução da encomenda, Rockwell é convidado a ir até o local no avião do encomendante. Ao chegar com Sally à Calgary, cidade canadense, imediatamente o casal é recebido e levado até a mansão de McNair, permanecendo ali por duas semanas enquanto Rockwell executa seis grandes telas e várias outras de menor dimensão.

O ano de 1953 traz diversas dificuldades para Rockwell, dificuldades estas que se iniciam quando reencontra seu único ex-aluno, Steve Etnier²⁹⁸, que havia estudado sob sua orientação vinte anos antes e que agora, em 1953, expõe seus trabalhos em uma galeria. Ao ver o trabalho de Etnier, percebe que este não incluiu seu nome junto aos outros nomes de professores que contribuíram em sua formação, desapontando-o. Além disso, outro revés lhe ocorre quando o governo americano decide cancelar as atividades do International

²⁹⁴ KENT. Op.cit, 1955, p. 589.

²⁹⁵ KENT. Op.cit, 1955, pp. 607 – 608.

²⁹⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 608.

²⁹⁷ KENT. Op.cit, 1955, p. 604.

²⁹⁸ KENT. Op.cit, 1955, p. 609.

Workers Order²⁹⁹ (Ordem Internacional dos Trabalhadores), por julgar a referida entidade subversiva em relação à bomba atômica, à intolerância e à guerra.

Ainda no mesmo ano de 1953, Rockwell entra em contato com o Museu de Arte Farnsworth³⁰⁰, localizado em Rockland, Maine e por intermédio do escultor Myron Nevelson, do Maine, é apresentado ao diretor do referido museu. A intenção de Rockwell é apresentar seu trabalho mostrando um conjunto de mais de cinquenta fotografias e sugerir que uma exposição de sua obra seja montada no ano seguinte. Além disso, durante a amistosa conversa, Rockwell fala sobre sua *Kent Collection* (Coleção Kent), bem como sobre seu desejo de destiná-la a algum museu público dada a importância de sua coleção, a qual compreende cerca de setenta e cinco pinturas, centenas de desenhos, gravuras e uma plêiade de manuscritos. Logicamente, o diretor da galeria aceita a proposta de Rockwell e para que o projeto seja levado adiante, um ala especial seria construída.

Entretanto, mais problemas lhe surgem ao ser intimado a depor no comitê do senador Joseph Raymond Mc Carthy³⁰¹ e³⁰² em primeiro de julho de 1953. Ao ser interpelado acerca de sua afiliação ao Partido Comunista, Rockwell se recusa a responder valendo-se do Fifth Amendment (Quinta Emenda), que lhe garante liberdade de resposta em julgamentos, bem como proteção aos direitos civis. No relatório³⁰³ elaborado pelo senado americano durante o processo, Rockwell é definido com as seguintes palavras:

Rockwell Kent (1882-1971), o pintor de paisagens, xilografador e litógrafo, foi também escritor, palestrante e ativista político. Em 1948 concorreu sem sucesso ao congresso pela legenda do Partido Americano do Trabalho. Como resultado da publicidade de sua aparência televisionada diante do subcomitê, a curadoria de um museu em Rockland, no Maine, ao qual havia

²⁹⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 604.

³⁰⁰ KENT. Op.cit, 1955, p. 594.

³⁰¹ KENT. Op.cit, 1955, pp. 610 – 612.

³⁰² *Executive Sessions of the Senate Permanent Subcommittee on Government Operations*, volume 2, eighty-third congress, 1953, pp. 1196 – 1198.

In: <http://www.senate.gov/artandhistory/history/common/generic/McCarthy-transcripts.htm>. Último acesso em 15 de abril de 2008.

³⁰³ Rockwell Kent (1882- 1971), the landscape painter, wood engraver and lithographer, was also a writer, lecturer, and political activist. In 1948 he ran unsuccessfully for Congress on the American Labor party ticket. As a result of the publicity from his televised appearance before the subcommittee, the trustees of a museum in Rockland, Maine, to which he had planned to donate his unsold paintings and prints, rejected the collection in August 1953. Having fallen into disfavor in the United States for both his politics and anti-modernist artistic style, Kent eventually donated his artwork to the Soviet Union. *Executive Sessions of the Senate Permanent Subcommittee on Government Operations*, volume 2, eighty-third congress 1953, p. 1193.

planejado doar suas pinturas não comercializadas e gravuras, rejeitou a coleção em agosto de 1953. Tendo caído em desagrado nos Estados Unidos por ambos sua política e seu estilo artístico antimodernista, Kent eventualmente doou seu trabalho artístico à União Soviética.

Além disso, durante a audiência³⁰⁴ lhe perguntam se recebeu *royalties* na venda de seus livros, ao que Rockwell responde afirmativamente. Logo em seguida, o promotor lhe pergunta sobre o destino desse dinheiro, ou melhor, se o referido capital foi entregue ao partido comunista. Irônica e jocosamente, então, diz que sim, pois, sentindo-se enraivecido por terem alugado sua propriedade sem seu consentimento, decidiu procurar na lista telefônica algum lugar que fosse extremamente odiado pelos inquilinos que lhe pagaram oitocentos dólares. Imediatamente, o promotor lhe indaga sobre contribuições às instituições declaradamente subversivas, como a International Workers Order – I.W.O. (Ordem Internacional dos Trabalhadores), ao que responde afirmativamente. Finalmente, Rockwell é inquirido acerca de sua afiliação ao Partido Comunista em 1933, pergunta esta que prefere não responder, tendo o Fifth Amendment (Quinta Emenda) como respaldo.

Como conseqüência de tudo o que foi respondido diante do tribunal, Rockwell sofre represálias em sua carreira. A primeira delas e mais direta, consiste na determinação feita por Mc Carthy através do “Congressional book burning list”³⁰⁵ (“lista de livros a serem queimados” pelo Congresso), para que todos os livros publicados por Rockwell sejam recolhidos das bibliotecas e livrarias e queimados. Dessa forma, as seguintes publicações são extintas (pelo menos uma boa parte delas, pois ainda é possível encontrar alguns destes títulos à venda em sebos norte-americanos). São eles: *Rockwell Kent, N by E, A Northern Christmas* (Um Natal do Norte), *Rockwellkentiana, Wilderness: A Quiet Journal of Adventure in Alaska* (Vastidão: Um Diário de uma Aventura Solitária no Alaska) e *World Famous Paintings* (Pinturas Mundialmente Famosas).

A segunda retaliação sofrida por Rockwell ocorre em julho de 1954, quando o Museu de Arte Farnsworth³⁰⁶, em Rockland, Maine decide cancelar tanto a exposição de pinturas que organizariam naquela ocasião, bem como a aceitação da *Kent Collection*.

³⁰⁴ *Executive Sessions of the Senate Permanent Subcommittee on Government Operations*, volume 2, eighty-third congress 1953, pp. 1196 – 1198.

In: <http://www.senate.gov/artandhistory/history/common/generic/McCarthy-transcripts.htm>. Último acesso em 15 de abril de 2008.

³⁰⁵ KENT. Op.cit, 1955, p. 613.

³⁰⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 613.

Aliás, o cancelamento se dá através de um telefonema proveniente do ex-aluno de Rockwell, Steve Etnier, ao diretor do referido museu, Mr. Hadlock, no qual o primeiro alerta o último sobre as ligações entre Mc Carthy e Rockwell. Além de presenciar o telefonema de Etnier, Rockwell ainda vê a exposição de seu ex-aluno ser confirmada. Na realidade, Rockwell sinaliza para um fato determinante para o cancelamento de sua exposição no Farnsworth, fato este ocorrido em oito de agosto de 1953, durante a Annual Meeting of the Trustees and Friends of the William A. Farnsworth Library and Art Museum³⁰⁷ (Reunião Anual dos Patronos e Amigos do Museu de Arte e Biblioteca William A. Farnsworth) e que consiste na introdução do McCartismo na arte através da presença de políticos e banqueiros favoráveis à Mc Carthy no conselho do museu. Sendo assim, as portas se fecham para a obra de Rockwell, que se retira para *Asgaard*.

No mês de maio do ano seguinte, Rockwell publica sua grande autobiografia *It's Me O Lord*³⁰⁸, pela editora Dodd, Mead & Company, de Nova York. Trata-se um extenso volume de seiscentas e dezessete páginas amplamente ilustradas narrando em quatro partes distintas, um período anterior ao nascimento de Rockwell, ocorrido em 1882, até o ano de 1954. No decorrer do capítulo quatro reflexões sobre o estilo de escrita e pensamento de Rockwell serão devidamente levantadas.

Três anos mais tarde, em 1957, Rockwell recebe um convite para comemorar seus setenta e cinco anos na União Soviética. Porém, como não tem permissão para sair do país, vê-se obrigado a recusar o mesmo. No mês de dezembro do referido ano, uma grande exposição contendo trinta e seis pinturas e sessenta gravuras é aberta primeiramente no Museu Pushkin³⁰⁹, em Moscou, para em março de 1958 ser novamente organizada no Museu Hermitage, em Leningrado, hoje São Petersburgo. Das duas exposições, Rockwell teve apenas acesso às fotografias que lhe foram enviadas pelo diretor do Museu Pushkin. Irritado diante da insistente recusa por parte do governo americano em lhe garantir o direito ao passaporte, Rockwell entra com uma ação na justiça³¹⁰ ainda no ano de 1957. Somente em dezesseis de junho de 1958, Rockwell ganha a causa na Suprema Corte e obtém seu passaporte de volta.

³⁰⁷ KENT. Op.cit, 1955, pp. 613 – 614.

³⁰⁸ KENT, Rockwell. *It's Me O Lord: the autobiography of Rockwell Kent*, 1955.

³⁰⁹ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 70.

³¹⁰ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 72.

Feliz por ter seu direito de ir e vir garantido, Rockwell e Sally recebem convites oficiais para irem à União Soviética³¹¹ no verão de 1959, onde além de visitarem várias cidades, são extremamente bem recebidos e festejados com honras. Após a União Soviética, seguem para a Bulgária e Romênia. Dessa maneira, permanecem por quatro longos meses viajando com todas as despesas pagas pelos anfitriões, retornando apenas em agosto para os Estados Unidos. Em agradecimento por tanta hospitalidade e generosidade, Rockwell os presenteia com uma grande e importante coleção³¹² de oitenta pinturas, oitocentos desenhos, além de gravuras, ilustrações, livros e cópias encadernadas de seus manuscritos para a União Soviética, que em troca celebra a dádiva com uma grande exposição amplamente divulgada em Moscou, a partir de dezenove de novembro de 1960, com a presença de Rockwell e esposa na abertura. Ao ofertar grande parte de sua *Kent Collection* à União Soviética, Rockwell escreve uma carta a seu amigo, Andrei Chegodaev, membro da Academia de Artes da União Soviética, dizendo³¹³: “*Eu quero que meus quadros sejam vistos e amados; e isso só poderia acontecer na União Soviética*”. Dessa forma, Rockwell garante a continuidade do sucesso de sua obra, uma vez que nos Estados Unidos, dois fatores o impedem, sendo o primeiro causado por sua opção política contrária ao governo e, a segunda, causada pela crescente e impactante explosão do abstracionismo, corrente amplamente defendida pelo capitalismo norte-americano contra o realismo soviético³¹⁴. Assim, Rockwell que sempre foi figurativo, encontra acolhida em um país que preza justamente o realismo e a figuração, como forma de expressão artística vinculada aos preceitos stalinistas advindos do Realismo Soviético pregado pelo governante russo, em questão.

Entretanto, Rockwell ainda consegue algum sucesso nos Estados Unidos, apesar de todos os embargos sofridos e da ampla divulgação e apoio à arte abstrata, como combate ao realismo soviético. De volta aos Estados Unidos, recebe o convite de seu mecenas James J. Ryan McNair³¹⁵, em outubro de 1961, para passar duas semanas em sua propriedade de campo *Oak Ridge* (Crista do Carvalho), no condado de Nelson, no estado da Virginia. Ao

³¹¹ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 72.

³¹² JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 72.

³¹³ “I want my pictures to be seen and loved; and that could only happen in the Soviet Union”. KENT, Rockwell. Apud. JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 72. (Trad. da autora).

³¹⁴ HARRIS, Jonathan. “Modernismo e Cultura nos Estados Unidos”. In: WOOD, Paul et alii. *Modernismo em disputa: a arte desde os anos quarenta*. 1998, pp. 3 – 76.

³¹⁵ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 75.

retornar à *Asgaard*, Rockwell leva consigo uma dúzia de telas começadas, e que seriam finalizadas durante o inverno. Dessas, McNair, compra a maioria.

No ano seguinte, Rockwell é novamente convidado a ir à União Soviética³¹⁶ a fim de comemorar seus oitenta anos em Moscou. No decorrer da viagem repleta de atividades, festas, jantares e homenagens, Rockwell sofre um mal estar repentino - prenunciando talvez o acidente vascular cerebral sofrido meses depois - em Tashkent, no Uzbequistão, sendo imediatamente socorrido de avião até Moscou, onde é internado em um hospital. Mesmo assim, Rockwell e Sally permanecem quatro meses fora de casa só voltando em setembro. No dia três de novembro, Rockwell sofre seu primeiro acidente vascular cerebral³¹⁷ enquanto pinta em seu atelier, em *Asgaard*.

Após muitos atrasos, a última importante publicação de Rockwell, chamada *Greenland Journal*³¹⁸ (Diário da Groenlândia) é lançada em cinco de fevereiro de 1963, pelo editor Ivan Oblensky Incorporated³¹⁹, contendo setenta e nove ilustrações além de seis litografias originais, sendo uma delas assinada à mão por Rockwell. A partir dessa publicação, os ventos voltam a soprar a seu favor, pois no verão do ano seguinte, a *American Book Collector*³²⁰ (Colecionador Americano de Livros), revista especializada na divulgação de escritores, lança um número especial dedicado à Rockwell acompanhado por uma extensa bibliografia do artista. Além disso, no mês de março, Rockwell parte para mais uma viagem à União Soviética³²¹, com o intuito de descansar e tratar de sua saúde fragilizada. No mês de dezembro do mesmo ano, Rockwell segue para um hospital de Montreal, no Canadá, com a finalidade de instalar um marca-passo, devido a uma arritmia cardíaca.

No ano seguinte, o marchand de Nova York, Richard Larcada começa a expor e vender as obras de Rockwell, regularmente. Aliás, Larcada é quem compra logo após o falecimento de Rockwell em 1971, o *Retrato de Rockwell Kent*, produzido em 1937, por Portinari, para vendê-lo, em 1973, ao Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado³²², conforme mencionado anteriormente.

³¹⁶ JOHNSON. Op.cit, 1982, pp. 72 – 73.

³¹⁷ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 73.

³¹⁸ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 75.

³¹⁹ JOHNSON. Op.cit, 1976, p. 130.

³²⁰ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 75.

³²¹ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 73.

³²² Informação obtida através da ficha técnica da obra pertencente ao acervo MAB-FAAP.

No mês de abril de 1964, Rockwell recebe o International Lenin Peace Prize³²³ (Prêmio Lênin de Paz Internacional) em reconhecimento pelos serviços prestados durante a campanha pela paz, patrocinada pelo Comunismo. Na cerimônia realizada em Moscou, Rockwell é agraciado com uma medalha de ouro, contendo o retrato de Lênin, além de vinte e cinco mil rublos, dos quais dez mil são doados à causa vietnamita, através de uma carta enviada ao Embaixador vietnamita em Moscou, Pham van Dong, em oito de junho do mesmo ano, e após um discurso de condenação à intervenção dos Estados Unidos na Guerra contra o Vietnã.

No dia quinze de abril de 1968, Rockwell e Sally desembarcam pela última vez na União Soviética³²⁴, permanecendo por três meses no país. Após a volta para *Asgard*, concentra-se novamente em seu trabalho até que, na noite de dezenove de abril de 1969, durante uma tempestade um raio cai, dando início a um grave incêndio³²⁵ devastador em sua casa de dois andares. Como a casa era construída em madeira, o fogo a consome completamente, destruindo um rico acervo de dez mil livros, além de quase tudo o que existia dentro. Felizmente, porém, Rockwell consegue salvar suas caixas arquivo, contendo cerca de cinquenta mil cartas e outros documentos. Apesar de serem molhados pela água da chuva e pela água das mangueiras de combate ao incêndio, os documentos são salvos e transportados aos *Archives of American Art* (Arquivos de Arte Americana), na época localizados nas dependências do Detroit Institute of Arts (Instituto de Artes de Detroit), em Detroit, sendo devidamente secos e restaurados. Posteriormente, os *Archives of American Art* (Arquivos de Arte Americana) são transferidos para a sede atual, Smithsonian Institution, em Washington, D.C., onde são microfilmados. Assim que consegue, Rockwell reconstrói sua casa, porém, térrea.

No mês de agosto do mesmo ano, Rockwell consegue organizar sua última exposição em vida, a retrospectiva chamada *Rockwell Kent: The Early Years*³²⁶ (Rockwell Kent: Os Primeiros Anos), no Bowdoin College Museum of Art (Museu Universitário de Arte Bowdoin), localizado em Brunswick, no Maine. São ao todo sessenta pinturas produzidas entre 1903 e 1935, emprestadas por dezessete museus e dez coleções privadas, além do lançamento de um catálogo de oitenta páginas sobre sua obra.

³²³ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 73.

³²⁴ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 75.

³²⁵ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 76.

³²⁶ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 76.

Rockwell tem pressa em concluir a organização de seu legado por sentir que seu tempo está se esgotando. Assim, desmonta seu atelier, assina gravuras, identifica fotos e acrescenta figuras a algumas de suas pinturas, até que falece em treze de março de 1971³²⁷, aos quase oitenta e nove anos, onze dias após um segundo acidente vascular cerebral. Após a morte de Rockwell, todo seu legado artístico é transferido para Plattsburgh State Art Museum³²⁸ (Museu de Arte Estatal de Plattsburgh), no estado de Nova York, muito embora sua produção se encontre espalhada por diversos museus e coleções particulares dos Estados Unidos, bem como da Rússia e da Armênia. Mas, infelizmente toda a coleção que se encontra nos museus russos hoje, encontra-se legada ao ostracismo nas reservas técnicas dos museus, em estado precário de conservação.

³²⁷ JOHNSON. Op.cit, 1982, p. 76.

³²⁸ <http://clubs.plattsburgh.edu/museum/rkent1.htm>. Último acesso em 10 de março de 2008.

2 - ANTECEDENTES DA VIAGEM AO RIO DE JANEIRO

Para que se compreendam as razões pelas quais Rockwell Kent e Jerome Davis vêm ao Rio de Janeiro em novembro de 1937, torna-se necessário em primeiro lugar, analisar histórica, cultural, econômica e politicamente tanto os Estados Unidos quanto o Brasil da época, bem como as relações estabelecidas entre ambos. Sabe-se que interesses comerciais e políticos unem o Brasil, de Getúlio Vargas aos Estados Unidos, de Franklin Delano Roosevelt e que, esses mesmos interesses estão na base da preocupação sentida pelo último ante a perigosa expansão do Fascismo fora dos limites da Europa.

Devido à ameaça representada pelo Fascismo sobre a América Latina, as relações comerciais e políticas entre norte e sul americanos, podem ser abaladas. Dessa maneira, a fim de evitar esse perigo, Franklin Delano Roosevelt institui em 1933 sua política chamada *Good Neighbor Policy*³²⁹ (Política da Boa Vizinhança), na qual os Estados Unidos controlam a América Latina, inclusive o Brasil, mediante uma política de respeito mútuo e cooperação econômica, sem que haja necessidade de intervenção militar sobre esses países. Além disso, Roosevelt institui no mesmo ano, a primeira versão do *New Deal*³³⁰, programa que visa à recuperação econômica da população norte-americana, castigada pela quebra da Bolsa de Nova York em outubro de 1929. Conseqüentemente, essa mesma população sofre com os efeitos da Depressão desencadeadora do desemprego que, em proporções descontroladas, atinge milhões de cidadãos agora vagando pelas ruas do país em busca de alimento e de emprego. Posteriormente, durante o segundo mandato de Roosevelt haverá a segunda versão do *New Deal* a partir de sua reeleição, em 1936, posto que a crise econômica se agrava.

Assim, durante o segundo mandato de Roosevelt, o governo norte-americano consegue conter, em parte, os ânimos da população, além de ganhar o apoio do Partido Comunista dos Estados Unidos, que a essa altura já se mostrava contrário ao stalinismo soviético, por estes estarem desempenhando uma conduta próxima ao Fascismo, ou seja, para os norte-americanos, o stalinismo havia se tornado um regime totalitário desviado da causa proletária. Com o apoio da esquerda norte-americana e com o sucesso dos programas federais patrocinados pelo *New Deal*, muito progresso foi alcançado por Roosevelt, sobretudo no que se refere às obras públicas, pois, com a criação do Public Works

³²⁹ NORTON, Mary Beth et alii. *A People and a Nation*, 1986, p. 769.

³³⁰ JOBIM, Danton. *A Experiência Roosevelt e a Revolução Brasileira*, 1940, p. 68.

Administration – P.W.A. (Administração de Obras Públicas), programa que investe milhões de dólares promovendo obras pelo país inteiro, de construções de pontes a obras artísticas, muitos artistas como Rockwell são beneficiados. Desse modo, o artista recebe a encomenda em 1933, de um mural a ser instalado na sede dos correios em Washington, conforme detalhado no capítulo anterior. O que deve ser destacado em relação a esse polêmico mural que traz a célebre inscrição “*To the peoples of Puerto Rico, our friends: Go ahead, let us change chiefs. That alone can make us equal and free*”³³¹ (Aos povos de Porto Rico, nossos amigos: Vão em frente, deixem-nos mudar de chefes. Isto sozinho pode nos fazer iguais e livres.) é que Rockwell além de o executar por encomenda do P.W.A., o faz segundo critérios de representação realista democrática, em franco diálogo com o Muralismo mexicano; ou seja, na produção do artista há um sentido pleno de defesa da liberdade, da justiça, da paz e da democracia, o qual é interpretado como sendo contrário ao governo norte-americano, colonizador de Porto Rico. Porém, devido à mensagem pregadora da independência, é visto como crítica ao governo americano, conforme a referida inscrição representada no mural demonstra. E aqui cabe a seguinte pergunta: de que modos o muralismo norte-americano estabelece diálogos com o mexicano?

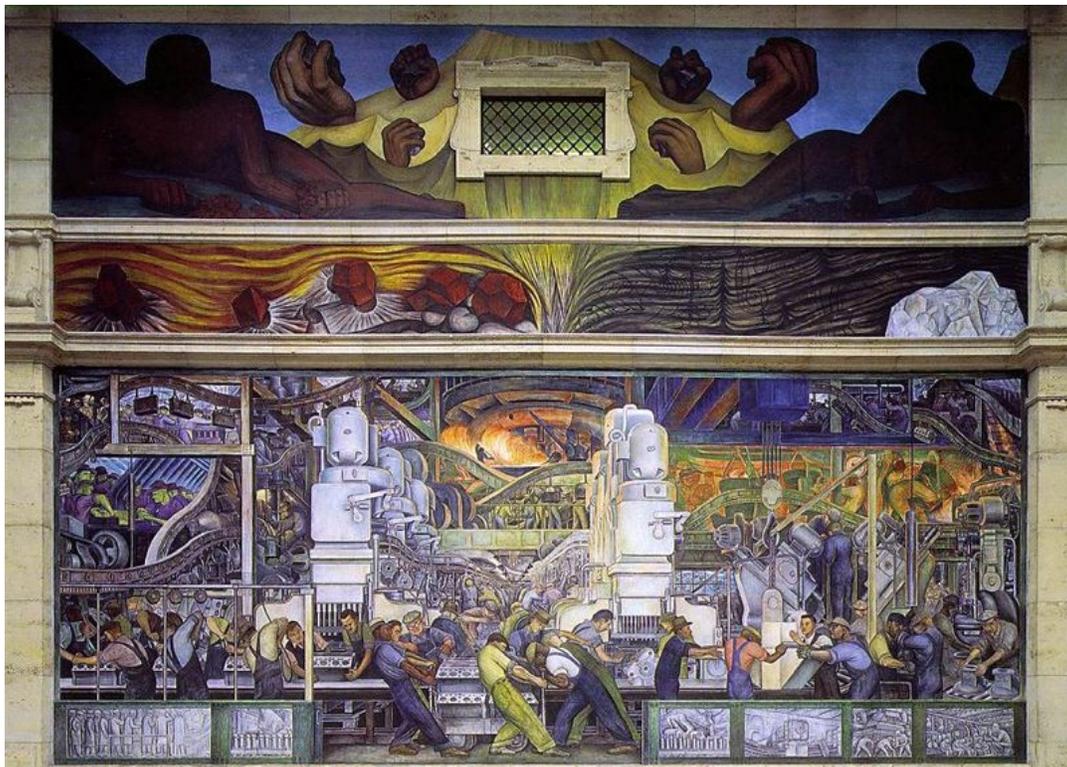


Rockwell Kent – *Mail Service in the Tropics*, estudo para o mural do edifício dos correios, em Washington, 1933.

Aqui cabe ressaltar que a observação da obra acima revela afinidades formais com os murais de Diego Rivera, por exemplo, e que essas afinidades estão não apenas nas cores, como também nos traços geometrizarantes das figuras, pois, na obra de Rockwell pode-se perceber além da simplificação formal, uma composição contendo linhas de força que tendem para cima. Ou melhor, considerando-se os grupos de figuras da esquerda e da

³³¹ KENT. Op.cit, 1955, p. 502.

direita, nota-se o movimento ritmado de braços indo na direção do homem montado sobre o cavalo estático e do avião, do qual se vê apenas uma massa geométrica azulada ao fundo. Outro aspecto a ser destacado se refere à monumentalidade da cena, inerente ao muralismo e à arte norte-americana e mexicana produzida na década de 30. Em relação aos afrescos pertencentes ao Instituto de Arte e Imagem de Detroit pintados por Diego Rivera, por exemplo, apesar da enorme profusão de personagens, em comparação ao de Rockwell, percebe-se que existem semelhanças cromáticas, formais e ideológicas. Ou seja, em ambos os artistas, além de empregarem paletas praticamente idênticas, há igualmente uma grande aproximação formal e compositiva, através do emprego de linhas geometrizes e simplificadas, linhas essas típicas do Art Déco. Aqui, deve-se salientar que tanto Rockwell como Rivera dispõem a maior parte de suas figuras no primeiro plano, formando uma frisa e reforçando, dessa maneira, a monumentalidade e a heroicização das mesmas, transmitindo suas mensagens ideológicas de propagação da liberdade, da justiça e da paz, em Rockwell e, de exaltação do trabalho e da indústria, em Rivera. Aliás, ambos os murais são produzidos no mesmo ano e a partir de encomendas estatal, no caso de Rockwell e do industrial³³² presidente da Ford, Edsel Ford e do diretor do Instituto de Arte de Detroit, Dr. William Valentiner, no caso de Rivera.



Diego Rivera. *Detroit Industry*, parede norte, afresco, 1932/33. Instituto de Arte e Imagem de Detroit.

³³² <http://www.dia.org/collections/americanart/33.10.html>. Último acesso em 13 de setembro de 2008.

Aliás, a partir deste momento Rockwell, manifestar-se-á diversas vezes e de maneira mais intensa contra tudo o que considera antidemocrático, através de sua arte e de suas atividades políticas em claras atitudes que refletem sobre sua carreira, conforme a presente dissertação pretende enfocar. Mas, como isso ocorre? Como ele age enquanto ser político? Sabe-se que Rockwell frequenta o governo americano de seu país em várias ocasiões, além de se engajar nos mais diversos sindicatos e organizações para a defesa do trabalho, da liberdade, da paz, da justiça e da democracia, conforme o capítulo 1 revela.

Assim sendo, no ano de 1936, após ser eleito presidente do National Committee for People's Rights³³³e³³⁴ (Comitê Nacional pelos Direitos do Povo), o ativista político Rockwell inicia suas atividades em defesa dos direitos dos cidadãos tanto norte-americanos como brasileiros nas reuniões que frequenta no referido comitê. E ao frequentar uma dessas reuniões no mês de junho de 1937, toma conhecimento das prisões arbitrárias e torturas que estão acontecendo no Brasil, nesse período. Dentre os presos políticos estão Luís Carlos Prestes e o cidadão norte-americano Victor Allan Barron, cujo “suicídio” culmina na viagem de Rockwell em novembro de 1937 ao Rio de Janeiro, bem como em seu posterior relatório “Brazil and Vargas”, de 1938. Quem é o responsável pelas arbitrariedades? O próprio Presidente Getúlio Vargas e sua polícia secreta comandada por Filinto Müller, polícia esta responsável pelo encarceramento e tortura de prisioneiros políticos, como Luís Carlos Prestes, Arthur Ewert, Olga Benário Prestes, Elise Ewert, do Senador Abel Chermont e do cidadão norte-americano Victor Allan Barron³³⁵ – o qual supostamente se suicida em cinco de março de 1936. Além das prisões e torturas, deve-se considerar que Vargas institui o “estado de guerra” sem que haja guerra e o substitui pelo “estado de emergência”, em 1937. Ou seja, esse é o contexto geral da vinda de Rockwell e de Davis ao Brasil.

Ao analisar os documentos obtidos junto aos *Archives of American Art* (Arquivos de Arte Americana) pertencentes ao Smithsonian Institution em Washington, tem-se um

³³³ KENT. Op.cit, 1938, p. 15.

³³⁴ “O COMITÊ NACIONAL foi organizado, em 1931, como agência permanente. Foi planejado para evidenciar ao país inteiro os exemplos de injustiça e de negação aos direitos constitucionais onde e quando ocorrerem. Seu propósito era proteger, defender e prestar ajuda às vítimas de opressão econômica e política.” “The NATIONAL COMMITTEE was organized in 1931 as a permanent agency. It was planned to bring to the attention of the entire country examples of injustice and denial of constitutional rights wherever and whenever they might occur. Its purpose was to protect, to defend and to give aid to victims of economic and political oppression.”. In: “BROCHURE. THE ROLE OF THE NATIONAL COMMITTEE FOR PEOPLE'S RIGHTS.”, s/d, reel 5214, frames 579-580, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

³³⁵ GEORGE, Harrison. *It Happened in Brazil*, c.1936, pp. 2 – 3, reel 5164, frames 132-143, Smithsonian Institution.

panorama tão rico quanto assustador das atrocidades que ocorrem no Brasil, nesse mesmo momento. Por exemplo, segundo uma carta escrita ³³⁶ pela irmã de Luís Carlos Prestes, Lydia Prestes, através da *International Labor Defense in Rio* (Defesa Internacional do Trabalho no Rio) e endereçada ao Joint Committee for the Defense of the Brazilian People em Nova York, percebe-se o quanto ela se desespera por não saber dos paradeiros de sua cunhada Olga e da esposa de Arthur Ewert³³⁷, Elise. Sendo ambas de origem judaica alemã e como Olga estava grávida, foram removidas da Casa de Detenção pelas autoridades, na noite de quatorze de outubro, sob protestos dos demais prisioneiros. Ainda segundo a carta, o bebê de Olga teria nascido no hospital e sido deixado lá, para em seguida, ambas Olga e Elise serem deportadas à revelia em um navio alemão chamado *La Coruña* e, conseqüentemente, entregues às mãos da Gestapo, na Alemanha. No que se refere à esposa de Ewert, Rockwell comenta tanto no relatório “Brazil and Vargas” ³³⁸ quanto no capítulo “A Friendly Neighbor” da autobiografia *This is My Own*, que tanto Elise quanto seu marido, Arthur estariam sofrendo graves torturas na prisão de Vargas, torturas que incluem constrangimento sexual contra Elise, diante de seu marido indefeso.

Em sua carta³³⁹, Lydia relata que sua cunhada e Elise haviam sido presas injustamente pela polícia secreta de Vargas – a mesma que interrogou Rockwell Kent na noite de sua chegada ao Rio em novembro de 1937 - sob a acusação de serem antifascistas, fato que resultou não apenas na prisão como, também, na extradição de ambas e no encaminhamento a campos de concentração alemães. Lydia Prestes alega ter entrado em contato com a Embaixada brasileira com o objetivo de resgatar a criança das mãos dos inimigos de sua família. Ao escrever esta carta, ela apela à opinião pública³⁴⁰ dizendo:

³³⁶ “Letter from Prestes’ Sister Concerning Separation of Baby from Wife of Brazilian Liberation Leader”, 1936, reel 5164, frames 78-79, Smithsonian Institution.

³³⁷ Também conhecido como Harry Berger.

³³⁸ KENT. Op.cit, 1938, p. 20.

³³⁹ “Letter from Prestes’ Sister Concerning Separation of Baby from Wife of Brazilian Liberation Leader”, 1936, reel 5164, frames 78-79, Smithsonian Institution.

³⁴⁰ It is necessary that public opinion should be expressed against this outrage. First, because it is a violation of the law of the Right of Asylum which contains a prohibition against extraditing German refugees and sending them back to Germany; second, because these refugees are two innocent women whom the Brazilian government only accused of being anti-fascists; nothing was proved against them; third, because the Brazilian government violated the most elementary rules of humanity in sending to a concentration camp a woman who was already extremely enfeebled from having passed the whole period of her pregnancy in prison, and who, in addition to this, has just had a child, the government did not even wait a week after the birth, but threw her into the hold of a German ship under a fascist guard, doubtless without treatment, without care, without money, without clothes; fourth, because the government violated all the precepts of humanity and justice, all the rights of the people, in snatching a child from its mother in order to deliver it into the “care” of the bitter enemies of its parents. In: “Letter from Prestes’ Sister Concerning Separation of Baby from Wife of Brazilian

É necessário que a opinião pública deva ser expressa contra este ultraje. Primeiro, porque é uma violação da lei do direito de asilo, a qual contém uma proibição contra extraditar refugiados alemães e mandá-los de volta para a Alemanha; segundo, porque esses refugiados são duas mulheres inocentes que o governo brasileiro apenas acusou de serem antifascistas; nada foi provado contra elas; terceiro, porque o governo brasileiro violou as regras mais elementares da humanidade, ao enviar a um campo de concentração uma mulher que já estava extremamente enfraquecida por ter passado toda sua gravidez na prisão, e que, além disso, acabou de ter uma criança; o governo nem esperou uma semana após o nascimento e jogou-a no porão de um navio alemão sob uma guarda fascista, indubitavelmente sem tratamento, sem cuidado, sem dinheiro, sem roupas; quarto, porque o governo violou todos os preceitos de humanidade e justiça, todos os direitos das pessoas ao tirarem violentamente uma criança dos braços de sua mãe com a finalidade de entregá-la aos “cuidados” dos inimigos cheios de ódio de seus pais.

Lydia Prestes finaliza sua carta pedindo apoio aos Estados Unidos, para que consigam pressionar o Brasil a pelo menos conseguir reaver a criança entregando sua guarda à avó. Finalmente, após intensa campanha internacional, a menina Anita Leocádia Prestes é resgatada e entregue à família. Porém, Olga³⁴¹ é morta na câmara de gás pelos nazistas, no campo de concentração de Ravensbrück, na Alemanha Oriental, em 1942. Apesar dos temores descritos na carta de Lydia, o paradeiro da criança foi revelado mais tarde, pois, na realidade, Olga³⁴² havia sido deportada para a Alemanha no sétimo mês de gestação e chegado ao destino antes do nascimento de sua filha. Desse modo, a menina nasceu na prisão berlinense de Barnimstrasse em vinte e sete de novembro de 1936 e não no Brasil, como temia sua família; além disso, e não obstante as constantes torturas sofridas por Olga, seu único temor diz respeito à entrega da criança a um orfanato nazista, assim que seu leite secasse. A pequena Anita Leocádia é arrancada de Olga aos dezoito meses de idade a fim

Liberation Leader”, 1936, (Trad.da autora) – grifada pela autora da carta, reel 5164, frame 79, Smithsonian Institution.

³⁴¹ <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/olga/olga.asp>. Último acesso em 14 de abril de 2008.

³⁴² MORAIS, Fernando. *Olga*, 2008.

de ser encaminhada ao orfanato nazista, porém não definitivamente, visto que a criança é resgatada após muitos apelos internacionais de Lydia e de Dona Leocádia, conforme descrito acima.

Outro documento de extrema relevância a ser analisado, consiste no relatório escrito por David Levinson, em 1937, intitulado “My Trip to Brazil”³⁴³ (Minha Viagem ao Brasil). O documento escrito a pedido do Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro), descreve as constatações de David Levinson no Rio de Janeiro durante sua viagem, ocorrida entre vinte e oito de janeiro e dezoito de fevereiro de 1937, mesmo ano em que Rockwell e Jerome Davis estiveram no Brasil, portanto. Sendo advogado, Levinson vem a serviço de um grupo de amigos de Prestes e de Ewert³⁴⁴, com a finalidade de defendê-los juridicamente das acusações impostas por Vargas, após ambos terem sido presos em decorrência da Intentona Comunista. Mas, sem obter êxito em sua missão e após ser interrogado, quase preso, e ter seus documentos e passaporte vasculhados pela polícia secreta de Vargas, Levinson e sua esposa são convidados a se retirar do país em dezoito de fevereiro de 1937, no primeiro navio sem escalas que aportasse no Rio de Janeiro, com destino aos Estados Unidos.

Aliás, no relatório “Brazil and Vargas”³⁴⁵, Rockwell comenta que após ser interrogado pela mesma polícia, o tenente confunde Jerome Davis com o defensor americano do trabalho, David Levinson. Mais tarde, em 1940, Rockwell repete o relatório estendendo seu conteúdo ao compor o capítulo “A Friendly Neighbor”³⁴⁶, no qual se refere à Levinson dizendo que “*sua participação na defesa de Prestes lhe rendeu o alto tributo de ódio oficial*”³⁴⁷, ou seja, Vargas considera Levinson comunista, por estar defendendo outro.

Porém, analisando o relatório de Levinson com mais atenção, é possível perceber que seu autor foi incumbido de vir ao Brasil com a finalidade de tentar entrar em contato com Prestes e Ewert e defendê-los das graves acusações que vinham sofrendo. Assim, ao chegar ao Rio, Levinson imediatamente procura a Embaixada Americana³⁴⁸, sendo recepcionado por seu secretário Mr. Allen Dawson, que lhe apresenta o Dr. Hildebrando

³⁴³ LEVINSON, David. “My Trip to Brazil”. Joint Committee for the Defense of the Brazilian People. NY, 1937, reel 5164, frames 80-85, Smithsonian Institution.

³⁴⁴ LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 1, reel 5164, frame 80, Smithsonian Institution.

³⁴⁵ KENT. Op.cit, 1938, p. 18.

³⁴⁶ KENT. Op.cit, 1940, pp. 329 – 350.

³⁴⁷ ... whose participation in the defense of Prestes had won him the high tribute of official hatred. KENT. Op.cit, 1940, p. 335. (Trad. da autora).

³⁴⁸ LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 1, reel 5164, frame 80, Smithsonian Institution.

Accioly, do Ministério das Relações Exteriores, o qual por sua vez, lhe encaminha ao Chefe da Polícia Política e Social, Dr. Israel Souto, para quem apresenta cartas assinadas por um grupo de amigos de Prestes e Ewert, autorizando-o a interceder pelos prisioneiros em questão. No dia dois de fevereiro, Levinson é encaminhado por Souto ao Tribunal Especial de Justiça, quando junto ao Dr. Raul Machado, Levinson apresenta toda a documentação trazida dos Estados Unidos. Apesar de apresentar toda a documentação e de explicar todos os seus motivos para ali estar, o pedido de Levinson é negado por não ser membro do Bar Association of Brazil (Ordem dos Advogados do Brasil – OAB).

Nesse ínterim, o secretário da embaixada, Mr. Dawson consegue entrar em contato com Oswaldo Aranha³⁴⁹, embaixador brasileiro em Washington – mesmo embaixador que se reuniu com Rockwell e lhe entregou uma carta de apresentação para vir ao Brasil em novembro de 1937, segundo o relatório “Brazil and Vargas”³⁵⁰ e o capítulo “A Friendly Neighbor”³⁵¹ -, que lhe sugere procurar o presidente do Instituto de Advogados Brasileiros, Dr. Edmundo Miranda Jordão, para que Levinson consiga o direito de acompanhar de perto como “auxiliar” a defesa de Prestes e Ewert, pelo advogado designado pela OAB, Heráclito Sobral Pinto. Porém, Levinson não obtém sucesso em sua iniciativa, pois seu nome aparece estampado na capa de um jornal carioca no dia cinco de fevereiro, chamado “A Nota”³⁵², em uma reportagem afirmando que Levinson veio ao Brasil para ajudar na defesa através da propaganda e da agitação. A partir desse incidente, a situação de Levinson se complica, uma vez que, por permanecer em silêncio diante das acusações, uma matéria é publicada no referido jornal distorcendo tudo o que havia dito no dia dois de fevereiro ao Dr. Souto. Dessa forma, Levinson³⁵³ conclui que “*o regime de Vargas é ditatorial e que a imprensa está completamente dominada por ele*”. Desse momento em diante, Levinson diz que todos seus passos são controlados e reportados diariamente no jornal.

No dia doze de fevereiro, Levinson e sua esposa são acordados no hotel³⁵⁴, de manhã, e intimados a comparecer imediatamente ao escritório central da polícia a fim de prestar esclarecimentos sobre suas atividades no Rio. O mesmo acontece a Rockwell³⁵⁵ ao chegar à cidade em novembro, só que a meia-noite. Ao ser intimado a comparecer à

³⁴⁹ LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 1, reel 5164, frame 80, Smithsonian Institution..

³⁵⁰ KENT. Op.cit, 1938, p. 15.

³⁵¹ KENT. Op.cit, 1940, p. 331.

³⁵² LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 1, reel 5164, frame 80, Smithsonian Institution. .

³⁵³ ...the regime of President Getulio Vargas is a dictatorship and the press completely under its domination. LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 2, reel 5164, frame 81, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

³⁵⁴ LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 2, reel 5164, frame 81, Smithsonian Institution. .

³⁵⁵ KENT. Op.cit, 1938, p. 16.

delegacia sem nem ao menos poder ligar para a embaixada americana, Levinson se recusa a se vestir enquanto não lhe permitirem ligar para a embaixada. Após finalmente cederem ao pedido de Levinson, o mesmo é levado à delegacia³⁵⁶ onde é avisado que deve sair do país no próximo navio com destino aos Estados Unidos.

Porém, antes de partir, Levinson tenta permanecer no Rio e entrar em contato com Prestes e Ewert, através de Heráclito Sobral Pinto³⁵⁷. Mas, segundo Levinson, nem Prestes nem Ewert o aceitam por não confiarem em ninguém que seja indicado por aqueles que os prenderam. Aliás, essa é a alegação dada. Além disso, ambos estavam incomunicáveis e desconheciam o que ocorria do lado de fora da prisão. Sendo assim, e ainda segundo o relatório de Levinson³⁵⁸, Ewert aceita a defesa de Heráclito Sobral Pinto. Segundo a petição escrita por Sobral Pinto³⁵⁹, Ewert havia ouvido falar de Levinson e que se o mesmo tivesse sido aceito como “auxiliar”, talvez o julgamento fosse justo.

Levinson parte em dezoito de fevereiro e, ao elaborar seu relatório salienta que Ewert perdeu trinta quilos na prisão, fator que comprova a tortura a que está sendo submetido. Além disso, em sua conclusão³⁶⁰ destaca os seguintes aspectos:

“No meu retorno aos Estados Unidos, vi um relatório da Associated Press, datado de 22 de fevereiro,”... que Dr. H. Sobral Pinto havia declarado que não contestaria o indiciamento contra

³⁵⁶ LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 2, reel 5164, frame 81, Smithsonian Institution. .

³⁵⁷ LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 2, reel 5164, frame 81, Smithsonian Institution. .

³⁵⁸ LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 2, reel 5164, frame 81, Smithsonian Institution. .

³⁵⁹ LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 3, reel 5164, frame 82, Smithsonian Institution. .

³⁶⁰ Upon my return to the United States, I saw an Associated Press report, dated February 22nd, ... that Dr. H. Sobral Pinto had declared that he would not contest the indictment against Arthur Ewert on the ground that “the evidence of his culpability is too great.

I have no reason to doubt that this statement was made. It leads me to conclude that either Dr. Sobral Pinto had voluntarily turned traitor to his client’s cause, or that he had been subjected to terror and duress by the Vargas regime and forced into making such a public declaration for the purpose of trying to influence public opinion against his own client.

In either event, it now becomes abundantly clear that Prestes in rejecting Dr. H. Sobral Pinto, the lawyer assigned to him, correctly understood and evaluated the situation. It is now also equally clear that neither Prestes, Ewert, nor any of the other political prisoners will receive anything approaching a fair trial.

(...)

From statements made to me by persons conversant with the events leading up to and including the Uprising of November, 1935, I have every reason to believe that much of the “evidence” against LUIZ CARLOS PRESTES will doubtless be as full of contradictions and hearsay statements as that adduced against many of the political prisoners....

(...)

I feel most profoundly that the only force capable of compelling the Brazilian authorities to do Justice in these cases, is the force of a vast and united public opinion, demanding the immediate and unconditional release of Luiz Carlos Prestes, Arthur Ewert, and all the other political prisoners. LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 4, reel 5164, frame 83, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

Arthur Ewert no exato momento no qual ‘a evidência de sua culpabilidade é muito grande’.

Não tenho razão alguma para duvidar que esta afirmação fosse feita. Isto me leva a concluir que ou o Dr. Sobral Pinto havia se tornado traidor voluntariamente da causa de seu cliente, ou que ele havia se sujeitado ao terror e ameaças ilegais e injustas do regime de Vargas e forçado a fazer tal declaração pública, pelo propósito de tentar influenciar a opinião pública contra seu próprio cliente.

Em qualquer dos acontecimentos, torna-se agora abundantemente claro que Prestes, ao rejeitar o Dr. H. Sobral Pinto, o advogado designado a ele, corretamente entendeu e avaliou a situação. Agora também está igualmente claro que nem Prestes, nem Ewert, nem qualquer outro prisioneiro político receberá nada próximo de um julgamento justo.

(...)

Das declarações feitas a mim por indivíduos que conhecem os eventos desencadeadores e incluindo o Levante de Novembro de 1935, tenho razão em acreditar que muito da ‘evidência’ contra LUIZ CARLOS PRESTES sem dúvida estará tão cheia de contradições e boatos quanto os que incriminaram muitos dos prisioneiros políticos....

(...)

Sinto muito profundamente que a única força capaz de forçar as autoridades brasileiras a fazer justiça nesses casos, seja a força de uma opinião pública vasta e unida, exigindo a soltura incondicional e imediata de Luiz Carlos Prestes, Arthur Ewert e todos os outros prisioneiros políticos.

Além de tudo o que foi citado, Levinson³⁶¹ ainda acusa os tribunais brasileiros de serem títeres da ditadura, por obedecerem fielmente ao que lhes é imposto e por não possuírem autonomia nas decisões. E mais ainda, Levinson critica a polícia dizendo que a

³⁶¹ LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 4, reel 5164, frame 83, Smithsonian Institution.

mesma é apenas o instrumento pelo qual Vargas exerce sua tirania. Levinson³⁶² também chega à conclusão de que apesar de Prestes ser acusado de violar a Constituição brasileira, na realidade o responsável pela violação é o próprio Vargas, ao violar vários decretos constitucionais. Aliás, Levinson compara Vargas a Hitler, afirmando que o líder nazista fez o mesmo na Alemanha, ao prender Ernest Thaelmann por ter violado a Constituição de Weimar. Outro exemplo apontado por Levinson em seu documento atenta para o fato de que Vargas declarou o “estado de guerra”³⁶³ quando o Brasil não está em guerra contra uma potência estrangeira, fato que revela mais uma das violações cometidas por Vargas durante seu governo “*estúpido e brutal*”³⁶⁴.

Outro exemplo de violação a ser citado é o caso da prisão do Senador Abel Chermont³⁶⁵, por ter se pronunciado a favor da soltura de Arthur Ewert³⁶⁶ e de sua esposa, Elise, durante um discurso proferido no Senado em dez de março de 1936, no qual também denuncia as arbitrariedades cometidas pela ditadura de Vargas. Aliás, Chermont foi além, ao impetrar um habeas corpus³⁶⁷ no dia dois de março de 1936, em prol da libertação de Arthur Ewert, fazendo graves acusações à polícia. Em vinte e três de março de 1936, Chermont foi levado de sua casa por dezesseis detetives armados após os mesmos terem invadido sua casa, ameaçando não só sua vida, como a de sua esposa e de suas duas filhas. Assim que chegou à prisão foi imediatamente levado a uma garagem, local destinado a torturas e após ser barbaramente torturado, segundo narra em seu discurso, permaneceu confinado por uma semana no mesmo recinto até que as feridas cicatrizassem, para então ser levado a depor. Em suma, Chermont foi preso e condenado a três anos de prisão. Porém, graças aos protestos populares, foi absolvido das acusações e solto.

Entretanto, em seu discurso em defesa da democracia é preciso ressaltar o importante papel que desempenha ao lutar no Congresso, por justiça. Assim como Levinson e Rockwell, Chermont denuncia o “estado de guerra” declarado por Vargas quando não há guerra alguma acontecendo no Brasil, ou seja, nos documentos analisados até aqui,

³⁶² LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 5, reel 5164, frame 84, Smithsonian Institution.

³⁶³ LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 5, reel 5164, frame 84, Smithsonian Institution.

³⁶⁴ ... stupid and brutal. LEVINSON. Op.cit, 1937, p. 5, reel 5164, frame 84, (Trad. da autora).

³⁶⁵ CHERMONT, Abel. “Senator Chermont’s Speech in the Brazilian Senate”, 18/05/1937, reel 5164 frames 86-88, Smithsonian Institution.

³⁶⁶ Pronunciamentos do Senador Abel Chermont em 10/03/1936 no Congresso do Senado Federal. In: http://www.senado.gov.br/sf/atividade/pronunciamento/Consulta_Parl.asp?p_cod_senador=1354&p_ano=1936. Último acesso em 14 de abril de 2008.

³⁶⁷ “O Brasil na Guerra – Cronologia”. In: <http://www.pitoresco.com/historia/guerra/guerra01a.htm>. Último acesso em 14 de abril de 2008.

evidencia-se o caráter ditatorial e fascista de Vargas, caráter este que a “Good Neighbor Policy”³⁶⁸ (Política da Boa Vizinhança), de Roosevelt quer que seja eliminado para a boa condução das relações político-econômicas entre Estados Unidos e Brasil. Além disso, ao manter a Política da Boa Vizinhança, o Fascismo não entraria no Brasil e não romperia a hegemonia pregada pelos americanos sobre o continente. Aliás, nota-se que tanto Rockwell³⁶⁹, quanto Levinson³⁷⁰ e Chermont³⁷¹ pregam a democracia, conforme seus escritos revelam.

Segundo o brasilianista Thomas E. Skidmore³⁷², no que concerne a relação entre Brasil, Estados Unidos e Alemanha, nesse momento que precede a Segunda Guerra Mundial, “*Os alemães estavam interessados em mais do que trocas comerciais. Eles também queriam trazer o Brasil para a esfera político-militar*”³⁷³. Ou seja, ao oferecerem armas e treinamento militar ao Brasil, os Estados Unidos passam a temer a perda do controle geopolítico e econômico sobre a América do Sul, dada a localização geográfica estratégica do território brasileiro com sua longa costa a partir da qual, inúmeros navios de guerra podem aportar e controlar o território. Além disso, outro perigo apontado por Skidmore consiste na vasta colonização alemã no sul do Brasil que poderia fortalecer clandestinamente a esfera do poder nazista sobre o mundo. Ainda segundo Skidmore e Paul Johnson³⁷⁴, os Estados Unidos enfrentam dificuldades para combater o avanço nazi-fascista na América devido à política isolacionista³⁷⁵ dos anos 30, a qual proíbe a venda de armas pelos Estados Unidos ao exterior. Pois, uma vez em grave crise econômica desde a Queda da Bolsa de Nova York, o governo Roosevelt se vê envolvido em uma “*atmosfera que beira a histeria em partes dos Estados Unidos*”³⁷⁶. Essa é, portanto, a situação dos Estados Unidos e do Brasil, ou seja, um país que tenta defender seus interesses em meio a forte crise econômica gerada em 1929 e agravada na década posterior. Do outro lado, está o Brasil, igualmente enfrentando dificuldades econômicas e, para escapar da crise cai nas

³⁶⁸ NORTON, Mary Beth et alii. *A People and a Nation*, 1986, p. 769.

³⁶⁹ KENT. Op.cit, 1938; Kent. Op.cit, 1940; KENT. Op.cit, 1955.

³⁷⁰ LEVINSON. Op.cit, 1937, reel 5164, frames 80-85, Smithsonian Institution.

³⁷¹ CHERMONT. Op.cit, 18/05/1937, reel 5164, frames 86-88, Smithsonian Institution.

³⁷² SKIDMORE, Thomas E. *Brazil: Five Centuries of Change*, 1999, p. 119.

³⁷³ The Germans were interested in more than trade,... They also wanted to draw Brazil into the German politico-military sphere. SKIDMORE. Op.cit, 1999, p. 119, (Trad. da autora).

³⁷⁴ JOHNSON, Paul. *A History of the American People*, 1997, p. 771.

³⁷⁵ Os Estados Unidos adotam o isolacionismo para se proteger de guerras, uma vez que a Primeira Guerra Mundial trouxe muito prejuízo econômico à nação.

³⁷⁶ There was an atmosphere of hysteria in parts of the United States. JOHNSON. Op.cit, 1997, p. 773, (Trad.da Autora).

mãos de um governo ditatorial que se impõe através da violência, prisões, torturas, perseguições e da restrição de direitos aos cidadãos.

2.1 – O CASO VICTOR ALLAN BARRON: IT HAPPENED IN BRAZIL

No dia vinte e oito de janeiro de 1936, a polícia secreta de Vargas prendeu o cidadão norte-americano Victor Allan Barron³⁷⁷, por envolvimento no levante liderado por Prestes. Segundo Chaves³⁷⁸, Barron que era especialista em radiotelegrafia, construiria por ordem de Prestes, um rádio transmissor a ser utilizado como veículo de comunicação entre os revoltosos e o Comintern³⁷⁹. Apesar de o levante ser sufocado pelo governo brasileiro, Barron continua solto, até ser denunciado pelo argentino Rodolpho Ghioldi, que também é preso e torturado. Entretanto, Barron³⁸⁰ acaba sendo capturado. Segundo um telegrama enviado pelo secretário de estado Cordell Hull ao embaixador Gibson³⁸¹, Barron seria filho do líder comunista Harrison George e sua ex-esposa teria financiado a viagem do filho à América do Sul, com capital do Comintern, uma vez que o casal não dispunha de capital para sustentar uma viagem de luxo, como a de Barron. Embora Barron tente se defender das acusações que lhe são impostas, alegando estar no Brasil como representante da empresa de motores americana John Reiner & Co., a polícia descobre que Barron tinha dinheiro demais para quem estava apenas trabalhando, além de não ter vendido qualquer motor até então. Desse modo, Barron³⁸² e³⁸³ é barbaramente torturado e, segundo a versão oficial do governo, não suportando o sofrimento, suicida-se ao se atirar de uma janela do terceiro andar da prisão.

Segundo Chaves³⁸⁴, “a morte de Barron jamais foi questionada pela imprensa brasileira. O governo americano montou uma comissão para apurar os fatos.” Além disso, o autor critica a atuação dos Estados Unidos perante o fato, ao afirmar sobre a prisão de Barron³⁸⁵:

³⁷⁷ CHAVES, Lázaro Curvelo. *Olga*, 19/08/2004. In: <http://www.culturabrasil.pro.br/olga.htm>. Último acesso em 10 de abril de 2008.

³⁷⁸ CHAVES. Op.cit.

³⁷⁹ Terceira Internacional ou Internacional Comunista fundada por Lênin em 1919, com o intuito de unir todos os partidos comunistas do mundo.

³⁸⁰ CHAVES. Op.cit, 2004.

³⁸¹ MORAIS. Op.cit, 2008, pp. 140-141.

³⁸² CHAVES. Op.cit, 2004.

³⁸³ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 2, reel 5164, frame 133, Smithsonian Institution.

³⁸⁴ CHAVES. Op.cit, 2004.

³⁸⁵ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 5, reel 5164, frame 134, Smithsonian Institution.

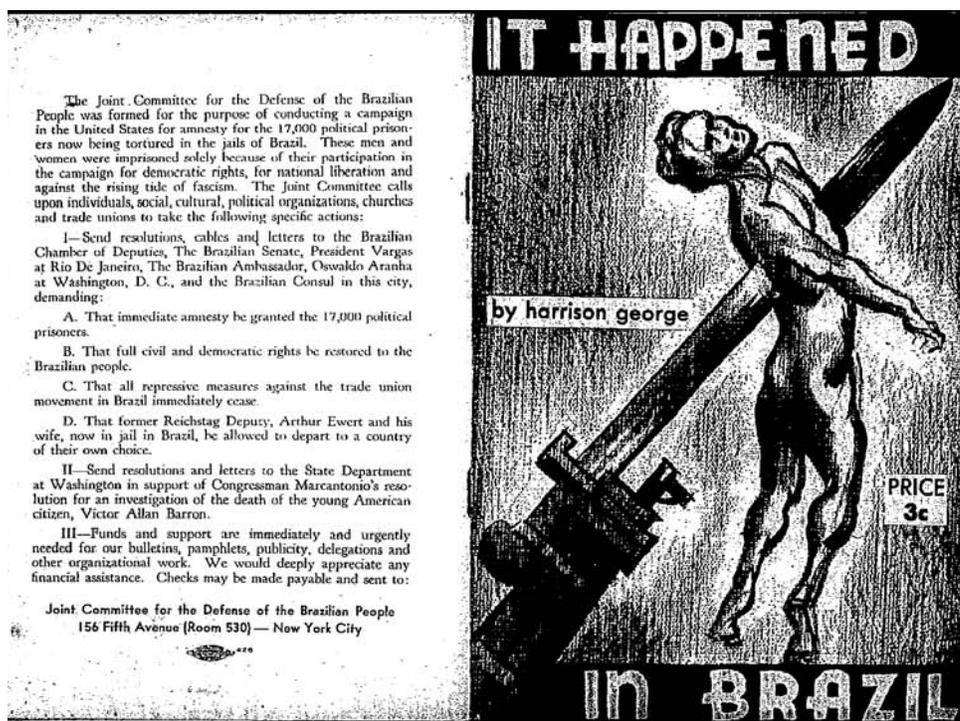
A prisão de um autêntico cidadão norte-americano caiu do céu para a embaixada dos Estados Unidos, que ganhava, assim, um pretexto legalmente indiscutível para intrometer-se ainda mais nas investigações da polícia brasileira. A embaixada americana destacou Xanthaky para que pudesse interrogar Allan Barron, e o encontrou em estado lastimável. Ele exigiu da polícia brasileira melhores tratos, mas não foi atendido.

O que chama atenção nessa citação é que um cidadão norte-americano está sendo torturado e quando os Estados Unidos entram para defendê-lo, são tidos por intrometidos. Na verdade, nem mesmo os Estados Unidos parecem muito interessados em defender Barron, apesar de enviarem Xantacky e de pedirem à polícia de Vargas, que o preso seja bem tratado. Segundo Fernando Morais³⁸⁶, Hull desconhecia a polícia chefiada por Filinto Müller, pois, ainda no mesmo telegrama enviado ao embaixador Gibson, o secretário de estado não sente a necessidade da intervenção da embaixada a favor de Barron. Desse modo, têm-se três opiniões distintas: a de Chaves atacando a intromissão dos Estados Unidos em território nacional, a de George, alegando falta de interesse pela vida de seu filho entre outros motivos a serem considerados no decorrer do presente capítulo e, a terceira, de Morais, alegando “inocência” do governo norte-americano em relação à truculência de Vargas e sua polícia.

Logicamente, a condição do ser humano deve vir em primeiro lugar, não importando sua nacionalidade. Neste caso, a única medida correta a ser tomada seria extraditá-lo para seu país de origem e não torturá-lo até a morte. Em casos como esses, o ser humano deve ter a primazia, muito embora ainda não haja a lei dos Direitos Humanos no Brasil. Entretanto, o que ocorre é o contrário. Não só Barron, mas outros dezessete mil prisioneiros políticos estão sendo torturados, conforme o pai de Barron, Harrison George relata em sua publicação *It Happened in Brazil*³⁸⁷ (Aconteceu no Brasil). Para que se compreenda claramente o que acontece no Brasil, é necessário que se analise cuidadosamente esta brochura.

³⁸⁶ MORAIS. Op.cit, 2008, p.141.

³⁸⁷ GEORGE. Op.cit, c.1936, reel 5164, frames 132-143, Smithsonian Institution.



Capa da brochura *It Happened in Brazil*, por Harrison George, c.1936.

Redigida por Harrison George, pai de Barron, publicada pela Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro) e vendida ao público por três centavos, a pequena brochura de vinte e duas páginas é destinada a arrecadar fundos para a campanha em defesa do povo brasileiro. Mas, o que é o Joint Committee for the Defense of the Brazilian People? Segundo a leitura da contracapa da referida brochura, trata-se de um comitê³⁸⁸ criado com a finalidade de “*conduzir uma campanha nos Estados Unidos pela anistia para os 17.000 prisioneiros políticos agora sendo torturados nas cadeias do Brasil... encarcerados unicamente por causa de suas participações na campanha por direitos democráticos, por libertação nacional e contra a onda crescente do fascismo*”. Além disso, o comitê³⁸⁹ convoca todos os setores da sociedade, através de “*boletins, panfletos, propagandas, viagens e organizações de atividades*” para que intervenham em uma ação conjunta pela anistia de todos os presos políticos e, principalmente, que a democracia seja restaurada com a volta dos direitos civis à população brasileira. Aliás, é necessária a definição do papel desempenhado pelos

³⁸⁸ “...conducting a campaign for the United States for amnesty for the 17,000 political prisoners now being tortured in the jails of Brazil... imprisoned solely because of their participation in the campaign for democratic rights, for national liberation and against the rising tide of fascism.” GEORGE. Op.cit, c.1936, reel 5164, frame 132, (Trad.da autora), Smithsonian Institution. .

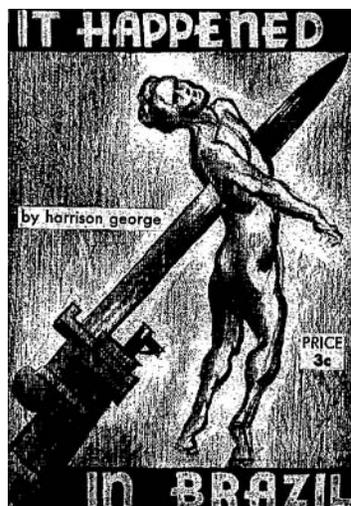
³⁸⁹ GEORGE. Op.cit, reel 5164, frame 132, Smithsonian Institution.

National Committee for People's Rights (Comitê Nacional pelos Direitos do Povo) e Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro) na investigação, fiscalização e defesa de cidadãos em situação de risco tanto nos Estados Unidos, como nos países latino-americanos, em especial, o Brasil, ou seja, aonde quer que haja ditadura, prisões arbitrárias seguidas de tortura e morte, os referidos comitês atuam exigindo que os governantes libertem seus prisioneiros e restitua a paz e a democracia ao local.

A capa da brochura traz a imagem em preto e branco de um homem nu, suspenso no ar sendo transfixiado em seu tronco, por uma baioneta. Trata-se de uma litografia feita por Rockwell, uma vez que, além de ser presidente do National Committee for People's Rights (Comitê Nacional para os Direitos Humanos), também tem forte ligação com o Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro), comitês determinantes para sua viagem ao Rio de Janeiro em novembro de 1937. Além disso, - esse assunto será retomado com maior detalhamento no capítulo 3, ao se abordar a produção iconográfica do artista – a observação da ilustração que encabeça o capítulo “A Friendly Neighbor”³⁹⁰, revela significativas semelhanças iconográficas com a imagem da capa da brochura de George³⁹¹.



R.K. “A Friendly Neighbor”, 1940.



It Happened in Brazil, c.1936.

Entretanto, a análise aprofundada do conteúdo da referida publicação é o que importa agora, por revelar em detalhes não apenas o que ocorre no Brasil nesse momento, mas também por ser determinante para a vinda de Rockwell Kent e de Jerome Davis ao

³⁹⁰ KENT. Op.cit, 1940, p. 329.

³⁹¹ GEORGE. Op.cit, reel 5164, frames 132-143, Smithsonian Institution.

Brasil, no mês de novembro de 1937. Harrison George inicia sua publicação denunciando a morte de seu filho, Victor Allan Barron, cruelmente assassinado dentro da prisão em março de 1936, no mesmo local onde estão dezessete mil prisioneiros políticos, ou seja, Prestes, Ewert, Abel Chermont, João Mangabeira, Ghioldi, além de uma infinidade de intelectuais, estudantes, médicos, advogados, enfim todos presos por serem “Comunistas”, segundo Vargas e Filinto Müller, chefe da polícia secreta e homem de confiança do ditador. O estopim para a redação dessa publicação se dá, quando, aparentemente Barron se atira da janela do terceiro andar da prisão. Segundo George³⁹², apesar de dizerem que foi um suicídio, fato apenas veiculado após semanas de protestos em “*O Jornal*”, existem dados no laudo da autópsia de Barron que comprovam o contrário, muito embora o médico permaneça neutro no que se refere à alegação da polícia, em relação aos fatos:

1. *Bolsos de ambos casaco e calças virados do avesso.*
 2. *Nenhum outro osso quebrado além de uma costela, a primeira costela (a qual está logo abaixo da clavícula).*
 3. *Grande quantidade de pequenas feridas e muitas escoriações sobre todas as partes do rosto, cabeça, tronco, costas, braços e pernas.*
 4. *Um estômago vazio e encolhido; intestinos cheios de gases; fígado anêmico.*
 5. *Morte ocorrida por hemorragia interna da ruptura do pulmão esquerdo e rupturas múltiplas do rim esquerdo.*
- As feridas e escoriações, disse o repórter, baseando-se no relatório médico, podem ter sido infligidas por volta de doze horas antes da autópsia.*

George relata que, com a chegada do laudo autopsial de Barron, assinado pelo Dr. Borges de Medeiros³⁹³, aos Estados Unidos, o mesmo foi novamente analisado por

³⁹² 1. Pockets of both coat and trousers turned inside out.

2. No other bones broken than one rib, the first rib (which is just below the collar bone).

3. A grate many small wounds and many bruises on all parts of the face, head, trunk, back, arms and legs.

4. A stomach empty and shrunken; intestines filled with gases; liver anemic.

5. Death occurred from internal hemorrhage from rupture of the left lung and multiple rupture of the left kidney.

The wounds and bruises, said the reporter, basing himself on the medical report, may have been inflicted as much as twelve hours before the autopsy. GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 4, reel 5164, frame 134, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

³⁹³ MORAIS. Op.cit, 2008, p. 158.

patologistas norte-americanos³⁹⁴, assim que foi traduzido a pedido do Joint Committee for the Defense of the Brazilian People. Após nova análise, os peritos discordam com a afirmação de que a altura percorrida por Barron condiz com a *causa mortis*, ou seja, segundo os peritos, é impossível alguém vivo ou morto despencar da janela do terceiro andar e apenas fraturar uma costela que, por seu tamanho pequeno e por sua localização logo abaixo da clavícula, só poderia ter sido quebrada através de um soco muito forte. Além disso, a grande quantidade de ferimentos generalizados revelaria que Barron foi torturado pouco tempo antes de sua morte e que uma queda não os produziria. Em relação à condição de seu estômago, intestinos e fígado, os peritos apontam que Barron passou por um longo período sem se alimentar. Em seguida, os patologistas apontam que a ruptura do pulmão esquerdo poderia ser consequência da fratura da costela. Entretanto, não se pode concluir nada a respeito, uma vez que não há informações sobre qual lado foi atingido. Mas, que as rupturas múltiplas do rim foram, quase com certeza, causadas por golpes diretos sobre a região, devido a uma série de pequenas escoriações na região sugerindo surra. Os peritos americanos encerram seu relatório autopsial concluindo que Barron não se suicidou ao jogar-se da janela do terceiro andar, mas, sim, que a tortura o levou à morte e que seu cadáver foi atirado da janela, com a finalidade de ocultar a verdadeira causa do óbito.

Segundo outra fonte de informação obtida no site www.pitoresco.com³⁹⁵, “o advogado Joseph Brodsky, que veio de Nova York para fazer investigações, concluiu que o prisioneiro morreu vítima de torturas, simulando-se em seguida o suicídio para encerrar o processo.” De acordo com essa fonte tem-se mais uma comprovação às afirmações de George³⁹⁶.

Apesar dos laudos confirmarem que Barron morreu devido à tortura, George³⁹⁷ critica a afirmação sustentada perante Edna Hill, mãe de Barron, pelo Cônsul Geral dos Estados Unidos, Harold. B. Minor de que houve um suicídio, ou seja, ao manter a versão brasileira dos fatos, nega-se a informação sobre o horário, inclusive. De acordo com a versão fornecida pela polícia, Barron teria morrido às oito horas e quinze minutos, ao dar entrada na emergência do Hospital Municipal Central, após ter se atirado e caído às oito

³⁹⁴ GEORGE. Op.cit, c.1936, pp. 4 – 5, reel 5164, frame 134, Smithsonian Institution. .

³⁹⁵ www.pitoresco.com/historia/republ208.htm. Último acesso em 14 de abril de 2008.

³⁹⁶ GEORGE. Op.cit, c.1936, reel 5164, frames 132-143, Smithsonian Institution. .

³⁹⁷ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 5, reel 5164, frame 134, Smithsonian Institution.

horas. Entretanto, segundo um repórter testemunha ocular do fato, o corpo permaneceu por várias horas caído sobre o solo. Ainda, segundo os legistas americanos, a autópsia foi realizada somente doze horas após os rompimentos do pulmão e do rim.

Após o término da autópsia norte-americana, Edna Hill³⁹⁸ escreve uma carta ao presidente Roosevelt exigindo providências a respeito da morte de seu filho, morte essa com explicações contraditórias. Roosevelt, então, encaminha a carta ao secretário de estado Cordell Hull, a fim de que os fatos sejam devidamente apurados. Além disso, o congressista republicano Vito Marcantonio³⁹⁹ também exige junto ao Departamento de Estado que as causas sejam apuradas, mediante a abertura de um inquérito. Porém, tanto o Secretário de Estado Cordell Hull, quanto o Embaixador Gibson confirmam a versão de suicídio dada pela polícia brasileira, gerando extrema indignação da opinião pública, uma vez que o Departamento de Estado e a Embaixada sabiam que Barron estava preso há cinco semanas, o que facilitou à polícia brasileira torturá-lo livremente, sem que o povo americano soubesse dos acontecimentos. Aliás, Gibson apenas se importou em saber da entrada de Barron no Brasil como cidadão americano, ocorrida em vinte e cinco de agosto de 1935. Além disso, ainda segundo George⁴⁰⁰, Hull alega que Gibson havia tentado libertar Barron e que estavam fazendo o possível para que o mesmo não fosse torturado e, mais ainda, que sua morte em decorrência da tortura aconteceu apenas algumas horas depois de um representante da embaixada americana⁴⁰¹ tê-lo visitado na prisão, fato também narrado por Chaves⁴⁰².

Mais uma vez, embora Chaves⁴⁰³ considere a entrada dos Estados Unidos como intromissão em território nacional, é preciso ter cautela ao fazer tal afirmação, pois George⁴⁰⁴ não vê a entrada dos Estados Unidos no Brasil com os mesmos olhos, ou seja, para ele a culpa por tudo o que ocorre em termos de prisões arbitrárias e torturas se deve à questões econômicas, antes de tudo. Sabe-se que desde o século XIX o Brasil possui vínculos econômicos com países estrangeiros, tais como Inglaterra, França e Estados Unidos e através desses contatos, importantes trocas comerciais são realizadas. Dessa

³⁹⁸ MORAIS. Op.cit, 2008, pp. 166-167.

³⁹⁹ GEORGE. Op.cit, c.1936, pp. 5 – 6, reel 5164, frames 134-135, Smithsonian Institution..

⁴⁰⁰ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 6, reel 5164, frame 135, Smithsonian Institution.

⁴⁰¹ O representante em questão é Xanthaky.

⁴⁰² CHAVES. Op.cit, 2004.

⁴⁰³ CHAVES. Op.cit, 2004.

⁴⁰⁴ GEORGE. Op.cit, c.1936, reel 5164, frames 132-143, Smithsonian Institution.

forma, George⁴⁰⁵, em sua publicação, denuncia categoricamente que “*Victor Allan Barron foi assassinado para garantir a segurança dos investimentos americanos e do comércio americano com o vasto prêmio do imperialismo o qual é conhecido como BRASIL!*”⁴⁰⁶.

A partir dessa afirmação, George⁴⁰⁷ passa a descrever a vastidão territorial brasileira com suas riquezas minerais, em contraposição clara à miséria enfrentada pela maioria do povo, miséria esta, segundo o autor, favorecida pelo imperialismo. Pois, ao invés de investir no povo empregando as riquezas naturais, o governo Vargas opta por investir em empresas de capital estrangeiro, aniquilando, assim, empresas nacionais e elevando, por consequência, a taxa de desemprego no Brasil⁴⁰⁸. Desse modo, George⁴⁰⁹ responsabiliza tanto Vargas quanto o governo norte-americano pelas prisões e torturas dos dezessete mil prisioneiros políticos no Brasil, os quais são aprisionados por terem se insurgido contra a política econômica varguista. Ou seja, segundo o autor⁴¹⁰, após a Primeira Guerra Mundial uma batalha pelo domínio do mercado é iniciada na Bolsa de Nova York, resultando na perda de espaço da Inglaterra sobre a economia brasileira, em prol da norte-americana. Com essa batalha sinalizada pelo crescimento explosivo nos investimentos no Brasil, os Estados Unidos, em 1913, saltam de um montante de cinquenta milhões de dólares, para quinhentos e cinquenta e sete milhões, em 1930, mesmo ano em que Vargas dá um golpe militar garantindo o posto de ditador. Um outro exemplo fornecido pelo autor revela que entre 1913 e 1927, os produtos americanos importados pelo Brasil tiveram um crescimento de cento e três por cento, chegando em 1932 a exceder em cinquenta por cento, o total das exportações inglesas no mesmo período.

Dessa forma, com essa batalha acirrada por mercado, o povo inicia uma série de revoltas⁴¹¹ já a partir de 1922, durante o mandato de Washington Luís, quando soldados e cadetes apontam suas armas do Forte de Copacabana em direção aos prédios do governo, no Rio de Janeiro, causando dezoito mortes. Dentre os revoltosos está o jovem cadete Luís Carlos Prestes, logo depois transferido da capital federal da época, para o Rio Grande do Sul, terra natal de Getúlio Vargas. Após a primeira batalha, inicia-se uma onda de

⁴⁰⁵ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 7, reel 5164, frame 135, Smithsonian Institution.

⁴⁰⁶ ...Victor Allan Barron was murdered to guarantee the safety of American investments and American trade with the vast prize of imperialism that is known as BRAZIL! GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 7, reel 5164, frame 135, (Trad da autora), Smithsonian Institution. .

⁴⁰⁷ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 7, reel 5164, frame 135, Smithsonian Institution.

⁴⁰⁸ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 13, reel 5164, frame 138, Smithsonian Institution.

⁴⁰⁹ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 23, reel 5164, frame 143, Smithsonian Institution.

⁴¹⁰ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 8, reel 5164, frame 136, Smithsonian Institution.

⁴¹¹ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 9, reel 5164, frame 136, Smithsonian Institution.

sucessivas batalhas e revoltas, inclusive contra Vargas a partir de 1930, ano em que assume o poder. Aliás, as revoltas se tornam mais violentas durante seu governo, pois a repressão assume maior força e qualquer pessoa que levante a voz contra Vargas passa a ser suspeita de comunista, conforme visto anteriormente no presente capítulo.

A transferência de Prestes para o Rio Grande do Sul em 1922 não o impede de continuar sua luta. Fortalecido pelo povo, seu grupo restrito cresce atingindo milhares de brasileiros que passam a marchar pelo país, de norte a sul e de leste a oeste na chamada “Coluna Prestes”. De acordo com o autor⁴¹², Prestes atrai milhares de camponeses que o tratam como libertador e, além disso, durante sua caminhada pelo país, ao mesmo tempo em que é aclamado “Cavaleiro da Esperança”, assusta as elites dominantes.

Nas eleições de 1930, Vargas se candidata através da Aliança Liberal, propondo liberdade ao Brasil, igualdade de direitos, democracia para todos, posicionando-se “*contra o imperialismo opressor*”⁴¹³, ideais defendidos por Prestes em sua marcha. Apesar dos resultados das prévias das eleições serem, a princípio, favoráveis a Vargas, Washington Luís se recusa a deixar o poder, denunciando Vargas como agente bolchevique de Moscou, usando palavras causadoras de comoção nacional e confundindo o povo. Desse modo, Washington Luís determina que Vargas e Oswaldo Aranha sejam processados e, assim, Vargas perde as eleições. Entretanto, George⁴¹⁴ afirma que os amigos poderosos de Vargas, isto é, grandes pecuaristas gaúchos aliados aos investidores americanos financiados por bancos ligados a Wall Street, apóiam Vargas militar e imperialisticamente, garantindo-lhe a força necessária para tomar o poder em 1930. Vargas, portanto, declara-se: “*Eu sou o ditador do Brasil*”⁴¹⁵.

Ao se eleger como ditador, Vargas trai a confiança dos que o apoiaram⁴¹⁶

porque acreditaram nele quando prometeu a eles direitos enquanto seres humanos e cidadãos, porque acreditaram nele quando ele disse que Prestes o apoiou. Isto era uma mentira.

⁴¹² GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 10, reel 5164, frame 137, Smithsonian Institution.

⁴¹³ ... against imperialist oppression. GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 10, reel 5164, frame 137, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

⁴¹⁴ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 11, reel 5164, frame 137, Smithsonian Institution.

⁴¹⁵ Vargas declared: “I am the dictator of Brazil”. GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 11, reel 5164, frame 137, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

⁴¹⁶ ... because they believed him when he promised them rights as human beings and citizens, because they believed him when he said that Prestes supported him. This was a lie. Prestes did not support Vargas, but abroad in exile he learned of the lie too late to deny it. GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 11, reel 5164, frame 137, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

Prestes não apoiou Vargas, mas no exílio no exterior ele soube da mentira tarde demais para negá-la.

Prestes, então declara⁴¹⁷:

“Num momento quando uma ditadura foi trocada por outra, ainda pior, por uma ditadura ainda mais sangrenta, eu me declaro mais uma vez pronto para a luta forte e imutável em comum com as grandes massas trabalhistas do Brasil”.

Segundo George⁴¹⁸, Vargas tenta subornar Prestes lhe oferecendo o cargo de Ministro da Guerra, cargo recusado por Prestes, que passa a atacá-lo declarando que, Vargas é um traidor nacional pior do que o deposto Washington Luís. Além disso, Prestes o acusa de ter violado suas promessas, oprimido o povo e vendido todas as riquezas da nação aos imperialistas, em especial para os bancos investidores de Wall Street, pois, somente com o grande apoio financeiro destes é que Vargas consegue permanecer no poder. E para garantir o sucesso dos investidores, Vargas passa por cima de tudo e de todos, não medindo conseqüências, ou seja, milhares são presos, torturados e assassinados, a partir do momento em que seus oponentes liderados por Prestes⁴¹⁹, mais uma vez, criam a Aliança Nacional Libertadora – ANL, organização que se opõe a Vargas e ao imperialismo. Do outro lado, Vargas apóia a criação dos Integralistas⁴²⁰, grupo fascista que atua perseguindo e assassinando líderes antifascistas, sindicalistas e partidários trabalhistas.

Ao liderar a ANL, Prestes⁴²¹ propõe se unir a todos que não se venderam ao imperialismo e lutar pela libertação nacional, pela abolição das condições feudais e pela defesa dos direitos democráticos do povo brasileiro ameaçado pela barbárie fascista. Assim, a ANL responde ao tratado firmado por Vargas junto a Wall Street, em 1935, uma vez que neste último, setores inteiros da indústria nacional são arruinados pela livre entrada de produtos americanos, gerando milhares de desempregados no Brasil. Ou seja, para defender o mercado norte-americano durante a Depressão, milhares de brasileiros perdem seus empregos, milhares são presos, torturados e mortos, inclusive o norte-americano Barron,

⁴¹⁷ “At a moment when one dictatorship has been replaced by another, still worse, still bloodier dictatorship, I declare myself once again ready for unswerving struggle in common with the broad working masses of Brazil”. GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 11, reel 5164, frame 137, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

⁴¹⁸ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 11, reel 5164, frame 137, Smithsonian Institution.

⁴¹⁹ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 13, reel 5164, frame 138, Smithsonian Institution.

⁴²⁰ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 12, reel 5164, frame 138, Smithsonian Institution.

⁴²¹ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 13, reel 5164, frame 138, Smithsonian Institution.

pela polícia secreta de Vargas. Segundo o relatório contundente de George⁴²², tanto os Estados Unidos, de Roosevelt quanto o Brasil, de Vargas são os responsáveis pela crise política, resultante da Good Neighbor Policy (Política da Boa Vizinhança). Ou seja, em nome de acordos econômicos milionários, a barbárie se instala nas prisões e nas ruas. Em uma carta redigida por Edna Hill e por uma *grande comissão*⁴²³ - Fernando Morais não precisa a informação sobre o nome da grande comissão, mas aponta nomes que coincidem com os dos membros do Joint Committee for the Defense of the Brazilian People, comitê chefiado por Horace B. Davies e controlado por Chester A. Arthur Jr., nomes citados por Morais em seu livro *Olga*⁴²⁴ - endereçada à Roosevelt, essa mesma comissão exige a real apuração dos fatos e levanta suspeita de que a embaixada norte-americana seja coadjuvante no crime praticado pela polícia de Vargas, contra Barron. E caso tal suspeita tenha ocorrido, de fato, a diplomacia e a política da boa vizinhança estariam sendo violadas.

Entretanto, o pior ainda estava para acontecer, pois além de impor a indústria norte-americana em detrimento da nacional, Vargas decreta o National Security Act (Lei de Segurança Nacional) em abril de 1935, suprimindo as liberdades garantidas pela Constituição de 1934. No momento em que os fascistas são encorajados a realizar um congresso, o terror se intensifica. Vargas viola a Constituição, decreta estado de sítio em abril de 1935 e em dezembro, o estado de guerra, com renovações constantes até junho de 1936, momento em que George⁴²⁵ publica seu relatório. Ou seja, ao violar a Constituição e anular os direitos do povo, Vargas se sente apto a qualquer atitude fascista. Vale lembrar que Hitler faz o mesmo na Alemanha – prisões, tortura, assassinatos e perseguição aos judeus. Em relação a isso, Vargas também o faz, segundo George⁴²⁶.

Ao perseguir os judeus no Brasil, prender milhares de pessoas arbitrariamente, inclusive Prestes, Olga, Arthur Ewert, Elise Ewert, Barron e Abel Chermont, Vargas prova que para ele não há mais limites, pois, estando acima das leis constitucionais brasileiras, pode fazer o que quiser com as pessoas. Dessa forma, George⁴²⁷ denuncia veementemente tanto a Vargas quanto ao governo norte-americano responsabilizando-os pelos atos criminosos em troca de dinheiro e poder e conclama seus conterrâneos a reagir contra

⁴²² GEORGE. Op.cit, c.1936, reel 5164, frames 132-143, Smithsonian Institution.

⁴²³ MORAIS. Op.cit, 2008, pp. 167-168.

⁴²⁴ MORAIS. Op.cit, 2008, pp. 167-168.

⁴²⁵ GEORGE. Op.cit, c.1936, reel 5164, frames 132-143, Smithsonian Institution.

⁴²⁶ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 22, reel 5164, frame 143, Smithsonian Institution.

⁴²⁷ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 22, reel 5164, frame 143.

Vargas, ajudando os brasileiros nessa batalha. Assim, George⁴²⁸ conclui sua publicação - definida por Rockwell Kent como panfleto -, através do Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro) com as seguintes palavras⁴²⁹:

Nós deveríamos protestar de todas as formas, ao governo brasileiro, à sua embaixada em Washington e aos consulados locais. Nós deveríamos exigir a soltura imediata de Luís Carlos Prestes, anistia para todos os prisioneiros políticos, um fim ao estado de “guerra” e restabelecimento dos direitos democráticos supostamente “garantidos” na Constituição do Brasil. Nós deveríamos combater o fascismo no nosso próprio hemisfério emprestando nossa total força às frentes antifascistas dos povos na terra onde, de todas as terras ocidentais, a luta é a mais afiada. Nós deveríamos visitar todos os americanos amantes da liberdade para que apoiem a Aliança Nacional Libertadora e seus heróis, agora ameaçados de morte nas masmorras e campos de prisioneiros do Brasil.

Ao ter acesso a este panfleto publicado, na verdade pelo próprio pai de Victor Allan Barron, Rockwell Kent e Jerome Davis vêm ao Brasil, como observadores políticos. Sendo Rockwell presidente do National Committee for People’s Rights (Comitê Nacional pelos Direitos do Povo), comitê ligado ao Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro) e por Rockwell ser defensor ferrenho da democracia, da paz, da justiça e da liberdade, entra em contato com o embaixador brasileiro em Washington, Oswaldo Aranha com a finalidade de obter uma carta de apresentação. Desse modo, após se reunir com Aranha em junho de 1937, marca a

⁴²⁸ GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 23, reel 5164, frame 143.

⁴²⁹ We should protest, in every way, to the Brazilian government, its Washington Embassy and local consulates. We should demand the immediate release of Luis Carlos Prestes, amnesty for all political prisoners, an end of the state of “war” and reestablishment of the democratic rights supposedly “guaranteed” in Brazil’s Constitution. We should fight fascism in our own hemisphere by lending our full strength to the people’s anti-fascist front in the land where, of all Western lands, the struggle is the sharpest. We should call upon all liberty-loving Americans to support the National Liberation Alliance and its heroes, now threatened with death in the dungeons and prison camps of Brazil. GEORGE. Op.cit, c.1936, p. 23, reel 5164, frame 143, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

viagem para o mês de novembro do mesmo ano, chegando ao Rio de Janeiro em vinte e cinco de novembro⁴³⁰

para averiguar a situação política, entender a cabeça do povo e chegar às tais conclusões como poderiam ser do interesse do público americano, no julgamento do Brasil como um vizinho amigável. Tínhamos nove dias para fazê-lo. Nós tínhamos cartas de recomendação: as minhas eram sob a forma de apresentações pessoais – do que provou ser uma das de natureza mais amigáveis e úteis – do embaixador brasileiro, Senhor Oswaldo Aranha, em Washington; e Davis tinha, além de cartas pessoais, incluindo uma do filho do presidente Vargas para seu pai, muitas apresentações oficiais de importância.

Em relação aos contatos com Oswaldo Aranha, nos Archives of American Art (Arquivos de Arte Americana) do Smithsonian Institution existem dois documentos importantes redigidos em tom bastante amistoso e cordial, que comprovam tanto o contato de Rockwell com o embaixador brasileiro em Washington, quanto o que o primeiro espera conseguir durante sua viagem de nove dias ao Rio de Janeiro. Assim, na primeira carta⁴³¹ sem data, Rockwell escreve à Aranha pedindo-lhe cartas de apresentação e que Aranha o ajude a conseguir entrevistar, no Brasil, Getúlio Vargas, os Ministros da Justiça, Macedo Soares, da Guerra, Gaspar Dutra, do Supremo Tribunal Militar, Ribeiro da Costa, Bulcão Viana e Edmundo da Veiga, além do Senador Medeiros Netto, do Presidente do Supremo Tribunal Militar, Pedro de Frontin e do Bispo Paes Leme. Pois, a intenção de Rockwell é agir em acordo conforme a situação do momento requer e entrar em contato com o que ele mesmo define por “*estarem predominantemente no controle das coisas hoje*”⁴³². Já, a segunda carta⁴³³ datada de dezessete de novembro de 1937, oito dias anterior à vinda de Rockwell, portanto, Aranha anexa cartas de apresentação para que o observador político

⁴³⁰ ...to inquire into the political situation, sense out the public mind, and come to such conclusions as might be of value to the American public in judging of Brazil as friendly neighbour. We had nine days to do it in. We bore credentials: mine were in the form of personal introductions – of what proved to be one of the most friendly and helpful nature – from the Brazilian Ambassador, Señor Oswaldo Aranha in Washington; and Davis had, besides several personal letters, including one from the son of President Vargas to his father, a number of official introductions of importance. KENT. Op.cit, 1938, p. 15. (Trad.da autora).

⁴³¹ KENT, Rockwell. Sem local, sem data. Reel, 5164, frame 112, Smithsonian Institution.

⁴³² ... are predominantly at the head of things today. KENT, Rockwell. Sem local, sem data. Reel, 5164, frame 112, Smithsonian Institution.

⁴³³ ... to complete successfully your studies and observations in Brazil. ARANHA, Oswaldo. Washington, November 17, 1937, reel 5164, frame 156, Smithsonian Institution.

norte-americano possa “completar seus estudos e observações no Brasil, com sucesso”. Desse modo, com as cartas de apresentação em mãos, a viagem de Rockwell Kent e de Jerome Davis está pronta.

Mr. Oswaldo Aranha
Brazilian Embassy
Washington, D.C.

Dear Mr. Aranha:

In accordance with our conversation the other day in which you were so gracious as to offer us your cooperation on our forthcoming trip to Brazil, I am writing this letter in order to outline to you some of the people whom we would like very much to interview while in Brazil. We wish, as you know, to proceed with our minds completely open and with no bias in our attitude. It therefore seems the most reasonable approach that we interview the people who, it would seem, are predominantly at the head of things today.

I have been given a list of names of just those people which I am including here. If you could give me a letter of introduction it would undoubtedly greatly facilitate our work. First of all, we should very much like to meet President Getulio Vargas. The other names are:

Minister of Justice	Mauro Sobres	L
Senator	Madalena Brito	
Minister of War	Neimar Dutra	D
President of the Supreme Military Tribunal		
Minister of Education		
Minister of the Supreme Military Tribunal		
Minister of Agriculture		
Minister of Finance		
Minister of Health		
Minister of Labor		
Minister of Social Affairs		
Minister of Public Works		
Minister of Railways		
Minister of Communications		
Minister of Information		
Minister of Culture		
Minister of Art		
Minister of Music		
Minister of Theater		
Minister of Cinema		
Minister of Radio		
Minister of Television		
Minister of Press		
Minister of Literature		
Minister of Science		
Minister of Technology		
Minister of Industry		
Minister of Commerce		
Minister of Agriculture		
Minister of Livestock		
Minister of Fishing		
Minister of Forestry		
Minister of Mining		
Minister of Energy		
Minister of Power		
Minister of Water		
Minister of Air		
Minister of Sea		
Minister of Land		
Minister of Space		
Minister of Time		
Minister of Space-Time		

Mr. Cochran and I wish to thank you for the very kind and friendly reception which you gave us, and are extremely grateful for all you have done.

Faithfully yours,

Rockwell Kent

Copy sent to CR

Carta de Rockwell Kent a Oswaldo Aranha.

Washington, November 17, 1937.

Dear Mr. Kent,

I enclose two letters of introduction: one to my wife and the other to Dr. Paulo Bitencourt, editor and proprietor of the "Correio da Manhã", the most important daily in Rio de Janeiro. Through them you will be able to secure all the necessary introductions and information to complete successfully your studies and observations in Brazil.

Earlier this afternoon I enclosed two letters identical to the enclosed, in a communication which my secretary forwarded by special delivery to Annapolis, as he was unable to leave by airplane tonight. If and when the letters in question reach your hands, therefore, please disregard them.

Once again wishing you a pleasant and successful trip, I am

Sincerely yours

Oswaldo Aranha

P. S. My daughter wrote direct to Miss Alzira Vargas, daughter of President Getulio Vargas, advising her of your departure for Brazil.

Carta de Oswaldo Aranha a Rockwell Kent.

3 - ROCKWELL KENT NO BRASIL

No final do capítulo anterior, Rockwell Kent já está com todos os preparativos concluídos para vir ao Brasil com Jerome Davis, ou seja, Rockwell⁴³⁴ possui cartas de apresentação fornecidas pelo embaixador brasileiro em Washington, Oswaldo Aranha, documentos e panfletos comprometedores⁴³⁵, os quais são rasgados e jogados ao mar durante o voo para o Rio de Janeiro – e aqui, Rockwell não especifica os tipos de documentos e panfletos -, através do sanitário do avião e uma lista contendo os nomes dos prisioneiros políticos, incluindo o de Luis Carlos Prestes. Após uma parada em Porto Rico⁴³⁶, onde Rockwell sai em apoio aos Nacionalistas, presos pelo Massacre de Ponce ocorrido no domingo de ramos, conforme detalhado no capítulo 1, Rockwell embarca novamente no avião e chega ao Rio de Janeiro⁴³⁷ no dia vinte e cinco de novembro de 1937, para uma estada de nove dias, como observador político.

Durante esse período, Rockwell entra em contato com “*peessoas de todas as classes e liberais corajosos muito bem informados*”⁴³⁸ a fim de colher dados para a elaboração de seu relatório “Brazil and Vargas” (Brasil e Vargas). Em relação aos liberais, aqui fica claro que para aquele momento, liberais são todos os cidadãos comunistas ou não que se voltam contra Vargas, lutando pelo fim da ditadura, pela volta da democracia e dos direitos constitucionais, caçados pelo ditador, através da Lei de Segurança Nacional. No que tange aos nomes dessas pessoas com as quais entra em contato, nada se sabe, pois, Rockwell não os divulga em nenhum de seus escritos ou anotações. Embora tenha pedido em uma carta⁴³⁹ endereçada ao embaixador Oswaldo Aranha, que o ajudasse a entrar em contato com Vargas, seus ministros da justiça, da guerra e do supremo tribunal militar, entre outros, é pouco provável que tenha conseguido fazê-lo, uma vez que não há registros desses encontros nos arquivos do Smithsonian Institution. Pois, ao chegar ao Brasil, agentes da polícia secreta de Vargas o buscam a meia-noite, enquanto dormia no Hotel Luxor (vide imagem logo abaixo), localizado na Avenida Atlântica, no bairro de Copacabana, para um

⁴³⁴ KENT. Op.cit, 1938, p. 15.

⁴³⁵ KENT. Op.cit, 1940, p. 334.

⁴³⁶ KENT. Op.cit, 1955, p. 507.

⁴³⁷ KENT. Op.cit, 1938, p. 15.

⁴³⁸ ... people of all classes and ... thoroughly well informed, courageous liberals... KENT. Op.cit, 1955, p. 508, (Trad.da autora).

⁴³⁹ KENT, Rockwell. Sem local, sem data. Reel, 5164, frame 112, Smithsonian Institution.

interrogatório⁴⁴⁰ durante o qual, descobrem que Rockwell possui uma lista de prisioneiros encabeçada pelo nome de Prestes.



Papel de carta do Hotel Luxor, reel 5164, frame 114.

Rockwell vem ao Brasil como observador político e colhe dados para a redação de seu relatório, o qual é publicado em 1938 na Inglaterra, pela revista *Life and Letters Today* (Vida e Cartas Hoje), publicação especializada em escritos literários e artísticos. Mas por que isso ocorre? Por que o relatório não é publicado pelo Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro), se eles foram os responsáveis pela viagem juntamente com o National Committee for People's Rights (Comitê Nacional pelos Direitos do Povo)? Após voltar aos Estados Unidos, Rockwell passa meses escrevendo e enviando seu texto várias vezes para a revisão de Horace B. Davies, conselheiro temporário do Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro). Rockwell, entretanto, acaba se decepcionando com a demora e com a falta de resposta de Davies nos envios dos rascunhos revisados. Em uma carta⁴⁴¹ enviada em vinte e nove de março de 1938 à Marina Lopes, membro do referido comitê, Rockwell apresenta seu relatório demonstrando claros sinais de decepção pela alteração do tom de seu texto, tornando-o mais agressivo, inclusive, pela adição de uma nota de rodapé sobre a morte de Barron, adição essa que o irrita, por não concordar com a hipótese oficial de assassinato pela polícia. A necessária inclusão do documento⁴⁴², aqui revela a insatisfação de Rockwell em relação à atitude de Davies:

⁴⁴⁰ KENT. Op.cit, 1938, pp. 16-18.

⁴⁴¹ Carta de Rockwell Kent endereçada à Marina Lopes, 29 de março de 1938. Reel 5164, frame 171, Smithsonian Institution.

⁴⁴² March 29th, 1938

Dear Marina:

Here's The Report! As I said last night, Mr. Davies's corrections and eliminations – except for a few corrections of fact of which I have gratefully availed myself – were all directed to altering the tone of the report. I was perhaps most angered by the footnote which had been introduced in reference to Barron. You will recall my having told you on my return that I was far from convinced that Barron had been officially murdered by the police; and I gave my reasons. I was then asked, and I agreed, to suppress my conclusions and not discuss the Barron case. While in Boston I told Mr. Davies the whole story, including my agreement not to put anything about it in my report. Yet in Mr. Davies's revision of my report appears the following

29 de março de 1938

Prezada Marina:

Aqui está o Relatório! Como eu disse ontem à noite, as correções e eliminações de Mr. Davies – exceto por algumas correções de fato, das quais eu me beneficieei – foram todas direcionadas a alteração do tom do relatório. Talvez eu tenha me irritado mais com a nota de rodapé que foi introduzida em referência à Barron. Você se lembrará quando lhe disse na minha volta, que eu estava longe de estar convencido de que Barron havia sido oficialmente assassinado pela polícia; e eu dei meus motivos. Fui então perguntado, e concordei em suprimir minhas conclusões e não discutir o caso Barron. Enquanto estava em Boston, contei ao Mr. Davies a história completa, incluindo minha concordância em não colocar nada sobre isso no relatório. Novamente na revisão de Mr. Davies ao meu relatório aparece a seguinte nota de rodapé: “Victor Allan Barron, um jovem americano, foi preso no Rio de Janeiro no início de 1936. Seu corpo, contendo marcas de tortura, foi encontrado fora do hospital da polícia algumas semanas mais tarde. A polícia diz que ele cometeu suicídio. A história é contada pelo pai do jovem, Harrison George, em um panfleto intitulado, Aconteceu no Brasil (1936).” !!!!!!!!!!!!!!!!

Você notará que no lado oposto da página 3 percebi cortes que deveriam ou poderiam ser feitos. Em eliminando o relato de nossa

footnote: “Victor Allan Barron, an American youth, was arrested in Rio de Janeiro early in 1936. His body, bearing marks of torture, was found outside the police hospital some weeks later. The police said he had committed suicide. The story is told by the young man’s father, Harrison George, in a pamphlet entitled It Happened in Brazil (1936).” !!!!!!!!!!!!!!!!

You will note that opposite Page 3 I have noted cuts that should or may be made. By eliminating the account of our little experience with the police – which, as you know, I have never taken very seriously – you will save about six pages – more, I think, than Mr. Davies saved. But while I think that that portion is the least important passage of the report, I do believe that it makes the report more entertaining and readable. Please use your own judgment.

Let me repeat that a report must not be thought of as propaganda except as it may, or may not, happen to have propaganda value. Its proper function is to present such factual material, as impartially as possible, as may – or may not – support the propaganda of a Cause.

I have dated the report. That date should be printed as establishing the fact that the report was not prepared in the light of subsequent reports and news from Brazil.

Faithfully yours. Carta de Rockwell Kent endereçada à Marina Lopes, 29 de março de 1938. Reel 5164, frame 171, (Trad. da autora), Smithsonian Institution.

pequena experiência com a polícia – a qual, você sabe, nunca levei muito a sério – você economizará por volta de seis páginas – mais, eu acho, do que Mr. Davies economizou. Mas, enquanto penso que aquela porção é a passagem menos importante do relatório, eu realmente acredito que ela faz o relatório mais alegre e legível. Por favor, use seu próprio julgamento.

Deixe-me repetir que um relatório não deve ser pensado como propaganda a menos que possa, ou não, ter valor de propaganda. Sua própria função é apresentar tal material real, tão imparcialmente quanto possível que possa – ou não – sustentar a propaganda de uma Causa.

Eu datei o relatório. Aquela data deveria ser impressa como estabelecadora do fato de que o relatório não foi preparado à luz dos relatórios e notícias subseqüentes do Brasil.

Respeitosamente,

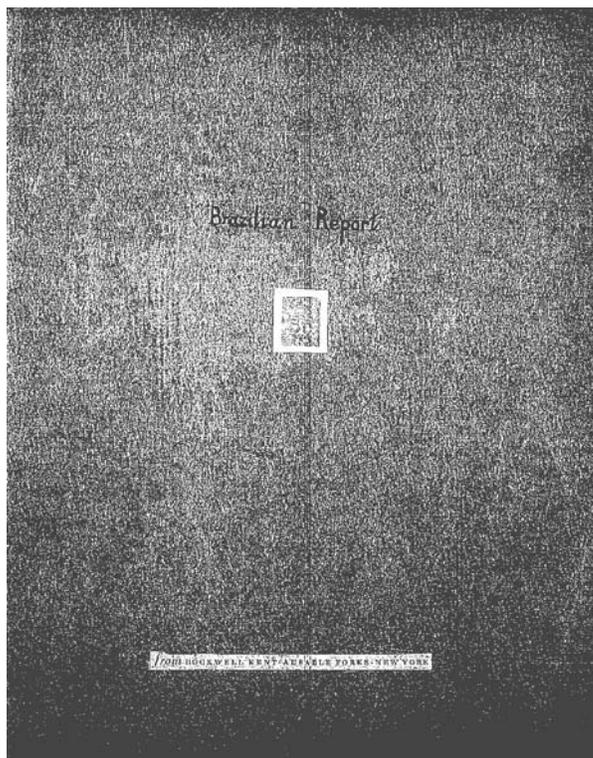
Assim, em vista da demora nas respostas de Davies aos contatos de Rockwell e as alterações propostas pelo primeiro, tornando-o mais agressivo, pela inclusão do caso Barron, Rockwell decide publicar seu relatório na Inglaterra. Porém, antes de enviá-lo para lá, Rockwell conversa duas vezes por carta com seu companheiro de viagem, Jerome Davis com a finalidade de acertar alguns detalhes concernentes à sua publicação, uma vez que Davis também atua como observador político e, posteriormente publica um artigo intitulado “It Did Happen in Brazil”⁴⁴³ (Realmente Aconteceu no Brasil) em nove de fevereiro de 1938 no jornal *The New Republic* (A Nova República). Desse modo, são dois os relatórios publicados; entretanto, há que se observar as diferenças entre ambos, sobretudo no que se refere ao tom do discurso empregado. Pois, em uma das cartas enviadas a Davis, em primeiro de fevereiro de 1938, Rockwell⁴⁴⁴ diz:

⁴⁴³ DAVIS, Jerome. “It Did Happen in Brazil”. In: *The New Republic*, February 9th, 1938. Reel 5164, frames 178-180, Smithsonian Institution.

⁴⁴⁴ It is quite possible that your understanding of the situation there will differ from mine, and that you do conclude that Brazil is now frankly Fascist. I think that that difference of opinion between us will be immaterial, for there will be no contradiction in the facts that we both present. I have tried, in my report, to avoid speaking with authority, and to make it clear that in the short time we were there I could get no more than an impression of public opinion and public reaction, and that my impressions depended entirely on those classes of Brazilians whom I was able to meet. Carta de Rockwell Kent a Jerome Davis. February 1st, 1938. Reel 5214, frame 522, (Trad. da autora), Smithsonian Institution.

É bem possível que seu entendimento da situação lá irá diferir da minha e que você realmente conclua que o Brasil é francamente fascista. Eu penso que aquela diferença de opinião entre nós será imaterial, pois não haverá contradição nos fatos que ambos apresentamos. Tentei, em meu relatório, evitar falar com autoridade e esclarecer que, no curto tempo em que estivemos lá, pude captar não mais do que uma impressão da opinião pública e da reação pública, e que minhas impressões dependeram inteiramente naquelas classes de brasileiros com os quais fui capaz de encontrar.

Mas, voltando um pouco para a questão do relatório redigido por Rockwell, deve-se ressaltar que antes de ser publicado com o título pelo qual é conhecido, “Brazil and Vargas” (Brasil e Vargas), existe uma primeira versão não publicada e de conteúdo mais longo, intitulada “Brazilian Report” (Relatório Brasileiro), ou seja, a versão publicada contém doze páginas contra vinte e três, da primeira. Por que essa diferença?



Capa da versão “Brazilian Report”. Reel 5164, frame 185.

Talvez a razão principal seja o número de páginas limite imposto pela Revista inglesa *Life and Letters Today* (Vida e Cartas Hoje), uma vez que a mesma publica vários artigos de autores variados, a cada volume. Mas, aqui podem haver outras razões ocultas

pelo número de páginas, pois, há uma grande diferença de teor entre as duas versões redigidas por Rockwell, sobretudo no que concerne ao modo pelo qual o autor classifica o governo ditatorial de Vargas. É necessário destacar que antes de publicar seu relatório, o autor foi devidamente orientado pelo embaixador brasileiro em Washington, Oswaldo Aranha, para que não escrevesse nada que pudesse ferir as relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos, conforme o próprio texto publicado⁴⁴⁵ por Rockwell demonstra:

“Por favor”, disse o embaixador Aranha quando o deixei, “não escreva nada sobre o Brasil que perturbe a amizade entre os brasileiros e americanos”, confio que não tenha feito. Deixe-me ir além e tentar apoiá-lo. “Todos os executivos americanos”, disse-me um executivo americano no Rio, “dizem que Vargas vai parar com sua tolice e jogar bola”. Bom: vamos jogar bola. Com Vargas no bastão, vamos atacá-lo.

Se em “Brazil and Vargas” (Brasil e Vargas) Rockwell adota uma postura mais cautelosa em relação à Vargas, em “Brazilian Report” (Relatório Brasileiro), sua postura é mais ofensiva e ameaçadora, na medida em que acrescenta ao parágrafo final as seguintes frases⁴⁴⁶: *“Vamos taxar ou boicotar o café brasileiro e atacar Vargas. O Brasil se alegraria”*. O autor remove a frase *“Com Vargas no bastão, vamos atacá-lo.”* Apesar de serem essas as frases utilizadas por Rockwell na conclusão de seu “Brazilian Report” (Relatório Brasileiro), existem diversos rascunhos rasurados para a elaboração do mesmo e, em um desses Rockwell conclui dizendo: *“Vamos taxar ou boicotar o café brasileiro e arrancar Vargas.”*⁴⁴⁷ - do poder. Entretanto, além da ofensiva final contra Vargas, Rockwell inclui na primeira versão um outro trecho⁴⁴⁸ localizado na página dezenove, em que demonstra seu tom de denúncia face ao fascismo imperante no Brasil de Vargas:

⁴⁴⁵ “Please,” said Ambassador Aranha as I left him, “write nothing about Brazil that will disturb the friendship between Brazilians and Americans,” I trust I haven’t. Let me go further and attempt to strengthen it. “All the American business men,” said an American business man to me in Rio, “say that Vargas is going to stop his nonsense and play ball.” Good: let’s play ball. With Vargas at the bat, let’s strike him out. KENT. Op.cit, 1938, p. 27, (Trad.da Autora).

⁴⁴⁶ Let us tax or boycott Brazilian coffee and strike Vargas out. Brazil would cheer. KENT, Rockwell. *Brazilian Report*. Ausable Forks, New York, s/d. Reel 5164, frame 207, Smithsonian Institution.

⁴⁴⁷ Let us tax or boycott Brazilian coffee and force Vargas out. KENT. Rockwell, s/d. Reel 5164, frame 233, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

⁴⁴⁸ He has, to be sure, accepted the support of the Integralistas, a militant Fascist minority which, to swell its paltry ranks, paraded its little boys and girls in uniform.

That European Fascist influence is active in Brazil is not to be disputed. Yet the reason for this is primarily economic. Brazil wants trade: and trade with Fascist nations entails friendliness. Brazil is open to Fascist influence, and that influence is the more welcome in that it is consistent with the Church’s stand on Spain.

Ele⁴⁴⁹, certamente, aceitou o apoio dos Integralistas, uma minoria militante fascista que, para inchar seu grupo insignificante, desfilou seus pequenos meninos e meninas em uniformes.

Que a influência fascista está ativa no Brasil, não é para ser contestada. Novamente a razão para isso é principalmente econômica. O Brasil quer comércio: e comércio com nações fascistas requer amizade. O Brasil está aberto para a influência fascista, e aquela influência é a mais bem-vinda naquilo em que é consistente com a posição da Igreja na Espanha. Vargas é ditador: de Mussolini, Hitler, Franco – mãos, acaloradas e encorajadoras mãos no outro lado do mar.

Assim, tanto na versão não publicada – “Brazilian Report” (Relatório Brasileiro) - quanto na publicada na Inglaterra em 1938 – “Brazil and Vargas” (Brasil e Vargas) -, percebe-se o posicionamento crítico de Rockwell em relação à Vargas e ao fascismo, pois, para o autor, o fascismo existe e está infiltrado dentro da política e da economia brasileira. Aliás, Rockwell não é o único a perceber e a falar sobre as relações entre o ditador brasileiro e os regimes totalitários europeus, uma vez que, nessa relação existe um grande perigo para a política da boa vizinhança de Franklin Delano Roosevelt, perigo esse que não só ameaça os acordos comerciais firmados em Wall Street com o Brasil, como pode expandir os limites dos regimes totalitários europeus para a América do Sul, em especial para o Brasil. Apesar da repercussão do “suicídio” de Barron na imprensa norte-americana, um ponto citado por Harrison George⁴⁵⁰ em “It Happened in Brazil” (Aconteceu no Brasil) merece destaque, por propor que o cadáver de seu filho, Victor Allan Barron, deve conclamar o povo a lutar para impedir que o imperialismo norte-americano imponha o fascismo sobre o povo brasileiro. Dessa maneira, têm-se aqui duas opiniões: a primeira, defendida por Rockwell⁴⁵¹, de que Vargas, na verdade, não seria um homem cruel capaz de matar Prestes. Porém, ao mesmo tempo em que Rockwell não vê crueldade em Vargas, afirmando a vertente inofensiva de um homem que caminha livremente pelas ruas sem ser

Vargas is Dictator: from Mussolini, Hitler, Franco – hands, warm, heartening hands across the sea. KENT, Rockwell. *Brazilian Report*. Ausable Forks, New York, s/d. Reel 5164, frame 204, Smithsonian Institution.

⁴⁴⁹ Rockwell se refere a Vargas.

⁴⁵⁰ GEORGE. Op.cit, 1936, p. 22, reel 5164, frame 143, Smithsonian Institution.

⁴⁵¹ KENT. Op.cit, 1938.

importunado, Rockwell o compara ao Rei Luís XIV, citando a famosa máxima do rei: “*L’Etat c’est Moi!*”. Além disso, o autor em questão destaca o passado escravocrata latifundiário do país, responsabilizando-o pelo atraso do presente, atraso esse vinculado às relações comerciais travadas com Wall Street.

Do outro lado, vêm as considerações de George e de Jerome Davis⁴⁵², que do mesmo modo, falam sobre o Brasil latifundiário vindo de uma economia escravocrata. Porém, George ataca tanto Vargas quanto o governo norte-americano, responsabilizando-os pelo assassinato de seu filho, ocorrido em nome da continuação do comércio com os Estados Unidos, alegando que os mesmos nada fizeram para impedir a prisão, tortura e morte de Barron. Além do panfleto de George existe o relatório de Jerome Davis, publicado em fevereiro de 1938. Se o texto de George está calcado na morte de Barron, o de Davis nem o menciona, uma vez que opta por bater de frente contra a ditadura de Vargas, claramente um foco fascista que pode se alastrar para todo o Hemisfério Sul, ameaçando os Estados Unidos de várias maneiras, inclusive através da quebra dos acordos comerciais estabelecidos com o Brasil e do enfraquecimento da política norte-americana protagonizada pelo New Deal de Roosevelt. Ou seja, segundo o relatório contundente e de linguagem franca e objetiva de Davis⁴⁵³, o nazismo já está penetrado no sul do território brasileiro, região que possui forte colonização germânica. E que essa penetração se dá através de programas de rádio transmitidos em língua portuguesa, diretamente de Berlim, todas as noites. Aliás, esse perigo também é tratado por Thomas E. Skidmore⁴⁵⁴, que ressalta a facilidade da entrada nazi-fascista, a fim de se imporem militarmente no território brasileiro, devido à grande área de fronteira sem fiscalização ou com fiscalização precária, além da enorme costa em formato “*de peito de pomba-papo-de-vento... que avança sobre o Atlântico*”⁴⁵⁵, segundo Hudson Strode.

Assim, a partir dos relatórios de Rockwell, de Davis e de George é necessário que se perceba o que pode estar por trás da crítica feita em relação ao governo ditatorial de Vargas, pois, no discurso politizado de Rockwell existe uma preocupação a qual permeia igualmente os outros autores, no que concerne o avanço ameaçador do fascismo no Brasil e seu conseqüente perigo de expansão em território norte-americano, o que comprometeria as

⁴⁵² DAVIS. Op.cit, 1938, pp. 10-12, reel 5164, frames 178-180, Smithsonian Institution.

⁴⁵³ DAVIS. Op.cit, 1938, p. 10, reel 5164, frame 178, Smithsonian Institution.

⁴⁵⁴ SKIDMORE. Op.cit, 1999, p. 119.

⁴⁵⁵ ...pouter pigeon breast...pushes... out into the Atlantic. STRODE, Hudson. “South by Thunderbird” apud KENT. *Brazilian Report*. s/d, p.1, reel 5164, frame 186, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

relações comerciais de Wall Street com a América do Sul. Mesmo sendo de esquerda, Rockwell é bem aceito pelo conciliador Roosevelt, a quem considera favorável à paz, democracia, justiça e à liberdade, até então – posteriormente, a situação muda, conforme se verá no próximo capítulo quando será discutida a mudança de opinião de Rockwell com o passar dos anos.

Após analisar os textos em si, cabe discutir o porquê da publicação de “Brazil and Vargas” (Brasil e Vargas) na Inglaterra e não nos Estados Unidos. Como não há qualquer documento que traga explicações para o fato, uma explicação possível talvez esteja no caráter contundente do relatório, o qual pode ter encontrado recusas em outras editoras dos Estados Unidos, por considerarem que o texto de Rockwell toca em pontos perigosos à manutenção da própria democracia dos Estados Unidos. Entretanto, a escolha da Inglaterra não é aleatória, uma vez que não existe neutralidade por parte da nação. Pois, embora a Inglaterra tenha perdido espaço nas relações comerciais com o Brasil, tais relações ainda estão mantidas e tanto o serviço secreto norte-americano como o inglês atuam diretamente a serviço de Vargas e da coibição dos avanços comunistas no Brasil. Para exemplificar a questão, basta lembrar que Prestes e Olga são caçados também por ambas as agências e que na deportação de Olga há participação dos norte-americanos e ingleses, juntamente aos brasileiros e alemães. Do mesmo modo que Rockwell, Davis e Levinson, cidadãos ingleses vêm ao Brasil com o intuito de tentar libertar prisioneiros políticos. Mas, assim como Levinson, acabam expulsos por Vargas e por sua polícia.

Aliás, isso ocorre quando Lady Christine Hastings⁴⁵⁶, sua cunhada Lady Marian Cameron Campbell – esposas de dois membros da Câmara dos Comuns da Inglaterra - e o secretário delas, Richard Gavin Freeman decidem vir ao Brasil, inicialmente, a fim de colher dados para escrever um livro sobre o Brasil. Porém, segundo Morais⁴⁵⁷, Hastings, Campbell e Freeman têm por finalidade apurar as prisões e torturas de políticos, especialmente de estrangeiros, no Brasil de Vargas. Enfim, ao chegarem são presos pela polícia secreta de Vargas e Freeman acaba presenciando presos políticos bastante machucados após intermináveis sessões de tortura. Embora os três ingleses não tenham sido torturados fisicamente, Freeman consegue conversar com alguns dos prisioneiros e, assim que são expulsos do Brasil, voltam à Inglaterra para redigir o artigo “Englishmen Abroad”

⁴⁵⁶ FREEMAN, Richard. “Englishmen Abroad I. Brazilian Misadventure”. *The Living Age*. September, 1936, p. 56, reel 5164, frame 223, Smithsonian Institution.

⁴⁵⁷ MORAIS. Op.cit, 2008, pp. 170 - 171.

(Inglese no Exterior). A finalidade do artigo é relatar e denunciar a conduta de Vargas ante a comunidade internacional, para que estes intercedam pelos prisioneiros políticos e pelo povo brasileiro, libertando-os do jugo da ditadura varguista. Segundo Freeman⁴⁵⁸, a razão pela qual Vargas persegue, prende, tortura e mata aqueles a quem aprisiona se deve a fatores econômicos, ou seja, aqui Freeman compartilha da mesma opinião de Rockwell⁴⁵⁹, de Davis⁴⁶⁰ e de George⁴⁶¹, de que as relações internacionais de comércio tanto inglesas como norte-americanas estão aumentando as desigualdades sócio-econômicas e, conseqüentemente, empobrecendo a população em detrimento da riqueza dos poucos escolhidos do círculo de Vargas.

Desse modo, pode-se definir que as duas versões dos relatórios escritos por Rockwell – “Brazilian Report” (Relatório Brasileiro) e “Brazil and Vargas” (Brasil e Vargas) - apresentam os fatos seguindo padrões semelhantes aos outros aqui descritos, ou seja, apesar de manter uma postura defensora de Vargas, dizendo que o ditador seria incapaz de matar Prestes por não ser um homem cruel e, mais ainda, ao não crer na morte de Barron como resultante de um homicídio, Rockwell parece se eximir de responsabilidades talvez, diante de Roosevelt, por não desejar atacá-lo em seus negócios comerciais com o Brasil, mesmo porque Rockwell sempre está vinculado ao Departamento de Estado americano e ao presidente. Mas, ao mesmo tempo em que se exime Rockwell mantém sua postura crítica em relação ao fascismo em franco processo de expansão, nesse momento. No capítulo quatro, ver-se-á porque Rockwell mudará de opinião com o passar dos anos, posicionando-se contra Roosevelt e contra os Estados Unidos.

3.1 – A PRODUÇÃO ICONOGRÁFICA DE ROCKWELL KENT NO BRASIL

Além de vir ao Brasil em novembro de 1937 com a finalidade de observar politicamente e colher dados para a elaboração do relatório o qual, a princípio seria publicado pelo Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro), mas, que de fato, é publicado somente em 1938, na Inglaterra pela Revista *Life and Letters Today* (Vida e Cartas Hoje), Rockwell também produz imagens. Assim, a primeira delas é composta por um pequeno esboço realizado sumariamente à caneta, contendo em poucas linhas a representação de uma figura humana,

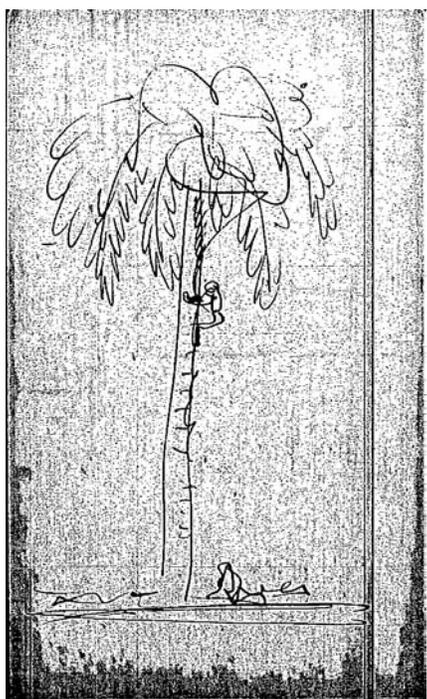
⁴⁵⁸ FREEMAN. Op.cit, 1936, p. 59, reel 5164, frame 226.

⁴⁵⁹ KENT. Op.cit, 1938.

⁴⁶⁰ DAVIS. Op.cit, 1938, reel 5164, frame 178 – 180, Smithsonian Institution.

⁴⁶¹ GEORGE. Op.cit, 1936, reel 5164, frame 132 – 143, Smithsonian Institution.

talvez masculina, escalando um coqueiro na praia - de Copacabana, provavelmente por ter se hospedado no Hotel Luxor, localizado na Avenida Atlântica -, tendo uma leve lembrança de formações rochosas ao fundo, típicas da topografia carioca. A observação do referido esboço permite propor que Rockwell o realiza de forma rápida, possivelmente durante um breve descanso à beira mar, ou enquanto espera por alguém, ou ainda, durante uma conversa. Porém, o que parece certo em relação ao desenho é que, embora não traga qualquer assinatura, percebem-se nele traços comuns à escrita de Rockwell, sobretudo no que concerne à sua caligrafia miúda e de difícil compreensão. Aliás, esse esboço não tem prosseguimento, ou seja, ele não reutiliza a imagem em seus quadros ou gravuras.



Esboço com coqueiro. Reel 5164, frame 213. Fotografia da praia de Copacabana, com coqueiros.



Brazilian Notes. Reel 5164, frame 211.

O segundo desenho produzido por Rockwell é completamente acabado e foi realizado em seu atelier em *Asgard*, em 1939 para encabeçar o capítulo “A Friendly

Neighbor” (Um Vizinho Amigável) em seu livro *This is My Own*, publicado no ano seguinte. Trata-se de um desenho feito a tinta imitando uma xilogravura, técnica dominada com profundidade pelo artista, na qual se vê uma forte mão cerrada de onde um homem nu tenta se libertar com grande dificuldade, enquanto olha para cima, em direção a um conjunto de linhas paralelas que se assemelham a uma asa estilizada – símbolo da liberdade. Ao fundo da cena tem-se o Morro da Urca, local de instalação do famoso Pão-de-Açúcar, em operação desde 1912, e a entrada da Baía da Guanabara. Em relação a essa paisagem carioca, pode-se propor que Rockwell a tenha realizado partindo de um cartão postal ou de uma fotografia tirada por ele mesmo, pois, em seus documentos não existe qualquer menção no que tange a esse aspecto. Entretanto, um ponto a ser destacado consiste no fato de que o artista a executou com grande grau de realismo, descrevendo minuciosamente a topografia local, bem como sua respectiva incidência luminosa sobre a pedra do morro e a diminuta paisagem urbana da orla carioca. Voltando o olhar para a figura masculina emergindo da “mão de ferro”, percebe-se o modo pelo qual Rockwell faz com que a luz incida sobre seu rosto, pescoço, peito e braço esquerdo, a fim de estabelecer um forte e determinante contraste contendo pouca variação tonal que se repete nos enormes dedos da “mão de ferro”. Aqui, ainda deve-se ressaltar a linguagem gráfica empregada por Rockwell, a qual através da linha e de suas variantes cria toda uma gama de texturas e ritmos.



Rockwell Kent. Ilustração que abre o capítulo “A Friendly Neighbor” (Um Vizinho Amigável), 1940.

Analisando a gravura com mais atenção, principalmente a figura central da cena composta pelo homem que luta para escapar da enorme mão que o prende e esmaga, nota-se que Rockwell adota um esquema formal bastante comum à linguagem dos cartazes políticos, na medida em que se percebem a objetividade e a clareza da mensagem transmitida. Ou seja, a referida imagem é disposta na página que encabeça o capítulo, antes mesmo da apresentação do título e do texto. Mas qual é o título e de que texto se fala? Trata-se do título do capítulo XXXV chamado “A Friendly Neighbor”⁴⁶² (Um Vizinho Amigável) da autobiografia escrita por Rockwell Kent em 1939 e publicada sob o título *This is My Own* (Esta é Minha Própria), em 1940. Em relação ao capítulo ilustrado pela referida imagem, deve-se ressaltar o modo como a linguagem utilizada na imagem está diretamente associada ao texto. E aqui até se poderia dizer que Rockwell faz uma espécie atualizada de “*Ut Pictura Poesis*”, através de um texto laico, sem qualquer vestígio de mitologia ou de sacralidade religiosa, na qual parece afirmar que seu texto reflete e explica sua imagem e vice-versa. Porém, tanto a mensagem escrita quanto a visual são plenamente diretas e pregadoras da liberdade, da democracia, da paz e da justiça, uma vez que a iconografia que traz a representação de um homem nu em luta para escapar da mão que o prende, pode ser interpretada da seguinte forma: o homem nu seria aquele ser livre, sem amarras, mas que estando preso por uma “mão de ferro”, talvez símbolo do poder ou do Estado, tem sua liberdade cerceada.

Rockwell, desse modo, faz de sua imagem mecanismo de propagação de seus ideais de liberdade, democracia, paz e justiça. Entretanto, aqui cabe refletir de que maneira a ação de Rockwell como promotor de ideais está inserida no momento em que vive, ou seja, existe em sua arte e em seu pensamento um sentido que também surge em outros artistas ilustradores dos Estados Unidos e da Europa da mesma época. Segundo Eliot H. Stanley⁴⁶³, Rockwell é um realista socialista na teoria da arte, que se aproxima da arte realista soviética e nazista a fim de aprender com eles como utilizar a arte como meio de mobilização e conscientização das massas. E aqui, Stanley⁴⁶⁴ cita o propagandista nazista Erwin

⁴⁶² O capítulo em questão será analisado no capítulo quatro da dissertação.

⁴⁶³ STANLEY, Eliot. H. “The Lively Poster Arts of Rockwell Kent”. *The Journal of Decorative and Propaganda Arts*, vol.12, Spring, 1989, p. 18. In: <http://links.jstor.org/sici?sici=0888-7314%28198921%2912%3C6%3ATLPAOR%3E2.0.CO%3B2-F>. Último acesso em 23 de novembro de 2006.

⁴⁶⁴ STANLEY. Op.cit, 1989, p. 18.

In:<http://links.jstor.org/sici?sici=0888-7314%28198921%2912%3C6%3ATLPAOR%3E2.0.CO%3B2-F>. Último acesso em 23 de novembro de 2006.

Schockel⁴⁶⁵ que, em 1939, afirma a necessidade de se empregar o pôster como forma de causar fortes emoções no observador. Assim, partindo das afirmações de Stanley percebe-se o quanto a produção gráfica e o pensamento de Rockwell estão sintonizados com o momento. Embora a ilustração acima não seja um pôster, sua inclusão junto a um texto que denuncia as atrocidades ocorridas no Brasil remete ao que Stanley propõe em seu artigo, pois, Rockwell sempre aparece engajado em movimentos sociais, conforme o capítulo 1 revela e que nesses movimentos, Rockwell atua através de seus ideais expressos em palavras e imagens, ambos defensores da democracia, da paz, da justiça e da liberdade.

Novamente, voltando à observação da ilustração feita por Rockwell para seu capítulo “A Friendly Neighbor” (Um Vizinho Amigável), percebe-se que o artista produz um tipo de imagem recorrente em sua obra, ou seja, em imagens que expressam ideais de liberdade e democracia, o esquema formal adotado sempre apresenta figuras alongadas que esticam os braços, lutando para fugir de algo ou que se voltam para o céu em evidente tentativa quase romântica de forçar a imagem ao limite da comunicação dos ideais de Rockwell. Aliás, o emprego do termo romântico se aproxima do Romantismo do século XIX, devido ao caráter de defesa utópica do nacionalismo e de seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade pregados pelos Iluministas da Revolução Francesa; muito embora, os tempos de Rockwell sejam outros e exista em sua ação, uma crítica ao capitalismo como forma de combate às explorações do trabalho, evidenciadas pelos relatórios de Rockwell “Brazil and Vargas” (Brasil e Vargas)⁴⁶⁶ e “Brazilian Report” (Relatório Brasileiro)⁴⁶⁷, nos quais o autor aponta os tratados firmados por Vargas com Wall Street, como os responsáveis pelas prisões, torturas e mortes dos prisioneiros políticos no Brasil, além da crescente miséria da maioria da população em contraste com a riqueza dos poucos beneficiados pelos acordos financeiros de Vargas.

⁴⁶⁵ STANLEY. Op.cit, 1989, p. 18.

In:<http://links.jstor.org/sici?sici=0888-7314%28198921%2912%3C6%3ATLPAOR%3E2.0.CO%3B2-F>.
Último acesso em 23 de novembro de 2006.

⁴⁶⁶ KENT. Op.cit, 1938.

⁴⁶⁷ KENT. Op.cit, s/d, reel 5164, frames 185 – 208, Smithsonian Institution.



R.K. *Sem Título*, tintasobrepapel, c.1917⁴⁶⁸.



Ingres. *Júpiter e Thetis*, 1811, Musée Granet.



R. K. *Nu de Vermont no Outono* 1923.



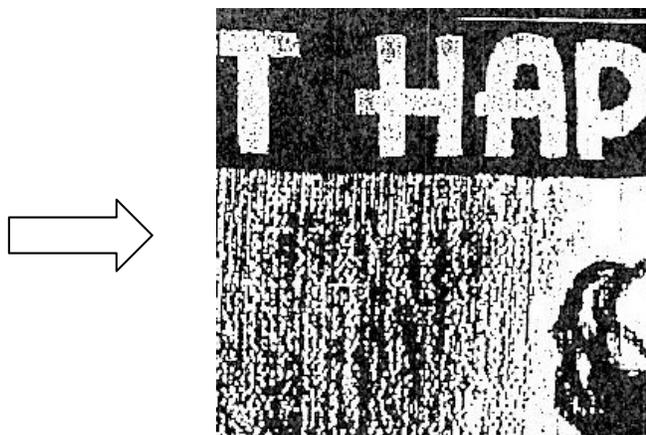
R K. *Sem Título* – Rockwell Kent Collector.

Além de suas imagens possuírem afinidades formais no que concerne ao emprego de figuras alongadas e de braços estendidos, ao mesmo tempo em que olham para o céu, a ilustração de “A Friendly Neighbor” (Um Vizinho Amigável) ainda revela outro parentesco, por assim dizer, com uma imagem anterior já mencionada no capítulo 2. Trata-se da imagem da capa da brochura escrita por Harrison George “It Happened in Brazil”⁴⁶⁹ (Aconteceu no Brasil), igualmente realizada por Rockwell, conforme a assinatura e a data revelam. Assim, nessa imagem de 1934 existe a representação de uma figura masculina nua, magra e alongada sendo transfixiada por uma enorme baioneta, em escala muito maior

⁴⁶⁸ Analisando a imagem em questão percebe-se um claro diálogo de Rockwell com Jean-Auguste Dominique Ingres (1780-1867), presente através da figura da mulher que se joga aos pés do homem, com alongamento das linhas do pescoço, características igualmente presentes no óleo sobre tela *Júpiter e Thetis*, pintado em 1811, por Ingres. Entretanto, existe uma diferença fundamental entre as duas obras, pois, em Rockwell a figura feminina ingresca tenta impedir que o homem armado com um fuzil vá para a guerra, na pequena cidade fortificada ao fundo. Nota-se também que esse homem abandonou os livros para lutar, ou seja, abandonou a vida intelectual para se dedicar à pátria. Em Ingres, porém, a presença de Thetis na cena tem outro sentido, ela intercede junto a Júpiter por seu filho, Aquiles, que quer ir à guerra de Tróia. Em ambas as imagens, a figura feminina impotente se joga aos pés da figura masculina inflexível, para impedir uma desgraça iminente.

⁴⁶⁹ GEORGE. Op.cit, 1936, reel 5164, frames 132 – 143, Smithsonian Institution.

do que o corpo do homem. Observando novamente a figura, vê-se que seu peito é desproporcional em relação ao restante do corpo, que faz um giro no espaço. Seu corpo ainda apresenta uma musculatura tensionada ao limite no momento em que é transfixiada mortalmente pela baioneta, a qual perfura seu peito. Assim, Rockwell executa sua imagem escolhendo o momento de maior sofrimento e dor na hora da morte, evidenciado pela boca aberta da figura e pelo braço estendido com dedos em forma de garras. Novamente, nota-se o extremo contraste de claro-escuro e a contraposição estabelecida entre o corpo musculoso e as linhas retas, frias e duras da baioneta escurecida devido a pouca luminosidade da mesma. No que concerne à luz empregada por Rockwell, deve-se salientar que por volta do corpo perfeitamente contornado por linhas bastante expressivas, existe um halo de luz destacando-o, principalmente em torno da cabeça e que esse raio se estende para o alto como se um raio divino o iluminasse no momento da morte, fazendo com que a figura assuma a condição de um mártir cristão.

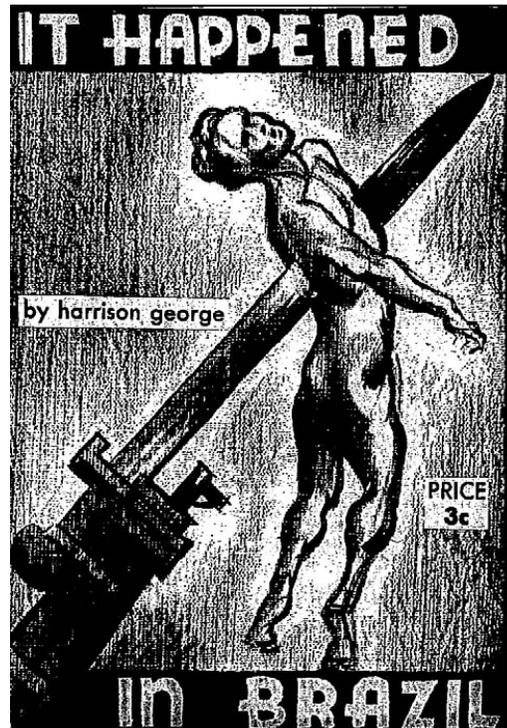
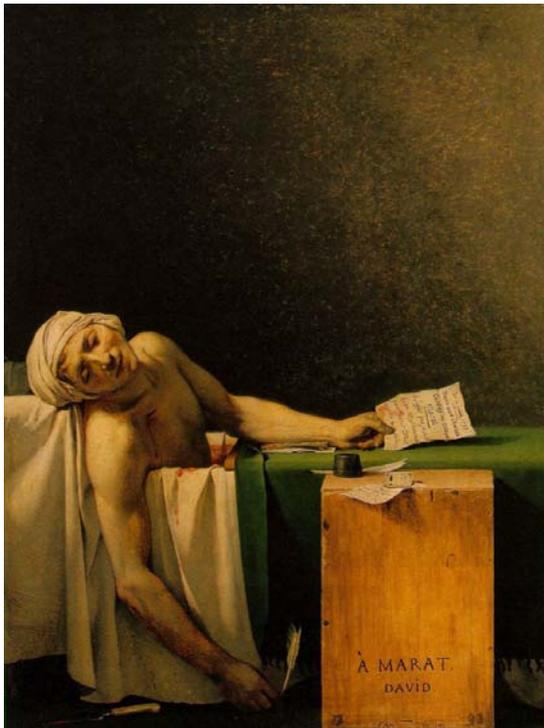


Detalhe com assinatura e data. Lê-se 1934, em cima e ROCKWELL, logo abaixo:

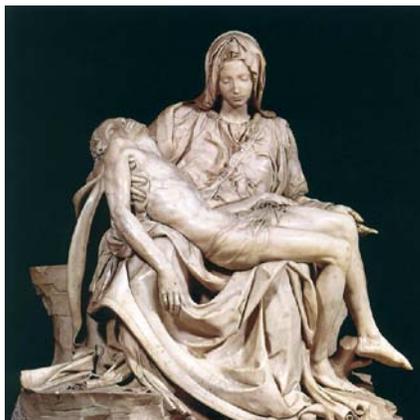
1934
ROCKWELL

Entretanto, não se trata aqui de um mártir cristão, haja visto que a imagem não faz parte de qualquer tradição religiosa. Ou seja, não se está diante de um retábulo religioso, mas, sim, de uma ilustração provavelmente litográfica integrante de uma brochura publicada e comercializada pelo Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro) por três centavos de dólar a serem utilizados com fins humanitários, pelo comitê. Aliás, ao se pensar nesse tipo de iconografia percebe-se que não se trata de novidade na História da Arte, uma vez que, a análise da mesma remete o observador ao célebre óleo sobre tela de Jacques-Louis David (1748 – 1825), *A Morte de Marat*, pintado em 1793. Desse modo, é lícito estabelecer paralelos entre as imagens por serem ambas, além de semelhantes iconográfica e formalmente, a expressão

daquele que foi martirizado em nome de uma causa revolucionária, no caso de David e libertária, em Rockwell. No caso de Jean Paul Marat, na sua versão secularizada do martírio tem-se a representação de um deputado assassinado por Charlotte, filha do aristocrata Monsieur Corday, por ter sido Marat quem assinou a condenação de Corday à guilhotina. Ainda em relação a David, pode-se propor que seu autor dialoga francamente com imagens cristãs de martírio, como por exemplo, com a *Pietà*⁴⁷⁰, de Michelangelo Buonarroti (1475 – 1564); ou seja, David dialoga com Michelangelo, inserindo na figura de Marat o braço pendido e musculoso de Cristo.



J.L.David. *A Morte de Marat*, 1793, ost, 162x128cm, Musées Royaux des Beaux-Arts, Bruxelas. Rockwell Kent. *It Happened in Brazil*, 1934.



470

Michelangelo Buonarroti, *Pietà*, 1499, mármore, 174 x 195 cm, Basílica de São Pedro, Vaticano.

Comparando essa pintura de David com a ilustração de Rockwell, percebem-se elementos de aproximação, na medida em que Rockwell introduz sua figura igualmente martirizada, porém não com um punhal, como em David, mas com um instrumento muito maior e de maior poder de destruição, como a baioneta que o transfixa ao mesmo tempo em que o suspende no ar. Se em David se vê o pequeno punhal no chão, a perfuração produzida no peito de Marat e um pouco de sangue, em Rockwell apenas se tem o homem sem sangue aparente, com exceção do seu instrumento de martírio, representado pela baioneta, contendo sangue na ponta. Aliás, o sangue é sugerido apenas pelo escurecimento da ponta da baioneta. Aqui, também se deve pensar que enquanto o punhal se constitui em arma branca e facilmente possuível por qualquer pessoa, a baioneta se define como arma da polícia ou do exército, sendo poucos os casos em que pessoas comuns podem possuí-la em suas casas, por ser arma de combate e de guerra, portanto. Além disso, a presença da baioneta muito maior do que o corpo do homem pode estar vinculada à intenção de Rockwell em expor a fragilidade do herói nu martirizado pelas potências militares, por ter ousado lutar não apenas por sua liberdade, democracia, paz e justiça, como também, por seu povo.

Ainda em relação à liberdade pela qual Rockwell luta em seus ideais, em seus textos “Brazil and Vargas”⁴⁷¹ (Brasil e Vargas) e “Brazilian Report”⁴⁷² (Relatório Brasileiro) e em sua imagem acima exposta, nota-se que na cabeça cadavérica do homem martirizado pela baioneta existe um barrete frígio com a ponta voltada para a bochecha direita do homem. O posicionamento da ponta do barrete frígio na bochecha do homem provavelmente se deve ao impacto do momento da violenta perfuração da baioneta. Mas por que Rockwell usa esse elemento em sua ilustração? O barrete frígio é inerente às representações de liberdade, por ser símbolo romano dos escravos libertos na Antiguidade e, com o decorrer dos séculos, o mesmo elemento continua sendo empregado nas imagens revolucionárias, como em *A Liberdade Guiando o Povo*, de Eugène Delacroix, célebre óleo sobre tela pintado em 1830, no qual o pintor insere um barrete frígio na cabeça da alegoria da liberdade com seios nus, que carrega uma baioneta com fuzil.

Entretanto, se em Rockwell o homem com barrete frígio é minúsculo diante da mortal e violenta baioneta que o vitima, em Delacroix, a alegoria da liberdade com barrete frígio na cabeça está no controle da situação, na medida em que a baioneta com fuzil está

⁴⁷¹ KENT. Op.cit, 1938.

⁴⁷² KENT. Op.cit, reel 5164, frames 185 – 208, Smithsonian Institution.

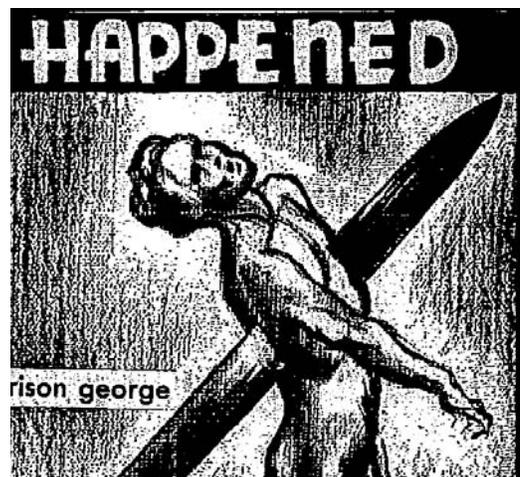
em sua mão esquerda. Desse modo, em Delacroix é a própria liberdade que está no controle da revolução guiando o povo em direção à libertação e à paz. Já na iconografia de Rockwell o oposto acontece, pois, o herói sucumbe bravamente diante do poder, simbolizado pela enorme baioneta.



E. Delacroix – *A Liberdade Guiando o Povo*, 1830, oil, 260x325cm, Louvre.

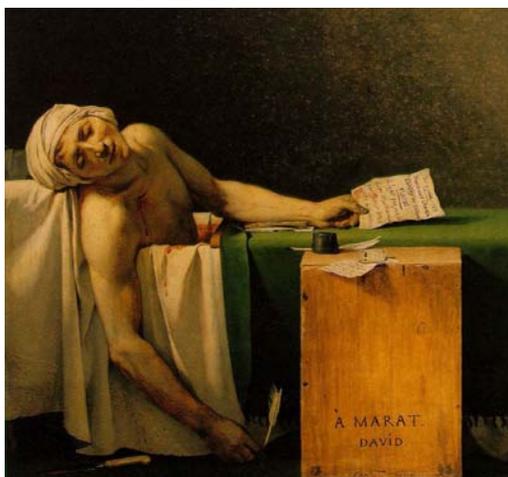


Delacroix – detalhe da figura com barrete frígio

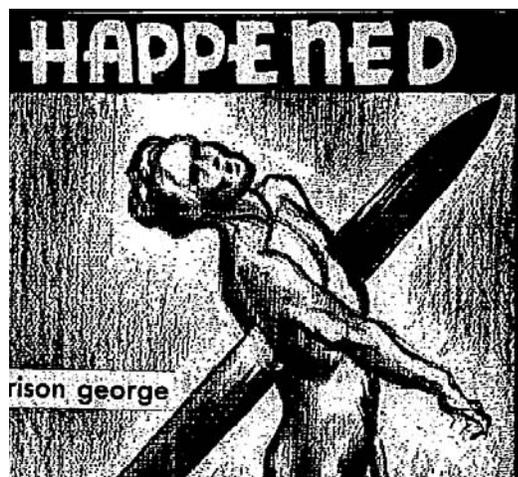


Rockwell Kent – detalhe com barrete frígio na cabeça

Comparando novamente a ilustração de Rockwell com a pintura de David, um outro ponto a ser salientado está no modo como ambos tratam a luz em suas obras, pois, tanto em um como no outro, a luz apresenta uma granularidade visível no fundo das imagens. Entretanto, aqui se poderia afirmar que o aspecto granular é inerente à técnica da litografia e não ao óleo. Porém, a luz de David não possui o mesmo caráter de recorte que em Rockwell, por ser bem mais suave, assim como as linhas de contorno as quais, em Rockwell tendem ao Expressionismo. Aliás, em relação às linhas expressionistas, percebe-se o quanto Rockwell está de acordo com as proposições de Erwin Schockel⁴⁷³, conforme mencionadas um pouco acima, na medida em que emprega em sua ilustração, toda uma linguagem que suscita a reflexão, a compaixão e a reação do leitor/observador. E aqui se torna válido propor que Rockwell usa a “*Ut Pictura Poesis*” com o intuito de não apenas instruir, como também provocar uma reação em quem vivencia os sentimentos expressos no texto e na imagem, ou seja, Rockwell educa o olhar das massas direcionando as mesmas para a luta pela liberdade, democracia, paz e justiça.



David. Detalhe de *A Morte de Marat*.



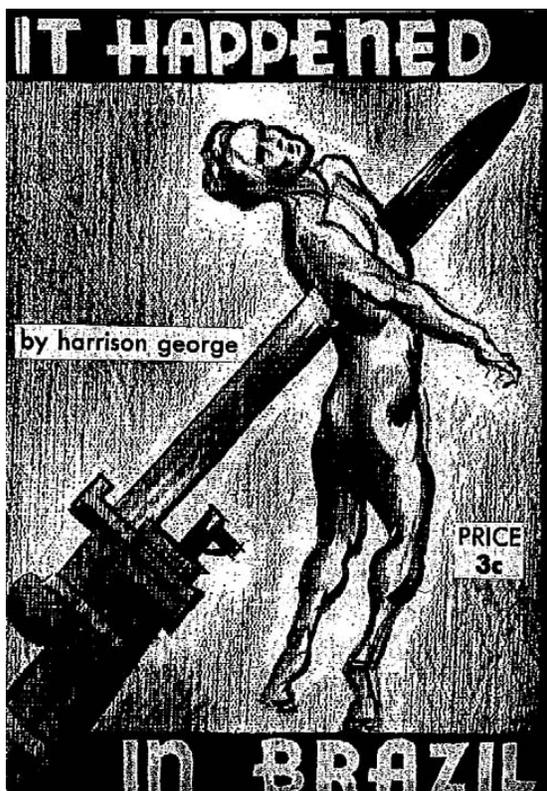
Rockwell Kent. Detalhe de *It Happened in Brazil*.

Considerando-se a postura de ambos, nota-se que há semelhanças formais a serem apresentadas, pois, apesar de David revelar apenas um fragmento do corpo de Marat, composto pela cabeça, braços e porção superior do tronco, a comparação com a imagem de Rockwell permite propor a quase igualdade do posicionamento dos corpos no espaço. Ou seja, ambos trazem seus mártires com os braços estendidos para baixo, muito embora o braço de Marat esteja levemente flexionado e a figura de Rockwell apresente o braço

⁴⁷³ STANLEY. Op.cit, 1989, p. 18.

In: <http://links.jstor.org/sici?sici=0888-7314%28198921%2912%3C6%3ATLPAOR%3E2.0.CO%3B2-F>.
Último acesso em 23 de novembro de 2006.

estirado; mas, se em David o braço pende com a pena na mesma mão utilizada em seu trabalho, em Rockwell a mesma mão está vazia e os dedos, em formato de garra. E em relação a esse aspecto poder-se-ia afirmar que, enquanto Marat é morto no momento em que redige um documento colocado sobre sua mesa improvisada, em Rockwell, esse documento seria simbolizado pelo próprio panfleto “It Happened in Brazil” (Aconteceu no Brasil), o qual redigido por Harrison George e não pela figura da capa, oferece ao leitor uma séria denúncia de prisão, tortura e morte de Barron na cadeia de Vargas, assim como a carta⁴⁷⁴ de confissão de assassinato escrita por Charlotte Corday e segurada por Marat, no quadro de David, pintado em 1793. Ou seja, tanto a imagem de David quanto a de Rockwell podem ser classificadas como emblemas revolucionários, pois, o ano de 1793 marca o período mais sangrento da Revolução Francesa, culminando nas degolas de Louis XVI e de Marie Antoinette, além da morte do herói Marat. Já a de Rockwell marca igualmente um período violento, porém, aqui o herói é o cidadão comum, subjugado pela ditadura de Vargas e seus acordos econômico-financeiros firmados com Wall Street.



Rockwell Kent. *It Happened in Brazil*, 1934.



R K. Detalhe de *A Friendly Neighbor*, 1939.

⁴⁷⁴ Em relação à carta de confissão apresentada na tela de David, tem-se um tipo de texto diferente do panfleto de Harrison George, pois, trata-se de uma carta de confissão e não de um panfleto que incite à revolução, através de uma denúncia. Ou seja, a carta escrita por Charlotte Corday não é determinante de uma revolução, embora possa ser classificada como um elemento a mais para a revolução.

Comparando novamente as duas imagens produzidas por Rockwell, percebe-se que enquanto a realizada em 1934 apresenta fundo neutro, a de 1939 traz a Baía da Guanabara e o Pão-de-Açúcar, ao fundo. Se a imagem produzida primeiramente é tecnicamente realizada em litografia, a segunda é um desenho à tinta imitando a técnica da xilogravura. Porém, as poucas diferenças existentes perdem importância quando as imagens são aproximadas, uma vez que os sentidos ideológicos das mesmas não diferem; ou seja, aqui, Rockwell faz de sua imagem a fiel tradução das afirmações propostas pelo texto de George⁴⁷⁵: Victor Allan Barron foi assassinado após ser torturado na prisão de Vargas e o motivo do crime é bastante claro – acordos comerciais firmados entre Wall Street e Vargas. Embora o texto não tenha sido escrito por Rockwell, a ilustração presente na capa da brochura publicada pelo Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro) é da autoria de Rockwell, pois o autor possui fortes ligações com o referido comitê, que lhe encomenda um relatório sobre a situação política do Brasil ditatorial além da investigação sobre as verdadeiras causas da morte de Barron dentro da prisão de Vargas.

3.2 – AS RELAÇÕES ENTRE ROCKWELL KENT E CANDIDO PORTINARI

Durante a estada de nove dias de Rockwell Kent no Rio de Janeiro, em algum momento não especificado nem pelos documentos levantados junto ao Projeto Portinari e ao Smithsonian Institution, em Washington, nem através dos relatórios “Brazil and Vargas”⁴⁷⁶ (Brasil e Vargas) e “Brazilian Report”⁴⁷⁷ (Relatório Brasileiro) e muito menos nos capítulos “A Friendly Neighbor”⁴⁷⁸ (Um Vizinho Amigável) e “Puerto Rico”⁴⁷⁹ (Porto Rico), Rockwell é de algum modo apresentado a Candido Portinari. Aliás, as únicas indicações fornecidas sobre o encontro são da autoria de Rockwell e estão presentes no capítulo “Puerto Rico”⁴⁸⁰, no qual Rockwell diz que encontrou alguns “*liberais corajosos*

⁴⁷⁵ GEORGE. Op.cit, 1936, reel 5164, frames 132 – 143, Smithsonian Institution.

⁴⁷⁶ KENT. Op.cit, 1938.

⁴⁷⁷ KENT. Op.cit, s/d, reel 5164, frames 185 – 208, Smithsonian Institution.

⁴⁷⁸ KENT. Op.cit, 1940.

⁴⁷⁹ KENT. Op.cit, 1955.

⁴⁸⁰ ... thoroughly well informed, courageous liberals... KENT. Op.cit, 1955, p. 508, (Trad.da autora).

e muito bem informados”, assim como em uma carta⁴⁸¹ escrita a um certo Mr. Joseph North, em 13 de janeiro de 1941, na qual afirma⁴⁸²:

Eu encontrei Portinari no Brasil. Vi uma boa porção dele⁴⁸³ porque era pobre e estava associado aos artistas e escritores mais jovens e pobres. Ele tinha muito a me dizer sobre o pensamento revolucionário de resistência brasileiro e as reações dos intelectuais mais jovens à ditadura de Vargas.

Assim, tem início uma relação que dura por aproximadamente quatro anos nos quais existe troca de correspondência entre ambos, um retrato a óleo pintado por Portinari, uma série de exposições montadas nos Estados Unidos para Portinari, além de um livro cuja introdução é escrita por Rockwell. Em relação à amizade surgida nesse momento, Rockwell⁴⁸⁴ diz: “*Devo começar agradecendo a você e Maria por sua hospitalidade e amizade durante minha estada no Rio. Espero que tenhamos começado uma amizade que durará sempre.*” Segundo a leitura e análise do material obtido junto ao Projeto Portinari e ao Smithsonian Institution, a relação entre Rockwell e Portinari realmente parece ser bastante cordial, uma vez que ambos compartilham de ideais bastante semelhantes no que concerne à política ditatorial de Vargas, conforme se verá um pouco mais adiante nesse capítulo. Portinari, por sua vez, desfruta de grande prestígio junto ao governo de Vargas, sendo inclusive considerado como pintor “oficial”, muito embora na realidade não o seja no papel. Porém, nessa mesma época, Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde de Vargas, lhe encomenda a pintura dos afrescos do Edifício do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro.

A partir do momento em que sente a existência de um artista norte-americano interessado em promovê-lo nos Estados Unidos, Portinari se encanta diante da possibilidade real de fazer sucesso não apenas no Brasil, como também no exterior. Em uma carta manuscrita em treze de maio de 1938 ao jornalista e romancista Ribeiro Couto, Portinari⁴⁸⁵

⁴⁸¹ KENT. Rockwell. Carta enviada ao Mr. Joseph North. January 13, 1941, reel 5223, frame 1443, Smithsonian Institution.

⁴⁸² I met Portinari in Brazil. I saw a good deal of him, for he was poor and associating with the younger and poorer artists and writers. He had much to tell me about Brazilian underground revolutionary thought and the reactions of the younger intellectuals to the Vargas dictatorship. KENT. Rockwell, reel 5223, frame 1443, (Trad. da autora), Smithsonian Institution.

⁴⁸³ De sua produção e de seu pensamento.

⁴⁸⁴ I must begin by thanking you and Maria for your hospitality and friendship during my stay in Rio. I hope that we have begun a friendship that will last always. Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. January 9, 1938. CO-2443, F-274. Projeto Portinari, (Trad. da autora).

⁴⁸⁵ Carta de Candido Portinari a Ribeiro Couto. Rio, 13-V-938, CO-3444.2, F-0296. Projeto Portinari.

revela o quanto está satisfeito em ter conhecido Rockwell: “... *Esteve aqui no anno (sic) passado o Rockwell Kent e elle (sic) gostou muito da minha pintura e do que estou fazendo no Ministério e está promovendo minha ida à Nova York.*” Desse modo, com o encontro de Rockwell e Portinari tem início um longo processo no qual Portinari e sua obra são definitivamente consagrados nos Estados Unidos. Entretanto, cabe ressaltar que Rockwell não é o responsável pela ida da obra de Portinari ao país norte-americano, pois, antes mesmo da viagem de Rockwell ao Brasil, em novembro de 1937, Portinari já havia enviado a tela *Café*⁴⁸⁶ ao Carnegie Institute, em Pittsburgh, para uma exposição de arte latino-americana, em 1935, e obtido uma menção honrosa pela obra que encantou os norte-americanos, sobretudo àqueles que vêem em Portinari a expressão verdadeira do povo brasileiro, o produtor de uma arte que poderia ser transposta em mural, dado seu forte caráter expressivo. Ou seja, nos Estados Unidos a obra de Portinari se aproxima muito às experiências do Muralismo Mexicano, de Orozco, de Rivera; porém, a paleta cromática de Portinari é composta de tons mais rebaixados, em comparação à dos mexicanos.

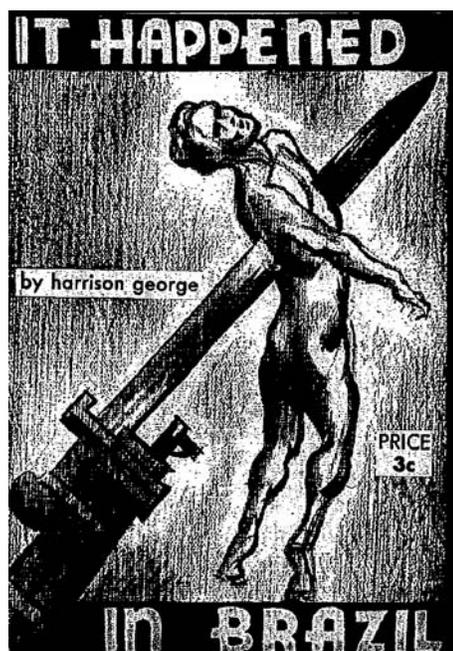


Candido Portinari. *Café*, 1935, 130 x 195 cm, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Embora não existam documentos que comprovem o motivo do encontro de Rockwell e Portinari, é provável que o norte-americano tenha vindo ao Rio de Janeiro já com intenções de conhecer Portinari pessoalmente, devido à fama alcançada na exposição de 1935 no Carnegie Institute, em Pittsburgh. Aqui, deve-se destacar que no profundo engajamento em causas sociais e políticas de Rockwell pode haver a clara intenção de

⁴⁸⁶ FABRIS, Annateresa. *Portinari, pintor social*, 1990, p. 10.

transformar Portinari em mais um artista aliado à causa norte-americana de combate ao avanço do fascismo, mesmo porque Portinari era comunista, assim como Rockwell. Entretanto, enquanto Rockwell desejava fazer de sua arte mecanismo de propaganda libertária, Portinari se autodenominava pintor camponês. E nessa autodenominação estão as diretrizes do que os artistas norte-americanos buscam através do Realismo Democrático; ou seja, segundo Fabris⁴⁸⁷, a aclamação da obra de Portinari nos Estados Unidos se vincula ao muralismo realista democrático, o qual exalta o trabalho sem fazer alusões ao comunismo. Dessa maneira, aqui está o ponto de divergência entre Portinari e Rockwell, por excelência, pois, se Portinari produz uma arte voltada ao camponês e seu trabalho, Rockwell faz de sua arte a propagação da democracia, da justiça, da paz e da liberdade através da defesa do comunismo e da luta contra o nazi-fascismo, conforme a ilustração de “It Happened in Brazil” (Aconteceu no Brasil) claramente demonstra.



Rockwell Kent. “It Happened in Brazil”, 1934.

Ainda em relação ao muralismo realista democrático, Fabris⁴⁸⁸ afirma que nos Estados Unidos, a partir da quebra da bolsa de Nova York em 1929, na qual milhões de cidadãos perdem seus empregos, ocorre um grande apelo à figuração realista com a finalidade de promover a democracia e estimular o trabalho como forma de reconstrução da economia e do país assolados pela crise. Com a eleição de Franklin Delano Roosevelt, em 1933, esse estímulo se torna maior com os programas federais estabelecidos por sua política chamada New Deal. Assim, a arte assume características realistas voltadas à exaltação do

⁴⁸⁷ FABRIS. Op.cit, 1990, p. 10.

⁴⁸⁸ FABRIS. Op.cit, 1990, p. 88.

trabalho através do “*realismo*” que “*se transforma no meio de expressão genuinamente americano, defendido por artistas, críticos, museólogos...*”⁴⁸⁹.

No momento de chegada da obra de Portinari aos Estados Unidos, os norte-americanos vêm na produção do brasileiro, uma forma de extensão do poder ao Brasil, uma vez, que o avanço do nazi-fascismo precisa ser combatido, para que os interesses financeiros de Wall Street não sejam abalados e nem rompidos. Aliás, isso fica bastante evidente tanto nos relatórios escritos por Rockwell – “Brazil and Vargas”⁴⁹⁰ (Brasil e Vargas) e “Brazilian Report”⁴⁹¹ (Relatório Brasileiro) – bem como nos redigido por Harrison George – “It Happened in Brazil”⁴⁹² (Aconteceu no Brasil) – e por Jerome Davis – “It Did Happen in Brazil”⁴⁹³ (Realmente Aconteceu no Brasil). Aliás, o combate ao fascismo e ao totalitarismo europeu nos Estados Unidos, também deve se estender às vanguardas européias, conseqüentemente, por serem estas a expressão desses regimes. Mas, aqui no Brasil a inserção das vanguardas européias não é impedida e nem atacada, uma vez que Vargas não demonstra muito interesse pela arte, apesar de promover o Nacionalismo como forma de controlar o país e manter-se no poder, um paradoxo para quem defende ferrenhamente seus acordos comerciais com Wall Street, ao mesmo tempo em que se alia ao fascismo e ao nazismo. Fabris⁴⁹⁴ propõe em seu texto que a arte brasileira vive uma dialética equilibrada entre os elementos internacionais e os locais, em uma relação de harmonia e complementaridade.

Sendo esse o contexto no qual Rockwell e Portinari se conhecem, a promoção da ida da obra de Portinari aos Estados Unidos passa a ser inclusive, tratada com Gustavo Capanema, através da troca de correspondências. E nessas, Rockwell elogia o nível técnico-artístico de Portinari e reforça o pedido por fotografias dos trabalhos do artista, pois, para que Rockwell obtenha sucesso na promoção do brasileiro nos Estados Unidos, é necessário que Portinari envie fotografias de seus trabalhos, haja visto que sem as mesmas, curadores, museus e galerias não poderão sentir a dimensão da obra do brasileiro. Assim, em uma carta endereçada a Capanema, Rockwell⁴⁹⁵ escreve:

⁴⁸⁹ FABRIS. Op.cit, 1990, p. 88.

⁴⁹⁰ KENT. Op.cit, 1938.

⁴⁹¹ KENT. Op.cit, s/d, reel 5164, frames 185 -208, Smithsonian Institution.

⁴⁹² GEORGE. Op.cit, 1936, reel 5164, frames 132 – 143, Smithsonian Institution.

⁴⁹³ DAVIS. Op.cit, 1938, reel 5164, frames 178 – 180, Smithsonian Institution.

⁴⁹⁴ FABRIS. Op.cit, 1990, p. 91.

⁴⁹⁵ I had intended, since my return from Brazil last December, to address to you and, through you, the Brazilian people, a letter of congratulation upon your having in Brazil a native artist of such distinction as

Eu havia pretendido, desde meu retorno do Brasil em dezembro último, endereçar ao senhor e, através do senhor, ao povo brasileiro, uma carta de congratulações sobre ter no Brasil um artista nativo de tamanha distinção como Candido Portinari, sobre o qual o senhor concedeu a importante incumbência de decorar o auditório no edifício do Departamento de Educação no Rio de Janeiro.

Os artistas e o público da América do Norte conhecem muito pouco do trabalho dos artistas latino americanos. Dois anos atrás, entretanto, o Brasil foi, pela primeira vez, representado na maior exposição internacional americana de arte, o Instituto Internacional Carnegie e, naquela exposição, como alguns com muito orgulho devem estar cientes, Portinari foi premiado com o segundo prêmio.

Não obstante a insistência de Rockwell no envio das fotografias já desde janeiro de 1938, ainda no mês de maio do mesmo ano, as mesmas ainda não haviam sido enviadas. Desse modo, em dezoito de maio de 1938, quatro meses após o envio da primeira carta a Capanema, Rockwell⁴⁹⁶ responde em espanhol a uma carta escrita em português por Capanema em vinte e três de fevereiro, afirmando que “*fará tudo o que estiver ao seu alcance para promover interesse nos Estados Unidos, em favor de tão distinguido artista e expoente da cultura moderna do Brasil*”. Na carta de Capanema⁴⁹⁷ percebe-se o quanto o ministro se sente honrado em receber elogios de um “*ilustre artista da América*” a um artista considerado “*expressão viva da moderna pintura brasileira*.”. Além dos elogios, Capanema exulta em saber que a obra de Portinari será exposta em Nova York e promete enviar fotografias dos painéis de Portinari no edifício do Ministério da Educação e Saúde

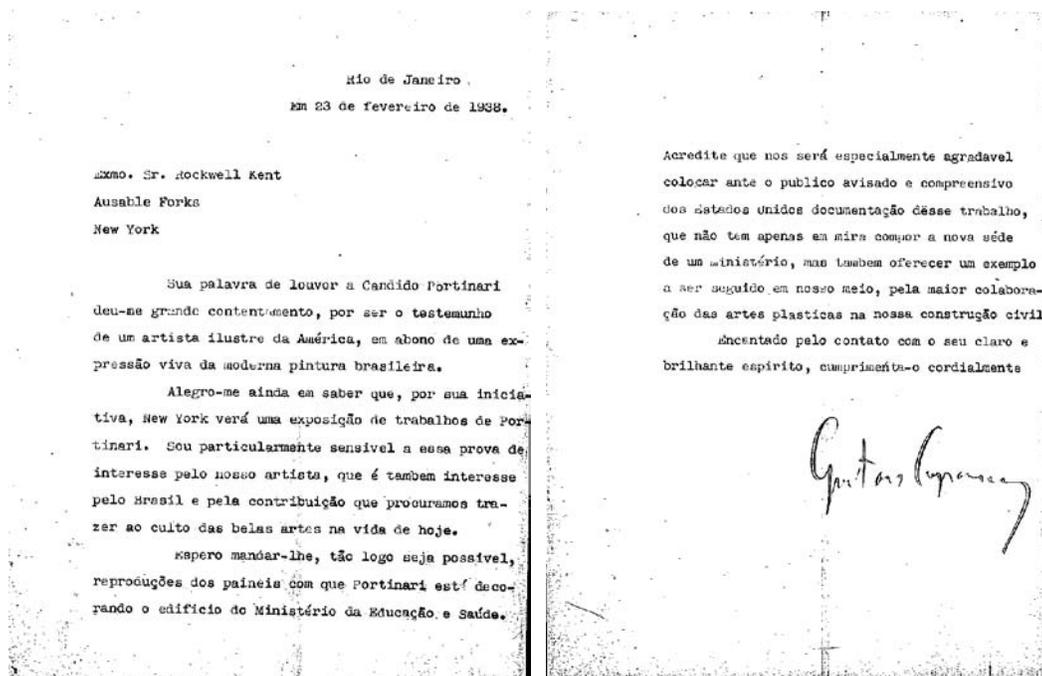
Candido Portinari, upon whom you have conferred the important commission of decorating the auditorium in the building of the Department of Education in Rio de Janeiro.

The artists and the public of North America know too little of the work of the Latin American artists. Two years ago, however, Brazil was for the first time represented in the greatest North American international exhibition of art, the Carnegie Institute International, and at that show, as you must with some pride be aware, Portinari was awarded the second prize. Carta de Rockwell Kent a Gustavo Capanema. January 22, 1938. CO-2444.3, F-277, Projeto Portinari, (Trad. da autora).

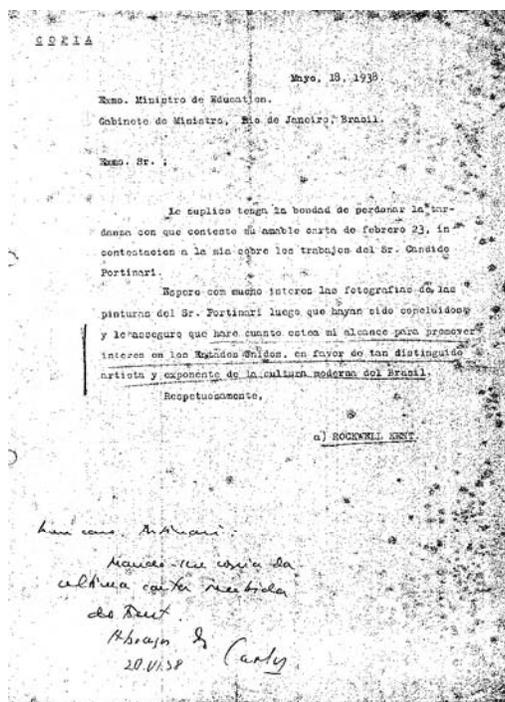
⁴⁹⁶ ... hare cuanto estea mi alcance para promover interes em los Estados Unidos, em favor de tan distinguido artista y exponente de la cultura moderna del Brasil. KENT. Rockwell. Carta a Gustavo Capanema. Mayo, 18, 1938. CO-240, F-0344. Projeto Portinari, (Trad. da autora).

⁴⁹⁷ CAPANEMA, Gustavo. Carta a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1938. Reel 5164, frames 163 – 164, Smithsonian Institution.

não apenas como forma de documentar a obra de Portinari “ante o público avisado e compreensivo dos Estados Unidos”, como também “oferecer um exemplo a ser seguido em nosso meio, pela maior colaboração das artes plásticas na nossa construção civil”.



Carta de Gustavo Capanema a Rockwell Kent. Reel 5164, frames 163 – 164.



Carta de Rockwell Kent a Gustavo Capanema. CO-240, F-0344, Projeto Portinari.

Em relação ao encontro de Rockwell e Portinari no Rio de Janeiro, cabe salientar que existe uma troca de favores entre ambos, e que nessa troca estão dois retratos, dicas

sobre litografia fornecidas por Rockwell através de uma carta⁴⁹⁸, o envio de livros sobre arte norte-americana à Portinari, incluindo livros escritos por Rockwell, além de exposições nos Estados Unidos e a monografia sobre Portinari. Em primeiro lugar, deve-se concentrar o foco na questão dos retratos. Mas que retratos são esses? Na visita de Rockwell a Portinari, a qual deixou o brasileiro em clima de felicidade conforme as correspondências revelam, Rockwell se interessa pela obra de Portinari e quer que o brasileiro lhe envie fotografias de seus trabalhos. Porém, existe uma troca de retratos entre ambos, na qual se percebe claramente que Rockwell⁴⁹⁹ faz uma espécie de encomenda à Portinari, apesar de ter pouco capital para gastar, oferecendo-lhe cem dólares pelo retrato, dobro do valor pedido por Portinari. Desse modo, Portinari pinta o retrato de Rockwell talvez a partir de uma fotografia, pois, a observação da obra não traz quaisquer dados sobre a questão, tampouco há registros nos arquivos do Projeto Portinari sobre o assunto. Além disso, Rockwell permanece por nove dias no Rio de Janeiro, nos quais entra em contato com muitas pessoas e, provavelmente não tem tempo para posar para Portinari. Aliás, segundo informações obtidas junto ao Projeto Portinari⁵⁰⁰, o retrato foi realizado a partir de uma fotografia, mas, eles não possuem a imagem.

Assim sendo, o retrato é executado em óleo sobre tela e enviado aos Estados Unidos após um longo processo de transporte no qual, somente em quinze de março de 1938, o retrato⁵⁰¹ é despachado pelo navio Colis Postaux e endereçado a Carl Zigrosser, por sugestão de Rockwell, uma vez que Zigrosser é marchand e tem experiência na importação de obras de arte. Além disso, Rockwell⁵⁰² pede a Portinari que declare o retrato no valor de setenta e cinco dólares para que não haja problemas com pagamento de impostos na alfândega. Ainda na mesma carta, Rockwell diz que também está enviando um retrato litográfico⁵⁰³ seu feito há um ou dois anos, ou seja, Portinari deve ter partido de uma fotografia de Rockwell para a execução do retrato, porque o auto-retrato de Rockwell só chega ao Brasil depois que o *Retrato de Rockwell Kent* é concluído pelo pintor brasileiro.

⁴⁹⁸ KENT, Rockwell. Carta de Rockwell Kent a Portinari. July 23rd, 1939, CO-2447.2, CO-2447.3, F-283, F-284, Projeto Portinari.

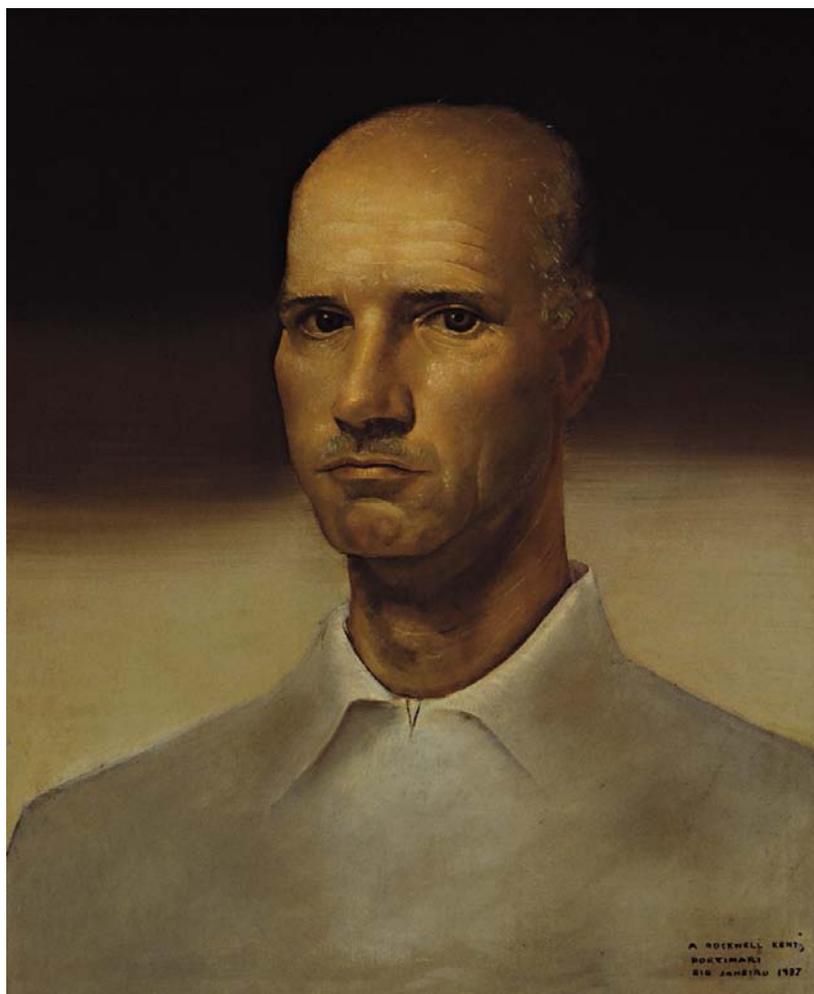
⁴⁹⁹ KENT. Op.cit, January 13, 1941, reel 5223, frame 1443.

⁵⁰⁰ Conforme conversa com Ângela Chagas, do Projeto Portinari.

⁵⁰¹ PORTINARI, Candido. Carta de Candido Portinari a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, 27/5, 1938. Reel 5223, frame 1350, Smithsonian Institution.

⁵⁰² KENT, Rockwell. Carta de Rockwell Kent a Candido e Maria Portinari. January 22, 1938. CO-2444.1, F-275, Projeto Portinari.

⁵⁰³ KENT. Op.cit. January 22, 1938. CO-2444.1, F-275, Projeto Portinari.



Candido Portinari. *Retrato de Rockwell Kent*, 1937, ost, 55.5 x 46 cm, MAB-FAAP.

Em relação ao retrato executado por Portinari, percebe-se a maestria do pintor na descrição minuciosa que o artista faz das feições de Rockwell, captando todos os acidentes da epiderme do retratado, além de enfatizar seu olhar e sua postura digna da ética protestante, em detrimento da simplificação de sua roupa e do fundo neutro. Aqui poder-se-ia propor que Portinari faz uma leitura renovada e moderna dos retratos nórdicos, uma vez que existe uma simplificação das linhas que compõem a roupa do retratado. Igualmente, deve-se salientar que a pose estática corrobora na interpretação a qual demonstra que Portinari parte de uma fotografia congelada e fria, muito embora, em sua descrição minuciosa confira certa vivacidade, como se captasse a personalidade de Rockwell através das pinceladas.

Comparando o retrato pintado por Portinari, com o que Rockwell lhe envia em versão litográfica, conforme a carta⁵⁰⁴ citada logo acima demonstra, percebem-se

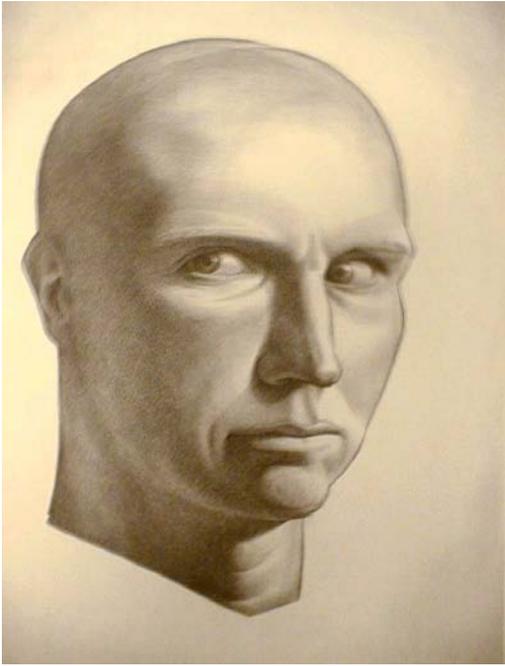
⁵⁰⁴ KENT. Op.cit. January 22, 1938. CO-2444.1, F-275, Projeto Portinari.

semelhanças no registro das feições, porém, existem diferenças fundamentais no que concerne à técnica primeiramente, além do olhar. Pois, se Portinari destaca a austeridade de Rockwell, o norte-americano faz de seu auto-retrato a promoção de si mesmo, com esse olhar meio estrábico, encarando aguda e severamente o observador. E aqui, reside um dado primordial nesse retrato quase escultórico delineado com extremo cuidado prodigioso; ou seja, Rockwell o produz em litografia, mas, dessa vez, sua intenção não é atingir as massas para que tomem uma atitude em relação a qualquer movimento social. Não. O objetivo de Rockwell é atingir o público feminino, através da distribuição de cópias àquelas por quem ele se apaixone. Aliás, Rockwell faz essa afirmação em sua carta⁵⁰⁵ a Portinari e Maria.

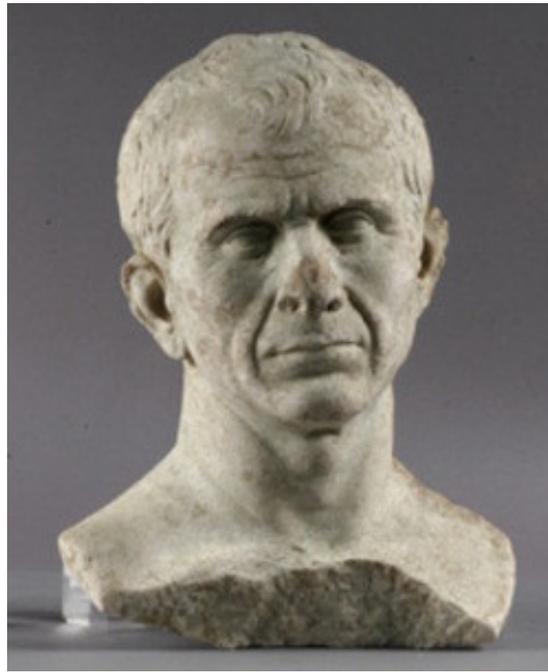
Eu estou enviando a você um retrato litográfico de mim mesmo que eu fiz há um ano ou dois. Espero que você possa resistir a seu olhar rígido. Ao fazê-lo, planejei dar cópias dele às garotas pelas quais possa me apaixonar, para que os pendurem na cama, a fim de que sejam lembradas severamente de que devem ser sinceras comigo.

Além disso, em relação ao retrato litográfico de Rockwell deve-se ressaltar na qualidade escultórica da imagem, um possível diálogo com a estatuária romana dos imperadores, pela qualidade pétrea de sua imagem, muito embora exista uma clara distinção a ser destacada no modo como a estatuária romana é empregada como veículo de legitimação de poder e de propaganda. Aqui Rockwell também revela seu lado poderoso e propagandeia sua imagem, entretanto, faz de sua imagem uma ameaça a quem não lhe obedecer, conforme a carta que escreve a Portinari demonstra. Assim, a diferença fundamental entre o retrato pintado por Portinari e a litografia de Rockwell é que enquanto Portinari faz uma homenagem ao amigo através da dedicatória inserida à direita inferior da tela na qual se lê “À Rockwell Kent, Portinari, Rio de Janeiro 1937”, embora tenha sido remunerado em cem dólares pela pintura, Rockwell faz de sua própria imagem um mecanismo panfletário. Talvez a referida imagem também seja empregada como forma de propaganda do artista, do ativista político e do escritor Rockwell Kent; porém, não existem provas disso em nenhum documento ou textos escritos por Rockwell.

⁵⁰⁵ I am sending you a lithograph portrait of myself that I made a year or two ago. I hope you can endure its stern look. In making it, I planned to give copies of it to girls I might be in love with, to hang them in bed to remind them sternly that they must be true to me. KENT. Op.cit. January 22, 1938. CO-2444.1, CO-2444.2, F-275, F-276, Projeto Portinari, (Trad.da autora).



Rockwell Kent. *Self Portrait*, 1934, litografia sobre papel, 34 x 23.8 cm.



Busto de Júlio César, encontrado em Arles, 46a. C., mármore.

Voltando à questão do *Retrato de Rockwell Kent*, assim que a tela chega às mãos de Rockwell acompanhada pelas fotografias da obra de Portinari, em maio de 1938, o artista norte-americano escreve uma carta de agradecimento⁵⁰⁶ ao brasileiro, dizendo:

... estou enviando a você meus agradecimentos mais sinceros por sua grande generosidade em dar-me tanto de seu tempo e pensamento e trabalho. Nunca, em nenhum lugar na minha vida, encontrei um pintor tão generoso e coração aberto como você, e deveria incluir nisso, porque ela é parte de você, Maria.

A partir do momento em que recebe as fotografias das obras de Portinari, Rockwell inicia sua cruzada junto à galeristas e curadores a fim de promover a obra de Portinari em solo americano. Desse modo, a primeira pessoa a quem procura é George Wildenstein, porém, sua agenda de exposições já está lotada. Além disso, Rockwell menciona na mesma carta exibida acima que os Estados Unidos estão enfrentando uma depressão muito séria, com milhões de desempregados e que os artistas estão sendo extremamente afetados, apesar de o governo ajudá-los através do Public Works Administration (Administração das Obras

⁵⁰⁶ ... I am sending you my heartfelt thanks for your great generosity for giving me so much of your time and thought and work. I have never, any where in my life, met so generous and open hearted painter as yourself, and I should include with this, for she is part of you, Maria. KENT, Rockwell. Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. May 18th, 1938. CO-2445.1, F-278, Projeto Portinari, (Trad.da autora).

públicas). Dessa maneira, Rockwell⁵⁰⁷ acredita que “*o patronato privado está em péssimas condições, e embora, logicamente, ainda tenhamos nossos inumeráveis milhares que são ricos, não parecem inclinados a gastar seu dinheiro com aquele luxo, arte*”. Entretanto, com grande dificuldade ante a grave situação econômica dos Estados Unidos, a fama de Portinari vai sendo construída a passos largos, pois, não é mais somente Rockwell quem se dedica a promover o nome de Portinari na América do Norte como Florence Horn, jornalista da Revista Fortune (Fortuna) – revista do grupo Time & Life. Assim, após várias tentativas junto a galerias e museus, Portinari finalmente consegue que seu trabalho seja exposto nos Estados Unidos e com a aquisição da tela *Morro* pelo Museu de Arte Moderna de Nova York em 1938, as portas se abrem definitivamente para o artista brasileiro.

E nesse processo da criação do nome de Portinari nos Estados Unidos é preciso pontuar alguns fatos. O primeiro deles se dá quando a jornalista da Revista Fortune (Fortuna), Florence Horn⁵⁰⁸ vem ao Rio de Janeiro a fim de conhecer Portinari pessoalmente, uma vez que até então, os contatos eram mediados por Rockwell. Mas, agora no Rio, Horn colhe material composto por esboços e quadros a serem levados aos Estados Unidos por ela. Além disso, Horn entrevista Portinari para a publicação de um artigo destinado à edição de junho da Revista Fortune (Fortuna). E em meio às conversas⁵⁰⁹ que Horn tem com Portinari, falam sobre Rockwell e sua atuação no Brasil. Aliás, a intenção de Horn⁵¹⁰ é firmar as relações entre Brasil e Estados Unidos através de uma série de reportagens não apenas sobre o Brasil, como também sobre a América do Sul, a fim de reforçar a “Política da Boa Vizinhança” de Roosevelt e, igualmente reforçar a reciprocidade entre seu país e o Brasil, diminuindo, dessa maneira, a imagem de dominação norte-americana existente⁵¹¹. Desse modo, em junho de 1939, um artigo sobre Portinari contendo a reprodução de dois de seus trabalhos, sendo um deles um quadro representando uma

⁵⁰⁷ Private patronage is at a very low end, and although of course we still have our countless thousands who are wealthy, they seem not inclined to spend their money on that luxury, art. KENT. Op.cit, May 18th, 1938. CO-2445.1, CO-2445.2, F-278, F-279, Projeto Portinari, (Trad.da autora).

⁵⁰⁸ HORN, Florence. Carta de Florence Horn a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, June 30th, 1939. Reel 5223, frame 1354, Smithsonian Institution.

⁵⁰⁹ PORTINARI, Candido. Carta de Candido Portinari a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, June 30th, 1939. Reel 5223, frame 1353, Smithsonian Institution.

⁵¹⁰ *Cronobiografia de Candido Portinari*. Projeto Portinari. Versão em pdf através do site www.projetoportinari.org.br. Último acesso em 16 de outubro de 2008.

⁵¹¹ A partir da série de reportagens de Florence Horn, Nelson Rockefeller inicia um amplo programa de intercâmbio cultural no Brasil para aprimorar as relações entre Brasil e Estados Unidos. *Cronobiografia de Candido Portinari*. Projeto Portinari. Versão em pdf através do site www.projetoportinari.org.br. Último acesso em 16 de outubro de 2008.

partida de futebol⁵¹² é publicado pela Revista Fortune (Fortuna)⁵¹³, aumentando ainda mais sua fama em solo norte-americano, uma vez que o periódico, segundo Rockwell⁵¹⁴ não é barato e o público que o lê é formado por quem dispõe de capital para comprar obras de arte; além disso, ao ser apoiado pelo poderoso grupo constituído pelas revistas Time, Life e Fortune, Portinari pode se beneficiar por estar sendo inserido no alto circuito social de Nova York e dos Estados Unidos. Assim, apoiado pelo *high brow*, ou melhor, pela elite endinheirada norte-americana, Portinari pode finalmente gozar de sucesso. Entretanto, como tudo tem seu preço, mais adiante Portinari e Rockwell irão se desentender por conta das relações de Portinari com o *high brow*, conforme se verá ainda nesse capítulo.

Nesse momento de tanto sucesso para Portinari, o pintor recebe um importante convite do governo brasileiro para expor no pavilhão brasileiro da Feira Mundial de Nova York em 1939. Apesar de não poder ir pessoalmente para levar as obras ou para a inauguração, envia três painéis especialmente executados para a exposição: *Nordeste, Sul e Centro-Oeste*. Quase ao mesmo tempo em que expõe na Feira de 1939, participa pessoalmente no ano seguinte, 1940, da exposição de Arte Moderna Latino-Americana no Riverside Museum⁵¹⁵, na mesma cidade, com várias obras as quais, segundo Antonio Bento que cita a crítica norte-americana Elizabeth Sacartoff⁵¹⁶,

chegaram atrasadas e com molduras quebradas, mas com bastante força para dominar a exposição. Frisou que Portinari pintava os trabalhadores de seu país não como cartões postais, em paisagens exóticas, mas como gente de carne e osso, que labuta, diverte-se, ama e morre.

A partir dessa exposição, Portinari recebe inúmeros convites para expor suas obras em individuais pelos Estados Unidos, ou seja, sua fama se espalha em Detroit, Nova York, Pittsburgh, Chicago e San Francisco. Assim, partindo da Feira Mundial na qual Portinari e Rockwell expõem em pavilhões separados sem que o norte-americano quase consiga ver os

⁵¹² HORN, Florence. Carta de Florence Horn a Rockwell Kent. s/d. Reel 5223, frame 1361, Smithsonian Institution.

⁵¹³ PORTINARI, Candido. Op.cit, Rio de Janeiro, June 30th, 1939. Reel 5223, frame 1353, Smithsonian Institution.

⁵¹⁴ KENT, Rockwell. Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. July 23rd, 1939. CO-2447.1, F-282, Projeto Portinari.

⁵¹⁵ FABRIS. Op.cit, 1990, p. 14.

⁵¹⁶ SACARTOFF, Elizabeth apud BENTO, Antonio. *Portinari*, 2003, p. 193.

painéis do brasileiro por falta de tempo⁵¹⁷, surge a necessidade de Portinari viajar aos Estados Unidos, pois, além de promover sua obra é necessário que todos o conheçam.

Mas, até que a viagem possa ser realizada em 1940, muito esforço é feito não somente no sentido econômico, através do levantamento de fundos, como também, deve-se salientar que os Estados Unidos ainda enfrentam grave crise econômica agora, agravada pela Segunda Guerra Mundial. Aliás, as dificuldades para viajar aos Estados Unidos ainda abrangem o preenchimento de um formulário⁵¹⁸ no qual Portinari deve indicar referências para obter o visto como pintor brasileiro indo aos Estados Unidos para pintar, expor, conhecer a produção de artistas norte-americanos, além de pintar o povo estadunidense. Ainda na mesma carta de Horn, a jornalista fornece possíveis referências a serem incluídas no formulário, entre elas, Rodrigo Mello Franco de Andrade – diretor do SPHAN, o investigador norte-americano Theodore Xanthaky - encarregado de verificar as condições dos prisioneiros políticos Prestes, Olga, Arthur Ewert e sua esposa Elise, além de Victor Allan Barron, norte-americano comunista torturado e morto na prisão de Vargas -, o editor de arte da Revista Fortune, Francis Brennan, o ministro Gustavo Capanema e Rockwell Kent, a quem Horn define com as seguintes palavras⁵¹⁹:

Dê também o nome de Rockwell Kent: O endereço dele é Ausable Forks, Nova York. Ele seria a melhor como referência por sua integridade pessoal e personalidade trabalhadora. Acho que o trabalho dele é tão diferente do seu e penso que o nome dele em geral não é identificado com a boa pintura moderna. Mas ele REALMENTE o conhece pessoalmente.

Em uma carta de Rockwell⁵²⁰ a Florence Horn escrita em oito de junho de 1939, percebe-se a dificuldade do autor em conseguir agendar exposições para Portinari em galerias por sentirem inseguros quanto à “importação de um artista” brasileiro “e seu trabalho em relação às chances de venda”. Mas, apesar dos esforços realizados para a

⁵¹⁷ KENT, Rockwell. Carta de Rockwell Kent a Florence Horn. June 8th, 1939. CO-2446.1, F-280. Projeto Portinari.

⁵¹⁸ HORN, Florence. Carta de Florence Horn a Candido Portinari. Outubro de 1939. CO-4993.1, F-0426, Projeto Portinari.

⁵¹⁹ Give also Rockwell Kent's name: His address is Ausable Forks, New York. He would be best as a reference for your personal integrity and hard working character. I think his work is so unlike yours, and I think in general that his name is not identified with good, modern painting. But he DOES know you personally. HORN. Op.cit, Outubro de 1939. CO-4993.1, F-0426, Projeto Portinari, (Trad.da autora).

⁵²⁰ ... to import an artist and his work on the chances of sales. KENT. Op.cit, June 8th, 1939. CO-2446.1, F-280. Projeto Portinari.

promoção de sua arte e de seu nome nos Estados Unidos, Portinari avança firme. Assim, o artista brasileiro vai aos Estados Unidos, onde participa pessoalmente das exposições no Riverside Museum, no MOMA, enfim, a partir de agora, sua fama está consolidada definitivamente nos Estados Unidos.

Em meio a esse processo da construção da identidade artística de Portinari nos Estados Unidos, um fator de extrema relevância merece destaque. Por intercessão de um grupo de amigos do artista brasileiro, liderado pelo vice-cônsul em Chicago, Josias Leão, surge a idéia do lançamento de um livro sobre a vida e obra do pintor. E para obter êxito na publicação, muito trabalho e lutas são despendidos tanto por seus amigos, como pelo próprio Portinari, uma vez que a crise dos Estados Unidos também havia afetado o mercado editorial. Assim, após muitas idas e vindas a idéia toma corpo junto à Chicago University Press, que também impõe condições à Portinari, sobretudo no que se refere aos direitos autorais de reprodução das imagens, ou seja, o pintor deve procurar todos os proprietários-colecionadores de suas pinturas e requerer a assinatura de um documento no qual autorizam a reprodução das mesmas no livro. Entre os colecionadores está Rockwell Kent, que conforme explicitado nesse capítulo é dono do retrato pintado por Candido Portinari.

No que concerne à publicação do livro que, a princípio seria chamado de *The Life and Art of Portinari*⁵²¹ (A Vida e a Obra de Portinari), mas que ao ser publicado em dezembro de 1940, tem seu título alterado para *Portinari: His Life and Art* (Portinari: Sua Vida e Obra) passa por um longo e demorado processo de seleção do melhor nome para redigir a introdução do livro. Inicialmente, o vice-cônsul brasileiro Josias Leão convida Rockwell Kent a redigir a introdução através de uma longa carta de quatro páginas escrita em vinte e cinco de abril de 1940, na qual Josias Leão⁵²² explicita o projeto do livro, relata

⁵²¹ HEMENS, Rollin D. Carta de Rollin D. Hemens a Madame Helena Rubinstein. July 24, 1940. CO-2240.1, F-097, Projeto Portinari.

⁵²² Dear Mr. Rockwell Kent,

I am a friend of Portinari, the Brazilian painter and am taking the liberty to address you regarding a planned book of his works to be printed in the U.S.

While I was still in Brazil we made plans to have it done here and I wrote, accordingly, to Miss Florence Horn, of the Fortune magazine. She wrote me back offering what she called at the time an approximate estimate of the cost of the work, which was to contain 92 black and white and 8 full color reproductions.

We the friends of Portinari organized a subscription and collected the amount she said to be necessary, that is to say: \$1,600.00 per 1.000 copies.

Later on, however, she wrote me again indicating somebody in New York who should take care of – or supervise – the work. The gentleman in question – it was a gentleman – gave us the quotation of \$7,500.00, an amount of money which seemed to us, poor Brazilians, as definitely astronomical. So we closed the matter until I got back to the States again.

Now I have asked an estimate from Messrs. R.R. Donnelley & Co., of Chicago, which I understand to be fit enough for this kind of work.

as dificuldades em encontrar um editor que cobre um preço que seja adequado ao orçamento restrito dos “*pobres brasileiros*”⁵²³, além de seu desapontamento em relação à Miss Florence Horn:

Prezado Mr. Rockwell Kent,

Sou um amigo de Portinari, o pintor brasileiro e estou tomando a liberdade de me dirigir ao senhor em relação a um livro de seus trabalhos a ser impresso nos Estados Unidos.

Enquanto eu ainda estava no Brasil, fizemos planos para que fosse feito aqui e eu escrevi, portanto, para Miss Florence Horn, da Revista Fortune. Ela me respondeu oferecendo o que ela chamou na época de orçamento aproximado do custo do trabalho, o qual deveria conter 92 reproduções em preto e branco e 8 coloridas.

Nós, os amigos de Portinari, organizamos uma assinatura e coletamos o montante que ela disse ser necessário, o que quer dizer: \$1,600.00 por 1,000 cópias.

Mais tarde, entretanto, ela me escreveu novamente indicando alguém em Nova York que deveria tomar conta - ou supervisionar o trabalho. O cavalheiro em questão - foi um cavalheiro - deu-nos a cotação de \$7,500. 00, uma quantia de

I am afraid, however, that the amount we have collected may not be sufficient to cover the cost of the entire edition of 1.000 copies. The subscription was made on a basis of \$5.00 per volume each subscriber to receive as many copies as the five dollars covered by the amount given by him. So you see that in fact 320 copies have been sold. Don't you think that it could be possible to arrange an editor for the work who may be willing to take 3.000 copies or so, and who was to receive the \$1,600.00 we have collected and give the 320 copies to the subscribers? An edition of 3.000 might bring the cost per volume down to \$2.00, and so leave a margin for him to make a profit besides producing a magnificent piece of work.

I thought you might be interested too in writing a preface to the book, after viewing the photographs of the paintings to be reproduced. Incidentally, I wish to say that I have seven of the most characteristic of Portinari paintings and would be glad to have your visit any time you come to Chicago. My address here is 222, East Chestnut St. - Apartment 2-A. Tel. = DELAWARE 6124.

Please don't let anyone know about Miss Florence Horn attitude because it might hurt Portinari as far as his prestige in Fortune, Life and Time magazines goes.

May I have the pleasure of hearing from you about the way you view the whole plan?

Please accept, my dear Mr. Rockwell Kent, the best compliments of your courier,

Josias Leão

LEÃO, Josias. Carta de Josias Leão a Rockwell Kent. Chicago, April 25, 1940. Reel 5223, frames 1419 - 1422, (Trad. da autora), Smithsonian Institution.

⁵²³ ... poor Brazilians... LEÃO. Op.cit, Chicago, April 25, 1940. Reel 5223, frame1420, (Trad. da autora), Smithsonian Institution.

dinheiro a qual pareceu-nos, pobres brasileiros, definitivamente astronômica. Então encerramos a questão até que eu voltei aos Estados Unidos novamente.

Agora pedi um orçamento dos Senhores RR. Donnelley & Co., de Chicago, o qual entendo como justo o suficiente para esse tipo de trabalho.

Temo, entretanto, que a quantia que coletamos não seja suficiente para cobrir o custo da edição inteira de 1,000 cópias. A assinatura foi feita na base de \$5.00 por volume para cada assinante receber tantas cópias quanto os cinco dólares cobrirem pelo valor dado por ele. Então o senhor pode ver que, de fato, 320 cópias foram vendidas. O senhor não acha que poderia ser possível arrumar um editor para o trabalho, aquele que esteja disposto a pegar 3.000 cópias ou por volta disso, e que receberia os \$1,600.00 que coletamos e daria as 320 cópias aos assinantes? Uma edição de 3.000 poderia reduzir o custo por volume para \$2.00 e então deixar uma margem para ele fazer um lucro além de produzir uma obra magnífica.

Pensei que o senhor poderia estar interessado também em escrever um prefácio para o livro, após ver as fotografias das pinturas a serem reproduzidas. Casualmente, gostaria de dizer que tenho sete das mais características pinturas de Portinari e ficaria feliz em ter sua visita a qualquer hora que o senhor vier à Chicago. Meu endereço aqui é 222, East Chestnut St. – Apartamento 2-A. Tel. = DELAWARE 6124.

Por favor, não deixe ninguém saber da atitude da Miss Florence Horn porque poderia prejudicar Portinari no que concerne seu prestígio nas revistas Fortune, Life e Time.

Posso ter o prazer de ouvi-lo sobre a maneira como vê o problema?

Aceite, por favor, meu caro Mr. Rockwell Kent as melhores recomendações de seu mensageiro,

Josias Leão

Ao receber a carta de Leão, Rockwell⁵²⁴ responde aceitando com satisfação a encomenda de uma introdução ao livro, porém, como o norte-americano está extremamente atarefado com a redação de sua autobiografia *This is My Own*, igualmente publicada no final de 1940, recusa-se a ir encontrar Leão em Chicago. Assim, a única exigência de Rockwell é quanto à necessidade do envio de fotografias ou de reproduções das obras de Portinari para que possa, através das imagens, compor seu texto. Após a indefinição na escolha da editora, Leão acaba fechando o contrato com a Chicago University Press (Editora da Universidade de Chicago), a qual se compromete a produzir o livro por um preço acessível, desde que Rockwell aceite escrever a introdução sem receber qualquer remuneração em troca. Na realidade, o motivo pelo qual a Chicago University Press acolhe a publicação do livro, segundo Leão⁵²⁵, é o seguinte:

A Editora da Universidade de Chicago está disposta a dividir as despesas, levando em consideração não apenas o valor de Portinari como pintor, mas também a ajuda que o trabalho trará no desenvolvimento de uma relação mais próxima dentro das atividades culturais das Américas.

Dessa forma, percebe-se o quanto os Estados Unidos estão envolvidos no processo de integração das Américas, em especial com o Brasil, uma vez que tal interesse não deve ser visto ingenuamente, como o de alguém meramente interessado pelo outro, pelo diferente. Pois, de fato, o que ocorre é uma tentativa de contenção do avanço do nazismo e do fascismo em solo latino americano. Aliás, em relação ao programa de intercâmbio com o Brasil, devem-se destacar as conferências realizadas nos Estados Unidos, tanto em Chicago – na universidade, quanto em Washington⁵²⁶, através da Conference on Inter-American Relations in Field of Art (Conferência sobre as Relações Interamericanas no Campo da Arte), esta patrocinada pelo Departamento de Estado, entre onze e doze de outubro de 1939.

Em relação à atuação dos Estados Unidos no combate ao avanço do nazismo e do fascismo em solo americano, Rockwell demonstra comportamentos contraditórios, uma vez

⁵²⁴ KENT, Rockwell. Carta de Rockwell Kent a Josias Leão. May 3, 1940. Reel 5223, frame 1423, Smithsonian Institution.

⁵²⁵ ... The University of Chicago Book Press is willing to share the expenses, taking into consideration not only the value of Portinari as a painter but also the assistance the work will bring in the development of closer relationship within the cultural activities of the Americas. LEÃO, Josias. Carta de Josias Leão a Rockwell Kent. Chicago, May 12, 1940. Reel 5223, frame 1424, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

⁵²⁶ LEÃO, Josias & KENT, Rockwell. *Portinari: His Life and Art*, 1940, p.5.

que, ao mesmo tempo em que responsabiliza seu país pelo avanço da pobreza no Brasil, através dos contratos firmados entre Vargas e Wall Street, estando vinculado ao comunismo norte-americano, viaja ao Rio de Janeiro como observador político, escreve dois relatórios – “Brazil and Vargas” (Brasil e Vargas) e “Brazilian Report” (Relatório Brasileiro), nos quais ataca duramente a questão da dominação econômica como sendo responsável pelas prisões, torturas, mortes e miséria do povo brasileiro. Por outro lado, em uma carta⁵²⁷ escrita à Portinari, em vinte e sete de agosto de 1940, afirma sua preocupação com os norte e sul americanos:

Você percebe que esses não são bons tempos na América, não percebe? Esses não são bons tempos para pintores ou escritores, ou editores, ou marchands, ou para ninguém de qualquer maneira dependente de atividades culturais e patronato. Fomos à loucura nos preparativos para a guerra. Às pessoas são ditas, e muitas delas acreditam que quase a qualquer momento Hitler virá navegando através do Oceano Atlântico capturar os Estados Unidos. Às pessoas são ditas que ele pode primeiro capturar a América do Sul, e que é da conta deles manter o pobre, caro, doce povo sul americano amante da liberdade longe de ser comido por Hitler. Se o povo sul americano quer nossa proteção ou não, ele deve ser tratado como crianças e ser protegido.

O programa todo torna 75 milhões de nós doentes e desgostosos. Mas essa democracia não está sendo controlada pelos 75 milhões, ou por cem milhões, ou por 120 de 130 milhões. Esta sendo controlada no que nós provavelmente chamamos de “o jeito americano”, por um pequeno grupo de ricos banqueiros e

⁵²⁷ You realize, don't you that these are not good times in America? They are not good times for painters or writers, or publishers, or picture dealers, or for anyone in any way dependent upon cultural activities and patronage. We have gone crazy over preparedness (sic) for war. The people are told, and a lot of them believe, that almost any moment Hitler will come sailing across the Atlantic Ocean and capture the United States. The people are told that he may first capture South America, and that it is their business to keep the poor, dear, sweet, liberty-loving South American people from being eaten up by Hitler. Whether the South American people want us to protect them or not, they must be treated like children and be protected. The whole program makes 75 million of us sick and disgusted. But this democracy is not being run by the 75 million, or by a hundred million, or by 120 out of 130 million. It is being run in what we probably call “the American way”, by a little group of terrible rich bankers and industrialists whose pocketbooks are traps and the bait of whose traps is the American flag. KENT, Rockwell. Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. August 27, 1940. Reel 5223, frame 1429, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

industriais terríveis cujas reservas de dinheiro são armadilhas e a isca daquelas armadilhas é a bandeira americana.

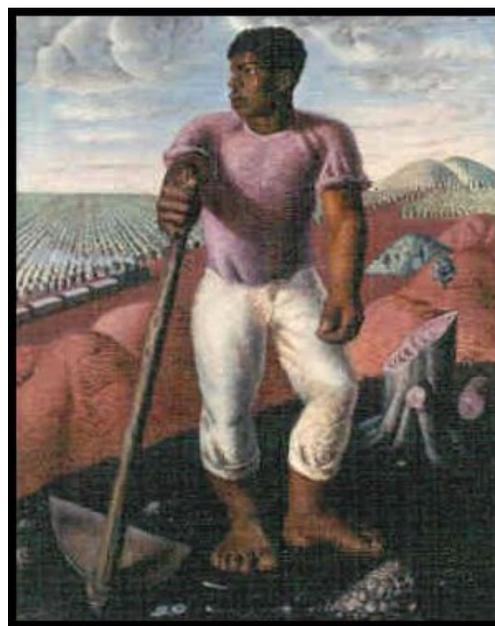
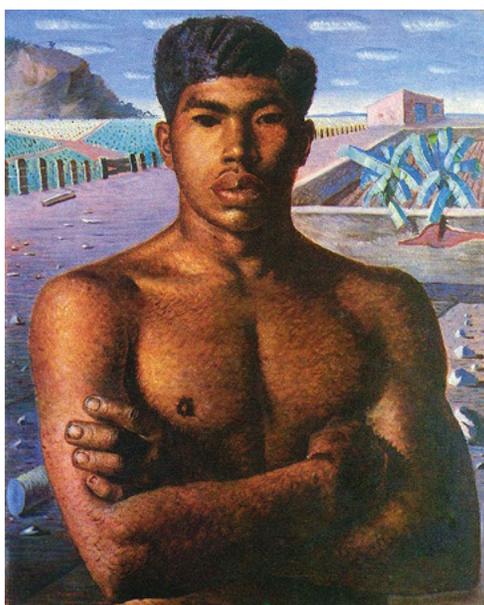
Se em Rockwell se percebe um comportamento contraditório de ataque e defesa, deve-se pensar que o modo pelo qual o autor defende os Estados Unidos se vincula muito mais a um padrão de salvação da própria pele do que de um ato heróico, pois, na verdade Rockwell é muito mais um isolacionista do que propriamente comunista, na medida em que enquanto atua como defensor e promotor da democracia, da paz, da justiça e da liberdade, Rockwell se posicionaria neutramente em relação ao seu país se não houvesse a constante ameaça externa. Edward Hoagland⁵²⁸, na introdução da reedição de *N By E*, define Rockwell como “*homem humano, teimosamente auto-dirigido*” e que “*o individualismo o levou ao socialismo, embora, emocionalmente, ele fosse um isolacionista*”. Aliás, o sentimento isolacionista também faz parte da jornalista Florence Horn⁵²⁹, pois, em uma carta enviada à Portinari, ela afirma que o melhor que os norte-americanos têm a fazer é salvar a democracia, fortalecendo suas bases e manterem-se fora dos conflitos e da guerra. Mas qual o significado do isolacionismo para Rockwell e de que maneira Portinari é afetado?

Em primeiro lugar, deve-se pensar que a partir do momento em que Rockwell começa a se envolver com as questões políticas dos Estados Unidos e do Brasil, ocorre uma mudança de atitude em Rockwell, entretanto, essa mudança exige uma aproximação com o socialismo, devido aos ideais defendidos pelos últimos no que se refere à luta pela democracia, por exemplo. E, ao vir ao Rio de Janeiro após saber da situação política brasileira, na qual milhares são presos, torturados e mortos, além dos milhões de pessoas vivendo na mais absoluta miséria, em nome de tratados comerciais firmados entre Vargas e Wall Street, Rockwell volta-se contra os Estados Unidos e contra Vargas. Porém, com o agravamento da situação, a qual pode resultar na invasão de Hitler em território americano, Rockwell abandona sua postura emocional isolacionista, para se entregar à luta através de seus escritos, palestras e obras gráficas, conforme exposto anteriormente neste capítulo. Em relação à Portinari, Rockwell sempre o considera como comunista pobre que deve ser protegido como uma criança, por estar mais vulnerável aos ataques fascistas e nazistas, o

⁵²⁸ ... He was a humane man, stubbornly self-directed. Individualism drew him to socialism, though emotionally he was an isolationist. HOAGLAND, Edward. “Foreword on Rockwell Kent”. KENT, Rockwell. *N By E*. 1996, p. XV, (Trad.da autora).

⁵²⁹ HORN, Florence. Carta de Florence Horn a Portinari e Maria. CO-4980, F-0414, Projeto Portinari.

que de fato, acontece no Brasil, segundo Skidmore⁵³⁰ aponta. Entretanto, a atitude Rockwell reflete a dos Estados Unidos ao apontar na condição miserável de seu povo, a necessidade de tratar os brasileiros como indefesos, imaturos e irresponsáveis por seus atos. Assim, enquanto Portinari adota o comunismo como mecanismo de luta contra a dominação do capital estrangeiro, pregando a luta de classes e denunciando a exploração do trabalho – mas não em suas obras, pois, Portinari se define como pintor camponês que faz de seus camponeses homens fortes com braços, mãos e pés aumentados, como por exemplo, *O Mestiço* ou *O Lavrador de Café* – Rockwell faz de seu discurso, arma contra os abusos cometidos em conjunto pelos Estados Unidos e pelo Brasil, em nome da acumulação de capitais gerados por acordos comerciais estabelecidos entre ambos os países.



Candido Portinari. *O Mestiço*, 1934, oil, 81x65cm, Pinacoteca do Estado de São Paulo. Candido Portinari. *O Lavrador de Café*, 1939, oil, 100x81cm, MASP.

Sendo esse o clima no qual o livro de Portinari é produzido, a University of Chicago Press (Editora da Universidade de Chicago) acolhe a sugestão de Josias Leão em relação ao convite feito pelo mesmo à Rockwell Kent, mas decide abrir uma votação para a escolha do nome do autor da introdução. Assim, segundo Leão⁵³¹, o conselho da universidade propõe outros nomes além do de Rockwell, como o de Thomas Craven⁵³², Clarence Joseph

⁵³⁰ SKIDMORE. Op.cit, 1999, p. 119.

⁵³¹ LEÃO, Josias. Carta de Josias Leão a Candido Portinari. Chicago, 3 de agosto de 1940. CO-2596.1, F-369, Projeto Portinari.

⁵³² Autor de vários livros sobre arte, como os quais: *A treasury of art masterpieces from the renaissance to the present day*, *Cartoon cavalcade*, *A Treasury of American Prints: a Selection of One Hundred Etchings*,

Bulliet⁵³³ e Helen Gardner⁵³⁴, porém, Rockwell vence a disputa com dezesseis votos, contra onze, um, três e um, respectivamente. Ainda segundo Leão⁵³⁵, Rockwell vence por ser “*muito mais conhecido, popular, como também melhor elemento para a venda do livro*”. Ou seja, a escolha de Rockwell para a elaboração da introdução está diretamente ligada à sua vinda ao Brasil, aos seus contatos com Portinari, contatos esses que resultaram na compra do retrato, hoje pertencente ao acervo do Museu de Arte Brasileira da FAAP, conforme será detalhado mais adiante.

Ainda na mesma carta de Leão⁵³⁶ à Portinari, o autor descreve as condições necessárias à publicação do livro, pois, nem Portinari, nem Leão e nem Rockwell receberão qualquer quantia pelo trabalho, cabendo à universidade arcar com sete mil dólares num total de nove mil e quinhentos, sendo o restante comporto pelo total arrecadado no Brasil entre Portinari e seus amigos. Dessa maneira, cada livro será vendido por sete dólares e cinqüenta centavos. Aliás, como Leão se preocupa com os rumores vindos do Brasil, de que Portinari, ele mesmo e Rockwell estariam recebendo algum tipo de remuneração pela publicação, o autor da carta em questão pede a Portinari que espalhe entre seus amigos que nenhum dos três está obtendo qualquer lucro com o livro.

O longo processo de criação do livro inclui várias etapas além da arrecadação de fundos e da decisão sobre o nome do autor responsável pela redação da introdução, ou seja, conforme explicitado anteriormente neste capítulo, existe um ponto relacionado à definição das imagens a serem reproduzidas e, dentre as mesmas, por determinação da editora, está o *Retrato de Rockwell Kent*, pintado em 1937 e enviado no ano seguinte ao dono. Porém, assim que o quadro chega ao seu destino, Rockwell opta por manter a obra dentro da caixa de origem. Mas quais seriam as verdadeiras razões para o fato? O que pode haver por trás dessa atitude? Ao receber a tela, Rockwell a esconde de todos que querem ter acesso, sejam eles colecionadores de arte, curadores de museus, enfim, o acesso à obra é bloqueado completamente, sem que ninguém consiga convencer Rockwell a emprestar a tela para ser exposta. Entretanto, uma das exigências da University of Chicago Press (Editora da Universidade de Chicago) à Rockwell é que a tela seja fotografada a fim de ser reproduzida no livro. Dessa forma, Rockwell cede e permite a reprodução da imagem, apesar da demora

Men of Art, The rainbow book of art, Famous artists and their models, The pocket book of Greek art, Modern Art e The Story of Painting from Cave Pictures to Modern Art.

⁵³³ Crítico de arte americana.

⁵³⁴ Historiadora de arte americana, autora de *Art Through the Ages*.

⁵³⁵ LEÃO. Op.cit, Chicago, 3 de agosto de 1940. CO-2596.1, F-369, Projeto Portinari.

⁵³⁶ LEÃO. Op.cit, Chicago, 3 de agosto de 1940. CO-2596.2, F-370, Projeto Portinari.

em fazê-lo. Aliás, no que tange a questão da reprodução de todas as imagens, conforme já dito anteriormente, as mesmas tiveram que ser submetidas uma a uma à burocracia da liberação dos direitos de utilização de imagem. Logicamente, nesse processo a tela de Rockwell também está inserida. Assim, diante das incertezas enfrentadas pelo mercado editorial em relação à crise econômica e à guerra, a publicação atrasa consideravelmente, afetando, inclusive, a conclusão das reproduções e a montagem do livro. Mas, apesar de uma das exigências de Rockwell ser a obtenção do acesso às imagens antes de escrever sua introdução, o autor acaba entregando o texto sem ter visto nenhuma delas, conforme uma carta⁵³⁷ sua ao Mr. Rollin D. Hemens revela:

Prezado Mr. Hemens,

Aqui está a Introdução. Sinto por não terem sido enviadas a mim as provas dos quadros que deverão estar no livro. Eu poderia então ter sido mais específico na discussão da arte de Portinari.

Posso apenas esperar que o que escrevi seja gostado pelos editores e pelo próprio Portinari. Por favor, mandem-me uma cópia do livro quando estiver fora da editora.

Atenciosamente,

Rockwell Kent

Antes de o livro ser publicado e lançado para o público em dezembro de 1940, o texto de Rockwell passa pelas mãos de Portinari, por ser este o maior interessado no êxito da publicação. Entretanto, ao ler a introdução de Rockwell, desaprova uma frase escrita pelo norte-americano, na qual se lê: “*Pessoas que ele ama; e as pessoas no Brasil são na maioria destituídas e maltrapilhas, e escuras de pele*”⁵³⁸. Por sentir que a frase poderia resultar em críticas ao livro bem como a ele, Portinari pede a eliminação da mesma, devido ao sentido quase pejorativo, na medida em que classifica o povo brasileiro pelo viés da pobreza e, para Portinari, ao privilegiar a baixa condição social do brasileiro, Rockwell

⁵³⁷ Dear Mr. Hemens,

Here is the Introduction. I am sorry not to have been sent proofs of the pictures that are to be in the book. I could then have been more specific in my discussion of Portinari's art.

I can only hope that what I have written will be liked by the publishers and by Portinari himself. Please send me a copy of the book when it is off the Press.

Sincerely yours,

Rockwell Kent. KENT. Rockwell. Carta de Rockwell Kent ao Mr. Rollin D. Hemens. Reel 5223, frame 1443, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

⁵³⁸ “People he loves; and people, in Brazil are mostly destitute and underclothed, and dark of skin”. ALEXANDER, Mary D. Carta de Mary D. Alexander a Rockwell Kent. December 4, 1940. Reel 5223, frame 1355, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

deixa de comentar sobre a obra do pintor para dar vazão a sentimentos da ordem da caridade que deveria ser praticada para com o irmão necessitado. Dessa forma, Mary D. Alexander⁵³⁹ escreve uma carta a Rockwell na qual, cita a frase a ser eliminada, além de explicar as razões de Portinari para a eliminação, quando o livro já está pronto para a publicação. Assim, tem início uma fase de estremecimento entre Rockwell e Portinari, a qual possui duas causas primordiais e quase contemporâneas uma a outra. Além da questão da frase eliminada, existe um fator agravante e determinante ao estremecimento da amizade entre ambos, exemplificado pelo envio de um convite de Rockwell à Portinari no dia nove de outubro de 1940, para uma comemoração ao United American Artists Day (Dia dos Artistas Americanos Unidos) a ser celebrado dentro da Feira Mundial de Nova York. Apesar do envio do convite⁵⁴⁰ à Portinari, por uma razão desconhecida e não justificada através dos documentos pesquisados junto ao Smithsonian Institution e ao Projeto Portinari, o artista brasileiro não apenas deixa de confirmar sua presença no evento, como também não comparece. Aqui poder-se-ia sugerir que talvez Portinari estivesse ressentido com as idéias textualmente registradas de Rockwell em sua introdução ao livro, pois, a carta convite de Rockwell consta dos arquivos do Projeto Portinari.

Desse modo, Rockwell se irrita profundamente com o que considera descaso e indelicadeza por parte do brasileiro e, conseqüentemente decide se vingar de Portinari através de uma carta de tom difamatório escrita ao Mr. Joseph North⁵⁴¹ no início do ano de 1941, ou seja, logo após a publicação de *Portinari: His Life and Art* (Portinari: Sua Vida e Arte) pela University of Chicago Press (Editora da Universidade de Chicago). A inclusão da íntegra da carta de Rockwell⁵⁴² à North torna-se bastante esclarecedora dos fatos e do pensamento do norte-americano:

⁵³⁹ ALEXANDER. Op.cit, December 4, 1940. Reel 5223, frame 1355, Smithsonian Institution.

⁵⁴⁰ KENT, Rockwell. Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. October 9, 1940, CO-2451, Projeto Portinari.

⁵⁴¹ Autor de *New Masses: an anthology of the rebel thirties*, International Publishers, 1969.

⁵⁴² Dear Mr. North:

The Chicago University Press has just published a handsome volume on the work of Candido Portinari. I met Portinari in Brazil. I saw a good deal of him, for he was poor and associating with the younger and poorer artists and writers. He had much to tell me about Brazilian underground revolutionary thought and the reactions of the younger intellectuals to the Vargas dictatorship. Though I had little money to spend, I bought a picture from him, paying him \$100, exactly double the price that he asked me for it. He very generously painted my portrait (Gee, it's a rotten one) in return.

And now, Portinari, backed I guess by fortune, sponsored by the precious, wealthy dilettantes in art, and accordingly by their museums, has come to America; and in America he appears to have forgotten his poverty, except as it contributes to the romance of a Horatio Alger career, and has abandoned all association with the younger radicals here of whom, in Brazil, he was a part.

Prezado Mr. North:

A Editora da Universidade de Chicago acabou de publicar um belo volume sobre a obra de Candido Portinari.

Conheci Portinari no Brasil. Vi uma boa porção dele, porque ele era pobre e associado aos mais jovens e pobres artistas e escritores. Ele tinha muito a me contar sobre o pensamento revolucionário de resistência e as reações dos intelectuais mais jovens à ditadura de Vargas. Embora eu tivesse pouco dinheiro para gastar, comprei um quadro dele, pagando-lhe \$100, exatamente o dobro do preço que ele me pediu por ele. Ele, muito generosamente, pintou meu retrato (Nossa, é detestável) em troca.

E agora, Portinari, apoiado eu acho que pela fortuna, patrocinado pelos preciosos e ricos diletantes em arte, e conseqüentemente pelos museus deles, veio para a América; e na América parece ter esquecido sua pobreza, exceto naquilo que contribui para o romance de uma carreira de Horatio Alger, e abandonou toda a associação com os radicais mais jovens aqui, dos quais, no Brasil, ele era uma parte.

Ao pedido da Editora da Universidade de Chicago, impelido sem dúvida por Portinari, escrevi a introdução principal do livro.

At the request of the Chicago University Press, prompted undoubtedly by Portinari, I wrote the main introduction to the book. In that introduction I spoke of him as of the people and as painting simply, and with no more editorial view-point than his heart dictated, the poorer people of Brazil. I merely referred to his portrait painting as pot-boiling, for that's exactly what it is. It's pretty bad. Just before publication of the book I received a letter from the University of Chicago Press. I quote it:

Dear Mr. Kent:

Mr Portinari felt that this sentence in your Introduction, "People he loves; and people, in Brazil are mostly destitute and underclothed, and dark of skin," would bring criticism on the book and on him. The form was on the press when we got this report from Mr. Portinari, so I could not write about it. I hope you do not mind too much the deletion of this sentence.

Sincerely yours,

Editorial Department

University of Chicago Press

I think that this book should be reviewed, and I think that Portinari should be told a few stern facts about life. His request for the deletion of that sentence is thoroughly contemptible.

To my invitation last fall that he attend the opening of the United American Artists show at the World's Fair he send not even a reply.

I have said enough. Go to it if you will. You may use the quotation from the University of Chicago Press letter if you like, and the tip about the United American Artists show. Don't quote me otherwise.

Sincerely yours,

Rockwell Kent. KENT. Rockwell, reel 5223, frames 1443 - 1444, (Trad. da autora), Smithsonian Institution.

Naquela introdução falei dele tanto como do povo como da pintura simplesmente, e com não mais do que do ponto de vista editorial do que seu coração ditou, do povo mais pobre do Brasil. Eu meramente me referi ao seu retrato como comercial e feito às pressas, porque isso é exatamente o que é. É bem ruim. Um pouquinho antes da publicação do livro recebi uma carta da Editora da Universidade de Chicago. Eu a cito:

Prezado Mr. Kent:

Mr. Portinari sentiu que esta sentença em sua Introdução, “Pessoas que ele ama; e as pessoas no Brasil são na maioria destituídas e maltrapilhas, e escuras de pele,” traria críticas ao livro e a ele. A matriz já estava na prensa quando recebemos este relatório do Mr. Portinari, então, não pude escrever-lhe sobre isso. Espero que não se importe muito na eliminação desta sentença.

Atenciosamente,

Departamento Editorial

Editora da Universidade de Chicago

Eu acho que esse livro deveria ser revisto e acho que a Portinari deveriam ser ditos alguns poucos fatos duros sobre a vida. Seu pedido de eliminação daquela sentença é completamente desprezível.

Ao meu convite no outono passado para que comparecesse à abertura da exposição dos Artistas Americanos Unidos na Feira Mundial ele não envia nem uma resposta.

Eu disse o suficiente. Siga em frente se quiser. Você pode usar a citação da carta da Editora da Universidade de Chicago se quiser, e a parte sobre a exposição dos Artistas Americanos Unidos. Não me coloque de outra maneira.

Atenciosamente,

Rockwell Kent

Em relação à carta de Rockwell à North é preciso destacar alguns pontos. Em primeiro lugar, Rockwell descreve Portinari como um pobre pintor revolucionário, o qual através da luta contra o governo ditatorial de seu país, juntamente a outros artistas e

escritores tão pobres economicamente, busca uma pátria mais justa, livre e democrática. Desse modo, Rockwell surge em meio a tal contexto como alguém que oferece uma esmola a um mendigo esfomeado, embora, aqui o adágio se dê em troca de um quadro vendido pelo dobro do preço pedido pelo artista, ou seja, cem dólares. E imediatamente ao receber a encomenda, Rockwell o despreza totalmente, devido à baixa qualidade “*da obra comercial feita às pressas*”⁵⁴³, para ser vendida. Já em um segundo momento, Rockwell ataca Portinari com ferocidade ímpar, ao se referir ao brasileiro como aquele pobre humilde, defensor da democracia, da paz e da liberdade em seu país, até que um dia um milagre acontece, fazendo com que o pobre coitado ascenda aos céus, ou seja, aos Estados Unidos, sendo muito bem recebido por diletantes em arte. A partir daí, aquele pobre coitado produtor de retratos de baixa qualidade, habitante de uma grande cidade se torna rico e famoso e, conseqüentemente, vira as costas ao seu passado de luta contra toda e qualquer adversidade, de esforço pela sobrevivência, assim como os personagens criados nos romances do escritor norte-americano do século XIX, Horatio Alger Jr.⁵⁴⁴, os quais enfrentam todo tipo de dificuldade para vencer a pobreza, a fome e as privações até tornarem-se ricos e bem sucedidos da noite para o dia. Assim, Rockwell compara Portinari à Alger, pois, na medida em que o artista brasileiro consegue sucesso ao se vender aos ricos na América, conquista o *American Dream* (Sonho Americano), segundo Rockwell.

Porém, nesse tornar-se rico da noite para o dia, Rockwell demonstra toda sua indignação ainda, quando se vê obrigado a suprimir uma sentença considerada ofensiva por Portinari, do livro sobre a vida e obra do pintor brasileiro em questão. Quais os sentidos de tantos ataques pessoais? Por que Rockwell o critica tanto? O que pode estar por trás dessa carta? Aqui, deve-se analisar o comportamento de Rockwell cautelosamente porque, em primeiro lugar, tem-se a vinda dele ao Rio de Janeiro em novembro de 1937, a qual se dá em meio a um turbilhão de violências deflagradas nas prisões, torturas e mortes de milhares de prisioneiros políticos. Ao entrar em contato com Portinari, Rockwell a princípio faz amizade com o brasileiro, relação essa que inclui troca intensa de correspondências, além da promoção de Portinari em solo norte-americano, apesar de sua obra já haver sido exposta e premiada em 1935, no Carnegie Institute de Pittsburgh. Dessa maneira, Rockwell incentiva Portinari inclusive através de seus contatos, como por exemplo, com a jornalista

⁵⁴³ ... pot-boiling... KENT. Rockwell, reel 5223, frame 1443, (Trad. da autora), Smithsonian Institution.

⁵⁴⁴ Horatio Alger Jr. In: http://www-sul.stanford.edu/depts/dp/pennies/1860_alger.html. Último acesso em 17 de outubro de 2008.

Florence Horn, com quem conversa sobre Portinari. Ou seja, o nome de Candido Portinari começa a crescer até o momento em que o vice-cônsul brasileiro em Chicago, Josias Leão, convida Rockwell a escrever uma introdução sobre a obra do brasileiro. Quando o texto é entregue à Portinari, o pintor descobre uma frase ofensiva de Rockwell e pede a eliminação da mesma, fato causador de revolta para o norte-americano, que responde mostrando sua vertente a mais cruel possível: Portinari é um pintor pobre, vindo de um país miserável repleto de pessoas igualmente miseráveis, maltrapilhas e de pele escura. Além disso, Portinari abandonou a causa libertária no Brasil para se aliar aos ricos patrocinadores e investidores de Wall Street, cujos acordos são firmados com Vargas, o ditador responsável pela miséria do povo em nome do dinheiro, aquele que manda prender, torturar e matar todos que ousem levantar a voz contra sua política econômica. E nesse ciclo vicioso, Rockwell ainda critica duramente o retrato pintado por Portinari, com palavras duras.

Porém, em relação ao retrato, deve-se considerar a atitude contraditória de Rockwell, pois, ao receber a obra, a esconde de todos os que querem vê-la e expô-la, com exceção da única vez em que cede a imagem para fins de reprodução da mesma em *Portinari: His Life and Art* (Portinari: Sua Vida e Obra). Por exemplo, em uma carta de Rockwell⁵⁴⁵ em resposta ao pedido de Miss Courter, do MOMA para que Rockwell emprestasse o retrato pintado por Portinari com o intuito de ser exposto pelo museu, o norte-americano recusa duramente através das seguintes palavras:

Prezada Miss Courter:

O retrato meu de Portinari permanece um segredo, escondido na mesma caixa em que veio de fora da América, escondido até dos olhos da minha família.

Portanto, ele deve permanecer assim até que algum dia, superando meus princípios e rendendo aos meus desejos, eu o destruo.

Acontece que ele é simplesmente uma coisa terrível.

Atenciosamente, Rockwell Kent

⁵⁴⁵ Dear Miss Courter:

Portinari's portrait of me remains a secret, hidden away in the very box in which it came to me from outside America, hidden even from the eyes of my family.

So it must remain until, someday, overcoming my principles and yielding to my desires, I destroy it.

It just happens to be a simply dreadful thing.

Sincerely yours,

Rockwell Kent. KENT. Rockwell. Carta de Rockwell Kent a Miss Courter. April 11, 1941. Reel 5223, frame 1446, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

Ao considerar o retrato pintado por Portinari como algo terrível e merecedor da completa destruição, Rockwell entra em profunda contradição anos mais tarde, pois, além de não destruir conforme havia planejado, decide manter a obra pendurada na parede de sua confortável sala de estar, em *Asgard*, segundo uma fotografia exibida no DVD *Rockwell Kent: A Documentary*⁵⁴⁶ (Rockwell Kent: Um Documentário), na qual se vê Rockwell fumando sentado de costas para o fotógrafo, com sua esposa Sally rodeados pelos livros e objetos salvos do incêndio de 1969. E o que parece mais incrível em relação ao retrato pintado por Portinari é que Rockwell nem destrói, nem oculta e nem se desfaz da tela, mantendo-a sob seu poder até sua morte, em 1971. Assim, somente após seu falecimento a tela é vendida pela família de Rockwell ao galerista Richard Larcada⁵⁴⁷ de Nova York, que por sua vez, revende a obra ao acervo do Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado – MAB-FAAP, onde permanece até hoje e encontra-se pendurada, com a moldura original, na Casa Rosada (sede da Fundação Armando Álvares Penteado), na sala de Dona Celita Procópio, presidente do conselho curador da fundação; portanto, longe do olhar do visitante do museu.



Fotografia tirada entre 1969 e 1971 mostrando Rockwell e Sally na sala de estar em *Asgard*, com o

⁵⁴⁶ LEWIS. Op.cit, 2006, Disc 2, “The Night is Coming”.

⁵⁴⁷ Richard K. Larcada Gallery era localizada na 23 East 67th Street, em Nova York. Informações obtidas através da ficha técnica da obra tombo 1600169. Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado – MAB-FAAP.

Retrato de Rockwell Kent, pendurado na parede ao fundo.

Segundo a ficha⁵⁴⁸ técnica da obra, fornecida pelo MAB-FAAP, o *Retrato de Rockwell Kent* foi pintado no Rio de Janeiro em 1937, por Candido Portinari. Trata-se de um óleo sobre tela medindo 55 x 46 cm e 70,5 x 61,5 x 5 cm, sem e com a moldura, respectivamente. Ainda conforme dados museográficos, o retrato possui a assinatura do artista no canto inferior direito da tela, além de uma dedicatória à Rockwell Kent. Em relação à descrição da obra, o museu diz que se trata de um “*busto de figura masculina, 3/4 voltado para a esquerda. Careca com cabelos brancos nas têmporas. Vestimenta de cor branca*”⁵⁴⁹. Embora esteja coberto por tinta corretiva, é possível notar que a tela foi adquirida pelo valor de cinco mil dólares em 1973, diretamente do galerista nova-iorquino. O documento fornece poucas informações sobre os locais em que a obra já foi exposta, bem como sobre as publicações nas quais a obra é citada, conforme o escaneamento da ficha revela.

Nome: Cândido Portinari Tombo 1600169
Classificação: pintura
Título: Portrait of Rockwell Kent
Data: 1937
Técnica: óleo/tela
Dimensão da imagem:
Dimensão do suporte:
Dimensão da obra: 55 x 46 cm / 70,5 x 61,5 x 5 cm
Tiragem:
Localização da assinatura: Portinari / canto inferior direito
Tema: retrato masculino
Localização: Casa Rosada - Sala Dona Celita
Local de realização: Rio de Janeiro
Procedência: Richard K. Larcada, da Larcada Gallery, 23 east 67th street, New York, USA.
Data de aquisição: 1973
Forma de aquisição: compra

Valor da Obra:

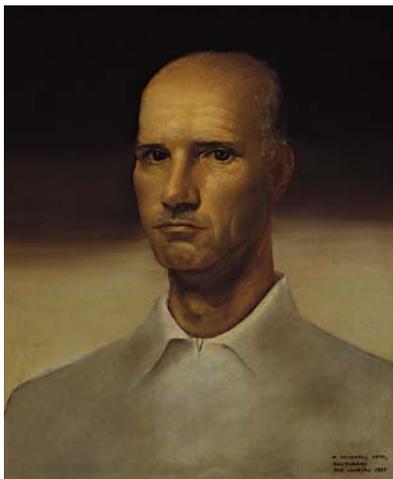
Localização da inscrições: A Rockwell Kent-Portinari-Rio de Janeiro 1937/ verso - canto inferior direito

Descrição: Busto de figura masculina, 3/4 voltado para a esquerda. Careca com cabelos brancos nas têmporas. Vestimenta de cor branca.

Exposição: - Mostra Itinerante: 80 anos de Arte Brasileira, cidades: Marília, Bauru, Ribeirão Preto, Belo Horizonte, Campinas, Curitiba, Santo André, Vitória, Buenos Aires, Lima - 1989

Publicações: - BENSON, Elizabeth P. Catálogo: Retratos - 2.000 Years of Latin American Portraits / San Antonio Museum of Art, National Portrait Gallery, Smithsonian Institution, El Museo del Barrio. USA: Yale University Press, 2004. Pág. 240.
- Livro sobre a vida e obra de Rockwell Kent, publicado por Chicago University press - 1988

Page 1



⁵⁴⁸ Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, tomo 1600169, referente à obra *Retrato de Rockwell Kent*, 1937, executado por Candido Portinari.

⁵⁴⁹ IDEM.

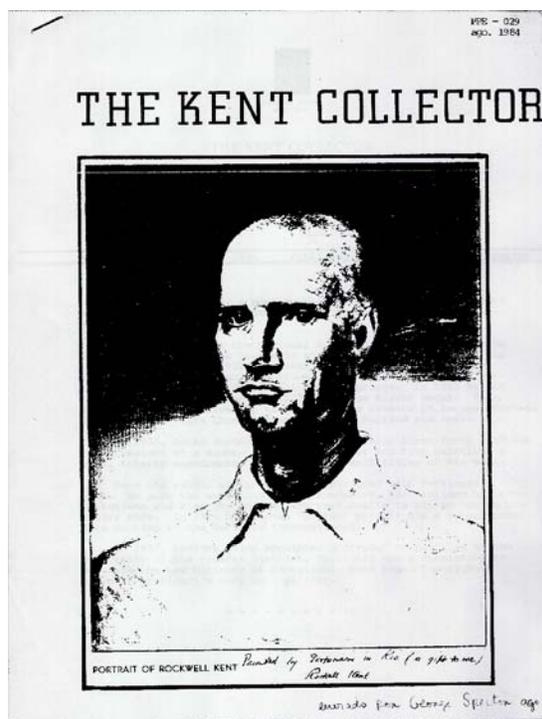
Olhando novamente para a fotografia da sala de Rockwell logo acima, percebe-se um fato curioso além da manutenção de tela em si. Rockwell insere o retrato pintado por Portinari ao lado de uma pintura sua provavelmente representando alguma cena de neve, com montanha ao fundo e, do outro lado dessa paisagem, existem duas obras de Rockwell; a primeira delas é claramente um pequeno auto-retrato executado por volta dos anos de 1910 ou 1920, pois, traz a imagem do busto de Rockwell em médio perfil, com gorro na cabeça. A segunda imagem, à direita do auto-retrato mostra uma grande cabeça tomada em escorço, de cima para baixo. Assim, nesse ambiente confortável e repleto de livros, objetos e quadros, Rockwell dispõe o “*terrível*”⁵⁵⁰ quadro pintado por Portinari. Se Rockwell se decepciona tanto com a atitude de Portinari, por que manter a obra em sua casa e lembrar todos os dias que sua relação com o brasileiro lhe trouxe tantos dissabores? A resposta a essa pergunta, somente Rockwell pode fornecer.

Um outro fato contraditório em relação ao retrato pintado por Portinari reside em uma informação contida em uma capa de uma publicação, de 1984, intitulada *The Kent Collector*⁵⁵¹ (O Colecionador Kent), na qual aparece uma reprodução de baixa qualidade da tela contendo o nome da obra “*Portrait of Rockwell Kent*” (Retrato de Rockwell Kent) em letras maiúsculas impressas à esquerda inferior da reprodução com a seguinte inscrição manuscrita por Rockwell, com as seguintes palavras: “*Painted by Portinari in Rio (a gift to me) Rockwell Kent*” (Pintado por Portinari no Rio (um presente para mim) Rockwell Kent). Desse modo, surgem duas questões: como pode Rockwell dizer que o retrato é um presente se, na verdade, a obra foi comprada por cem dólares?⁵⁵² Aqui Rockwell parece homenagear Portinari dizendo que foi agraciado por um presente. Assim, deve-se destacar a contraditoriedade de Rockwell, apesar de esta corroborar com o fato da presença da tela em sua sala de estar.

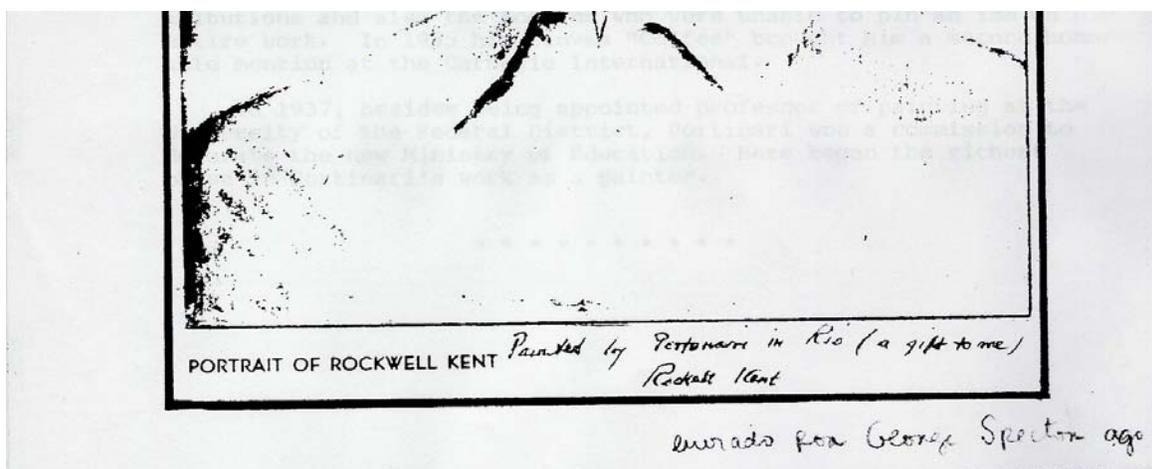
⁵⁵⁰ ... dreadful... KENT. Op.cit, April 11, 1941. Reel 5223, frame 1446, (Trad. da autora), Smithsonian Institution.

⁵⁵¹ SPECTOR, George. *The Kent Collector*. Vol. XI, No. 2, autumn 1984. PPE-029, ago.1984, Projeto Portinari.

⁵⁵² KENT. Rockwell, reel 5223, frames 1443 – 1444, Smithsonian Institution.



Capa do *the Kent Collector*.



Detalhe da capa do *the Kent Collector*, contendo o nome da obra impressa e as informações manuscritas por Rockwell Kent.

Anos mais tarde, em 1947, Rockwell recebe uma carta do jornalista Joe Starobin⁵⁵³, do *Daily Worker* (Trabalhador Diário), na qual o autor afirma ter estado no Brasil e conhecido Portinari, encontrando-o com “*espírito combativo e candidato ao senado de São Paulo na legenda comunista*”. Além disso, Starobin diz que Portinari lhe mostra seu trabalho e o livro *Portinari: His Life and Art* (Portinari: Sua Vida e Obra), pedindo que seu

⁵⁵³ STAROBIN, Joe. Carta de Joe Starobin a Rockwell Kent. January 14, 1947, reel 5223, frame 1468, Smithsonian Institution.

nome seja lembrado à Rockwell com carinho. Logo em seguida, Starobin⁵⁵⁴ e Portinari continuam a conversa sobre as atividades políticas de Rockwell:

Eles⁵⁵⁵ ficaram muito felizes em saber de sua atividade em nosso país e fizeram muito mais perguntas do que poderia responder sobre o mundo cultural norte-americano. No Brasil, como você sabe, algumas das figuras que se destacam em todos os campos do mundo da arte estão imersas no trabalho do movimento comunista.

Se, por sorte eu vier a encontrá-lo, poderia dar mais detalhes pessoais do trabalho deles, mas de qualquer modo senti que era importante enviar a você lembranças de Candido.

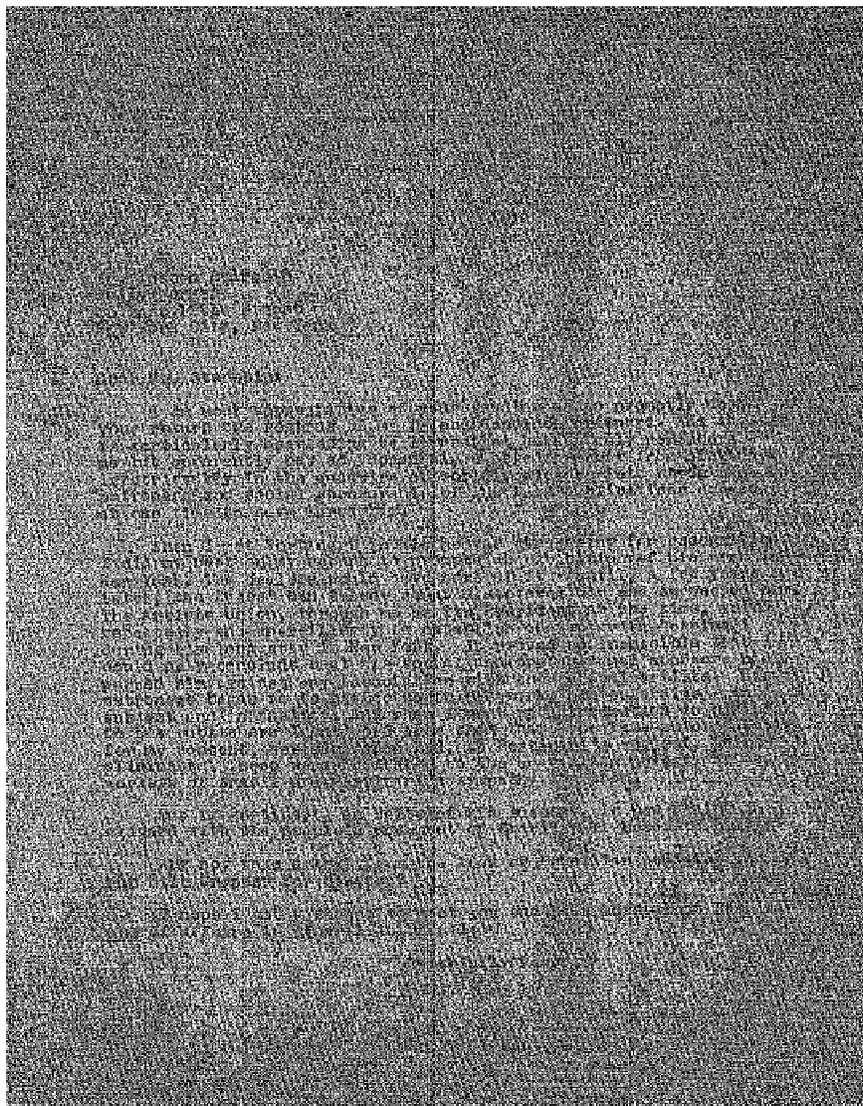
Rockwell recebe a carta e responde, porém, aqui existe um problema bastante sério em relação à condição física do documento, pois, devido ao incêndio ocorrido na casa do norte-americano, em 1969, apesar da destruição completa de sua casa de madeira, com sua coleção de dez mil livros, felizmente os arquivos foram salvos quase integralmente, uma vez que foram molhados pela água da chuva e pelas mangueiras da brigada de incêndio. Após a extinção das chamas, os arquivos foram levados ao Detroit Institute of Art (Instituto de Arte de Detroit), onde receberam tratamento com aquecimento e secagem. Pois, na época esse era a sede dos Archives of American Art. Enfim, por tudo o que foi dito aqui sobre o incêndio e suas conseqüências, a carta de resposta de Rockwell⁵⁵⁶ a Joe Starobin encontra-se praticamente ilegível, não obstante os esforços de leitura e de tratamento de imagem disponíveis. Dessa maneira, apenas parte do que está escrito pode ser decifrado com muita dedicação.

⁵⁵⁴ They were most happy to hear of your activity in our country, and asked many more questions than I could answer about the North American cultural world. In Brasil, as you know, some of the outstanding figures in all fields of the art world are immersed in the work of the Communist movement.

If by chance I might meet you, I could give more personal details of their work, but in any case felt it important to send you regards from Candido. STAROBIN. Op.cit, January 14, 1947, reel 5223, frame 1468, (Trad. da autora), Smithsonian Institution.

⁵⁵⁵ Portinari e sua esposa, Maria.

⁵⁵⁶ KENT, Rockwell. Carta de Rockwell Kent a Joe Starobin, reel 5223, frame 1469, Smithsonian Institution.



Assim, após horas de esforço visual e técnicas de tratamento de imagem, dentre as quais, por exemplo, pregar uma cópia do documento no vidro da janela para que a luz incidisse por trás e fornecesse o contraste necessário, o que se lê é o seguinte: do primeiro parágrafo apenas a primeira frase praticamente completa e um pequeno trecho da segunda; do segundo parágrafo, uma parte bem maior, porém, incompleta. Portanto, eis o que se compreende do todo⁵⁵⁷:

⁵⁵⁷ Dear Joe Starobin:

I was most appreciative of your sending news promptly upon your return... the regards of my friend Candido Portinari. And it's particularly heartening to me...

When I met Portinari in Rio, he was struggling for recognition. I did my best on my return to promote an exhibition of his work in New York. The dealers would have need of it – until, a few years later, the... and say... about... and sponsored him. The Artist's Union through me, as its president at the time, tried repeatedly and unwillingly to establish contact with Portinari during his long stay in New York. It proved... that I could only conclude that his social and professional sponsors had warned him against my negotiation with the United Artists. KENT. Op.cit, reel 5223, frame 1469, (Trad.da autora), Smithsonian Institution.

Caro Joe Starobin:

Eu me senti muito reconhecedor por você ter prontamente enviado notícias no seu retorno,... as saudações do meu amigo Candido Portinari. E é particularmente tocante para mim...

Quando eu encontrei Portinari no Rio, ele estava lutando por reconhecimento. Fiz o meu melhor na minha volta, para promover uma exposição de sua obra em Nova York. Os marchands precisariam disso – até, alguns anos mais tarde, o... e diz.... sobre... e o patrocinaram. O Sindicato dos Artistas através de mim, como seu presidente na época, tentou repetidamente e sem vontade estabelecer um contato com Portinari durante sua longa estada em Nova York. Provou... que eu apenas pude concluir que seus patrocinadores sociais e profissionais haviam-no prevenido contra minha negociação com os Artistas Unidos...

Partindo, então, dos fragmentos legíveis da carta, percebem-se elementos que ajudam na compreensão dos fatos ocorridos a partir daquele convite feito por Rockwell Kent a Candido Portinari, para a abertura da exposição dos Artistas Americanos Unidos, em outubro de 1940, convite este não respondido pelo brasileiro. Na época em que o convite foi enviado, Portinari não confirmou presença e nem compareceu ao evento, causando grande irritação em Rockwell, conforme analisado anteriormente no presente capítulo. Entretanto, nesta carta de 1947, Rockwell explicita melhor as razões para o comportamento de Portinari, responsabilizando os grandes patrocinadores capitalistas do pintor brasileiro por não permitir sua aproximação aos movimentos de esquerda, como o Sindicato dos Artistas, associação presidida por Rockwell naquele momento. Dessa forma, ao mudar de lado, Portinari cai em desgraça com Rockwell, embora o brasileiro jamais tenha demonstrado isso através dos documentos pesquisados no Smithsonian Institution e no Projeto Portinari.

4 - CONSEQUÊNCIAS DA VIAGEM DE ROCKWELL KENT AO BRASIL

Após analisar nos capítulos anteriores as razões da vinda de Rockwell Kent ao Brasil, através dos fatos – comprovados pelos documentos do Smithsonian Institution – que antecederam sua viagem, bem como daqueles que fizeram parte de sua aventura quando no Rio, cumpre, a partir deste momento, tratar, por meio de seus escritos, das consequências de sua viagem. Assim, partindo destes será possível estabelecer parâmetros pertinentes ao pensamento de Rockwell, uma vez que suas idéias sofrem mudanças significativas ao longo de um arco temporal limitado pelos anos de 1937 a 1955 – ano de sua viagem ao Rio de Janeiro e da data de publicação de sua segunda autobiografia, *It's Me O Lord* (Sou Eu, Ó Senhor), respectivamente. Entretanto, nesse arco temporal não se devem excluir fatos importantes em sua carreira, ou seja, em 1938, Rockwell redige as duas versões de seu relatório sobre a viagem do ano anterior ao Rio de Janeiro: “Brazilian Report”⁵⁵⁸ (Relatório Brasileiro) e “Brazil and Vargas”⁵⁵⁹ (Brasil e Vargas), esta publicada pela Revista *Life and Letters Today* (Vida e Cartas Hoje); e em 1940 publica dois livros concomitantemente – *Portinari: His Life and Art*⁵⁶⁰ (Portinari: sua Vida e Obra), sua primeira autobiografia, *This is My Own*⁵⁶¹ (Esta é Minha Própria) e um artigo “Our World of Art in 1940”⁵⁶² (Nosso Mundo da Arte em 1940).

Desse modo, trabalhar-se-á considerando a produção intelectual de Rockwell cronologicamente, com a clara intenção de demonstrar a trajetória de seu pensamento, sem perder de vista todas as implicações inseridas em sua produção intelectual, buscando igualmente estabelecer aproximações e distanciamentos entre seus escritos, na medida em que os textos do autor possuem nuances que permitem a compreensão do momento em que são redigidos. Assim, a primeira pergunta a ser feita refere-se às razões pelas quais Rockwell escolhe determinados fatos em detrimento de outros e, a segunda questão tange o porquê dos assuntos serem narrados de uma maneira e não de outra. Enfim, o que o leva a escolher o que escreve? E o que Rockwell quer dizer ao leitor realmente além das palavras?

⁵⁵⁸ KENT. Op.cit, reel 5164, frames 185 – 208, Smithsonian Institution.

⁵⁵⁹ KENT. Op.cit, 1938.

⁵⁶⁰ LEÃO & KENT. Op.cit, 1940.

⁵⁶¹ KENT. Op.cit, 1940.

⁵⁶² KENT, Rockwell. “Our World of Art in 1940”. *The Book of Knowledge. Grolier*, 1940, LAG-361, Projeto Portinari.

Existe algo oculto nesse processo? A quem o autor verdadeiramente se dirige através de suas críticas por vezes duras, por vezes veladas?

Nas duas versões do relatório sobre a viagem ao Rio de Janeiro escritas em 1938, percebe-se que Rockwell adota posturas distintas, sendo bastante contundente em relação à situação política brasileira na primeira versão, “Brazilian Report”⁵⁶³ (Relatório Brasileiro), dentro da qual insere um tom de denúncia ante Vargas e suas relações com o fascismo. Porém, ao encurtar seu texto e publicá-lo sob o título “Brazil and Vargas” (Brasil e Vargas), Rockwell parece recuar um pouco em sua contundência, moderando as palavras empregadas na definição de Vargas. Na carta enviada por Rockwell ao seu companheiro de viagem, Jerome Davis, em primeiro de fevereiro de 1938, pouco mais de dois meses após a volta de ambos aos Estados Unidos, portanto, Rockwell descreve seu relatório a Davis, fornecendo-lhe explicações sobre o modo pelo qual o compôs⁵⁶⁴:

Não vejo como meu relatório de qualquer maneira se sobreporá ao seu. Trouxe⁵⁶⁵ você e a mim juntos ao Brasil, contei tão divertidamente quanto possível sobre nosso encontro noturno com a polícia, sobre seu levantar a cabeça para fora do travesseiro e, do travesseiro, da cama assim que a porta fechou nas costas do polícia, revelando, assim, seu caderninho de anotações, seu passaporte e sua cópia da lista condenatória. Contei sobre como Xanthaky conseguiu o retorno de nossos papéis e disse que por razões diplomáticas nós prosseguimos, depois disso, nossas investigações separadamente, para que você não fosse importunado

⁵⁶³ KENT. Op.cit, reel 5164, frames 185 – 208, Smithsonian Institution.

⁵⁶⁴ I can't see how in any way my report will overlap yours. I brought you and me together to Brazil, told as amusingly as I could of our nocturnal encounter with the police, of your raising your head from the pillow and the pillow from the bed as the door closed behind the police and revealing your pocketbook, your passport, and your copy of the damning list. I told of how Xanthaky got our papers returned to us, and I said that for reasons of policy we thereafter pursued our inquiries separately so that you should not be embarrassed in your work by the company of one who was definitely suspect.

Then in my report I proceed to give first, a resume of past events in Brazil, and then my impressions of the present situation there. My feeling is that while Vargas is without question an absolute dictator, he has not yet committed himself and Brazil to Fascism. I go to Mussolini for a definition of Fascism, to Vargas' Constitution for the Vargas program. I admit strong Fascist influence, but don't find a serious attempt to make Brazil that particular kind of a totalitarian state which, to my mind, may be called fascist. I merely refer to, and grant as undoubted facts, the continued political persecutions, tortures and murders, in Brazil. I say nothing about the prisons. KENT. Op.cit, February 1, 1938. Reel 5164, frame 522, (Trad. da autora), Smithsonian Institution.

⁵⁶⁵ Ao empregar o termo, trouxe Rockwell está se referindo à narração de seu relatório.

em seu trabalho pela companhia de alguém que definitivamente era suspeito.

Então, em meu relatório eu prossigo dando, primeiro, uma retomada dos eventos passados no Brasil, e depois minhas impressões sobre a situação atual lá. Minha sensação é que enquanto Vargas é, sem dúvida, um ditador absoluto, ele ainda não se submeteu e o Brasil ao fascismo. Vou à Mussolini para uma definição de fascismo, à constituição de Vargas para o programa de Vargas. Reconheço forte influência fascista, mas não encontro uma ameaça séria para fazer do Brasil aquele tipo particular de estado totalitário o qual, para minha cabeça, possa ser chamado fascista. Meramente me refiro e admito como fatos indubitáveis, as continuadas perseguições políticas, torturas e assassinatos, no Brasil. Não digo nada sobre as prisões.

Ao reconhecer em Vargas a figura do ditador, porém, sem considerar a entrada do fascismo no Brasil, Rockwell estabelece uma relação de contradição clara entre suas duas versões do relatório sobre o Brasil, pois, na primeira versão não publicada, “Brazilian Report”⁵⁶⁶ (Relatório Brasileiro), declara que Vargas aceita o apoio dos Integralistas, minoria militante fascista. Além disso, segundo Rockwell⁵⁶⁷, a influência fascista européia está profundamente presente e ativa em território brasileiro, na mesma proporção em que crescem os negócios e a amizade entre Brasil, Itália e Espanha. Por que Rockwell se contradiz em suas duas versões então? Existiriam razões para tal atitude? Refletir sobre possíveis razões requer considerar dois fatores primordiais ao contexto de 1938. O primeiro deles já foi mencionado no capítulo três, ou seja, antes de vir ao Brasil, Rockwell entra em contato com o embaixador brasileiro em Washington, Oswaldo Aranha, que lhe fornece cartas de apresentação e, nesses contatos, recebe do último uma sutil “recomendação” para que não escreva palavras que venham a abalar as relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos. Aliás, essa “recomendação” se constitui em uma ameaça velada vinda tanto de Vargas quanto de Wall Street, pois, qualquer ofensa que viesse das palavras de

⁵⁶⁶ KENT. Op.cit. Reel 5164, frame 177, Smithsonian Institution.

⁵⁶⁷ KENT. Op.cit. Reel 5164, frame 177, Smithsonian Institution.

Rockwell poderia resultar em conseqüências desastrosas para a economia brasileira e norte-americana.

Em relação ao segundo fator, este de ordem muito mais sutil se refere à postura isolacionista norte-americana, na qual os Estados Unidos se isolam declaradamente com o intuito de se protegerem contra possíveis ataques provenientes da Europa, pós-Primeira Guerra Mundial e, agora às vésperas da eclosão da Segunda Guerra. Assim, nesse isolar-se os Estados Unidos estariam protegidos dos regimes totalitários em franca expansão fora dos limites do continente europeu. Além disso, deve-se considerar o forte papel desempenhado pela crise financeira desde a quebra da bolsa de Nova York, em 1929, bem como suas desastrosas conseqüências sobre a população norte-americana, atingida pelo crescente desemprego em massa, desde então. Com a criação do *New Deal* por Franklin Delano Roosevelt, em 1933, programas de incentivo ao trabalho procuram beneficiar milhares de trabalhadores nos mais variados campos, desde a construção civil até encomendas oficiais de murais localizados nos prédios do governo, aos artistas. Como Rockwell é um dos muitos beneficiados por Roosevelt através da encomenda dos murais para a sede dos correios em Washington, surge um conflito de sentimentos dentro do artista observador político, uma vez que transita constantemente pelos órgãos governamentais, incluindo a Casa Branca e o Departamento de Estado. Desse modo, Rockwell enfrenta um dilema dentro de si mesmo, na medida em que, ao mesmo tempo em que trabalha para o governo, percebe suas falhas e o critica, conforme se verá logo mais adiante; entretanto, como isolacionista, sente o dever de adotar tal postura em consonância ao seu país, pois, segundo ele próprio afirma em uma de suas correspondências⁵⁶⁸ à Portinari, os Estados Unidos correm sérios riscos de serem invadidos pelos nazistas. E face a crescente ameaça externa Rockwell prefere atenuar seu tom na versão publicada do relatório “Brazil and Vargas”⁵⁶⁹ (Brasil e Vargas). Além disso, por ser seu relatório publicado na Inglaterra, país do continente europeu, parece ser mais prudente à Rockwell moderar seu tom, adotando uma postura mais neutra, na medida do possível, a fim de evitar maiores desgastes nos Estados Unidos.

Voltando um pouco a atenção para o que acontece assim que o relatório é publicado na Inglaterra, Rockwell e Jerome Davis são convidados pelo comitê de Boston a fazer uma palestra acerca de suas impressões sobre a situação política do Brasil. Dessa maneira, às

⁵⁶⁸ KENT. Op.cit, August 27, 1940. Reel 5223, frame 1429, Smithsonian Institution.

⁵⁶⁹ KENT. Op.cit, 1938.

vinte horas do dia onze de fevereiro de 1938, a palestra é proferida com o título *What is Happening in Brazil?* (O que Está Acontecendo no Brasil?). Em primeiro lugar, é necessário definir o papel dos comitês, pois, como a situação econômica dos Estados Unidos encontra-se fora de controle, muitos sindicatos, greves e movimentos em prol dos trabalhadores são organizados, tendo como sede ou ponto de partida para a ramificação em comitês menores, o National Committee for People's Rights (Comitê Nacional para os Direitos do Povo), de Nova York. Assim, conforme mencionado anteriormente no capítulo dois, a criação do referido comitê⁵⁷⁰ tem por objetivo lutar contra injustiças, quebra da democracia através da negação dos direitos constitucionais dos indivíduos aonde quer que estes estejam, ou seja, dentro e fora dos Estados Unidos, porém, dentro dos limites do continente americano.

Assim, imbuídos pela necessidade de prosseguir na luta pela afirmação dos direitos do povo através da sensibilização da opinião pública, Rockwell e Davis apresentam suas conclusões em relação ao Brasil de Vargas, conforme o panfleto⁵⁷¹ do evento revela com as seguintes palavras:

O que Está Acontecendo no Brasil?

⁵⁷⁰ "BROCHURE. THE ROLE OF THE NATIONAL COMMITTEE FOR PEOPLE'S RIGHTS". Op.cit, s/d, reel 5214, frames 579 – 580, Smithsonian Institution.

⁵⁷¹ What is Happening in Brazil?

President Vargas of Brazil denies that his country has gone Fascist yet he has outlawed labor organizations, abolished political parties, except his own, and suspended civil liberties – all with the advice and connivance of Hitler's ambassador.

Speakers:

Rockwell Kent

Distinguished American artist, a trade-unionist, who has given active aid to the Puerto-Rican Nationalists.

Jerome Davis

President of the American Federation of Teachers, whose fearless efforts in behalf of organized labor recently caused his dismissal from his post as professor of practical philanthropy in the Divinity School of Yale University.

Mr. Kent and Professor Davis have just returned from Brazil. They went there under the auspices of the National Committee for People's Rights – of which Mr. Kent is chairman – and the Joint Committee for the Defense of the Brazilian People.

Hear them deliver their report of the result of fascism's first serious effort to establish itself in the new world.

The meeting is held under auspices of the

Joint Committee for the Defense of the Brazilian People

Dr. David D. Vaughan

Chairman of the meeting

Old South Meeting House

Washington and Milk Streets, Boston

Friday, February 11, 8 p.m.

Admission free! *What is Happening in Brazil?* Reel 5164, frame 161, (Trad. da autora), Smithsonian Institution.

O Presidente Vargas, do Brasil nega que seu país tenha se tornado fascista, porém ele banuiu as organizações trabalhistas, aboliu partidos políticos, exceto o dele próprio e suspendeu as liberdades civis – tudo com o conselho e conivência do embaixador de Hitler.

Palestrantes:

Rockwell Kent

Eminente artista norte-americano, um sindicalista que prestou ajuda ativa aos Nacionalistas porto-riquenhos.

Jerome Davis

Presidente da Federação Americana de Professores, cujos esforços destemidos em nome do trabalho organizado recentemente causaram sua demissão do seu posto de professor de filantropia prática na Faculdade de Teologia da Universidade de Yale.

Mr. Kent e o Professor Davis acabaram de retornar do Brasil. Eles foram lá sob os auspícios do Comitê Nacional pelos Direitos do Povo – do qual Mr. Kent é presidente – e do Comitê Unidos pela Defesa do Povo Brasileiro.

Ouçá-os apresentarem seu relatório dos resultados do primeiro esforço fascista sério para se estabelecer no novo mundo.

Esta reunião é realizada sob os auspícios do Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro.

Dr. David D. Vaughan

Conselheiro do Encontro

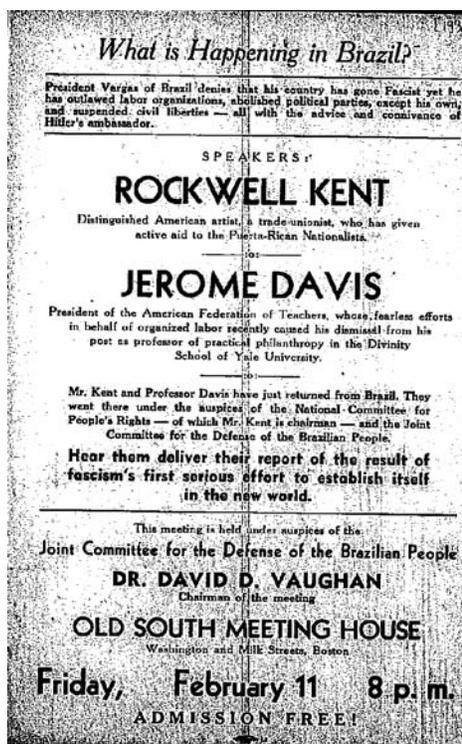
Templo Velho do Sul

Washington e Milk Streets, Boston.

Sexta-feira, 11 de fevereiro

20:00 horas

Entrada franca!



Panfleto para a palestra *What is Happening in Brazil?* Reel 5164, frame 161.

A análise do panfleto da palestra proferida em Boston, por Rockwell e Davis revela alguns detalhes pertinentes à discussão acerca dos avanços fascistas em território americano tanto do sul quanto do norte, devido ao impacto político-econômico que tal ameaça causaria. Primeiramente, porque com a entrada fascista e/ou nazista, muito capital seria perdido tanto através do combate contra essas potências, quanto nas perdas econômicas internas e externas dentro do precário sistema econômico norte-americano, de então. Ou seja, a ameaça nazi-fascista traz prejuízos aos cofres norte-americanos, na medida em que o rompimento de contratos estabelecidos com o Brasil, por exemplo, contribui para o agravamento da crise financeira norte-americana, causando maior desequilíbrio na balança comercial do país. Politicamente falando, o avanço nazi-fascista também causa enfraquecimento do poder político, abalando as relações diplomáticas entre os países americanos, além de levar à ditadura, como no caso do Brasil, de Vargas.

O que Rockwell aponta em 1938 em seu relatório “Brazil and Vargas”⁵⁷² (Brasil e Vargas) reflete o momento no qual a viagem foi realizada e o relatório foi redigido, na medida em que sua palestra é bastante aclamada em Boston. Partindo do que Rockwell escreve a Davis, cinco dias após falarem ao público no Templo Velho do Sul, percebe-se o

⁵⁷² KENT. Op.cit, 1938.

que o autor da carta pensa em relação ao seu relatório e sobre a situação brasileira no momento em que ambos estiveram no Rio de Janeiro. Segundo Rockwell⁵⁷³:

Eu achei que sua palestra na outra noite foi esplêndida. Estou mais e mais convencido de que é de verdadeira importância, primeiro, que conduzimos nossas investigações no Brasil separadamente; segundo, que sem conluio preparamos nossos relatórios; e terceiro, que nós não o montamos para ser absolutamente consistente. A coisa que chama atenção sobre nossas conclusões separadas é que eles são praticamente idênticos. Como você disse, a questão de se dizer se é para ser chamado de fascista ou não é de definição.

O comitê brasileiro e os radicais em geral trouxeram todo tipo de pressão para fazer com que eu fizesse meu relatório em conformidade a cada aspecto de suas idéias. É muito bom para o povo do Rio de Janeiro se confundir em relação ao que Vargas está por fazer. O povo em Nova York não está nem um pouco confuso. Se nossos relatórios devem ser relatórios, devem trair nossas incertezas em relação às coisas no Brasil, bem como nossas convicções. Um relatório não deve ser propaganda, mas a base sobre a qual a propaganda é feita para permanecer. Nossa única preocupação como “investigadores”, deve ser dar nossas verdadeiras impressões e ambos sabemos que impressões foram tudo o que pudemos ter no curto tempo em que estivemos no Rio.

⁵⁷³ I thought that your address the other night was splendid. I am more and more convinced that it is of real importance, first, that we conducted our investigations in Brazil, separately, second, that without collusion we have prepared our reports, and third, that we don't in any way fix them up to be absolutely consistent. The striking thing about our separate conclusions is that they are so nearly identical. As you said, the matter of whether it is to be called Fascism or not is one of definition.

The Brazilian committee, and the radicals in general, have brought all kinds of pressure to bear on me to make me make my report conform in every aspect to their ideas. It is all very well for the people of Rio to be confused as to what Vargas is all about. The people in New York are not in the least degree confused. If our reports are to be reports, they must betray our uncertainty in regard to things in Brazil, as well as our convictions. A report should not be propaganda, but the basis on which propaganda is made to rest. Our only concern as “investigators” must be to give our true impressions, and we both know that impressions are all that we could get in the short time that we were in Rio. KENT, Rockwell. Carta de Rockwell Kent a Jerome Davis. February 16, 1938. Reel 5164, frame 162, (Trad. da autora), Smithsonian Institution.

Além de destacar o sucesso da apresentação de Davis, Rockwell atenta para o fato de que o relatório deve conter impressões claras sem que haja uma interpretação tendenciosa do que pode ou não estar acontecendo no Rio de Janeiro naquele momento. Aliás, aqui se torna bastante evidente a postura isolacionista de Rockwell como forma de se proteger de possíveis comprometimentos pessoais com a causa brasileira e suas conseqüências nos Estados Unidos, muito embora sempre tenha se envolvido em questões trabalhistas em seu país, conforme o capítulo um revela. Assim, ao mesmo tempo em que vem ao Brasil sentir a opinião pública a fim de demonstrar aos Estados Unidos se o Brasil é vizinho amigável ou não, conforme diz em seu relatório “Brazil and Vargas”⁵⁷⁴ (Brasil e Vargas), Rockwell adota uma postura de observador distanciado; ou seja, vê sem se envolver muito nas questões calorosas apesar de ser pressionado⁵⁷⁵ para que o fizesse pelo Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro), comitê comunista, e por radicais em geral. Novamente, percebe-se o quanto Rockwell assume um comportamento adequado ao que o governo americano espera que faça, isto é, envolver-se com questões pertinentes aos interesses norte-americanos no campo da economia, da cultura e da política, sem contrariá-los em suas expectativas mais prementes, sempre buscando manter a Política da Boa Vizinhaça de Roosevelt em situação equilibrada.

Um outro fator a ser destacado em relação à palestra proferida em Boston se refere à venda de reproduções de uma das pinturas de Rockwell, como forma de arrecadar fundos para a continuidade das atividades do comitê. Aqui, não se sabe qual pintura é reproduzida, por não haver qualquer registro em nenhum documento do Smithsonian Institution, embora se tenha uma carta de agradecimento⁵⁷⁶ redigida pela tesoureira do comitê, Dorothy Bradford, além de uma lista⁵⁷⁷ contendo os nomes dos que adquirem as reproduções, bem como os valores arrecadados no valor total de trinta e dois dólares e cinquenta centavos. Em relação aos nomes da lista, pode-se propor que sejam cidadãos residentes do estado de Massachussets – devido aos endereços constantes na lista -, preocupados com seu país bem como com a situação das Américas face à ameaça nazi-fascista.

⁵⁷⁴ KENT. Op.cit, 1938, p.15.

⁵⁷⁵ KENT. Op.cit, February 16, 1938. Reel 5164, frame 162, Smithsonian Institution.

⁵⁷⁶ BRADFORD, Dorothy. Carta de Dorothy Bradford a todos os participantes da palestra de Rockwell Kent e Jerome Davis sobre o Brasil. March 3, 1938. Reel 5164, frame 168, Smithsonian Institution.

⁵⁷⁷ BRADFORD, Dorothy. Carta de Dorothy Bradford a Rockwell Kent. February 25, 1938. Reel 5164, frames 165 – 166, Smithsonian Institution.

*Account Books
74.*

1

ROCKWELL KENT PICT. RES.

	<u>Paid</u>
Margaret F. Pollock, 24 Lime St., Boston, Mass.	.50
M. R. Davis, 309 Lake Avenue, Newton Highlands, Mass.	.50
Miss Clara Chopas, 202 Metropolitan Ave., Roslindale, Mass.	.50
Mrs. B. Chalfen, 125 Peterboro St., Boston, Mass.	1.00
A. Bornstein, 472 Boylston St., Boston, Mass.	1.00
S. M. Partridge, 562 Washington St., Brookline, Mass.	1.00
Dr. Samuel Barkoff, Boston Psychopathic Hospital, 74 Fenwood Road, Boston, Mass.	1.00
Jeannette Pirkovitz, 108 Myrtle St., Boston, Mass.	1.00
Dorothea Colby, 97 Francis St., Brookline, Mass.	1.00
James B. Watson, 97 Francis St., Brookline, Mass.	1.00
Prof. H. W. L. Dana, 105 Brattle St., Cambridge, Mass.	1.00
Mrs. Richard Edsall, 77A Revere St., Boston, Mass.	1.00
Serena Niles, 83 Phillips St., Boston, Mass.	1.00
Freda Miller, 89 Marion St., Brookline, Mass.	1.00
Sara Shaddock, 1844 Commonwealth Ave., Brighton, Mass.	1.00
Arthur Winebaum, 75 Cornhill, Boston, Mass.	1.00
William Schlosberg, 14 Castlegate Rd., Dorchester, Mass.	1.00
Ebba Roubound, 62 Warren Ave., Milton, Mass.	1.00
Ethel Machanic, 39 Tavern Road, Boston, Mass.	1.00
I. H. Shore, 32 Hutchings St., Roxbury, Mass.	1.00
Clara Stone, 169 Fuller St., Brookline, Mass.	1.00
Mr. Chalfen, Peterboro St., Boston, Mass.	1.00
Miss Elizabeth Banker, 265 Temple St., W. Roxbury, Mass.	1.00 (Autographed)
Mrs. Philip Frieze, 67 Cloverdale Rd., Newton, Mass.	2.00
Ruth Perkins, 140 Clarendon St., Boston, Mass.	2.50
Sara R. Gordon, 49 Alton Place, Brookline, Mass.	5.00
	<u>31.00</u>
	<u>Unpaid</u>
M. M. Tuttle, 230 Humboldt Ave., Roxbury, Mass.	1.00
Raymond Reichman, 8 Waumbuck St., Roxbury, Mass.	1.00 to be paid by March 1, 1938
	<u>1.50</u>
Total	\$32.50

Lista de venda das reproduções. Reel 5164, frame 166.

Em 1938, Rockwell ainda crê que os Estados Unidos possam se recuperar da crise econômica, através dos esforços de Roosevelt a frente de seu programa de reconstrução nacional, *New Deal*, criado com a finalidade de reestruturar o país, reempregar a população e, assim, reequilibrar a balança comercial. Aliás, esse longo processo de reestruturação requer um posicionamento isolacionista, como forma de proteção, de fechamento contra ameaças externas provenientes da Europa e da própria América do Sul, que a cada dia que passa parece mais seduzida e envolta pelas relações com políticas totalitárias, as quais promovem a quebra da democracia, em nome de uma “nova liberdade”, de um fortalecimento nacionalista capaz de integrar continentes. Porém, por exemplo, apesar do aparente encanto de Vargas pelo fascismo, encanto esse representado pelos Integralistas que o apóiam em sua política ditatorial, é preciso destacar que os Estados Unidos se apavoram diante da idéia, por temerem não somente o avanço do totalitarismo, como também a perda da influência sobre os mercados latino-americanos, sobretudo, o brasileiro que lhe rende milhões de dólares anualmente, segundo George⁵⁷⁸.

Se em 1938 a opinião de Rockwell ainda é favorável aos Estados Unidos de Roosevelt, a partir de 1940, o autor começa a mudar sua postura, tornando-se menos isolacionista, mas, mais isolado e pessimista em relação ao seu país, conforme se percebe

⁵⁷⁸ GEORGE. Op.cit, p. 8, reel 5164, frame 136, Smithsonian Institution.

em sua primeira autobiografia *This is My Own*⁵⁷⁹, publicada no final do ano de 1940. Assim, na obra dedicada à sua segunda esposa, Frances Lee Kent, de quem se divorcia no mesmo ano, Rockwell endurece sua postura ante os Estados Unidos, mesmo porque ao comprar sua fazenda *Asgaard* na mesma época, descobre a existência de um sistema fraudulento de cobrança de impostos territoriais, no qual a tributação sobre sua propriedade é muito maior do que a de seus vizinhos. Entretanto, aqui não se deve entender vizinhos como cidadãos comuns, mas como políticos proprietários de terras. Desse modo, após inúmeras brigas contra os mesmos, Rockwell se conscientiza da gravidade da situação, na medida em que tanto republicanos quanto democratas estão envolvidos no mesmo esquema fraudulento, o qual engloba, ainda, a má versação do dinheiro público. Envolvido por um emaranhado de corrupções, Rockwell começa se desiludir com seu país e passa a responder criticamente à sua própria realidade.

Assim, em meio à Depressão norte-americana Rockwell dedica, em sua autobiografia, um capítulo inteiro sobre sua viagem ao Brasil intitulado “A Friendly Neighbor”⁵⁸⁰ (Um Vizinho Amigável) no qual reproduz, quase totalmente, seu relatório “Brazil and Vargas”⁵⁸¹ (Brasil e Vargas). Entretanto, na reprodução de seu relatório em 1940, produz algumas alterações eliminando alguns trechos e acrescentando outros, conforme a leitura dos anexos contendo as transcrições dos textos escritos por Rockwell, acompanhada por suas devidas traduções, poderá revelar. A primeira das várias inserções feitas por Rockwell em seu capítulo⁵⁸² se refere à menção de Victor Allan Barron como o “*jovem comunista americano*” que “*recentemente*” e “*misteriosamente mergulhou para sua morte no Rio*”. No que concerne à mudança de caráter da morte de Barron, empreendida por Rockwell em seu texto de 1940, essa pressupõe uma alteração de sentido, pois, anteriormente, em 1938, o autor havia se recusado a se posicionar em relação à morte do comunista e, a partir desse momento, começa a admitir que existe um mistério envolvendo o mergulho para a morte do jovem; entretanto, sem assimilar a tese defendida por George⁵⁸³ e comprovada através do atestado de óbito do jovem, de que o mesmo foi assassinado após ser duramente torturado na prisão de Vargas. Ou seja, se em 1938, Rockwell assume uma postura isolacionista e neutra na qual, durante sua redação para o

⁵⁷⁹ KENT. Op.cit, 1940.

⁵⁸⁰ KENT. Op.cit, 1940, pp. 329 – 350.

⁵⁸¹ KENT. Op.cit, 1938.

⁵⁸² ... young American communist had... recently in Rio mysteriously plunged to his death. KENT. Op.cit, 1940, p. 333, (Trad.da autora).

⁵⁸³ GEORGE. Op.cit, 1936, reel 5164, frames 133 – 134, Smithsonian Institution.

relatório que seria publicado em Nova York pelo Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro), discute com o presidente do comitê, Horace B. Davies, por não quere se envolver na questão da morte de Barron e por suspeitar da versão declaradora de homicídio; agora, em 1940, já admite o mistério da morte de Barron, com certo tom crítico e sarcástico.

Rockwell prossegue em seu capítulo reproduzindo o relatório publicado em 1938, porém, nesse processo o autor demonstra grande preocupação e temor ante a situação brasileira, uma vez que classifica o Brasil⁵⁸⁴, como república irmã dos Estados Unidos, nascida do descontentamento em relação à lei européia por acreditar na democracia, mas, que agora enfrenta a ditadura além da cassação dos direitos constitucionais, os quais anulam a liberdade e a democracia do país. Aliás, mais do que se preocupar com a ditadura do Brasil e suas relações com o fascismo, Rockwell sente-se ameaçado diante da situação, na medida em que os Estados Unidos igualmente enfrentam grave crise econômica e podem perder sua democracia, liberdade, justiça e paz para o presidente que poderia se tornar um ditador ou abrir as portas do país aos regimes totalitários europeus, devido ao enfraquecimento político. Além das ameaças internas existem as externas, pois, é preciso lembrar que com o crescente avanço do nazi-fascismo em território americano, os Estados Unidos podem perder capital nos acordos comerciais estabelecidos com os países latino-americanos, em especial, com o Brasil.

Assim, Rockwell pressente o perigo e passa de mero observador político passivo a ativo, cobrando um firme posicionamento do governo norte-americano, para que este seja capaz de conter os avanços dos regimes totalitários e proteja seu povo, através do fortalecimento da economia e da política. Classificar Rockwell como mero observador político passivo, não quer dizer que o autor tenha permanecido passivamente assistindo a tudo o que se passa ao seu redor. Por passivo, deve-se entender que no relatório de 1938, Rockwell transmite somente suas “*impressões*”⁵⁸⁵ sobre o Brasil, por ter ficado durante nove dias no Rio de Janeiro, com o olhar de um espectador, muito embora tenha aproveitado sua viagem ao máximo, para estabelecer contatos diversos, com a polícia secreta de Vargas – durante o interrogatório -, com José Américo de Almeida e com Portinari, conforme o capítulo três revela. Aliás, nesses contatos Rockwell consegue sentir

⁵⁸⁴ KENT. Op.cit, 1940, p. 340.

⁵⁸⁵ ... impressions... KENT, Rockwell. Op.cit, February 16, 1938. Reel 5164, frame 162, (Trad. da autora), Smithsonian Institution.

o que os brasileiros pensam e sentem em relação à Vargas e ao fascismo, ou seja, cumpre seu papel com excelência, junto daqueles a quem considera como pobres liberais acorrentados em sua liberdade, pelo ditador.

A passagem do passivo ao ativo, no sentido explicitado no parágrafo anterior ocorre a partir do momento em que se sente ameaçado pelos avanços dos regimes totalitários nos Estados Unidos. Desse modo, Rockwell encerra seu capítulo comparando a situação política brasileira à norte-americana, de maneira irônica e crítica, dizendo⁵⁸⁶: “*Mas coisas como estas, logicamente, não podem acontecer aqui!*” Na comparação que Rockwell faz em seu texto, o autor vai além de uma simples comparação, visto que substitui um país pelo outro em suas explicações, encarnando uma realidade na outra. Entretanto, Rockwell demonstra que não existem grandes distâncias entre Brasil e Estados Unidos, no que tange à situação econômica e política da época. Qual o sentido dessa comparação entre Estados Unidos e Brasil? Talvez, uma possível explicação esteja na sensação de medo sentida pelo autor ante o agravamento da crise geradora de censura, também nos Estados Unidos, uma vez que Roosevelt ordena o cancelamento, nessa época, de um de seus programas federais voltados ao teatro, por considerar que os atores envolvidos estejam utilizando o programa federal para criticá-lo. Rockwell sente na atitude de Roosevelt um risco para a própria democracia norte-americana, na medida em que duas conseqüências se destacam: a primeira, mais direta, ligada à repressão do governo em si e, geradora de conflito; e a segunda, a democracia em risco, pois, pode abrir brechas para a entrada do nazi-fascismo na América.

No capítulo seguinte ao “A Friendly Neighbor”⁵⁸⁷ (Um Vizinho Amigável), Rockwell passa a discutir as razões pelas quais os Estados Unidos não conseguem garantir a democracia, a paz, a liberdade e a justiça aos seus cidadãos. Com um tom mais contundente do que no capítulo precedente, o autor discorre acerca das implicações políticas resultantes de sua constante luta por democracia, na qual segundo Rockwell em “No Answer”⁵⁸⁸ (Nenhuma Resposta),

⁵⁸⁶ But things like that, of course, can't happen here! KENT. Op.cit, 1940, p. 350, (Trad.da autora).

⁵⁸⁷ KENT. Op.cit, 1940, pp. 329 – 350.

⁵⁸⁸ ... Thousands of Americans are gathered together in the name of Peace, of Democracy, of Justice, of Liberty, of Tolerance, of the Brotherhood of man: are these not names for *Thee*? Aren't these God's attributes? Oh, what's the use! Not three or four, nor thousands and tens of thousands, but millions: when they, for peace and human decency on earth, are gathered together, not to request but to act, then and then only will not God but the diabolical profit-seeking, war-mongering outfit that has the world and all its workers by the throat grant what those millions want. They'd better. And in the meanwhile? Hell. KENT. Op.cit, 1940, p. 353, (Trad. da autora).

Milhares de americanos estão unidos em nome da paz, da democracia, da justiça, da liberdade, da tolerância, da irmandade do homem: estes não são os nomes para Ele? Estes não são atributos de Deus? Ó, qual é o sentido! Não três ou quatro, nem milhares e dezenas de milhares, mas milhões: quando eles, pela paz e decência humana na terra se unem, não para requerer, mas, para agir, então e então somente não será Deus, mas o diabólico aparelho caçador de lucros e mercenário de guerra que mantém o mundo e seus trabalhadores pela garganta, que concederá o que aqueles milhões querem. Eles deveriam. E nesse ínterim? Inferno.

Ao afirmar o caráter sacralizador da luta pela democracia, paz, justiça e liberdade, Rockwell toma para si a necessidade de se engajar junto aos milhões de americanos pela defesa da democracia e por sua continuidade. Porém, na medida em que Rockwell passa a ser acusado de comunista pelo Comitê Martin Dies⁵⁸⁹, comitê este criado com o intuito de investigar atos de antiamericanismo, tais como os que Dies julga Rockwell de cometer, a autor de *This is My Own*⁵⁹⁰ passa a enfrentar perseguições políticas. Ou seja, ao lutar contra as injustiças cometidas pelo governo norte-americano no que tange à cessão de direitos aos indivíduos, bem como a perseguição a todos que se mobilizam em busca de melhores condições de trabalho, Rockwell é eleito por Dies como símbolo dos comunistas, elemento maior na escala que deve ser investigado e punido por sua suposta aliança com o regime stalinista, uma vez comprovada a ligação.

Assim, Rockwell conclui sua autobiografia de 1940 com uma visão crítica e pessimista em relação à Roosevelt e ao governo como um todo, pois, para ele não importa o quanto se esforça no sentido de libertar seu país do jugo repressor, porque dificilmente verá bons resultados para si e para seu povo, não obstante suas ações junto a comitês e sindicatos. Se política e economicamente a situação parece fora de controle, culturalmente, Rockwell que sempre prega a arte como subproduto da existência, coloca a questão cultural como meio de propagação da liberdade, da paz e da democracia, conforme o capítulo três demonstra. Assim, em 1940 suas ações no tocante à cultura acontecem de maneira mais expressiva, na medida em que além de publicar igualmente o livro sobre Portinari⁵⁹¹,

⁵⁸⁹ KENT. Op.cit, 1940, pp. 354 – 356.

⁵⁹⁰ KENT. Op.cit, 1940.

⁵⁹¹ LEÃO & KENT. Op.cit, 1940.

conforme visto no capítulo anterior, escreve um artigo bastante instigante sobre o mundo da arte americana nos anos 1940.

Inicialmente, no que concerne aos aspectos culturais dos Estados Unidos, a partir das idéias de Rockwell, é necessário que seu artigo sobre o mundo da arte norte-americana em 1940 seja analisado antes da introdução ao livro de Portinari, pois, aqui se privilegia uma abordagem cronológica, sem por isso deixar de considerar a questão profundamente. O artigo escrito por Rockwell traz, através de um apanhado histórico e evolutivo da arte em seu país, aspectos fundamentais à compreensão da produção artística, bem como de sua inserção no mercado de arte, o qual na década de 30 passa a ser financiado e patrocinado pelo estado, através dos programas federais de Roosevelt. Assim, Rockwell traça seu panorama defendendo a arte como mecanismo de comunicação das massas, no sentido de promover uma integração na qual a arte, o artista e o público fecham um ciclo em defesa da democracia, da paz e da liberdade. Não obstante os esforços empreendidos pelos artistas e, aqui, Rockwell se inclui, o ano de 1940 apresenta grandes perigos através da guerra, por ser mecanismo de destruição da democracia e da arte, segundo Rockwell⁵⁹² aponta em seu artigo:

Quando no ano de 1940, nós escrevemos sobre a arte americana, não é mais uma arte que deve sua inspiração à França, ou Itália ou Espanha, ou Pérsia, África ou China, nem uma arte a qual a maioria não consegue entender; é daquela arte, nova para a América, a qual se preocupa primeiramente com a vida americana como nossos milhões a conhecem e com observação na e sobre aquela vida como milhões podem observá-la.

As pessoas queriam arte: elas conseguiram. Assim é a democracia. Enquanto a democracia durar e à medida que a democracia expandir e crescer, nossa arte viverá e prosperará. Se algum dia, aquela arte será uma arte alegre, não mais revelando a

⁵⁹² When in the year 1940 we write about American art it is no longer an art that owes its inspiration to France, or Italy or Spain, or Persia, Africa or China, nor of an art which most people cannot understand; it is of that art, new to America, which concerns itself primarily with American life as our millions know it and with observation of and on that life as millions may observe it.

The people wanted art: they got it. Such is democracy. As long as democracy shall last, and in the measure that democracy expands and grows, our art will live and thrive. If some day that art shall be a joyous art, no longer revealing human misery but proclaiming the widespread reality in America of Life, Liberty and Happiness, then, and only then, will the dream of the founders of our country have been realized. KENT. Op.cit, 1940, p. 38, LAG-361, Projeto Portinari, (Trad. da autora).

miséria humana, mas proclamando a difundida realidade na América de Vida, Liberdade e Alegria, então, e somente então, o sonho dos fundadores do nosso país terá sido realizado.

O artigo escrito por Rockwell traz alguns pontos a serem discutidos. O primeiro deles e mais importante se refere à crítica que o autor faz em relação ao *high brow* e sua não aceitação do que é produzido dentro dos Estados Unidos por artistas norte-americanos. Entretanto, é preciso um pouco de cautela em relação a isso, porque, não é que Rockwell critique a arte em si. O que o autor propõe decorre da necessidade de se produzir um tipo de arte que seja útil à propagação da democracia, da liberdade, da justiça e da paz, em tempo de guerra. Assim, o tipo de arte que mais bem se adequa a essa função, é a arte realista, por ser capaz de comunicar objetivamente as necessidades mais prementes das massas. Em segundo lugar, o autor propõe na conclusão de seu breve artigo de duas páginas, que apesar da guerra ser causadora do declínio da arte, mesmo assim, ela continua existindo através de uma série de exposições ocorridas no ano de 1939; dentre as quais se destacam a de arte latino americana no Riverside Museum, de Nova York, da qual Portinari participa por ter sido realizada dentro do “*despertado espírito da solidariedade pan-americana*”⁵⁹³, e a United American Artists (Artistas Americanos Unidos). Nesse despertar do espírito de solidariedade é necessário pontuar algumas questões referentes ao que Rockwell propõe em seu artigo; pois, o papel dos Estados Unidos no desenvolvimento da política da boa vizinhança é vital à continuidade das relações econômicas e políticas, as quais são desempenhadas mediante o incentivo das trocas culturais entre os países da América Latina, sobretudo, com o Brasil e com Portinari, seu maior representante das artes plásticas do momento.

Dessa forma, é preciso considerar na promoção de Rockwell da arte brasileira, um procedimento que caminha paralelamente ao que Roosevelt e sua política da boa vizinhança propõem e espera de Rockwell, como cidadão atuante junto ao governo norte-americano. Entretanto, se em sua autobiografia *This is My Own*⁵⁹⁴ escrita no mesmo ano em que o artigo sobre o mundo da arte americana em 1940, o autor apresenta um posicionamento crítico e tendente ao pessimismo, em seu artigo, faz um elogio da arte a serviço da propagação da democracia, da liberdade e da justiça, além de destacar várias exposições

⁵⁹³ ... awakened spirit of Pan American solidarity... KENT. Op.cit, 1940, p. 38, LAG-361, Projeto Portinari, (Trad. da autora).

⁵⁹⁴ KENT. Op.cit, 1940.

que exemplificam esse tipo de arte. Ou seja, Rockwell possui forte viés ideológico no qual acredita no fortalecimento de seu país através da arte como subproduto da existência, uma vez que somente esse tipo de arte pode suprir as necessidades dos Estados Unidos e do restante da América em tempos de guerra e de ameaça de invasão nazi-fascista.

Aliás, ao incluir Portinari nessa questão, é preciso compreender o modo pelo qual não apenas Rockwell, como os norte-americanos o assimilam à cultura norte-americana, visto que ao ser escolhido como o pintor brasileiro devido à representação da pobreza e de seus fortes camponeses na lida, Portinari é aclamado por Rockwell como aquele que produz o tipo de arte que a América necessita, ou seja, sua arte calcada no realismo faz a exaltação do trabalho como mecanismo de progresso. Entretanto, ao mesmo tempo em que Rockwell o exalta, quase o humilha através das críticas presentes tanto nas correspondências analisadas no capítulo três, quanto na introdução ao livro sobre Portinari. Aqui, é preciso lembrar o episódio da frase eliminada por Rockwell à pedido de Portinari, por sentir que o norte-americano interpreta o Brasil como terra de miseráveis maltrapilhos e de negros. Assim, Rockwell pode ser visto como aquele que dá com uma mão e tira com a outra, em clara consonância ao espírito norte-americano da política da boa vizinhança, sem que isso seja feito por maldade, mas, sim, por ser parte do comportamento norte-americano de então. Desse modo, Rockwell repete os moldes imperialistas dos Estados Unidos, como se fosse um pai educando seu filho, agraciando e punindo de acordo com a situação. Porém, essa relação entre Rockwell e Portinari possui meandros mais profundos e delicados, conforme visto no capítulo três, ao se discorrer acerca da mudança da atitude de Rockwell em relação a Portinari, após o último ter se aliado aos ricos e cedido às pressões impostas pelos mesmos para que o brasileiro virasse as costas à Rockwell e seus movimentos sindicais sob forma de exposição de arte – United American Artists (Artistas Americanos Unidos).

Na introdução que Rockwell redige sobre a obra de Portinari⁵⁹⁵, em 1940, é necessário salientar várias questões e, a primeira delas, refere-se ao fato de que o autor a elabora sem ver qualquer reprodução das obras de Portinari constantes do livro, o que de início já determina um ponto preciso: Rockwell escreve aquilo que lhe é inerente, por integrar sua realidade e seus preceitos. Entretanto, a partir do que escreve e como escreve é possível elaborar uma interpretação tripla, sendo a primeira sobre Rockwell, a segunda

⁵⁹⁵ LEÃO & KENT. Op.cit, 1940.

sobre Portinari e, a terceira, sobre o modo pelo qual Rockwell interpreta Portinari, além do que o norte-americano espera do brasileiro. Em relação à Rockwell pode-se propor que através do elogio que atribui ao brasileiro em seu texto, na verdade, o faz como forma de reforçar sua crença na arte a serviço da vida, por ser subproduto da existência em tempos de guerra e de crise econômico-política mundial. Assim, Rockwell insere Portinari nesse contexto, definindo-o como pintor pobre que vence na vida, não obstante os obstáculos que deve transpor na escalada do reconhecimento nacional e internacional. Após uma breve análise geral do texto de Rockwell, é necessário aprofundar mais algumas questões e a primeira delas ocorre no primeiro parágrafo da introdução, quando o autor menciona a conferência sobre relações interamericanas no campo da arte⁵⁹⁶, conferência esta patrocinada pelo departamento de estado norte-americano, como forma de investimento na política da boa vizinhança através do estímulo à integração entre os povos do continente americano. Em seguida, Rockwell menciona Portinari, como pintor que executa retratos para angariar dinheiro para pintar o que gosta, e que no outono de 1940, vem aos Estados Unidos sem saber da conferência. Aqui, deve-se propor o modo pelo qual Rockwell destaca na ingenuidade do brasileiro, a marca de seu gênio quase o transformando em mártir, por ser o digno representante do heroísmo brasileiro; uma vez que o Brasil é uma terra tão inóspita que o artista é obrigado a fazer um esforço heróico para sobreviver à miséria e obter reconhecimento, o que não é válido afirmar, pois, nessa época, Portinari já executa encomendas de grande porte para o governo brasileiro, como os painéis para a sede do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro.

Rockwell prossegue afirmando a necessidade do emprego da arte como mecanismo de entendimento entre os povos, uma vez que deve ser utilizada como propagadora da democracia, da paz, da liberdade e da justiça. Assim, o autor elabora seu texto partindo do princípio fundamental de que as grandes guerras e disputas direcionadas ao mercado devem ser travadas pelas nações e não pelo povo, para que não haja prejuízos à democracia e à arte, sobretudo. Ao comparar Portinari a Dostoievski, Rockwell ressalta o lado poético na produção do brasileiro, lado esse vinculado à percepção de um tipo de arte capaz de mover os fruidores em direção à liberdade. Entretanto, aqui se deve destacar um ponto preciso em relação ao que Rockwell atribui ao brasileiro, ou seja, o que emociona Rockwell está ligado às representações de trabalhadores fortes fisicamente, porém, humildes em sua essência

⁵⁹⁶ KENT. Op.cit, 1940, p. 5.

mais profunda. Daí a comparação entre Dostoievski e Portinari, por Rockwell. Dessa maneira, ao atribuir esse tipo de interpretação ao brasileiro, Rockwell ecoa o mesmo tipo de sentimento expresso pelos marchands que acolhem a obra do brasileiro nos Estados Unidos, justamente por sentirem em Portinari a síntese do que esperam de um pintor latino americano em território norte-americano, síntese esta também pertencente ao espírito da conferência à qual Rockwell se refere no início de sua introdução ao livro sobre a vida e a obra do pintor brasileiro.

Além de salientar em Portinari um viés quase romântico no qual o classifica como herói lutando contra tudo e contra todos para vencer na vida, Rockwell destaca no brasileiro seu caráter de artista militante⁵⁹⁷ como uma “doce história” dentro da qual “*Portinari surge das plantações de café do Brasil*” para criar “*uma história de devoção, confiança e auto-sacrifício dos pais. De uma aventura da juventude dentro do grande mundo. De persistência contra o estresse da pobreza, de trabalho incessante, de talento, de força de vontade*”. Entretanto, em meio a esse discurso baseado na pobreza e na inferioridade econômica e social da situação do brasileiro, Rockwell acaba humilhando-o através da inserção de uma frase pejorativa⁵⁹⁸, na qual afirma textualmente que o Brasil é uma terra de miseráveis maltrapilhos e de negros, conforme mencionado no capítulo três, refletindo o modo de pensar tanto de Rockwell quanto dos norte-americanos. Aqui, deve-se ressaltar que Portinari é considerado no Brasil como o grande pintor “oficial”, embora não o seja no papel, segundo Fabris⁵⁹⁹.

Portanto, se alguma conclusão pode ser elaborada em relação a essa questão, esta se vincula na vertente propagandística de Vargas, sem que o ditador esteja diretamente envolvido com a cultura brasileira. A inserção de Portinari nos Estados Unidos, pelo Brasil, deve ser vista como mecanismo revelador de avanço, pois, apesar da ditadura e de seus processos de prisões, torturas, mortes e da aliança com o fascismo, a “exportação” de Portinari para os Estados Unidos serve como propaganda de uma falsa realidade, ou melhor, de uma falsa idéia de progresso econômico-político no qual, Vargas é considerado como o grande líder democrático do Brasil. Assim, dentre os promotores de Portinari nos Estados Unidos, além de Vargas e seu ministro da Educação e da Saúde, Gustavo

⁵⁹⁷ It is a sweet story, the rise of Portinari from the coffee plantations of Brazil. It is a story of the devotion, confidence, and self – sacrifice of parents. Of a youth’s adventuring into the great world. Of persistence against the stress of poverty, of unremitting work, of talent, of strong will. KENT. Op.cit, 1940, p. 9, (Trad.da autora).

⁵⁹⁸ KENT, Rockwell. Op.cit, Reel 5223, frame 1450, Smithsonian Institution.

⁵⁹⁹ FABRIS. Op.cit, 1990.

Capanema, pode-se destacar o nome do vice-cônsul em Chicago, Josias Leão, amigo pessoal de Portinari, escritor da biografia do artista junto à introdução de Rockwell e um dos grandes incentivadores do artista brasileiro junto aos marchands e curadores norte-americanos. Ou seja, por um lado se tem o desejo de transformar Portinari no símbolo da arte latino-americana devido ao vínculo de sua iconografia à promoção do trabalho nos Estados Unidos e, por outro, tem-se a figura de Portinari elevada à condição de artista nacional, representante oficial das artes plásticas no Brasil. Aliás, na primeira nota de imprensa⁶⁰⁰ lançada pela The University of Chicago Press (Editora da Universidade de Chicago) assim que o livro é publicado, lê-se a seguinte descrição:

A Editora da Universidade de Chicago acabou de receber do Brasil, por via aérea expressa, um óleo sobre tela por Candido Portinari, enviado às pressas para a reprodução a cores em um volume de 100 pinturas de Portinari a ser publicado neste outono. Oito das pinturas serão reproduzidas a cores 92 em preto e branco. Rockwell Kent está escrevendo uma Introdução ao livro, e emprestando uma de suas pinturas para reprodução. O Museu de Arte Moderna está emprestando “Morro”, nove pinturas vêm da coleção de Mme. Helena Rubinstein, uma da Srta. Florence Horn da Revista Fortune, sete da coleção de Josias Leão, Vice-Cônsul do Brasil em Chicago, e sua esposa, Ruth H.C.M. Leão, e outras de coleções dos Estados Unidos e da América do Sul. O Ministério da Educação do Brasil possui 11 das pinturas a serem incluídas. O

⁶⁰⁰ The University of Chicago press has just received by air mail express from Brazil an oil canvas by Candido Portinari, rushed here for color reproduction in a volume of 100 Portinari paintings to be published this fall. Eight of the paintings will be reproduced in full color, 92 in black and white. Rockwell Kent is writing an Introduction to the book, and loaning one of his paintings for reproduction. The Museum of Modern Art is loaning “Morro”, nine paintings come from the collection of Mme. Helena Rubinstein, one from Miss Florence Horn of Fortune Magazine, seven from the collection of Josias Leão, Vice Consul of Brazil at Chicago, and his wife, Ruth H.C.M. Leão, and others from U.S. and South American collections. The Ministerio da Educacao of Brazil owns 11 of the paintings to be included. The Brazilian Government thinks highly of Portinari and has done a great deal to promote his fame, but the granfinos (Brazilian upper crust) complain because he paints big feet and Negroes. The volume to be published by the University of Chicago Press, however, shows an astounding range in subject matter as well as variety in technique, and while some of its most striking paintings are of primitive subjects, or murals of sweeping movement, portraits of high-born ladies and gentlemen are executed with exquisite polish, and vases of flowers with delicacy. Three of Portinari’s murals are in the Brazilian pavilion at the New York World’s Fair. The publication of the work owes much to the personal interest of Vice-Consul Leao, who has written a short biography of Portinari for the book. More than 500 copies of the volume have been sold in Brazil in advance of publication. THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS BOOK NOTES. TX – 082.1.1, Projeto Portinari, (Trad.da autora).

governo brasileiro tem Portinari em alta conta e tem feito muito para promover sua fama, mas os grão finos (alta camada brasileira) reclamam porque ele pinta pés grandes e negros. O volume a ser publicado pela Editora da Universidade de Chicago, entretanto, mostra um conjunto espantoso em tema bem como em variedade em técnica, e enquanto algumas de suas pinturas mais admiráveis são de temas primitivos, ou murais de movimentos amplos, retratos de senhoras brasileiras bem nascidas e cavalheiros são executados com acabamento apurado, e vasos de flores com delicadeza. Três dos murais de Portinari estão nos pavilhão brasileiro da Feira Mundial de Nova York.

A publicação do trabalho deve muito ao interesse pessoal do Vice-Cônsul Leão, que escreveu uma curta biografia de Portinari para o livro. Mais 500 cópias do volume foram vendidas no Brasil antes da publicação.

Desse modo, a inserção da obra de Portinari no mercado norte-americano deve ser considerada como o elo que une Brasil e Estados Unidos dentro do que Rockwell chama de “A Friendly Neighbor”; ou seja, o artista brasileiro funciona como complemento às expectativas de ambos os países, na medida em que, a partir do momento em que a obra do pintor brasileiro entra em solo norte-americano, consolida-se o triângulo formado pela economia, através dos acordos financeiros com Wall Street, político, através da Política da Boa Vizinhança e cultural, com Portinari.

Assim, em relação ao Brasil, Rockwell faz uma pausa de quinze anos sem nada escrever sobre o Brasil, até que em 1955, publica sua segunda autobiografia, *It's Me O Lord*⁶⁰¹ (Sou Eu, Ó Senhor), dentro da qual redige um capítulo intitulado “Puerto Rico”⁶⁰² (Porto Rico) destinado a tratar primeiramente sobre a triste situação de Porto Rico, até hoje colônia dos Estados Unidos. Dentro desse capítulo, então, Rockwell insere uma espécie de adendo sobre sua viagem ao Brasil, sobre seu relatório “Brazil and Vargas”⁶⁰³ (Brasil e Vargas) e sobre o que pensa acerca da situação brasileira em relação aos Estados Unidos. Em relação ao que Rockwell escreve em 1955, observa-se que além da distância temporal

⁶⁰¹ KENT. Op.cit, 1955.

⁶⁰² KENT. Op.cit, 1955, pp. 501 – 508.

⁶⁰³ KENT. Op.cit, 1938.

que modifica interpretações, o autor muda o tom de seu discurso propondo uma nova narração dos fatos ocorridos no Brasil e nos Estados Unidos. O autor da autobiografia aponta fatos ligados à sua vinda ao Rio de Janeiro, ao seu relatório de 1938, à repercussão sobre tudo o que vê no Brasil, bem como sua análise do país sul-americano em comparação à sua terra natal.

Em primeiro lugar, Rockwell afirma sua vinda ao Brasil em atendimento ao pedido do National Committee for People's Rights (Comitê Nacional pelos Direitos do Povo), por ter se tornado presidente do referido comitê. A finalidade da viagem, segundo Rockwell demonstra em seu capítulo "Puerto Rico" ⁶⁰⁴, é verificar a presença do fascismo em território brasileiro, uma vez que ocorre um aumento no número de ditadores na América do Sul, dentre os quais, Getúlio Vargas no Brasil. Partindo da presença do fascismo ao qual Rockwell chama de "*crescimento canceroso*" ⁶⁰⁵ e que ameaça as democracias mundiais, o autor e observador político tem a missão de vir ao Rio de Janeiro verificar o quanto o Brasil está envolvido com o fascismo, pois, na realidade, e isso fica extremamente claro através das palavras de Rockwell, de que os Estados Unidos estão por trás de sua vinda. Ou seja, o isolacionismo dos Estados Unidos não permite que o país veja o que de fato ocorre fora de seus limites territoriais e Rockwell encarna a missão de vir e verificar se seu parceiro econômico está traindo sua confiança ao se aliar aos regimes totalitários. Pois, caso a suspeita seja confirmada, os próprios norte-americanos enfrentarão graves problemas econômicos e políticos.

Dessa maneira, Rockwell prossegue sua narrativa revelando o quanto se enfurece com a "visita" da polícia secreta de Vargas a meia-noite. Aqui, pela primeira vez, Rockwell abandona seu lado irônico e privilegia a sinceridade, segundo seu relato ⁶⁰⁶:

Dormi, dormi profundamente. E conseqüentemente fiquei louco de raiva ao ser, e a meia noite, tirado da cama por três policiais bandidos à paisana e levado diante de um tribunal de

⁶⁰⁴ KENT. Op.cit, 1955, pp. 501 – 508.

⁶⁰⁵ ... cancerous growth... KENT. Op.cit, 1955, p. 508.

⁶⁰⁶ I slept, and I slept hard. And I was consequently damn mad at being, and at midnight, roused out of bed by three plug-ugly plain-clothes cops and haled before a rump police court for investigation. Yes, I was *damn* mad, outraged, furious; and, still possessed with some few grains of common sense, just as smilingly pleasantly about it all as my entire innocence permitted and the odds against me called for. So, as things turned out, their bark was rougher than their human core. And after it was all over, I found myself seated in a pub with the now three very friendly cops, drinking double Scotches and telling them to their delight and envy – this, remember, was back in '37 – of the militancy of the American labor movement and of the liberties we North Americans enjoyed. KENT. Op.cit, 1955, p. 508, (Trad.da autora).

polícia desimportante para investigação. Si, eu estava louco de raiva, ultrajado e furioso; e, ainda possuído por alguns poucos grãos de senso comum, tão sorridentemente agradável como minha inteira inocência permitia e as disparidades contra mim requeriam um comportamento específico. Assim, como as coisas aconteceram, seu latido foi mais rude do que seu âmago humano. E depois que tudo isso terminou, eu me descobri sentado em um bar com os agora três policiais muito amigáveis, bebendo whisky duplos e contando para eles para seu deleite e inveja – isto, lembre-se, foi lá atrás em '37 – da militância do movimento trabalhista americano e das liberdades que nós americanos desfrutamos.

Mas por que o autor muda de tom? O que pode haver por trás dessa atitude? É preciso lembrar que Rockwell sempre descreve sua aventura noturna com a polícia secreta de maneira jocosa, sem considerar em seus relatórios e em sua primeira autobiografia, de 1940, a truculência da mesma. Porém, aqui existe uma diferença fundamental na qual o fato deve ser pensado. Ou seja, se antes Rockwell transita livremente pelas dependências do governo norte-americano, sendo tratado como a pessoa mais indicada para lidar com as questões políticas sul-americanas, agora, após ser denunciado como comunista tanto pelo Comitê Martin Dies, em 1940 quanto pelo Senador Mc Carthy, em 1953 sendo julgado em um tribunal pelo senador e tendo seu passaporte cassado na mesma época. Rockwell, então, deixa toda polidez de lado, para atacar o governo norte-americano de frente. Outro fator a ser destacado aqui, refere-se à falta de liberdade que sente no momento em que sua segunda autobiografia é publicada, dois anos após ser julgado por Mc Carthy. Assim, Rockwell prossegue em seu capítulo, após contextualizar o Brasil, repetindo o mesmo procedimento adotado nas duas versões de seu relatório e no capítulo “A Friendly Neighbor” (Um Vizinho Amigável), nos quais define o Brasil geograficamente. Em relação às conclusões do que observa no Brasil, porém, com um filtro temporal de dezessete anos, pode-se propor que Rockwell percebe que o regime ditatorial de Vargas é tão totalitário quanto no norte-americano, uma vez que ao ser acusado de comunista, perde toda e qualquer possibilidade de acesso ao governo, posto que o mesmo lhe vira as costas, trazendo graves conseqüências à sua vida e obra. Outro fator de extrema relevância a ser salientado nesse contexto de 1955 baseia-se no fato de que, se na década de 30 a arte privilegiada pelo governo de Roosevelt era a realista, agora, na década de 50, é a abstrata. Assim, com o abstracionismo em voga,

Rockwell se torna muito mais pessimista e crítico, pois, além de ser acusado de comunista por Mc Carthy, assiste à derrocada do realismo por este estar associado ao Realismo Soviético propagado por Stalin.

Desse modo, é necessário destacar o quanto Rockwell é atingido tanto pelas acusações que lhe são impostas quanto pela decadência e quase proibição do realismo nos Estados Unidos, por ser este um tipo de arte diretamente vinculado ao comunismo. E com essa mudança de vertente artística, Rockwell responde através de sua autobiografia afirmando que nos Estados Unidos não há mais democracia. Aliás, Rockwell declara abertamente que seu país é tão totalitário quanto o Brasil, de Vargas, conforme seu texto demonstra⁶⁰⁷:

... minhas conclusões após nove dias de andança de lá para cá, de encontros com pessoas de todas as classes – e graças às cartas de apresentação que eu havia trazido, encontrei alguns liberais completamente informados e corajosos – foi que, inconstitucional como o golpe de estado de Vargas havia sido, ditatorial como seu poder foi e cruelmente repressivo das minorias e das liberdades civis em geral, como ele havia revelado ser, o dele não foi mais aquele despotismo totalitário integrado propositalmente de uma classe a qual é devidamente denominada Fascismo do que – saltando para o presente – é nossa América hoje. Democracia? Nem por uma longa visão. Mas, Fascismo? Não, não muito. E embora nessa primeira conclusão Jerome Davis e eu não fomos os primeiros a concordar, ele posteriormente veio compartilhar meu julgamento.

Um segundo fator a ser salientado a partir da citação mencionada logo acima, diz respeito a Davis, seu companheiro de viagem ao Rio de Janeiro, em novembro de 1937. Rockwell afirma aqui que a princípio ambos discordam do que vêem em relação ao Brasil, mas que posteriormente, Davis muda sua opinião. Assim, ambos entram em sintonia,

⁶⁰⁷...my conclusion after nine days of going about, of meeting people of all classes – and, thanks to introductions I had brought, I met some thoroughly informed, courageous liberals – was that, unconstitutional though the Vargas *coup d'état* had been, dictatorial as was his power, and ruthlessly repressive of minorities and civil liberties in general as he had shown himself to be, his was no more that purposefully integrated, totalitarian despotism of a class which is properly to be termed Fascism – leaping to the present – is our America today. Democracy? Not by a long sight. But fascism? No; not quite. And although in this conclusion Jerome Davis and I were not at first to agree, he later came to share my judgment. KENT. Op.cit, 1955, p. 508, (Trad.da autora).

conforme Rockwell revela através da citação supracitada, bem como através de uma carta⁶⁰⁸ enviada pelo autor a Davis, em fevereiro de 1938, após a realização da palestra *What Is Happening in Brazil?* (O Que Está Acontecendo no Brasil?), em Boston. Embora haja essa mudança de opinião, não há qualquer outro registro sobre o assunto que explicita o porquê da alteração de Davis, nos documentos pesquisados junto ao Smithsonian Institution. Aliás, segundo Rockwell, nem Davis e nem os patrocinadores de sua viagem, ou seja, o National Committee for People's Rights (Comitê Nacional pelos Direitos do Povo) e o Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro), ficam satisfeitos com as descobertas de Rockwell. Mas por que não? Aqui, uma possível explicação esteja no fato de que ambos os comitês atuam em busca de focos fascistas na América, em especial no Brasil, devido ao foco da presente dissertação. Em relação à palestra proferida por Rockwell e por Davis, em Boston, Rockwell⁶⁰⁹ aponta uma interpretação errônea por parte da mediadora que o apresenta, a qual afirma que Rockwell falaria sobre seu relatório sobre o fascismo no Brasil, ou seja, aqui se tem claramente uma tentativa de manipulação sobre suas opiniões.

Assim, nota-se o quanto ambos os comitês, principalmente o segundo, querem a todo custo combater a ditadura e seus abusos, tais como a cassação dos direitos constitucionais, prisões, torturas e mortes. E por meio desse combate, acabam tentando impor a Rockwell um posicionamento não desejado pelo mesmo, ou seja, conforme visto anteriormente no presente capítulo, o norte-americano se coloca como isolacionista defensor da democracia, mesmo em 1955, quando escreve sua segunda autobiografia. Aliás, isso acontece apesar das acusações de comunismo e do processo judicial que enfrenta, em 1953. Uma possível explicação para a imposição de opinião dos comitês à Rockwell parece estar no estatuto de ambos, uma vez que, suas funções se constituem na proteção dos países oprimidos, exigindo que seus povos sejam libertos do jugo ditatorial. O que no caso do Brasil, traduz-se por meio de ações concretas no sentido de libertar os prisioneiros políticos e destituir Vargas do poder, conforme os documentos analisados no decorrer da dissertação atestam.

Rockwell conclui seu capítulo⁶¹⁰ afirmando que “*o termo antifascista prematuro*” aplicado aos simpatizantes da Espanha democrática “*não é totalmente inapropriado*”

⁶⁰⁸ KENT. Op.cit, February 1, 1938. Reel 5164, frame 522, Smithsonian Institution.

⁶⁰⁹ KENT. Op.cit, 1955, p. 508.

⁶¹⁰ The term anti-fascist... is not wholly inappropriate to those who jumped the gun to find the evil where it wasn't. KENT. Op.cit, 1955, p. 508, (Trad.da autora).

àqueles que sacam o revólver para encontrar o mal onde não estava”. O que Rockwell quer dizer com essa afirmação? A quem ele se refere? Aqui, existe uma clara referência primeiramente, aos Estados Unidos e sua caça aos comunistas em 1940, com Marin Dies e em 1953, com Mc Carthy, tendo Rockwell como alvo principal. E em segundo lugar, o autor se refere aos próprios comitês patrocinadores de sua viagem ao Rio de Janeiro, em novembro de 1937, os quais cobram do observador político uma interpretação que ele prefere evitar, devido ao seu comportamento isolacionista, nas décadas de 30 e 40.

Em relação à Rockwell é válido propor que em sua trajetória de artista, escritor e observador político se vê o quanto a luta pela democracia, liberdade, paz e justiça se faz presente em seus textos, bem como em sua produção gráfica atrelados à propagação de seus ideais mais caros. Assim, a leitura de suas autobiografias é reveladora de seus ideais através dos assuntos escolhidos pelo autor, além do modo como os narra ao público. Ainda, igualmente é válido destacar em sua escrita a estabilidade em sua luta pela democracia desde o momento no qual se identifica aos pobres - economicamente falando -, pescadores de Monhegan, passando a trabalhar como eles, até o momento final de sua vida, simbolizado pela doação de boa quantia do que recebe no Lenin Peace Prize (Prêmio Lênin de Paz) à causa vietnamita, conforme o capítulo um demonstra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das análises minuciosas da escassa bibliografia disponível e dos documentos obtidos junto ao Smithsonian Institution, de Washington D.C. e ao Projeto Portinari, foi possível não apenas realizar uma pesquisa de mestrado inédita no Brasil e nos Estados Unidos acerca de um artista e observador político fundamental, como também abriu uma plêiade de caminhos para pesquisas futuras sobre Rockwell Kent e suas contribuições ao Brasil, por exemplo. Desse modo, a pesquisa procurou partir da investigação bibliográfica existente, com o intuito de revelar detalhes sobre as condições que permitiram a viagem de Rockwell Kent ao Brasil, em novembro de 1937, bem como ressaltar nessas condições nas quais o norte-americano redige suas duas versões para o relatório sobre o Brasil e Vargas.

Aliás, nesse longo processo de análise privilegiaram-se os contatos de Rockwell Kent tanto nos Estados Unidos, junto ao National Committee for People's Rights (Comitê Nacional pelos Direitos do Povo), comitê presidido pelo autor, e ao Joint Committee for the Defense of the Brazilian People (Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro), quanto no Brasil. Considerando-se os contatos estabelecidos junto a ambos os comitês e, com a obtenção de cartas de apresentação fornecidas pelo embaixador brasileiro em Washington, Oswaldo Aranha, Rockwell Kent reuniu todos os pré-requisitos indispensáveis a sua estada de nove dias no Rio de Janeiro, durante os quais foi detido na primeira noite para averiguações junto à polícia secreta de Vargas e solto várias horas mais tarde, pela mesma. Tendo em mãos todos os dados fundamentais à redação de seu relatório, Rockwell Kent voltou aos Estados Unidos. Porém, antes de voltar para casa, firmou um contato preciso com Candido Portinari, artista brasileiro autor do retrato encomendado de Rockwell Kent. Além disso, a pesquisa demonstrou claramente os trâmites percorridos pelo norte-americano no auxílio à construção da imagem de Portinari, nos Estados Unidos, tanto através da promoção de sua obra junto a museus, galerias e mídia, quanto pela introdução encomendada pelo vice-cônsul brasileiro em Chicago, Josias Leão, a Rockwell Kent sobre a obra de Candido Portinari, publicada pela Editora da Universidade de Chicago.

Após analisar a viagem de Rockwell Kent ao Rio de Janeiro, considerando todas as implicações possíveis referentes aos contatos estabelecidos, partiu-se para a reflexão acerca das implicações de sua viagem, concernentes ao momento crítico pelo qual os Estados

Unidos e o Brasil passavam; ou seja, aqui foram estabelecidas as premissas fundamentais à compreensão do pensamento de Rockwell Kent inserindo seus escritos dentro de um contexto maior, no qual a política, a economia, a história, a arte e a cultura foram unidas, a fim de estabelecer possíveis parâmetros analítico-críticos, em relação à extensa obra intelectual de Rockwell Kent, tendo o Brasil como ponto de partida.

Portanto, a presente dissertação é finalizada deixando espaço aberto para futuras investigações, porém, esperando ter contribuído de alguma maneira, para o aprendizado da complexa disciplina da História da Arte conectada à História da Cultura tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos.

BRAZIL AND VARGAS by Rockwell Kent

KENT, Rockwell. "Brazil and Vargas". *Life and Letters Today* 18, n.12 (summer, 1938): pp.15-27. [Kent Coll. Series 2B-7].

"Here lay the greatest undeveloped possibilities for productive wealth to be found on this globe. And here were the greatest contrasts. On the coast live the sophisticated upper-class city dwellers, who spend half their time in Europe, speak five or six languages and live in imperial splendour, bothering as little about the aboriginal Indians who live in primeval savagery in the jungle as the savages do about them." ("South by Thunderbird," Hudson Strode, Random House, 1937.⁶¹¹)

ONE MIGHT ADD that of the 47,000,000 population, 11,888,000 are listed as employed, 8,860,000 being workers in agricultural, cattle and rural activities; that the wages of the majority of these workers are two milreis a day (or about twelve cents); that millions labour in peonage; that undernourishment to near starvation prevails; and that 75 per cent of the entire population is illiterate. Wealth in contrast to extreme poverty; culture to illiteracy; vast distances, and few roads and railroads (one mile of railroad to ten in the U.S.A.). Unlimited and varied resources and a single crop economy; and instead of the enjoyment of that generous security of livelihood which so rich a land could yield – to, it has been reckoned, twenty times its present millions – the people live in bondage to foreign capital and in hazardous dependence upon foreign markets. Brazil was never colonized; it has been exploited.

The history of Brazil is a tragic story of successive exploitations leading each in turn to ruin and revolt. And although the progress of Brazil for the past hundred and sixteen years has seemed to be through independence toward democracy would appear to have been as contrary to the genius of its Latin peoples as of the Indians and Negroes who through slavery have come to be called citizens. Reared in independence on the big estates, subject to an economy over which they had no control, and to a government that was remote and not of them, the people were as apathetic toward their democratic rights when these were constitutional as they show themselves to be to-day at their repeal.

On the afternoon of 25th November, close in the wake of the November *coup d'état*, Jerome Davis and I, representing the National Committee for People's Rights and the Joint

⁶¹¹ England, Hamish Hamilton.

Committee for the Defence of the Brazilian People, arrived in Rio de Janeiro to inquire into the political situation, sense out the public mind, and come to such conclusions as might be of value to the American public in judging of Brazil as friendly neighbour. We had nine days to do it in. We bore credentials: mine were in the form of personal introductions – of what proved to be one of the most friendly and helpful nature – from the Brazilian Ambassador, Señor Oswaldo Aranha in Washington; and Davis had, besides several personal letters, including one from the son of President Vargas to his father, a number of official introductions of importance. Arrived in Rio, we proceeded to a hotel on the Copacabana strand. We bathed, changed, dined, strolled for a while, and went to bed, relieved that we'd arrived, that no hotel attendant would come knocking at our doors at dawn or earlier to get us to the plane. We slept. If what now follows has no place in a "report" it may at least inconsequentially enliven it, and suggest something of the atmosphere or cloud under which we, in common with the Brazilian people, were to find ourselves.

While I nodded, nearly napping –

(I was, of course, really dead to the world)

While I nodded, nearly napping,

Suddenly there came a tapping,

As of someone gently rapping,

Rapping at my chamber door:

“‘Tis some visitor,” I muttered,

“Tapping at my chamber door –

Only this and nothing more.”

“Get outa there,” I roared. “Leave me alone. I want to sleep. I’m not taking the plane. Go’way.” And plunging my head into the pillow, I drew up the sheet to cover it.

The tapping, gentle but insidious, kept on.

I grabbed the telephone, and roared a good old-fashioned Anglo-Saxon complaint into Portuguese ears. I hung up. I laid my head on the mattress and the pillow on my head.

That tapping – it had never stopped – came through.

The ‘phone rang. God – is this a mad-house! “What is it, what” –

“It is the police,” came the voice of the gentle porter.

Such visitors, at such an hour! (It was, of course, exactly midnight.) Switching on the light and swathing myself in something or other, I opened the door with such

expressions of apology and welcome as I thought would make us all very happy. One has no *rights* where there's a "State of war". But friends! – there's where you need them.

I let three fellows in, plain-clothes men of the secret police, it proved. They demanded my papers, all of them, every last scrap. In one corner of the room stood my brief-case, open about two inches. From the other corner of the room I took my passport and, scarcely looking to aim, scaled it toward and *into* the brief-case. The police beamed their admiration. I patted my chest, and we all laughed. I handed around cigarettes, and proceeded to point out crannies that might have served me for the concealment of documents. When they had ransacked the place, they told me to dress. They were, by now, entirely friendly and polite. I dressed, and almost arm-in-arm we went down and out and into a waiting taxi.

They conveyed me to the central police station in front of which lolled two dilapidated, diminutive, and very sleepy soldiers, with bayoneted guns much taller than their hands. We ascended in an elevator to just such a courtyard corridor as that from which Barron had plunged to his death. I was told to sit down in a waiting room. I lit a cigarette and studied a map of Brazil. Ten minutes later a door opened and I was summoned into the presence of the Lieutenant.

At the desk of the Lieutenant and separated from him by a vacant chair sat a fat man, as unkempt, unshaven, dirty, as you'd find at large. "I speak English," said this man, with unconvincing accent. "I am the interpreter. Sit down."

I took the vacant chair.

"We have brought you here," said the Lieutenant with the utmost courtesy, "to aid you in the work for which you have come to Brazil. We want to help you."

I beamed my pleasure. "Oh, thank you very much!" I said, and grinned. So did they all, so pleasantly.

"We have taken your papers," continued the Lieutenant, "in order to safeguard them for you. We don't want anything to happen to them."

"How kind, how wonderful!" I cried and shook his hand. "How can I ever thank you for your thoughtfulness! How can I thank you all!" I laughed for happiness, and so did everyone.

Now, while both Davis and I *had* possessed a number of documents and pamphlets of so tactless a nature as would have involved us in difficulties, these had long ago been torn into little bits and, via the toilet of the plane, consigned to the Atlantic Ocean. All had

been thrown away – but one; of its damning presence among my papers had I not from the first entrance of the police been painfully aware! It was a long list of the most eminent of those Brazilian prisoners about whose welfare we were to inquire. Caught with the goods? Best make a virtue of the crime.

“At your offer of assistance, Lieutenant,” I addressed him, “I am delighted and grateful. And because of your offer – so generously made – I will now, at this fortunate moment, ask for certain information for which I had intended coming to you. Where,” – searching in my brief-case and producing the document – “are these gentlemen? Where are they? Are they well?” I handed him the list: he looked at it.

As at the explosion of a bomb in a gay market place at festive noon, the crowd is suddenly transfixed with horror, indignation, hatred, fear – so, at this first glance at the first name was changed the good Lieutenant. “Prestes!” he cried, and all the room recoiled, recoiled and glared at me. “Prestes! You know him? What of him?” and as he read more names, their horror grew.

“Who gave you this?” “Your countrymen,” I said.

“And do you know these men?” “Not yet.”

At last, fiercely, he took the brief-case, stuffed in the damning document, and put the whole thing out of reach. The moment had arrived for cigarettes.

Lighting the Lieutenant’s, I embraced him.

“You’re an American?” I asked the interpreter, clapping his dirty knee.

Someone recounted my amazing passport shot: they liked that shot. We laughed – and all was well. He’s “Muy simpatico,” said one. “You bet!” I said: agreed.

Dismissed to return to my hotel, I suggested that they honour me with that style of police escort to which I was accustomed. “Besides,” I added, “how about the other fellow, Davis?” We might as well get everything cleaned up.

The spasm which the mention of Davis brought on was dissipated when the Lieutenant was assured that Jerome Davis was not the American Labour defender, David Levinson. Still, they would look him over. My three friends stood up to go with me.

“May we all stop for a drink, Lieutenant?” I asked.

“No,” said the Lieutenant, sternly.

“Please, just a little one?” Two more men joined our party.

“N-no.”

The six of us marched out.

“That’s what you get from this damned Fascism,” muttered one of us – not I.

We all crowded into a cab and, sitting in each other’s laps, drove to a café. I ordered double highballs, and proceeded to discourse on the labour movement, the C.I.O., and how the working people of the world were going to run the world. They beamed approval.

“Here’s to the revolution!” I said, and raised my glass. We drank to it.

Davis was splendid. Jumped out of bed to let us in. Beamed welcome as I said: “My friends.” And when I added, “The police,” got back in bed. The police didn’t do much but grow more and more embarrassed as I searched the room for contraband. They looked ashamed at having come. And as at last the door closed and locked itself behind the Professor’s brief-case and the policemen’s backs, Davis lifted his head from his pillow and lifted the pillow from the bed. There lay his passport, wallet, *and* his copy of the damning list.

Next morning we called at the American Embassy, told our story. And that afternoon the assistant to the Ambassador arrived at our hotel in company with a police detective; and with our brief-cases. The only thing that was not returned was the list of political prisoners. The Ambassador’s assistant informed me that I was under serious suspicion, that I might be ordered to keep to my hotel room until the next plane left. They kept some check on my telephone calls, but as far as I know, didn’t trail me. I was allowed to stay. Policemen, sometimes, give them half a chance, aren’t bad. Davis, from that time on – we so agreed – pursued his work unhampered by that suspect, me.

The plans to send us to Brazil were initiated in June, 1937, during a conference with Ambassador Aranha in Washington, at which the notorious mistreatment of political prisoners under the Getulio Vargas régime was discussed and protested again. Before the departure of the committee five months later, there had successively occurred in Brazil, first, a termination of the internal so-called “State of War” in favour of a more liberal “State of Emergency”; secondly, a return to the “State of War” and with it more arrests; and thirdly, a *coup d’état* by which the pending elections were called off, the incumbency of President Getulio Vargas perpetuated, and the democratic constitution supplanted by a mandatory one.

“What you see here to-day is not Brazil. The Brazilian people will not tolerate dictatorship. You may quote me as saying that.” So spoke H. Sobral Pinto, the eminent and courageous conservative Catholic attorney who defended Prestes in his trial for treason. So, in fact, said many others whom I met in Rio. Yet they do tolerate it. And that Getulio

Vargas should walk the streets of Rio as a private citizen, unwatched, unguarded, may be taken as evidence not only of the inherent gentleness of Brazilians, but of their thoroughgoing unconcern with government. They want democracy and they want peace. They want freedom from censorship, from espionage, from fear. They want to work, to live securely, to be well-fed; they want leisure and happiness. Let soldiers fight; the people, they want peace. Consequently, as government is thought of as a power apart, so are revolts against it left to those to whom armed violence is a trade.

In the heat of the Prestes rebellion, a bicycle rider came to where troops were shooting at each other across the avenue. He rang his bell. The troops stopped shooting while he passed.

The recent *coup d'état* was accomplished without a shot being fired. Concerning the soldiers who were assembled in Rio and marched about the streets, people said, "Vargas is counting his constituents."

I was in Rio during the delayed celebrations of Flag Day. The occasion was to be of special interest, celebrating not only the continuance of the Vargas régime but, by the burning of the flags of the Brazilian States, that stronger union of the States which the new constitution provided. A fair-sized crowd attended, no larger than to leave quite undisturbed the daily aspect of the city thoroughfares. And troops were there: soldiers in white, in green; and guards resplendent in Napoleonic dress. And companies of men, of little boys and girls, in the *Integralista's* green and white. Pretty enough – but no one cared. Not until noon-time when the troops marched home: "They *would* block the traffic at the noon hour!" said a characteristic onlooker.

Brazil, exploited for centuries in the interests of Portuguese imperialism and, subsequently, of international imperialism – an exploitation internally abetted by the larger Brazilian landowners and the upper urban bourgeoisie – is to-day primarily obligated to and, consequently, in bondage to American and British capital. This financial bondage to the Democratic powers has, however, failed both to secure to those powers that monopoly of Brazilian trade which might be held to be their due and to protect their interests against the growing influence of the Fascist powers on Brazilian policy and Brazilian internal affairs. This influence, unless it is checked by the action of Great Britain and the United States, or rejected by a militant democracy within Brazil, must lead eventually to a sharp decline in American-Brazilian trade, to a collapse of securities, and to such a Pan-American situation as may challenge the Monroe Doctrine and even menace American democracy.

Neither the evils of Fascism, nor – relative to what exists to-day – its questionable blessings, as they may exclusively affect people of Brazil, are to be held the proper concern of the American government. That policy of isolation which has made us officially unconcerned with the depredations of fascist Italy and Germany in friendly Spain, which has blithely tolerated the barbarous aggression of Japan in China, will not be altered to defend the Brazilian people against the heartless civil persecutions which Brazilian tyrants in their march toward fascism practise. What governments have hearts? They are, and properly, the instruments of public interests. And that those “interests” which have so far been exclusively effective in determining international policy have earned the stigma of italics, merely betrays the importance of our humanity. Are we much moved at the herding into Brazilian prisons of thousands of innocent men and women, at the savage tortures inflicted upon many of them, at official murders? Yes, we are moved: not much. Are even the masses in Brazil – those masses that, now suffering most, have most to gain by freedom through revolt, whose kind, whose relatives and friends, whose leaders are the tortured and imprisoned victims of dictatorship – are they much moved? They are. Much moved. And yet – they are so poor, so ignorant, so destitute of arms, so frightened and oppressed – not moved enough.

They were not moved enough to win the 1922 revolt, nor in the 1924-6 uprising to carry Prestes through to victory. In 1930 they were led by promises of great reforms to overthrow Sao Paulo's domination; and in 1932 to crush Sao Paulo's comeback and retain their “Liberal”, Vargas, in Dictatorship. But Prestes lived. Strengthened in purpose and matured in mind he plotted while in exile for the liberation of his country. A railway strike precipitated the half-organized revolt. In the north it was suppressed by the ruthless bombardment of the cities; in Rio de Janeiro by the overpowering of a regiment. Prestes had become an avowed communist; and it is neither to be doubted that other communists, including the German Ewart, were co-leaders with himself, nor the entire communist party of Brazil stood with him and with the National Liberation Alliance. But the charge of “Communist!” which Vargas now directed, and continues against all sympathizers with the Prestes revolt and with the cause of Democracy in general was in fact no more than a pretext for such arrests and persecutions as might secure the Dictator in power and exalt him in the public mind as the saviour of Brazil. Its purpose was to scare: Brazilians laugh. By all of this too few are moved enough.

A “State of War”: all civil liberties annulled. And Vargas Dictator. Yet the Constitution with its provisions for Democratic government remained, a standing reproach and a consequent embarrassment to autocracy. Under the Constitution the President’s seven-year term now neared its close: a second term was banned. Consequently the summer of 1937 saw a Presidential election campaign in full swing, with every outward show that the electoral provisions of the Constitution were to be observed. Again as in 1930 and in the Paulista uprising of 1932 it was a conflict between the special and more local interests of the coffee growers, manufacturers and capitalists of rich Sao Paulo supported by the foreign interests in Brazil, and the no less special though wider interests of Rio Grande do Sul supported by the urban bourgeoisie and those liberals throughout Brazil who had formed the *Allianca Liberal* in the elections of 1930. In terms of persons the fight was between Flores da Cunha, former governor of Sao Paulo – represented by Armando Sales de Oliveira, a lawyer and corporation employé – and Flores’ implacable rival and foe, Vargas himself. Indeed, one of Vargas’ first acts upon his declaration of a “State of War” was to depose Flores. And Flores, doubtless with good judgment, fled into exile. The Vargas candidate was one José Americo de Almeida, a liberal, a friend and supporter of Vargas, and formerly Vargas’ own Minister of Communications. Americo was a writer and a man without property. He was from the north, that north of Brazil where destitution at its worst prevails. He knew the poor and felt their misery. No business man, his humanity was unrestrained by consideration of property and trade. *What* should be done was more to him than *how*. Land for the people, was his thought; end poverty. The masses thrilled to him. He felt a messianic urge: “I am the saviour of Brazil!” he cried; “Money? I have none; but I know its whereabouts.” The politicians, scared, abandoned him: “I need no politicians,” he declared. “The people are my strength.” (This in Brazil!) The bourgeoisie, the liberals, wondered; they were soon aghast: their candidate a fool! The masses cheered.

Unless it had been the intention of Getulio Vargas from the beginning of the campaign, or before, to remain in power (and of this there is no direct evidence⁶¹²) it must have been at about this juncture that he conceived the *coup d’état* and made his plans. Certainly the well-considered nature of that lengthy document, the constitution of 1937 points to long weeks of preparation. The defections of the bourgeoisie from the support of their “mad” candidate mounted at Moscow’s endorsement of him. That proved to them the

⁶¹² It is now known that the constitution was ready in May, and that the *coup d’état* was scheduled for June.

opposition's charge: and with no alternative but the hated Paulist, left them in effect disfranchised. Vargas was of this group: in what he did he counted on at least their apathy.

And there was more he counted on. Besides the two major parties originally representing the vital interests of the two States was one small but truly organized party in the field: the fascist *Integralistas* under Plinio Salgado. "We'll toss a coin," it was said, "to see whether Americo or Flores wins." "But where do I come in?" asked Plinio. "You win," they answered him, "if the coin stands on its edge." His chances nil, he lent his aid to Vargas.

At the height of campaign bitterness and consequent disorder in the political arena, an extraordinary, authoritative proposal was made to Vargas, namely: that both the rival candidates retire from the race in favour of a compromise candidate to be agreed upon. Vargas refused. Exactly six days later, with no more turmoil than a concentration of troops in the Capitol, the General Assembly was dismissed, the Constitution was cancelled, the election was called off, and "Democracy" – what shadow of it remained – was ended. The *coup d'état* was an accomplished fact: Vargas was dictator.

As the *coup d'état* had been accomplished without bloodshed, so were there no notable, if any, subsequent disturbances. And there were relatively few arrests. The hunt for "communists" persists: few are deceived by its pretensions. People live in fear of being spied upon, of being overheard in conversation, of being informed against. Suspects are watched, and telephone wires are trapped. Censorship has tightened. For the United Press and the Associated Press, two censors each. Censors in post offices; censors in the cable offices. A censorship for every word of printed news. To editors of the Capitol's journals assembled by official summons, government spoke: "You will be pleased to obey the new censorship regulations," it announced. "I will of course obey," answered one courageous journalist, "But I will not be pleased." Brazilian publications are forbidden to praise Soviet Russia, China, or Loyalist Spain; are forbidden to attack Italy, Germany, Japan, or General Franco; are permitted to say what they please about the United States, Great Britain, and France. They do.

"Professor:

In obedience to the decision of the Rector and until other instructions are issued, I request that the school day in each course be initiated with talks, short but incisive, directly attacking communism, either criticizing its fundamental theories or attacking the results of its practical application.

"To that end the professor in charge of the first class of the day in every course is required to make the desired discourse in accordance with the schedule."

This is to the professors of the university and to teachers everywhere. “But,” said one professor, “I don’t know anything about communism. Will you provide me with a book on the subject?” “Certainly not.”

The Constitution, 10th November, 1937: “It has been *granted*,” says Vargas, “to the Brazilian people.” ... When, in 1891, Brazil became a Republic, a Constitution patterned upon that of the United States was adopted. It provided, as does ours, for an independently elected President and two Houses, and for a judiciary appointed by the President for life. With but slight alterations, this Constitution remained in force until 1934. The Constitution of 1934, promulgated by a Constituent Assembly under Vargas government, established the secret ballot and granted votes to women, without, however, extending the electorate beyond the limited ranks of the literate. It established Courts of Electoral Justice with authority not only in electoral disputes but over the eligibility of electors under the law. This power, applied to the 1934 Constitution ‘s new provision for functional representation – which, favouring employers, was distinctly Fascist – strengthened the control of the government over the federal Congress. The 1934 Constitution enfranchised monks and returned the Catholic Church to power in the public schools. So Vargas won the Church. The social changes led to small advance in practice. Arrest without charge or warrant was made illegal: arrest without charge or warrant continued. The recognition it extended to unregistered unions was no effective.

What Vargas last 10th November “granted to the Brazilian people” is, in effect, a grant to them of himself as permanent Dictator of their lives and property and destinies. Read from his Constitution: -

It is the prerogative of the President to decree a state of emergency and a state of war...

In the event of a foreign menace or the imminence of internal perturbations, or the existence of a concerted effort, plan or conspiracy, which tends to perturb the public peace or to place in danger the structure of the institutions, of the security of the State or of its citizens, the President of the Republic may declare throughout the whole territory particularly menaced, a state of emergency.

The moment that it is necessary to employ the armed forces for the defence of the state, the President of the republic shall declare a state of war for the whole national territory or part of same.

Sole paragraph – For none of these acts it is necessary to obtain the authorization of the National Parliament, which may not suspend the state of emergency or the state of war, declared by the President of the Republic.

(Art.’s 73,166.)

At least there might be a misunderstanding of the complete unhindered despotism which, at his own discretion, becomes Getulio Vargas' "Constitutional" right, his "grant" to Brazil further states: "During the existence of the state of war such parts of the Constitution, as the President of the Republic indicates, will cease to be in force." *L'état c'est Moi!*

More important, consequently, than further study of constitutional provisions will be an inquiry into the character, affiliations, and policies of the man who has so adroitly brought Brazil's short run as a republic to a close. The very ease with which, without a numerous following and on the very ground where two strong parties struggled for control, he stole the prize, reveals what is conceded him: political dexterity. A man of charm and culture, of will to power unhampered by either loyalty or convictions, an opportunist, a juggler of opposing forces, he is outstandingly a bold adventurer in politics. His policies as expressed by his declared administration programme, and concealed amidst the verbiage of his Constitution may not be taken seriously.

"Build up the Army and Navy; build railroads and highways; establish the people on the land." And in that order! Why, with no foreign-power threat, more arms? – unless it be for the support in power of Vargas! And, with the country bankrupt, how? Why railroads, highways? For what *markets*? And for *what*? More people owning, cultivating land is sound: it should come first. There is much in the Constitution which is aimed at strengthening the federal power at the expense of that of the separate States: "the armed forces are permanent *national* institutions, organized on the basis of... faithful obedience to the authority of the President of the Republic... military operations being the province and responsibility of the commanders-in-chief, *freely chosen by him.*" (Italics supplied). The federal government is given wide powers of intervention in the states' internal affairs, even in compelling the passage of prescribed laws, in supplanting the States' government, and in dismembering their territories. Labour is invited to organize; its organizations *may* be "recognized"; strikes and lock-outs are declared illegal.

Vargas is armed by his own Constitution to make his power absolute at will, and, if he will, to make his tenure permanent. Moreover, even without the declaration of those states of "Emergency" and "War" by which the President's personal powers are legally enlarged, the Constitution bestows such normal powers upon the chief executive and his party as to ensure their domination. Brazil is saddled with dictatorship; Vargas is mounted: does that Dictatorship mean fascism?

“The Italian Nation,” writes Mussolini (and “The Italian Nation” as conceived by him must be accepted as the pattern of the fascist state) “is an organism having ends, a life and means superior in power and duration to the single individuals or groups of individuals composing it. It is a moral, political and economic unit which finds its integral realization in the fascist state.” It is the Corporate State, whose Corporations are “the instrument which, under the aegis of the State, carries out the complete organic and Unitarian regulation of production with a view to the expansion of the wealth, political power, and well-being of the... people.” Private enterprise is as essential to fascism as to Capitalistic Democracy. Dictatorship by the state – or by an individual personifying the state – is as essential to fascism as it has been to “Communism” in the U.S.S.R., as it was to the Greek Tyrannies and the Roman Empire, as it is at present for the maintenance in *status quo* of the Latin-American governments. “The complete organic and Unitarian regulation of production,” the *control* of private enterprise, and the control – absolute, repressive, benevolent (as it may be) of labour, is essential and peculiar to fascism. By such purposeful control of the resources, instruments and forces of production and of the lives of the producers, reconciled, somehow, with the maintenance of class divisions, wealth, and special privilege, is fascism to be defined.

If we allow this definition, and turn again to an examination of the Vargas Constitution of 1937 we shall find little that condemns it – or exalts it – as a distinctly fascist instrument. Its restrictions upon organized labour are definitely of fascist inspiration, though its generalizations concerning the State’s responsibility for labour’s welfare are too evasive to be taken seriously. The Constitution is, in fact, chiefly concerned with such repressive measures as may fortify the employer in his exploitation of labour without in any way, except through taxation, making him responsible to the State or, through the State, contributory to the advancement of Brazil. The Constitution is forceful and concise in its definition of Federal (i.e., Presidential) rights, and evasive of responsibility. We look for programme, plan; for – with fascism in mind – an intention, hidden or expressed, to found a true totalitarian State. It isn’t there. Nor in the public utterances of the genial Vargas (and of the nature of these I only judge by the impression they have made upon the public mind) does he appear a fascist. He has, to be sure, accepted the support of the *Integralistas*, a militant fascist minority which, to swell its paltry ranks, paraded its little boys and girls in uniform. But whether the recent decree superficially disbanding the *Integralistas* – and, incidentally, and not superficially, all national political organizations, including labour – be

considered as a sop to public opinion, or as an act of principle – or prudence – Vargas is not – not yet – their instrument.

Nor is Vargas termed a fascist even by the Brazilian liberals and advocates of democracy, or, to my knowledge, by the radicals. That estimate of his character which has been given is the Brazilians' estimate; political adventurer without important following; the fulcrum – so it was expressed to me – of a political see-saw, maintaining his precarious, isolated position by the manipulation of opposing forces. That European fascist influence is active in Brazil is not to be disputed. Yet the reason for this is primarily economic. Brazil wants trade: and trade with fascist nations entails friendliness. Brazil is open to fascist influence, and that influence is the more welcome in that it is consistent with the Church's stand on Spain. Vargas is Dictator: from Mussolini, Hitler, Franco – hands – warm, heartening hands – across the sea.

That fascism is *not* established in Brazil, that it is not even definitely aimed at, must in no degree be attributed to the *principles* of Brazil's Dictator. Politically speaking, Vargas, the opportunist, has none – but to keep in power. Neither the road to power nor, once there, its bulwark – in Brazil, to-day – is fascism. It is not fascism because not the foreign interests in Brazil, nor the Brazilian plantation owners and manufacturers, nor the urban bourgeoisie, want fascism. Not yet.

They want, as I have said, democracy and peace. They want to live in the enjoyment of such civil liberty as is consistent with civilization. The employers want to be free to exploit labour, and free of responsibility for the results of exploitation. Labour wants freedom to organize and strike. The masses want democracy, that through it somehow they may colonize their land, grow prosperous, grow rich, employ and exploit labour. Brazil is undeveloped, immature. It, and its people, are no more ready for fascism than they showed themselves to be, when Prestes struck, for communism. Give them democracy: they want it.

Perhaps the most serious aspect of the situation created by the new Constitution is that a return to democracy or even, lacking the Dictator's willingness, to a change of Dictator, is now virtually impossible in Brazil but by means of revolution. Even the voicing of discontent and the discussion of change are to-day unconstitutional; while such purposeful political organizing by an opposition as is not only legal under a democracy but essential to its life becomes of necessity a plot, to be hatched in secrecy and fear, and born in violence. Those political persecutions which have been the order under Vargas will continue in all their crass injustice and unspeakable barbarity as long as opposition lives

and fear of it endures. The jails are crowded: not the courts. The prisoners aren't charged, aren't tried. They're beaten, tortured for "confessions" – that shall lead to more arrests, more tortures, more arrests; more glory to the nation's guardian. Who cares! They're used to such things in Brazil. They're used to government in which they have small part, to constitutions that are mockeries, to Dictators. That Ewart's wife was hideously and obscenely tortured before the husband's eyes, in fact. Chermont's disclosure of his tortures, before the Brazilian Senate, no one disputes. Such things are hardly news in Rio. "That's the police all over," people say. I think it is.

"How," an American may ask himself, "would our police behave but for our cheeks on them? Our freedom of the press, exposure, prosecution, our La Follette Committee, our Democracy? What *have* and they done despite control – in Puerto Rico, Hoboken, Chicago, Gallup? And while a realization of the actual and potential barbarity of our own police will not mitigate our horror at the greater and more extensive barbarities of the police under Vargas, it will incline us to view the latter as in no degree an expression of an inherent cruelty in the Brazilian nature, nor even of the exceptional cruelty and vindictiveness of Vargas himself. The evil thrives in un-democracy.

The Dictator, in fact, is not a cruel man. He, Vargas, it is said prevented his military aides from executing the leaders of the Prestes revolt. "Vargas," the people say, "will never kill." And while the new Constitution does permit of capital punishment – for the first time in, at least recent, Brazilian history – this is not generally regarded as expressive of his leanings. For the sake of understanding the Brazilian situation, and of properly and seriously fearing what may come of it, let us give the Dictator his due: Vargas, is, personally, widely liked.

The statement of the conservative attorney, Sr.Pinto (quoted early in this report), "The Brazilian people will not tolerate dictatorship," may, in my mind, be taken as expressing Brazil. Yet Vargas rules. Americo, the candidate of the masses, sits, a virtual prisoner, in his little house in the suburbs of Rio. He is an unassuming, gentle, quiet little man and looks out somewhat sadly on a world that to his painfully near-sighted eyes must seem a formless blur. "I fought for the poor," he said to me, "for the people. I wanted democracy: that is all." He spoke as though his life, his world were all within himself. The world must come to him, so he can see it. "When they come to me again," he said, "when they want me, I'll be ready." Until then, gently and quietly, he'll wait. He'd better!

“We are bewildered.” So spoke the leading journalist of Rio; a liberal. Nine days I stayed in Rio, a stranger ignorant of the language, dependent in conversation on the greater culture of my friends and those I interviewed, or on interpreters. I talked freely, often to the great embarrassment of my listeners. I was believed, I think, and trusted. Men talked freely with me – *sotto voce*; I believed them. This report is the record of my impressions and, unfortunately maybe, more than that. I’ve tried to bring some order into my bewilderment. That’s dangerous. Take this report with caution.

“Please,” said Ambassador Aranha as I left him, “write nothing about Brazil that will disturb the friendship between Brazilians and Americans,” I trust I haven’t. Let me go further and attempt to strengthen it. “All the American business men,” said an American business man to me in Rio, “say that Vargas is going to stop his nonsense and play ball.” Good: let’s play ball. With Vargas at the bat, let’s strike him out.

It Happened in Brazil, by Harrison George

GEORGE, Harrison. *It Happened in Brazil*. NY: Joint Committee for the Defense of the Brazilian People, 1936.

The Joint Committee for the Defense of the Brazilian people was formed for the purpose of conducting a campaign for the United States for amnesty for the 17,000 political prisoners now being tortured in the jails of Brazil. These men and women were imprisoned solely because of their participation in the campaign for democratic rights, for national liberation and against the rising tide of fascism. The Joint Committee calls upon individuals, social, cultural, political organizations, churches and trade unions to take the following specific actions:

I – Send resolutions, cables and letters to the Brazilian Chamber of Deputies, The Brazilian Senate, President Vargas at Rio de Janeiro, The Brazilian Ambassador, Oswaldo Aranha at Washington D.C., and the Brazilian Consul in this city, demanding:

- A. That immediate amnesty be granted the 17,000 political prisoners.
- B. That full civil and democratic rights be restored to the Brazilian people.
- C. That all repressive measures against the trade union movement in Brazil immediately cease.
- D. that former Reichstag Deputy, Arthur Ewert and his wife, now in jail in Brazil, be allowed to depart to a country of their own choice.

II – Send resolutions and letters to the state Department at Washington in support of Congressman Marcantonio’s resolution for an investigation of the death of the young American citizen, Victor Allan Barron.

III – Funds and support are immediately and urgently needed for our bulletins, pamphlets, publicity, delegations and other organizational work. We would deeply appreciate any financial assistance. Checks may be made payable and sent to:

Joint Committee for the Defense of the Brazilian People
156 Fifth Avenue (Room 530) – New York City



IT HAPPENED IN BRAZIL

It is eight o’clock in the morning of March 5, 1936. The city of Rio de Janeiro, famed as the most beautiful of all cities of the world, is astir with the tropic dawn. Already the faint coolness that has lingered from the night, is retreating, under fire of the blazing sun, to the refuge of the blue waters of the bay.

Around the gate in the high wall which shuts off the inner yard of the Central Police Headquarters, a crowd gathers. Something has happened. The report reaches the newspaper “Diario da Noite”, that a prisoner has “committed suicide” by leaping from a window on the third floor, a height of at least 45 feet, to the concrete floor of the inner yard of the Police Headquarters. A reporter rushes to the scene.

What the reporter saw, he wrote. What he wrote was published in the fifth edition of his paper that day. It said:

“The corpse *remained there for a long time*, waiting its removal *to the morgue*. The curious who came near were quickly chased away by the police who guarded the corpse. Examination of the body by the police *lasted an enormous time*. When the necessary formalities were finished, *the corpse was carried to the Legal Medical Institute to be*

autopsied. In the morgue, our reporter had the opportunity to examine the cadaver. “A young white man, of weak and skinny appearance, with chestnut hair.”

“The body,” says the reporter – who was considerably impressed by this strange fact – “was delivered to the morgue with an affidavit from the central Police Headquarters. This affidavit said nothing as to the man’s identity. It merely declared he was a prisoner.”

Did not the police know who he was? Certainly, they knew. He was an American citizen whom they had arrested five weeks before, on January 28. Whose arrest they had kept absolutely secret – *except from the American Ambassador, who had also kept it absolutely secret*. Now they sought, by refusing to give his name and identity, to keep even his death secret – so that the American people might not know.

But the secret came out. A dead body must be explained. And, before night, by radio and cable the news went to all parts of the earth, that an American citizen, Victor Allen Barron, had, - according to the Brazilian police – “committed suicide,” very strangely on the dawn of the very day, so they said, that they were “going to” release him to return to the U.S.A.

Among all of the accounts, many conflicting, that poured out of Brazil, one fact stood out clearly: This American youth had not been charged with the violation of any Brazilian law. No indictment had been brought against him. *He had been given no hearing in any court*; brought before no judge. But for five weeks had been held illegally, under Brazilian law, in the clutches of the Brazilian Political Police, notorious for their torture and murder of prisoners. He had been allowed to see no lawyer, to write to no one; had been secretly held and “questioned” – contrary to Brazilian law, *with the consent of the American Ambassador, Hugh Gibson*.

The Rio de Janeiro police merely followed a custom of theirs in declaring that young Barron had “committed suicide by leaping from a window.” The Brazilian manufacturer, Conrad Niemeyer, who some years ago was locked up in this very same Police Headquarters for political opposition, was likewise claimed by the Rio police to have “committed suicide by leaping from a window.” But an investigation public and honest, proved that he was beaten to death by these police, one of whom was “punished” by being forced to resign.

In the United States, protests began at this evidence. For what reason had the American Ambassador assisted the police of a foreign government in the illegal imprisonment and mistreatment of an American citizen?

The boy's mother in California, and his father in New York, at the first incredible account of his supposed "suicide", declared he was murdered and demanded an investigation. They still demand it.

Let us follow the body of this American youth from the Police Headquarters to the morgue where it was autopsied, its identity still unknown, by Dr. Bourguy de Mendonça. The publication, in part, of the autopsy report came only on April 8, in the newspaper "O Jornal" of Rio de Janeiro, in response to weeks of protest. Published to support the suicide theory, this incomplete report nevertheless includes the following astonishing facts (for report see Appendix "A"):

1. Pockets of both coat and trousers turned inside out.
2. No other bones broken than one rib, the first rib (which is just below the collar bone).
3. A great many small wounds and many bruises on all parts of the face, head, trunk, back, arms and legs.
4. A stomach empty and shrunken; intestines filled with gases, liver anemic.
5. Death occurred from internal hemorrhage from rupture of the left lung and multiple rupture of left kidney.

The wounds and bruises, said the reporter, basing himself on the medical report, may have been inflicted as much as twelve hours before the autopsy.

More than setting down what he found, the Brazilian doctor would make no statement as to whether the condition of young Barron's body verified or contradicted the story of the police. But when his report reached the United States, the Joint Committee for the Defense of the Brazilian People presented translations of the report to pathologists in this country. These experts could not see in it confirmation of the theory that Barron's death was caused by a fall from such a height. On the contrary they declared:

1. That it was virtually impossible for anybody, dead or alive, to have fallen three floors, without suffering more broken bones than one rib. And that the rib said to be broken, the first rib under the collar bone, being shortest of all and well protected, might be broken by a direct blow of force, but hardly by such great a fall.
2. That the multitude of small bruises and wounds all over the body suggest definitely that the man was tortured shortly before death; that certainly a fall would not produce them.

3. That the condition of stomach, liver and intestines show a period of starvation.
4. That the rupture of the *left* lung might be caused by the fractured first rib if it were the *left* first rib (the autopsy does not say whether right or left); but this cannot account for the ruptured left kidney. That ruptured kidneys are almost caused by direct violence, as by blows to small of the back. That the absence of a large bruise in that region, as from a fall before death, and the presence of small bruises on *both sides* of the small of the back, suggest beating or being stamped upon.
5. Finally, that the autopsy report “definitely tends to substantiate the contention that Victor Allen Barron was tortured to death, and tends to disprove the police story that the man committed suicide by jumping from a third floor window while still alive.”

Yet over the signature of U.S. Consul Harold B. Minor the American State Department submitted to the boy’s mother a Consular Report dated at Rio de Janeiro on March 9, which evasively supports the police story, which contradicts the account of the newspaper reporter and which distorts the medical autopsy.

1. “*According to local police authorities,*” says Consul Minor, “death resulted from a suicidal jump from the third floor of the Central Police station.” Does Consul Minor accept the police story? If he does not, why pass it on to the mother as the truth? In the face of a storm of protest, Consul Minor makes no investigation!
2. Consul Minor says that death occurred at “8:15 A.M.” and in the Central Municipal Emergency Hospital. This obviously supports the police story that Victor Barron was alive while lying on the police station yard, that he was taken to a hospital and there died. Police reports state that the boy jumped at 8:00 A.M. But the reporter, an eye-witness, states emphatically and clearly that the corpse remained a long time on the pavement. And American doctors declare that death from injuries to lung and kidney indicated in the autopsy would not have occurred until 10 or 12 hours after the injuries were sustained.

In response to a resolution (H.R.453) introduced by the Republican Congressman, Vito Marcantonio, demanding an inquiry by the State Department of the actions of

Ambassador Gibson, Secretary of State Cordell Hull placed himself on the side of the Brazilian police, in an evasive and vague statement dated March 25. Hull's statement conceals the fact that not only Ambassador Gibson, but his own Washington office were aware of Barron's arrest and by keeping it secret for five weeks aided the Brazilian police in their attempt to wrest information from Barron, by torture. At the same time, Hull's agents in America were vainly seeking for some evidence against Barron, evidence which could not be obtained in Brazil.

As against Hull's statement that Ambassador Gibson had "interested himself" only to "establish Barron's identity" stands the fact that Barron had registered as an American citizen at the Rio consulate the previous August. Further, Hull's agents had verified the youth's citizenship from his mother in California a month before his murder. Hull says that Gibson had tried to have Barron "released", had "done everything he could" to prevent Barron from being "third-degreed": but the boy was not released. He was killed by torture inflicted within a few hours, at most, of the time when "a representative of the American Embassy" was present with him at police headquarters, according to Hull's own statement.

As these facts slowly become known in the United States, Congressman Marcantonio introduced another resolution demanding an investigation, as Hull's statement had defeated the first attempt in the House Foreign Affairs Committee. But the damning evidence was piling up against both the State Department and the Brazilian police, and – to strangle any inquiry, said Rep. Marcantonio at a mass meeting in New York on May 14, "Secretary Hull is using pressure to prevent an investigation."

Well may the reader marvel at this astonishing, not to say criminal complicity of American government officials with fascistic torturers and murderers of an American citizen abroad!

The answer lies in the relations between the present government of Brazil and American commercial and financial capital. In the World war, tens of thousands of American boys perished to make safe Morgan's \$3,000,000,000 loans to the Allied powers. In essence they were murdered for Morgan. Likewise, Victor Allen Barron was murdered to guarantee the safety of American investments and American trade with the vast prize of imperialism that in (sic) known as BRAZIL!

* * * *

WHAT IS BRAZIL?

Larger than our own United States, eighteen times larger than France; Brazil sprawls its hugeness over the South American continent, down under the Equator. From its vast and steaming jungles of the Amazon River, lying nearly flat beneath the equatorial sun, to the pleasing green draped mountains of the southern coast, a land both beautiful and terrible.

Here is a broad and mighty land containing bountiful mineral deposits, fertile uplands, tremendous untapped resources of water power. It produces coffee, cotton, rubber, sugar, cacao, iron for the world market. With its natural riches and its extraordinary potentialities of production, its 47,000,000 people, endowed as they are with genius and energy, might enjoy, each and all, a life abundant and free. They might, but – alas! they do not! On the contrary, the big majority barely exist in misery and virtual slavery. Not long ago, when a man of conscience, Belisario Penna, was Director of Public Health, he wrote:

“Thirty million human beings without any earthly possessions are dying slowly in Brazil from hunger, syphilis and malarial diseases.”

What has cast this hideous cloud of misery, pestilence and horror upon this land, blessed with a richness and beauty beyond almost any others of this earth? The answer is – IMPERIALISM!

The peaceful native Indians who, centuries ago, welcomed the first ships from Portugal, were enslaved by the Portuguese, and when they resisted, they were slaughtered like animals. Then Negro slaves were imported from Africa; they rebelled repeatedly, but were freed finally only in 1888. The next year, 1889, Brazil, until then a monarchy, became – in name at least – a republic.

During the nineteenth century the British capitalists, strongly backed as usual by their Foreign Office, had succeeded in establishing themselves in Brazil as bankers, traders and investors. Capitalists of other lands followed the lead of the British, so that key positions in the economy of every Brazilian state fell under foreign control. The presidents and big politicians of Brazil were, and are yet, mere servants of powerful foreign bankers and business men. They serve the foreign masters and, in their turn, brutally exploit and oppress their own people, maintaining on the land a semi-feudal rule akin to that of the barons of the Middle Ages.

After the World War, Wall Street began a fight, which still continues, to wrest dominance from Great Britain. American investments shot up from \$50,000,000 in 1913, to \$557,000,000 in 1930. And 1930 marked a sharp gain in Wall Street’s influence. In that

year a military coup vested dictatorial power in Getulio Vargas, who still sits in the President's palace at Rio de Janeiro.

American trade, too, has fiercely driven out the British; it increased 103% between 1913 and 1927. American goods imported by Brazil in 1932 exceeded the British by half. The struggle however, continues; Brazil is the victim of rapacious imperialists contending for control.

Gas, water, and electric light and power plants, railways, street car and autobus lines, telephone systems, moving picture houses, and factories of all kinds belong to foreign corporations, mainly to those which trace back through stocks and bonds to Morgan. Tremendous plantations of coffee are owned by British bankers who never see Brazil. Wall Street corporations buy up the coffee and squeeze huge profits on the one billion pounds that they send each year to the United States alone. Only the bribed agents of those foreign robbers, and a handful of rich Brazilians, escape misery.

Gigantic cattle ranches and huge packing plants belong to Armour & Co., of Chicago. Rich gold mines are held by the British, manganese mines by the U.S. Steel Corporation. Deep in the steaming jungles of the Amazon, Henry Ford, the despot of Detroit, holds an empire of rubber plantations with 3,700,000 acres. There, Ford is the government quite openly. Brazilian laws do not apply. There Ford has his own army, and his plantation bosses rule, with whip and gun, thousands of Indians and Negroes who get – at the very highest wage – 12 cents per day, which they must spend in company stores!

* * * *

But the Brazilian people have not quietly consented to the ruin and looting of their country. The soldiery, which comes from the peasantry, and the lower officers, from the pinched middle classes, have increasingly acted in concert with the toiling masses to attempt to throw off the rule of native traitors who sell out the country to imperialism.

The historic beginning was on July 5, 1922, when rebellious soldiers and military cadets turned the guns of Copacabana Fortress upon the government buildings at Rio de Janeiro. Desperate, brief and bloody was the battle. Surrounded by thousands, 18 heroic patriots stepped out from among their comrades, pinned upon their breasts the flag of their country and, refusing to surrender, rushed forth to death before the pitiless machine gun fire of a government which was treasonable to the Brazilian people.

Never since Copacabana have the people of Brazil been the same. Successive waves of revolt have testified to the determination of the Brazilian people to win their national independence.

After Copacabana, a youthful military cadet, *Luis Carlos Prestes*, suspected of participation, was sent from the capital to a small city in southern Brazil, in the state of Rio Grande do Sul.

Came July 1924, and again revolt. This time in the southern state of Sao Paulo, where the people joined with the troops in battle against the rule of President Bernardes, then in power in Rio de Janeiro. For three weeks the city of Sao Paulo, with close to a million inhabitants, was held by the rebels. But ruthless and bloody tyranny again forced surrender, and with artillery threatening the unarmed people, the rebel commander gave up.

But, at his post in Rio Grande do Sul, Luis Carlos Prestes, who was in command, had with his soldiers taken sides with the people, and, crying out “We cannot let the fire of revolution be quenched!” he began a campaign of over two year’s resistance that stands peerless in military strategy and daring.

The famous “Prestes Column”, a few hundreds that swelled to thousands, marched, aided by peasants and workers, back and forth across the vast distances of the whole nation, from South to North, from East to West, winding through terrible jungle, swamps, deserts, and trackless mountains, always with overwhelming forces of government troops against them, which Prestes defeated or evaded. Hailed as a Liberator by peasants whose tax lists and debt books he burned, his was a ghostly army that struck terror to the rich!

Fifteen thousand miles! Imagine a commander who, against similar obstacles of nature and with troops ten to one against him, might march his men five times across the United States from the Atlantic to the Pacific coast! Only after two years, and when it was no longer possible to continue, did he lead his men to safety in exile across the border of Bolivia. Small wonder that the people of Brazil idolize Luis Carlos Prestes! Small wonder that they call him “Cavalliero da Esperança” their “Knight of Hope.”

1930. Elections were held. Against the then president, Washington Luis (who had favored the British and was allied with British coffee kings of the state of Sao Paulo), one Getulio Vargas ran for the presidency. He, Vargas, took up the slogan for a free Brazil, for democratic rights for the people, against imperialistic oppression – slogans that had made Luis Carlos Prestes beloved by the wide masses. Vargas’s party was called the “Liberal Alliance”.

But Washington Luis was too firmly entrenched. Vargas was denounced as a “Bolshevik”, called as “agent from Moscow” because he used words that stirred again the hopes of the people. The political police, getting their pay and their instructions from Washington Luis, framed charges against Vargas and his leading aide, Oswaldo Aranha. And – Vargas lost the election.

But, Vargas had powerful friends. The big cattle men in the State of Rio Grande do Sul were on his side. These ranchers, and men from the United States who were whispered about as agents of the Wall Street banks which financed them, were involved with Vargas and his clique and with high officers of the army, in a series of secret plots. In October 1930 the militarists and imperialists behind Vargas in a sudden blow seized the presidency by force of arms, ousting Washington Luis. Interviewed by newspaper reporters immediately after the coup, Vargas declared, “I am the dictator of Brazil.”

Many had supported Vargas because they believed him when he promised them rights as human beings and citizens, because they believed him when he said that Prestes supported him. This was a lie. Prestes did not support Vargas, but abroad in exile he learned of the lie too late to deny it. Yet a few days later came his message to the people, who had been deceived by Vargas. And Prestes said, “At a moment when one dictatorship has been replaced by another, still worse, still bloodier dictatorship, I declare myself once again ready for unswerving struggle in common with the broad working masses of Brazil.”

In vain did Vargas try to bribe Prestes with offers to make of him Minister of War. This modest lieutenant whose military genius had amazed the world, refused. Not only refused, but bitterly attacked Vargas as a national traitor, who was a worse tyrant than the one he had overthrown. Vargas violated his promises, oppressed the people, and right and left sold out the riches of the nation to the Imperialists, especially to Wall Street.

So angry were the people at being deceived, that the group of Imperialists who had backed Washington Luis thought to profit by the general opposition to Vargas and in 1932 tried to overthrow him. A regular war broke out between the state of Sao Paulo, in which British influence was especially strong, and the central government headed by Vargas. Only by heavy financial support from the Wall Street banks, did Vargas manage to retain power.

The revolt of Sao Paulo enjoyed a large measure of popular support but at its close the Brazilian people saw that while thousands of their countrymen had died, misery remained. In fact it was deepening. The prices of coffee and other Brazilian export products were falling disastrously on the world market, an unusually heavy drought devastated Ceara

and other northern provinces, and the foreign imperialists were tightening their grip. In defense of their very lives the Brazilian workers organized. Powerful trade unions were built up, adding to the number of such unions which had survived the periods of civil war.

Vargas had established a Ministry of Labor with the duty of sponsoring new, “safe” unions, and so emasculating the trade union movement. It was the same tactic that employers in the United States use when they set up company unions. But in certain industries, notably on the railroads, the workers converted the government unions into genuine collective bargaining agencies, and elsewhere independent unions functioned in spite of all efforts to suppress them. Vargas perceived that, alone, and by legal means he was too weak to crush the trade union movement.

In 1933 a fascist organization was formed in Brazil. Headed by a scoundrel named Plinio Salgado and financed in great measure by Matarazzo, rich Italian-Brazilian owner of 85 factories, this organization took the name of Integralists, and adopted as its symbol the sigma, sign of integration. Its practical program included murder of anti-fascist leaders and violence against trade unions and working class political parties. From the beginning it enjoyed the full protection of the government.

In the summer of 1934 began a wave of strikes that continued unto 1935. Strikes for the eight-hour day – already guaranteed by a law which, however, Vargas would not enforce. Strikes for higher wages. The police and the fascists worked together to crush all strikes. Open battles occurred on the streets, the police always helping the fascists, torturing and murdering trade union leaders whom they held under arrest. Thus was murdered the longshoremen’s union leader, Alexander Herculaneo, in the city of Santos.

VARGAS NEGOTIATES A TREATY WITH WALL STREET

In January 1935 negotiations began for a new trade treaty with the United States. Not for nothing had Wall Street helped Vargas. This treaty was not something routine, but most unusual. In the Chamber of Deputies it was called “monstrous”. It grants American imperialists such favors as were never before known. Whole sections of Brazilian industry held by small native capital are ruined by free admission of American goods and thousands of workers are added to the unemployed.

So far does this treaty go, that it not only violates Brazilian law, which limits such treaties to the “most favored nation” clause; but its final signing had to be accompanied by a canceling of trade treaties with forty countries. The masses were infuriated, and that same

month of January 1935, was organized a great fighting front of the people, called the *National Liberation Alliance*.

The Alliance led the masses in enormous demonstrations of protest against the proposed Trade Treaty. The Alliance was composed of trade unions, the “Tenientistas” (lower army officers), the Worker’s Party (which is affiliated with the Labor and Socialist International), the Socialist Party, the Communist Party, and many organizations of professional people, students and elements from all classes.

A great cry went up for Prestes to lead the National Liberation Alliance. His letter of acceptance, read while thousands bared their heads to listen to the words of their national idol, stated simply: “I join the Alliance in order that, in its ranks, shoulder to shoulder with all who have not sold themselves to imperialism, I may fight for the national liberation of Brazil, for the abolition of feudal conditions, for the defense of democratic rights of the Brazilian people who are menaced by fascist barbarism.”

The program of the National Liberation Alliance was simple and direct: - 1) Disbandment of the fascist armed bands of the Integralists; 2) Nationalization of foreign-owned enterprises, banks, etc.; 3) The Eight-Hour-Day, with one day of rest in seven; 4) Equal pay for men and women doing the same work; 5) A minimum wage law; 6) Unemployment insurance and old age pensions; 7) People’s committees to see that social laws are enforced.

Even the government trade unions, organized by the Minister of Labor, joined the Alliance; likewise did sections of the Catholic Church; likewise a high army general, Miguel Costa. The masses surged forward. They protested against the proposed Trade Treaty with America. They demonstrated, demanding enforcement of labor laws in imperialist-owned factories.

The trade unions, grown powerful but threatened by fascism, consolidated their forces. Later in April they united in one organization: *The United Trade Union Confederation of Brazil*. Included were 42 unions of the Proletarian Federation of Rio Grande do Sul; that of Pernambuco with 45 unions; the Federation of the State of Rio with 29 unions; of Minas Geraes with 28 unions; the Coalition Paulista of the highly industrialized state of Sao Paulo with 27 unions; the Federation of Railway Unions with 13 powerful organizations; the Bank Employees; the Typographical Union; the Association of Commercial Employees with 25,000 members. In all, the Confederation had 500,000 members. It endorsed the National Liberation Alliance.

A Vargas controlled convention had adopted in 1934 a new constitution containing some liberal provisions, notably guarantees of civil liberties and promises of social legislation, also “nationalization of the deposit banks”. But in April 1935, the federal legislature adopted at Vargas’s demand a so-called National Security Act, which robbed from the people the liberties granted them on paper by the Constitution. Vargas promptly made use of the new law, which the workers had dubbed the “Monstrous Law,” to outlaw in July both the National Liberation Alliance and the Trade Union Confederation, and to curb severely the workers’ right of organization. At the same time the fascists were encouraged and allowed to hold a Congress. The police terror intensified. The student leader, Tobias Warchawski, arrested while speaking at a meeting in Rio de Janeiro, was found dead a few days later. The police invented the absurd story that he was “killed by the Communists”.

Vargas feared the spread of Alliance support within the army which he meant to use against the people. He began a Hitler “purge”, jailing some, transferring others, and threatening all with punishment, including death. Those arrested began to disappear, only to be found dead. The fascists were turned loose with unofficial permission to beat and murder, aided by the police.

Provoked beyond endurance by the attempt of the government to drown in blood a railroad strike in the Northeast, workers and soldiers revolted on November 24, 1935. They were quickly supported by a revolt of part of the garrison at Rio de Janeiro. For this Vargas had plotted and prepared. Against it he unchained such savage terror that the human conscience stands appalled. Two cruisers were ordered to Recife and Natal to bombard those defenseless cities. More than 100 men, women and children were killed by airplane bombs dropped upon Jaboatao, in the State of Pernambuco. In the residential section of Rio de Janeiro, the barracks of the Third Infantry Regiment were surrounded, set afire, pounded by artillery, and charged in attack with fixed bayonets.

By Vargas decree, and in violation of the Constitution which expressly forbids martial law “except in case of war with a foreign power”, martial law and a state of siege were declared. In December this was changed to a “state of war” which, renewed in March, is maintained to this day (June 1936). And, under this rule of terror and blood, hundreds have been killed and 17,000 people have been thrown into prisons. Not only the rebel soldiers, but thousands of trade unionists, university professors, eminent scientists, lawyers, hundreds of doctors, students, army officers – including General Miguel Costa.

Against all these people, Vargas and his police dogs raise one single accusation: “Communists!” Absurd though it is, all are called “Communists”, and Vargas, together with the fascist Integralists, pose before the world as the defenders of Brazil against Bolshevism! To sustain this charge, a “Moscow agent” had to be produced. Thus a Communist refugee from Hitler Germany, Aruthur (sic) Ewert, and his wife, were jailed, and “documents” invented, to prove that these were “Moscow agents”.

They were inhumanly tortured. Both were beaten and burned with cigarettes and electric wires. In affidavit Mrs. Ewert tells how she was taken before her helpless husband, stripped naked by orders from Felinto Mueller, Chief of Police of Rio de Janeiro, and beaten with belts, her breasts twisted until she fainted, revived with water to repeat this barbarous torture!

A young officer of the rebellious troops, Captain Augusto Medeiros, held by the police, was found dead from 23 wounds of different sizes shortly after an auto, from which a man cried for help, sped through a park, the Praça Saenz Pena, in Rio de Janeiro. As the auto rushed past those who tried to stop it, a man in the car who was struggling to silence the other, lost a hat. On the hat was the sigma of the fascist Integralists, the “Green Shirts”. Yet the police claim that Captain Medeiros was “killed by Communists.”

* * * *

WHY THE U.S. STATE DEPARTMENT DEFENDS THE BRAZILIAN FASCIST MURDERERS OF AN AMERICAN CITIZEN

Although the American-Brazilian “trade treaty” negotiations had begun in January 1935, President Vargas, who illegally barred even members of his own cabinet from the negotiations which he, alone, carried on, dared not – because of the tremendous protests – sign this enslaving treaty until after he had crushed the November uprising and drowned in blood the protest movement of the people. Thus, Vargas signed this treaty only on December 2 – just following his illegal declaration of martial law and the imprisonment of thousands.

“The government goes beyond the laws,” said Daniel de Carvalho in the Chamber of Deputies of Brazil during the “negotiations” (see *Economista* for October 1935). “The treaty is being negotiated without the knowledge and approval of interested parties such as the Ministers of Agriculture and of labor. Neither of the specialized technical bodies, the Board of Customs Revenue nor the Superior Council of Tariffs, has been consulted. The protest of the Brazilian population is general. In the press, in the parliament, resounds the

echo of this great movement for the rejection of the treaty. This treaty has been negotiated secretly. This treaty, by reducing the customs tariff on 107 items of American goods, means a death threat to Brazilian industries which also affect millions of workers and peasants.”

But, by the fascist terror Vargas set raging against the people, Wall Street and Secretary Hull won this trade treaty with Brazil. By this treaty, American imperialism is given a rich monopoly in the foreign commerce with Brazil. And – to Vargas, the fascist-feudal tyrant who presented Wall Street with this imperialist prize, Secretary Hull of the American State Department is *not* going to send any ultimatum that the police who tortured and murdered an American boy, be punished! Vargas might revoke the treaty and give his favors to the British!

* * * *

THERE ARE BRAVE MEN IN BRAZIL

March 2, 1936, three days before young Barron’s murder. Martial law and terror rule Brazil. The prisons are crowded with not only those actually participating in the uprising of November last, but thousands only “suspected”. Day and night fresh arrests are being made. Troops and police surround whole districts and search each house.

But there are brave men in Brazil. In the Federal Senate a distinguished appearing man arises, Senator Abel Chermont from the State of Para. He addresses the Senate, and in burning words attacks martial law and police terror. In part he says:

‘The police have savagely beaten a great number of persons who have fallen into their hands, those who are accused of political crimes. But the barbarity used does not end with tortures and beatings... Captain Medeiros, after arrest by the police, has been found dead... in the same place where, some time ago, was also found dead the unfortunate student, Tobias Warchawski, a few days previously arrested by the police.

“As happened in the Warchawski case, the police declare that Captain Medeiros has been killed by his followers. But there are witnesses that Captain Medeiros tried to write a letter saying that he was sure the police would assassinate him. Two assassinations under the martial law, for which assassinations I accuse the police.”

Senator Chermont asked for a commission of investigation. Four days later, he dared go before a court and ask a habeas corpus writ for the German Arthur Ewert and wife. On March 21, the Investigation Commission was to report to the senate. But on that day no report was made, because fascist “Integralists”, armed with daggers, invaded the Senate and by shouted threats forced the session to adjourn.

The next day, Abel Chermont, and with him four members of the (lower house) Chamber of Deputies, were arrested – in spite of their right of parliamentary immunity under the Constitution – and are still in the clutches of the police whom Senator Chermont accused of murder. Among the arrested Deputies are Octavia da Silveira, who has also protested to President Vargas against murders by the police, and Daniel de Carvalho, who had objected to the trade treaty with American imperialism.

But, a heavier blow than this had fallen upon the cause of national liberation. For, on the very day that Barron was murdered, the man most loved by all Brazil, the hero of the masses and President of the National Liberation Alliance, *Luis Carlos Prestes*, was captured by the police. Indeed, the police, to cover up their murder, say that Barron “betrayed Prestes, then killed himself in remorse,” but no one in Brazil believes this story. Prestes had been hunted for months; at last he was taken and the workers and peasants of Brazil, bereft of their leader, bent with fierce determination to their heavier task, to save both Prestes and the cause of national liberation. When they heard of his arrest the salt workers of Mossoro, in magnificent defiance, opened their salt vats to the waters of the ocean, thereby running a considerable portion of this year’s harvest in desperate demonstration for Prestes’ release.

Hunger is a hard master. And in Brazil hunger drives the masses to desperate action. Precisely because the people revolt against hunger, while imperialist profits grow fatter, does Dictator Vargas find terror increasingly ineffective. Taking 1912 prices as the norm – in 1935 the cost of clothing had risen nearly five times, rents had increased two and one-half times, food nearly as much; and electricity for light cost 84% more than in 1912, this last item being payable direct to Morgan’s Electric Bond & Share Corporation.

In whole regions of Northeast Brazil, the peasants, unable to buy clothes and having long ago worn out what rags they once had, are frequently found going entirely naked, and for food are living only upon wild roots and edible leaves of the forests. To buy such common food as beans and lard is beyond them, as the first has increased 120% in price and the latter 54% in the last year alone. Here and their revolts break out in the vast interior.

But the trade unions of the outlawed United Trade Union Confederation, with their half million members, have been one of the strongest centers of resistance, legally subjected to dissolution at any time, according to the National Security Act of April, 1935, they continued wherever possible to struggle for labor’s interests. Against them the government acted with physical violence in April 1936. According to a dispatch during that

month in the *New York Times*: - "All labor unions have been asked to furnish to the Brazilian Labor Department complete lists of their active and inactive members. Special inspectors (police) have been ordered to weed out Red suspects, and even to cancel the union charters when the procedure is deemed advisable."

The Seamen's Union has, already been dissolved when its charter was revoked on March 31, 1936, and its offices closed by the police. On April 15th, the Bank Worker's Union was compelled to expel 22 members as a result of information against them by the "social police", given to the Ministry of Labor. The day previous, the Minister of Labor "authorized the discharge" from their jobs of 25 workers in eight different banks in Rio de Janeiro.

In the city of Santos, the "social police" applied on April 15 to the Minister lo Labor for the dissolution and closing of the Painters' Union, the Hotel and Restaurant Employees' Union, the Construction Workers' Union, and others. In the city of Sao Paulo, the Union of Light and Power Employees, employed in a Morgan-controlled enterprise, has been closed by the police.

Against militant labor the heaviest blows are directed. But there are hundreds of thousands of students, soldiers, professionals and the most distinguished sons of Brazil seized and held without charge, without hearing, but in vile jails under brutal and murderous guards. In the month of April 1936, there have been two known "disappearances" of prisoners, a woman, Elvira Capello Fernandes, wife of the Secretary of the Communist Party of Brazil, held by the police, has "disappeared". Rodolfo Ghiodo, an Argentine labor leader and Communist theoretician who was arrested months ago when he came legally and openly to Brazil to bear a message of solidarity from the Argentine workers to the Brazilian workers, "disappeared" from the Rio jail about April 23.

Sharing imprisonment with Prestes, the national idol, are Brazil's most illustrious men of science, art and education. Outstanding among them are such figures as that of Dr. Pedro da Cunha, Professor of the Medical Faculty of the Rio University and President of the Socialist Party of Brazil. Dr. Cunha, now aged, came from a poor family, working his way through schools and college, attaining the highest honors in his profession, yet always remembering his humble origin and devoting himself to organizing and helping the Socialist Party. Now, aged and worn, Dr. Pedro da Cunha is imprisoned and his life is in danger.

One might go on naming hundreds of people of distinction who are victims of the terror. In prison also are Dr. Frederico Carpenter, a jurist and professor of the Law Faculty; Hermes Lima, journalist and also of the Law Faculty; Dr. David Rabello, dean of the Law School in Rio University, 70 years old, very ill in prison and denied medical care. Dr. Leonidas de Rezende, also of the Rio Law School is in prison.

Alencar Piedade, President of the Liberation Union is in prison, Caio Prado Junior, intellectual and capitalist of Sao Paulo; Francisco Mangabeira; Gilberto Freyre, distinguished anthropologist, who has traveled, studied and lectured in the United States, Carlos Lacerda, writer, Herculino Cascardo, former governor of the State of Rio Grande do Norte; Dr. Joao Mangabeira, member of the Chamber of Deputies and Secretary of the National Liberation Alliance; Dr. Lineu de Paula Machado, President of the aristocratic Jockey Club of Rio; H. de Almeida, editor of the official government paper *A Republica*; Alfonso Sergio Ferreira, President of the Bankers' Association; the Catholic priest, Father Manuel Nascimento de Oliveira; the poet Barreto Solvino; the woman lawyer, Maria Warnek; the woman intellectual and educator, Armanda Alvano Alberto; the actress Carmen Santos; the former President of the Board of Directors of the Central Bank of Brazil, Vicente Garcia. Besides these, there are large numbers of army officers of high rank, including Brigadier General Miguel Costa and Colonel Felipe Moreira Lima.

Each and all of these famous and illustrious men and women, aged professors, capitalists, bankers, army generals and Catholic priests who share imprisonment with Luis Carlos Prestes, the feudal-fascist dictator Vargas loudly denounces to the world as "Communists!" the whole movement of millions, led by the National Liberation Alliance, is labeled "COMMUNIST!" A ridiculous lie!

Though the Communists support this vast movement and have given their best leaders to its sacrifices, the Alliance itself and the great movement centering around it, is but a struggle against imperialism for national liberation and an anti-fascist fight for democratic rights.

These "subversive elements" are men and women from all walks of life who, with noble conscience, raised their voices in desperate protest against Vargas, the national traitor. They oppose Vargas because he, in the presidency of the nation, sells their beautiful land to the highest imperialist bidder and destroys the liberties of the people with fascist barbarism to enforce delivery to Wall Street and London of a nation of slaves! These are

people who but repeat the words of our own Patrick Henry, “Give me Liberty or give me Death!”

Aping exactly their Nazi teachers of Hitler Germany, the fascist Integralists, encouraged and aided by Vargas, are beginning to massacre Jews. At the city of Jacutinga, State of Minas Geraes, an Integralist meeting was incited to make attacks upon Jews, and one Jew, Chafik Farah, was especially named. Going directly from the meeting, a group of Integralist “Green Shirts” went to Chafik Farah’s home, wounded him and killed two other Jews. In a letter to the *Diario da Noite* of April 3, Chafik Farah hotly denies the charge that he is “a Communist”, and ends by saying, “There is nothing new about this procedure of attempting to accuse all who have not adopted the sign of Integralism of being Communists. It is an old tactic. I am not a Communist. I do not hold Communist ideas. I am a Liberal Democrat; and in Liberal Democracy, so disparaged by the Integralists, I will continue.”

The people of Brazil, despite the terror that threatens every home and that has filled the prisons with victims, are struggling bravely against the cruel dictatorship of Getulio Vargas. That is the reason why Vargas continues, illegally to maintain martial law. But, theses heroic people deserve the help of the American people, who must wipe out the shame of American imperialism, the master of Vargas.

In a letter from a Brazilian student, dated March 20, is the touching appeal:

‘Assure the American people of our gratitude for their support in the liberation of our people. We appeal for support from the American people in the struggle to obtain justice against the murderers of Tobias Warchawski, Captain Medeiros and Victor Barron. Concerning the latter, it is the general opinion that he was assassinated by the police, and especially accused in that case are Serafim Braga, a lieutenant assistant to the Chief of Police, and Detective Alencar.’

The broken body of Victor Allen Barron cries out to you to prevent American imperialism from imposing fascism upon the Brazilian people. You who read these lines can help break the alliance of Wall Street and Brazilian fascism by insistent demand upon your Congressman for an investigation by a Congressional Committee (outside the control of the State Department) of the role of Ambassador Gibson and the State Department in the imprisonment and murder of Victor Barron.

Remember that our government’s aid to fascism in Brazil – in support of Wall Street – is connected with and is an integral part of the policy of our government here in the

United States, the policy of surrendering to the increasing fascist tendencies of Wall Street. And Americans cannot remain indifferent to the former, if they would protest against the latter.

There is a fierce struggle of all Latin American peoples going on to prevent the victory of fascist barbarism. The influence of American imperialism upon such governmental puppets of Wall Street, as Getulio Vargas, plays an important role as to which force, fascism or anti-fascism, will win.

American imperialist diplomacy will exert, and even now is exerting its utmost effort to extend its influence through the Pan-American Peace Conference, scheduled to be held at Buenos Aires the coming winter. The American people have the duty of giving all aid to the anti-fascist movement of Latin American peoples by demanding that Washington categorically cease giving aid to fascism in Latin America, by insisting that it aid, instead, the democratic anti-fascist, movement of the popular masses.

The Brazilian people ask our help in their present heroic struggle for democratic rights and national independence. They ask our trade unionists to come to the aid of the Brazilian unions now facing annihilation. They ask us to maintain throughout the Americas the workers' right to organize. Can we fail them?

We should protest, in every way, to the Brazilian government, its Washington Embassy and local consulates. We should demand the immediate release of Luis Carlos Prestes, amnesty for all political prisoners, an end of the state of "war" and reestablishment of the democratic rights supposedly "guaranteed" in Brazil's Constitution. We should fight fascism in our own hemisphere by lending our full strength to the peoples' anti-fascist front in the land where, of all Western lands, the struggle is the sharpest. We should call upon all liberty-loving Americans to support the National Liberation Alliance and its heroes, now threatened with death in the dungeons and prison camps of Brazil.

IT DID HAPPEN IN BRAZIL, by *Jerome Davis*.

DAVIS, Jerome. "It Did Happen in Brazil". *The New Republic*, Feb. 9, 1938, pp.10-12.

Great efforts have lately been made to make the Vargas dictatorship in Brazil smell a little sweeter in American nostrils. Mr. Vargas himself, and spokesmen for him, are insisting that his regime has nothing to do with fascism, and certainly nothing to do with

any European variety. Some American publicists have been singing the same song. What are the facts?

On the basis of a visit to Brazil from which I returned a short time ago, it is my judgment that that country has a South American brand of fascism which is in danger of setting the trend in the Southern Hemisphere. Brazil is larger than the United States, excluding Alaska, is fifty-six times the size of England, and covers three-sevenths of the entire area of the continent. A fascist South America in alliance with Germany and Italy might prove a genuine threat to the United States in more ways than one. Already interest payments on Brazilian bonds have been stopped and financial difficulties are growing. Even now Berlin is broadcasting in Portuguese for Brazil nightly.

To understand the present situation, a few background facts are essential. Brazil is an undeveloped country with some forty-eight million inhabitants, including a million and a half Indians, half a million Germans, over a million Italians and a large number of the descendants of African slaves. Virtually no racial discrimination exists. Since the Negroes marry freely with the Portuguese, almost everyone is of mixed blood.

The population may be divided roughly into the 7 percent who compose the propertied and middle classes and the 93 percent who are poverty-stricken and exploited. About 80 percent are engaged in agriculture; most of them living near the starvation level. Huge areas are controlled by landlords and foreign imperialists. Strikes and revolts are numerous. In the wilder areas of the northeastern states outlaw bands are now operating.

Since the monarchy was overthrown in 1889, dictator has followed dictator in establishing *paper* democratic, constitutional forms of government. Getulio Vargas is the latest to seize the power. His life is revealing. He was born April 19, 1882, in Sao Borja, on the frontiers of the Rio Grande do Sul, which separates Argentina from Brazil. His father was a general and a prominent party leader. Vargas attended a private school until he entered the military academy. He took part in a student movement against the commandant in his third year at school, for which he was expelled. He enlisted as a common soldier, but was unwilling to endure a soldier's life, so he turned to the study of law and began the publication of a periodical, *Debate*. After this he was elected to the legislature and before long to the presidency of the state of Rio Grande do Sul.

During his term of office he proved to be a shrewd administrator. In 1930 he became a candidate for the national presidency, but the National Congress declared his opponent elected. Vargas insisted the election was fraudulent and seized the power. In 1932

there was a liberal revolt against him. While Vargas won, he was forced to make a good many liberal concessions, among them laws covering minimum wages, maximum hours and a regime of economy in the national finances.

A new constitution was adopted on July 15, 1934, which provided among other things that no president could succeed himself. But desire for power is a universal political pattern whether under democracy, fascism or communism. Vargas, early in 1937, determined to continue his regime regardless of the Constitution. Vargas' newest Minister of Justice, Mr. Campos, told me that it was himself who wrote the first draft of the new Constitution in two weeks, last May. This means that the *coup d'état* must have been planned by that time, if not before. Campos is frank to admit that the Constitution sets up a dictatorship but, he says, "Previous constitutions were only for 'framing' and not for use. Now we are only being 'honest.'" As Earnest Hamblock, the former Commercial Secretary to the British Embassy, says, the present government has "not even the semblance of being constitutionally established, or even expressing the will of the nation." Certainly the new Constitution gives complete autocratic power to the President. He can declare a state of war at any time and, once this has been proclaimed, can do away with any or all of the existing constitutional guarantees.

The President, even without war, controls the legislature. No law can be introduced except by one-third of the deputies. No bill can become law over the President's veto except by a two-thirds majority. But since the President names one-third of the Federal Council (which corresponds to our Senate), he has only to get one vote to block all laws of which he does not approve. The President can also delay, dissolve or convene Parliament at any time. In between sessions he can enact new laws by decree. In fact, the Constitution has 187 articles which are replete with catch provisions giving the President almost unlimited powers. In actual practice, Vargas can make the laws, violate them, interpret them, obstruct them, suspend them or obliterate them with complete impunity.

While I was in Rio, the President held a public meeting at which the flags of the twenty different states were publicly burned, symbolizing that all power was now lodged in the hands of the federal state, that is, the President. In Brazil today there exists no liberty of press, association, domicile or correspondence. Each newspaper office has a censor assigned to it. Telephone wires, even those of some members of the government are tapped.

Newspaper correspondents are frank in stating that they cannot write what they believe but only what will pass the censor. Several have been asked to leave the country.

Indeed, President Vargas is so sensitive to criticism that he even officially requested the neighboring government of Argentina to banish the correspondent of the New York Times, Mr. White, because he had mildly criticized the Vargas regime.

In Brazil no one has any security. A simple telephone denunciation by anyone may be enough to cause an arrest in the middle of the night. Once arrested, the victim is held incommunicado. Although Brazil has a model penitentiary at Sao Paulo to which I was taken as a guest of the government, the jails are terrible. I found them overcrowded with political prisoners. In fact, in Rio, there were 1,400 prisoners in a jail which would have been crowded had it held only 400. Prisoners are jammed into small, steel-walled rooms. Officials told me that the average time before trial was two years. During this period a prisoner may be tortured by the police in order to make him confess.

Anyone who is arrested, if he has no great influence and is thought to be dangerous, may be killed. Captain José de Medeiros, after arrest by the police, was found dead in the city, his body riddled with twenty-three bullet wounds, his hands and feet broken and crushed. The organizer of the Congress Against war and Fascism, a student, Tobias Warchawski, after arrest by the police, was found dead. The police, of course, deny responsibility for these murders, but I talked with some who had suffered brutality and torture at their hands and I have indisputable evidence that during this past year several men were tortured to death by beatings with rubber hose.

The charge of communism is used with telling effect in Brazil. I obtained copies of law requiring every school teacher to devote five minutes each morning to indoctrinating against this "plague." Since many of the teachers do not know what communism is, the results are humorous. Articles in the Brazilian papers in November criticized the Federal Council of Churches of Christ in America as a "Communitic organization" and declared that the Catholic Association for International Peace had similar aims. "Dangerous Communitic" literature such as "Tarzan" and "Tom Sawyer" is carefully kept from children or adults.

The Brazilian situation is an open dictatorship which has abolished all political parties and given the President the power of a Tsar. It is what might be called South American fascism. In order to control, Vargas has to have the support of a majority of the army and some of the business leaders. He must also prevent a coalition opposition by his subordinates. In practice, Vargas is a clever politician who plays one man against another, breaks with friends and makes peace with enemies to any extent necessary to maintain

himself in power. He probably rationalizes his actions by a belief that what he is doing is in the best interests of the country. Business leaders declare that they tolerate him because the alternative is civil war and bloodshed and “anything is preferable to having business disturbed.”

Flores da Cunha, who was responsible for giving the presidency to Vargas in 1930 and who is now in Montevideo, Uruguay, trying to organize an armed rebellion against him, has publicly warned that he expects to meet Vargas on the field of battle.

In the meantime, as a famous sociologist of France, Gustave Le Bon, has said, the President of Brazil “exercises an autocracy not less absolute than that of the former Tsar of all the Russias, and perhaps even more absolute.”

LEÃO, Josias & KENT, Rockwell. *Portinari: His Life and Art*. Chicago: The University Press of Chicago, 1940.

pp.1-4 – Portinari – His Life by Josias Leão

Candido Portinari was born on December 29, 1903, at Santa Rosa farm on the outskirts of the city of Brodosqui. That birthplace of his, in the heart of the coffee plantations of Brazil, is still one of the smallest towns in the state of São Paulo. Childhood association with plantation life had much to do with his later activities as a painter.

Portinari’s urge for painting began very early. The poet Manuel Bandeira tells of the arrival one day of a painter who came to decorate the church in Brodosqui. Portinari, then a boy eight years old, interested to the point of excitement, hurried to the scene. Stubbornly he remained in the village church and refused to leave the presence of the artist. Avidly he witnessed all the details of the work. He persisted in his attempt to help the artist and soon earned for himself the privilege of actually becoming the artist’s assistant.

Someone observed the boy’s potential ability as an artist and persuaded Portinari’s parents – who in their childhood had come to Brazil from Italy – to allow their son to go to Rio de Janeiro where he might be given an opportunity to study at the National School of Fine Arts.

The boy’s parting with his family was most dramatic. Portinari, then only fifteen, his parcel of belongings ready in advance, felt increasing panic when the time came to depart for the station. As his fear of leaving increased, he almost fainted. He announced feebly that he had changed his mind. The family, however, escorted the trembling boy to the station. The train arrived, but Portinari refused to cross the street to the passenger’s

platform. Perspiring with fright, the boy kept looking at the waiting engine. But, the moment the train started, Portinari, holding firmly to his bundle, rushed toward the moving cars. He jumped into the train without a single word of adieu, even to his mother.

In Rio de Janeiro, Candido Portinari's life was one of continuous hardships. He had no money and received practically no help from any source. In order to pursue his studies and to earn enough money for food and clothing, he had to take odd jobs. For a long while he was employed at a third-class boarding house. One of his duties was to deliver dinners and suppers to patrons who preferred to have their meals brought to them.

However hard his life was, Portinari continued his studies bravely and successfully. After he completed his course in etching in 1921, he registered for the class of painting. In 1922, for the first time, he sent to the Salon a portrait which received no attention. In 1923 he sent another portrait. This brought him the Bronze Medal and two prizes. In 1925 he was granted the small Silver Medal and in 1927 the large Silver Medal. In 1928 Portinari won a fellowship to complete his studies in Europe. He traveled for three years through France, Italy, England and Spain. France, of course, was his headquarters, and there he met Maria – Uruguayan by birth and blood – whom he married.

The long stay in Europe was of no apparent help to Portinari. He saw the old masters and the new masters, but he painted almost nothing. His friends were disappointed when he came back bringing only two or three works from Europe. He ignored all criticism. Unaided, he continued studying and devoted most of his time to the craft aspects of his art. Alone, he learned how to mix all the pigments for his colors, how to prepare a canvas from beginning to end, and how to obtain the best from the fresco technique.

Suddenly, in 1933, Portinari's genius burst forth with the repercussions of an explosion. Without material means, still unknown, he began painting like a madman – two, three, four, five paintings each week. Totally unconcerned with the selling possibilities of his work, he had no money with which to buy his canvas. He tore strips from the fine, old handwoven linen sheets of his wife's heirloom. And from two of the most coveted pieces of colonial furniture, one hundred years old and of the best mahogany, he produced material upon which to paint. He went back to his birthplace and renewed contact with his old setting. His oils then spoke grandly of the red earth of the coffee plantations, of the children's football in the local main square, where, when still a child, Portinari had broken his right leg – an accident which gave him a permanent limp.

Soon the public at large became intrigued with Portinari. He drew the attention of the academics who disliked his contributions and also of the moderns who were unable to pin an ism on his entire work. The opposition was great, but his tremendous individuality soon overcame all adverse criticism.

In 1935 his huge oil canvas “Coffee” brought him a second honorable mention at the Carnegie international. By that time his fame as a portrait painter – a genre he dislikes intensely – was spreading fast and many society ladies were willing to pose for him. Their portraits may not have been flattering, but in every case they were strong in character and in dignity. Moreover, painters and art critics alike became overwhelmingly enthusiastic about the works of Portinari.

In 1937, besides being appointed professor of painting at the University of the Federal District, Portinari won a commission to decorate the new Ministry of Education. Here began the richest phase in Portinari’s work as a painter. Before going to the walls, he made the most extensive experiments from every angle, working for two years from twelve to sixteen hours a day. But this did not prevent his continuing with his other activities. Besides working on those huge frescoes, he was able to present, in his one-man exhibition at the National Museum of fine arts in Rio de Janeiro, in November, 1939, two hundred and sixty-nine original works. Three panels, 125 inches by 125 inches, were at the same time sent by him to the Brazilian Pavilion at the New York World’s Fair.

That exhibition of Portinari’s at the National Museum of fine arts was an event in the history of art. He was acclaimed a great master. He sold not less than sixty of his paintings – a fact which had no precedent in Brazilian artistic life. In the Introduction of the catalogue for the exhibition, the Brazilian writer, Mario de Andrade, pointed out that the two dominant characteristics of Portinari’s personality as a painter are an enormous technical wealth and a variety of expression. The truth of this statement can easily be seen from the one hundred reproductions of his works contained in this book, which are but a small fraction of his activities during recent years.

Apart from his artistic life, Portinari confirms himself essentially to his family: his father, his mother, his brothers and sisters, his wife and his son, João Candido, born January 25, 1939. Of course his friends, who are innumerable, are never excluded from his interest.

He does not discuss politics – which he believes disgusting. He thinks of the war only in terms of its possible implications on the lives and works of the painters and their freedom of expression.

His first exhibition in the United States was at the Detroit Institute of Arts in August of this year. It consisted of one hundred and thirty works.

J.L.

pp. 5-9 Portinari – His Art by Rockwell Kent

On October 11 and 12, 1939, there was held in Washington, under the sponsorship of the Department of State, a Conference on Inter-American Relations in Field of Art. It was attended by artists, critics, educators, public officials, and directors of art and of museums of art, all actuated by the worthy hope that something in these trying times might somehow be contrived and set afoot to bring the peoples of the Western world in closer cultural sympathy. They met, discussed, adjourned, and met again. They'll keep on meeting, for the introduction of peoples to one another is an enterprise as stupendous in its mechanical involvements, it would seem, as in its consequence it may prove momentous. And meanwhile, knowing nothing of all this, young Candido Portinari in Brazil kept painting portraits to earn money to paint pictures that he liked. He worked and saved; for someday, he had determined, he'd come north. In the fall of 1940, one year after the first Conference on Inter-American Relations in the Field of art, Portinari – accompanied by his wife and child, incidentally, a hundred paintings – came. And by his coming *did* what we confer about. Brazil – its painter and his art – today we love and honor.

The validity of such understanding between peoples as can be promoted by the arts, the fundamental nature of that understanding, and its permanence cannot be overestimated, for it rests on fact. Of the fact of mankind's brotherhood – believed in, maybe, since mankind began, asserted in our North American Declaration of Independence, and blessedly established now by the conclusions of our learned anthropologists – art is a revelation. Let nations quarrel over trade – in oil, silk, cotton, coffee, wheat, and wool, in minerals, in manufactured goods; let them plot to control the world's markets, conspire to enslave its peoples or crusade – let's call it that – for liberty; let them as nations, hate and arm for war; let them (God help us!) fight, kill, burn, destroy, blast life to hell, let them? They will. Nations are *things*; we are concerned with people. And of *their* hopes, their decent Christian hopes for peace on earth, and of the faith their hopes are founded on, art is the affirmation. Art can be, and at its best it always is, the welling-over of men's love of life as *life*, not death, has come to them.

Somewhere in the works of Dostoevski appears this, spoken, as I recall it, by one – a hermit it may be – who lived in retirement in the country:

We spent the night, brother, in the open country, and I waked up early in the morning when all was still sleeping and the dear sun had not yet peeped out from behind the forest. I lifted up my head, dear, I gazed about me and sighed. Everywhere beauty passing all utterance! All was still, the air was light; the grass grows – grow, grass of God; the bird sings – sing, bird of God; the babe cries in the woman’s arms – God be with you, little man; grow and be happy, little babe! And it seems that only then for the first time in my life I took all in I lay down again. I slept so sweetly, dear! And that it’s a mystery makes it only the better; it fills the heart with awe and wonder; and that awe maketh glad the heart.

Of such love, art when it is true is the expression. Beneath, above, and, somehow, through and through the barriers and smoke screens to understanding, which those *things* – the nations, *interests*, war-erect, comes art. The reason it *may* touch; the heart it does. “If I read a book”, wrote Emily Dickinson, “and it makes my whole body so cold no fire can ever warn me, I know that it is poetry. If I feel physically as if the top of my head were taken off, I know that is poetry. These are the only ways I know it. Is there any other way?” There may be other ways, but none so sure. And when in these ways our hearts are touched we are made good.

It is in “these ways” that Portinari’s art affects us. It is enough, the best, that art can do. Let those of us who have seen his paintings and those of us who for the first time see their shadows in this book be content with how that art has moved us instantly to felt response, to sudden cold as through the heart so touched had stopped, to unexpected breathlessness. “My God, how beautiful!” we’ve cried. Let that felt exclamation stand: it’s true.

I know of no greater tribute to the compelling sensuous loveliness of Portinari’s art than the annihilation of the reasoning and critical faculties of the mind which, I believe, all undergo on seeing it. Color, and all that that in terms of harmony and dissonance and light and dark involves, is there; and all that light and shade and scarecrows, skulls; and depths of space – night? day? who knows? – and stars, and gruesome birds and flags and toy balloons. Crazy? and weird? Who cares! To his world as premise – and he makes it that – all these belong.

The world of Portinari: as, compelled by it, in thought, we move about in it, with wonder – fear, perhaps – but with the same acceptance of its macabre elements as our unconscious selves accord the most fantastic dreams that trouble us in sleep, we come gradually to the realization that this is no world of pure imagination but an intensified, fantastic re-creation of the world that Portinari knows, his native land, Brazil. Of this his other paintings are the evidence. In them we see the landscape, thread the soil; we see its workers and their poverty – not agonized about, just told. And told with love. Not love for poverty and unremitting toil, but love for woman, man, and the child – who, rich or poor, to him are lovable. He paints them trustfully. “Blessed are the meek” would seem to be his utterance from his heart. And if the conditions of their lives on their Brazilian earth would seem to us to be no great inheritance, they by their goodness make life seem worth while. They work; they marry and rear families; their children play. And of their happiness of carefree children at their play, there are no paintings in the treasury of art more eloquent.

Candido Portinari, as his authentic love for people who are poor attests, was born neither to position nor to wealth. His parents were Italians of the laboring class who had immigrated to the coffee plantations of southern Brazil, who lived and worked as others lived and worked, who for their labor got a house to live in, credit at the store, and sometimes – seldom and not much – some cash. They lived and worked and multiplied; and of their twelve, Candido, born in 1903, was the second. He went to school until he was strong enough to work. He worked; he played; at play he broke his leg. (He limps today.) He liked to draw. All children like to draw: he drew. And when some painters came to redecorate the church in his native town he asked for work and got it – painting stars. It is a sweet story, the rise of Portinari from the coffee plantations of Brazil. It is a story of the devotion, confidence, and self – sacrifice of parents. Of a youth’s adventuring into the great world. Of persistence against the stress of poverty, of unremitting work, of talent, of strong will. Of his own qualities, friends were the first and best reward. Good friends believed in him; they helped him on. Not friends but talents won him, in 1928, the Rio Prix de Voyage. This carried him to France, to Italy, to England, and to Spain. He traveled, saw, talked, listened, read; he painted little, but he learned. And he returned to Rio with an empty purse, a teeming mind, one picture – nothing much – and a young wife, Maria. It was a scandal – no work done: it closed the academic doors to him. Hard times and Portinari marched on hand in hand.

Their poverty; Maria's illness; the miserable jobs that one must take to live: they worked, the Portinaris did; they lived. They touched rock bottom and worked up again. And recognition came. Not the recognition that we with due humility accord him now, but patronage, commissions; pay. He painted portraits; and these portraits, little as his artist's soul was given to the work, are of a distinguished order. He earned by them the freedom to be great. How he has used that freedom these, his paintings, show.

How he has used it we may never judge, but by how deeply Portinari's art affects us. "Dispose yourself toward art" is good advice. It is superfluous here. Its beauty is compelling. The paintings are, moreover, authentic of the man and of his native land. "Truth", said William Blake, "can never be so told as to be understood, and not be believ'd". So Portinari's work convinces us. "If what, beyond its art?" someone may ask. And I will answer: "Of the beauty of life and the essential goodness of mankind".

AU SABLE FORKS

November 3, 1940.

KENT, Rockwell. "A Friendly Neighbor". Chapter XXXV. *This is My Own*. NY: Duell, Sloan and Pearce, 1940, pages 329 – 350.

"LARGER than the United States by another Texas, the country is twice as large as India and three-fourths as large as Europe. Sixty-five Englands could be set down in the same area without over-crowding. From north to south its extreme length is 2700 miles. It is almost as wide, 2690 miles. Its seaboard, prodigally endowed with harbors and scenic beauty, extends 4000 miles from the Uruguayan border to the edge of French Guiana – a considerably greater distance than that between New York and Liverpool – twice the distance from the tip of Florida to Portland, Maine. The great pouter pigeon breast of Brazil pushes so far out into the Atlantic that its extremity is 2600 miles east of New York. From New York to Rio by steamer or by plane one covers almost 7000 miles – about the distance from New York to Japan as the crow flies. Containing almost half the territory of the entire continent, Brazil's boundaries touch upon those of every South American nation except Chile and Ecuador.

"Here lay the greatest undeveloped possibilities for productive wealth to be found on this globe. And here were the greatest contrasts. On the coast live the sophisticated upper-class city dwellers, who spend half their time in Europe, speak five or six languages

and live in imperial splendor, bothering as little about the aboriginal Indians who live in primeval savagery in the jungle as the savages do about them.”

One might add that of the 47,000,000 population, 11,888,000 were officially listed as employed in 1937, 8,860,000 being workers in agricultural, cattle and rural activities; that the wages of the majority of these workers were two milreis a day (about twelve cents); that millions labored in peonage; that undernourishment near to starvation prevailed; and that 75 per cent of the entire population was illiterate. Wealth in contrast to extreme poverty; culture to illiteracy; vast distances, and few roads and railroads (one mile of railroad to ten in the U.S.A.). Unlimited and varied resources, and a one-crop economy; and instead of the enjoyment of that generous security of livelihood which so rich a land could yield – to, it had been reckoned, twenty times its present millions – the people lived in bondage to foreign capital and in hazardous dependence upon foreign markets. Brazil had never been colonized; it had been exploited.

The history of Brazil is a tragic story of successive exploitations, leading each in turn to ruin and revolt. And although the progress of the country since it declared itself independent of Portugal in 1922 (sic) has seemed to be through independence toward democracy, the attainment of democracy would appear to have been as contrary to the genius of its Latin population as of the Indians and Negroes who through slavery had come to be called citizens. Reared in dependence on the big estates, subject to an economy over which they had no control and to a government that was remote and not of them, the people were as apathetic toward their democratic rights when these were constitutional as they showed themselves to be today at their repeal.

On the afternoon of November 25, 1937, close in the wake of the *coup d'état* of Vargas, Prof. Jerome Davis and I, representing the National Committee for People's Rights and the Joint Committee for the Defense of the Brazilian People, arrived in Rio de Janeiro to inquire into the political situation, sense the public mind, and come to such conclusions as might be of value to the American public in judging of Brazil as friendly neighbor. It may be recalled that at that time there were already grounds to fear that increasing trade and seemingly growing friendliness between the South American countries and the totalitarian powers, together with the Latin American trend toward dictatorships in government, might lead to the establishment of Fascist regimes in the New World and, through them, to such foreign alliances as would challenge the Monroe Doctrine and eventually threaten our own democracy.

We had nine days to do our work. We bore credentials: mine were in the form of personal introductions – of what proved to be of the most friendly and helpful nature – from the Brazilian Ambassador in Washington at that time, Senhor Oswaldo Aranha (now Foreign Minister); and Davis had, besides several personal letters which included one from the son of President Vargas to his father, a number of official introductions of importance. Arrived in Rio, we proceeded to a hotel on the Copacabana strand. We bathed, changed, dined, strolled for a while, and went to bed, relieved that we'd arrived, that no hotel attendant would come knocking at our doors at dawn or earlier to get us to a plane. We slept. If what now follows has no place in a report, it may at least inconsequentially enliven it and suggest something of the atmosphere or cloud under which we, in common with the Brazilian people, were to find ourselves.

While I nodded, nearly napping (I was, of course, really dead to the world) –

While I nodded, nearly napping,
Suddenly there came a tapping,
As of someone gently rapping,
Rapping at my chamber door:
“‘Tis some visitor,” I muttered,
“Tapping at my chamber door –
Only this and nothing more.”

“Get outa here,” I roared. “Leave me alone. I want to sleep. I’m not taking the plane. Go’way.” And plunging my head into the pillow, I drew up the sheet to cover it.

The tapping, gentle but insidious, kept on.

I grabbed the telephone and roared a good old-fashioned Anglo-Saxon complaint into Portuguese ears. I hung up. I laid my head on the mattress and the pillow on my head.

That tapping – it had never stopped – came through.

The phone rang. God! Is this a madhouse? “What is it? What-”

“It is the police,” came the voice of the gentle porter.

Such visitors at such an hour! It was, of course, exactly midnight. Switching on the light and swathing myself in something or other, I opened the door with such expressions of apology and welcome as I thought would make us all very happy. One has no rights where there’s a state of war, such as existed officially in Brazil. But friends! – there’s where you need them.

I let three fellows in – plain clothes men of the secret police, it proved. They demanded my papers, all of them, every last scrap. In one corner of the room stood my brief case, open about two inches. From the other corner of the room I took my passport and, scarcely looking to aim, scaled it toward and into the brief case. The police beamed their admiration. I patted my chest, and we all laughed. I handed around cigarettes and proceeded to point out crannies that might have served for the concealment of documents. When they had ransacked the place, they told me to dress. They were, by now, entirely friendly and polite. Dressed, and almost arm in arm we went down and out and into a waiting taxi.

They conveyed me to the central police station, in front of which lolled two dilapidated, diminutive, and very sleepy soldiers, with bayoneted guns much higher than their hands. We ascended in an elevator to just such a courtyard corridor as that from which the young American Communist, Victor Barron, had but recently in Rio mysteriously plunged to his death. I was told, in a waiting room, to sit down. I lit a cigarette and studied a map of Brazil. Ten minutes later a door opened and I was summoned into the presence of the lieutenant and separated from him by a vacant chair sat a fat man, as unkempt, unshaven, dirty, as you'd find at large.

"I speak English," said this man, with unconvincing accent. "I am the interpreter. Sit down." I took the vacant chair. "We have brought you here," said the lieutenant with the utmost courtesy, "to aid you in the work for which you have come to Brazil. We want to help you."

I beamed my pleasure. "Oh, thank you very, very much!" I said, and grinned. So did they all, so pleasantly.

"We have taken your papers," continued the lieutenant, "in order to safeguard them for you. We don't want anything to happen to them."

"How kind, how wonderful!" I cried, and shook his hand. "How can I ever thank you for your thoughtfulness! How can I thank you all!" I laughed for happiness, and so did everyone.

Now, while both Davis and I had possessed a number of documents and pamphlets of so tactless a nature as might easily have involved us in difficulties, these had been torn into little bits and, by way of the toilet of the plane, consigned to the Atlantic Ocean. All had been thrown away – but one; of its damning presence among my papers had I not from the first entrance of the police been painfully aware! It was a long list of the most eminent

of the Brazilian political prisoners about whose welfare we were to inquire; and was headed by Luis Carlos Prestes, the brilliant and beloved Communist leader of the revolutionary movement for democracy. Caught with the goods? Best make a virtue of your crime.

“At your offer of assistance, Lieutenant,” I addressed him, “I am delighted and grateful. And because of your offer – so generously made – I will now, at this fortunate moment, ask you for certain information for which I had intended coming to you. Where” – searching in my brief case and producing the document – “are these gentlemen? Where are they? Are they well?” I handed him the list: he looked at it.

As at the explosion of a bomb in a gay market place at festive noon, so, at his first glance at the first name, was changed the good lieutenant. “Prestes!” he cried, and all the room recoiled and glared at me. “Prestes! You know him? What of him?” And as he read more names, their horror grew. “Who gave you this?”

“Your countrymen,” I said.

“And do you know these men?”

“Not yet.”

At last, fiercely, he took the brief case, stuffed in the damning document, and put the whole thing out of my reach. The moment had arrived for cigarettes.

Lighting the lieutenant’s, I embraced him.

“You’re an American?” I asked the interpreter, clapping his dirty knee.

Someone recounted my amazing passport shot: they liked that shot. We laughed – and all was well. “He’s *mui simpatico*,” said one. “You bet!” I said: agreed.

Dismissed after an hour to return to my hotel, I suggested that they honor me with that style of police escort to which I was accustomed. “Besides,” I added, “how about the other fellow Davis?” We might as well get everything cleaned up.

The spasm which the mention of Davis brought on was only dissipated when the lieutenant was brought to understand that Jerome Davis was *not* the American labor defender, David Levinson, whose participation in the defense of Prestes at his trial had won him the high tribute of official hatred. Still, they would look him over. My three friends stood up to go with me.

‘May we all stop for a drink, Lieutenant?’ I asked.

“No,” said the lieutenant sternly.

“Please, just a little one?” Two more men joined our party.

“N-no.”

The six of us marched out. “That’s what you get from this damned Fascism,” muttered one of us – not I.

We all crowded into a cab and, sitting in each other’s laps, drove to a café. O ordered double highballs and proceeded to discourse on the labor movement, the C.I.O., and how the working people of the world were going to run the world. They beamed approval.

“Here’s to revolution!” I said, and raised my glass. We drank to it.

Davis was splendid: jumped out of bed to let us in; beamed welcome as I said: “My friends,” and when I added: “The police,” got back in bed. The police didn’t do much but grow more and more embarrassed as I searched the room for contraband. They looked ashamed at having come. And as at last the door closed and locked itself behind the professor’s brief case and the policemen’s backs, he lifted his head from his pillow and the pillow from the bed. There lay his passport, wallet, and his copy of the damning list.

Next morning we called at the American Embassy, told our story. And that afternoon the assistant to the Ambassador arrived at our hotel in company with a police detective and with our brief cases. The only thing that was not returned was the list of political prisoners. The Ambassador’s assistant informed me that I was under suspicion, that I might be ordered to leave Brazil by the next plane and to keep to my hotel room until then. They kept some check on my telephone calls, but as far as I know, didn’t trail me. I was allowed to stay. Policemen sometimes, give them half a chance, aren’t bad. Davis from that time on – so we agreed – pursued his work unhampered by that suspect, me.

The plans to send us to Brazil had been initiated in June, 1937, during a conference with Ambassador Aranha in Washington, at which the notorious mistreatment of political prisoners under Getulio Vargas regime was discussed and protested. Before our departure five months later, there had successively occurred in Brazil, first, a termination of the internal so-called state of war in favor of a more liberal “state of emergency”; secondly, a return to the state of war and with it more arrests; and thirdly, a *coup d’état* by which the pending elections were called off, the incumbency of President Getulio Vargas perpetuated, and the democratic constitution supplanted by a mandatory one.

“What you see here today is not Brazil. The Brazilian people will not tolerate dictatorship. You may quote me as saying that.” So spoke H. Sobral Pinto, the eminent and courageous conservative Catholic attorney who defended Prestes in his trial for treason. So, in fact, said many others whom I met in Rio. Yet they do tolerate it. And that Getulio

Vargas should walk the streets of Rio as a private citizen, unwatched, unguarded, may be taken as evidence not only of the inherent gentleness of Brazilians, but of their thoroughgoing unconcern with government. They want democracy and they want peace. They want freedom from censorship, from espionage, from fear. They want to work, to live securely, to be well fed; they want leisure and happiness. Let soldiers fight; the people, they want peace. Consequently, as government is thought of as a power apart, so are revolts against it left to those to whom armed violence is a trade.

In the heat of the Prestes rebellion, a bicycle rider came where troops were shooting at each other across an avenue. He rang his bell. The troops stopped shooting while he passed.

The *coup d'état* was accomplished without a shot being fired. Concerning the soldiers who at that time were assembled in Rio and marched about the streets, people said: "Vargas is counting his constituents."

I was in Rio during the delayed celebration of Flag Day. The occasion was to be of special interest, celebrating not only the continuance of the Vargas regime, but by the burning of the flags of the Brazilian states, that stronger union which the new constitution provided. A fair-sized crowd attended, not large enough to change the daily aspect of the city thoroughfares. And troops were there: soldiers in white, in green, and guards resplendent in Napoleonic uniforms. And companies of men, of little boys, and girls in the Fascist Integralistas' green and white. Pretty enough – but no one cared. Not until noontime when the troops marched home: "They *would* block the traffic at the noon hour!" said a typical onlooker.

Brazil, exploited for centuries in the interests of Portuguese imperialism and, subsequently, of international imperialism – an exploitation internally abetted by the larger Brazilian landowners and the upper urban bourgeoisie – was in 1937 primarily obligated to, and consequently in bondage to, American and British capital. This financial bondage to the democratic powers had failed, however, both to secure to those powers that monopoly of Brazilian trade which might be held their due and to protect their interests against the growing influence of the Fascist powers on Brazilian policy and internal affairs. This influence, unless it were checked by the action of Great Britain and the United States or rejected by a militant democracy within Brazil, might lead eventually, it seemed, to a sharp decline in American-Brazilian trade, to a collapse of securities, and to such a Pan-American situation as would challenge the Monroe Doctrine and even menace American democracy.

Neither the evils of Fascism, nor – relative to what exists today – its questionable blessings, as they may exclusively affect the people of Brazil, are to be held the proper concern of the American government. That policy of isolation which has made us officially connive in the depredations of Fascist Italy and Germany in friendly Spain, which blithely supports the barbarous aggression of Japan in China, will not be altered to defend Brazilian people against the heartless civil persecutions which Brazilian tyrants in their march toward Fascism practice. What governments have hearts? They are, and properly, the instruments of public interests. And that those “interests” which have so far been exclusively effective in determining international policy have earned a stigma merely betrays the impotence of our humanity. Are we much moved at the herding into Brazilian prisons of thousands of innocent men and women, at the savage tortures inflicted upon many of them, at official murders? Yes, we are moved: not much. Are even the masses in Brazil – those masses that, now suffering most, have most to gain by freedom through revolt, whose kind, whose relatives and friends, whose leaders, are the tortured and imprisoned victims of dictatorship – are they moved? They are. Much moved. And yet – they are so poor, so ignorant, so destitute of arms, so frightened and oppressed – not moved enough.

They were not moved enough to win the 1922 revolt nor in the 1924-6 uprising to carry Prestes through to victory. They were led by promises of great reforms to break the domination of the state of São Paulo in 1930 and to crush São Paulo’s comeback and retain their “liberal,” Vargas, as dictator in 1932. But Prestes lived. Strengthened in purpose and matured in mind, he plotted while in exile for the liberation of his country. A railway strike precipitated the half-organized revolt. In the north it was suppressed by the ruthless bombardment of the cities, in Rio de Janeiro by the overpowering of a regiment. Prestes had become an avowed Communist; and it was neither to be doubted that other Communists, including the German Ewart, were co-leaders with himself, nor that the entire Communist party of Brazil stood with him and with the National Liberation Alliance. But the charge of Communism which Vargas in the spirit of Martin Dies directed, and continues, against all sympathizers with the Prestes revolt and with the cause of democracy in general was in fact no more than a pretext for such arrests and persecutions as might secure the dictator in power and exalt him in the public mind as the savior of Brazil. Its purpose was to scare: too many good Brazilians laugh. By all of this too few were moved enough.

Quite aside from Brazil as a potential factor in the political destiny of the New World countries is Brazil as an example of the course democracies may run to reach dictatorships, and a warning to us that the first tentative curtailments or temporary abrogations of our own established democratic rights for any cause or emergency whatever may prove – too late for remedy – to have been but the first subversive moves toward the destruction of that fair democracy which we have labored with such faith and love to build. Brazil's relation to us is not merely that of a great nation of a sister continent, she was a sister republican born, as we were, of discontent with distant European rule, and dictated by her founders, with no less faith in liberty than our own, to democracy. Many of the recent events in Brazil are suggestive of what might happen here, while in the methods by which the downfall of Brazilian democracy was accomplished we may find a parallel to much that in the name of patriotism is going on in our country now. How – we incline to ask, looking with complacent pride at the democratic law and order which to our nearsighted eyes prevail – how could our people lose their democratic rights? Maybe we can't. But in Brazil the people had such rights. They've lost them.

“To the weak became I as weak, that I might gain the weak: I am made all things to all men, that I might by all means save some.” There we have the gospel of opportunism in the words of the arch-spokesman of that church which through all the centuries of its branching corporate life has recurrently found it to be expedient in the name of Christ to sanction bloodshed and oppression. A state of war declared, all civil liberties annulled: Vargas, elected President by democratic vote, found it expedient in the name of democracy to make that declaration. Yet the constitution with its provisions for democratic government remained a standing reproach and a consequent embarrassment to autocracy. Under the constitution the President's seven-year term now neared its close: a second term was banned. Consequently the summer of 1937 saw a presidential election campaign in full swing, with every outward show that the electoral provisions of the constitution were to be observed. Again as in 1930 and in the Paulista uprising of 1932 it was a conflict between the special and more local interests of the coffee growers, manufacturers, and capitalists of the rich state of São Paulo, supported by the foreign interests in Brazil, and the no less special though wider interests of another state, Rio Grande do Sul. In terms of persons the fight was between Flores da Cunha, former governor of São Paulo – represented by Armando Sales de Oliveira, a lawyer and corporation employee – and Flores' implacable rival and foe, Vargas himself. Indeed, one of Vargas' first acts upon his declaration of a

state of war was to depose Flores. And Flores, doubtless with good judgment, fled into exile. The Vargas candidate was one José Americo de Almeida, a liberal, a friend and supporter of Vargas, and formerly Vargas' own minister of communications. Americo was a writer, a man without property. He was from the north, that north of Brazil where destitution at its worst prevails. He knew the poor and felt their misery. No businessman, his humanity was unrestrained by consideration of property and trade. *What* should be done was more to him than *how*. Land for the people was his thought; an end to poverty. The masses thrilled to him. He felt a messianic urge: "I am the savior of Brazil!" he cried. "Money? I have none; but I know its whereabouts." The politicians, scared, abandoned him. "I need no politicians," he declared; "the people are my strength." (This in Brazil!) The bourgeoisie, the liberals, wondered; they were soon aghast: their candidate a fool! The masses cheered.

It had been the intention of Getulio Vargas from the beginning of the campaign, or before, to remain in power, for his new constitution is now known to have been ready in May of that year and the *coup d'état* to have been planned for June. Meanwhile Americo's growing popularity with the masses, coupled with the Communist indorsement of him – of which the now distrustful bourgeoisie took the expected full advantage – operated to assure to Vargas, in his contemplated act, the full support of his own class and, in case of violence, of the forlorn Fascist minority, the Integralistas. At the height of campaign bitterness and consequent disorder in the political arena, an extraordinary, authoritative proposal was made to Vargas, namely, that both the rival candidates retire from the race in favor of a compromise candidate to be agreed upon. Vargas refused. Exactly six days later, with no more turmoil than a concentration of troops in the capital, the general assembly was dismissed, the constitution was canceled, the election was called off, and democracy – what shadow of it had remained – was ended. The *coup d'état* was an accomplished fact: Vargas was dictator.

As the *coup d'état* had been accomplished without bloodshed, so were there no notable, if any, subsequent disturbances. And there were relatively few arrests. The hunt for Communists persisted, though few were deceived by its pretensions. People lived in fear of being spied upon, of being overheard in conversation, of being informed against. Suspects were watched and telephone wires tapped. Censorship had tightened: for the United Press and the Associated Press, two censors each; censors in the post offices; censors in the cable offices; censored was every word of printed news. To editors of the capital's journals

assembled by official summons, the government spoke: "You will be pleased to obey the new censorship regulations," it announced. "I will of course obey," answered one courageous journalist, "but I will not be pleased." Brazilian publications were forbidden to praise Soviet Russia, China, or loyalist Spain; were forbidden to attack Italy, Germany, Japan, or General Franco; were permitted to say what they pleased about the United States, Great Britain, and France. They did.

"Professor: In obedience to the decision of the rector and until further instructions are issued, I request that the school day in each course be initiated with talks, short but incisive, directly attacking Communism, either criticizing its fundamental theories or attacking the results of its practical application.

"To that end the professor in charge of the first class of the day in every course is required to make the desired discourse in accordance with the schedule."

This to the professors of the university and to teachers everywhere! "But," one professor objected, "I don't know anything about Communism. Will you provide me with a book on the subject?"

"Certainly not."

In view of the fact that, partly for the alleged protection of the republics of South America and the preservation in the Western hemisphere of the "American way," taxes to the extent of many billions are to be levied upon our people, our underprivileged are to suffer neglect, our constitutional rights to be impaired, our youth drafted out of peaceful pursuits and sent, perhaps, to slaughter, it may be profitable for us to consider what precise brand of the American way we would be mobilizing to protect in South America's largest country. Of the Brazilian constitution of November 10, 1937, "It has been granted," said Vargas, "to the Brazilian people." When, in 1891, Brazil became a republic, a constitution patterned upon that of the United States was adopted. It provided, like ours, for an independently elected president, two legislative houses, and a judiciary appointed by the president for life. With but slight alterations, this constitution remained in force until 1934. The constitution of 1934, promulgated by a constituent assembly under the Vargas government, established the secret ballot and granted votes for women, without, however, extending the electorate beyond the limited ranks of the literate. It established courts of electoral justice with authority not only in electoral disputes but over the eligibility of electors under the law. This power, applied to the 1934 constitution's new provision for functional representation – which, favoring employers, was distinctly Fascist –

strengthened the control of the government over the federal congress. The 1934 constitution enfranchised monks and returned to Catholic Church to power in the public schools. So Vargas won the Church. The social changes led to small advance in practice. Arrest without charge or warrant was made illegal: arrest without charge or warrant continued. The recognition extended to unregistered unions was not effective.

What Vargas on the tenth of November, 1937, “granted to the Brazilian people” was, in effect, a grant to them of himself as permanent dictator of their lives and property and destinies. Read from his constitution:

“It is the prerogative of the President to decree a state of emergency and a state of war....

“In the event of a foreign menace or the imminence of internal perturbation, or the existence of a concerted effort, plan or conspiracy, which tends to perturb the public peace or to place in danger the structure of the institutions, of the security of the state or of its citizens, the President of the Republic may declare throughout the whole territory particularly menaced, a state of emergency.

“The moment that it is necessary to employ the armed forces for the defense of the state, the President of the Republic shall declare a state of war for the whole national territory or part of same.

“...For none of these acts is it necessary to obtain the authorization of the National Parliament, which may not suspend the state of emergency or the state of war declared by the President of Republic.”

And lest there might be a misunderstanding of the completely unhindered despotism which, at his own discretion, became Getulio Vargas’ constitutional right, his grant to Brazil further stated: “During the existence of the state of war such parts of the constitution as the President of the Republic indicates will cease to be in force.” “L’*état c’est moi!*”

Vargas was armed by his own constitution to make his power absolute at will, and, if he would, to make his tenure permanent. Moreover, even without the declaration of those states of emergency and war by which the President’s personal powers were legally enlarged, the constitution bestowed such normal powers upon the chief executive and his party as to insure their domination. Brazil was saddled with dictatorship; Vargas was mounted. Where Vargas wants to go, there goes Brazil.

Perhaps the most serious aspect of the situation created by the new constitution is that a return to democracy or even, lacking the dictator’s willingness, a change of dictator,

is now virtually impossible in Brazil but by means of revolution. Even the voicing of discontent and the discussion of change are today unconstitutional, while such purposeful political organizing by an opposition as is not only legal under a democracy but essential to its life becomes of necessity a plot to be conceived in secrecy and fear and born in violence. Those political persecutions which have been the order under Vargas will continue in all their crass injustice and unspeakable barbarity as long as opposition lives or fear of it endures. The jails are crowded: not the courts. The prisoners aren't charged, aren't tried. They're beaten, tortured, for confessions that shall lead to more arrests, more tortures, more arrests – more glory to the nation's guardian. Who cares! They're used to such things in Brazil. They're used to government in which they have small part, to constitutions that are mockeries, to dictators. That a Communist leader's wife was hideously and obscenely tortured before her husband's eyes is fact. A senator's disclosure of his tortures, before the Brazilian Senate, no one disputes. Such things are hardly news in Rio. 'That's the police all over,' people say. I think it is.

"How," an American may ask himself, "would our police behave but for our checks on them?" Our freedom of the press, exposure, prosecution, our La Follette Committee, our democracy? What have they done despite control – in Puerto Rico, Hoboken, Chicago, in Gallup, N.M.? What are they (read the papers) doing now? And while a realization of the actual and potential barbarity of our own police will not mitigate our horror at the greater and more extensive barbarities of the police of Brazil under Vargas, it will incline us to view the latter as in no degree as expression of an inherent cruelty in the Brazilian nature, nor even of personal cruelty and vindictiveness on the part of Vargas himself. The evil thrives in undemocracy.

The statement of the conservative attorney, Senhor Pinto (quoted early in this chapter) – "The Brazilian people will not tolerate dictatorship" – may, to my mind, be taken as expressing Brazil. Yet Vargas rules. Americo, the candidate of the masses, sits a virtual prisoner in his little house in the suburbs of Rio. He is an unassuming, gentle, quiet little man and looks out somewhat sadly on a world that to his painfully nearsighted eyes must seem a formless blur.

"I fought for the poor," he said to me, "for the people. I wanted democracy: that is all." He spoke as though his life, his world, were all within himself. The world must come to him, so he can see it. "When they come to me again," he said, "when they want me, I'll be ready." Until then, gently and quietly, he'll wait. He'd better!

So, as I saw it, was Brazil. Are we, because of our Anglo-Saxon heritage of love of liberty and of the democratic traditions and institutions that support it, to hold ourselves to be immune to a similar retrogression? That is at best a question. Let us claim for ourselves as an additional part of our heritage some portion of plain common sense, and where there exists even the shadow of a doubt concerning so momentous an issue as democracy, hold ourselves jealously watchful for the least infringement of its principles. What – translated to the North American scene and to the terms of our own politics – did happen in Brazil? There was, to start with, a constitution almost identical to our own. There were two major parties – call them the Democratic and the Republican parties – representing somewhat conflicting industrial and financial interests and sponsoring, accordingly, somewhat different internal and foreign policies. There were two small minorities of the extreme left and right: the Communist party and the Fascists (whom we may term the Silver Shirts). The duly elected President was a Democrat, a New Dealer, let us say; and, the conclusion of his second term being near at hand, the party had nominated a member of his cabinet to succeed him. Faced with strong Republican competition, the President's Democratic Congress passes such special legislation against the Republican leader as forces him to flee the country. The Democratic nominee meanwhile goes haywire for the people. He announces himself as the friend of labor, of the underprivileged. He promises more schools, equal rights to all citizens, including Negroes, and the abolition of the poll tax. The labor unions back him solidly. The educated liberals hail him as the messiah of democracy and support him with a united front of all their organization. The Communists indorse him. And the whole small and large propertied and upper-class professional elements of the Democratic party, feeling their interests to have been betrayed, are made desperate and ready for anything. To charges of Communism, already promulgated by the press, the Communist indorsement lends new impetus. "Stalin is a murderer and plots to overthrow civilization.... The Communists are run by Stalin.... Communists are members of labor unions, of organizations for peace, for democracy, for more and better milk for babies: therefore they're all, and every member of them, Communist, supported by Moscow gold and plotting to overthrow the government by force." The President now puts his F.B.I. hounds on the trail of "Reds." They tap telephone wires, invade houses and offices, and search, seize, and arrest without warrant. "This is a violation of our civil liberties!" protest the liberals and the injured ones. "What of it?" answers the government, boldly declaring a state of emergency as it puts them all in jail. And the public in the name of democracy

applauds! The President now has the open support of the militia (engineered by the Catholic Christian Front), of the army and the Silver Shirts under General Moseley, and of the police already trained to handle striking workers. Suddenly, on the eve of election, troops are assembled in Washington; Congress is dismissed, the Constitution is declared invalid, the election is called off; and at a stroke that pretty dream, democracy, is ended.

But things like that, of course, can't happen here!

KENT, Rockwell. "Puerto Rico", Chapter XVI – Part IV. *It's Me O Lord*. NY: Dodd, Mead & Company, 1955, pages 501 – 508.

I knew little or nothing about Puerto Rico when, in July of 1936, I went there to prospect for material for my mural. But in the week I stayed I learned a lot. I saw a country as luxuriantly beautiful as one might picture the Garden of Eden to have been. And people living in such poverty as I have never met. Here, I thought, looking out from the densely forested heights down over the waving fronds of palm trees to sunlit, cultivated plain and the blue ocean, one might make the home of his heart's desire; and *from* here, I realized, had fled countless thousands of disinherited children to seek a haven in the filthy tenements of Harlem. "It is unbelievable," wrote Harold Ickes of the Puerto Rican slums, "that people can be permitted to live in such noisome cesspools." It was unbelievable to many Puerto Ricans that their people would endure it. And despite the Roosevelt Administration's genuine concern to make atonement for our past misdeeds, the island seethed with discontent. To our Puerto Rican Problem there clearly was – as there had been to England's Irish Problem, as there is today for all colonial problems the world over – but one solution: freedom. Most of us know it now; few realized it then. The least I could do was help to focus our attention on it.

We may recall that the murals were to show the wide extent of our mail service, from Alaska in the far North-west to Puerto Rico off the continent's south-easterly extremity. So in one painting I showed Eskimos with dog and reindeer teams attending the departure of a mail plane; and, in the other, a group of Puerto Rican women in receipt of an air-mail letter from, to judge from the writing, the Alaskan Eskimos. That the women were predominantly Negroid, and therefore representative of a Puerto Rican minority, was without intention on my part – though racists made it ground for bitter criticism; but for the implications of the text of the letter, and for the means by which it was brought to the attention of the public, I accept full responsibility. And, writing now in 1954, claim full

credit as a prophet of the Puerto Rican freedom which is now all but a fully accomplished fact. All but.

Not until mid-summer of 1937 were the two paintings completed; and on September fourth, mounted on the walls of the Post Office Department Building, they received the unqualified approval of the government Authority.

There was just one representative of the American press who, well informed about affairs in Puerto Rico, had shown as interest in its people's plight. She was ruby Black, of Washington. That Miss Black, on receiving an anonymous communication suggesting that she have a look at the text of the letter pictured in the Puerto Rican mural, should hot-foot it to the scene was no less to have been expected of an alert reporter than that, having seen and copied the letter's baffling words, she should move heaven and earth to get the text interpreted.

"Huh!" said the linguist of the Post Office Department to whom Miss Black first went; "it looks like Finnish." A Finnish girl was brought to look at it. "Not Finnish," said the girl. More experts were called in to have a look: "A Haitian patois," suggested one; "Aztec," hazarded another. Both proved wrong. "Say!" broke in someone with the voice of common sense. "Doesn't Kent know Eskimo?" So off to the Smithsonian Institute went Miss Black.

But Dr. Hrdlicka, a most learned man, denied all knowledge of the tongue, and guessed that no Smithsonian would know. "Thanks all the same," said Ruby Black; and, more hopeful of our Department of State than anyone would be today, she hurried there. What did they know? Just nothing.

Next – happy thought! – Alaska's delegate, one Dimond: but again no luck. But Eskimos are Indians, aren't they? The people at the Bureau of Indian Affairs should know. They didn't. Nor at the Division of Territories and Island Possessions – and Alaska and Puerto Rico would appear to fit in there – could anyone furnish the least little clue to the cryptic legend.

The deeper the mystery, Miss Black may have reasoned, the better the news: absolutely determined to get at the root of it, she returned to the Smithsonian Institute and tried their Alexander Wetmore. "Try Mr. Collins of our Ethnology division," suggested Wetmore. And so she did. Collins got interested and fetching Eskimo dictionaries began to look up words. "It's Eskimo, all right," said he, "for look: Ke means 'Go ahead!' I know the man who can translate the thing: the very man!" "Where is he?" cried Miss Black, and

grabbed her things to go. “He lives in Denmark,” answered Collins. And that, for anyone but Ruby Black, would have ended it.

But, as a few millions of us are beginning to suspect, the people in Washington don’t necessarily know *everything*. Miss Black now turned her back on them and went to Stefansson. And Stef? Of course he knew. Promptly recognizing the message as being in an Alaskan Eskimo dialect, he translated it – of course correctly – as follows: “To the peoples of Puerto Rico, our friends: Go ahead, let us change chiefs. That alone can make us equal and free.” So Miss Black published it.

“SHOCKING! Eskimo Urges Puerto Rico To Toss Off The Yoke Of Uncle Sam,” was an early headline in a Washington paper. “Eskimo Inscription Urging Free Puerto Intrigues capitol,” “Revolt Plea Seen In Kent’s Murals,” read two New York papers. Within an hour, a nation ignorant of Puerto Rico, of the desperate plight of its crowded inhabitants and of the long series of usurpations practiced against them by ourselves, was alive to all of it. The message had struck home.

And here the story might well end – except for its aftermath’s revelation of differences between the little men in government and the big. From the little admiral, who for some obscure reason headed the Division of Procurement of the Treasury of the United States of America (P.W.A.), to its pettifogging underlings all were furious. Summoned to Washington to discuss a compromise message, and offering to substitute for it that passage from Lincoln’s first inaugural address which reads: “If by the mere force of numbers a majority should deprive a minority of any clearly defined constitutional right, it might, in a moral point of view, justify revolution – and certainly would if such a right were a vital one,” we came at last to no conclusion but that the mural as I’d painted it must stay. Requested to keep quiet about what had occurred at our conference, I did – until, that very afternoon, I read the whole thing in the papers. Disgusted at such perfidy, I told the facts. The papers loved the story.

A short time later I was invited by Mrs. Roosevelt to dine at the White House. The names of most of the many distinguished guests I have forgotten, but not that of the beautiful and charming woman, who, at dinner, sat at my right. She was Mrs. Morgenthau, the wife of the chief of the department that, through its Procurement Division, had commissioned the controversial mural. Hardly had we been seated than Mrs. Morgenthau turned to me and said: “Mr. Kent, you have a priceless sense of humor!” And she literally

shook with laughter. And after dinner the Secretary and I had a long and most friendly chat over our coffee and liqueur.

Following dinner we all, and many outside guests, attended a recital in the Crystal Room by an eminent flutist. And promptly following its conclusion the guest all rose to thank their hostess and depart. "Don't you go now," said Mrs. Roosevelt as I bowed to her. "Wait till the rest have left." And when at last they had, and I rejoined her, she took me upstairs to the Roosevelt living room. We talked for hours, mainly, as I recall it, about the cottage industries in whose revival she was deeply interested; and although I knew of her sympathetic understanding of the Puerto Rican situation, I felt it would be tactless to refer to it. I was moved by her great earnestness and warmth and charm. It was as old friends, and with her promise to visit us at *Asgaard*, that we parted. That promise, incidentally, has not been kept.

In explanation of Mrs. Roosevelt's subsequent disaffection from liberal activities and associations many conjectures have been made. One story is to the effect that a delegation of young people visiting her denied, when asked by her, that they were Communists; and, in denying, lied. I am sufficiently "bourgeois" to dislike lies in general, and to hold a lie to Mrs. Roosevelt to be shameful; but I have also a sufficiently sound sense of proportion in matters of human behaviour to know that to allow an act, no matter how perfidious, to change one's principles, is evidence of nothing but weak character. However it was caused, the once compassionate champion of the underprivileged has now become reaction's yes-lady.

My trip to *see* Puerto Rico was to have a later consequence through what I *heard*. A short time previous to my visit, an American official, San Juan's Chief of Police, had been assassinated by members of a liberation party known as the Nationalists – the same crowd, incidentally, with which the later trigger-happy trio of Congressional notoriety have been identified. The leader of the Nationalists, Albizu Campos, had been arrested and put on trial; and on the day of the trial's conclusion in a disagreement of the jury I met the Federal Attorney at a cocktail party at the Governor's; and heard him, replying to my Puerto Rican companion's condolences on his failure to convict, state with grim satisfaction that next time it would be different. He'd picked up his jury, he informed my friend; and one by one he named them. All were men he could depend upon. Shocking, it seemed to me, but none of my affair. However, I remembered it; and later spoke of it to friends at home.

Less than a year later, on Palm Sunday in 1937, young Nationalists to the number of about eighty gathered in a public square in the city of Ponce and formed in ranks for a parade. Though dressed in uniforms they were unarmed. Their five-piece band struck up the Puerto Rican hymn, *La Borinqueña*. They finished it; the people cheered. And as the little company's commander gave the order, "Forward march!" the police, stationed at four corners of the square mowed them with sub-machine gun, rifle, and revolver fire. Of the Nationalists and the spectators who in gala dress attended the parade, eighteen were killed and between one hundred and fifty and two hundred were wounded. This butchery is known as the Ponce Massacre.

But there had been some retaliatory fire from nearby rooftops; and, either by that or by the cross-fire of police guns, two policemen had been killed. Charged with the murder of one of them, twelve members of the Nationalist Party were arrested and put on trial. Here, at the trial, I enter.

How the conversation that I had overheard at the Governor's cocktail party could be held relevant to a trial resulting from the Massacre, I failed to grasp. But it was not for me to judge. Twelve innocent men – a second jury found them so – were on trial for their lives; they wanted evidence from me. Of course I'd give it. So, happening at the time to be embarking on a flight to Brazil, I planned to make my first stop Puerto Rico.

That the court action in progress at Ponce, far from being a mere routine murder trial was in fact a major battle in Puerto Rico's long struggle for freedom, was forced upon my mind by the suspiciously hearty greeting, at Miami, of a near stranger who *just happened* to be the marshal of the United States Federal Court in Puerto Rico; by his close attachment to me throughout the trip and his literally astounding concern for my welfare. "Don't land at Puerto Rico," was the theme of his impassioned two-hour plea. But despite his picturing of my death at the hands of an infuriated mob, despite his pleadings that, if I must get off, I be his guest and let him introduce me to the proper people, despite the flask that lent him eloquence and me, presumably, a warm, responsive heart, two hours weren't enough. I went ashore; and finding, as he'd prophesied, a mob some hundreds strong, threw myself upon their tender mercies and into their awaiting outstretched arms.

But, in justice to the marshal, I must admit that danger lurked. Not, to be sure, in the "mob," for that turned out to be the people of Puerto Rico in almost their entirety; but in the very forces of government of which the marshal was himself so highly placed a dignitary: in the forces of "law and order" that had shot upwards of two hundred unarmed holiday

makers; in their masters, our own Federal authorities; in the wealthy Puerto Ricans and Americans through whose expropriation of the Puerto Rican lands the people starved; and in every least, last Puerto Rican bootlicker of the privileged. Yes, there was danger, if not to life to reputation. A telegram was handed to me as I landed: "This is to inform you, in the name of the people of Puerto Rico," it read, "that you are *persona non grata*"; it was signed by a politician of criminal notoriety. An open letter, printed and widely distributed, denounced me in libelous terms; it was signed by thirteen big plantation owners. And a full page editorial in English and Spanish in the evening newspaper, *El Pais* – the mouthpiece of the Governor and the Administration – called me every kind of thug and gangster. I guess that when you're out to hold onto what doesn't belong to you, you can't be very nice about how you do it.

I have spoken of the crowd that welcomed me upon my arrival as being representative of the Puerto Rican people in almost their entirety. They, and the men and women with whom I was to associate throughout my stay, were the leaders of our own revolutionary period. It was, in fact, a comparable moment in the island's history. The limit of endurance had been reached; and whether the people's aspirations for greater freedom would best be solved, as some believed, through statehood, or through outright independence – "divorce with alimony," as Munoz Marin put it – all were as united in their deep intolerance of foreign rule as were our Colonists of British Red-Coats.

Not Red-Coats but, to the Puerto Ricans, their modern insular equivalent in gray were in designedly terrifying evidence in the court house square the day I went to give my evidence. Denoting the government's fear of a popular uprising – and against what other threat would such numbers of the armed constabulary have been assembled? – they advertised oppression's insecurity; and they further emphasized it by the insultingly meticulous search for concealed weapons to which all who entered the court house were subjected. But having run a gauntlet of suspicion that amounted to intimidation, it was like coming home to enter the big courtroom packed with friends. And, with a pretty view to look at through the windows, it was a far from unpleasant experience, though a bit hard on my tail, to sit for hours, morning and afternoon, and hear opposing lawyers rage in argument about the evidence I'd come to give and – always in Spanish of which I understood no word – each to his taste praise me as a man of honor or denounce me as a thug. The upshot was, they wouldn't let me testify; and, of the trial the upshot was that the jury disagreed. The second jury, as I've said, acquitted all twelve men.

But what of the police who on a fair Palm Sunday cold-bloodedly mowed down on a happy crowd? Not one, of course, was tried; and whether or not its officers were promoted for bravery behind fire, I haven't heard.

The trip to Brazil, to Rio de Janeiro, was undertaken at the request of the National Committee for People's Rights of which, succeeding Lincoln Steffens, I had been made president. Fascism, we'll recall, had been firmly established in Italy and Germany and, under the leadership of Franco was threatening democratic Spain. Tyrannical in concept, it suggested a new, great way of life for the dictators of our Southern Hemisphere and, in 1937, gave evidence through increasing governmental suppressions of civil liberties and of the imprisonment of opposition leaders, of being, or of having been, imposed upon the people of Brazil. Of the virulence of Fascism as a spreading, cancerous growth endangering Democracies throughout the world, we in North America were properly aware. It was to observe the Brazilian situation and report on it that I, in company with Jerome Davis, flew to Brazil.

Brazil: larger than the United States by another Texas, twice as big as India; a vast and scarcely populated land, one flies for hours on end over an ocean of primeval forest un-
islanded by human habitation, to circle, finally, above the world's most spectacularly beautiful harbor and come to earth at Rio. Worn by the days of travel we retired early to our separate hotel rooms; and, to the sound of waves on the long beach of Copacabana, I went happily to sleep.

I slept, and I slept hard. And I was consequently damn mad at being, and at midnight, roused out of bed by three plug-ugly plain-clothes cops and haled before a rump police court for investigation. Yes, I was *damn* mad, outraged, furious; and, still possessed with some few grains of common sense, just as smilingly pleasant about it all as my entire innocence permitted and the odds against me called for. So, as things turned out, their bark was rougher than their human core. And after it was all over, I found myself seated in a pub with the now three very friendly cops, drinking double Scotches and telling them to their delight and envy – this, remember, was back in '37 – of the militancy of the American labor movement and of the liberties we North Americans enjoyed.

“Damned fascism!” one of the cops had called what then reigned in Brazil; but my conclusion after nine days of going about, of meeting people of all classes – and, thanks to

introductions I had brought, I met some thoroughly informed, courageous liberals – was that, unconstitutional though the Vargas *coup d'état* had been, dictatorial as was his power, and ruthlessly repressive of minorities and civil liberties in general as he had shown himself to be, his was no more that purposefully integrated, totalitarian despotism of a class which is properly to be termed Fascism – leaping to the present – is our America today. Democracy? Not by a long sight. But fascism? No; not quite. And although in this conclusion Jerome Davis and I were not at first to agree, he later came to share my judgment.

Nor were the anti-Fascists at home, those who had sponsored our investigation, appreciative of my finding. In what seemed a rather barefaced effort to either influence me or sway my audience to misinterpret what I planned to say, it was described, in the chairwoman's introduction of me, as a report on Fascism – a misinterpretation that I promptly set to rights.

The term “premature anti-fascist” which, to the everlasting shame of the reluctant anti-fascists who employed it, was to be applied to the early friends of democratic Spain, is not wholly inappropriate to those who jumped the gun to find the evil where it wasn't. Yet ounces of prevention, even though not needed, do no harm. Too bad we didn't take more years ago.

O BRASIL E VARGAS, por Rockwell Kent ⁶¹³

Aqui se encontram as maiores possibilidades não desenvolvidas para a riqueza produtiva a serem descobertas neste globo. E aqui estavam os maiores contrastes. Na costa moram os negociantes sofisticados da classe mais alta, os quais passam metade de seu tempo na Europa, falam cinco ou seis línguas e vivem em esplendor imperial, incomodando-se muito pouco com os índios aborígenes que vivem em forte selvageria na selva, como os selvagens o fazem. (“South by Thunderbird,” Hudson Strode, Random House, 1937). ⁶¹⁴

PODER-SE-IA ACRESCENTAR que da população de 47.000.000, 11.888 milhões são listados como empregados e 8.860 milhões são trabalhadores nas atividades agrícolas, pecuárias e rurais; que os salários da maioria desses trabalhadores são de 2 mil-réis por dia (ou por volta de 12 centavos); que milhões trabalham como peões; que a subnutrição próxima à fome prevalece; e que 75% da população é analfabeta. Riqueza em contraste com a extrema pobreza, cultura contra analfabetismo; enormes distâncias e poucas rodovias e ferrovias (uma milha de ferrovia para cada dez nos Estados Unidos da América). Recursos ilimitados e variados e uma única economia monocultora; e em vez da alegria daquela segurança generosa da subsistência que uma terra tão rica poderia alavancar – tem sido computado em vinte vezes seus atuais milhões – o povo vive em servidão ao capital estrangeiro e sob dependência perigosa em relação aos mercados estrangeiros. O Brasil nunca foi colonizado; foi explorado.

A história do Brasil é uma trágica história de explorações sucessivas que levaram à ruína e à revolta. E apesar do progresso do Brasil nos últimos 160 anos ter ocorrido através da independência visando à democracia e esse mesmo progresso ter sido tão contrário ao caráter de seus povos latinos, quanto de seus índios e negros, os quais, através da escravidão, estes últimos foram elevados à condição de cidadãos. Erigido na independência nas grandes propriedades, sujeitos a uma economia sobre a qual não tinham qualquer controle e a um governo remoto, o povo estava tão apático em relação aos seus direitos democráticos quando esses eram constitucionais conforme se mostram hoje à sua anulação.

⁶¹³ Tradução da autora.

⁶¹⁴ Inglaterra, Hamish Hamilton.

Na tarde de 25 de novembro, próximo ao acontecimento do golpe de Estado de novembro, Jerome Davis e eu, representando o Comitê Nacional pelos Direitos do Povo e a Junta do Comitê pela Defesa do Povo Brasileiro, chegamos ao Rio de Janeiro, para averiguar a situação política, entender a cabeça do povo e chegar às tais conclusões como poderiam ser do interesse do público americano, no julgamento do Brasil como um vizinho amigável. Tínhamos nove dias para fazê-lo. Nós tínhamos cartas de recomendação: as minhas eram sob a forma de apresentações pessoais – do que provou ser uma das de natureza mais amigáveis e úteis – do embaixador brasileiro, Senhor Oswaldo Aranha, em Washington; e Davis tinha, além de cartas pessoais, incluindo uma do filho do presidente Vargas para seu pai, muitas apresentações oficiais de importância. Chegando ao Rio, fomos a um hotel na praia de Copacabana. Banhamo-nos, trocamos de roupa, jantamos, passeamos um pouco e fomos para a cama, aliviados por ter chegado e que nenhum funcionário do hotel bateria às nossas portas no alvorecer, ou antes, para nos fazer chegar ao avião a tempo. Nós dormimos. Se o que agora segue não cabe em um “relatório”, pode pelo menos irrelevantemente animá-lo e sugerir algo da atmosfera ou nuvem sob a qual nós, em comum com o povo brasileiro, deveríamos encontrar.

Enquanto eu inclinava minha cabeça, quase tirando uma soneca –

(Eu estava, é claro, realmente morto para o mundo)

De repente veio uma batida,

Como a de alguém gentilmente batendo,

Batendo à porta do meu quarto:

“É algum visitante”, eu resmunguei,

“Batendo à porta de meu quarto –

Apenas isto e nada mais”.

“Saia daqui”, eu berrei. “Deixe-me sozinho. Eu quero dormir. Eu não vou pegar o avião. Vá embora”. E imergindo minha cabeça no travesseiro, puxei o lençol para cobrir-me.

A batida, gentil e insidiosa, continuou.

Eu agarrei o telefone e berrei uma boa e velha reclamação anglo-saxã em ouvidos portugueses. Desliguei o telefone. Deitei minha cabeça no colchão com o travesseiro sobre minha cabeça.

Aquela batida –que não parava– alcançou êxito.

O telefone tocou. Deus – isto é um sanatório! “O que é, o que é” –

“É a polícia”, veio a voz gentil do carregador.

Tais visitantes, a tal hora! (Era exatamente meia-noite.) Acendendo a luz e me envolvendo em qualquer roupa, abri a porta com tais expressões de desculpa e boas-vindas, como achei que nos faria a todos muito felizes. Não há direitos quando se está em “estado de guerra”. Mas amigos! – é aí que você precisa deles.

Deixei três camaradas entrarem, homens da polícia secreta à paisana, provaram ser. Exigiram meus papéis, todos eles, cada rascunho ínfimo. Num dos cantos do quarto ficava minha pasta, aberta quase duas polegadas. Para o outro lado do quarto levei meu passaporte e, quase sem olhar o alvo, atirei-o para dentro da pasta. A polícia irradiou admiração. Bati no meu peito e todos rimos. Distribuí cigarros e comecei a apontar frestas que poderiam ter me servido para o ocultamento de documentos. Quando eles terminaram de revistar o local, disseram para que eu me vestisse. Eles estavam, agora, completamente amistosos e educados. Eu me vesti e quase de braços dados descemos e fomos para fora, para um táxi que nos aguardava.

Eles me carregaram para a delegacia de polícia central na frente da qual estavam recostados dois soldados arruinados, pequenos e muito sonolentos, com baionetas enormes. Tomamos um elevador, subimos e fomos para um corredor átrio tão semelhante ao qual Barron havia passado e mergulhado para a morte. Disseram-me para aguardar em uma sala de espera. Acendi um cigarro e estudei um mapa do Brasil. Dez minutos depois uma porta abriu e fui intimado à presença do tenente.

À escrivaninha do tenente e separado dele por uma cadeira vazia sentou-se um homem gordo, tão despenteado, sem fazer a barba, sujo, como você encontraria aos montes. “Eu falo inglês”, disse o homem, com sotaque não convincente. “Eu sou o intérprete. Sente-se”.

Tomei a cadeira vazia.

“Nós o trouxemos aqui”, disse o tenente com a máxima cortesia, “para ajudá-lo no trabalho pelo qual o senhor veio para o Brasil. Nós queremos ajudá-lo”.

Irradie minha satisfação. “Oh, muito obrigado!”, eu disse e sorri largamente. Do mesmo modo todos eles fizeram, tão agradavelmente.

“Tomamos seus papéis”, continuou o tenente, “com a finalidade de guardá-los para o senhor. Não queremos que nada aconteça a eles”.

“Que gentis, que maravilha!”, exclamei e apertei sua mão. “Como posso agradecer-lhes por sua consideração? Como posso agradecer-lhes a todos?”, ri de felicidade e, assim, todos o fizeram.

Agora, ao passo que Davis e eu havíamos de fato possuído muitos documentos e panfletos de uma natureza tão antidiplomática que nos envolveria em dificuldades, estes haviam há muito tempo sido rasgados em pedacinhos, e através do vaso sanitário do avião, despachados para o Oceano Atlântico. Tudo havia sido jogado fora – exceto um; em minha primeira entrada na polícia fui dolorosamente alertado sobre sua presença maldita entre meus papéis! Era uma longa lista dos mais eminentes daqueles prisioneiros brasileiros cujo bem-estar deveríamos averiguar. Apanhado em flagrante? Melhor me defender do crime cometido.

“Por sua oferta de assistência, tenente,” reporteime a ele, “estou feliz e agradecido. E devido a sua oferta – tão generosamente feita – irei agora, neste momento oportuno, pedir por uma certa informação pela qual eu havia pretendido vir até os senhores. Onde”, – procurando em minha pasta e apresentando o documento – “estão esses cavalheiros? Onde eles estão? Eles estão bem?”. Entreguei-lhe a lista, que ele examinou.

Como na explosão de uma bomba em um mercado agitado em meio-dia festivo, a população é repentinamente transfigurada com horror, indignação, ódio, medo – então, neste primeiro olhar para o primeiro nome, o bom tenente mudou o tom. “Prestes!”, ele gritou e toda a sala recuou, recuou e olhou ferozmente para mim. “Prestes! O senhor o conhece? E conforme ele lia mais nomes, o horror deles crescia.

“Quem lhe deu isto?” “Seus compatriotas”, eu disse.

“E o senhor conhece esses homens?” “Não ainda”.

Por fim, furiosamente, ele pegou a pasta, socou o maldito documento dentro e colocou a coisa toda fora do alcance. Havia chegado o momento para cigarros.

Acendendo o do tenente, eu o abracei.

“O senhor é americano?”, perguntei ao intérprete, tocando em seu joelho sujo.

Alguém se referiu a minha incrível foto do passaporte: eles gostaram da imagem. Rimos – e tudo estava bem. Ele é “muito simpático”, disse um. “Sem dúvida!”, eu disse: de acordo.

Liberado para voltar para o meu hotel sugeri que eles honrassem com aquele estilo de escolta policial com a qual estava acostumado. “Além disso”, acrescentei, “que tal o outro companheiro, Davis?”. Seria melhor termos tudo esclarecido.

O espasmo que a menção de Davis trouxe foi dissipado quando o tenente se certificou de que Jerome Davis não era o defensor do Trabalho Americano, David Levinson. Ainda iriam examiná-lo. Meus três amigos se levantaram para ir comigo.

“Podemos todos parar para beber algo, tenente?”, perguntei.

“Não”, disse o tenente, severamente.

“Por favor, só um pequeno gole?”, mais dois homens se uniram à nossa festa.

“N-não”.

Nós seis marchamos para fora.

“Isso é o que você consegue deste maldito fascismo”, resmungou um de nós – não eu.

Lotando um táxi, sentando um no colo do outro, dirigimo-nos para um café. Eu pedi whisky duplo com soda e gelo e comecei a discursar sobre o movimento trabalhista, o C.I.O., e sobre como os trabalhadores do mundo controlariam o mundo. Eles irradiaram aprovação.

“Esta é para a revolução!”, eu disse e levantei meu copo. Bebemos a ela.

Davis foi esplêndido. Pulou da cama para nos deixar entrar. Irradiou boas vindas quando eu disse: “Meus amigos”. E quando eu acrescentei “A polícia”, voltou para a cama. A polícia não fez muito mais, mas ficou mais e mais embaraçada enquanto eu vasculhava o quarto procurando por algo para dar a eles. Eles pareceram envergonhados por terem vindo. E quando finalmente a porta fechou e trancou atrás da pasta do professor e nas costas dos policiais, Davis levantou sua cabeça do travesseiro, sob o qual estavam seu passaporte, sua carteira e sua cópia da maldita lista.

Na manhã seguinte ligamos para a Embaixada Americana e contamos nossa história. E naquela tarde o assistente do embaixador chegou ao nosso hotel na companhia de um detetive da polícia e com nossas pastas. A única coisa que não foi devolvida foi a lista dos prisioneiros políticos. O assistente do embaixador informou-me que eu estava sob séria suspeita, que eu poderia ser obrigado a permanecer no meu quarto de hotel até a partida do próximo avião. Mantiveram algum controle sobre meus telefonemas, mas de acordo com o que sei não me rastream. Tive permissão para ficar. Os policiais, às vezes, não são ruins. Davis, desse dia em diante – nós assim concordamos – seguiu seu trabalho sem dificuldades por eu ser suspeito.

Os planos para nos enviar ao Brasil iniciaram-se em junho de 1937, durante uma conferência com o embaixador Aranha, em Washington, com o qual os notórios maus tratos dos prisioneiros políticos sob o regime de Getúlio Vargas foram discutidos e protestados novamente. Cinco meses antes da saída do comitê sucedeu no Brasil, primeiro, o fim do assim chamado “estado de guerra”, em prol de um “estado de emergência” mais liberal;

depois, a volta do “estado de guerra” e com ele mais prisões; e por fim, um golpe de estado com o qual as eleições pendentes foram suspensas, o mandato do presidente Getúlio Vargas se perpetuou e a constituição democrática foi suplantada por uma mandatária.

“O que você vê aqui hoje não é Brasil. O povo brasileiro não vai tolerar a ditadura. Você pode me citar dizendo isto”. Assim falou H. Sobral Pinto, o advogado eminente, corajoso e católico conservador que defendeu Prestes em seu processo por traição. Do mesmo modo, de fato, disseram muitos outros com os quais encontrei no Rio. Ainda eles o toleram realmente. O fato de Getúlio Vargas andar nas ruas do Rio como um cidadão privado, sem ser observado, sem segurança, pode ser evidência não só da gentileza inerente dos brasileiros, mas de sua completa falta de preocupação com o governo. Eles querem democracia e paz. Eles querem se libertar da censura, da espionagem, do medo. Eles querem trabalhar, viver com segurança, ser bem alimentados; eles querem lazer e alegria. Deixe os soldados lutarem; o povo quer paz. Conseqüentemente, como o governo é pensado como um poder à parte, também as revoltas contra ele são deixadas para aqueles cuja violência armada é um negócio.

No calor da rebelião de Prestes, um ciclista passou por onde as tropas estavam atirando uns contra os outros através da avenida. Ele soou sua buzina. As tropas pararam de atirar enquanto ele passava.

O recente golpe de Estado consumou-se sem um único tiro. Em relação aos soldados que foram reunidos no Rio e marcharam pelas ruas, as pessoas diziam “Vargas está contando seus eleitores”.

Eu estava no Rio durante as comemorações atrasadas do Dia da Bandeira. A ocasião deveria ser de interesse especial, celebrando não apenas a continuação do regime de Vargas, mas através da queimada das bandeiras dos estados brasileiros, aquela união mais forte dos estados seria consolidada pela nova constituição. Uma multidão de tamanho razoável esteve presente, não maior do que o suficiente para tornar bem impassível o aspecto diário das vias públicas da cidade. E as tropas estavam lá: soldados de branco, de verde; e guardas resplandcentes em roupas napoleônicas. E grupos de homens, pequenos meninos e meninas, de uniforme integralista verde e branco. Bonitos o suficiente – mas ninguém se importava. Não até o meio-dia, quando as tropas marcharam de volta para casa: “Eles *bloqueariam* o tráfego na hora do almoço!”, disse um certo espectador.

O Brasil, explorado por séculos segundo os interesses do imperialismo português e, subseqüentemente, segundo os do imperialismo internacional – uma exploração

internamente incitada pelos maiores proprietários de terra brasileiros e pela burguesia urbana mais elevada – está hoje principalmente subjugada ao capital americano e britânico. Essa servidão financeira aos poderes democráticos, entretanto, não foi suficiente para assegurar àqueles os poderes sobre o monopólio do comércio brasileiro, o qual poderia ser sustentado por obrigação e proteção de seus interesses contra a crescente influência dos poderes fascistas sobre a política e sobre os negócios internos brasileiros. Essa influência, a menos que seja detida pela ação da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, ou rejeitada por uma democracia militante dentro do Brasil, deve levar eventualmente a um abrupto declínio no comércio americano-brasileiro, a um colapso das seguranças e a uma tal situação pan-americana, que pode desafiar a Doutrina Monroe e até ameaçar a democracia americana. Nem as maldades do fascismo, nem – em relação ao que existe hoje – suas bênçãos questionáveis, como podem exclusivamente afetar o povo do Brasil, devem ser consideradas como a própria preocupação do governo americano. Aquela política de isolamento a qual nos tornou oficialmente despreocupados com as depredações da Itália fascista e da Alemanha na amigável Espanha, a qual alegremente tolerou a agressão bárbara do Japão na China, não será alterada para defender o povo brasileiro contra as desalmadas perseguições civis, as quais os tiranos brasileiros em sua marcha em direção ao fascismo, praticam. Quais governos têm corações? Eles são, propriamente, os instrumentos dos interesses públicos. E que aqueles “interesses”, os quais foram até agora exclusivamente efetivos em determinar a política interna, ganharam o estigma do itálico, meramente traem a importância da nossa humanidade. Estamos muito sensibilizados com o confinamento dentro das prisões brasileiras de milhares de homens e mulheres inocentes, com as torturas selvagens impostas a muitos deles, com os assassinatos oficiais? Sim, estamos sensibilizados: não muito. São iguais as massas no Brasil – aquelas massas que, agora sofrendo o máximo, têm muito a ganhar com a liberdade através da revolta, cujo tipo, cujos parentes e amigos, cujos líderes são as vítimas torturadas e aprisionadas da ditadura – eles estão muito sensibilizados? Eles estão. Muito sensibilizados. E ainda – eles são tão pobres, tão ignorantes, tão destituídos de armas, tão assustados e oprimidos – não sensibilizados o suficiente.

Eles não estavam sensibilizados o suficiente para ganhar a revolta de 1922, nem no levante de 1924-6 para carregar Prestes até a vitória. Em 1930 foram levados pelas promessas de grandes reformas para vencer o domínio de São Paulo; e em 1932 para esmagar a volta de São Paulo e reter o “Vargas” liberal deles, na Ditadura. Mas Prestes

viveu. Fortalecido no propósito e amadurecido na consciência ele conspirou durante o exílio pela libertação de seu país. Uma greve ferroviária precipitou a revolta parcialmente organizada. No norte foi esmagada pelo cruel bombardeio das cidades; no Rio de Janeiro, pelo esmagamento promovido por um regimento militar. Prestes tornou-se um comunista declarado; e nem se deve duvidar que outros comunistas, inclusive o alemão Ewart, foram co-líderes e nem que o partido comunista do Brasil inteiro ficou do lado dele juntamente com a Aliança pela Libertação Nacional. Mas a acusação de “comunista!” que Vargas agora dirige contra todos os simpatizantes da revolta de Prestes e da causa da Democracia em geral era, de fato, não mais do que um pretexto para tais prisões e perseguições com a finalidade de manter o Ditador no poder e exaltá-lo na consciência pública como o salvador do Brasil. Seu propósito era assustar: os brasileiros riem. Por tudo isto, muitos poucos estão sensibilizados o suficiente.

Um “estado de guerra”: todas as liberdades civis anuladas. E Vargas ditador. Ainda a constituição, com suas medidas para o governo democrático, permaneceu uma firme censura e um conseqüente embaraço para a autocracia. Sob a constituição o mandato presidencial de sete anos agora estava perto de seu fim: um segundo mandato foi banido. Conseqüentemente o verão de 1937 viu uma campanha para eleição presidencial em todo movimento, demonstração visível de que as medidas eleitorais da constituição seriam observadas. Novamente, como em 1930 e no levante paulista de 1932 foi um conflito entre os interesses especiais e mais locais dos cafeicultores, manufatureiros e capitalistas da rica São Paulo sustentada pelos interesses estrangeiros no Brasil, e o não menos especial, não obstante, mais largos interesses do Rio Grande do Sul. Em termos de indivíduos a briga entre Flores da Cunha, ex-governador de São Paulo – representado por Armando Sales de Oliveira, um advogado e empregado da corporação – e o rival implacável e inimigo de Flores, o próprio Vargas. De fato, um dos primeiros atos de Vargas em relação a sua declaração de “estado de guerra” foi depor Flores. E Flores, indubitavelmente sem bom julgamento, voou para o exílio. O candidato de Vargas era um José Américo de Almeida, um liberal, amigo e apoiador de Vargas, e ex-ministro das Comunicações do próprio Vargas. Américo era escritor e homem sem propriedades. Ele era do norte, daquele norte do Brasil onde a destituição em seu pior grau prevalece. Ele conhecia os pobres e sentia a sua miséria. Não era homem de negócios, seu sentimento humanitário era desenfreado pelas questões de propriedade e negócios. *O que* deveria ser feito tinha mais valor para ele do que *como* fazer. Terra para o povo, era seu pensamento; acabar com a pobreza. As massas

vibravam por ele. Ele sentiu um impulso messiânico: “Eu sou o salvador do Brasil!”, exclamava; “Dinheiro? Eu não tenho; mas eu sei seu paradeiro”. Os políticos, assustados, o abandonaram: “Eu não preciso de políticos”, ele declarou. “As pessoas são minha força” (isto no Brasil!). A burguesia, os liberais, estranharam; logo eles ficaram horrorizados: o candidato deles, um louco! As massas se regozijaram.

A menos que tenha sido a intenção de Getúlio Vargas desde o início da campanha, ou antes, de permanecer no poder (e disso não há evidência direta)⁶¹⁵ deve ter sido por volta dessa conjuntura que ele concebeu o golpe de Estado e fez seus planos. Certamente a natureza bem considerada daquele extenso documento, a constituição de 1937, aponta para longas semanas de preparação. As deserções da burguesia pelo apoio ao seu candidato “louco” foram-lhe acrescentadas ao endosso de Moscou. Aquilo provou para eles a acusação da oposição: e sem nenhuma alternativa, mas o odiado paulista os deixou, de fato, privados de seus direitos civis. Vargas era desse grupo: no que ele fez, contou pelo menos com a apatia deles.

E havia mais com que ele contava. Além dos dois maiores partidos originalmente representando os interesses vitais dos dois estados, havia um pequeno, mas verdadeiramente organizado no campo: o fascista integralista sob o comando de Plínio Salgado. “Vamos lançar uma moeda”, foi dito, “para ver se quem ganha é Américo ou Flores”. “Mas onde eu entro?”, perguntou Plínio. “Você ganha”, eles responderam, “se a moeda ficar em pé na sua borda”. Sem chances, ofereceu sua ajuda à Vargas.

Na altura da amargura da campanha e conseqüente desordem na arena política, uma extraordinária e autoritária proposta foi feita para Vargas, isto é: que ambos os candidatos rivais saíam da corrida em favor de um candidato conciliatório a ser concordado. Vargas recusou. Exatamente seis dias depois, sem mais nenhuma agitação do que uma concentração de tropas no Palácio do Governo, a Assembléia Geral foi destituída, a constituição cancelada, a eleição suspensa e a “Democracia” – que sombra dela restou – terminada. O golpe de Estado era um fato consumado: Vargas era ditador.

Como o golpe de Estado havia-se consumado sem banho de sangue, não houve perceptíveis, se é que houve quaisquer, perturbações subseqüentes. E houve relativamente poucas prisões. A caça aos “comunistas” persiste: poucos são traídos em suas pretensões. O povo vive com medo de ser espionado, de ser ouvido ao acaso em conversas, de ser

⁶¹⁵ É sabido agora que a constituição estava pronta em maio e que o golpe de Estado estava agendado para junho.

delatado. Os suspeitos são observados e os fios de telefone são grampeados. A censura apertou. Para a United Press e para a Associated Press, dois censores cada. Censores nos correios; censores nos escritórios telegráficos. Uma censura para cada palavra da notícia impressa. Aos editores dos jornais do Palácio do Governo reunidos por citações oficiais, o governo falava: “Você ficará satisfeito em obedecer às novas normas da censura”, anunciava. “É claro que eu obedecerei”, respondeu um corajoso jornalista, “mas eu não ficarei satisfeito”. As publicações brasileiras estão proibidas de elogiar a Rússia Soviética, a China ou a Espanha legalista; estão proibidas de atacar a Itália, a Alemanha, o Japão ou o general Franco; têm permissão de dizer o que lhes agrada sobre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França. Eles fazem.

“Professor:

Em obediência à decisão do Reitor e até que outras instruções sejam divulgadas, eu requisito que o dia escolar em cada curso seja iniciado com falas curtas, mas incisivas, diretamente atacando o comunismo, ou criticando suas teorias fundamentais ou atacando os resultados de sua aplicação prática.

“Para aquele fim o professor encarregado da primeira aula do dia em cada curso é requisitado a fazer o discurso desejado em acordo com a agenda”.

Isso é para os professores da universidade e para os professores em todos os lugares. “Mas”, disse um professor, “eu não sei nada sobre o comunismo. Vocês me providenciarão um livro sobre o assunto?” “Certamente não”.

A Constituição, 10 de novembro de 1937 traz: “Foi *garantido*,” diz Vargas, “ao povo brasileiro.”... Quando, em 1891, o Brasil se tornou uma República, uma Constituição padronizada em relação à dos Estados Unidos foi adotada. Fornecia, como a nossa faz, para um Presidente eleito independentemente e duas Casas, e para um judiciário apontado pelo Presidente para sempre (sic). Mas com leves alterações, essa Constituição permaneceu no poder até 1934. A Constituição de 1934, promulgada por uma Assembléia Constituinte sob o governo de Vargas, estabeleceu o voto secreto e garantiu votos para as mulheres, sem, entretanto, estender o eleitorado para além dos limitados níveis dos letrados. Estabeleceu Cortes de Justiça Eleitoral com autoridade, não apenas em disputas eleitorais, mas sobre a elegibilidade dos eleitores sob a lei. Este poder, aplicado à nova medida da Constituição de 1934 para representação funcional – a qual, favorecendo os empregadores, era distintamente fascista – fortaleceu o controle do governo sobre o Congresso Federal. A Constituição de 1934 emancipou monges e devolveu à Igreja Católica o poder nas escolas públicas. Então Vargas conquistou a Igreja. As mudanças sociais levaram a pequenos avanços na prática. Prisões sem acusação ou garantia tornaram-se ilegais: as prisões

arbitrárias continuaram. O reconhecimento que estendeu aos sindicatos não registrados não foi efetivo.

O que Vargas no último 10 de novembro “garantiu ao povo brasileiro” é, com efeito, uma garantia ao povo, dele mesmo como Ditador permanente de suas vidas, propriedades e destinos. Leia de sua Constituição:

É a prerrogativa do Presidente decretar um estado de emergência e um estado de guerra...

No acontecimento de uma ameaça estrangeira ou a iminência de perturbações internas, ou a existência de um esforço combinado, plano ou conspiração, a qual tenda a perturbar a paz pública ou colocar em perigo a estrutura das instituições, da segurança do Estado ou de seus cidadãos, o Presidente da república pode declarar por todo o território particularmente ameaçado, um estado de emergência.

O momento em que seja necessário empregar as forças armadas para a defesa do estado, o Presidente da República poderá declarar um estado de guerra para todo o território nacional ou parte do mesmo.

Parágrafo único – Para nenhum desses atos é necessário obter a autorização do Parlamento Nacional, o qual pode não suspender o estado de emergência ou o estado de guerra, declarado pelo Presidente da República.

(Artigos 73,166.)

Pelo menos deve haver um equívoco do desenfreado e completo despotismo o qual, em seu próprio arbítrio, torna-se o direito “Constitucional” de Getúlio Vargas, sua “garantia” para os demais estados do Brasil. “Durante a existência do estado de guerra tais partes da Constituição, como o Presidente da República indica, terão fim de seu vigor”. O Estado sou eu!

Mais importante, conseqüentemente, do que um estudo mais aprofundado das medidas constitucionais será uma investigação sobre o caráter, afiliações e políticas do homem que tão habilmente trouxeram a recente república do Brasil ao fim. A mesma facilidade com a qual sem muitos seguindo e no mesmo solo onde dois partidos fortes lutaram pelo controle, ele roubou o prêmio, revela o que lhe é concedido: destreza política. Um homem de charme e cultura, de força de vontade tolhido ou por lealdade ou por convicções, um oportunista, um malabarista de forças opostas, ele é eminentemente um audacioso aventureiro na política. Suas políticas como expressas por seu declarado programa administrativo e ocultadas entre a verborragia de sua Constituição, pode não ser levada a sério.

“Constrói o Exército e a Marinha, constrói ferrovias e rodovias; estabelece o povo na terra”. E naquela ordem! Por que, sem nenhuma ameaça de poder estrangeiro, mais armas? – a menos que seja pelo apoio ao poder de Vargas! E com o país falido, como? Por

que ferrovias, rodovias? Para quais *mercados*? E para *quê*? Mais pessoas possuindo, cultivando a terra é bom: deveria vir em primeiro lugar. Há muito na Constituição objetivada no fortalecimento do poder federal às expensas dos estados isolados: “as forças armadas são instituições *nacionais* permanentes, organizadas na base da... obediência fiel à autoridade do Presidente da República... operações militares sendo a província e responsabilidade dos comandantes chefes, *livremente escolhidos por ele*”. (Grifos do autor). Ao governo federal são dados amplos poderes de intervenção nos assuntos internos dos estados, mesmo em obrigando a passagem de leis prescritas, em suplantando o governo dos estados, e em desmembrando seus territórios. O trabalho é convidado a se organizar; suas organizações *podem* ser “reconhecidas”; greves e greves forçadas pelos empregadores são declaradas ilegais.

Vargas é armado por sua própria Constituição para fazer seu poder absoluto à vontade e, se ele quiser, tornar sua posse permanente. Além do mais, mesmo sem a declaração daqueles estados de “emergência” e “guerra” pelos quais os poderes pessoais do presidente são legalmente aumentados, a Constituição concede tais poderes normais ao presidente e seu partido como para assegurar seu domínio. O Brasil está sobrecarregado com a ditadura; Vargas está no poder: aquela Ditadura significa fascismo?

“A Nação italiana” escreve Mussolini (e “A Nação italiana” como concebida por ele deve ser aceita como o padrão do estado fascista) “é um organismo que tem fins, uma vida e meios superiores no poder e duração aos indivíduos sozinhos ou grupos de indivíduos compondo-o. É uma unidade moral, política e econômica que encontra sua realização integral no estado fascista”. É o Estado Unido, cujas corporações são “o instrumento que, sob a égide do Estado, cumpre a regulamentação orgânica completa e Unitária da produção com uma visão para a expansão da riqueza, do poder político, do bem-estar do... povo”. A empresa privada é tão essencial para o fascismo quanto para a democracia capitalista. A ditadura pelo estado – ou por um indivíduo personificando o estado – é tão essencial ao fascismo quanto tem sido ao “comunismo” na URSS, como foi para os tiranos gregos e o Império Romano, como é no presente para a manutenção em *status quo* dos governos latino-americanos. “A regulamentação orgânica e Unitária da produção”, o *controle* da empresa privada e o controle – absoluto, repressivo, benevolente (como pode ser) do trabalho, é essencial e peculiar ao fascismo. Por tal controle intencional dos recursos, instrumentos e forças de produção e das vidas dos produtores, harmonizados, de alguma

maneira, com a manutenção das divisões de classe, riqueza e privilégio especial, é o fascismo a ser definido.

Se permitirmos esta definição e voltarmos novamente para um exame da Constituição de 1937, encontraremos pouco que a condene – ou a exalte – como nitidamente um instrumento fascista. Suas restrições sobre o trabalho organizado são definitivamente de inspiração fascista, embora suas generalizações em relação à responsabilidade do Estado pelo bem-estar do trabalho sejam muito evasivas para serem tomadas seriamente. A Constituição está, de fato, principalmente preocupada com tais medidas repressoras que podem fortalecer o empregador em sua exploração do trabalho sem, de maneira alguma, exceto pela taxaço, torná-lo responsável perante o Estado ou, através do Estado, contribuinte para o avanço do Brasil. A Constituição é eficaz e concisa em sua definição dos direitos federais (isto é, Presidenciais), e foge de eventuais responsabilidades. Procuramos por programa, planos; para – com o fascismo em mente – uma intenção, escondida ou expressa, para fundar um verdadeiro Estado totalitário. Não está lá. Nem nas declarações públicas do genial Vargas (e da natureza destes eu apenas julgo através da impressão que causaram na consciência pública) realmente ele parece um fascista. Certamente ele aceitou o apoio dos integralistas, uma minoria militante fascista que, para dilatar suas insignificantes posições, desfilava seus pequenos meninos e meninas em uniforme. Mas se o recente decreto superficialmente dispersando os integralistas – e, incidentalmente, e não superficialmente, todas as organizações políticas nacionais, inclusive o trabalho – foi considerado uma dádiva para a opinião pública, ou como um ato de princípio – ou prudência – Vargas não é – não ainda – o instrumento deles.

Nem é Vargas classificado como um fascista, mesmo pelos brasileiros liberais e defensores da democracia ou, para o meu conhecimento, pelos radicais. A avaliação de seu caráter é a avaliação dos brasileiros; aventureiro político sem seguidores; o esteio – assim foi expresso para mim – de uma gangorra política, mantendo sua posição precária, isolada pela manipulação de forças opostas. Aquela influência fascista européia está ativa no Brasil e não é para ser questionada. Ainda a razão para isto é primariamente econômica. O Brasil quer negociar: e negociar com nações fascistas acarreta amizade. O Brasil está aberto à influência fascista, e aquela influência é a mais bem vinda naquilo que é consistente com a posição da Igreja na Espanha. Vargas é ditador: de Mussolini, Hitler, Franco – mãos – calorosas, mãos afetuosas – do outro lado do oceano (sic).

Aquele fascismo não está estabelecido no Brasil, o que não é nem definitivamente objetivado, não deve em nenhum grau ser atribuído aos *princípios* do ditador brasileiro. Politicamente falando, Vargas, o oportunista, não tem justificativas – apenas manter-se no poder. Nem o caminho para o poder nem, uma vez lá, sua proteção contra coisas terríveis – no Brasil, hoje – é o fascismo. Não é o fascismo porque não os interesses estrangeiros no Brasil, nem os donos das plantações brasileiras e manufatureiros, nem a burguesia urbana querem o fascismo. Não ainda.

Eles querem, conforme disse, democracia e paz. Eles querem viver no contentamento de tal liberdade civil de acordo com a civilização. Os empregadores querem ser livres para explorar o trabalho e livres de responsabilidades pelos resultados da exploração. O trabalho quer liberdade para organizar e fazer greve. As massas querem democracia, aquela através da qual, de alguma maneira, eles possam colonizar sua terra, tornar-se prósperos, ricos, empregar e explorar o trabalho. O Brasil não é desenvolvido, é imaturo. Ele e seu povo não estão mais prontos para o fascismo do que mostraram estar, quando Prestes fez greve, pelo comunismo. Dê democracia a eles: eles a querem.

Talvez o aspecto mais sério da situação criada pela nova Constituição seja a de que um retorno à democracia ou mesmo, contra a vontade do ditador, para uma mudança de ditador, é agora virtualmente impossível no Brasil, exceto por meios revolucionários. Mesmo as vozes de descontentamento e a discussão da mudança são hoje inconstitucionais; ao passo que tal política intencional organizada por uma oposição não é apenas legal sob uma democracia, mas essencial para sua vida, torna-se necessário um plano secreto, tramado em sigilo e medo e gerado na violência. Aquelas perseguições políticas que têm sido a ordem sob Vargas continuarão em toda sua grosseira injustiça e execrável barbaridade enquanto a oposição viver e temer o enrijecimento de sua prática. As prisões estão lotadas: não os tribunais. Os prisioneiros não são culpados, não são submetidos a provações. São espancados, torturados por “confissões” – que devem levar a mais prisões, mais torturas, mais prisões; mais glória para o guardião da nação. Quem se importa! Eles estão acostumados com tais coisas no Brasil. Eles estão acostumados ao governo no qual eles têm pequena parte, a constituições que são ridículas, a ditadores. Que a esposa de Ewart foi abominável e obscenamente torturada diante dos olhos do marido, de fato. A revelação de Chermont de suas torturas, diante do senado brasileiro, ninguém questiona. Tais coisas são raramente notícias no Rio. “Aquele é a polícia em todos os lugares”, o povo diz. Eu acho que é.

“Como”, um americano pode se perguntar, “nossa polícia se comportaria a não ser cara a cara com eles? Nossa liberdade de imprensa, exposição, acusação, nosso Comitê La Follette, nossa democracia? O que *fazem* e tem feito apesar de controlar – em Porto Rico, Hoboken, Chicago, Gallup? E enquanto uma realização da barbaridade verdadeira e potencial de nossa própria polícia não mitigar nosso horror ante as barbaridades maiores e mais extensivas da polícia sob Vargas, nos inclinará a observar o último como em nenhum degrau uma expressão de uma crueldade inerente à natureza brasileira, nem mesmo da excepcional crueldade e do caráter vingativo do próprio Vargas. O mal prospera na não-democracia.

O ditador, de fato, não é um homem cruel. Ele, Vargas, dizem que impediu que seus assistentes militares executassem os líderes da revolta de Prestes. “Vargas”, o povo diz, “jamais matará”. E enquanto a nova Constituição realmente permite a pena capital pela primeira vez na história brasileira, pelo menos recente – isto não é geralmente observado como expressivo de suas inclinações. Em consideração ao entendimento da situação brasileira e própria e seriamente temendo o que poderia vir disto, vamos dar ao ditador aquilo que lhe é de direito: Vargas é, pessoalmente, adorado por muitos.

A declaração do advogado conservador, Sr. Pinto (citado antes neste relatório), “O povo brasileiro não tolerará a ditadura”, pode, em minha cabeça, ser tomada como a expressão do Brasil. Vargas ainda rege. Américo, o candidato das massas, fica como um prisioneiro virtual, em sua pequena casa no subúrbio do Rio. Ele é um homem desprezioso, gentil, quieto, pequeno e observa um pouco tristemente um mundo que dolorosamente para seus olhos míopes devem parecer um embaçado disforme. “Eu lutei pelos pobres”, ele me disse, “pelo povo. Eu queria democracia: isso é tudo”. Ele falou como se sua vida, seu mundo, estivesse todo dentro dele. O mundo deve vir para ele, para que possa vê-lo. “Quando eles vierem para mim de novo”, ele disse, “quando eles me quiserem, estarei pronto”. Até então, gentil e quietamente, ele esperará. Seria melhor!

“Nós estamos perplexos”. Assim falou um jornalista líder do Rio; um liberal. Nove dias eu fiquei no Rio, um estranho ignorante da língua, dependendo da conversa dos meus amigos e daqueles que entrevistei, ou de intérpretes. Eu conversei livremente com frequência para o grande embaraço dos meus ouvintes. Acho que acreditaram em mim, confiaram. Os homens conversaram livremente comigo – em voz baixa; eu acreditei neles. Este relatório é o registro de minhas impressões e, infelizmente talvez, mais do que isso.

Tentei trazer alguma ordem para minha perplexidade. Isto é perigoso. Tome este relatório com cuidado.

“Por favor”, disse o embaixador Aranha quando o deixei, “não escreva nada sobre o Brasil que perturbe a amizade entre os brasileiros e americanos”, confio que não tenha feito. Deixe-me ir além e tentar apoiá-lo. “Todos os executivos americanos”, disse-me um executivo americano no Rio, “dizem que Vargas vai parar com sua tolice e jogar bola”. Bom: vamos jogar bola. Com Vargas no bastão, vamos atacá-lo.

ACONTECEU NO BRASIL, por Harrison George⁶¹⁶

O Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro foi formado pelo propósito de conduzir uma campanha nos Estados Unidos pela anistia para os 17.000 prisioneiros políticos agora sendo torturados nas cadeias do Brasil. Estes homens e mulheres foram encarcerados unicamente por causa de suas participações na campanha por direitos democráticos, por libertação nacional e contra a onda crescente do fascismo. O Comitê Unido apela aos indivíduos, às organizações sociais, políticas, culturais, às igrejas e sindicatos a tomarem as seguintes ações específicas:

I – Enviar documentos com decisões formais, telegramas e cartas à Câmara de Deputados brasileira, ao Senado brasileiro, ao Presidente Vargas no Rio de Janeiro, ao embaixador brasileiro em Washington D.C., Oswaldo Aranha, e ao cônsul brasileiro nesta cidade, exigindo:

A. Que a imediata anistia seja concedida aos 17.000 prisioneiros políticos.

B. Que os direitos civis e democráticos totais sejam restaurados ao povo brasileiro.

C. Que todas as medidas repressoras no Brasil contra o movimento sindical imediatamente cessem.

D. Que o ex-deputado do Reichstag, Arthur Ewert e sua esposa agora, na cadeia no Brasil, tenham a permissão de embarcar para o país de sua própria escolha.

II – Enviar documentos com decisões formais e cartas ao Departamento de Estado em Washington em apoio à decisão do congressista Marcantonio por uma investigação da morte do jovem cidadão americano, Victor Allan Barron.

III – Fundos e apoio são imediatamente e urgentemente necessários aos nossos boletins, panfletos, publicidades, delegações e outros trabalhos organizacionais.

⁶¹⁶ Tradução da autora.

Apreciaríamos muito qualquer assistência financeira. Cheques devem ser endossados e enviados ao:

Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro
156 Quinta Avenida (Sala 530) – Cidade de Nova York

ACONTECEU NO BRASIL

São oito horas da manhã do dia 5 de março de 1936. A cidade do Rio de Janeiro, afamada como a mais bela de todas as cidades do mundo, está acordada com o amanhecer tropical. O fraco frio que perdurou à noite já está recuando ante o fogo do Sol escaldante, ao refúgio das águas azuis da baía.

Por volta do portão, na muralha que encerra o pátio interno do Quartel Central da Polícia, uma multidão se junta. Algo aconteceu. O relato que alcança o jornal “Diário da Noite” narra que um prisioneiro “cometeu suicídio” ao saltar de uma janela do terceiro andar, a uma altura de pelo menos 45 pés, ao chão de concreto do pátio interno do Quartel da Polícia. Um repórter se apressa à cena.

O que o repórter viu, escreveu. O que ele escreveu foi publicado na quinta edição de seu jornal naquele dia. Dizia:

“O corpo *permaneceu lá por um longo tempo*, esperando sua remoção ao *necrotério*. Os curiosos que se aproximavam eram rapidamente dispersados pela polícia, que guardava o corpo. O exame do corpo pela polícia *durou muito tempo*. Quando as formalidades necessárias foram concluídas, *o corpo foi levado ao Instituto Médico Legal para ser autopsiado*. No *necrotério*, nosso repórter teve a oportunidade de examinar o cadáver. “Um jovem homem branco, de aparência fraca e esquelética, com cabelos castanhos.”

“O corpo,” disse o repórter – que estava consideravelmente impressionado por este estranho fato – “foi entregue ao necrotério com um documento escrito pelo Quartel Central da Polícia. Este documento nada dizia em relação à identidade do homem. Meramente declarava que era um prisioneiro.”

A polícia não sabia quem era ele? Certamente, eles sabiam. Ele era um cidadão americano a quem haviam prendido cinco semanas antes, em 28 de janeiro. Prisão esta que haviam mantido em absoluto sigilo – *exceto do embaixador americano, o qual também havia mantido completamente em sigilo*. Agora eles procuravam, ao recusar o fornecimento

de seu nome e identidade, manter até sua morte em sigilo – assim o povo americano não saberia.

Mas o segredo veio à tona. Um corpo deve ser explicado. E, antes da noite, por rádio e telegrama a notícia foi para todas as partes da terra, que um cidadão americano, Victor Allen Barron, havia – segundo a polícia brasileira – “cometido suicídio”, estranhamente bem no amanhecer do mesmo dia, assim eles disseram, que “iriam” libertá-lo para voltar aos EUA.

Dentre todas as descrições, muitas conflitantes, que despejaram do Brasil, um fato sobressaiu claramente: Este jovem americano não havia sido culpado pela violação de qualquer lei brasileira. Nenhum indiciamento havia sido oferecido contra ele. *A ele não foi oferecida nenhuma audição em qualquer tribunal*; ele não foi trazido para diante de nenhum juiz. Mas por cinco semanas ele foi mantido preso ilegalmente, sob a lei brasileira, no poder da Polícia Política brasileira, notória por suas torturas e assassinatos de prisioneiros. A ele não foi permitido ver nenhum advogado e tampouco escrever para ninguém; ele foi mantido secretamente e “questionado” – contrário à lei brasileira, *com o consentimento do embaixador americano, Hugh Gibson*.

A polícia do Rio de Janeiro meramente seguiu um costume seu ao declarar que o jovem Barron havia “cometido suicídio ao saltar de uma janela.” O fabricante brasileiro, Conrad Niemeyer, que há alguns anos foi preso neste mesmo Quartel da Polícia por oposição política, foi igualmente declarado pela polícia do Rio como tendo “cometido suicídio ao saltar de uma janela.” Porém, uma investigação pública e honesta, provou que ele foi espancado até a morte por esta polícia, um dos quais foi “punido” ao ser forçado a renunciar.

Nos Estados Unidos, os protestos começaram diante desta evidência. Por qual razão o embaixador americano havia ajudado a polícia de um governo estrangeiro no encarceramento ilegal e nos maus-tratos de um cidadão americano?

A mãe do menino na Califórnia e seu pai, em Nova York, na primeira descrição do suposto “suicídio”, declararam que ele foi assassinado e exigiram uma investigação. Eles ainda exigem isso.

Vamos seguir o corpo dessa juventude americana do Quartel da Polícia ao necrotério onde foi autopsiada, sua identidade ainda desconhecida pelo Dr. Bourguoy de Mendonça. A publicação, em parte, do relatório da autópsia apenas saiu em 8 de abril, no jornal “O Jornal” do Rio de Janeiro, em resposta a semanas de protesto. Publicado para

sustentar a teoria de suicídio, esta reportagem incompleta, entretanto, inclui os seguintes fatos assombrosos (para o relatório, veja o apêndice “A”):

1. Bolsos de ambos casaco e calças virados do avesso.
2. Nenhum outro osso quebrado além de uma costela, a primeira (a qual está logo abaixo da clavícula).
3. Muitos pequenos ferimentos e muitas escoriações em todas as partes do rosto, cabeça, tronco, braços e pernas.
4. Um estômago vazio e encolhido, intestinos cheios de gases; fígado anêmico.
5. A morte ocorreu por hemorragia interna da ruptura do pulmão esquerdo e de múltiplas rupturas do rim esquerdo.

As feridas e escoriações, disse o repórter, baseando-se no relatório médico, podem ter sido infligidas por volta de doze horas antes da autópsia.

Mais do que registrar o que descobriu o médico brasileiro não faria nenhuma afirmação se a condição do corpo de Barron estava de acordo ou contradizia a história da polícia. Mas quando seu relatório chegou aos Estados Unidos, o Comitê Unido pela Defesa do Povo Brasileiro apresentou traduções do relatório aos patologistas deste país. Estes peritos não puderam ver nele a confirmação da teoria que a morte de Barron tenha sido causada por uma queda de tal altura. Pelo contrário, eles declararam:

1. Que era virtualmente impossível par alguém, vivo ou morto, ter caído três andares, sem sofrer mais fraturas do que uma costela. E que a costela, dita quebrada, a primeira costela abaixo da clavícula, sendo a menor de todas e bem protegida, poderia ter sido quebrada por um golpe direto de grande força, mas raramente por tal queda.
2. Que a grande quantidade de pequenas escoriações e ferimentos por todo o corpo sugerem definitivamente que o homem foi torturado pouco tempo antes da morte; que, certamente, uma queda não os produziriam.
3. Que a condição do estômago, fígado e intestinos mostram um período de inanição.
4. Que a ruptura do pulmão *esquerdo* poderia ter sido causada pela primeira costela fraturada se fosse a primeira costela *esquerda* (a autópsia não diz se foi a direita ou a esquerda); mas isso não explica a ruptura do rim esquerdo. Que rins rompidos são quase (sic) causados por violência direta, como por golpes na parte inferior das costas. Que a ausência de uma grande escoriação naquela região, tal

como uma queda antes da morte, e a presença de pequenas escoriações em *ambos os* lados da região inferior das costas, sugerem surra ou pisoteamento.

5. Finalmente, que o relatório autopsial “definitivamente tende a provar que a alegação de que Victor Allen Barron foi torturado até a morte e tende a contestar a versão da polícia de que o homem cometeu suicídio ao pular de uma janela do terceiro andar enquanto ainda estava vivo.”

Ainda sobre a assinatura do Cônsul dos E.U., Harold B. Minor, o Departamento de Estado americano apresentou à mãe do menino um relatório consular do Rio de Janeiro datado de 9 de março, o qual evasivamente sustenta a estória policial, a qual contradiz a descrição do jornal e distorce a autópsia médica.

1. “*Segundo autoridades policiais locais,*” diz o Cônsul Minor, “a morte resultou de um pulo suicida do terceiro andar da Delegacia Central da Polícia.” O Cônsul Minor aceita esta estória da polícia? Se ele não aceita, porque passá-la à mãe como verdade? Face a uma onda de protesto, o Cônsul Minor não faz nenhuma investigação!

2. O Cônsul Minor diz que a morte ocorreu às “08h15min da manhã,” e no Pronto-Socorro do Hospital Municipal Central. Isto obviamente sustenta a estória da polícia de que Victor estava vivo enquanto estava deitado no pátio da delegacia, que foi levado a um hospital e lá morreu. Os relatórios da polícia afirmam que o menino pulou às 8 horas. Mas o repórter, uma testemunha ocular, afirma enfática e claramente que o corpo permaneceu por um longo tempo sobre o pavimento. E os médicos americanos declaram que a morte por ferimentos no pulmão e rins, indicados na autópsia, não teriam ocorrido até 10 ou 12 horas após o sofrimento dos ferimentos.

Em resposta a uma determinação (H.R.453) introduzida pelo congressista republicano, Vito Marcantonio, exigindo uma investigação pelo Departamento de Estado das ações do embaixador Gibson, o Secretário de Estado Cordell Hull, se colocou do lado da polícia brasileira, em um relatório evasivo e vago, datado de 25 de março. O relatório de Hull oculta o fato de que não apenas o embaixador Gibson, mas seu próprio escritório de Washington estava ciente da prisão de Barron e por mantê-la em sigilo por cinco semanas, ajudou a polícia brasileira em sua tentativa de arrancar informações de Barron, mediante tortura. Ao mesmo tempo, os agentes de Hull na América estavam, em vão, procurando por alguma evidência contra Barron, evidência a qual não poderia ser obtida no Brasil.

Tão contra a afirmação de Hull, que o embaixador Gibson havia “se interessado” apenas em “estabelecer a identidade de Barron”, está fato de que Barron havia se registrado como um cidadão americano no consulado do Rio, no mês de agosto passado. Além disso, os agentes de Hull haviam verificado a cidadania do jovem com sua mãe, na Califórnia, um mês antes de seu assassinato. Hull diz que Gibson havia tentado “libertar” Barron, que havia “feito tudo que podia” para impedir que Barron fosse “interrogado”: mas o menino não foi solto. Ele foi morto por tortura infligida dentro de poucas horas, no máximo, da hora em que “um representante da Embaixada Americana” esteve presente com ele no quartel da polícia, segundo o próprio relatório de Hull.

Conforme estes fatos se tornam lentamente conhecidos nos Estados Unidos, o congressista Marcantonio apresentou uma outra resolução exigindo uma investigação, visto que o relatório de Hull havia sido derrotado na primeira tentativa no Comitê de Negócios Exteriores. Mas a maldita evidência estava se acumulando contra ambos o Departamento de Estado e a polícia brasileira e – para estrangular qualquer investigação, disse o republicano Marcantonio, em uma reunião pública em Nova York em 14 de maio, “o Secretário Hull esta usando pressão para impedir uma investigação.”

Bem pode o leitor estranhar face a esta assombrosa, para não dizer cumplicidade criminal dos funcionários do governo americano com torturadores fascistas e assassinos de um cidadão americano no exterior!

A resposta está nas relações entre o presente governo do Brasil e o capital financeiro e comercial americano. Na Guerra Mundial, centenas de milhares de meninos americanos pereceram para tornar seguros os empréstimos de 3.000.000.000 de dólares de Morgan às forças aliadas. Em essência, eles foram assassinados por Morgan. Do mesmo modo, Victor Allen Barron foi assassinado para garantir a segurança dos investimentos americanos e as trocas comerciais americanas como vasto prêmio do imperialismo que é conhecido como BRASIL!

* * * *

O QUE É O BRASIL?

Maior do que nossos próprios Estados Unidos, dezoito vezes maior do que a França; o Brasil expande sua imensidão sobre o continente sul americano, bem embaixo do Equador. De suas vastas e úmidas florestas do Rio Amazonas, posicionadas quase como uma planície abaixo do sol equatorial, às montanhas agradáveis cobertas de verde da costa sul, uma terra igualmente bela e terrível.

Aqui está uma terra ampla e poderosa que contém generosos depósitos minerais, planaltos férteis, tremendos recursos de poder hídrico não utilizado. Produz café, algodão, borracha, açúcar, cacau, ferro para o mercado mundial. Com suas riquezas naturais e suas extraordinárias potencialidades de produção, seus 47.000.000 de pessoas, dotadas como são de gênio e energia, poderiam cada um e todos desfrutar de uma vida abundante e livre. Eles poderiam, mas – que pena! Eles não o fazem! Ao contrário, a grande maioria mal e mal existe na miséria e na escravidão virtual. Não muito atrás, quando um homem de consciência, Belisário Penna foi Administrador da Saúde Pública, escreveu:

“Trinta milhões de seres humanos sem quaisquer posses materiais estão morrendo lentamente no Brasil, de fome, sífilis e malária.”

O que trouxe à tona esta horrível nuvem de miséria, peste e horror sobre esta terra, abençoada com uma riqueza e beleza além de quase todas as outras desta terra? A resposta é – IMPERIALISMO!

Os pacíficos índios nativos que, séculos atrás, deram as boas-vindas aos primeiros navios de Portugal, foram escravizados pelos portugueses e, quando resistiram, foram trucidados como animais. Então escravos negros foram importados da África; eles rebelaram-se repetidamente, mas foram libertados, finalmente apenas, em 1888. No ano seguinte, 1889, o Brasil, até então uma monarquia, se tornou – pelo menos em nome – uma república.

Durante o século XIX os capitalistas britânicos, fortemente respaldados, como sempre, pelo Gabinete Estrangeiro, haviam alcançado êxito ao se estabelecerem no Brasil como banqueiros, comerciantes e investidores. Capitalistas de outras terras seguiram o comando dos britânicos de tal forma, que os cargos chave na economia de cada estado brasileiro se submeteram ao controle estrangeiro. Os presidentes e os grandes políticos do Brasil eram, e ainda são, meros funcionários de poderosos banqueiros e homens de negócio estrangeiros. Eles servem aos mestres estrangeiros e, por sua vez, exploram brutalmente e oprimem seu próprio povo, mantendo na terra um regulamento semi-feudal semelhante aos dos barões da Idade Média.

Após a Guerra Mundial, Wall Street começou uma disputa, a qual ainda continua para tirar o domínio da Grã-Bretanha. Investimentos americanos subiram de 50.000.000 de dólares em 1913, para 557.000.000 de dólares, em 1930. E 1930 marcou um ganho acentuado na influência de Wall Street. Naquele ano um golpe militar empossou o poder ditatorial em Getulio Vargas, que ainda está no palácio presidencial no Rio de Janeiro.

O comércio americano, também, ferozmente expulsou os britânicos; aumentou 103% entre 1913 e 1927. Os produtos americanos importados pelo Brasil em 1932 excederam os britânicos pela metade. A luta, entretanto, continua; o Brasil é a vítima dos vorazes imperialistas competindo pelo controle.

Gás, água e luz elétrica e casas de força, ferrovias, bondes e linhas de ônibus, sistemas telefônicos, cinemas e fábricas de todos os tipos pertencem às corporações estrangeiras, principalmente àquelas que se originam através dos estoques e promissórias ao Morgan. Enormes plantações de café são possuídas por banqueiros britânicos que nunca vêm o Brasil. Corporações de Wall Street compram todo o café e extraem enormes lucros sobre o bilhão de libras que enviam todos os anos somente aos Estados Unidos. Apenas os subornados agentes desses ladrões estrangeiros e um punhado de brasileiros ricos escapa da miséria.

Gigantes ranchos pecuários e enormes plantas de embalagens pertencem à Armour & Co., de Chicago. Ricas minas de ouro são mantidas pelos britânicos, minas de manganês pela U.S. Steel Corporation. No meio da selva úmida da Amazônia, Henry Ford, o déspota de Detroit, controla um império de plantações de borracha com 3.700.000 acres. Lá, Ford é o governo bem abertamente. As leis brasileiras não se aplicam. Lá, Ford tem seu próprio exército e seus capatazes da plantação ditam as regras, com chicote e revólver, milhares de índios e negros que ganham – no mais alto salário – 12 centavos por dia, os quais devem gastar nas lojas da companhia!

* * * *

Mas o povo brasileiro não consentiu quietamente à ruína e pilhagem de seu país. A tropa, a qual vem do campesinato e os oficiais de baixa patente, das comprimidas classes médias, têm agido de comum acordo com as massas tolhidas para tentar derrubar a lei dos traidores nativos que venderam o país ao imperialismo.

O começo histórico foi em 5 de julho de 1922, quando soldados rebelados e cadetes militares viraram suas armas da Fortaleza de Copacabana aos edifícios do governo no Rio de Janeiro. Desesperada, breve e sangrenta foi a batalha. Cercado por milhares, 18 heróis patriotas se destacaram de seus camaradas, apertaram contra seus peitos a bandeira de seu país e, recusando a se entregarem, apressaram-se de encontro a morte diante de tiros impiedosos de um governo que foi traiçoeiro ao povo brasileiro.

Nunca desde Copacabana o povo do Brasil foi o mesmo. Sucessivas ondas de revolta foram testemunhos da determinação do povo brasileiro em ganhar sua independência nacional.

Após Copacabana, um jovem cadete, *Luis Carlos Prestes*, suspeito de participação, foi mandado da capital para uma pequena cidade no sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul.

Veio julho de 1924 e, novamente, revolta. Desta vez, no estado do sul de São Paulo, onde as pessoas se uniram às tropas na batalha contra o comando do Presidente Bernardes, então no poder no Rio de Janeiro. Por três semanas a cidade de São Paulo, com aproximadamente um milhão de habitantes, foi tomada por rebeldes. Mas a rude e sangrenta tirania novamente forçou a rendição, e com artilharia ameaçando o povo desarmado, o comandante rebelde desistiu.

Entretanto, em seu posto no Rio Grande do Sul, Luis Carlos Prestes, que estava no comando, havia se aliado com seus soldados ao povo e gritando alto “Nós não podemos deixar o fogo da revolução ser extinto!”, começou uma campanha de mais de dois anos de resistência que se sustenta inigualavelmente em estratégia militar e ousadia.

A famosa “Coluna Prestes”, algumas poucas centenas que expandiram para milhares, marcharam auxiliados por camponeses e trabalhadores, para frente e para trás através das vastas distâncias da nação inteira, do sul ao norte, do leste ao oeste, enredando-se através da terrível selva, brejos, desertos e montanhas sem trilhas, sempre com as forças opressivas das tropas do governo contra eles, as quais Prestes derrotou ou fugiu. Saudado como Libertador pelos camponeses cujas listas de impostos e cadernetas de débitos ele queimou, o seu foi um fantasmagórico exército que aterrorizou os ricos!

Quinze mil milhas! Imaginem um comandante que, contra similares obstáculos da natureza e com tropas dez a um contra ele, poderia marchar seus homens cinco vezes através dos Estados Unidos do Atlântico à costa do Pacífico! Apenas após dois anos e quando não era mais possível continuar, ele realmente guiou seus homens para a segurança do exílio na fronteira da Bolívia. Não é nenhuma surpresa que o povo brasileiro idolatra Luis Carlos Prestes! Não é nenhuma surpresa que eles o chamam de “Cavaleiro da Esperança”.

1930. Eleições forma feitas. Contra o então presidente, Washington Luis (que havia favorecido os britânicos e estava aliado aos reis britânicos do café do estado de São Paulo), um Getulio Vargas se candidatou à presidência. Ele, Vargas, assumiu o slogan por um

Brasil livre, pelos direitos democráticos para o povo, contra a opressão imperialista – slogans que haviam feito Luis Carlos Prestes amado pelas grandes massas. O partido de Vargas era chamado de “Aliança Liberal”.

Mas Washington Luis estava muito firmemente entrincheirado. Vargas foi denunciado como um “Bolchevique”, chamado de “agente de Moscou” porque usou palavras que excitavam novamente as esperanças das pessoas. A polícia política, recebendo seu pagamento e as instruções de Washington Luis, apresentou provas contra Vargas e seu líder assistente, Oswaldo Aranha. E – Vargas perdeu a eleição.

Entretanto, Vargas tinha amigos poderosos. Os grandes pecuaristas no estado do Rio Grande do Sul estavam do seu lado. Estes rancheiros e homens dos Estados Unidos que foram denunciados secretamente como agentes dos bancos de Wall Street que os financiaram, estavam envolvidos com Vargas e sua panelinha e com oficiais de alta patente do exército, em uma série de planos secretos. Em outubro de 1930, os militaristas e imperialistas por trás de Vargas, em um repentino ataque, apoderaram-se da presidência pela força das armas, desapossando Washington Luis. Entrevistado pelos repórteres dos jornais imediatamente após o golpe, Vargas declarou, “Eu sou o ditador do Brasil.”

Muitos haviam apoiado Vargas porque acreditaram nele quando lhes prometeu direitos enquanto seres humanos e cidadãos, porque acreditaram nele quando disse que Prestes o apoiou. Isto era uma mentira. Prestes não apoiou Vargas, uma vez que no exílio no exterior, ouviu falar da mentira tarde demais para negá-la. Porém, poucos dias depois, sua mensagem veio para o povo, que havia sido enganado por Vargas. E Prestes disse, “Em um momento quando uma ditadura foi trocada por outra, ainda pior, ainda mais sangrenta, eu me declaro uma vez mais pronto para a luta inabalável em comum com as grandes massas trabalhadoras do Brasil.”

Em vão Vargas tentou subornar Prestes com ofertas para torná-lo Ministro da Guerra. Este modesto tenente cujo talento militar havia surpreendido o mundo recusou. Não apenas recusou, mas atacou cruelmente Vargas como um traidor nacional, que era um tirano pior do que o que ele havia deposto. Vargas violou suas promessas, oprimiu o povo e a torto e a direita vendeu as riquezas da nação aos imperialistas, especialmente para Wall Street.

Tão furioso estava o povo em ser enganado, que o grupo de imperialistas que havia apoiado Washington Luis pensou em tirar proveito pela oposição geral à Vargas e, em 1932, tentaram depô-lo. Uma guerra comum eclodiu entre o estado de São Paulo, no qual a

influência britânica era especialmente forte, e o governo central chefiado por Vargas. Somente com pesado investimento financeiro dos bancos de Wall Street, Vargas conseguiu manter o poder.

A revolta de São Paulo gozou de uma grande quantidade de apoio popular, entretanto, perto de seu final o povo brasileiro viu que enquanto milhares de seus compatriotas haviam morrido, a miséria permanecia. De fato, estava se agravando. Os preços do café e de outros produtos brasileiros de exportação estavam caindo desastrosamente no mercado mundial, uma grave e inusual seca devastou o Ceará e outras províncias do norte, e os imperialistas estrangeiros estavam apertando seu poder. Em defesa às suas próprias vidas, os trabalhadores brasileiros se organizaram. Poderosos sindicatos foram construídos, acrescentando-se aos sindicatos que haviam sobrevivido aos períodos de guerra civil.

Vargas havia estabelecido um Ministério do Trabalho com o dever de patrocinar novos, “seguros” sindicatos e, então enfraquecendo o movimento sindical. Foi a mesma tática que os empregadores nos Estados Unidos usam quando montam sindicatos nas empresas. Mas em certas indústrias, notavelmente nas estradas de rodagem, os trabalhadores converteram os sindicatos governamentais em genuínas agências coletivas de barganha, e alhures sindicatos independentes funcionaram apesar de todos os esforços para suprimi-los. Vargas compreendeu que, sozinho, e por meios legais ele era muito fraco para esmagar o movimento sindical.

Em 1933, uma organização fascista foi formada no Brasil. Chefiada por um salafário chamado Plínio Salgado e financiada em grande parte, por Matarazzo, um rico ítalo-brasileiro, proprietário de 85 fábricas, esta organização recebeu o nome de Integralistas e, adotou como seu símbolo o sigma, sinal de integração. Seu programa prático incluía o assassinato de líderes antifascistas e violência contra sindicatos e partidos políticos das classes trabalhadoras. Do começo gozou da total proteção do governo.

No verão de 1934 começou uma onda de greves que continuaram até 1935. Greves por jornadas de oito horas – já garantidas por uma lei a qual, entretanto, Vargas não faria cumprir. Greves por maiores salários. A polícia e os fascistas trabalharam juntos para esmagar todas as greves. Batalhas campais ocorriam nas ruas, a polícia sempre ajudando os fascistas, torturando e assassinando líderes sindicais os quais eles mantinham aprisionados. Deste modo foi assassinado o líder sindical dos estivadores, Alexander Herculano, na cidade de Santos.

VARGAS NEGOCIA UM TRATADO COM WALL STREET

Em janeiro de 1935 negociações começaram para um novo tratado de comércio com os Estados Unidos. Não sem motivos, Wall Street havia ajudado Vargas. Este tratado não era algo rotineiro, porém, muito inusual. Na Câmara dos Deputados foi chamado “monstruoso”. Garante aos imperialistas americanos tais favores como nunca foram conhecidos antes. Setores inteiros da indústria brasileira mantidos por pequeno capital nativo estão arruinados pela livre admissão dos produtos americanos e milhares de trabalhadores são acrescentados à lista dos desempregados.

Até este ponto em que o tratado se encontra, ele não apenas viola a lei brasileira, a qual limita tais tratados à cláusula da “nação mais favorecida”; mas sua assinatura final teve que ser acompanhada por um cancelamento de tratados de comércio com quarenta países. As massas ficaram enfurecidas e naquele mesmo mês de janeiro de 1935, foi organizada uma grande frente de luta do povo, chamada de *Aliança Nacional Libertadora*.

A Aliança conduziu as massas em enormes manifestações de protestos contra o proposto Tratado de Comércio. A Aliança era composta de sindicatos, os “Tenentistas” (oficiais de baixa patente do exército), o Partido dos Trabalhadores (o qual é afiliado à Internacional do Trabalho e Socialista), o Partido Socialista, o Partido Comunista e muitas outras organizações de profissionais, estudantes e elementos de todas as classes.

Um grande clamor alcançou Prestes para liderar a Aliança Nacional Libertadora. Sua carta de aceitação lida enquanto milhares descobriam suas cabeças para escutar as palavras de seu ídolo nacional, simplesmente afirmou: “Eu me uno à Aliança a fim de me tornar membro, ombro a ombro com todos aqueles que não se venderam ao imperialismo, eu posso lutar pela libertação nacional do Brasil, pela abolição das condições feudais, pela defesa dos direitos democráticos do povo brasileiro que está ameaçado pela barbárie fascista.”

O Programa da Aliança Nacional Libertadora era simples e direto:- 1) Dispersão dos bandos fascistas armados dos Integralistas; 2) Nacionalização das empresas estrangeiras, bancos, etc.; 3) A jornada de oito horas, com um dia de descanso em sete; 4) Iguais pagamentos a homens e mulheres executando o mesmo trabalho; 5) Uma lei de salário mínimo; 6) Seguro desemprego e pensões por idade; 7) Comitês populares para checar que as leis sociais estão sendo cumpridas.

Até os sindicatos do governo, organizados pelo Ministro do Trabalho, uniram-se à Aliança; igualmente fizeram setores da Igreja Católica; igualmente um general de alta

patente, Miguel Costa. As massas moveram-se adiante. Elas protestaram contra o proposto Tratado de Comércio com a América. Elas manifestaram, exigiram o cumprimento das leis trabalhistas em fábricas possuídas por imperialistas.

Os sindicatos, tornados poderosos, mas ameaçados pelo fascismo, consolidaram suas forças. No final de abril eles se unificaram em uma organização: *Confederação dos Sindicatos Unidos do Brasil*. Incluídos estavam 42 sindicatos da Federação Proletária do Rio Grande do Sul; aquela de Pernambuco com 45 sindicatos; a Federação do estado do Rio com 29 sindicatos; de Minas Gerais com 28 sindicatos; a Coalizão Paulista do altamente industrializado estado de São Paulo com 27 sindicatos; a Federação dos Sindicatos Ferroviários com 13 sindicatos poderosos; os Bancários; o Sindicato Tipográfico; a Associação dos Comerciantes com 25.000 membros. Ao todo, a Confederação tinha 500.000 membros. Endossou a Aliança Nacional Libertadora.

Uma convenção controlada por Vargas havia adotado em 1934, uma nova constituição contendo algumas cláusulas liberais, notadamente garantias das liberdades civis e promessas de legislação social, também “nacionalização das cadernetas de poupança”. Mas em abril de 1935, a legislatura federal adotada na exigência de Vargas, uma assim chamada Lei de Segurança Nacional, a qual roubou do povo as liberdades garantidas a eles no papel pela Constituição. Vargas prontamente fez uso da nova lei, a qual os trabalhadores haviam alcunhado de “Lei Monstruosa”, para ilegalizar em julho, ambos a Aliança Nacional Libertadora e a Confederação dos Sindicatos e, para severamente restringir o direito dos trabalhadores da organização. Ao mesmo tempo, os fascistas foram encorajados e permitidos presidir um congresso. O terror da polícia se intensificou. O líder estudantil, Tobias Warchawski, preso enquanto falava em uma reunião no Rio de Janeiro, foi encontrado morto alguns dias depois. A polícia inventou a estória absurda de que ele foi “morto pelos comunistas”.

Vargas temeu a propagação do apoio da Aliança dentro do exército o qual, pretendeu usar contra o povo. Ele começou uma “purgação” hitleriana, prendendo alguns, transferindo outros e ameaçando todos com punições, incluindo morte. Aqueles presos começaram a desaparecer. Apenas para serem encontrados mortos. Os fascistas se tornaram livres, com permissão não oficial, para bater e assassinar, ajudados pela polícia.

Desafiados além da tolerância pela tentativa do governo de banhar em sangue uma greve ferroviária no nordeste, trabalhadores e soldados se rebelaram em 24 de novembro de 1935. Rapidamente, foram apoiados por uma revolta de parte das tropas no Rio de Janeiro.

Para isto, Vargas havia conspirado e preparado. Contra isto, desencadeou tal brutal terror que a consciência humana permanece chocada. Dois cruzadores foram mandados a Recife e Natal para bombardear aquelas cidades indefesas. Mais de 100 homens, mulheres e crianças foram mortas por bombas aéreas jogadas sobre Jaboatão, no estado de Pernambuco. Na sessão residencial do Rio de Janeiro, os quartéis do Terceiro Regimento da Infantaria foram cercados, incendiados, encurralados pela artilharia e atacados com baionetas fixas.

Pelo decreto de Vargas, e em violação à Constituição a qual proíbe expressamente lei marcial “exceto em caso de guerra com um poder estrangeiro”, lei marcial e estado de sítio foi proclamado. Em dezembro isto foi mudado para um “estado de guerra” o qual, renovado em março, está mantido até o presente (junho de 1936). E, sob esta lei de terror e sangue, centenas foram mortos e 17.000 pessoas foram jogadas nas prisões. Não apenas os soldados rebeldes, mas milhares de sindicalistas, professores universitários, eminentes cientistas, advogados, centenas de doutores, estudantes, oficiais do exército – incluindo o General Miguel Costa.

Contra todas essas pessoas, Vargas e seus cães policiais levantam uma única acusação: “Comunistas!” Por absurdo que seja todos são chamados de “Comunistas” e Vargas, junto com os Integralistas fascistas, posam para o mundo como os defensores do Brasil contra o Bolchevismo! Para sustentar esta acusação, um “agente de Moscou” tinha que ser produzido. Assim, um Comunista refugiado da Alemanha de Hitler, Aruthur⁶¹⁷ Ewert e sua mulher, foram encarcerados e “documentos” foram inventados para provar que estes eram “agentes de Moscou”.

Eles foram torturados desumanamente. Ambos foram espancados e queimados com cigarros e fios elétricos. Em depoimento Sra. Ewert conta como ela foi levada diante de seu impotente marido, despida completamente por ordens do Chefe de Polícia do Rio de Janeiro, Felinto Mueller, e espancada com cintas, seus seios foram torcidos até que ela desmaiasse reavivada com água, para repetir esta tortura bárbara!

Um jovem oficial das tropas rebeladas, Capitão Augusto Medeiros, preso pela polícia, foi encontrado morto por 23 feridas de diferentes tamanhos pouco depois que um carro, do qual um homem gritava por socorro, correu através de um parque, a Praça Saenz Penna no Rio de Janeiro. Enquanto o carro passava por aqueles que tentaram pará-lo, um homem no carro que estava lutando para silenciar o outro perdeu um chapéu. No chapéu

⁶¹⁷ Grafado assim no texto original.

estava o sigma dos Integralistas fascistas, os “Camisas Verdes”. Ainda a polícia alega que o Capitão Medeiros foi “morto por Comunistas.”

* * * *

PORQUE O DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS DEFENDEM OS BRASILEIROS FASCISTAS ASSASSINOS DE UM CIDADÃO AMERICANO

Apesar de as negociações do “tratado de comércio” americano-brasileiro terem começado em janeiro de 1935, o Presidente Vargas, que ilegalmente barrou até membros do seu próprio gabinete das negociações as quais, ele sozinho, levou adiante, não ousou – por causa dos enormes protestos – assinar este tratado escravizante só após ter esmagado o levante de novembro e afogado em sangue, o movimento de protesto do povo. Assim, Vargas assinou este tratado somente em 2 de dezembro – apenas seguindo sua declaração ilegal de lei marcial e o aprisionamento de milhares.

“O governo vai além das leis,” disse Daniel de Carvalho, na Câmara de deputados do Brasil durante as “negociações” (veja *Economista* de outubro de 1935). “O tratado está sendo negociado sem o conhecimento e aprovação dos partidos interessados, tais como os Ministros da Agricultura e do Trabalho. Nem os órgãos técnicos especializados, o Conselho da Receita Alfandegária nem o Conselho Superior de Tarifas foram consultados. O protesto da população brasileira é geral. Na imprensa, no parlamento ressoa o eco deste grande movimento pela rejeição ao tratado. Este tratado foi negociado sigilosamente. Este tratado, ao reduzir a tarifa alfandegária em 107 itens de produtos americanos, tenciona uma ameaça de morte às indústrias brasileiras que também afetarão milhões de trabalhadores e camponeses.”

Porém, pelo terror fascista que Vargas colocou ferozmente contra o povo, Wall Street e o Secretário Hull ganharam este tratado de comércio com o Brasil. Por este tratado, ao imperialismo americano é dado um rico monopólio no comércio estrangeiro com o Brasil. E – para Vargas, o tirano fascista-feudal que presenteou Wall Street com este prêmio imperialista, o Secretário Hull do Departamento de Estado americano *não* enviará qualquer ultimato para a polícia que torturou e assassinou um menino americano, seja punida! Vargas poderia revogar este tratado e ceder seus favores aos britânicos!

* * * *

EXISTEM HOMENS CORAJOSOS NO BRASIL

Dois de março de 1936, três dias antes do assassinato do jovem Barron. A lei marcial e o terror governam o Brasil. As prisões estão lotadas não apenas com aqueles que, na verdade, participaram do levante de novembro passado, mas milhares somente “suspeitos”. Dia e noite novas prisões são feitas. As tropas e a polícia cercam distritos inteiros e vasculham cada casa.

Mas existem homens corajosos no Brasil. No Senado Federal um homem de aparência distinta se ergue, Senador Abel Chermont do estado do Pará. Ele discursa no Senado e com palavras incisivas, ataca a lei marcial e o terror da polícia. Em parte ele diz:

“A polícia cruelmente espancou um grande número de indivíduos que caíram em suas mãos, aqueles que foram acusados de crimes políticos. Mas a barbaridade usada não termina com espancamentos e torturas... O Capitão Medeiros, após a prisão pela polícia, foi encontrado morto... no mesmo lugar onde, há algum tempo atrás, também foi encontrado morto o desafortunado estudante, Tobias Warchawski, poucos dias antes preso pela polícia.

“Assim como aconteceu no caso Warchawski, a polícia declara que o Capitão Medeiros havia sido morto por seus seguidores. Mas há testemunhas de que o Capitão Medeiros tentou escrever uma carta dizendo que estava certo de que a polícia o assassinaria. Dois assassinatos sob a lei marcial, por cujos assassinatos eu acuso a polícia.”

O Senador Chermont pediu uma comissão de investigação. Quatro dias depois, ele ousou ir diante de um tribunal e pedir uma ordem de habeas corpus para o alemão, Arthur Ewert e esposa. Em 21 de março, a Comissão de Investigação relatou ao Senado. Mas naquele dia, nenhum relatório foi feito, porque os fascistas “Integralistas” armados com punhais invadiram o Senado e, por meio de ameaças gritadas, forçaram a sessão a ser suspensa.

No dia seguinte, Abel Chermont e com ele quatro membros da (Câmara dos Comuns) Câmara dos Deputados foram presos – apesar do direito à imunidade parlamentar sob a Constituição – e ainda estão em poder da polícia a qual Senador Chermont acusou de assassinato. Dentre os deputados presos estão Octavia da Silveira⁶¹⁸, que também protestou ao Presidente Vargas contra os assassinatos pela polícia e Daniel de Carvalho, que havia se oposto ao tratado de comércio com o imperialismo americano.

Entretanto, um golpe mais pesado do que este havia caído sobre a causa da libertação nacional. Pois, no mesmo dia em que Barron foi assassinado, o homem mais

⁶¹⁸ Grafado desta maneira no texto original.

amado por todo Brasil, o herói das massas e presidente da Aliança Nacional Libertadora, *Luis Carlos Prestes*, foi capturado pela polícia. De fato, a polícia, para encobrir seu assassinato, diz que Barron “traiu Prestes e então se matou de remorso”, mas ninguém no Brasil acredita nesta estória. Prestes havia sido caçado por meses; finalmente ele foi levado e os trabalhadores e camponeses do Brasil privados de seu líder, determinaram-se ferozmente à sua tarefa pesada de salvar ambos Prestes e a causa da libertação nacional. Quando ficaram sabendo de sua prisão, os trabalhadores da salina de Mossoró, em grandioso desafio, abriram seus tanques de sal às águas do oceano, nisso arruinando uma porção considerável da colheita anual em manifestação desesperada pela soltura de Prestes.

A fome é um mestre difícil. E no Brasil, a fome guia as massas à ação desesperada. Precisamente porque o povo se revolta contra a fome, enquanto os lucros imperialistas engordam o Ditador Vargas realmente percebe o terror crescentemente ineficaz. Tomando os preços de 1912 como regra – em 1935 o custo do vestuário havia aumentado aproximadamente cinco vezes, os aluguéis haviam aumentado duas vezes e meia, a comida quase o mesmo; e eletricidade para iluminação custa 84% mais do que em 1912, este último item sendo pagável direto para *Electric Bond & Share Corporation*, de Morgan.

Em regiões inteiras do nordeste brasileiro, os camponeses, incapazes de comprar roupas e tendo há muito tempo trapos desgastados, que uma vez tiveram, são freqüentemente encontrados andando inteiramente pelados, e para comida estão vivendo de raízes selvagens e folhas comestíveis das florestas. Comprar comida comum, como feijão e toicinho, está além deles, pois o primeiro aumentou 120% em preço e o último, 54% no ano passado, sozinho. Aqui e suas revoltas eclodem no vasto interior.

Mas os sindicatos da banida Confederação Unida do Sindicato, com seu meio milhão de membros, tem sido um dos mais fortes centros de resistência. Legalmente sujeitos à dissolução a qualquer momento, segundo a Lei de Segurança Nacional de abril de 1935, eles continuaram aonde fosse possível lutar pelos interesses do trabalho. Contra eles o governo agiu com violência física em abril de 1936. De acordo com um despacho durante aquele mês no *New York Times*: - “A todos os sindicatos foram pedidos que fornecessem ao Departamento de Trabalho Brasileiro listas completas de seus membros ativos e inativos. Inspetores especiais (polícia) foram mandados extirpar os suspeitos Vermelhos e até cancelar licenças de sindicatos quando o procedimento for julgado aconselhável.”

O Sindicato dos Marinheiros já havia sido dissolvido quando sua licença foi revogada em 31 de março de 1936 e seus escritórios, fechados pela polícia. Em 15 de abril,

o Sindicato dos Bancários foi forçado e expulsar 22 membros como resultado de informação contra eles pela “polícia social”, dada ao Ministro do Trabalho. No dia anterior, o Ministro do Trabalho “autorizou a demissão de 25 funcionários em oito bancos diferentes no Rio de Janeiro.”

Na cidade de Santos, a “polícia social” dirigiu-se ao Ministro do Trabalho requerendo a dissolução e fechamento do Sindicato dos Pintores, do Sindicato dos Funcionários de Hotéis e Restaurantes, do Sindicato dos Trabalhadores de Construção e outros. Na cidade de São Paulo, o Sindicato dos Funcionários de Iluminação e Energia, empregados em uma empresa controlada por Morgan, foi fechado pela polícia.

Contra o trabalho militante, os maiores golpes são direcionados. Entretanto, há centenas de milhares de estudantes, soldados, profissionais e os mais distintos filhos do Brasil presos e mantidos sem acusação, sem depoimento, mas em celas vis sob guardas brutais e assassinos. No mês de abril de 1936, houve dois conhecidos “desaparecimentos” de prisioneiros, uma mulher, Elvira Capello Fernandes, esposa do Secretário do Partido Comunista do Brasil, presa pela polícia, “desapareceu”. Rodolpho Ghioldi, um líder trabalhista argentino e teórico que foi preso meses atrás, quando veio legalmente e abertamente ao Brasil para trazer uma mensagem de solidariedade dos trabalhadores argentinos aos trabalhadores brasileiros, “desapareceu” da cadeia do Rio por volta de 23 de abril.

Dividindo encarceramento com Prestes, o ídolo nacional, estão os mais ilustres homens de ciência, arte e educação do Brasil. Projetando-se dentre eles estão tais figuras como a do Dr. Pedro da Cunha, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio e presidente do Partido Socialista do Brasil. Dr. Cunha, agora idoso, veio de uma pobre família, obteve sucesso em seu caminho por escolas e faculdades, alcançando as mais altas homenagens em sua profissão, ainda sempre lembrando de sua origem humilde e dedicando-se a organizar e ajudar o Partido Socialista. Agora, idoso e desgastado, Dr. Pedro da Cunha está encarcerado e sua vida está em perigo.

Poder-se-ia continuar nomeando centenas de pessoas de distinção que são vítimas do terror. Na prisão também estão Dr. Frederico Carpenter, um jurista e professor da faculdade de Direito; Hermes Lima, jornalista e também da Faculdade de Direito; Dr. David Rabello, reitor da Escola de Direito na Universidade do Rio, 70 anos, muito doente na prisão e negado o direito ao tratamento médico. Dr. Leônidas de Rezende, também da Escola de Direito do Rio, está na prisão.

Alencar Piedade, Presidente do Sindicato da Liberdade está na prisão, Caio Prado Júnior, intelectual e capitalista de São Paulo; Francisco Mangabaira (sic)⁶¹⁹; Gilberto Freyre, distinto antropólogo que viajou, estudou e palestrou nos Estados Unidos, Carlos Lacerda, escritor, Herculino Cascardo, ex-governador do estado do Rio Grande do Norte; Dr. João Mangabeira, membro da Câmara dos Deputados e Secretário da Aliança Nacional Libertadora; Dr. Lineu de Paula Machado, Presidente do aristocrático Jockey Clube do Rio; H.de Almeida, editor do jornal oficial governamental *A República*; Alfonso Sérgio Ferreira, Presidente da Associação dos Banqueiros; o padre católico, Manuel Nascimento de Oliveira; o poeta Barreto Solvino; a advogada, Maria Warnek; a intelectual e educadora, Armanda Alvano Alberto; a atriz Carmen Santos, o ex-presidente da Diretoria do banco Central do Brasil, Vicente Garcia. Além destes, há grandes quantidades de oficiais do exército de alto escalão, incluindo o Brigadeiro General Miguel Costa e o Coronel Felipe Moreira Lima.

Todos estes famosos e ilustres homens e mulheres, professores idosos, capitalistas, banqueiros, generais do exército e padres católicos que dividem encarceramento com Luis Carlos Prestes, o ditador feudal-fascista Vargas aberta e claramente denuncia para o mundo como “Comunistas!” O movimento inteiro de milhões, conduzidos pela Aliança Nacional Libertadora, é rotulado “COMUNISTA!” Uma mentira ridícula!

Embora os Comunistas apóiem este vasto movimento e sacrificaram seus melhores líderes, a Aliança em si e o grande movimento centrado por volta dele, nada mais são do que uma luta contra o imperialismo por uma libertação nacional e uma disputa antifascista por direitos democráticos.

Esses “elementos subversivos” são homens e mulheres de todas as trajetórias de vida que, com nobre consciência, levantaram suas vozes em protesto desesperado contra Getulio Vargas, o traidor nacional. Eles opõem Vargas porque, na presidência da nação, vende sua bela terra ao arrematante imperialista mais alto e destrói as liberdades do povo com barbárie fascista para fazer cumprir a entrega a Wall Street e Londres de uma nação de escravos! Esses são pessoas que apenas repetem as palavras de nosso próprio Patrick Henry, “Dê-me Liberdade ou me dê Morte!”

Macaqueando exatamente seus professores da Alemanha de Hitler, os fascistas integralistas, encorajados e ajudados por Vargas, estão começando a massacrar judeus. Na

⁶¹⁹ Grafado desta maneira no texto.

cidade de Jacutinga, estado de Minas Gerais, um grupo de Integralistas foi incitado a fazer ataques contra judeus e um judeu, Chafik Farah, foi especialmente nomeado. Indo diretamente de uma reunião, um grupo de “Camisas Verdes” Integralista foi à casa de Chafik Farah, feriu-o e mataram dois outros judeus. Em uma carta ao *Diário da Noite* de 3 de abril, Chafik Farah calorosamente nega a acusação de que ele é um “Comunista” e termina dizendo, “Não há nada novo sobre este procedimento de tentar acusar todos que não adotaram o sinal de Integralismo em serem Comunistas. É uma velha tática. Eu não sou um Comunista. Não sustento idéias Comunistas. Sou um Liberal Democrata; e na Liberal democracia, tão menosprezada pelos Integralistas, eu vou continuar.”

O povo do Brasil, apesar do terror que ameaça cada lar e que tem enchendo as prisões com vítimas, está lutando bravamente contra a ditadura cruel de Getulio Vargas. Esta é a razão porque Vargas continua ilegalmente a manter a lei marcial. Mas, este povo heróico merece a ajuda do povo americano, que deve eliminar a vergonha do imperialismo americano, o mestre de Vargas.

Em uma carta de um estudante brasileiro, datada de 20 de março, está o apelo tocante:

“Asseverem ao povo americano nossa gratidão pelo seu apoio na libertação de nosso povo. Nós apelamos pelo apoio do povo americano na luta para obter justiça contra os assassinos de Tobias Warchawski, Capitão Medeiros e Victor Barron. Em relação ao último, é opinião geral de que ele foi assassinado pela polícia e, especialmente acusados naquele caso são Serafim Braga, um tenente assistente ao Chefe de Polícia e Detetive Alencar.”

O corpo quebrado de Victor Allen Barron clama urgentemente para impedir o imperialismo americano de impor o fascismo sobre o povo brasileiro. Você que lê estas linhas pode ajudar a quebrar a aliança de Wall Street e do fascismo brasileiro pela exigência insistente sobre seu congressista por uma investigação por um Comitê Congressional (fora do controle do Departamento de Estado) do papel do Embaixador Gibson e do Departamento de Estado no aprisionamento e assassinato de Victor Barron.

Lembre que a ajuda de nosso governo ao fascismo no Brasil – em apoio a Wall Street – está conectada com e é uma parte integrante da política de nosso governo aqui nos Estados Unidos, a política de render-se às tendências fascistas crescentes de Wall Street. E os americanos não podem permanecer indiferentes ao primeiro, se protestassem contra o último.

Há uma luta feroz de todos os povos latino americanos ocorrendo para impedir a vitória da barbárie fascista. A influência do imperialismo americano sobre os fantoches governamentais de Wall Street, como Getulio Vargas, desempenha um importante papel ao qual força, fascismo ou antifascismo, vencerão.

A diplomacia imperialista americana mostrará e até mesmo agora está mostrando seu maior esforço para estender sua influência através da Conferência Pan-americana de Paz, agendada para ser realizada em Buenos Aires no próximo inverno. O povo americano tem o dever de dar toda ajuda ao movimento antifascista dos povos latino-americanos em exigindo categoricamente que Washington pare de dar ajuda ao fascismo na América Latina, ao insistir que ajuda, ao invés, o movimento democrático antifascista das massas populares.

O povo brasileiro pede nossa ajuda em sua luta heróica atual pelos direitos democráticos e independência nacional. Eles pedem aos nossos sindicalistas que prestem auxílio aos sindicatos brasileiros agora enfrentando aniquilação. Eles nos pedem para manter por todas as Américas o direito dos trabalhadores de se organizarem. Podemos fracassar com eles?

Deveríamos protestar de todas as maneiras, ao governo brasileiro, sua Embaixada em Washington e consulados locais. Deveríamos exigir a imediata soltura de Luis Carlos Prestes, anistia para todos os prisioneiros políticos, um fim ao estado de “guerra” e restabelecimento dos direitos democráticos supostamente “garantidos” na Constituição do Brasil. Deveríamos combater o fascismo em nosso próprio hemisfério em emprestando nossa força total à frente antifascista do povo na terra a qual, de todas as terras ocidentais, a luta é a mais aguda. Deveríamos apelar a todos americanos amantes da liberdade que apóiem a Aliança nacional Libertadora e seus heróis, agora ameaçados com morte nas masmorras e campos de prisioneiros do Brasil.

REALMENTE ACONTECEU NO BRASIL, por Jerome Davis.

The New Republic, 9 de fevereiro de 1938.

Grandes esforços têm sido feitos ultimamente para fazer a ditadura de Vargas no Brasil ter um cheiro mais doce nas narinas americanas. O próprio Sr. Vargas e porta vozes falando por ele estão insistindo que seu regime nada tem a ver com o fascismo, e certamente nada a ver com qualquer variedade européia. Alguns jornalistas americanos estão cantando a mesma canção. Quais são os fatos?

Baseado em uma visita ao Brasil da qual retornei há pouco tempo é meu julgamento que aquele país tem uma marca sul americana do fascismo a qual está em perigo de plantar a tendência no Hemisfério Sul. O Brasil é maior do que os Estados Unidos, excluindo o Alaska, é cinqüenta e seis vezes o tamanho da Inglaterra e cobre três sétimos da área inteira do continente. Uma América do Sul fascista em aliança com a Alemanha e a Itália poderia provar uma ameaça genuína aos Estados Unidos em mais maneiras do que uma. Pagamentos de juros sobre mercadorias brasileiras já foram cessados e dificuldades financeiras estão crescendo. Até mesmo agora Berlim está transmitindo em português para o Brasil noturnamente.

Para entender a presente situação, alguns fatos em segundo plano são essenciais. O Brasil é um país não desenvolvido com aproximadamente quarenta e oito milhões de habitantes, incluindo um milhão e meio de indígenas, meio milhão de alemães, mais de um milhão de italianos e uma grande quantidade de descendentes de escravos africanos. Virtualmente não existe nenhuma discriminação racial. Já que os negros se casam livremente com os portugueses, quase todo mundo é de sangue misturado.

A população pode ser dividida aproximadamente nos 7 por cento que compõem os que possuem propriedade e classes médias e os 93 por cento que são atingidos pela pobreza e explorados. Aproximadamente 80 por cento estão envolvidos com a agricultura; a maioria deles vivendo perto de um padrão de inanição. Imensas áreas são controladas por senhores de terra e imperialistas estrangeiros. Greves e revoltas são numerosas. Nas áreas mais selvagens dos estados nordestinos bandos fora da lei estão agora operando.

Desde que a monarquia foi deposta em 1889, ditador tem seguido ditador no estabelecimento da democracia de *papel*, formas constitucionais de governo. Getulio Vargas é o mais recente a se empossar no poder. Sua vida é reveladora. Nasceu em 19 de abril de 1882, em São Borja, nas fronteiras do Rio Grande do Sul, a qual separa o Brasil da Argentina. Seu pai foi um general e eminente líder partidário. Vargas freqüentou uma escola privada até entrar na academia militar. Ele tomou parte em um movimento estudantil contra o comandante em seu terceiro ano na escola, pelo qual foi expulso. Alistou-se como soldado comum, mas foi relutante em suportar uma vida de soldado, então se voltou ao estudo de advocacia e começou a publicação de um periódico, Debate. Depois disso, foi eleito para a legislatura e em breve, para a presidência do estado do Rio Grande do Sul.

Durante seu mandato provou ser um administrador astuto. Em 1930, tornou-se candidato à presidência nacional, mas o Congresso Nacional declarou seu oponente eleito.

Vargas insistiu que a eleição foi fraudulenta e tomou posse do poder. Em 1932, houve uma revolta liberal contra ele. Enquanto Vargas ganhou, foi forçado a fazer uma boa quantidade de concessões liberais, dentre elas leis cobrindo salários mínimos, horas máximas e um regime de economia nas finanças nacionais.

Uma nova constituição foi adotada em 15 de julho de 1934, a qual fornecia entre outras coisas que nenhum presidente poderia suceder a si mesmo. Mas o desejo pelo poder é um padrão político universal quer sob democracia, fascismo ou comunismo. Vargas, no início de 1937, determinou a continuar seu regime não obstante a Constituição. O mais novo Ministro da Justiça de Vargas, Sr. Campos, me contou que foi ele mesmo quem redigiu o primeiro rascunho da nova Constituição em duas semanas, em maio último. Isto significa que o golpe de estado deve ter sido planejado por aquela época, se não antes. Campos é franco em admitir que a Constituição instala uma ditadura mas, ele diz, “Constituições anteriores foram apenas para ‘emoldurar’ e não para uso. Agora nós estamos apenas sendo ‘honestos.’” Assim como Earnest Hamblock, o ex-Secretário Comercial da embaixada britânica diz, o presente governo “não tem nem a aparência de ser constitucionalmente estabelecido, ou mesmo expressar o desejo da nação.” Certamente a nova Constituição dá poder autocrático completo ao Presidente. Ele pode declarar um estado de guerra a qualquer momento e, uma vez que isto é proclamado, pode se livrar de quaisquer ou todas as garantias constitucionais existentes.

O Presidente, mesmo sem guerra, controla a legislatura. Nenhuma lei pode ser introduzida exceto por um terço dos deputados. Nenhum projeto de lei pode se tornar lei acima do veto do Presidente exceto por uma maioria de dois terços. Mas desde que o Presidente nomeia um terço do Conselho Federal (o qual corresponde ao nosso Senado), ele tem apenas que conseguir um voto para bloquear todas as leis que ela não aprovar. O Presidente também pode adiar dissolver ou convocar o Parlamento a qualquer momento. Entre as sessões ele pode aprovar novas leis por decreto. De fato, a Constituição tem 87 artigos que são repletos de cláusulas armadilhas dando ao Presidente quase poderes ilimitados. Na verdadeira prática, o Presidente Vargas pode fazer as leis, violá-las, interpretá-las, obstruí-las, suspendê-las ou obliterá-las com impunidade completa.

Enquanto eu estava no Rio, o Presidente fez um comício popular no qual as bandeiras de vinte estados diferentes foram queimadas publicamente, simbolizando que todo o poder estava agora alojado nas mãos do estado federal, isto é, o Presidente. No Brasil, hoje não existe liberdade de imprensa, associação, domicílio ou correspondência.

Cada escritório de jornal tem uma censura destinada a ele. Fios telefônicos, até mesmo aqueles de alguns membros do governo, estão grampeados.

Correspondentes de jornal são francos em afirmar que não podem escrever o que acreditam, mas, somente o que passará pela censura. Vários têm sido pedidos que saiam do país. Realmente, o Presidente Vargas é tão sensível à crítica, que até requisitou oficialmente ao governo vizinho da Argentina, que banisse o correspondente do New York Times, Sr. White, porque ele suavemente havia criticado o regime de Vargas.

No Brasil ninguém tem qualquer segurança. Uma simples denúncia telefônica por qualquer um pode ser o suficiente para causar uma prisão no meio da noite. Uma vez presa, a vítima é mantida incomunicável. Embora o Brasil tenha uma penitenciária modelo em São Paulo à qual eu fui levado como convidado do governo, as cadeias são terríveis. Eu as encontrei superlotadas com prisioneiros políticos. De fato, no Rio, havia 1400 prisioneiros em uma cadeia que ficaria lotada se mantivesse apenas 400. Prisioneiros estão esmagados em pequenos cômodos de paredes de aço. Oficiais me contaram que o tempo médio antes do julgamento era de dois anos. Durante este período, um prisioneiro pode ser torturado pela polícia com a finalidade de fazê-lo confessar.

Qualquer pessoa que for presa, senão tiver grande influência e for considerado perigoso, pode ser morto. O Capitão José de Medeiros, após a prisão pela polícia, foi encontrado morto na cidade, seu corpo cravejado com vinte e três ferimentos à bala, suas mãos e pés quebrados e esmagados. O organizador do Congresso contra a Guerra e o Fascismo, um estudante, Tobias Warschawski, após a prisão pela polícia, foi encontrado morto. A polícia, logicamente, nega a responsabilidade por esses assassinatos, mas eu conversei com alguns que haviam sofrido brutalidades e torturas em suas mãos e eu tenho evidências incontestáveis de que, durante o ano passado, vários homens foram torturados até a morte por espancamento com mangueiras de borracha.

A acusação de comunismo é usada com efeito narrativo no Brasil. Eu obtive cópias da lei requerendo a cada professor de escola que dediquem cinco minutos a cada manhã para doutrinar contra esta “praga.” Visto que muitos professores não sabem o que é o comunismo, os resultados são jocosos. Artigos nos jornais brasileiros em novembro criticaram o Conselho Federal das Igrejas de Cristo na América como uma “organização Comunista” e declararam que a Associação Católica pela Paz Internacional tinha objetivos similares. Literaturas “Comunistas perigosas” tais como “Tarzan” e “Tom Sawyer” são cuidadosamente afastados de crianças ou adultos.

A situação brasileira é uma ditadura aberta a qual aboliu todos os partidos políticos e deu ao Presidente o poder de um Czar. É o que poderia ser chamado de fascismo sul americano. Com a finalidade de controlar, Vargas tem que ter o apoio de uma maioria do exército e de alguns dos líderes dos negócios. Ele também deve impedir uma oposição de coalizão por seus subordinados. Na prática, Vargas é um político inteligente que joga um homem contra outro, rompe com amigos e faz as pazes com inimigos a qualquer custo necessário para manter-se no poder. Provavelmente pondera suas ações por uma crença de que o que ele está fazendo é para os melhores interesses do país. Líderes dos negócios declaram que o toleram porque a alternativa é a guerra civil e o banho de sangue e “qualquer coisa é preferível a ter os negócios perturbados.”

Flores da Cunha, que foi o responsável em dar a presidência à Vargas em 1930 e que agora está em Montevidéu, no Uruguai, tentando organizar uma rebelião armada contra ele, publicamente preveniu que espera encontrar Vargas no campo de batalha.

Nesse ínterim, como um famoso sociólogo da França, Gustave Le Bon, disse, o Presidente do Brasil “exerce uma autocracia não menos absoluta do que aquela do ex-czar de todas as Rússias e talvez até mais absoluta.”

KENT, Rockwell & LEÃO, Josias. *Portinari: His Life and Art*.

pp. 1-4 – Portinari – Sua Vida por Josias Leão

Candido Portinari nasceu em 29 de dezembro de 1903, na Fazenda Santa Rosa, na periferia da cidade de Brodósqui. Aquele seu lugar de nascimento, no coração das plantações de café do Brasil, é ainda uma das menores cidades no estado de São Paulo. A associação da infância com a vida de plantio tinha muito a ver com suas atividades posteriores como um pintor.

O estímulo para a pintura começou muito cedo. O poeta Manuel Bandeira conta da chegada um dia de um pintor que veio para decorar a igreja em Brodósqui. Portinari, então um menino de oito anos de idade, interessado ao ponto da excitação, apressou-se à cena. Teimosamente permaneceu na igreja da cidade e recusou-se a sair da presença do artista. Avidamente testemunhou todos os detalhes do trabalho. Persistiu em sua tentativa de ajudar o artista e logo ganhou para si o privilégio de realmente se tornar o assistente do artista.

Alguém observou a habilidade potencial do menino como um artista e convenceu a seus pais – os quais em sua infância haviam vindo para o Brasil da Itália – a permitir seu

filho ir ao Rio de Janeiro onde poderia ter a oportunidade de estudar na Escola Nacional de Belas Artes.

A partida do menino com sua família foi a mais dramática. Portinari, então apenas com quinze anos, seu pacote de pertences pronto com antecedência, sentiu um crescente pânico quando chegou a hora da partida da estação. Como seu medo de partir cresceu, ele quase desmaiou. Anunciou fracamente que havia mudado de idéia. A família, entretanto, acompanhou o menino à estação. O trem chegou, mas Portinari recusou-se a atravessar a rua para a plataforma dos passageiros. Suando frio de medo, o menino continuou a olhar para a máquina que esperava. Mas, no momento em que o trem deu partida, Portinari, segurando firmemente sua trouxa, apressou-se em direção aos carros que se moviam. Pulou para dentro do trem sem nenhuma palavra de *adieu*, mesmo para sua mãe.

No Rio de Janeiro, a vida de Candido Portinari foi uma de contínuas privações. Ele não tinha dinheiro algum e não recebia praticamente nenhuma ajuda de nenhuma fonte. Para perseguir seus estudos e ganhar dinheiro suficiente para comida e vestuário, tinha que fazer trabalhos avulsos. Por um longo período foi empregado em uma pensão de terceira classe. Um de seus deveres era entregar jantares e ceias para clientes que preferiam ter suas refeições trazidas para eles.

Por mais que a vida fosse dura, Portinari continuou seus estudos corajosamente e com sucesso. Após completar seu curso em gravura em metal em 1921, inscreveu-se para a aula de pintura. Em 1922, pela primeira vez, enviou para o Salão um retrato o qual não recebeu nenhuma atenção. Em 1923, enviou um outro retrato. Este lhe trouxe a Medalha de Bronze e dois prêmios. Em 1925 foi premiado com a pequena Medalha de Prata e em 1927 a grande Medalha de Prata. Em 1928 Portinari ganhou uma bolsa para completar seus estudos na Europa. Ele viajou por três anos pela França, Itália, Inglaterra e Espanha. A França, logicamente, foi sua sede, e lá encontrou Maria – uruguaia de nascimento e sangue – com quem se casou.

A longa estada na Europa aparentemente não foi de serventia alguma para Portinari. Viu os mestres antigos e novos, mas quase não pintou nada. Seus amigos ficaram desapontados quando voltou trazendo apenas dois ou três trabalhos da Europa. Ignorou todas as críticas. Sem ajuda, continuou estudando e dedicou a maior parte de seu tempo para os aspectos artesanais de sua arte. Sozinho, aprendeu como misturar todos os pigmentos para suas cores, como preparar uma tela do início ao fim, e como obter o melhor da técnica do afresco.

De repente, em 1933, o gênio de Portinari irrompeu com as repercussões de uma explosão. Sem recursos materiais, ainda desconhecido, começou a pintar como um louco – duas, três, quatro, cinco pinturas a cada semana. Totalmente despreocupado com as possibilidades de venda de seu trabalho, ele não tinha dinheiro algum com o qual pudesse comprar sua telas. Rasgou tiras dos lençóis finos e antigos de linho tecidos a mão da herança de sua esposa. E de duas das mais cobiçadas peças de móvel colonial, de cem anos de idade e do melhor mogno, produziu material com o qual pintar. Voltou ao seu local de nascimento e renovou o contato com seu velho cenário. Seus óleos então falaram grandemente da terra vermelha das plantações de café, do futebol das crianças na praça principal local, onde, quando ainda criança, Portinari havia quebrado sua perna direita – um acidente que deu a ele uma mancada permanente.

Logo o grande público se tornou intrigado com Portinari. Ele chamou a atenção dos acadêmicos que não viam com bons olhos suas contribuições e, também, dos modernos que forma incapazes de pendurar um ismo em seu trabalho inteiro. A oposição era grande, mas sua tremenda individualidade logo superou todo a crítica adversa.

Em 1935 seu enorme óleo sobre tela “*Café*” lhe trouxe uma segunda menção honrosa no Carnegie International. Àquelas alturas sua fama como pintor de retratos – um gênero que desgosta intensamente – estava se espalhando rápido e muitas senhoras da sociedade estavam querendo posar para ele. Os retratos delas podem não ter sido lisonjeiros, mas em todo caso, eram fortes em caráter e em dignidade. Além do mais, pintores e críticos de arte semelhantes se tornaram irresistivelmente entusiasmados em relação aos trabalhos de Portinari.

Em 1937, além de ser nomeado professor de pintura na Universidade do Distrito Federal, Portinari ganhou uma encomenda para decorar o novo Ministério da Educação. Aqui começou a fase mais rica no trabalho de Portinari com pintor. Antes de ir para as paredes, fez os mais extensos experimentos de cada ângulo, trabalhando por dois anos de doze a dezesseis horas por dia. Mas isto não impediu que continuasse com suas outras atividades. Além de trabalhar naqueles afrescos enormes, foi capaz de apresentar, em sua exposição individual no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, em novembro de 1939, duzentos e sessenta e nove trabalhos originais. Três painéis, de 125 polegadas por 125 polegadas, foram ao mesmo tempo enviadas por ele para o Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de Nova York.

Aquela exposição de Portinari no Museu Nacional de Belas Artes foi um evento na história da arte. Ele foi aclamado grande mestre. Vendeu nada menos do que sessenta de suas pinturas – um fato que não teve precedentes na vida artística brasileira. Na Introdução do catálogo para a exposição, o escritor brasileiro, Mário de Andrade, destacou que as duas características dominantes da personalidade de Portinari como pintor são uma enorme riqueza técnica e uma variedade de expressão. A verdade desta afirmação pode facilmente ser vista a partir das cem reproduções de seus trabalhos contidos neste livro, as quais são apenas uma pequena fração de suas atividades durante os últimos anos.

Fora de sua vida artística, Portinari se dedica essencialmente à sua família: sue pai, sua mãe, seus irmãos e irmãs, sua esposa e seu filho, João Candido, nascido em 25 de janeiro de 1939. É claro, seus amigos, os quais são inumeráveis, nunca são excluídos de seu interesse.

Ele não discute sobre política – a qual considera repugnante. Ele pensa sobre a guerra somente em termos de suas implicações possíveis nas vidas e trabalhos dos pintores e sua liberdade de expressão.

Sua primeira exposição nos Estados Unidos foi no Instituto de Artes de Detroit em agosto do mesmo ano. Consistiu em cento e trinta trabalhos.

J.L.

pp. 5-9 – Portinari – Sua Arte, por Rockwell Kent.

Em 11 e 12 de outubro de 1939, houve em Washington, sob o patrocínio do Departamento de Estado, uma Conferência nas Relações Interamericanas no Campo da Arte. Foi assistida por artistas, críticos, educadores, funcionários públicos e diretores de arte e de museus de arte, todos impelidos pela valiosa esperança de que algo nesses tempos dolorosos poderia, de alguma maneira, ser conseguido e posto em movimento para unir os povos do mundo ocidental em simpatia cultural mais próxima. Eles se encontraram, discutiram, adiaram e se encontraram novamente. Eles continuarão a se encontrar, pois a apresentação dos povos uns aos outros é uma empresa tão estupenda em seus envoltórios mecânicos, pareceria, quanto em sua consequência pode se provar importante. E enquanto isto, conhecendo nada disso tudo, o jovem Candido Portinari no Brasil continuava a pintar retratos para ganhar dinheiro para pintar quadros que gostasse. Ele trabalhou e economizou; para algum dia, ele havia determinado, iria para o norte. No outono de 1940, um ano após a primeira Conferência sobre as Relações Interamericanas no Campo da Arte, Portinari – acompanhado por sua esposa e filho, incidentalmente, cem

pinturas – veio. E por sua vinda realmente fez o que conferimos. O Brasil – seu pintor e sua arte – hoje amamos e honramos.

A validade de tal entendimento entre povos como pode ser promovido pelas artes, a natureza fundamental daquele entendimento, e sua permanência não pode ser superestimada, uma vez que repousa no fato. Do fato da irmandade da humanidade – acreditada, talvez, desde que a humanidade começou, assegurada em nossa Declaração de Independência Norte-Americana e abençoadamente estabelecida agora pelas conclusões de nossos antropólogos estudados – a arte é uma revelação. Deixe as nações guerrearem sobre o comércio – em óleo, seda, algodão, café, trigo e lã, em minerais, em produtos manufaturados; deixe-os tramar para controlar os mercados mundiais, conspirar para escravizar seus povos ou cruzar – chamemos isto assim – por liberdade; deixe-os como nações, odeiem e armem para a guerra; deixe-os (Deus nos ajude!) brigar, matar, queimar, destruir, fulminar a vida para o inferno, deixe-os? Eles o farão. Nações são *coisas*; nós estamos preocupados com as pessoas. E da esperança *deles*, suas esperanças cristãs decentes pela paz na Terra e da fé que suas esperanças estão fundadas, a arte é a afirmação. A arte pode ser e no melhor dos casos sempre é, o bem maior do amor dos homens pela vida como *vida*, não morte veio para eles.

Em algum lugar nos trabalhos de Dostoievski aparece isto, dito, como eu me recordo, por alguém – pode ser um eremita – que viveu em retiro no campo:

Nós passamos a noite, irmão, no campo aberto e eu acordei cedo de manhã quando tudo estava ainda dormindo e o sol querido ainda não havia despontado de detrás da floresta. Eu levantei minha cabeça, querido, olhei atentamente em relação a mim e suspirei. Em todos os lugares a beleza transcendendo toda elocução! Tudo estava parado, o ar estava leve; a grama cresce – crescer, grama de Deus; o pássaro canta – cantar, pássaro de Deus; o bebê chora nos braços da mulher – Deus esteja com você, pequeno homem; cresça e seja feliz, pequeno bebê! E parece que apenas então pela primeira vez na minha vida eu entendi tudo... Eu me deito novamente. Eu dormi tão docemente, querido! E aquilo é um mistério que se torna apenas melhor; preenche o coração com estupefação e admiração; e que a estupefação faça feliz o coração.

De tal amor, a arte quando é verdadeira é expressão. Abaixo, acima e de alguma forma, através e através das barreiras e cortina de fumaça para o entendimento, o qual aquelas *coisas* – as nações, *interesses*, guerra ereta, vem a arte. A razão que ela *pode* tocar; o coração que toca. “Se eu leio um livro”, escreveu Emily Dickinson, “e faz meu corpo todo tão frio que nenhum fogo pode jamais me aquecer, eu sei que aquilo é poesia. Se eu sentir fisicamente como se o topo da minha cabeça fosse retirado, eu sei que aquilo é poesia. Essas são as únicas maneiras que eu sei. Existe alguma outra maneira?” Podem haver outras maneiras, mas nenhuma tão certa. E quando nessas maneiras nossos corações são tocados, somos feitos bons.

É “nessas maneiras” que a arte de Portinari nos afeta. É suficiente, o melhor, que a arte pode fazer. Deixe aqueles entre nós que viram suas pinturas e aqueles entre nós, que pela primeira vez vêem suas sombras neste livro estar contente com como aquela arte nos moveu instantaneamente para a resposta sentida, para o frio repentino como através do coração tão tocado havia parado, para a falta de ar inesperada. “Meu Deus, que belo!” nós gritamos. Deixe aquela exclamação sentida permanecer: é verdade.

Não conheço maior tributo ao amor sensual arrancado da arte de Portinari do que a aniquilação da razão e as faculdades críticas da mente as quais, acredito, todas se submetem a vê-las. A cor e todas aquelas que em termos de harmonia e dissonância e a luz e o escuro envolve está lá; e tudo que a luz e a sombra e os espantalhos, as caveiras; e as profundezas do espaço noite? Dia? Quem sabe? – e estrelas e aves horripilantes e bandeiras e balões de brinquedo. Louco? E estranho? Quem se importa! Para seu mundo como premissa – e ele o faz assim – todos estes pertencem.

O mundo de Portinari: como arrancado por isto, em pensamento, nós nos movemos por ele, com admiração – medo, talvez – mas com a mesma aceitação de seus elementos macabros como nossos egos inconscientes acordam aos sonhos mais fantásticos que nos incomodam no sono, chegamos gradualmente a realização de que isto não é nenhum mundo de pura imaginação, mas uma recriação intensificada, fantástica do mundo que Portinari conhece, sua terra natal, Brasil. Disto suas outras pinturas são a evidência. Nelas vemos a paisagem, atravessamos o solo; vemos seus trabalhadores e sua pobreza – não agonizada, apenas contada. E contada com amor. Não amor pela pobreza e trabalho duro incessante, mas amor pela mulher, homem e criança – os quais, ricos ou pobres, para ele são amáveis. Ele os pinta confiantemente. “Abençoados sejam os resignados” pareceria ser a declaração de seu coração. E se as condições de suas vidas em sua terra brasileira pareceriam ser de

nenhuma grande herança, eles por sua bondade fazem a vida parecer válida. Eles trabalham; eles casam e criam famílias; seus filhos brincam. E de sua felicidade de crianças livres em sua brincadeira, não há pinturas no tesouro da arte mais eloqüentes.

Candido Portinari, como seu autêntico amor pelas pessoas que são pobres atesta, não nasceu nem para posição nem para riqueza. Seus pais eram italianos da classe proletária que haviam imigrado para as plantações de café do sul do Brasil, que viveram e trabalharam como outros viveram e trabalharam, os quais por seu trabalho conseguiram uma casa para morar, crédito na loja e, às vezes – raramente e não muito – algum dinheiro. Viveram e trabalharam e multiplicaram; de seus doze filhos, Candido, nascido em 1903, era o segundo. Foi para a escola até que fosse forte o suficiente para trabalhar. Trabalhou; brincou; na brincadeira quebrou sua perna. (Ele manca hoje.) Gostava de desenhar. Todas as crianças gostam de desenhar: ele desenhou. E quando alguns pintores vieram redecorar a igreja em sua cidade natal ele pediu emprego e conseguiu – pintar estrelas. É uma estória doce, o surgimento de Portinari das plantações de café do Brasil. É uma estória de devoção, confiança, e auto-sacrifício dos pais. De uma aventura de um jovem em um mundo maior. De persistência contra o desgaste da pobreza, de trabalho ininterrupto, de talento, de força de vontade. De suas próprias qualidades, os amigos foram a primeira e melhor recompensa. Bons amigos acreditaram nele; eles o ajudaram. Não os amigos, mas os talentos o ganharam, em 1928, o Prêmio de Viagem do Rio. Isto o levou para a França, Itália, Inglaterra e Espanha. Ele viajou, viu, conversou, ouviu, leu; pintou pouco, mas aprendeu. E voltou ao Rio com o bolso vazio, uma mente fértil, um quadro – nada demais – e uma jovem esposa, Maria. Foi um escândalo – nenhum trabalho foi feito: fecharam-se as portas acadêmicas para ele. Tempos difíceis e Portinari continuou de mãos dadas.

A pobreza deles; a doença de Maria; os trabalhos miseráveis que tem que se fazer para viver; eles trabalharam, os Portinari o fizeram; eles viveram. Atingiram a pior condição e se ergueram novamente. E o reconhecimento veio. Não o reconhecimento que, com devida humildade, acordam-no agora, mas o patronato, encomendas; pagamento. Pintou retratos; e estes retratos, pequenos como a alma do artista forma dados ao trabalho, são de uma ordem distinta. Ganhou por eles a liberdade de ser grande. Como ele usou aquela liberdade estas, suas pinturas mostram.

Como ele a usou não podemos nunca julgar, mas por quão profundamente a arte de Portinari nos afeta. “Disponha-se em direção à arte” é bom conselho. Aqui é supérfluo. Sua beleza é arrancada. As pinturas são, além disso, autênticas do homem e de sua terra natal.

“A verdade”, disse William Blake, “pode nunca ser tão dita quanto compreendida, e não ser acreditada”. Então o trabalho de Portinari nos convence. “Se o que, além de sua arte?” alguém pode perguntar. E eu responderei: “Da beleza da vida e a bondade essencial da humanidade”.

AU SABLE FORKS

03 de novembro de 1940.

UM VIZINHO AMIGÁVEL

KENT, Rockwell. *This is My Own*. New York: Duell, Sloan & Pearce, 1940, pp. 329 – 350.

“MAIOR do que os Estados Unidos por um outro Texas, o país é duas vezes maior do que a Índia e três quartos do tamanho da Europa. Sessenta cinco Inglaterras poderiam ser depositadas na mesma área sem lotar. De norte a sul sua extensão máxima é de 2700 milhas. É quase tão larga, 2690 milhas. Seu litoral, prodigamente dotado de portos e beleza cênica, estende 4000 milhas da fronteira uruguaia à borda da Guiana Francesa – uma distância consideravelmente maior do que aquela entre Nova York e Liverpool – duas vezes a distância da ponta final da Flórida até Portland, no Maine. O grande peito de pombo-papo-de-vento do Brasil se estende tanto dentro do Atlântico, que sua extremidade está a 2600 milhas leste de Nova York. De Nova York ao Rio por vapor ou por avião cobrem-se quase 7000 milhas – quase a mesma distância de Nova York ao Japão que o corvo voa. Contendo quase metade do território do continente inteiro, as fronteiras do Brasil mencionam aquelas de cada nação sul americana, exceto o Chile e o Equador.

“Aqui estão as maiores possibilidades não desenvolvidas para a riqueza produtiva a serem encontradas neste globo. E aqui estavam os maiores contrastes. Na costa vivem os sofisticados habitantes urbanos de classe alta, que passam metade de seu tempo na Europa, falam cinco ou seis línguas e vivem em esplendor imperial, importando-se minimamente com os índios aborígenes que vivem em brutalidade primitiva na selva como os selvagens fazem.”

Poder-se-ia acrescentar que da população de 47.000.000, 11.888.000 foram oficialmente listados como desempregados em 1937, 8.860.000 sendo trabalhadores em atividades agrícolas, pecuárias e rurais; que os salários da maioria desses trabalhadores era de dois mil réis por dia (por volta de doze centavos); que milhões laboravam na peonagem; que desnutrição próxima da inanição prevalecia; e que 75 por cento da

população inteira era iletrada. Riqueza em contraste à extrema pobreza; cultura ao analfabetismo; vastas distâncias e poucas estradas e ferrovias (uma milha de ferrovia para dez nos EUA). Recursos variados e ilimitados e uma economia monocultora; e ao invés da alegria daquela segurança do sustento que tal rica terra poderia alavancar – para, havia sido calculado, vinte vezes seus presente milhões – o povo vivia em escravidão ao capital estrangeiro e em dependência perigosa aos mercados estrangeiros. O Brasil nunca havia sido colonizado; havia sido explorado.

A história do Brasil é uma trágica estória de explorações sucessivas, levando cada um por vez, à ruína e à revolta. E embora o progresso do país, desde que se declarou independente de Portugal em 1922(sic) tenha parecido ser através da independência em direção à democracia, a obtenção da democracia pareceria ter sido tão contrária ao gênio de sua população latina como a dos índios e negros que, através da escravidão haviam vindo a ser chamados cidadãos. Criados em dependência às grandes propriedades, sujeitos a uma economia sobre a qual não tinham qualquer controle e a um governo que era remoto e não deles, o povo estava tão apático em relação aos seus direitos democráticos quando estes eram constitucionais quanto eles aparentam hoje estarem em sua anulação.

Na tarde de 25 de novembro, próximo ao acontecimento do golpe de Estado de novembro, Jerome Davis e eu, representando o Comitê Nacional pelos Direitos do Povo e a Junta do Comitê pela Defesa do Povo Brasileiro, chegamos ao Rio de Janeiro, para averiguar a situação política, entender a cabeça do povo e chegar às tais conclusões como poderiam ser do interesse do público americano, no julgamento do Brasil como um vizinho amigável. Deve ser lembrado que naquele tempo já havia bases para temer aquele comércio crescente e a aparentemente crescente amizade entre os países sul americanos e os poderes totalitários, junto com a tendência latino-americana em direção às ditaduras no governo, que poderiam levar ao estabelecimento dos regimes fascistas no Novo Mundo e, através deles, a tais alianças estrangeiras que desafiariam a Doutrina Monroe e eventualmente ameaçar nossa própria democracia.

Nós tínhamos nove dias para fazer nosso trabalho. Tínhamos cartas de recomendação: as minhas eram em forma de apresentações pessoais – o que provou ser da natureza mais amigável e útil – do embaixador brasileiro em Washington naquele tempo, Senhor Oswaldo Aranha (agora Ministro do Exterior); e Davis tinha, além de várias cartas pessoais as quais incluíam uma do filho do Presidente Vargas a seu pai, várias de apresentações oficiais de importância. Chegados ao Rio, prosseguimos para um hotel na

praia de Copacabana. Nós nos banhamos, trocamos, jantamos, caminhamos por um pouco e fomos para a cama, aliviados por termos chegado, que nenhum funcionário do hotel bateria às nossas portas no alvorecer, ou antes, para nos fazer chegar ao avião a tempo. Nós dormimos. Se o que agora segue não cabe em um “relatório”, pode pelo menos irrelevantemente animá-lo e sugerir algo da atmosfera ou nuvem sob a qual nós, em comum com o povo brasileiro, deveríamos encontrar.

Enquanto eu inclinava minha cabeça, quase tirando uma soneca (eu estava, é claro, realmente morto para o mundo) -

Enquanto eu inclinava minha cabeça, quase tirando uma soneca,
De repente veio uma batida,
Como a de alguém gentilmente batendo,
Batendo à porta do meu quarto:
“É algum visitante”, eu resmunguei,
“Batendo à porta de meu quarto –
Apenas isto e nada mais”.

“Saia daqui”, eu berrei. “Deixe-me sozinho. Eu quero dormir. Eu não vou pegar o avião. Vá embora”. E imergindo minha cabeça no travesseiro, puxei o lençol para cobrir-me.

A batida, gentil e insidiosa, continuou.

Eu agarrei o telefone e berrei uma boa e velha reclamação anglo-saxã em ouvidos portugueses. Desliguei o telefone. Deitei minha cabeça no colchão com o travesseiro sobre minha cabeça.

Aquela batida –que não parava– alcançou êxito.

O telefone tocou. Deus – isto é um sanatório! “O que é, o que é” –

“É a polícia”, veio a voz gentil do carregador.

Tais visitantes, a tal hora! (Era exatamente meia-noite.) Acendendo a luz e me envolvendo em qualquer roupa, abri a porta com tais expressões de desculpa e boas-vindas, como achei que nos faria a todos muito felizes. Não há direitos quando se está em “estado de guerra”, tal como existiu oficialmente no Brasil. Mas amigos! – é aí que você precisa deles.

Deixei três camaradas entrarem, homens da polícia secreta à paisana, provaram ser. Exigiram meus papéis, todos eles, cada rascunho ínfimo. Num dos cantos do quarto ficava minha pasta, aberta quase duas polegadas. Para o outro lado do quarto levei meu passaporte e, quase sem olhar o alvo, atirei-o para dentro da pasta. A polícia irradiou admiração. Bati

no meu peito e todos rimos. Distribuí cigarros e comecei a apontar frestas que poderiam ter me servido para o ocultamento de documentos. Quando eles terminaram de revistar o local, disseram para que eu me vestisse. Eles estavam, agora, completamente amistosos e educados. Eu me vesti e quase de braços dados descemos e fomos para fora, para um táxi que nos aguardava.

Eles me carregaram para a delegacia de polícia central na frente da qual estavam recostados dois soldados arruinados, pequenos e muito sonolentos, com baionetas enormes. Tomamos um elevador, subimos e fomos para um corredor átrio tão semelhante do qual o jovem comunista americano, Victor Barron, havia apenas recentemente no Rio misteriosamente mergulhado para a morte. Disseram-me para aguardar em uma sala de espera. Acendi um cigarro e estudei um mapa do Brasil. Dez minutos depois uma porta abriu e fui intimado à presença do tenente. À escrivaninha do tenente e separado dele por uma cadeira vazia sentou um homem gordo, tão despenteado, sem fazer a barba, sujo, como você encontraria aos montes.

“Eu falo inglês”, disse o homem, com sotaque não convincente. “Eu sou o intérprete. Sente-se”. Tomei a cadeira vazia. “Nós o trouxemos aqui”, disse o tenente com a máxima cortesia, “para ajudá-lo no trabalho pelo qual o senhor veio para o Brasil. Nós queremos ajudá-lo”.

Irradiei minha satisfação. “Oh, muito obrigado!”, eu disse e sorri largamente. Do mesmo modo todos eles fizeram, tão agradavelmente.

“Tomamos seus papéis”, continuou o tenente, “com a finalidade de guardá-los para o senhor. Não queremos que nada aconteça a eles”.

“Que gentis, que maravilha!”, exclamei e apertei sua mão. “Como posso agradecer-lhes por sua consideração? Como posso agradecer-lhes a todos?”, ri de felicidade e, assim, todos o fizeram.

Agora, ao passo que Davis e eu havíamos de fato possuído muitos documentos e panfletos de uma natureza tão antidiplomática que nos envolveria em dificuldades, estes haviam há muito tempo sido rasgados em pedacinhos, e através do vaso sanitário do avião, despachados para o Oceano Atlântico. Tudo havia sido jogado fora – exceto um; de sua presença maldita entre meus papéis em minha primeira entrada na polícia fui dolorosamente alertado! Era uma longa lista dos mais eminentes daqueles prisioneiros políticos brasileiros cujo bem-estar deveríamos averiguar; e era encabeçada por Luis Carlos

Prestes, o brilhante e amado líder comunista do movimento revolucionário pela democracia. Apanhado em flagrante? Melhor me defender do crime cometido.

“Por sua oferta de assistência, tenente,” reportei-me a ele, “estou feliz e agradecido. E devido a sua oferta – tão generosamente feita – irei agora, neste momento oportuno, pedir por uma certa informação pela qual eu havia pretendido vir até os senhores. Onde”, – procurando em minha pasta e apresentando o documento – “estão esses cavalheiros? Onde eles estão? Eles estão bem?”. Entreguei-lhe a lista, que ele olhou.

Como na explosão de uma bomba em um mercado agitado em meio-dia festivo, a população é repentinamente transfigurada com horror, indignação, ódio, medo – então, neste primeiro olhar para o primeiro nome, o bom tenente mudou o tom. “Prestes!”, ele gritou e toda a sala recuou, recuou e olhou ferozmente para mim. “Prestes! O senhor o conhece? E conforme ele lia mais nomes, o horror deles crescia. “Quem lhe deu isto?”

“Seus compatriotas”, eu disse.

“E o senhor conhece esses homens?”

“Não ainda”.

Por fim, furiosamente, ele pegou a pasta, socou o maldito documento dentro e colocou a coisa toda fora do meu alcance. Havia chegado o momento para cigarros.

Acendendo o do tenente, eu o abracei.

“O senhor é americano?”, perguntei ao intérprete, tocando em seu joelho sujo.

Alguém se referiu a minha incrível foto do passaporte: eles gostaram da imagem. Rimos – e tudo estava bem. Ele é “muito simpático”, disse um. “Sem dúvida!”, eu disse: de acordo.

Liberado para voltar para o meu hotel, sugeri que eles me honrassem com aquele estilo de escolta policial com o qual estava acostumado. “Além disso”, acrescentei, “que tal o outro companheiro, Davis?”. Seria melhor termos tudo esclarecido.

O espasmo que a menção de Davis trouxe foi apenas dissipado quando o tenente foi levado à conclusão de que Jerome Davis não era o defensor do Trabalho Americano, David Levinson, cuja participação na defesa de Prestes em seu julgamento havia lhe conferido o alto tributo de ódio oficial. Ainda iriam examiná-lo. Meus três amigos se levantaram para ir comigo.

“Podemos todos parar para beber algo, tenente?”, perguntei.

“Não”, disse o tenente, severamente.

“Por favor, só um pequeno gole?”, mais dois homens se uniram à nossa festa.

“N-não”.

Nós seis marchamos para fora. “Isso é o que você consegue deste maldito fascismo”, resmungou um de nós – não eu.

Lotando um táxi, sentando um no colo do outro, dirigimo-nos para um café. Eu pedi whisky duplo com soda e gelo e comecei a discursar sobre o movimento trabalhista, o C.I.O., e sobre como os trabalhadores do mundo controlariam o mundo. Eles irradiaram aprovação.

“Esta é para a revolução!”, eu disse e levantei meu copo. Bebemos a ela.

Davis foi esplêndido. Pulou da cama para nos deixar entrar. Irradiou boas vindas quando eu disse: “Meus amigos”. E quando eu acrescentei, “A polícia”, voltou para a cama. A polícia não fez muito mais, mas ficou mais e mais embaraçada enquanto eu vasculhava o quarto procurando por algo para dar a eles. Eles pareceram envergonhados por terem vindo. E quando finalmente a porta fechou e trancou atrás da pasta do professor e nas costas dos policiais, Davis levantou sua cabeça do travesseiro, sob o qual estavam seu passaporte, sua carteira e sua cópia da maldita lista.

Na manhã seguinte ligamos para a Embaixada Americana e contamos nossa história. E naquela tarde o assistente do embaixador chegou ao nosso hotel na companhia de um detetive da polícia e com nossas pastas. A única coisa que não foi devolvida foi a lista dos prisioneiros políticos. O assistente do embaixador informou-me que eu estava sob séria suspeita, que eu poderia ser obrigado a permanecer no meu quarto de hotel até a partida do próximo avião. Mantiveram algum controle sobre meus telefonemas, mas de acordo com o que sei não me rastream. Tive permissão para ficar. Os policiais, às vezes, não são ruins. Davis, desse dia em diante – nós assim concordamos – seguiu seu trabalho sem dificuldades por eu ser suspeito.

Os planos para nos enviar ao Brasil haviam sido iniciados em junho de 1937, durante uma conferência com o embaixador Aranha, em Washington, com o qual os notórios maus tratos dos prisioneiros políticos sob o regime de Getúlio Vargas foram discutidos e protestados novamente. Cinco meses antes de nossa saída do comitê sucedeu no Brasil, primeiro, o fim do assim chamado “estado de guerra”, em prol de um “estado de emergência” mais liberal; depois, a volta do “estado de guerra” e com ele mais prisões; e por fim, um golpe de estado com o qual as eleições pendentes foram suspensas, o mandato do presidente Getúlio Vargas se perpetuou e a constituição democrática foi suplantada por uma mandatária.

“O que você vê aqui hoje não é Brasil. O povo brasileiro não vai tolerar a ditadura. Você pode me citar dizendo isto”. Assim falou H. Sobral Pinto, o advogado eminente, corajoso e católico conservador que defendeu Prestes em seu processo por traição. Do mesmo modo, de fato, disseram muitos outros com os quais encontrei no Rio. Ainda eles o toleram realmente. O fato de Getúlio Vargas andar nas ruas do Rio como um cidadão privado, sem ser observado, sem segurança, pode ser evidência não só da gentileza inerente dos brasileiros, mas de sua completa falta de preocupação com o governo. Eles querem democracia e paz. Eles querem se libertar da censura, da espionagem, do medo. Eles querem trabalhar, viver com segurança, ser bem alimentados; eles querem lazer e alegria. Deixe os soldados lutarem; o povo quer paz. Conseqüentemente, como o governo é pensado como um poder à parte, também as revoltas contra ele são deixadas para aqueles cuja violência armada é um negócio.

No calor da rebelião de Prestes, um ciclista passou por onde as tropas estavam atirando uns contra os outros através de uma avenida. Ele soou sua buzina. As tropas pararam de atirar enquanto ele passava.

O recente golpe de Estado consumou-se sem um único tiro. Em relação aos soldados que foram reunidos no Rio e marcharam pelas ruas, as pessoas diziam “Vargas está contando seus eleitores”.

Eu estava no Rio durante as comemorações atrasadas do Dia da Bandeira. A ocasião deveria ser de interesse especial, celebrando não apenas a continuação do regime de Vargas, mas através da queimada das bandeiras dos estados brasileiros, aquela união mais forte dos estados seria consolidada pela nova constituição. Uma multidão de tamanho razoável esteve presente, não grande o suficiente para mudar o aspecto diário das vias públicas da cidade. E as tropas estavam lá: soldados em branco, em verde e guardas resplandcentes em uniformes napoleônicos. E grupos de homens, pequenos meninos e meninas, de uniforme integralista verde e branco. Bonitos o suficiente – mas ninguém se importava. Não até o meio-dia, quando as tropas marcharam de volta para casa: “Eles *bloqueariam* o tráfego na hora do almoço!”, disse um típico espectador.

O Brasil, explorado por séculos segundo os interesses do imperialismo português e, subseqüentemente, segundo os do imperialismo internacional – uma exploração internamente incitada pelos maiores proprietários de terra brasileiros e pela burguesia urbana mais elevada – foi em 1937 principalmente sujeitado, e conseqüentemente escravizado ao capital americano e britânico. Essa servidão financeira aos poderes

democráticos, entretanto, não foi suficiente para assegurar àqueles os poderes sobre o monopólio do comércio brasileiro, o qual poderia ser sustentado por obrigação e proteção de seus interesses contra a crescente influência dos poderes fascistas sobre a política e sobre os negócios internos brasileiros. Essa influência, a menos que fosse detida pela ação da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, ou rejeitada por uma democracia militante dentro do Brasil, poderia levar eventualmente, parecia, a um abrupto declínio no comércio americano-brasileiro, a um colapso das seguranças e a uma tal situação pan-americana, que desafiaria a Doutrina Monroe e até ameaçar a democracia americana. Nem as maldades do fascismo, nem – em relação ao que existe hoje – suas bênçãos questionáveis, como podem exclusivamente afetar o povo do Brasil, devem ser consideradas como a própria preocupação do governo americano. Aquela política de isolamento a qual nos tornou oficialmente coniventes com as depredações da Itália fascista e da Alemanha na amigável Espanha, a qual alegremente apóia a agressão bárbara do Japão na China, não será alterada para defender o povo brasileiro contra as desalmadas perseguições civis, as quais os tiranos brasileiros em sua marcha em direção ao fascismo, praticam. Quais governos têm corações? Eles são, propriamente, os instrumentos dos interesses públicos. E que aqueles “interesses”, os quais foram até agora exclusivamente efetivos em determinar a política internacional, ganharam um estigma, meramente traem a impotência da nossa humanidade. Estamos muito sensibilizados com o confinamento dentro das prisões brasileiras de milhares de homens e mulheres inocentes, com as torturas selvagens impostas a muitos deles, com os assassinatos oficiais? Sim, estamos sensibilizados: não muito. São iguais as massas no Brasil – aquelas massas que, agora sofrendo o máximo, têm muito a ganhar com a liberdade através da revolta, cujo tipo, cujos parentes e amigos, cujos líderes são as vítimas torturadas e aprisionadas da ditadura – eles estão muito sensibilizados? Eles estão. Muito sensibilizados. E ainda – eles são tão pobres, tão ignorantes, tão destituídos de armas, tão assustados e oprimidos – não sensibilizados o suficiente.

Eles não estavam sensibilizados o suficiente para ganhar a revolta de 1922, nem no levante de 1924-6 para carregar Prestes até a vitória. Em 1930 foram levados pelas promessas de grandes reformas para quebrar o domínio de São Paulo e para esmagar a volta de São Paulo e reter o “Vargas” liberal deles, como ditador em 1932. Mas Prestes viveu. Fortalecido no propósito e amadurecido na consciência ele conspirou durante o exílio pela libertação de seu país. Uma greve ferroviária precipitou a revolta parcialmente organizada. No norte foi esmagada pelo cruel bombardeio das cidades; no Rio de Janeiro, pelo

esmagamento promovido por um regimento militar. Prestes tornou-se um comunista declarado; e nem se deve duvidar que outros comunistas, inclusive o alemão Ewart, foram co-líderes e nem que o partido comunista do Brasil inteiro ficou do lado dele juntamente com a Aliança pela Libertação Nacional. Mas a acusação de comunismo a qual Vargas, no espírito de um Martin Dies, dirigiu e continua contra todos os simpatizantes à revolta de Prestes e à causa da democracia em geral era, de fato, não mais do que um pretexto para tais prisões e perseguições com a finalidade de manter o Ditador no poder e exaltá-lo na consciência pública como o salvador do Brasil. Seu propósito era assustar: brasileiros demais riem. Por tudo isto, muitos poucos estão sensibilizados o suficiente.

Bem à parte do Brasil como um fator potencial no destino político dos países do Novo Mundo, o Brasil é um exemplo do caminho que as democracias podem seguir para alcançar as ditaduras e um alerta para nós das primeiras reduções ou das temporárias anulações de nossos direitos democráticos estabelecidos para qualquer causa ou emergência por mais que provem – tarde demais para remediar – ter sido apenas os primeiros movimentos subversivos em direção à destruição daquela democracia justa a qual trabalhamos com tanta fé e amamos construir. A relação do Brasil para nós não é meramente a de uma grande nação de um continente irmão; ela foi uma república irmã de nascimento, como nós fomos de descontentamento com o governo distante europeu e dedicada por seus fundadores, não com menos fé na liberdade do que na nossa própria, à democracia. Muitos dos eventos recentes no Brasil são sugestivos do que poderia acontecer aqui, enquanto nos métodos pelos quais a ruína da democracia brasileira foi realizada, podemos encontrar um paralelo a muito do que em nome do patriotismo, esta acontecendo em nosso próprio país agora. Como – nós tendemos a perguntar, olhando com orgulho complacente para a lei democrática e para a ordem que para nossos olhos míopes prevalecem – como poderia nosso povo perder seus direitos democráticos? Talvez não possamos. Mas, no Brasil o povo tinha tais direitos. Eles os perderam.

“Aos fracos tornei-me fraco igual, que eu poderia alcançar os fracos: sou feito de todas as coisas para todos os homens, que eu poderia de todas as maneiras salvar alguns.” Então temos o evangelho do oportunismo nas palavras de um arqui-porta voz daquela igreja a qual através de todos os séculos de sua vida sucursalmente incorporada recorrentemente achou expediente no nome de Cristo sancionar a carnificina e a opressão. Um estado de guerra declarado, todas as liberdades civis anuladas: Vargas, eleito presidente por voto democrático, achou oportuno no nome da democracia fazer aquela declaração. Ainda a

constituição, com suas medidas para o governo democrático, permaneceu uma firme censura e um conseqüente embaraço para a autocracia. Sob a constituição o mandato presidencial de sete anos agora estava perto de seu fim: um segundo mandato foi banido. Conseqüentemente o verão de 1937 viu uma campanha para eleição presidencial em todo movimento, demonstração visível de que as medidas eleitorais da constituição seriam observadas. Novamente, como em 1930 e no levante paulista de 1932 foi um conflito entre os interesses especiais e mais locais dos cafeicultores, manufatureiros e capitalistas da rica São Paulo sustentada pelos interesses estrangeiros no Brasil, e o não menos especial, não obstante, mais largos interesses do Rio Grande do Sul, apoiados pela burguesia urbana e pelos liberais por todo o Brasil, os quais haviam firmado a Aliança Liberal nas eleições de 1930. Em termos de indivíduos a briga entre Flores da Cunha, ex-governador de São Paulo – representado por Armando Sales de Oliveira, um advogado e empregado da corporação – e o rival implacável e inimigo de Flores, o próprio Vargas. De fato, um dos primeiros atos de Vargas em relação a sua declaração de “estado de guerra” foi depor Flores. E Flores, indubitavelmente sem bom julgamento, voou para o exílio. O candidato de Vargas era um José Américo de Almeida, um liberal, amigo e apoiador de Vargas, e ex-ministro das Comunicações do próprio Vargas. Américo era escritor e homem sem propriedades. Ele era do norte, daquele norte do Brasil onde a destituição em seu pior grau prevalece. Ele conhecia os pobres e sentia a sua miséria. Não era homem de negócios, seu sentimento humanitário era desenfreado pelas questões de propriedade e negócios. *O que* deveria ser feito tinha mais valor para ele do que *como* fazer. Terra para o povo, era seu pensamento; um fim para a pobreza. As massas vibravam por ele. Ele sentiu um impulso messiânico: “Eu sou o salvador do Brasil!”, exclamava; “Dinheiro? Eu não tenho; mas eu sei seu paradeiro”. Os políticos, assustados, o abandonaram: “Eu não preciso de políticos”, ele declarou. “As pessoas são minha força” (isto no Brasil!). A burguesia, os liberais, estranharam; logo eles ficaram horrorizados: o candidato deles, um louco! As massas se regozijaram.

Havia sido a intenção de Getúlio Vargas desde o início da campanha, ou antes, de permanecer no poder, pois se sabe agora que sua constituição estava pronta em maio daquele ano e o golpe de estado, planejado para junho. Enquanto isso, o crescimento da popularidade de Américo junto às massas, juntou-se ao endosso comunista dele - do qual a agora a desconfiada burguesia tomou a esperada vantagem completa – operou para assegurar a Vargas, em sua pretendida lei, o apoio completo de sua própria classe e, em

caso de violência, de sua miserável minoria fascista, os Integralistas. Na altura da amargura da campanha e conseqüente desordem na arena política, uma extraordinária e autoritária proposta foi feita para Vargas, isto é: que ambos os candidatos rivais saiam da corrida em favor de um candidato conciliatório a ser concordado. Vargas recusou. Exatamente seis dias depois, sem mais nenhuma agitação do que uma concentração de tropas na capital, a Assembléia Geral foi destituída, a constituição cancelada, a eleição suspensa e a “Democracia” – que sombra dela restou – terminada. O golpe de Estado era um fato consumado: Vargas era ditador.

Como o golpe de Estado havia-se consumado sem banho de sangue, não houve perceptíveis, se é que houve quaisquer, perturbações subseqüentes. E houve relativamente poucas prisões. A caça aos “comunistas” persistiu embora poucos tenham sido traídos em suas pretensões. O povo viveu com medo de ser espionado, de ser ouvido ao acaso em conversas, de ser delatado. Os suspeitos foram observados e os fios de telefone foram grampeados. A censura havia apertou. Para a United Press e para a Associated Press, dois censores cada. Censores nos correios; censores nos escritórios telegráficos; censurada foi cada palavra de notícia impressa. Aos editores dos jornais do Palácio do Governo reunidos por citações oficiais, o governo falava: “Você ficará satisfeito em obedecer às novas normas da censura”, anunciava. “É claro que eu obedecerei”, respondeu um corajoso jornalista, “mas eu não ficarei satisfeito”. As publicações brasileiras foram proibidas de elogiar a Rússia Soviética, a China ou a Espanha legalista; foram proibidas de atacar a Itália, a Alemanha, o Japão ou o general Franco; tiveram permissão de dizer o que lhes agrada sobre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França. Eles fizeram.

“Professor: Em obediência à decisão do Reitor e até que outras instruções sejam divulgadas, eu requisito que o dia escolar em cada curso seja iniciado com falas curtas, mas incisivas, diretamente atacando o comunismo, ou criticando suas teorias fundamentais ou atacando os resultados de sua aplicação prática.

“Para aquele fim o professor encarregado da primeira aula do dia em cada curso é requisitado a fazer o discurso desejado em acordo com a agenda”.

Isso para os professores da universidade e para os professores em todos os lugares! “Mas”, objetou um professor, “eu não sei nada sobre o comunismo. Vocês me providenciarão um livro sobre o assunto?”

“Certamente não”.

Em vista do fato de que, parcialmente para a alegada proteção das repúblicas da América do Sul e a preservação nos hemisfério ocidental do “modo de vida americano”, impostos na extensão de muitos bilhões devem ser arrecadados sobre nosso povo, nossos desprivilegiados devem sofrer negligência, nossos direitos constitucionais devem ser prejudicados, nossa juventude arrancada de suas atividades pacíficas e enviada, talvez, ao massacre, pode nos ser proveitoso considerar qual marca precisa de nosso modo americano mobilizaríamos para proteger o maior país da América do Sul. Da Constituição brasileira de 10 de novembro de 1937, “Foi garantido,” diz Vargas, “ao povo brasileiro.” Quando, em 1891, o Brasil se tornou uma República, uma Constituição padronizada em relação à dos Estados Unidos foi adotada. Fornecia, como a nossa, para um Presidente eleito independentemente duas casas legislativas, e um judiciário apontado pelo Presidente para sempre. Mas com leves alterações, essa Constituição permaneceu no poder até 1934. A Constituição de 1934, promulgada por uma Assembléia Constituinte sob o governo de Vargas, estabeleceu o voto secreto e garantiu votos para as mulheres, sem, entretanto, estender o eleitorado para além dos limitados níveis dos letrados. Estabeleceu Cortes de Justiça Eleitoral com autoridade, não apenas em disputas eleitorais, mas sobre a elegibilidade dos eleitores sob a lei. Este poder, aplicado à nova medida da Constituição de 1934 para representação funcional – a qual, favorecendo os empregadores, era distintamente fascista – fortaleceu o controle do governo sobre o Congresso Federal. A Constituição de 1934 emancipou monges e devolveu à Igreja Católica o poder nas escolas públicas. Então Vargas conquistou a Igreja. As mudanças sociais levaram a pequenos avanços na prática. Prisões sem acusação ou garantia tornaram-se ilegais: as prisões arbitrárias continuaram. O reconhecimento que estendeu aos sindicatos não registrados não foi efetivo.

O que Vargas no último 10 de novembro “garantiu ao povo brasileiro” é, com efeito, uma garantia ao povo, dele mesmo como Ditador permanente de suas vidas, propriedades e destinos. Leia de sua Constituição:

É a prerrogativa de o Presidente decretar um estado de emergência e um estado de guerra...

“No acontecimento de uma ameaça estrangeira ou a iminência de perturbações internas, ou a existência de um esforço combinado, plano ou conspiração, a qual tenda a perturbar a paz pública ou colocar em perigo a estrutura das instituições, da segurança do

Estado ou de seus cidadãos, o Presidente da república pode declarar por todo o território particularmente ameaçado, um estado de emergência.

“O momento em que seja necessário empregar as forças armadas para a defesa do estado, o Presidente da República poderá declarar um estado de guerra para todo o território nacional ou parte do mesmo.

“... Para nenhum desses atos é necessário obter a autorização do Parlamento Nacional, o qual pode não suspender o estado de emergência ou o estado de guerra, declarado pelo Presidente da República.”

E a fim de que não haja um equívoco do desenfreado e completo despotismo o qual, em seu próprio arbítrio, torna-se o direito “Constitucional” de Getúlio Vargas, sua “garantia” para os demais estados do Brasil. “Durante a existência do estado de guerra tais partes da Constituição, como o Presidente da República indica, terão fim de seu vigor”. O Estado sou eu!

Vargas estava armado por sua própria Constituição para fazer seu poder absoluto à vontade e, se ele quisesse, tornaria sua posse permanente. Além do mais, mesmo sem a declaração daqueles estados de “emergência” e “guerra” pelos quais os poderes pessoais do presidente são legalmente aumentados, a Constituição concedia tais poderes normais ao presidente e seu partido como para assegurar seu domínio. O Brasil estava sobrecarregado com a ditadura; Vargas estava no poder. Aonde Vargas quer ir, lá vai o Brasil.

Talvez o aspecto mais sério da situação criada pela nova Constituição seja a de que um retorno à democracia ou mesmo, contra a vontade do ditador, para uma mudança de ditador, é agora virtualmente impossível no Brasil, exceto por meios revolucionários. Mesmo as vozes de descontentamento e a discussão da mudança são hoje inconstitucionais, ao passo que tal política intencional organizada por uma oposição não é apenas legal sob uma democracia, mas essencial para sua vida, torna-se necessário um plano a ser concebido em segredo e medo e gerado na violência. Aquelas perseguições políticas que têm sido a ordem sob Vargas continuarão em toda sua grosseira injustiça e execrável barbaridade enquanto a oposição viver e temer o enrijecimento de sua prática. As prisões estão lotadas: não os tribunais. Os prisioneiros não são culpados, não são submetidos a provações. São espancados, torturados por confissões que devem levar a mais prisões, mais torturas, mais prisões - mais glória para o guardião da nação. Quem se importa! Eles estão acostumados a tais coisas no Brasil. Eles estão acostumados ao governo no qual eles têm pequena parte, a constituições que são ridículas, a ditadores. Que a esposa de um líder comunista foi

abominável e obscenamente torturada diante dos olhos do marido é fato. A revelação de um senador de suas torturas, diante do senado brasileiro, ninguém questiona. Tais coisas são raramente notícias no Rio. “Aquela é a polícia em todos os lugares”, o povo diz. Eu acho que é.

“Como”, um americano pode se perguntar, “nossa polícia se comportaria a não ser cara a cara com eles?” Nossa liberdade de imprensa, exposição, acusação, nosso Comitê La Follette, nossa democracia? O que fizeram além de controlar – em Porto Rico, Hoboken, Chicago, Gallup, N.M.? O que eles (leia os jornais) estão fazendo agora? E enquanto uma realização da barbaridade verdadeira e potencial de nossa própria polícia não mitigar nosso horror ante as barbaridades maiores e mais extensivas da polícia sob Vargas, nos inclinará a observar o último como em nenhum degrau uma expressão de uma crueldade inerente à natureza brasileira, nem mesmo da excepcional pessoal crueldade e do caráter vingativo do próprio Vargas. O mal prospera na não-democracia.

A declaração do advogado conservador, Sr. Pinto (citado antes neste capítulo), “O povo brasileiro não tolerará a ditadura” - pode, em minha cabeça, ser tomada como a expressão do Brasil. Vargas ainda rege. Américo, o candidato das massas, fica como um prisioneiro virtual, em sua pequena casa no subúrbio do Rio. Ele é um homem despretensioso, gentil, quieto, pequeno e observa um pouco tristemente um mundo que dolorosamente para seus olhos míopes devem parecer um embaçado disforme.

“Eu lutei pelos pobres”, ele me disse, “pelo povo. Eu queria democracia: isso é tudo”. Ele falou como se sua vida, seu mundo, estivesse todo dentro dele. O mundo deve vir para ele, para que possa vê-lo. “Quando eles vierem para mim de novo”, ele disse, “quando eles me quiserem, estarei pronto”. Até então, gentil e quietamente, ele esperará. Seria melhor!

Então, como eu o vi, era o Brasil. Devemos por causa de nossa herança anglo-saxônica, do amor da liberdade e das tradições democráticas e instituições que a apóiam nos manter imune a um retrocesso similar? Esta é na melhor das hipóteses uma questão. Vamos então reivindicar para nós mesmos como uma parte adicional de nossa herança, um pouco de senso comum, e onde existir mesmo a sombra de uma dúvida concernindo tão grave assunto quanto a democracia, mantermo-nos ciosamente atentos a menor violação de seus princípios. O que – traduzido para a cena norte-americana e para os termos de nossa própria política – realmente aconteceu no Brasil? Havia, para começar, uma constituição quase idêntica a nossa própria. Havia dois partidos principais – chamem-nos de Partidos

Democrático e Republicano – representando até certo ponto os interesses industrial e financeiro conflitantes e patrocinando, conseqüentemente, políticas internas e estrangeiras, até certo ponto diferentes. Havia duas pequenas minorias da extrema esquerda e direita: o Partido Comunista e os Fascistas (os quais devemos chamar de Camisas Prata). O presidente propriamente eleito era um democrata, um *New Dealer*, digamos; e com o término de seu segundo mandato próximo, o partido havia nomeado um membro de seu gabinete para sucedê-lo. Defrontando-se com forte competição republicana, o congresso democrático do presidente aprova tal lei especial contra o líder republicano, que o força a fugir do país. O democrata nomeado, enquanto isso enlouquece pelo povo. Ele se anuncia como o amigo do trabalho, dos desprivilegiados. Promete mais escolas, direitos iguais para todos os cidadãos, incluindo negros e a abolição do imposto fixo. Os sindicatos o apóiam solidamente. Os liberais educados o elogiam como o messias da democracia e o apóiam com uma frente unida de todos seus sindicatos. Os Comunistas o endossam. E todos os grandes e pequenos proprietários e elementos da alta classe profissional do Partido Democrático, sentindo seus interesses traídos, desesperam-se e se aprontam para tudo. Para acusações de Comunismo, já promulgadas pela imprensa, o endosso comunista empresta novo ímpeto. “Stalin é um assassino e conspira para destruir a civilização... Os Comunistas são governados por Stalin... Comunistas são membros de sindicatos, de organizações para a paz, para mais e melhor leite para bebês: portanto eles são todos e cada membro deles, Comunista apoiado pelo ouro de Moscou e conspiram para destruir o governo pela força.” O presidente agora coloca sua matilha do FBI na trilha dos “Vermelhos.” Eles grampeiam fios telefônicos, invadem casas e escritórios e procuram, capturam e prendem sem garantia. “Isto é uma violação à nossas liberdades civis!” protestam os liberais e os ofendidos. “E daí?” responde o governo, corajosamente declarando um estado de emergência colocando-os na cadeia. E o público em nome da democracia aplaude! O presidente agora tem o apoio da milícia (maquinados pela Frente Católica Cristã), do exército e dos Camisas Prata sob o General Moseley e da polícia já treinada para prender trabalhadores grevistas. De repente, na madrugada da eleição, tropas são reunidas em Washington; o Congresso é dissolvido, a Constituição é declarada inválida, a eleição é cancelada; e em um golpe aquele belo sonho, a democracia, é terminado.

Mas coisas como essas, logicamente, não podem acontecer aqui!

PORTO RICO

KENT, Rockwell. *It's Me O Lord*. NY: Dodd, Mead & CO., 1955, pp. 501-508.

Eu sabia pouco ou nada sobre Porto Rico quando, em julho de 1936, fui lá para explorar em busca de material para meu mural. Entretanto, na semana que fiquei aprendi muito. Vi um país tão exuberantemente belo quanto poder-se-ia figurar que o Jardim do Éden deve ter sido. E o povo vivendo em tamanha pobreza que nunca tinha visto. Aqui, eu pensei, prestando atenção das colinas da densa floresta até as folhagens acenantes das palmeiras à planície ensolarada e cultivada e o oceano azul, poder-se-ia fazer o lar do desejo do coração; e *daqui*, percebi havia fugido incontáveis milhares de crianças deserdadas para procurar um refúgio nos cortiços imundos do Harlem. “É inacreditável,” escreveu Harold Ickes sobre as favelas porto-riquenhas, “que o povo tenha permissão para viver em tamanhas fétidas cloacas.” Era inacreditável para muitos porto-riquenhos que seu povo resistiria a isso. E apesar da preocupação genuína da administração de Roosevelt em fazer reconciliação aos nossos delitos passados, a ilha ferve em descontentamento. Para nosso Problema Porto-Riquenho claramente havia – assim como havia havido para o Problema Inglaterra-Irlanda, assim como há hoje para todos os problemas coloniais no mundo inteiro – apenas uma solução: liberdade. A maioria de nós sabe; poucos perceberam isso então. O mínimo que eu poderia fazer era ajudar a focar nossa atenção nisto.

Podemos recordar que os murais deveriam mostrar a larga extensão de nosso serviço postal, do Alaska no extremo noroeste a Porto Rico, fora da extremidade sudeste do continente. Então em uma pintura mostrei esquimós com grupo de cachorros e renas esperando a saída de um avião correio; e, no outro, um grupo de mulheres porto-riquenhas recebendo uma carta aérea, a julgar pela escrita, os esquimós do Alaska. Que as mulheres eram predominantemente negróides e, portanto, representativas de uma minoria porto-riquenha, era sem nenhuma intenção de minha parte – embora os racistas o tornassem base para crítica amarga; mas pelas implicações do texto da carta e pelos meios pelos quais foi trazida para a atenção do público, eu aceito total responsabilidade. E, escrevendo agora em 1954, reivindico créditos totais como um profeta da liberdade porto-riquenha a qual agora é um fato quase completamente concluído. Quase.

Não até a metade do verão de 1937 estavam completas as duas pinturas; e em quatro de setembro, montadas nas paredes do Edifício do Departamento dos Correios, receberam aprovação irrestrita da autoridade do governo.

Havia apenas um representante da imprensa americana que, bem informado sobre as questões em Porto Rico, havia mostrado um interesse na condição de seu povo. Ela era Ruby Black, de Washington. Aquela Srta. Black, no recebimento de uma comunicação anônima sugerindo que desse uma olhada no texto da carta pintada no mural portorriquenho, deveria apressar-se à cena, não era nada menos do que o esperado de uma repórter alerta do que aquilo, tendo visto e copiado as palavras desconcertantes da carta, moveria céus e terra para conseguir a interpretação do texto.

“Hein!” disse o lingüista do Departamento do Correio para quem a Srta. Black primeiro foi; “parece finlandês.” Uma menina finlandesa foi trazida para olhá-lo para ele. “Não é finlandês,” disse a menina. Mais peritos foram chamados para olhar para ele: “Um patois haitiano,” sugeriu um; “Asteca,” arriscou outro. Ambos não se confirmaram. “Diz!” alguém interrompeu com a voz do senso comum. “O Kent não sabe esquimó?” Então a Srta. Black partiu para o Instituto Smithsonian.

Mas, o Dr. Hrdlicka, um homem de muita cultura, negou todo o conhecimento da língua e supôs que nenhum Smithsonian saberia. “Obrigada de qualquer maneira,” disse Ruby Black; e mais com mais esperança no nosso Departamento de Estado do que qualquer um hoje estaria ela correu para lá. O que eles sabiam? Justamente nada.

Próximo – pensamento feliz! – o representante do Alaska, um Dimond: mas novamente sem sorte. Mas os esquimós são índios, não são? O povo do Escritório de Assuntos Indígenas deve saber. Eles não sabiam. Nem a Divisão de Territórios e Possessões de Ilhas – e Alaska e Porto Rico pareceriam se encaixar lá – alguém poderia fornecer a mais mínima dica para a lenda enigmática.

Mais profundo o mistério, a Srta. Black pode ter inferido, melhor é a notícia: completamente determinada a chegar à raiz disto, voltou ao Instituto Smithsonian e tentou Alexander Wetmore. “Tente Sr. Collins de nossa divisão de Etnologia,” sugeriu Wetmore. E assim ela o fez. Collins se interessou e trazendo dicionários esquimós começou a procurar por palavras. “É esquimó, está certo,” disse ele, pois veja: Ke significa ‘Siga em frente!’ Eu conheço o homem que pode traduzir a coisa: o próprio homem!” “Onde ele está?” Exclamou a Srta. Black e agarrou suas coisas para ir embora. “Ele mora na Dinamarca,” respondeu Collins. E isso, para qualquer pessoa teria terminado, mas não para alguém como Ruby Black.

Entretanto, como para alguns milhões de nós estão começando a suspeitar, o povo em Washington não necessariamente sabe *tudo*. A Srta. Black virou as costas para eles e foi

até Stefansson. E Stef? Logicamente ele sabia. Prontamente reconhecendo a mensagem como sendo em um dialeto esquimó, a traduziu – logicamente corretamente – como segue: “Aos povos de Porto Rico, nossos amigos: Sigam em frente, vamos mudar de chefes. Somente isso pode nos tornar iguais e livres.” Então Miss Black o publicou.

“CHOCANTE! Os esquimós incitam Porto Rico a fazer rapidamente o jugo do Tio Sam,” foi um cabeçalho em um jornal matutino de Washington. “Inscrição esquimó incitando a liberdade de Porto Rico intriga o Capitólio,” “Pretexto para Revolta visto nos Muraís de Kent,” diziam dois jornais de Nova York. Dentro de uma hora, uma nação ignorante de Porto Rico, da condição desesperada de seus habitantes apinhados e da longa série de usurpações praticadas contra eles por nós mesmos, estava sensível a tudo isto. A mensagem havia atingido a nação.

E aqui a estória pode bem terminar – exceto pela revelação de suas conseqüências das diferenças entre os pequenos homens no governo e os grandes. Do pequeno Almirante, que por alguma razão obscura chefiou a Divisão de Compras do Ministério da Fazenda dos Estados Unidos (P.W.A.), seus detalhistas subalternos estavam todos furiosos. Intimidado à Washington para discutir uma mensagem de acordo, e oferecendo para substituí-la por aquela passagem do primeiro discurso de posse de Lincoln a qual diz: “Se por uma mera questão de números, uma minorai deveria privar uma minoria de um direito constitucional claramente definido, poderia, em um ponto de vista moral, justificar a revolução – e certamente o faria se tal direito fosse um vital,” não chegamos finalmente à nenhuma conclusão exceto que o mural como eu havia pintado, deveria ficar. Solicitado que permanecesse quieto sobre o que havia ocorrido em nossa reunião, eu permaneci – até, aquela mesma tarde, que eu li tudo aquilo nos jornais. Desgostoso com tamanha perfídia, eu contei os fatos. Os jornais amaram a estória.

Pouco tempo depois fui convidado pela Sra. Roosevelt para jantar na Casa Branca. Os nomes da maioria dos distintos convidados, eu esqueci, mas não daquela bela e charmosa mulher, que durante o jantar, sentou-se à minha direita. Ela era a Sra. Morgenthau, a esposa de um chefe do departamento que através de seu Departamento de Compras, havia encomendado o mural controverso. Mal havíamos sentado a Sra. Morgenthau virou para mim e disse: “Sr. Kent, o senhor tem um senso de humor impagável!” E ela literalmente chacoalhou de tanto rir. E após o jantar o Secretário e eu tivemos um longo e amigável bate-papo sobre nosso café e licor.

Seguindo o jantar nós todos, e muitos convidados de fora, assistimos um recital de um eminente flautista na Sala de Cristal. E prontamente seguindo sua conclusão, os convidados todos se levantaram para agradecer sua anfitriã e partir. “Não vá agora,” disse a Sra. Roosevelt enquanto eu me curvava a ela. “Espere até que o resto tenha saído.” E quando eles finalmente o fizeram e eu me reuni a ela, ela me levou para o andar superior para a sala de estar dos Roosevelt. Conversamos por horas, principalmente, como me lembro, sobre as indústrias caseiras em cujo reflorescimento ela estava profundamente interessada; e embora eu soubesse de seu simpático entendimento da situação porto-riquenha, eu senti que seria indelicado referir-me a ela. Estava tocado pela sua grande seriedade e calor e charme. Foi como velhos amigos e com a promessa dela de nos visitar em *Asgaard*, que nos separamos. Aquela promessa, conseqüentemente, não foi mantida.

Em explicação à deslealdade subsequente da Sra. Roosevelt das atividades liberais e associações muitas conjecturas podem ter sido feitas. Uma estória é no sentido de que uma delegação de jovens visitando-a negou, quando por ela perguntados, se eram Comunistas; e, ao negar, mentiram. Sou “burguês” o suficiente para não gostar de mentiras em geral e para sustentar uma mentira diante da Sra. Roosevelt, uma vergonha; mas tenho um senso suficientemente honesto de proporção em questões de comportamento humano para saber que permitir um ato, não importando quão pérfido, mudar os princípios de alguém é evidência de nada além da falta de caráter. De qualquer modo isto foi causado, o uma vez compassivo defensor dos não privilegiados agora se tornou o sim, senhora das reações.

Minha viagem para *ver* Porto Rico teria uma conseqüência posterior através do que *escutei*. Pouco tempo antes de minha viagem, um oficial americano, o Chefe da Polícia de San Juan, havia sido assassinado por membros de um partido libertador conhecido como os Nacionalistas – o mesmo grupo, incidentalmente, com o qual o tardio trio gatilho-feliz de notoriedade congressional foi identificado. O líder dos Nacionalistas, Albizu Campos, havia sido preso e processado; e no dia do julgamento final, em uma divergência do júri, encontrei o Promotor Federal em um coquetel no Palácio do Governador; e o ouvi, respondendo com pesar aos meus companheiros porto-riquenhos por seu fracasso para condenar, afirmar com inflexível satisfação de que na próxima vez seria diferente. Ele havia escolhido o júri, informou a meu amigo; e um a um os nomeou. Todos eram homens em que poderia contar. Chocante, pareceu-me, mas nenhum de meu círculo. Entretanto, eu me lembrei; e mais tarde falei sobre isso para amigos em casa.

Menos de um ano depois, no domingo de ramos em 1937, cerca de oitenta jovens Nacionalistas se uniram em uma praça pública na cidade de Ponce, em grupos, para um desfile. Embora estivessem uniformizados, estavam desarmados. Sua banda, um quinteto, começou a tocar o hino porto-riquenho, *La Borinqueña*. Terminaram-na; o povo aplaudiu. E assim que o pequeno comandante do grupo ordenou, “Marchem em frente!” a polícia, postada nos quatro cantos da praça, os atacou atirando com suas submetralhadoras, rifles e revólveres. Dos Nacionalistas e espectadores que em roupa de gala assistiam a parada, dezoito foram mortos e entre cento e cinquenta e duzentos foram feridos. Esta carnificina é conhecida como o Massacre de Ponce.

Porém, havia havido alguns disparos retaliatórios dos telhados próximos; e ou por isso ou pelo fogo cruzado das armas da polícia, dois policiais haviam sido mortos. Acusados pelo assassinato de um deles, doze membros dos Nacionalistas foram presos e levados a julgamento. Aqui, no julgamento, eu entro.

Como a conversa que havia ouvido por acaso no coquetel do governador poderia ser relevante para um julgamento resultante de um massacre, não consegui captar. Mas não me cabia julgar. Doze homens inocentes – um segundo júri assim os declarou – estavam em julgamento por suas vidas; eles queriam evidências de mim. Logicamente eu as daria. Assim, acontecendo no momento de embarcar para um vôo ao Brasil, planejei fazer minha primeira parada em Porto Rico.

Que a ação judicial em progresso em Ponce, longe de ser um mero julgamento rotineiro de assassinato era, de fato, uma batalha maior na longa luta de Porto Rico pela liberdade, foi imposto em minha mente por um cumprimento suspeitosamente amável, em Miami, vindo de um estranho próximo, que *por acaso* era o marechal da Corte Federal dos Estados Unidos em Porto Rico; por sua fixação perto de mim durante toda a viagem e sua preocupação consternadora pelo meu bem-estar. “*Não desembarque em Porto Rico,*” foi o tema de seu apaixonado apelo de duas horas. Mas, apesar de imaginar minha morte nas mãos de uma turba enfurecida, apesar de seus apelos de que, se eu realmente tivesse que descer que eu fosse seu convidado e o deixasse me apresentar para as pessoas certas, apesar da garrafa que lhe forneceu eloquência e eu, presumivelmente um coração cordial e compreensivo, duas horas não foram o suficiente. Eu desembarquei; e encontrando, como ele havia profetizado, uma forte multidão de algumas centenas, entreguei-me às suas compaixões afáveis e aos seus braços abertos em expectativa.

Entretanto, em justiça ao marechal, devo admitir que o perigo espreitou. Não, com certeza, na “multidão”, pois eles tornaram-se o povo de Porto Rico em quase sua totalidade; mas nas próprias forças do governo do qual o marechal era ele mesmo tão altamente colocado como um dignitário: nas forças da “lei e da ordem” que havia atirado contra duzentos turistas desarmados; em seus líderes, nossas próprias autoridades federais; na riqueza dos porto-riquenhos e americanos que através da expropriação das terras porto-riquenhas, o povo morreu de fome; e em todo mínimo, dura o bajulador porto-riquenho dos privilegiados. Sim, havia um perigo, se não fosse para a vida, para a reputação. Um telegrama foi entregue para mim enquanto eu desembarcava: “Isto é para lhe informar, em nome do povo de Porto Rico,” dizia, “que você é *persona non grata*”; foi assinado por um político de notória criminalidade. Uma carta aberta, impressa e largamente distribuída, denunciou-me em termos acusatórios; foi assinada por treze grandes donos de plantações. E um editorial de página completa em inglês e espanhol no jornal noturno, *El Pais* – o portavoz do governador e da administração – chamou-me de todo tipo de assassino e facínora. Suponho que quando você está no controle do que não lhe pertence, você não pode ser muito escrupuloso no modo como você o faz.

Falei sobre a multidão que me recepcionou na minha chegada como sendo representativa do povo porto-riquenho em quase toda sua totalidade. Eles, e os homens e mulheres com os quais eu me associaria durante minha estada, era verdadeiramente representativos de todo o povo como, de *seus* compatriotas, eram os líderes de nosso próprio período revolucionário. Foi, de fato, um comparável momento na história da ilha. O limite de tolerância havia sido alcançado; e se as aspirações do povo por maior liberdade seriam realmente resolvidas, como alguns acreditavam, através da situação do Estado, ou através da total independência – “divórcio com pensão,” como Munoz Marin colocou – todos estavam tão unidos em sua profunda intolerância ao controle estrangeiro como estavam nossos colonizadores dos britânicos casacos-vermelhos.

Não casacos-vermelhos, mas, para os porto-riquenhos, seu equivalente moderno insular em cinza estavam em horripilante evidência propositalmente na praça do fórum no dia que fui dar meu testemunho. Denotando o medo do governo de um levante popular – e contra qualquer outra ameaça aquela quantidade de força policial armada teria se reunido? – eles anunciaram a insegurança da opressão; e, além disso, enfatizaram-na pela busca insultantemente meticulosa por armas ocultas àqueles todos que entravam no fórum foram sujeitados. Mas tendo passado por um corredor polonês de suspeita que se elevava à

intimidação, foi como voltar para casa, entrar na grande sala do tribunal lotada de amigos. E, com uma bela vista para olhar através das janelas, foi uma experiência longe de desagradável, embora um pouco dura para meu traseiro sentar por horas, manhã e tarde, e ouvir advogados de acusação enfurecendo-se em discussão sobre o depoimento que havia vindo dar e – sempre em espanhol do qual não entendo nenhuma palavra – cada um a seu gosto me elogiam como um homem de honra ou me denunciam como um facínora. O desfecho foi, eles não me deixariam testemunhar; e, do julgamento o desfecho foi que o júri discordou. Um segundo julgamento, como eu disse, absolveu todos os doze homens.

Mas e a polícia que em um belo domingo de ramos metralhou a sangue frio uma multidão feliz? Nem um, logicamente, foi processado; e quer ou não seus oficiais foram promovidos por bravura com tiros, eu não ouvi.

A viagem ao Brasil, ao Rio de Janeiro, foi empreendida a pedido do Comitê Nacional pelos Direitos do Povo da qual, sucedendo Lincoln Steffens, fui feito presidente. O fascismo, nos lembraremos, havia sido firmemente estabelecido na Itália e na Alemanha e, sob a liderança de Franco estava ameaçando a democrática Espanha. Tirânico em conceito sugeria um novo grande modo de vida para os ditadores de nosso hemisfério sul e, em 1937, deu provas através das crescentes supressões governamentais das liberdades civis e da prisão de líderes opositores, sendo ou tendo sido, impostos ao povo do Brasil. Da malignidade do fascismo como um expansivo crescimento cancerígeno arriscando as democracias por todo o mundo, nós na América do Norte estávamos cientes. Foi para observar a situação brasileira e relatar sobre isso que eu, na companhia de Jerome Davis, voamos para o Brasil.

Brasil: maior do que os Estados Unidos por um outro Texas, duas vezes maior do que a Índia; uma terra vasta e raramente povoada, voam-se horas a fio sobre um oceano de floresta primitiva não ilhada pela habitação humana, para circular, finalmente acima do porto mais espetacularmente belo do mundo e desembarcar no Rio. Exausto pelos dias de viagem, recolhemos-nos para nossos quartos de hotel separados; e, ao som das ondas da longa praia de Copacabana, fui dormir feliz.

Dormi, dormi profundamente. E conseqüentemente fiquei louco de raiva ao ser, e a meia noite, tirado da cama por três policiais bandidos à paisana e levado diante de um tribunal de polícia desimportante para investigação. Si, eu estava *louco* de raiva, ultrajado e

furioso; e, ainda possuído por alguns poucos grãos de senso comum, tão sorridentemente agradável como minha inteira inocência permitia e as disparidades contra mim requeriam um comportamento específico. Assim, como as coisas aconteceram, seu latido foi mais rude do que seu âmago humano. E depois que tudo isso terminou, eu me descobri sentado em um bar com os agora três policiais muito amigáveis, bebendo whisky duplos e contando para eles para seu deleite e inveja – isto, lembre-se, foi lá atrás em '37 – da militância do movimento trabalhista americano e das liberdades que nós americanos desfrutamos.

“Maldito Fascismo!” um dos policiais havia chamado o que reinava então no Brasil; mas minhas conclusões após nove dias de andança de lá para cá, de encontros com pessoas de todas as classes – e graças às cartas de apresentação que eu havia trazido, encontrei alguns liberais completamente informados e corajosos – foi que, inconstitucional como o golpe de estado de Vargas havia sido, ditatória como seu poder foi e cruelmente repressivo das minorias e das liberdades civis em geral, como ele havia revelado ser, o dele não foi mais aquele despotismo totalitário integrado propositalmente de uma classe a qual é devidamente denominada Fascismo do que – saltando para o presente – é nossa América hoje. Democracia? Nem por uma longa visão. Mas, Fascismo? Não, não muito. E embora nessa primeira conclusão Jerome Davis e eu não fomos os primeiros a concordar, ele posteriormente veio compartilhar meu julgamento.

Nem foram os anti-fascistas em casa, aqueles que haviam patrocinado nossa investigação, reconhecedores de minha descoberta. No que pareceu mais um esforço descarado para ou me influenciar ou mudar a opinião de minha platéia para tirar conclusões errôneas do que eu planejei dizer, foi descrito, na apresentação minha pela presidenta, como um relatório do fascismo – uma má interpretação que eu prontamente consertei.

O termo “anti-fascismo prematuro” o qual, para a perpétua vergonha dos antifascistas relutantes que o empregaram, foi para ser aplicado aos amigos iniciais da Espanha democrática, não é totalmente inapropriado para aqueles que sacaram a arma para encontrar o mal onde não estava. Ainda toda a coragem da prevenção, muito embora não necessitada, não faz mal algum. Que pena que não a tomamos mais anos atrás.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Paulo Mendes de. *De Anita ao Museu*. SP: Perspectiva, 1976.
- AMARAL, Aracy A. *Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira 1930-1970*, 3ª.ed. SP: Studio Nobel, 2003.
- ANDRADE, Mário de. *Portinari, amigo mio: cartas de Mário de Andrade a Portinari*. Annateresa Fabris (org.). Campinas - SP: Mercado de Letras - Autores Associados/Projeto Portinari, 1995.
- ALGER JR, Horatio. In: http://www-sul.stanford.edu/depts/dp/pennies/1860_alger.html. Último acesso em 17/10/2008.
- Artigo sem título e sem autoria especificada sobre a situação do Brasil, 1936. (The trials of Luiz Carlos Prestes and of hundreds of other heroic leaders...). Reel 5164, frames 99-104. From the Archives of American Art - Smithsonian Institution.
- ASSUNÇÃO, Moacir. *Luiz Carlos Prestes: um revolucionário brasileiro*. SP: Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007.
- BANDEIRA, Manuel & ANDRADE, Mário. *Portinari*. RJ: Ministério da Educação, 1939. Reel 5223, frames 1364 – 1413. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.
- BENTO, Antonio. *Portinari*. RJ: Léo Christiano Editorial, 2003. “Book deals with Life of Brazilian Artist”. In: *Gazette Montréal*, Canadá, s.d, Projeto Portinari.
- BORBA, Osório. “A Nova Era da Pintura Mural”. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 14/11/1939, Projeto Portinari.
- “Brochure: The Role of the National Committee for People’s Rights”. Reel 5214, frames 579-584. From the Archives of American Art- Smithsonian Institution.
- BROWN, Milton W. *American Painting from the Armory Show to the Depression*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1970.
- _____. “Exhibitions”. In: *Parnassus*, vol12, no. 7, Nov.1940, pp. 37-39. <http://jstor.org>. Último acesso em 23/11/2006.
- “Candido Portinari”. In: http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/bigrafias/ev_bio_candidoportinari.htm. Último acesso em 18/02/2007.
- Candido Portinari: catálogo raisonné*. Projeto Portinari; diretor, João Candido

Portinari. RJ: Projeto Portinari, 5 vols, 2003.

Carta de Candido Portinari a Ribeiro Couto. Rio de Janeiro, 13/05/1938. CO-3444.1, CO-3444.2, F-0295, F-0296, Projeto Portinari.

Carta de Candido Portinari a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, 07/03/1938. Reel 5223, frames 1346-1347. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Candido Portinari a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, 21/03/1939. Reel 5223, frames 1358-1359. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Candido Portinari a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, 27/05/1938. Reel 5223, frame 1350. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Candido Portinari a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, 29/11/1938. CO- 4434, F-0112, Projeto Portinari.

Carta de Candido Portinari a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, 25/09/1939. Reel 5223, frame 1363. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Candido Portinari a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, 23/07/1940. Reel 5223, frames 1428 – 1429. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Candido Portinari a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, 29/08/1940. Reel 5223, frame 1415. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Candido Portinari a Rockwell Kent. NY, 04/10/1940. Reel 5223, frame 1416. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Candido Portinari a Rockwell Kent. NY, 26/10/1940. Reel 5223, frame 1450. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Candido Portinari a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, 06/07/1941. CO- 4453.1, CO- 4453.2, F- 0113, F-0114. Projeto Portinari.

Carta de Elodie Courter a Rockwell Kent. NY, 07/04/1941. Reel 5223, frame 1466. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Florence Horn a Candido Portinari. NY, out.1939. CO- 4993.1, CO- 4993.2, F-0426, F-0427. Projeto Portinari.

Carta de Florence Horn a Candido Portinari. NY, S/d. F-0414. Projeto Portinari.

Carta de Florence Horn a Candido Portinari. NY, S/d. CO- 4998, F- 0433. Projeto Portinari.

Carta de Florence Horn a Maria Portinari. NY, 14/05/1939. CO- 5015.1, CO-5015.2, F-0451, F-0452. Projeto Portinari.

Carta de Florence Horn a Candido Portinari. NY, 10, 1939. CO- 5043, F- 0472. Projeto

Portinari.

Carta de Florence Horn a Rockwell Kent. NY, c.1939. Reel 5223, frame 1352. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Florence Horn a Rockwell Kent. NY, c.1939. Reel 5223, frame 1353. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Florence Horn a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, 30/06/1939. Reel 5223, frame 1354. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Florence Horn a Rockwell Kent. S/d. Reel 5223, frame 1361. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Gustavo Capanema a Rockwell Kent. Rio de Janeiro, 23/02/1938. Reel 5164, frames 163-164. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Horace B. Davis a Rockwell Kent. Massachussets, 05/01/1938. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Horace B. Davis a Rockwell Kent. Massachussets, 23/02/1938. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Joe Starobin a Rockwell Kent. Daily Worker, NY, 14/01/1947, Reel 5223, frame 1471. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Josias Leão a Candido Portinari. Chicago, 03/08/1940. CO- 2596.1, CO- 2596.2, F- 369, F-370. Projeto Portinari.

Carta de Josias Leão a Candido Portinari. Chicago, 20/08/1940. CO- 2599, F- 375. Projeto Portinari.

Carta de Josias Leão a Candido Portinari. Chicago, 24/08/1940. CO- 2600.1, CO- 2600.2, CO- 2600.3, F- 376, F-377, F-378. Projeto Portinari.

Carta de Josias Leão a Candido Portinari. Chicago, 29/08/1940. CO- 2601.1, CO- 2601.2, F- 379, F- 380. Projeto Portinari.

Carta de Josias Leão a Rockwell Kent. Chicago, 25/04/1940. Reel 5223, frames 1419 – 1422. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Josias Leão a Rockwell Kent. Chicago, 12/05/1940. Reel 5223, frame 1424. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Josias Leão a Rockwell Kent. Chicago, 04/10/1940. Reel 5223, frame 1433. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Josias Leão a Rockwell Kent. Chicago, 11/10/1940. Reel 5223, frame 1448. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Mary D. Alexander a Rockwell Kent. Chicago, 04/12/1940. Reel 5223, frame 1463. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Oswaldo Aranha a Rockwell Kent. Washington, 17/11/1937. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. NY, 09/01/1938. CO-2443, F-274, Projeto Portinari.

Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. NY, 22/01/1938, CO- 2444.1, CO-2444.2, F- 275, F-276, Projeto Portinari.

Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. NY, 18/05/1938, CO- 2445.1, CO- 2446.2, F- 278, F-279, Projeto Portinari.

Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. NY, 27/05/1938. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. NY, 23/07/1939. CO- 2447.1, CO-2447.2, CO-2447.3, F- 282, F-283, F-284. Projeto Portinari.

Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. NY, 07/09/1939. CO-2448, F-285. Projeto Portinari.

Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. NY, 21/10/1939. CO- 2452. S/f. Projeto Portinari.

Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. NY, 25/01/1940. Reel 5223, frame 1414. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. NY, 09/10/1940. CO- 2451. Projeto Portinari.

Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. NY, 21/10/1938. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution. (carta manuscrita por Rockwell).

Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. NY, 27/08/1940. Reel 5223, frames 1430 – 1431. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. NY, 08/10/1940. CO- 2450, F- 286. Projeto Portinari.

Carta de Rockwell Kent a Candido Portinari. NY, 09/10/1940. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Elodie Courter. NY, 11/04/1941. Reel 5223, frame 1467. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Florence Horn. NY, 08/06/1939. CO- 2446.1, CO- 2446.2, F-

280, F-281. Projeto Portinari.

Carta de Rockwell Kent a Florence Horn. NY, 21/09/1939. Reel 5223, frame 1362.
From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Gustavo Capanema. Rio de Janeiro, 22/01/1938, CO-2444.3, F-277, Projeto Portinari.

Carta de Rockwell Kent a Gustavo Capanema. Rio de Janeiro, 18/05/1938. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Gustavo Capanema. Rio de Janeiro, 18/05/1938, CO-240, F-0344, Projeto Portinari.

Carta de Rockwell Kent a Jerome Davis. NY, 16/02/1938. Reel 5164, frame 162.
From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Jerome Davis. NY, 10/05/1938. Reel 5214, frames 522-523.
From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Jerome Davis. NY, 23/05/1938. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Joe Starobin. NY, data ilegível. Reel 5223, frame 1472. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Josias Leão. NY, 03/05/1940. Reel 5223, frame 1423. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Josias Leão. NY, 08/10/1940. Reel 5223, frame 1447. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Marina (?). NY, 29/03/1938. Reel 5164, frame 171. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Mr. Joseph North. NY, 13/01/1941. Reel 5223, frames 1464 – 1465. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent ao Mr. Oswaldo Aranha, 1937. Reel 5164, frame 112. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rockwell Kent a Rollin D. Hemens. NY, 03/11/1940. Reel 5223, frame 1452.
From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rollin D. Hemens a Candido Portinari. Chicago, 01/08/1940. CO- 2241.1, CO-2241.2, F- 099, F-100. Projeto Portinari.

Carta de Rollin D. Hemens a Madame Helena Rubinstein. Chicago, 24/07/1940. CO-2240.1, CO- 2240.2, F- 097, F-098. Projeto Portinari.

Carta de Rollin D. Hemens a Candido Portinari. Chicago, 04/11/1940. CO- 2242, F-101. Projeto Portinari.

Carta de Rollin D. Hemens a Candido Portinari. Chicago, 07/01/1941. CO- 2243, F-1002. Projeto Portinari.

Carta de Rollin D. Hemens a Rockwell Kent. Chicago, 10/07/1940. Reel 5223, frame 1427. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rollin D. Hemens ao Museum of Modern Art. Chicago, 18/07/1940. CO-2239, F- 093. Projeto Portinari.

Carta de Rollin D. Hemens a Rockwell Kent. Chicago, 30/10/1940. Reel 5223, frames 1453 - 1457. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Carta de Rollin D. Hemens a Rockwell Kent. Chicago, 04/11/1940. Reel 5223, frame 1458. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Cartaz de propaganda da palestra *What is happening in Brazil?*, a ser proferida por Rockwell Kent e Jerome Davis em 11/02/1938. Joint Committee for the Defense of the Brazilian People. Reel 5164, frame 161. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

CATLEDGE, Turner. “Aranha to be Clue to Policy in Brazil”. In: *The New York Times*. NY, Feb.9, 1937. Reel 5164, frame From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

CERF, Bennett Alfred. http://en.wikipedia.org/wiki/Bennett_Cerf. Último acesso em 11/10/2008.

CHAVES, Lázaro Curvelo. *Olga*, 19/08/2004.
In: <http://www.culturabrasil.pro.br/olga.htm>. Último acesso em 17/04/2008.

CHIARELLI, Tadeu. *Arte Internacional Brasileira*. 2a. ed. SP: Lemos-Editorial, 2002.
“Diretrizes do Estado Novo (1937-1945) Educação, Política e Propaganda”. In: http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp001.htm. Último acesso em 18/02/2007.

Convite de abertura e programação da exposição de Candido Portinari no MOMA – Museum of Modern Art de Nova York, 08/10/1940. Reel 5223, frames 1444-1445. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

Cronobiografia de Candido Portinari. Projeto Portinari. Versão em pdf através do site www.projetoportinari.org.br. Último acesso em 16/10/2008.

DAVIS, Horace B. “Brazil’s Political and Economic Reports”. *Foreign Policy Reports*,

- vol.XI, no.1, NY: Foreign Policy Association, March 13, 1935. Reel 5164, frames 116-127. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.
- DAVIS, Jerome. “It Did Happen in Brazil”. In: *The New Republic*. Washington D.C., Feb. 9, 1938, pp. 10-12. Reel 5164, frames 178-180. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.
- DÓRIA, Carlos Alberto. “Cultura, Brasil e Estado Novo”. In: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2390,1.shl>. Último acesso em 14/11/2007.
- Executive Sessions of the Senate Permanent Subcommittee on Government Operations*, volume 2, eighty-third congress, 1953, pp. 1196 – 1216. In: <http://www.senate.gov/artandhistory/history/common/generic/McCarthy-ranscripts.htm>. Último acesso em 20/01/2008.
- FABRIS, Annateresa. *Candido Portinari*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- _____. *Portinari: pintor social*. SP: Edusp, 1990.
- FER, Briony et alii. *Realismo, Racionalismo, Surrealismo: a arte no entre guerras*. Trad. Cristina Fino. SP: Cosac & Naify, 1998.
- FERRIS, Scott R. “The Stormy Petrel of American Art”. In: *Smithsonian*, vol.31, no.5. Washington, aug.2000, pp. 78-88.
- FERRIS, Scott R. & PEARCE, Ellen. *Rockwell Kent’s Forgotten Landscapes*. Maine: Down East Books, 1998.
- FREEMAN, Richard. “Englishmen Abroad – I. Brazilian Misadventure”. In: *New Statesman and Nation, London Independent Weekly of the Left*. Sept.1936, pp. 56-59. Reel5164, frames 223-226. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.
- FREUCHEN, Peter. <http://kirjasto.sci.fi/peterfre.htm>. Último acesso em 14 de outubro de 2008.
- “Frescoes for the Common Man – Curiosities from the Stacks of The Library of Congress”. In: *Civilization: The Magazine of The Library of Congress*. Washington, mar. – april 1996, pp. 14-15.
- GEORGE, Harrison. *It Happened in Brazil*, NY: Joint Committee for the Defense of the Brazilian People, June 1936. Reel 5164, frames 132-143. From the Archives of American Art- Smithsonian Institution.

- Getúlio Vargas Diário*. Apresentação de Celina Vargas do Amaral Peixoto. Vol. I, 1930-1936 e Vol. II, 1937-1942 – SP: Siciliano; RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1995.
- GUASTINI, Raul. *Ideário Político de Getúlio Vargas*. SP: Rev. dos Tribunais, 1943.
- “Gustavo Capanema”. In:
http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_gustavocapanema.htm.
Último acesso em 18/02/2007.
- HANSON, Mary. “Candido Portinari”. Art in Latin America, University of Oregon, spring term 1961. Projeto Portinari. (texto datilografado), TX-79.1.1 a TX-79.1.13, F- 1225 a 1237. Projeto Portinari.
- HILL, Gladwin. “Portinari has Exhibit at New York Museum”. In: *Times*, Toledo, Ohio, 06/10/1940.
- _____. “Portrait of Portinari, The Brazilian Artist; has one-man show in New York Museum of Art. In: *O. Beacon Journal*, Akron, 13/10/1940.
- _____. “Ragamuffin becomes Great Artist”. In: *Republican*, Waterbury, Connecticut, 06/10/1940.
- HOAGLAND, Edward. “Drawing on a Daring Life”. In: *Civilization: The Magazine of The Library of Congress*, vol.3, no.1. Washington, jan/feb. 1996, pp. 46-51.
<http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/olga/olga.asp>. Último acesso em 14/04/2008.
- <http://www.americanfolklore.net/paulbunyan.html>. Site sobre Paul Bunyan. Último acesso em 05/02/2008.
- <http://capecinema.com/history.html>. Site sobre o cinema de Cape Cod, Dennis, Massachussets. Último acesso em 15/09/2007.
- <http://clubs.plattsburgh.edu/museum/rkent1.htm>. Site sobre o Museu de Arte de Plattsburgh, que abriga muito da coleção de Rockwell Kent. Último acesso em 19/03/2008.
- <http://www.dia.org/collections/americanart/33.10.html>. Último acesso em 13/09/2008.
- <http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/USAmooney.htm>. Site sobre Tom Mooney. Último acesso em 15/10/2008.
- HUGHES, Robert. *American Visions: The Epic History of Art in America*. NY: Alfred A. Knopf, 2006.

- JOBIM, Danton. *A Experiência Roosevelt e a Revolução Brasileira*. RJ: Civilização Brasileira Editora, 1940.
- _____. *Two Revolutions: F.D. Roosevelt, G.D. Vargas: a "good neighbor" report*. NY: Victor Bookstore Publish, 1941.
- JOHNSON, Fridolf. *The Illustrations of Rockwell Kent: 231 examples from books, Magazines and advertising art*. NY: Dover Publications, 1976.
- _____. *Rockwell Kent: an anthology of his works*. NY: Alfred. A. Knopf, 1982.
- JOHNSON, Paul. *A History of the American People*. NY: Harper Collins, 1987.
- KENT, Rockwell. "Brazil and Vargas". *Life and Letters Today* 18, n.12 (summer, 1938): pp.15-27. [Kent Coll. Series 2B-7].
- _____. "Brazilian Report". Au Sable Forks, NY, 1938 – versão datilografada, anterior à que foi publicada pela Revista *Life and Letters Today*. Reel 5164, frames 185-208. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.
- _____. *It's Me O Lord: the autobiography of Rockwell Kent*. NY: Dodd, Mead & Company, 1955.
- _____. "Letter from Rockwell Kent to the Daily Worker editor", Tarrytown, NY, c.1937-8. Form the Archives of American Art – Smithsonian Institution.
- _____. "Portinari – His Art by Rockwell Kent". Reel 5223, frames 1459, 1460. From the Archives of American Art. – Smithsonian Institution.
- _____. "Our Readers", c.1937-8. Breve comentário sobre sua viagem ao Rio de Janeiro, em 1937. Reel 5164, frame 115. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.
- _____. "Our World of Art in 1940". In: *Tear Sheet: The Book of Knowledge Grolier Society*, 1940, pp. 37-38, LAG-361, Projeto Portinari.
- _____. *Rockwellkentiana*. NY: Harcourt, Brace and Company, 1933.
- _____. *This is My Own*. NY: Duell, Sloan and Pearce, 1940.
- KROCK, Arthur. http://en.wikipedia.org/wiki/Arthur_Krock. Último acesso em 10 de outubro de 2008.
- LEUCHTENBURG, William E. *The FDR Years: on Roosevelt and his legacy*. NY: Columbia University Press, 1995.
- LEÃO, Josias. "Um Momento de Renovação na Pintura Americana". In: *Diário de*

- Notícias*, Rio de Janeiro, 24/07/1938.
- LEÃO, Josias & KENT, Rockwell. *Portinari: His Life and Art*. Chicago: The University Press of Chicago, 1940.
- “Letter from Prestes’ Sister concerning separation of baby from wife of Brazilian Liberation Leader”. NY: Joint Committee for the Defense of the Brazilian People, 1936. Reel 5164, frames 78-79. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.
- LEVINSON, David. *My Trip to Brazil*. NY: Joint Committee for the Defense of the Brazilian People, 1936. Reel 5164, frames 80-85. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.
- LEWIS, Frederick. *Rockwell Kent: A Documentary*. Ohio University Press, Dual Disc DVD, 170 minutes, 2006.
- LIPPMANN, Walter. http://en.wikipedia.org/wiki/Walter_Lippmann. Último acesso em 10/10/2008.
- LOURENÇO, Maria Cecília França. *Operários da Modernidade*. SP: Hucitec/Edusp, 1995.
- LUCCAS, Juca de. “O Sentido Social da Pintura”, SP, 1985 (artigo nunca publicado).
- MARI, Marcelo. *Estética e Política em Mário Pedrosa (1930-1950)*. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. SP, 2006.
- MARQUARDT, Virginia Hagelstein. “The American Artists School: Radical Heritage and Social Content Art”. In: *Archives of American Art Journal*, vol.26, no.4, 1986, pp. 17-23. <http://jstor.org>. Último acesso em 15/03/2007.
- MARTIN, Constance. *Distant Shores: the odyssey of Rockwell Kent*. Massachusetts: Chamaleon Books, 2000.
- MONROE, Gerald M. “Artists as Militant Trade Union Workers during the Great Depression” In: *Archives of American Art Journal*, vol.14, no.1, 1974, pp. 7-10. <http://www.jstor.org>. Último acesso em 08/03/2007.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: O Rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. SP: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *Olga*. SP: Companhia das Letras, 2008.
- NEUMEYER, Alfred. “Among the New Books”. In: *San Francisco Chronicle*, California, 23/02/1941.

NORTON, Mary Beth et alii. *A People and a Nation: History of the United States*. 2nd edition. Boston: Houghton Mifflin Co., 1986.

“O Brasil na Guerra – Cronologia”.

In: <http://www.pitoresco.com/historia/guerra/guerra01a.htm>. Último acesso em 14/04/2008.

PEDROSA, MÁRIO. *Acadêmicos e Modernos*. Textos Escolhidos III. Otília Arantes (org.). SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. *Dos Murais de Portinari aos Espaços de Brasília*. Aracy A. Amaral (org.). SP: Perspectiva, 1981.

_____. *Mundo, Homem, Arte em Crise*. Aracy A. Amaral (org.). SP: Perspectiva, 1986.

_____. *Política das Artes*. Textos Escolhidos I. Otília Arantes (org.). SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

PERKINS, Dexter. *The New age of Franklin Roosevelt, 1932 -1945*. Chicago: The University of Chicago Press, 1957.

PHILIPPOV, Karin. “Brazil and Vargas”: Reflexões sobre o Relatório de Rockwell Kent após sua viagem ao Rio de Janeiro em 1937. In: *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: UNICAMP/IFCH/CHAA, no.7, jan-jun, 2007.

“Portinari: A Sua Exposição no Museu de Belas Artes”. In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20/06/1943.

“Portinari e a Crítica Americana: esplêndido livro editado pela Universidade de Chicago sobre o artista patricio que maravilhou a terra yankee”. In: *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 11/03/1941.

“Portinari Murals: Four Portinari Murals adorn the vestibule walls of the Hispanic Reading Room”. In: <http://www.loc.gov/rr/hispanic/portinari.html>. Último acesso em 30/11/2006.

Primeira nota distribuída a toda a imprensa americana sobre o livro *Portinari: His Life and Art*, 1940. Projeto Portinari.

Pronunciamentos do Senador Abel Chermont em 10/03/1936 no Congresso do Senado Federal. In:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/pronunciamento/Consulta_Parl.asp?p_cod_senador=1354&p_ano=1936. Último acesso em 14/04/2008.

- PULITZER, Ralph. http://en.wikipedia.org/wiki/Ralph_Pulitzer. Último acesso em 10/10/ 2008.
- Rascunhos do Relatório “Brazil and Vargas”, manuscritos e datilografados por Rockwell Kent entre 1937 e 1938. Reel 5164, frames 214-307. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.
- RASMUSSEN, Knud Johan Victor.
http://www.mnsu.edu/emuseum/information/biography/pqrst/rasmussen_knud.html.
Último acesso em 14/10/2008.
- RAUCH, Basil. *The History of the New Deal 1933-1938*. NY: Creative Age Press, 1944.
- “Recent Developments in Brazil”. Artigo sem autoria especificada, 1936. Reel 5164, frames 89-98. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.
- ROSENZWEIG, Roy & MELOSH, Barbara. “Government and the Arts: Voices from the New Deal Era”. In: *the Journal of American History*, vol.77, no.2, Sept. 1990, pp. 596-608. <http://jstor.org>. Último acesso em 22/03/2007.
- “Senator Chermont’s Speech in the Brazilian Senate”, 1936. Reel 5164, frames 86-88. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.
- SHERWOOD, Robert E. *Roosevelt e Hopkins: uma história da Segunda Guerra Mundial*. RJ: Nova Fronteira, 1998.
- SKIDMORE, Thomas E. *Brazil: Five Centuries of Change*. NY/Oxford: Oxford University Press, 1999.
- SLOANE, Joseph C. & JANSON, H.W. “Portinari: His Life and Art”. In: *Parnassus*, vol. 13, no.3, March 1941, p.119. <http://jstor.org>. Último acesso em 23/11/2006.
- SMITH, R.C. *Murals by Candido Portinari*. Washington: The Hispanic Foundation of The Library of Congress, 1943.
- “Speech of Senator Abel Chermont, in the Permanent Session of the Brazilian Senate”, Translated from *The Impartial*, March 4, 1936. From the archives of American Art – Smithsonian Institution.
- SPECTOR, George. *The Kent Collector*. Vol. XI, No. 2, autumn 1984. PPE-029, ago.1984, Projeto Portinari.
- STANLEY, Eliot H. “The Lively Poster Arts of Rockwell Kent”. In: *The Journal of Decorative and Propaganda Arts*, vol.12, spring 1989, pp. 6-31.
<http://www.jstor.org>. Último acesso em 23/11/2006.

STEFANSON, Vilhjalmur.

<http://www.harvardsquarelibrary.org/unitarians/stefansson.html>.

Último acesso em 16/10/2008.

SWOPE, Herbert. http://en.wikipedia.org/wiki/Herbert_Swope. Último acesso em 10/10/2008.

The Kent Collector. Vol. XI, no.2. NY: Plattsburgh State Art Museum – State University of New York, autumn, 1984.

The University of Chicago Press Book Note. TX-082.1.1. Projeto Portinari.

TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial*. SP: Companhia das Letras, 2000.

TRUEBLOOD, Howard J. “Trade Rivalries in Latin America”. *Foreign Policy Reports*, Vol.XIII, no.13. NY: Foreign Policy Association, Sept.15, 1937. From the Archives of American Art – Smithsonian Institution.

“U.S. ‘Discovers’ Portinari Artist”. In: *The Washington Post*, Washington, 09/02/1941.

VAZ, Cristina. “Candido Portinari – Pintor: 1903-1962”.

In: http://vidaslusofonas.pt/candido_portinari.htm. Último acesso em 30/11/2006.

WEHLE, Harry B. “national Art Week and the Museum: Trends in American Painting”.

In: *the Metropolitan Museum of Art Bulletin*, vol.35, no.11, part 2: *National Art Week and the Museum*, Nov. 1940, pp.5-13. <http://jstor.org>. Último acesso em 15/03/2007.

WIELAND, William (da “Associated Press”). “Um dos mais inspirados artistas vivos: como a arte de Candido Portinari foi recebida nos Estados Unidos”. In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 04/10/1940.

WILLIAMS, Daryle. *Culture Wars in Brazil: the first Vargas Regime 1930-1945*.

Durham: Duke University Press, 2001.

WOOD, Paul et alii. *Modernismo em Disputa: A arte desde os anos quarenta*. Trad.

Tomás Rosa Bueno. SP: Cosac & Naify, 1998.

www.lone-star.net/literature/beowulf. Último acesso em 14 de abril de 2008.

www.pitoresco.com/historia/republ208.htm. Último acesso em 14 de abril de 2008.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.

ERRATA

Página 18 – Onde se lê “*Job’s Evil Dreams*”, leia-se: “*Job’s Evil Dreams (Os Pesadelos de Jó)*”.

Página 29– Onde se lê “*Dizem que dinheiro fala...*”, leia-se: “*Dizem que dinheiro compra tudo...*”

Página 38 – As notas 80 a 83 referentes ao site <http://en.wikipedia.org> foram retiradas do texto. Desse modo, leia-se: “Além de todos os amigos descritos até agora, Rockwell conhece Ralph Pulitzer – rico e influente editor, filho de Joseph Pulitzer, criador do Pulitzer Prize (prêmio conferido aos melhores jornalistas, compositores e literatos norte-americanos) - e sua esposa Frederika Vanderbilt Webb Pulitzer e em uma das visitas que faz a eles, é apresentado ao jornalista Herbert Swope (primeiro ganhador do Pulitzer Prize por sua série de artigos intitulados “Inside the German Empire” (Dentro do Império Alemão) em 1917), a Walter Lippmann – jornalista, crítico e filósofo que tentou conciliar liberdade e democracia, além de estar em contato com as esferas do poder norte-americano e ser contra o comunismo – a Arthur Krock (jornalista ganhador de quatro Pulitzer Prize ao longo de sua vida) e ao crítico Frank Adams, com os quais durante suas conversas com o aventureiro Rockwell, lhe sugerem que vá a Terra do Fogo, na distante América do Sul”. Portanto, alteram-se as numerações de todas as notas subsequentes presentes na dissertação. No entanto, as demais notas presentes nesta errata correspondem à numeração anterior à alteração feita neste item da errata.

Página 50 – No corpo do texto, onde se lê “Bennett Alfred Cerf (editor e co-fundador da Random House) e para perguntar...”, leia-se: “Bennett Alfred Cerf e para perguntar...” Na nota 147, a referência ao site <http://en.wikipedia.org> foi retirada do texto. Assim, leia-se: 147 “editor e co-fundador da Random House”.

Página 50 - Suprime-se a nota 149 e as informações nela contidas passam a constar da nota 148. Portanto, leia-se: 148 KENT. Op.cit, 1955, p. 472; KENT, Rockwell. *Rockwellkentiana*, 1930.

Página 81 – A nota 302 aparece em local errado e deve estar posicionada após “em primeiro de julho de 1953”.

Página 81 - Onde se lê “No relatório elaborado pelo senado americano”, leia-se: “Na introdução redigida após a morte de Rockwell Kent e anexada ao relatório elaborado pelo Senado Americano durante o processo e publicado em 1953”.

Páginas 81-82 – Onde se lê “*eventualmente*”, leia-se: “*posteriormente*”.

Página 91 – As notas 333 e 334 estão invertidas. A nota 334 refere-se ao “National Committee for People’s Rights”. A nota 333 deve estar localizada após “o ativista político Rockwell”.

Página 100 – A nota 383 deve ser suprimida. Portanto, leia-se: 382 CHAVES. Op.cit, 2004; GEORGE. Op.cit, c.1936, p.2, reel 5164, frame 133, Smithsonian Institution.

Página 107 – Onde se lê “cadete”, leia-se: “tenente”.

Página 116 – Onde se lê “*Em eliminando...*”, leia-se: “*Ao eliminar...*”

Página 118 – Onde se lê “*da minha...*”, leia-se “*do meu...*”. Onde se lê “*naquelas...*”, leia-se: “*daquelas...*”

Página 153 – Onde se lê “*ele deve ser tratado como crianças e protegido*”, leia-se: “*Eles devem ser tratados como crianças e protegidos*”.

Página 157 – Onde se lê “*seja gostado pelos editores e pelo próprio Portinari*”, leia-se: “*seja do gosto dos editores e do próprio Portinari*”.

Página 169 – Onde se lê “*Eu me senti muito reconhecedor...*”, leia-se: “*Eu me senti muito recompensado...*”

Página 177 – Onde se lê “*o montamos para ser absolutamente consistente*”, leia-se: “*os montamos para serem absolutamente consistentes*”.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.